

ESCOLA
DOS
MORTOS

K A R I N E V I D A L



PERIGOSAS

Para o meu avô, Jesus Rufino Pereira, *in memoriam*.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

“Vós que aqui entraís, abandonai toda a esperança.”

**– A Divina Comédia,
Dante Alighieri.**

PRÓLOGO

Sou cruel. Sou inevitável.

Milhares me temem, milhares fogem de mim. Mas sou indomável, sou a força da natureza. A humanidade sempre procurou subterfúgios contra mim – religião, ciência, misticismo. Eu não aviso a hora da minha chegada, mas sempre encontro aqueles por quem procuro.

Sim, posso ser terrível – mas adivinhem: gosto de brincar. E, ah, seres humanos, com seus corações volúveis e vulneráveis... Eles são meus brinquedos preferidos. Manipulá-los é minha maior diversão. Sabe, a eternidade pode ser um pouco tediosa.

Por isso, criei para mim um mundo extraordinário. Mas hoje não estou aqui para falar de mim; vim contar uma história. Por muitos anos, essa foi a mais estranha e fascinante que se desenrolou em meu mundo privado, meu mundo oculto – lá onde não há luz da lua, nem do sol. E dentro dos caixões, os mortos nunca dormem.

Deixo-te, então, para que possa descobrir através de outros olhos a história daqueles que me desafiaram. E agora que já vou, posso me apresentar.

Sou a Morte.

E um dia a gente se encontra.

PARTE I

NÃO É O QUE PARECE

O Rio de Janeiro é um mistério.

Até eu, nascida e criada aqui, ainda não desvendei todos os seus segredos.

Nos bairros nobres, as coberturas luxuosas. No alto do morro, o batuque dos tambores do candomblé, com todos os seus santos e ocultismos. Por entre as vielas, a pobreza e a beleza de gente sofrida, mas misteriosamente feliz.

À beira da praia, os surfistas, o futebol, os homens sarados correndo em Copacabana. As mulheres desfilando na areia com seus corpos famosos no mundo inteiro, cujas curvas luxuriantes inspiraram bossas novas de nossos poetas e artistas. E que, sinto dizer, só essa terra têm.

No Rio, vê-se de tudo em um único dia. Vários submundos de cores, beleza e miscigenação sem padrões, coexistindo juntos. Tudo isso debaixo de um sol incandescente, cujo calor aquece a alma de nosso povo e nos faz ser assim: brasileiros de coração quente.

Já à noite, vê-se o samba, os bares, as luzes, a riqueza de nossa música, o povo cansado que vem fugir do estresse da semana de trabalho.

Eu não sou uma garota de muita posia na alma – mas agora, andando pelas ruas dessa cidade tão minha, eu gosto de observar as excentricidades das pessoas que tornam o Rio o que ele é: uma bela contradição em si mesmo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Meu nome é Lara Valente, dezoito anos, surfista. Venho andando descalça pela rua; meu cabelo molhado, a prancha de surf debaixo do braço, a pele bronzeada pelo sol e a roupa colando no corpo, molhada e salgada do mar.

Passo em frente a uma obra, e um grupo de pedreiros grita para mim do quinto andar do prédio. Ando mais rápido na esperança de evitá-los, mas eles persistem gritando em coro lá de cima. Parece que o primeiro resolvera trazer seus amiguinhos. Que bom. Para o meu pânico, eles têm o hábito de andar em bandos.

Muitos dizem que eles fazem um trabalho social, inflando o ego das mulheres carentes. Mas meu ego pode sobreviver sem essa, obrigada.

Felizmente eu consigo passar ilesa na frente de todas as obras, e entro em meu pequeno apartamento na Lapa, onde moro com minha irmã mais nova, Ana, e minha mãe, Helena.

Para a minha sorte, nosso porteiro está – como sempre – fora da portaria. Afinal, toda hora é uma boa hora para um descanso. Ele nunca me deixa entrar com areia nos pés – e acha que eu não faço isso enquanto ele não está vendo.

Helena está na cozinha e grita:

– Se espalhar areia pela sala...!

– Você me faz limpar – eu emendo enquanto guardo minha prancha na área de serviço.

– Não, faço você comer.

Eu olho para ela.

– Nossa, essa é boa. É nova?

Ela sorri de forma assustadoramente idêntica a mim.

– Aham. Fiquei pensando o dia inteiro nessa antes de você chegar. Queria causar um impacto a mais.

Ergo uma sobrancelha.

– Deu certo. Você anda melhorando no quesito ameaças.

Ela dá de ombros.

– Convivência com a Ana. E o dia, como foi? Muitos pedreiros?

– Claro. Hoje eles avançaram para o estágio três: o berro.

– Argh – ela faz uma careta, remexendo nas panelas – esse é o mais perigoso. Mas pense pelo lado positivo, encalhada do jeito que você está, não morre.

Eu a encaro.

– Obrigada, mãe. – Tudo bem, ando um tanto encalhada. Mas não precisava ficar jogando na cara.

Minha mãe não tem nada de ameaçadora, coitada. Mas nós a deixamos pensar que é, de modo que se sinta melhor. Na verdade, Helena é o seu próprio sol. Sorridente, meio maluca, irresponsável e artista, minha mãe nos sustenta com seus quadros, e é mais do tipo que anda com tinta suja na cara e se esquece de pagar as contas do que do tipo que faria alguém comer areia. Aliás, eu não duvidaria se ela própria comesse – só para experimentar.

Ana, pelo contrário, é a ovelha negra da família, com toda a sua maturidade e autocontrole. Ela tem onze anos, mas acha que tem cento e onze. É autoritária, rabugenta e lê mais livros do que lerei em toda a minha vida. A maior alegria da vida dela é ganhar uma revista nova de palavras cruzadas.

Eu sei, é triste.

Eu me jogo ao lado dela no sofá remendado de nossa pequena sala. Lasco um beijo em sua bochecha.

– Olá, *alien*!

Ela berra e pula para longe de mim.

– Argh! Sai daqui com essa areia, sua nojenta! – ela ergue o livro Dom Casmurro acima de minha cabeça, sua arma mortal. Agora eu podia perceber com quem Helena estava aprendendo todas aquelas ameaças.

Eu jogo a cabeça para trás e gargalho. Nós éramos tão diferentes. Era estranho conviver com um espécime tão inusitado nessa casa como Ana. Em meio a duas mulheres loucas, nossa pequena adulta tinha a alma tão velha quanto nossa própria casa.

– Qual é, Aninha. É só areia, água do mar e alguns espermatozoides de baleia.

Ela franziu o nariz, movimentando os óculos grandes demais.

– Porca.

Eu sorrio, ligando a televisão. Era sábado e alienar meu cérebro era a única coisa que me restava a fazer.

– Essa sou eu. – Não renego a minha origem. – Então... – começo casualmente – já passaram para te buscar?

Ela não ergue os olhos do livro.

– Quem deveria me buscar?

Aí ela estava pedindo e sabia disso. Tenho uma séria atração por irritar as pessoas. Como uma criança, se me derem atenção, eu perturbo até o fim.

– A nave-mãe, E.T. – Ergo dois dedos, esganiço a voz e faço cara de

doida. – *Elliot, casa.*

Ana berra.

– *Mãe!*

– *Lara!* – minha mãe berra de volta, sem nem querer saber o que aconteceu. Seja o que for, ela sabe que fui eu. No fim das contas, sempre sou eu.

– Certo – eu me rendo, erguendo as mãos e me enterrando no sofá. – Eu só achei que ela já tinha idade o suficiente para saber. – Lancei-lhe um olhar compadecido. – Esse não é seu planeta, sinto muito. Chegou a hora de você migrar de volta ao lar.

Ana me lança um olhar gelado.

– Desinfeta, Lara.

Nosso apartamento era pequeno e colorido – Helena e eu não éramos aptas a decorações frias. Na casa de mulheres de personalidades quentes, não se via monotonia. Almofadas coloridas espalhadas pelos cantos, vasos que não combinavam com nada, cortinas floridas, pincéis de tinta espalhados por todos os cômodos, quadros surrealistas – meus e de Helena – por todas as paredes... Ana detestava, nós adorávamos.

Enquanto comíamos a gororoba que minha mãe prepara para o jantar (cozinhar não era exatamente seu dom), eu reparava no quanto éramos fisicamente parecidas.

Embora Ana fosse o frio e elegante inverno, Helena o furacão e, eu, a brisa do mar, nossa genética não nos permitia mentir. Todas tinham pele originalmente clara – exceto eu, pois já estava perpetuamente bronzeada pelo sol – pele de surfista. O sol do Rio deixou suas marcas em minha pele, em minha alma.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Tínhamos pulsos finos, corpo esguio, porém cheios de curvas; cabelos castanhos escuros e compridos, irritantemente lisos. Os de Ana, viviam em coques e tranças comportadas. Os de Helena, em rabos de cavalo mal feitos ou presos com pincéis, sempre sujos de alguma tinta. Os meus, sempre molhados do mar, as pontas imperceptivelmente alouradas, queimadas do sol.

Meu real anseio era os pintar de roxo e fazer uns *dreads*. Quando expressei essa minha vontade para as duas, minha mãe deu de ombros com um breve “seja feliz”, e Ana ameaçou não me deixar entrar mais em casa, caso tivesse essa ousadia.

Não fiz, porque quem mandava mesmo na casa era Ana.

Nossos olhos eram castanhos escuros, os cílios longos, lábios cheios e narizes arrebitados – que geravam reações polêmicas. Eu já tive que suar para convencer alguns de que não, não era plástica – nasci assim, muito obrigada.

Estávamos todas aninhadas no sofá, e já eram quase dez da noite – por isso nos surpreendemos quando o interfone tocou em pleno sábado. Minha mãe foi até a cozinha atender, enquanto eu e Ana trocávamos um olhar questionador. Uma hora incomum para visitas.

Helena voltou para a sala com uma expressão estranha. “Quem era?”, Ana e eu perguntamos ao mesmo tempo.

– Um tal de Sr. John Fitelbergo...

– Fitel o quê? – franzi a testa.

– Fitelberg. Essa é a pronúncia correta – corrigiu Ana. – Que estranho. Um nome estrangeiro.

– O que esse tal de Fitel queria aqui? – perguntei.

Minha mãe deu de ombros.

– Pediu para falar conosco.

– E ele volta amanhã? – Ana pressupôs.

– Não – minha mãe se sentou no sofá, completamente despreocupada. – Ele está subindo.

“*O quê?*”, eu e Ana gritamos ao mesmo tempo, pulando do sofá.

– Tudo bem, o plano é o seguinte – comecei. – Ana, pega o martelo de carne na cozinha e algo para amordaçar. Helena não tem maturidade para facas, eu me encarregarei delas.

Ana não me levou a sério.

– Irei começar trocando o pijama. E, você, comece colocando um sutiã.

Eu não gostava daquele negócio me apertando, portanto não usava em casa. Camisetas já eram suficientes. O que eu tinha a esconder, afinal?

Quando três batidas educadas soaram na porta, nós três já estávamos vestidas descentemente – pelo menos para nossos padrões. Só mesmo minha mãe deixaria um desconhecido estrangeiro entrar em casa a essa hora da noite.

Helena olhou através do olho mágico e sussurrou para nós, “Ele me parece normal.” Não confiei em seu julgamento. Ela não saberia distinguir um monge tibetano de um chefe do tráfico.

– Melhor não deixar entrar – opinei. – Só pode ser cobrador ou testemunha de Jeová.

Ana rolou os olhos e foi resolver o problema.

– Com licença, mãe – e abriu a porta educadamente. – Olá, senhor.

Do outro lado da porta, estava o homem mais estranho da cidade. Era

óbvio que não morava no Rio de Janeiro, pois ninguém aqui se vestia assim em um calor de trinta e cinco graus. Sr. John Fitelberg estava de terno preto e alinhado, parecendo ter saído de um enterro. Pálido, cabelos escuros, olhos frios.

– A senhorita Lara van Pelt reside aqui? – o homem falou em inglês, e demorei um pouco para entender. Meu inglês já estava meio enferrujado e... Espera. *Senhorita Lara van Pelt?* O cara estava querendo falar *comigo*?

Todos os pares de olhos se voltaram para mim.

– Hã... O senhor está querendo falar com a minha filha? – minha mãe tentou arranhar o inglês.

– van Pelt? – Ana era fluente nesse idioma mais do que todas nós juntas. – Como sabe nosso sobrenome do meio?

– *Senhorita?* – eu me choquei. Ninguém nunca me chamava assim.

– Sim, senhora Valente. Gostaria de falar com sua filha mais velha, senhorita Lara van Pelt Valente. É a senhorita? – ele voltou seus olhos negros para mim e eu quase dei um passo para trás. Cara estranho.

Parecia um mordomo de filmes de terror – e eu não confiava em mordomos. Eles eram sempre os assassinos no final.

– Hum, sim, sou eu – meu inglês já estava discorrendo naturalmente. Fizera anos de curso.

O mordomo assassino ergueu uma sobrancelha, analisando-me.

– Podemos conversar em um lugar mais... Reservado? – tradução: um lugar que não fosse o corredor do meu prédio.

Lancei um olhar para minha mãe, torcendo para que ela reconhecesse o pedido implícito de socorro. Eu não queria conversar em nenhum lugar a

sós com esse cara. O que alguém como ele poderia querer comigo? Eu não estava interessada em me converter a nenhuma seita ou proposta de prostituição.

Foi Ana quem tomou as rédeas da situação, como sempre. O homem rapidamente percebeu que ela era a mais equilibrada dali.

– Mas é claro, entre, por favor.

O homem obscuro entrou na sala, e todo o ambiente ficou pesado. Certamente ele não se adequava ao nosso apartamento pequeno e alegre. Sentou-se no sofá junto conosco, olhando com desprezo para as *pizzas* comidas pela metade, em cima do móvel central da sala. Franziu o nariz para nossas cortinas de margaridas, os livros jogados pelos cantos, empilhados sob potes de tinta.

Sentei-me no chão, já que não havia espaço para mim no sofá. Pelo jeito que o homem me olhou, não parecia estar me considerando uma dama da sociedade burguesa. Suspirei internamente. Isso é porque ele ainda não me viu dançando Bonde das Maravilhas no meu quarto.

– Bom, por onde devo começar, senhorita van Pelt? É uma longa história. – O tal do Fitel parecia ridículo no meio das almofadas remendadas.

– Que tal começar nos contando como sabe nossos nomes do meio? – tentei soar educada, mas era prática demais para gentilezas.

Van Pelt era um sobrenome que eu nunca usava. Ouvi-lo machucava a nós três, porque a pessoa a quem ele pertencia sempre fora uma ferida exposta em nossa pequena família.

Edward Thomas van Pelt. Seu nome descia arranhando em minha garganta.

O inglês que veio para o Brasil, se apaixonou por uma pintora carioca,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

casou-se com ela e teve duas filhas. Mas quando minha mãe ficou grávida de Ana, ele voltou para a Inglaterra e nunca mais deu notícias. Recebíamos uma quantia mensal enviada por ele, mas nunca mais o vimos outra vez.

O homem que eu costumava chamar de *pai* sumiu no mundo, abandonou-nos. Eu não achava que um maço de dinheiro todos os meses no banco ainda fazia dele meu pai. Edward se foi quando minha mãe engravidou, dois meses antes de Ana nascer. Nessa época, eu tinha somente seis anos. Hoje, não me lembro mais de nenhum traço do rosto dele. Helena queimou todas as fotos.

Não pense que costumo falar disso sempre assim, tão friamente. Doe – e muito. Mas como tudo na vida, passou. Nós três nos unimos para superar, e juntas construímos uma sólida base familiar. Não precisávamos mais daquele homem. Edward van Pelt nunca mais apareceu, e eu me recusava a pensar nele. Por isso a retomada do seu nome era tão assustadora para nós.

Se eu havia sentido estranheza por John Fitelberg, agora eu só sentia antipatia. Quem ele pensava que era para vir a nossa casa a essa hora, obrigar-nos a reviver memórias tão dolorosas?

– Bom, então eu não irei fazer rodeios. Indo direto ao ponto, Srta. Lara, vim de Londres representando seu avô, James van Pelt, pai do Sr. Edward. Infelizmente, não venho trazer boas notícias. Seu avô faleceu há uma semana, e, como não conseguimos localizar seu pai, todo o assunto deverá ser tratado com você, que já é maior de idade e a herdeira direta da fortuna dos van Pelt, juntamente a sua irmã, Srta. Ana.

– Meu avô morreu?! – chocou-se Ana, tampando as mãos com a boca.

– Fortuna?! – eu me choquei. Não iria ficar lamentando a morte daquele que nunca sequer se deu ao trabalho de querer me conhecer.

– Infelizmente, sim. Houve o falecimento, o que faz de vocês as herdeiras diretas. É por isso que vim até aqui, em seu país, tratar da papelada.

Ana, minha mãe e eu trocamos um olhar incrédulo. Apostava que estávamos pensando a mesma coisa. “Porcaria! Estamos ricas!”

– No entanto, há algumas condições. Só *uma* condição, para ser bem específico. – John Fitelberg falou com cuidado, analisando nossas reações.

Nossa felicidade acabou em questão de segundos.

– Alguma cláusula que temos que cumprir? – sugeriu Ana.

– Proposta de prostituição? – desconfiei desde o princípio.

O cara ergueu uma sobrancelha para nossa estranheza.

– Bom, há uma cláusula inviolável no contrato. Seu avô James, embora não lhe conhecesse, exigiu que a senhorita Lara – especificamente a irmã mais velha – estudasse por no mínimo um ano no Internato dos Sotrom, nos arredores de Londres. Gerações da família dos van Pelts estudaram lá, e a senhorita, segundo o contrato, deveria seguir o mesmo caminho. A exigência é que se mude para a Inglaterra imediatamente, e sua vaga no internato já estará garantida, como herança familiar. O ano já está completamente pago, e caso a senhorita opte por continuar, poderá usar uma pequena parte de sua fortuna como pagamento. A Escola dos Sotrom é a uma das melhores e mais conceituadas de toda a Inglaterra, senhorita Lara, e tenho certeza de que a achará... *Encantadora*. – Ele tinha a voz sombria demais para que eu acreditasse na parte do “encantadora.” Parecia estar sendo mais irônico do que elogioso.

Houve um silêncio pesado na sala, até que John, o mordomo assassino ou o advogado macabro, ou algo entre os dois, retomou a palavra.

– E então, senhorita? O que acha da proposta?

Ofereci-lhe meu sorriso mais afável. Então ele queria ver uma coisa encantadora? Toma isso.

– Mas é claro... Que *não*.

John Fitelberg ficou confuso.

– Perdão?

– Não irei abandonar minha família por herança nenhuma – coloquei um ponto final na questão, pegando firmemente nas mãos quentes de Helena e Ana.

Abandoná-las por *um ano* inteiro? Abandonar o Rio, meus amigos, minha praia, minha vida toda, assim, de repente? Não. Eu amava demais esse lugar para abrir mão dele por uma chuva incessante do outro lado do mundo.

Quem esse tal de James van Pelt pensava que era para escolher o que eu faria com meu futuro? Ele não sabia nada sobre a minha vida, nem me conhecia. E que interesse ele teria em minha ida para esse estúpido colégio interno? E daí que todos os van Pelts estudaram lá? Eu não fazia parte da família. Meu pai deixou isso bem claro quando foi embora.

Meu nome era Lara Valente, e só; “van Pelt” era só uma mancha confusa no meio dele, antiga e dolorosa – vindo de um país que eu não conhecia, de uma gente que nunca ouvi falar.

Mais uma vez, o estúpido sangue de Edward Thomas van Pelt ressurgia de um passado morto para infernizar nossas vidas. Eu não queria ter nenhuma conexão com a família dele, e muito menos queria seu dinheiro idiota.

Percebendo que estava perdendo a causa, John Fitelberg apelou para seu argumento mais convincente.

– Bom, aqui está a quantia que as senhoritas herdariam, caso a neta mais velha aceitasse o acordo. – Estendeu um papel cuidadosamente dobrado para nós. Minha mãe abriu para ler, e Ana se esticou para olhar por sobre os ombros dela. Em dado momento, seus queixos se abriram em crateras.

– Não precisa ir, se não quiser, filha – minha mãe obrigou a si mesma a falar, apesar de isso claramente lhe cortar o coração.

– É, não precisa – Ana concordou, a voz esganiçada. Era seu senso de justiça falando, não sua vontade verdadeira.

Fitelberg, o mordomo assassino, aproveitou a deixa para se manifestar.

– É claro que vai ser um choque para a senhorita abandonar o calor do Brasil e ir morar em nossas terras frias; sei que será duro se acostumar, mas tenho certeza de que a senhorita irá fazer muitos... *Amigos* na Escola dos Sotrom, e logo conseguirá superar.

Eu tomei o documento das mãos de Helena para ver a quantia oferecida, embora isso não fosse importante. Minha decisão já estava tomada. Eu era muito ligada à minha família e a minha terra. Não superaria uma separação brusca.

Olhei a quantia e... Perdi o ar enquanto meu queixo caía no chão. Era uma quantidade infundável de zeros. Não era um dinheirinho qualquer. – era uma *fortuna*.

A porcaria de uma fortuna.

– Sem problemas – me levantei – Já superei. Vou fazer as malas.



John Fitelberg me concedeu dois dias de preparação emocional. Afinal, eu não iria mudar só de casa – iria mudar de *vida*. No meu colégio, meus amigos cacarejavam em torno de mim, querendo saber todos os detalhes sobre esse tal avô morto de quem eu herdaria uma fortuna.

Você deve estar achando que não passo de uma mercenária – abandonando todos os que amo por dinheiro. Acontece que não sou uma pessoa profunda, nem muito emocional. Sou prática. Dinheiro não trás felicidade, mas ajuda bastante na vinda dela. Ana poderia cursar Literatura quando entrasse na faculdade, sem se preocupar se essa profissão rendia ou não um futuro com dinheiro. Minha mãe teria um estúdio de pintura de verdade, dispondo de tempo e verba para divulgar seus trabalhos.

E eu... Bem, curtiria minha vida em cima da minha prancha de *surf*, no sol quentinho do meu Rio de Janeiro, que aquecia o corpo e a alma. Provavelmente eu nunca mais teria que voltar à escola.

Sem mais matemática. Uma linda perspectiva.

Eu não era uma pessoa fraca. Poderia aguentar a saudade, e talvez até me misturar no meio do que, provavelmente, seriam alunos mimados e egocêntricos. Passaria um ano invisível, e, depois, tudo ficaria bem.

John nos levou ao Aeroporto Tom Jobim – ele se surpreendeu quando comecei a chama-lo pelo primeiro nome. Aqui no Rio não tem essas frescuras. Você bebe dois copos de cerveja com uma pessoa e já vira amigo íntimo.

Eu estava encantada por andar no seu carrão – um sedã preto de alguma marca chique, muito visto nas ruas do Rio, perto das Ferraris e outros tipos de carro que eu não sabia identificar. No Rio, a extrema pobreza das

favelas coexiste com uma riqueza infindável dos bairros nobres. Andando pelas mesmas ruas, podemos encontrar gente muito rica e gente muito pobre – e era isso que fazia da nossa cidade um festival de cores, raças e ritmos.

Não éramos um povo homogêneo. Éramos brancos, negros, pardos, mesclando-se numa só cultura.

Éramos um povo do Carnaval, caloroso, relaxado, de corpo e corações quentes.

Quando a chamada do nosso vôo finalmente ecoou nos alto-falantes, minha mãe me encurralou num abraço de urso, com berros e lágrimas. Ela era uma tragédia grega ambulante.

Sentia que Helena estava se arrependendo amargamente de nossa decisão precipitada. Em seus olhos, eu via um aviso. Uma intuição.

– Vamos pensar melhor nisso, filha. Dinheiro não é tudo.

Eu apertei sua mão quente. Éramos tão parecidas.

– Calma, mãe. Vai passar rápido. É para o nosso bem.

A decisão estava tomada, e eu não sou o tipo que volta atrás. Helena me conhecia bem: eu decido, eu faço. Não tem meio termo. Não peço conselhos, e nem me acovardo.

Ana me deu seu abraço rápido, porém firme, transmitindo uma segurança além de sua idade. Eu achava triste o fato de ela ter renunciado sua infância e ter se tornado adulta tão cedo – mas ambas sabíamos que alguém deveria ser um pilar controlado na nossa família. Helena era uma eterna criança, e, eu, preguiçosa demais. Portanto, o peso havia sobrado para nossa pequena Ana.

“Só um ano”, sussurrou no meu ouvido. “Eu sei”, sussurrei de volta.

Não precisava demonstrar o quanto a amava para que ela soubesse disso.

Viajar nove horas ao lado de John Fitelberg foi, no mínimo, assustador. Ele parecia um fantasma, pálido e imóvel ao meu lado. Tentei arrancar algumas palavras dele, mas não tive sucesso. Consegui saber somente que ele trabalhava há anos nas empresas milionárias do meu avô, e que nem mesmo James sabia do paradeiro do meu pai – ou, pelo menos, era o que ele sempre dizia. Meu avô não tinha outros parentes, e, em seu testamento, garantiu que as netas desconhecidas herdassem toda a sua fortuna.

– Ele sempre quis conhece-las – disse John a certa altura.

Não respondi. Eu achava que James van Pelt só não queria que sua fortuna fosse parar nas mãos de outras pessoas que não fossem do seu sangue. Talvez ele esperasse que eu continuasse o legado.

Bom, esperou em vão. Eu não era sedenta por dinheiro, e pouco me importava com essa fortuna – mas se ela proporcionaria uma vida melhor para minha família, então eu faria de tudo para tê-la. Eu não era do tipo que guardava dinheiro embaixo do colchão – mas era do tipo que gostava da vida fácil que ele proporcionava.

Quando pedi a John para me contar sobre o internato, seu olhar tornou-se mais sombrio do que o normal. Ele não parecia simpatizar muito com o lugar, e não me olhava nos olhos quando falava sobre a tal escola. Parecia que ele estava me levando para a força.

Que bom. Um ótimo agouro.

Fizemos uma escala em Portugal, e logo depois pegamos um avião para Londres. Dentro do táxi, eu me encantei com as ruas tão diferentes das do Rio. Eram prédios antigos, clássicos e elegantes, inspirando um passado

cheio de glórias, disciplina e refinaria. Enlouqueci quando vi uma daquelas cabines de telefone vermelhas – fazendo o taxista arregalar os olhos e John suspirar, paciente.

Podem me julgar. Sempre quis ver uma dessas.

Saindo de Londres, entramos numa estrada que serpenteava por campos cobertos de neve. À medida que nos aproximávamos do internato, o lugar ia ficando mais desabitado, sombrio e inóspito. Caiu à noite, e finalmente chegamos aos enormes portões de ferro da Sotrom.

Com um rangido agourento, ele foi aberto. Não avistei nenhuma trava automática. Estranho.

Um caminho de cascalho serpenteava por entre árvores sem folhas, seus galhos parecendo esqueletos cobertos de neve. Devido à nevasca que caía do céu, nada se podia ver além de alguns metros à frente.

Ignorando as objeções quase históricas de John, abaixei o vidro e coloquei minha cabeça para fora do carro, abrindo a boca. Flocos de neve derreteram em minha língua, o que me encantou. Isso era uma experiência que eu jamais poderia vivenciar no Brasil, a não ser em raras ocasiões no extremo sul. Olhando para o céu, só podia ver uma cobertura densa de galhos de árvores, e, por trás deles, na escuridão alta, uma triste lua.

Só quando chegamos bem perto do internato, eu pude observá-lo perfeitamente.

Certo. Aquilo parecia tudo – menos uma escola. Eu esperava um lugar aconchegante, com enormes gramados por onde os alunos jogariam tênis ou passeariam.

A Escola dos Sotrom estava longe de ser um lugar aconchegante. Era uma espécie de castelo medieval, com torres e pináculos pontudos e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

obscuros, ladeados por árvores sombrias, esqueléticas. Gárgulas estavam dispostas nas altas torres. Esculturas de anjos encravados nas pedras do castelo tinham olhos tristes, que pareciam mais humanos do que deveriam. Era quase como se dissessem: *vá embora enquanto ainda pode.*

Mas era inviável desistir agora. Estava aqui por um objetivo e iria alcançá-lo.

Uma enorme placa anunciava em letras de bronze:

ESCOLA DOS SOTROM

Não entendia como alguém gostaria de estudar aqui por livre e espontânea vontade. Era um lugar monstruoso, enorme e intimidador. Macabro. Parecia abrigar almas penadas, e não alunos.

Os Sotrom deveriam ser uma família muito estranha para fundarem um lugar tão... Como é que John havia descrevido? Ah, sim. *Um lugar encantador.*

Descemos do táxi e corremos o pequeno trajeto debaixo da neve. John carregou minha única mala e depositou-a sobre a enorme varanda de pedra em que nos abrigamos. Tocou a campainha, e sinos agourentos soaram ao longe. Imaginei uma campainha assim lá em casa – nossos vizinhos iriam nos processar até o último centavo.

John tirou um cartão de crédito preto e reluzente do bolso.

– Seu avô garantiu que tivesse todo o dinheiro necessário para passar o ano confortavelmente aqui – e o estendeu para mim. Eu estava completamente chocada quando o peguei em minhas mãos. Um cartão de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

crédito só meu?

John não sabia a besteira que estava fazendo. Eu não era um exemplo de ser humano responsável com as contas. Helena e eu não sabíamos o que estávamos fazendo com dinheiro. Ana fazia por nós.

– Obrigada, eu acho - Isso não era nada responsável. Mas tudo bem: responsabilidade nunca fora o meu forte.

John me surpreendeu com um olhar paternal. Não sabia que seus olhos sem vida eram capazes de demonstrar qualquer afeto. Queria ver se ele continuaria a me olhar assim depois de uma semana acompanhada de um grande desfalque na conta do querido vovô.

– Embora seja evidente que você nutra uma má concepção do seu avô, Sr. James era um homem de caráter. Ele deixou tudo para você e sua irmã, uma vez que era a única coisa que poderia fazer por vocês. Não rume um sentimento ruim por ele, senhorita Lara. Ele era um bom homem.

Já havia avisado para John não me chamar de “senhorita”, mas seus princípios eram ingleses demais para isso.

Desviei os olhos. Não queria pensar em James. Não conhecia esse senhor, e se eu me permitisse revirar os sentimentos que tanto lutei para enterrar, encontraria ossos podres de rejeição, confusão e tristeza. Por isso mantive a frieza – ela era mais segura.

Mas John estava sendo gentil e não merecia meu desprezo.

– Desculpe por reduzir você a uma babá por esses últimos dias. Não queria te importunar, nem nada disso. Você é só o advogado de James, não precisava ter que resolver nossos problemas de família. Peço desculpas em nome de todos.

– Senhorita, há muito que não sou somente um advogado. Quando
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Edward se foi, eu me tornei o mais próximo que o Sr. van Pelt teve de uma família. Quero que saiba, Lara, que pode contar comigo se precisar de alguma coisa aí dentro. Meu telefone está na sua ficha da escola, caso precise me ligar. – Suspirou, parecendo estar se desculpando por me deixar ali, sozinha. – É o mínimo que posso fazer por você.

Não esperava por um discurso emocionado, e demorei alguns segundos para perceber que tinha que agradecer. Mas quando iria abrir a boca, a enorme porta de carvalho se abriu com um estrondo, e uma governanta minúscula etrêmula nos convidou a entrar. Ela se vestia um austero uniforme azul marinho, parecendo ter saído de um reformatório. Aquilo me trouxe certa desconfiança. Será que eles tinham correntes e palmatórias?

– Olá, Miss van Pelt. Há muito esperamos sua chegada.

– Hã. Obrigada. – Eu estava melhorando nesse negócio de cortesia.

Adentramos no enorme *hall* do castelo medieval, com uma escadaria curvilínea que se bifurcava para dois lados. Seus degraus de mármore negro brilhavam sob a luz de velas dos candelabros. Aqui, aparentemente, eles nunca ouviram falar de lâmpadas. Embora todo o lugar fosse antigo, havia um toque de modernidade dado pelo mármore, ferindo seu ar medieval.

Eu me despedi de John, e seu abraço me surpreendeu. Ele se afastou meio envergonhado e passou as últimas instruções. Fingi que ouvi. Ele fingiu que acreditou. Na verdade, meus pensamentos voavam para as dezenas de andares superiores do castelo, imaginando que tipo de alunos estudariam aqui. Será que seriam pessoas tão frias e cinzentas quanto o próprio local?

Quando John foi embora, senti-me imediatamente sozinha. Meu último vínculo com o Brasil se fora. Agora, eu estava por mim mesma.

A governanta apresentou-se como Lucy, solicitando que eu a seguisse até a sala da diretora. Ela era magrela, murcha e com um nariz avermelhado; estranhamente ansiosa. Lucy me lançava olhares de soslaio estranhos, como se esperasse que eu saísse correndo porta a fora a qualquer momento; parecia desesperada para me manter ali.

A governanta era mais eficiente em inflar meu ego do que os pedreiros. Aparentemente eles não recebiam alunos novos com frequência. Senti-me quase uma celebridade.

Agora trava uvas e me abane.

Deixando minhas malas no *hall*, a governanta me levou até a sala da diretora. Logo me encontrei em um enorme aposento, recoberto de estantes de livros e uma lareira que crepitava baixinho ao consumir a madeira.

A sala estava vazia, e Lucy me deixou sentada numa poltrona. Na parede acima da mesa, havia uma antiga foto em preto e branco de uma mulher de meia idade, ainda bela e de olhos bondosos. Torci para que essa fosse a diretora – embora ela tivesse um gosto um tanto estranho para edição de fotos. Quem iria querer parecer ter nascido em 1900?

Além do mais, quem colocaria uma enorme foto de si mesma na parede de um escritório? Eu hein.

Por cima da mesa bem arrumada, havia um objeto totalmente deslocado. Olhei para os lados, tentei ouvir barulhos que por ventura pudessem vir da porta... Nada. Como eu estava sozinha, aproximei-me da mesa, olhando desconfiada para o que parecia ser um diário.

O livro estava envolvido dentro de um saco plástico, destes que se usam nas séries de TV para guardarem provas de um crime. Preservar as impressões digitais e essas outras coisas sem nexos que eu não deveria estar

pensando agora. Possuía uma capa preta, estranhamente desgastada, meio manchada por uma substância que não pude discernir. Estava até meio rasgado nas beiradas, como se alguém tivesse brigado por ele.

Eu só sabia que era um diário porque o nome de uma menina estava escrito em letras rápidas e prateadas no cantinho, onde a borda não tinha se rasgado.

Mayumi Keiko

Fosse quem fosse essa tal Mayumi, havia se envolvido numa briga feia por esse diário. Páginas dele caíam aos pedaços, para fora do livro e dentro do plástico – meio arrancadas, meio rasgadas. Machas estranhas feriam a pureza branca das folhas.

A porta se abriu e eu saltei, voltando rapidamente ao meu lugar.

Minhas suspeitas foram confirmadas quando uma mulher completamente diferente da retratada na foto entrou na sala. Ela era rechonchuda, rosada e com uma carranca permanente. Seus olhos cinzas tinham o calor do País de Gales em pleno inverno. Sentou-se em seu suntuoso lugar à mesa de madeira polida, observando-me com frieza.

Seus lábios eram finos e severos.

– Então é você a herdeira dos van Pelt?

– É o que me dizem – respondi tão friamente quanto ela.

– Eu sou a diretora Georgina Prount – enquanto falava, ela me analisava, como se eu fizesse parte de um rebanho. Logo percebera que eu não me parecia com uma vaca premiada, por isso não merecia nenhum tipo de tratamento especial.

– Muito prazer – sorri amarelo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Igualmente – não se deu ao trabalho de retribuir o sorriso. – Então, aqui temos a sua ficha – ela pegou uma pasta elegante de uma das gavetas de sua mesa. Começou a ler meus dados com a voz entediada. – Dezoito anos, brasileira, último ano do ensino médio. Você estava no terceiro ano no seu antigo colégio, não é mesmo?

– Sim – graças a Deus! Finalmente eu estava finalizando essa tortura medieval.

– Pois bem. Aqui, você terá que voltar ao primeiro.

– *O quê?* – quase choquei uma ninhada de ovos com a informação.

– Foi isso mesmo o que ouviu – ela era clara e direta – aqui, todos os alunos novos começam a partir do primeiro ano. Mas esse não é o colegial, Miss van Pelt.

– Miss Valente – corrija-a. Não queria que me tratassem pelo nome do meio.

Diretora Prount me lançou um olhar de quem não se importava.

– Certo, *Miss Valente*. Eu estava dizendo que aqui não é um colegial. Nosso ensino é de nível superior, você sairá daqui com bacharelado em alguma profissão. Só aceitamos novatos entre dezoito e vinte e cinco anos, de modo que terá em sua turma a mesma faixa etária. Aqui, não aprenderá as mesmas coisas ensinadas em seu colégio no Brasil. Estará em um nível universitário, se formando em música, artes, literatura, ou seja o que for optar.

– Ficarei somente um ano. Não irei me formar.

Ela ergueu a sobrancelha, como se para dizer que quem estava perdendo era eu.

– Certamente terá muito a aprender na Academia dos Sotrom, mesmo que somente por um ano. Nossos alunos vêm de famílias tradicionais e selecionadas, assim como as da senhorita.

Traduzindo: não permitimos qualquer um.

Suspirei. Pelo menos não seria um ano totalmente perdido. Eu poderia me inscrever em artes e passar o dia pintando quadros.

A Escola dos Sotrom abrigava alunos riquinhos, que podiam se dar ao luxo de se formar em algo que, no meu país, raramente garantia dinheiro. Eles deveriam ter fortunas pessoais muito extensas para se preocupar em trabalhar. Franzi o nariz, pensando se isso tudo me levaria a ser exatamente igual a eles.

– Bom, é isso, Miss Valente. Lucy a levará aos seus novos aposentos, onde provavelmente sua colega de quarto já deverá estar dormindo. – Isso soou como uma ameaça saindo da boca dela. Eu tentei esconder o choque. *Dormindo às nove da noite?* – Seu uniforme e as regras do colégio estarão depositados em cima de sua cama, e as aulas amanhã começam às nove. Seu horário também já está pronto, junto com seu uniforme. Nosso covei... – diretora Prount parou bruscamente.

Fitou-me horrorizada, como se não acreditasse no que havia deixado escapar. Foi a primeira vez que qualquer emoção vislumbrou em seu rosto.

Ergui uma sobrancelha. Ela iria dizer *coveiro*? Por que diabos eles teriam um aqui? O lugar era sinistro, admito – mas nada próximo a um cemitério.

A diretora rapidamente se recuperou, retomando a palavra.

– Nosso *zelador* já levou suas malas para o quarto.

Resolvi deixar passar. Sabia que se perguntasse muito, iria acabar
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ouvindo algo totalmente desnecessário para a minha saúde mental.

– Bom, se é só isso, acho que vou indo. Estou cansada da viagem.

– Isso mesmo, vá descansar. Não toleramos faltas às aulas. Oh, e Miss Valente... – ela chamou quando eu já tinha levantado e me virado para finalmente sair.

– Sim? – procurei não demonstrar impaciência. Eu estava cansada, com fome, dor de cabeça e segurando um xixi que se encontrava ansioso pela liberdade. Se essa mulher não calasse logo a boca, ele se veria livre por ali mesmo.

– Temos uma lista de regras nessa escola, mas há uma em especial que me sinto na obrigação de lhe comunicar pessoalmente. É a mais importante, e aquele aluno que a quebrar será punido severamente, até mesmo expulso. Depois das oito da noite, nenhum aluno deverá sair dos seus respectivos quartos. As portas destes serão trancadas e aquele que pisar nos corredores do castelo durante a noite... Bem, sofrerá as consequências – ela me olhou severamente por cima dos óculos.

– Acho que entendi o recado – foi minha despedida fria ao sair da sala. Esperei que a diretora se ofendesse com o baque forte que dei na porta. Não fazia questão nenhuma de agradá-la.

Não gostava de regras – e muito menos de ameaças. E foi nisso que basicamente consistiu meu contato com a diretora desse colégio macabro. *Como assim* não poderíamos sair dos quartos durante a noite? Não parecia uma regra para impedir bagunça, e sim para impedir alguma tragédia. Do que eles tinham medo, afinal? Que as sombras tomassem forma e os estrangulassem em algum corredor escuro?

Revirei os olhos. Gente maluca.

Fui andando pelo corredor a esmo, sem ter a mínima ideia de para onde estava indo. Lucy não estava por aqui, e não havia chances de voltar para pedir informações à diretora. Se eu desse um tempo por aqui, com certeza a governanta reapareceria.

Enquanto isso, reparava na decoração – tapeçarias, quadros sinistros retratando paisagens obscuras, vasos de porcelana sem nenhuma flor. Frieza e elegância. Paredes de pedra coexistindo com lâmpadas e castiçais.

Os decoradores desse colégio claramente queriam manter a decoração original e antiga, mas não podiam condenar os alunos às limitações do passado. Certamente em algum lugar por aqui haveria televisão e computador.

Arregalei os olhos, contendo o pânico. E se aqui *não tivesse internet*?

Aí eu estaria indo embora agora mesmo. Fortuna nenhuma valia isso.

Andei um pouco mais, adentrando nos sinuosos corredores na esperança de encontrar Lucy. À medida que eu ia penetrando nas profundezas do castelo, um som ia se tornando mais claro. Era uma... Melodia?

Franzi a testa, tentando ouvir melhor. Esse era um fato inesperado para um lugar tão sombrio.

Consistia em uma música tocada ao piano – e até mesmo eu, que detestava música clássica, encontrei-me subitamente tomada pela sutileza e profundidade da melodia. Era intrincada, complexa, quase angelical. Mas em meio à doçura com que era tocada, espreitava por entre as notas uma tristeza, melancolia, uma saudade não sei de quê. Era como se um anjo de pedra desse castelo estivesse ao piano, contando através da música a história trágica desse lugar. *Esse lugar já foi lindo, mas hoje é assombrado. Vá embora enquanto ainda é tempo.*

Bem, enquanto a governanta não me encontrava, não faria mal dar uma olhada.

Fui seguindo o som, virando nos corredores, até que encontrei uma porta enorme de madeira. Encostei a orelha ali e o som ficou mais alto. Olhei de um lado a outro no corredor escuro – não tinha ninguém. Eu sabia que o que iria fazer era invasivo e mal educado, mas a música teve um efeito estranho sob mim. Não sabia explicar. Despertou-me sensações desconhecidas; algo em mim reagiu a ela. Era... *Intenso*. Eu a conhecia, mesmo sem tê-la ouvido antes. Do dentro, do âmago, de outra vida.

Abri a maçaneta com cuidado, evitando rangidos. Através da porta entreaberta, pude ver a grande

sala que se parecia com um auditório circular. Vitrais coloridos e antigos transpassavam a luz da lua, iluminando fracamente o pianista.

Foi a primeira vez que o vi.

No centro da sala, lá estava ele. De costas, compenetrado, as mãos voando pelo piano como uma dança bonita e macabra. Era triste de ver – era lindo de ver. O homem não precisava de velas; ele fazia parte do escuro. Uma memória, o fantasma de uma memória.

Na escuridão do salão, eu pouco pude distinguir do seu corpo musculoso. Sabia que seus cabelos eram negros como a noite, e que seus dedos longos voavam pelo piano, um movimento quase de felino – rápidos demais, precisos demais. Tudo nele era elegância e dominação. Como um tigre.

Aquele homem me intimidou. Um medo antigo sussurrou: *cuidado. Não chegue perto. Não deixe que ele te veja.* Era instintivo, visceral. Como uma presa congelada diante do perigo iminente, fascinada com o caçador.

Na presença dele, a sala ficou com um cheiro forte e escuro de especiarias de terras longínquas. Apimentado, perigoso. Eu não podia ver seu rosto, mas o porte forte me dizia que era jovem – embora sua alma parecesse antiga como aquele castelo. Olhando para ele, meu coração se encolheu de medo. Mas partes particulares do meu corpo incendiaram. Coloquei a mão nos lábios, querendo sentir aquele gosto escuro e apimentado que envolvia o ambiente ao seu redor.

Mas o homem detectou meu movimento.

Parou de tocar imediatamente. De súbito, apavorei-me. Fechei a porta e saí correndo. Escondi-me atrás de uma pilastra na parede, bem longe da

porta.

Por que diabos estou fazendo isso?, perguntei-me.

Um comportamento nada racional. Não sabia explicar minha reação. Um instinto de fuga fez com que eu me apavorasse diante dele, como se o mesmo fosse uma espécie de predador. Era intrínseco, irracional. Das víceras.

Segundos depois, o pianista misterioso saiu. Meu ritmo cardíaco se acelerou como se eu estivesse em uma caçada – ou em um daqueles filmes de terror, em que a vítima se esconde do assassino.

O garoto havia notado que alguém o estava espionando. Parado na frente da porta, olhou de um lado a outro no corredor. Ele era uma forma escura, musculosa, assustadora. Emanava poder. Eu tive medo – eu ardi em partes misteriosas.

E, então, ele olhou na minha direção.

Seus olhos se cravaram em mim, avassaladores, exigindo espaço. Eram assustadoramente negros, felinos, perigosos, cor do véu da noite. No escuro do corredor, o único traço do seu rosto que eu conseguia distinguir eram suas íris, vez que tinham luz própria – como as de um tigre, brilhavam no escuro. Suas sobrancelhas se encontravam perpetuamente franzidas, como se ele estivesse sempre com raiva de alguém. Encarava o escuro onde eu me escondia, e embora eu soubesse que ele não estava me enxergando, fixava aquelas íris negras diretamente em mim, como se me *sentisse*.

Era essa a sensação de uma vítima prestes a ser atacada? Quando o predador perigoso te encarava?

Tive medo que ele me devorasse. Outra parte com menos pudor do meu cérebro inebriava-se diante do seu cheiro masculino, exótico.

Não tive tempo para mais devaneios. O garoto virou as costas e foi
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

embora, sumindo numa esquina escura. Respirei, aliviada; o ritmo cardíaco voltando ao normal. Saí de trás da pilastra de pedra, me sentindo estúpida. Era só um homem comum, e eu nunca fui do tipo que se escondia.

Então, por quê? Não era como se ele pudesse me machucar. Não tinha motivos para isso. Eu só estava no lugar errado, na hora errada.

Todavia... Uma sensação peculiar desceu pela minha garganta, fixando-se na altura do peito. Sua ausência havia deixado vazios estranhos, como se ele fizesse parte daquele escuro. Senti-me incomodada sem a adrenalina soturna que emanava dele. O lugar estava... *Incompleto*.

– Miss van Pelt? Para onde a senhorita está indo? – ouvi a voz aflita de Lucy advinda do outro lado do corredor. Virei-me para ver sua forma encolhida, seus pequenos olhinhos de rato correndo por todos os cantos, como se estivesse sendo seguida.

Desconfiei da forma estranha de agir da governanta. Havia nervosismo e descontrole em todos os seus gestos. Ela suava frio, às vezes sussurrando, às vezes falando alto demais. Não conseguia manter a compostura, por mais que tentasse. Em verdade, ela estar tomada pelo medo. Embora eu não conseguisse imaginar o por quê.

– Hã, para o meu quarto, acho. Você demorou a aparecer – não havia tom acusatório em minha voz, mas ela se lamuriou em desculpas por todo o trajeto até os dormitórios.

Subimos a escadaria de mármore por três andares. Lucy me explicou nervosamente que o terceiro andar era o dormitório das meninas do primeiro e do segundo ano. Abrigando mais de mil alunos, a Escola dos Sotrom foi fundada há centenas de anos, tão antiga que as pessoas com longos vestidos de época, pintadas a óleo nos quadros das paredes, deveriam ter estudado aqui. Nunca fora uma Academia só para moças, como eu pensara. Isso era ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito comum na Inglaterra antiga, quando homens e mulheres estudavam separadamente. A Escola dos Sotrom sempre fora mista, um costume incomum para o passado – o que me fazia ficar cada vez mais curiosa sobre esse lugar.

Por entre as fendas das paredes de pedra, eu ouvia os sussurros das alunas. Passamos por várias portas, mas meu quarto ainda parecia estar longe, no final do corredor. Das janelas e vitrais coloridos, viam-se apenas os esqueletos das árvores desta terra invernal, onde o calor e a praia eram realidades distantes. A neve batia contra o vidro, o vento emitia uivos macabros. Os portões de ferro, juntamente com um muro altíssimo, me mantinham trancada nesse castelo assombroso.

Lucy andava mais perto de mim do que a situação exigia, rolando os olhos úmidos de um lado para o outro, como se procurasse alguma coisa – ou como se estivesse com medo de encontrar. Revirei os olhos. Tinha gente que se apavorava até com a própria sombra.

Em dado momento, ela virou a cabeça bruscamente, como se visse um vulto. Engoliu em seco, olhando fixamente para frente e apressando o passo. Tive que correr para acompanhá-la.

– Está acontecendo alguma coisa? – me senti na obrigação de inquirir. A mulher estava prestes a chocar uma ninhada de ovos, tamanha sua aflição. Seria Síndrome do Pânico? Ou simples medo do escuro?

– Não, senhorita. Fique perto de mim. Já passou das oito da noite. Não deveríamos estar aqui fora. Nenhuma de nós – adicionou baixinho.

Apenas a encarei. Não tinha mais nada a ser dito depois dessa. Exceto...

Resolvi indagar o que eu queria há um tempo, só não sabia como introduzir o assunto. Tentei parecer casual.

– Lucy... Há muitos alunos por aqui que tocam piano?

– Bom... – ela se surpreendeu com a pergunta. – Deve ter alguém que sabe, sim. Mas por aqui ninguém toca. Os alunos da Sotrom não gostam de música.

Ergui a sobrancelha para ela. Como assim *não gostam* de música? Não gostar de certas coisas ia simplesmente contra as leis da natureza: tipo respirar... E coxinha.

– Por quê? A senhorita toca? – ela demonstrou um interesse repentino, meio súbito demais.

– Não, eu não. É que eu ouvi uma música...

– *O quê?! –* ela parou de repente. Eu brequei em conjunto. Deus do céu, essa mulher se ofendia com qualquer coisa. Tive medo de tocá-la e ela se fragmentar em lascas no chão.

– É que eu ouvi uma música de piano vinda de uma sala, quando me perdi de você. – Preferi ocultar a parte do garoto do escuro. Por algum motivo, ele era... Íntimo. A experiência foi pessoal demais para dividir com Lucy.

– Espera aí, a senhorita ouviu isso *agora*? De noite? Bem aqui no castelo? – a governanta parecia em pânico.

– Hã. Foi. – Tenho o dom da sutileza.

– Impossível. Os alunos não saem durante a noite.

Encarei-a. *Minha filha, você nunca ouviu falar de jovens rebeldes?*

– Talvez um deles tenha dado uma escapulida. – Embora o homem dos olhos negros não parecesse o tipo que precisasse disso.

– Não. As portas dos quartos ficam trancadas. – Não gostei do jeito que

ela me olhava. Ela era a desvairada por ali, não eu. Senti o ímpeto de me defender.

– Não estou tendo alucinações. Eu vi um garo... – as palavras morreram na minha boca. Um movimento a frente captou a minha atenção e eu simplesmente não pude falar mais nada.

Meu. Deus.

Minha boca se escancarou. Não podia ser real.

Vindo despreocupadamente pelo corredor em nossa direção, estava o homem mais lindo que eu já vira em toda a minha vida – do tipo que ofusca e acaba com a autoestima de qualquer ser racional ao seu redor. Sua beleza era elegante, masculina e completamente subversiva, rebelde.

Sexy.

Ele veio emergindo do corredor escuro sem pressa, não dando a mínima por caminhar num lugar desprovido de qualquer luz. Não era do tipo que parecia ter medo de escuro. Pelo contrário – parecia *fazer parte* dele. Não havia bondade em seus traços.

Era ele – o pianista. Só agora eu podia ver o seu rosto, mas reconheci os olhos negros, os olhos de tigre. Apavorei-me. E ardi em partes secretas.

O garoto tinha cerca de vinte anos, cabelos negros sedosos, fartos e bagunçados. Um boné vermelho descolado – que parecia mais caro que o meu apartamento – virado para trás, tirando os fios dos olhos. Ele tinha lábios vermelhos, carnudos e cerrados em uma expressão de indiferença; os cantos estavam virados para baixo, como se ele estivesse com ódio de algo ou alguém. Possuía o queixo erguido num ar de superioridade.

Dominador.

Seus traços eram perfeitos, retos, fortes, estrangeiros. Talvez ele fosse de algum país da Europa oriental – embora seu perfil exótico me lembrasse lugares paradisíacos, quentes. Lugares desconhecidos.

O garoto tinha um mínimo brinco de argola muito discreto em uma das orelhas; seu nariz era reto, sua pele bronzeada, os cílios longos e os olhos tão negros e hostis que me senti obrigada a desviar os meus próprios. A escuridão era absoluta, engolindo suas íris e pupilas; parecia arder, exótica e misteriosa como as especiarias da Índia. Eram olhos violentos, maliciosos – e completamente arrogantes. O que me fez concluir que ele nunca se dava ao trabalho de olhar para ninguém.

Achava-se melhor que todo mundo ali – e provavelmente o era. Andava como se estivesse fazendo um favor ao mundo por existir. Porte altivo, seguro de si; os músculos longos e bronzeados destacavam-se sob o uniforme descolado, a gravata preta afrouxada, alguns botões da camisa branca abertos. Usava um blazer escuro de mangas arregaçadas, e em letras douradas e elegantes lia-se **EM**.

“EM” não eram as iniciais da Escola dos Sotrom, e o brasão bordado em dourado na camisa do garoto também não. Será que ele não estudava aqui?

Engoli em seco e tentei manter a compostura. Ele era dono de um rosto raro, do tipo que atordoava qualquer um que estivesse em sua frente. Tentei desviar os olhos, mas sua figura era simplesmente magnética, como uma aparição do escuro, uma alucinação... Era impossível parar de encarar.

Esperei que ele olhasse para mim.

Ele tinha as mãos nos bolsos, e passou por mim com o maxilar musculoso erguido, sem nem mesmo parecer me notar. Expressão fria, carrancuda, hostil.

Meu queixo caiu. Não havia muita concorrência naquele corredor escuro – só Lucy, miúda e pálida.

Do modo que ele olhava sempre para frente, com frieza e desinteresse, as paredes de pedra pareciam mais interessantes que eu. Não foi um sopro para minha autoestima.

Estranhamente, Lucy também não pareceu se importar – ou sequer notar – a presença do garoto no dormitório das meninas. Ele passou ao meu lado tão indiferentemente que mal parecia estar me vendo. O mesmo aconteceu com Lucy.

Seu rastro deixara um odor escuro e picante de especiarias. Era lindo e sabia disso, de modo que não lhe interessava a nós, meros mortais.

Quente, pretensioso e arrogante. Engoli em seco. *Deus*. A fórmula para o desastre. Audacioso – o que ele estava fazendo ali, no dormitório feminino, local terminantemente proibido para homens? Ele saiu da sala de piano e fora visitar a namorada?

Não resisti a dar uma olhadinha para trás. *Mas ele simplesmente não estava mais lá*. Olhando para o corredor escuro atrás de mim, não havia nem sinal do garoto de boné. Ele simplesmente... Sumiu no ar. Como poeira.

Virei-me para frente bruscamente, a expressão provavelmente tão louca quanto a de Lucy. Ela estava certa. Esse escuro nos fazia ver coisas.

Ou o garoto entrou em alguma das portas para ver a namorada, ou eu estava sofrendo alucinações. Deus, o que colocavam na comida daquele avião?

– Ele pode estar aqui? Pensei que fosse o dormitório feminino. – perguntei.

Lucy arregalou os olhos, como se eu tivesse falado alguma insanidade.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Segurou meu braço com força, puxando-me rapidamente.

– Menina, precisamos sair desses corredores *agora!*

Estarrecida demais com a reação dela, nada respondi. Apenas continuei a segui-la, deixando que fosse alucinada sozinha.

Aparentemente o cara podia fazer o que quisesse.

Bom... Resultado da minha imaginação ou não, o garoto dos olhos de tigre deixou seus rastros em mim. Aquelas íris negras, enigmáticas, invadiram meu pensamento sem pedir licença. Meu pulso lutava para se acalmar, e eu tentei pensar em coisas frígidas para fazer partes peculiares do meu corpo pararem de arder.

Mas que mil anos chovessem. E nem assim poderia se apagar o fogo daqueles olhos.



Lucy me deixou no último quarto do corredor.

A governanta explicou que me cederam este quarto porque houvera uma “desocupação repentina.” A pessoa que foi embora era muito esperta. Eu não hesitaria em sair daqui se tivesse oportunidade.

Quando Lucy foi embora, entrei no enorme quarto escuro. Um lugar maior do que eu esperava. Chão de madeira recoberto por tapetes elegantes, móveis lustrosos escuros, um guarda-roupa, duas camas grandes dispostas em cada canto e uma escrivaninha no meio delas, onde a luz de um abajur reluzia fraquinho.

Uma cortina branca tremeluzia com o vento que entrava por uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fenda mínima na janela entreaberta. O vento uivava passando por ali, e alguns flocos de neve entravam no recinto, fazendo minha colega de quarto adormecida tremer em sua cama.

Não consegui ver seu rosto, pois ela estava virada para a parede. Na meia luz, somente pude ver seus cabelos castanhos ondulados e seus ombros magros tremendo. Fui até ela e a cobria com mais um cobertor, depois fechei a janela.

O lugar não era o meu estilo – mas era bem aconchegante. Nada de almofadas coloridas e remendadas. Algo mais elegante e discreto. Aqui, notei, ainda não havia visto nada colorido. Era tudo tão frio, prático e opaco...

Com certeza eu não estava mais no Brasil.

Como a diretora prometera, meu uniforme estava cuidadosamente dobrado sobre a cama. Em cima dele, um livro fino de capa dura, cor azul marinho, escrito em letras prateadas: REGRAS DA ESCOLA DOS SOTROM.

Depois de comer o lanche que Lucy havia deixado e colocado o pijama, deitei-me debaixo dos cobertores e comecei a lê-las. Essa Escola já estava me deixando louca, vez que nunca li um manual de regras na vida.

Não eram nem dez da noite, portanto não tinha sono – e não entendia como a menina ao meu lado poderia já estar roncando. Gente esquisita.

Comecei a ler o manual.

- 1) É expressamente proibido sair dos dormitórios depois das vinte horas. Não é permitido perambular pelos corredores/salas de aula/salões ou campos depois desse horário. A punição é a imediata e incontestável

expulsão, sem direito ao reembolso da taxa anual de pagamento.

2) O despertador geral toca às sete e meia da manhã. O café da manhã começa às oito e dura até às nove. Vinte minutos são destinados ao intervalo no salão de confraternização e as aulas se iniciam às nove e vinte em ponto, durando até às três da tarde (vide horário pessoal).

3) Não é permitida a criação de seitas (principalmente com ligações religiosas). A Escola dos Sotrom é laica e não permite nenhuma manifestação de caráter religioso fora dos aposentos ou em espaços pessoais.

O que eles tinham contra a religião, afinal?

4) Não é permitida a saída de um aluno no meio do ano letivo.

Parei de ler, erguendo uma sobrancelha. Se nenhum aluno não poderia sair até que terminasse o ano letivo, como é que a antiga moradora desse quarto o havia “desocupado repentinamente”?

5) Telefonemas ou internet (incluindo todos os outros meios de comunicação com o exterior do colégio) são expressamente proibidos. Somente cartas deverão ser

mandadas a amigos e familiares fora da Escola dos Sotrom (e todas as cartas obrigatoriamente passarão por uma supervisão especial).

Afastei o livro do rosto, horrorizada. *Como assim* as cartas passariam por revisão? Eles *corrigiriam* nossas conversas? Ninguém aqui conhecia o conceito de privacidade? O que eles não queriam que nós disséssemos aos nossos pais? O que esse lugar tinha a esconder do mundo lá fora?

Joguei o manual no chão, revoltada, virando-me para dormir naqueles estúpidos lençóis macios. Isso não era uma escola. Era uma prisão.

Morta de cansaço, rapidamente fui tomada por um sono pesado. Sonhei que uma menina passeava pelo quarto, conversando com uma amiga casualmente. Era a moradora anterior, e estava tão à vontade com a amiga que ignorava totalmente minha presença ali, deitada em sua cama. Suas vozes eram cristalinas, passando-me a impressão de que elas estavam realmente lá. Um sonho estranho, desconexo...

Mas não foi a única coisa a perturbar meu sono. Inevitavelmente, meus sonhos foram invadidos por certo garoto de olhos negros. Ele tinha cheiro de problema.

E o pior é que é disso que eu gosto.

Capítulo Dois

Meu primeiro dia de aula foi um desastre.

Não acordei com o primeiro sinal, portanto perdi o café da manhã e a primeira aula. O despertador marcava dez horas, e, completamente desesperada, pulei da cama e me arrumei em três minutos e meio. O espelho oval da parede refletia minha imagem desanimadora ao acabar de acordar, mas passei os dedos pelos cabelos e eles ficaram menos selvagens. Escovei os dentes e dispensei a maquiagem – não dava tempo.

Enfiei-me no uniforme brega da Sotrom, que escondeu todas as minhas curvas latinas e me fez parecer uma fracassada. Consistia basicamente numa saia azul-marinho pregueada, passando horivelmente dos joelhos. O manual dizia que a blusa branca deveria ficar por dentro da saia, todos os botões fechados e a gravata azul-marinho com linhas douradas, também completamente engomada. O blazer azul escuro era designado aos dias frios, bem como as luvas, as meias-calças e as boinas. Um sapato preto e austero completava o visual decadente.

Não era nada parecido com o uniforme elegante do cara de olhos negros – o que me decepcionou imensamente. Se o seu uniforme preto e dourado não era da Sotrom, obviamente o garoto não estudava aqui. Provavelmente eu nunca mais o veria outra vez, portanto teria que me contentar com os sonhos.

Quando me olhei por completo no espelho, senti o verdadeiro desespero bater. Eu estava sem graça, sem vida, sem curvas e sem charme nenhum. Vestida como uma bisavó, encontrava-me longe de me parecer com a surfista de sempre. Arregalei os olhos quando a realidade me assolou: Ana adoraria esse visual.

Ai meu Deus. Agora eu estava no fundo do poço.

Não. Eu não podia lidar com isso. Vasculhei meu cérebro em busca de uma solução e resolvi arriscar. Subi a saia até um pouco acima dos joelhos – não ficou descolado, mas ficou um pouco menos brega. Abri alguns botões da camisa social, arregacei as mangas do blazer e me mantive o mais longe possível daquela boina. Dispensei os sapatos terríveis, substituindo-os por saltos altos – mas mantive a meia-calça branca – estávamos em pleno inverno europeu, afinal. Afrouxei a gravata e preendi meu cabelo em um rabo de cavalo alto, com alguns fios soltos. Coloquei argolas douradas e passei um batom.

Devido ao tempo gasto para me tornar mais apresentável, o relógio voou. Meu horário dizia que às dez e meia o primeiro ano teria três opções de aula. Música, História da Arte ou Ciências Políticas. Escolhi História e corri pelos corredores vazios, seguindo um mapa confuso que constava na última folha do livro de regras da escola.

Vinte minutos atrasada, entrei na sala de aula. A sala consistia em altas paredes de pedras e vitrais coloridos, ao estilo gótico. O quadro negro e as

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cadeiras escolares pareciam bem deslocados no local.

A porta dupla da sala aparentava ser mais pesada do que realmente era – empurrei-a com muita força, entrando na sala aos solavancos. Atraí a atenção de toda a turma. O professor parou de falar e um silêncio pesado caiu sobre o ambiente. Todos me olhavam estarecidos, como se eu fosse uma alienígena que invadirá o *habitat* natural deles.

Ao sair do quarto, senti-me bem vestida e interessante. Introduzi meu estilo latino à roupa: quente e vivo. Mas, agora, minhas roupas ousadas destoavam do ambiente de forma constrangedora. Todos os alunos eram perfeitamente engomados – não infringiam nenhuma regra do uniforme. Mostrar os joelhos se tornara o pior dos sacrilégios, e minha maquiagem cheia de vida se mostrou ridícula perto da pele pálida da maioria dos alunos.

Respirei fundo e levantei o queixo, tentando manter o que restara da minha dignidade. Meu cérebro já havia se conectado ao idioma daqui, por isso o inglês fluiu naturalmente quando murmurei para o professor.

– Desculpe pelo atraso. Fuso horário, sabe como é.

O professor, Sr. Russell – como eu me lembrava vagamente dizer o horário de aulas amassado em minhas mãos – fitou-me com a frieza de quem não, não sabia como era.

Eu não tinha experiência em lidar com tanta indiferença, por isso engoli o constrangimento e procurei um lugar para me sentar, de modo a me livrar de todos aqueles olhares acusadores.

Como uma miragem no deserto, avistei uma mesa vaga no final da sala. Não esperei a resposta do professor e andei até lá de cabeça baixa.

Eu me sentia... *Vulgar*. Mas, na verdade, aquilo tudo era muito natural para mim. Nunca tive vergonha ou culpa em relação ao meu corpo. Sempre

considerarei um direito natural poder mostrar a mulher que eu sou. Mas, aqui, a concepção era diferente. Escandaloso, pecaminoso.

Senti-me reprimida.

Entretanto, os alunos dessa Escola seguiam o manual de regras como uma Bíblia.

Lentamente, as pessoas foram virando as cabeças para frente e me deixando em paz. Em que sala de aula normal restaria lugares do fundo da sala?

Obviamente esta não era uma sala de aula normal.

Aqui, os alunos engomados disputavam pelos lugares mais próximos ao professor, sugando suas palavras entediadas com uma adoração quase religiosa. Seus livros, cadernos, uniformes, cabelos e tudo o que lhes pertenciam estavam perfeitamente passados, guardados, ordenados. Não havia ninguém dormindo ou desatento. Ninguém rabiscava nas mesas ou bocejava. A cada minuto que transcorria daquela aula, eu me chocava mais.

Observando cuidadosamente cada aluno, notei que todos eram extremamente desinteressantes. Não havia ninguém que chamasse atenção, ou se destacasse numa multidão. Alguns insinuavam traços de beleza, mas ostentavam expressões tão severas e olhos tão vazios que anulavam qualquer interesse.

Suspirei. Eram todos monótonos, cinzentos e robotizados, desprovidos de vida ou calor. Totalmente o oposto da minha natureza.

Seria um ano bem divertido.

Sr. Russell fez uma pergunta à turma, e uma menina ao meu lado levantou a mão tão alto que ele não pôde ignorá-la. Uma ansiedade nunca antes vista em meu antigo colégio.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Tem a palavra, Miss Collins – cedeu o professor.

Quando a menina pálida e meio magrela começou a falar sem parar, seu nome estalou em meu cérebro. Na porta do meu quarto, havia o meu nome e o da minha colega de quarto, uma tal de Megan Collins. Seria a mesma?

Megan tinha cachos castanhos e opacos, bem como olhos cinzentos sem qualquer calor. E, assim como todos no ambiente, nenhum vestígio de charme.

A menina corou quando percebeu que eu estava encarando. Lançou-me um olhar de soslaio, parecendo intimidada. Arqueei uma sobrancelha. Ela quase tremeu.

Sorri, satisfeita.

– Miss Valente, a senhorita gostaria de adicionar alguma coisa a fala de Miss Collins? – perguntou o professor num tom nada amistoso.

Virei-me para frente bruscamente, pega de surpresa. Tenha dó, não se podia nem encarar alguém em paz nesse lugar?

Olhei para a expressão de tédio do professor. Até Sr. Russell era inexpressivo. Como é que um colégio tão grande conseguia abrigar tanta gente sem graça?

Toda a sala me encarava. Alguns com desprezo, outros com curiosidade – e outros invejosos. Aparentemente, não eram todos que me consideravam uma vadia vulgar. Só não tinham coragem suficiente para ser tão ousados quanto eu.

– Hã, não. – Foi minha resposta brilhante. – Miss Collins já disse tudo o que era importante – adicionei para parecer mais convincente, embora não tivesse ideia de qual era o assunto.

– Certo – o professor ergueu uma sobrancelha, analisando com frieza meu uniforme modificado – então, sugiro que da próxima vez mantenha seu olhar na frente da sala, ao invés de vaguear sobre os outros alunos. Também sugiro que não ignore as normas do uniforme. A senhorita não é mais especial do que os outros para que possa usá-lo segundo sua própria vontade e fazer um horário pessoal. Compreendo que é uma novata, mas a escola não gira em torno de você.

Raiva borbulhou dentro de mim.

Considerarei todos os tipos de tiradas originais, que fariam os fiapos restantes de cabelo do Sr. Russell caírem. Mas decidi sorrir friamente e manter a elegância. Não lhe daria o prazer de me render uma suspensão logo no primeiro dia de aula.

Não que eu esteja me comprometendo a comportar-me durante o ano todo – é claro que não. Uma hora eu levaria uma suspensão – mas então ela seria bela, elegante e completamente merecida.

Raramente perco discussões, e ninguém iria gostar de me ter como inimiga.

– Muito obrigada pelos avisos. Agora me sinto muito mais orientada. Asseguro-lhe que isso não irá se repetir.

Sr. Russell ficou surpreso por um momento, mas rapidamente recuperou a compostura.

– Muito bem, então. Continuemos a aula – e virou-se para atacar outro aluno trêmulo. Como ele pôde perceber, eu não tinha nada de trêmula.

Embora todos se vestissem como *nerds*, notei, no decorrer da aula, que ninguém ali era especialmente inteligente. E, quando o era, Sr. Russell se mexia nervoso, parecendo desconfortável na presença da pessoa. Ele não

gostava de gente interessante.

Como ninguém ali prendia minha atenção, rasguei um pedaço de uma folha do caderno e escrevi um bilhete.

Você é Megan Collins?

Amassei-o e joguei na cabeça da menina magrela ao meu lado. Ela arregalou os olhos, estupefata com minha ousadia em plena sala de aula. Hesitante, sinalizou um sim com a cabeça.

“Meu nome é Lara Valente. Nós somos colegas de quarto!”, sussurei.

“Eu sei”, ela encerrou a conversa rapidamente e se virou, lançando olhares amedrontados para o professor.

Virei-me para frente com as sobrancelhas erguidas. Isso é o que eu chamo de um povo caloroso.

Na hora do almoço, saí da sala desanimada. Já me acostumara com todos os olhares sobre mim, mas não sabia muito bem como lidar com tanta frieza. Confesso que também me sentia bastante decepcionada. O garoto de olhos negros não saía da minha cabeça – ele não era do tipo facilmente esquecido. Deus sabe quantas mulheres já deve ter arruinado. Pensar que nunca mais iria voltar a vê-lo me causava... *Angústia*.

Era um choque de realidades. Aqui tudo se mostrava inexpressivo, ao passo que ele era uma memória viva, intensa. Pensar nele me lembrava cheiros e sensações interessantes.

Entrei numa fila e peguei minha bandeja do almoço. O refeitório do castelo era um salão enorme, cheio de longas mesas de madeira escura. No passado, ele certamente fora usado para bailes. O teto

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estendia-se por metros e metros de altura, repleto de candelabros pesados e gárgulas. Fiquei parada bem no meio, tentando decidir aonde me sentar.

As pessoas encaravam meu uniforme modificado, e os alunos mais velhos, notei, estavam de olho em mim; não sabia se isso era bom ou ruim, pois eles uniam suas cabeças e cochichavam, fitando-me sombriamente. Aprendi rapidamente que me destacar naquele lugar não era uma boa ideia.

Os alunos mais velhos da Sotrom eram mais desinteressantes que os mais novos. Parecia que a escola engolia o brilho e vigor da juventude, transformando todos em robôs exatamente iguais. A diferença entre os alunos do primeiro ano e os alunos mais velhos era quase palpável.

Enquanto eu andava por entre eles, notei um padrão: os calouros da Sotrom conversavam e, de vez em quando, até riam em suas mesas. Mas a partir do segundo ano, tornavam-se completamente sérios. Olheiras, expressões sombrias. Assim como Lucy, ostentavam atitudes paranóicas.

Alguns eram bem bonitos, mas pareciam fazer *força* para não se destacarem.

Meu cérebro tentava assimilar. Tudo era muito peculiar.

Eles cortavam os cabelos, usavam roupas feias e não passavam maquiagem. Lutavam para se tornarem invisíveis. Popularidade, aqui, não era algo desejável. Era um pensamento louco, e talvez não fizesse o menor sentido – mas eu não pude deixar de deduzir enquanto os observava: à medida que passavam mais tempo nessa Escola, os alunos escondiam seu brilho, beleza e talento, de modo a passarem despercebidos na multidão. Agiam como se não quisessem ser notados, como se fossem fugitivos. Quanto mais se misturassem, melhor.

Nunca vi um lugar em que os veteranos eram mais retraídos que os novatos. Aparentemente a Sotrom era o lugar mais estranho do mundo.

Minha colega de quarto me interceptou no meio do refeitório, convidando-me para sentar com ela. Ergui uma sobrancelha.

– Pensei que você não fosse muito com a minha cara.

– O quê? De onde você tirou isso? – Megan ficou confusa. Ela era meio vesga por trás dos grandes óculos.

– Hã, você não foi exatamente calorosa, não é?

– Ora, me desculpe! Mas você estava conversando *no meio da aula* – ela arregalou os olhos num tom sussurrante, como se estivesse me acusando de um crime.

Pisquei, incrédula. Ela parecia sugerir que eu traficava os órgãos de alguém.

– Hum. Foi mal.

– Tudo bem, já passou – ela me perdoou, soltando uma risadinha suína – vamos nos sentar, que tal?

Eu não estava podendo escolher.

Sentei-me numa mesa com cinco garotas, nenhuma com qualquer atrativo em especial. Ou eram pouco, ou medianamente inteligentes e bonitas. Suas piadas não tinham graça, seus comentários nada espirituosos e agiam de forma muito infantil.

Minha pele era branca como o leite, mas ficara perpetuamente bronzeada devido aos meus dias incansáveis na praia. Minhas novas amigas ficaram chocadas por eu ser branca e vir do Brasil. Gargalhei tão alto que chamei a atenção de todo o refeitório. Deveria ser uma brasileira

decepcionante para elas. Não sabia sambar e não gostava de Carnaval. Mas se havia uma coisa que eu gostava... Isso era futebol. Jogava melhor que muito homem por aí.

– Vejam bem, o Brasil é uma mistura de etnias. Você encontra desde afro-descendentes até loiros dos olhos azuis. Na parte em que os turistas não vêem, há brancos, pardos, índios e negros. Muita pobreza e muita riqueza.

“Humm”, elas murmuraram, visivelmente decepcionadas. Em suas fantasias, no meu país nunca chovia, todo mundo saía sambando pela rua e o Carnaval durava o ano todo. Elas não conheciam a realidade de um povo trabalhador, que lutava contra a pobreza e a violência, de forma a conquistar seu espaço no cenário mundial.

Tentei ser otimista e encontrar algum interesse na conversa – mas todas eram entediadas demais. Ninguém ali surpreendia, arrebatava, me fazia rir ou me emocionava. Acostumada ao ritmo frenético do Brasil, cheio de calor e diversidade, eu me sentia no meio de um monte de mortos-vivos.

Sentada à mesa com uma penca de estranhas, eu vi a primeira pessoa nesse lugar que era de algum modo relevante. No meio de tanta gente opaca, uma garota se destacava. Ela estava sentada sozinha no fundo do refeitório, em uma mesa vazia e isolada. Ao contrário de inspirar uma concepção de fracassada insociável, ela parecia a mais expressiva de todos ali. Elegante e misteriosa, interessante demais para se dar ao trabalho de ouvir a conversa vazia dos outros alunos.

Sua pele não era tão pálida quanto às dos outros. Cabelos negros e sedosos caíam até a cintura. A menina tinha cerca de vinte anos, traços fortes, retos e perfeitos, olhos completamente negros.

Quando eles se voltaram para mim repentinamente, virei o rosto, corando. Aqueles olhos ardiam, parecidos demais com o garoto que avistei no

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

corredor. Ela era alta, esbelta e linda como ele. Seus olhos tinham a mesma arrogância e mistério. Imaginei que só podiam ser parentes.

Aquilo me animou. Ela poderia ser um canal de ligação até o garoto. Havia uma ânsia dentro de mim – eu simplesmente precisava encontrar-lo.

Ele era... *Extraordinário*. Nenhuma outra palavra se encaixava melhor a ele.

Fingindo casualidade, sussurrei para Megan.

– Quem é ela?

– Oh – Megan seguiu meu olhar, percebendo imediatamente de quem eu estava falando – Aquela é Alexandra Ivanovick, ela é russa. O sotaque dela é a coisa mais inacreditável do mundo, você tem que ouvir algum dia. Isto é, se ela se der ao trabalho de falar com você. Eu mesma ouvi por acaso. Alexandra nunca fala com ninguém.

Humm. Russa. Se fosse parente do garoto de olhos negros, ele também deveria ter vindo da Rússia.

Era provável que tivesse vindo visitá-la, considerando que não estudava aqui.

– Por que nunca fala com ninguém? – mantive a voz falsamente desinteressada.

– Não sei, parece que caiu em algum tipo de depressão, eu acho. Tem uma histórica trágica. A irmã gêmea dela, Alicia Ivanovick, morreu assassinada no ano passado. Só ela restou. Agora sempre anda sozinha.

Meu queixo caiu.

– Puta merda, quantas pessoas já morreram nessa escola?

Elas se assustaram com o meu palavrão, mas rapidamente se recuperaram.

– Mais do que você imagina. – Megan seguia adorando ser o centro de atenções das amigas, que a essa altura já uniram as cabeças para ouvir a conversa. – Houve um grande incêndio há uns vinte anos que matou mais de cem alunos. Um escândalo total. Mas o caso foi abafado e nem mesmo saiu nos jornais. O estranho é que não foi a primeira vez. A ala leste do castelo já foi reconstruída várias vezes, e sempre incendeia, de anos em anos, matando vários alunos. Isso sem contar nas mortes inexplicáveis por doenças repentinas, assassinatos e outras causas mais que acontecem aqui com frequência. – Megan inclinou a cabeça e falou num tom conspirador. – Dizem por aí que existe um assassino nessa escola, mas isso para mim é fofoca.

– E mesmo assim a Sotrom continua funcionando? – eu me encontrava estarecida.

– É claro – uma tal de Lauren se pronunciou. – É assim que funciona aqui. Com alunos ou sem alunos, o ensino não pode parar.

– Mesmo que eles ensinem para fantasmas – completou outra, e todas deram risadinhas. Eu não ri. Essa história era macabra demais para não ser levada a sério.

– Mas os pais dos alunos não fazem nada a respeito? Todas essas mortes e incêndios não podem deixar uma escola funcionando por muito tempo. Certamente os pais devem perceber que seus filhos estão voltando para casa em caixões.

– Bom, a Sotrom é muito boa em abafar escândalos. Além do mais, por ser uma escola que só aceita filhos de famílias importantes e ocupadas, alguns pais abandonam seus filhos aqui e nem sabem ainda que eles morreram. É o caso da Mayumi Keiko, que morreu no começo desse ano. Como as notícias só podem ser enviadas por meio de cartas, a escola está esperando até o ano letivo terminar para comunicar aos pais dela.

– *O quê?! – quase berrei. – A menina já morreu há quase um ano e os pais dela ainda não sabem?!*

Mayumi Keiko. O nome estalou em minha memória. A dona do diário rasgado na mesa da diretora. Meu Deus, a menina estava morta! Seria aquilo uma prova do crime?

– São as regras da escola – Megan deu de ombros. – Ninguém pode sair daqui até o ano letivo terminar.

– Nem se esse alguém estiver *morto?*

– Nem mesmo num caixão – ela suspirou.

Recostei-me em meu lugar, completamente sem reação. Essas pessoas eram loucas. Não abriam mão das regras nem nos casos mais extremos. Tratavam-nas como se fossem entidades, e não simples palavras impressas em papel.

– Lara, você está bem? – perguntou uma menina de olhos úmidos e nariz grande demais. Minha cara deveria estar mesmo assustadora, pois todas pareciam preocupadas.

– Contem-me uma coisa, aqui nós temos um coveiro?

Megan estranhou a pergunta, mas respondeu mesmo assim.

– Sim, o Sr. Field. Ele também é uma espécie de “faz tudo” do colégio, carrega malas, limpa as salas...

Algo como zelador. Mas sua principal função é enterrar os alunos. Muita gente morre por aqui, e nós temos um cemitério no pátio de trás.

Fitei-a por um longo segundo. Não podia estar falando sério.

– Você está de brincadeira. – Um cemitério *em plena escola?*

– Não – respondeu Megan, cuja expressão morta não parecia nem saber qual era o significado de “brincadeira.”

– Isso não é uma escola, é um hospício – comentei baixinho, mais para mim mesma. Calei a boca e comecei a comer meu almoço, enquanto as meninas ao meu redor continuavam com sua conversa insignificante.

As pessoas já tinham parado de me encarar – exceto uma. Quando eu ergui a cabeça, percebi que Alexandra Ivanovick desviou o olhar rapidamente.

Por algum motivo insondável, eu tinha aqueles olhos negros ardendo em minha direção.



Éramos proibidos de voltar aos dormitórios enquanto as aulas não terminassem, portanto tive que me virar nos banheiros. Na frente de um espelho empoeirado, abaixei a saia, abotoei o resto dos botões, consertei a gravata, soltei o cabelo e tirei as os brincos dourados de argolas. Exceto meu bronzeado e uma leve maquiagem, eu me parecia exatamente como qualquer um dali.

O resto do dia se seguiu terrível. Nenhum professor gostou de mim. Eu falava em horas errôneas, olhava para o teto, desenhava nas mesas e dormia durante as aulas. Fui expulsa de duas e levei bronca no resto delas. De formas nada positivas, sempre me tornei o centro das atenções.

Fiquei aliviada quando, no último horário, pude escolher entre

Literatura Inglesa e Artes Visuais. Como não me dava bem nem com livros de receitas, escolhi Artes Visuais. O estúdio era exatamente igual a todas as salas, mas Miss Antonela Favoretto, professora de artes da Sotrom, tornou o lugar iluminado e aconchegante.

A sala tinha amplas cortinas e candelabros, de modo que, mesmo de dia, pudéssemos pintar a luz de velas. Sentei-me na frente de uma tela branca, rodeada por pincéis e potes de tinta – e pela primeira vez me senti em casa. Miss Favoretto era uma bela morena italiana, sendo a primeira professora a me tratar bem. Sem falsa modéstia, mostrei-a todo o meu talento, e Miss Favoretto gostou de mim.

Ela também parecia carregar o sol das terras quentes dentro de si. Nos identificamos de imediato.

Meu sorriso morreu quando a garota dos perturbadores olhos negros, Alexandra Ivanovick, entrou na sala. De rompante, sem olhar para ninguém. Suas íris arrogantes eram extremamente iguais as do garoto do escuro – tão idênticas que me desconcertaram. Assim como o garoto deveria levar mulheres à loucura, essa menina arrebatava todos os homens da sala.

E estava pouco se lixando para todos eles.

Alexandra Ivanovick me lançou um olhar enigmático e se sentou em seu respectivo lugar. Senti calafrios.

Era a segunda vez que a menina me olhava. *Por quê?*

À medida que a Ivanovick foi pintando, senti-me humilhada. Minha surfista de longos cabelos louros, olhando o pôr-do-sol na praia, parecia um boneco palito se comparado à pantera negra que ela estava pintando.

A pantera tinha olhos estranhos, diamantinos. De todos os ângulos que eu a olhasse, parecia estar fitando diretamente a mim. Sinistro.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Saí da aula com um baque na autoestima.

As aulas terminaram e pude voltar ao meu quarto. Deveria estar fazendo a montanha de deveres de casa que me foram passados, mas estava tão exausta que acabei dormindo o resto do tempo. Na hora do jantar, voltei ao enorme refeitório medieval do castelo e me sentei com as amigas entediadas de Megan. Agora que sabiam que eu era uma van Pelt, todos estavam olhando para mim, analisando minha pele mais bronzeada que a deles, minha risada borbulhante e escandalosa, meus hábitos práticos e minhas piadas obscenas. Ali todo mundo era tão sem graça que eu me destacava sem fazer esforço.

Mesmo vestida como uma total fracassada, por algum motivo eu tinha a atenção de todos no salão. Os mais novos, fitavam com uma espécie de admiração. Os mais velhos, de uma forma sombria, como se quisessem me transmitir um aviso.

Quando voltamos para nossos dormitórios depois do jantar, uma menina do quinto ano me interceptou no corredor lotado de garotas que voltavam apressadamente para seus quartos.

– Ah, graças a Deus te encontrei, Lara! – pegou em meus ombros com tamanha ansiedade que, por um segundo, pensei que fosse me jogar na parede e me bater. Ou me lascar um beijo.

Faltava um parafuso no povo dessa Escola. Pisquei atordoada.

– Humm, oi.

– Enfim nos conhecemos. Meu nome é Rebecca Brooke, eu sou sua guia por este ano. Podemos conversar em algum lugar mais reservado?

– Guia? Tipo guia turístico? – ergui uma sobrancelha.

– Mais ou menos isso. Você pode me chamar de orientadora, todos os

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alunos novatos têm uma. Eu fui a escolhida para você. Inscrevi-me por causa de pontos extras, sabe como é. Mas podemos conversar em outro lugar? Corredores não são seguros. – Ela olhou de um lado a outro no corredor que esvaziara rapidamente. Lá estava outra vez à atitude paranóica. O que eles tinham medo de ver nesse lugar, afinal?

Aqui todo mundo entrava nos quartos quase imediatamente depois que as aulas terminavam. Não compreendia o seu histerismo, mas não tinha interesse em desencadear um ataque cardíaco em Rebecca Broke. Já era quase noite, e esse fato causava pânico por aqui.

A garota ruiva ostentava sardas e olhos azuis chamativos – muito embora seu rosto não contivesse traços harmoniosos. Não poderia ser considerada bonita. Possuía movimentos rápidos e meio histéricos; estar em sua presença afobava qualquer um.

Entramos no quarto, e pedi a Rebecca para se sentar na minha cama. Ela disse que seria rápida – não queria voltar para o seu quarto no escuro.

Megan saiu do banheiro, meio surpresa por termos visita. Ofereceu um sorriso educado à Rebecca.

– Você é a guia da Lara?

– Sim, sou Rebecca Brooke, mas pode me chamar de Becca. E você é Megan Collins, não é? Ouvi falar muito da sua família. São banqueiros famosos, não são?

– Sim – Megan corou.

Não me surpreendi. Que família por aqui não era rica ou famosa, afinal?

– Humm, você é a protegida da minha amiga Louise – Becca observou e Megan não soube muito bem o que fazer com essa informação. Essa tal de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Louise devia ser a “guia” de Megan.

Becca se virou para mim.

– Então, Lara Valente, nunca ouvi falar de sua família.

– Sou brasileira. Nunca frequentei o círculo social de vocês.

– Ah – Becca não pareceu satisfeita com minha explicação. Minha família deveria ser *alguma coisa* para ter conseguido me colocar na Sotrom.

Megan veio em minha ajuda com uma explicação mais coerente.

– É porque Lara usa o sobrenome da mãe. Mas, na verdade, ela é a herdeira dos van Pelt.

– Como é que você sabe dessas coisas? – encarei-a, boquiaberta. Pensava estar fazendo um ótimo trabalho ao esconder minhas origens.

– As fofocas correm rápido por aqui – Megan deu de ombros. Becca arregalou os olhos com a informação.

– *van Pelt*? Não é a toa que você foi aceita aqui no meio do ano. Sua família é uma das mais influentes do Ciclo.

– Que ciclo? – ela estava falando aramaico para mim. Becca riu.

– Dá para ver que você não entende muito das coisas daqui.

Megan interveio.

– O Ciclo é formado pelas cem famílias que fundaram a Escola dos Sotrom, advindas de vários países. Resolveram que a Inglaterra seria a sede, e os van Pelt tiveram muita influência nessa escolha. Isso foi há quase mil anos, e só os descendentes dessas famílias podem se tornar alunos da Sotrom.

– Pois é – emendou Becca – a Escola dos Sotrom foi fundada a partir de uma espécie de seita formada pela união secreta dessas famílias. É

resultado de algum tipo de conspiração ou sei lá o quê.

– Que coisa mais sinistra – observei.

– Realmente, mas não é disso que vim falar – Becca era tão prática quanto eu. Olhou para a janela e viu que o pôr-do-sol estava quase chegando; de repente, apavorou-se. Não queria perambular pelos corredores no escuro. Tirou um grande livro da mochila. – Este é o livro da Sotrom que todo aluno recebe. Aqui você poderá ver nossos ex-alunos e suas conquistas. Sabe, um diploma da Sotrom vale muito no mercado. Eles nos obrigam a ler isso para valorizarmos mais o ensino. Nada modestos, como pode ver – ela estalou a língua em desaprovação. – Bom, se precisar de alguma coisa é só falar comigo. Posso te ajudar nos estudos ou te guiar pela escola, de modo que não fique perdida nos corredores. Mas somente durante o dia, é claro – adicionou em tom de aviso.

– Hum, certo – senti que ela necessitava de uma confirmação.

– Bom, agora eu vou indo, porque já são quase oito horas.

– O que eles iriam fazer com você caso burlasse o toque de recolher? – não pude me refrear de perguntar. Becca agia como se quebrar essa regra fosse cometer um crime.

– Não sei – ela franziu as sobrancelhas meio tortas. – Nunca experimentei para saber.

– Então você só tem medo do escuro? – ergui as minhas, provocando-a. Becca sorriu enigmaticamente, mas o sorriso não chegou aos olhos.

– Você também deveria ter – e saiu do quarto.

Deitada em sua cama, Megan observou.

– Ela me dá medo.

– Me dá medo também – concordei. – Esse pessoal mais velho é tão estranho.

– Não é? Parece que eles sabem de alguma coisa que nós não sabemos.

Rapidamente nossa conversa findou, e como era contra meus princípios fazer tarefas de casa passadas por qualquer professor, deitei-me em minha cama, com o livro que Becca me dera nas mãos.

Capa de couro azul, grande e elegante. Lá dentro, encontrei fotos de vários ex-alunos – inclusive os que já morreram!

Estarreci-me quando o livro mostrou as fotos dos alunos mortos no grande incêndio de 1990. Cento e trinta alunos morreram – uma verdadeira exterminação. Não entendia como a Sotrom continuava funcionando depois de um episódio tão macabro em sua história. Um décimo dos seus alunos morreu de uma só vez – e a Escola não parecia estar nem aí.

Havia um fator curioso: todos os alunos vítimas do incêndio eram fascinantes. Todos tinham um fator que encantava. Se não fossem beldades, tinham olhos inteligentes, algo de peculiar, de excêntrico. Nenhum deles passaria despercebido. Era um padrão muito claro: *peessoas interessantes*.

Seus nomes saltavam na frente dos meus olhos, soando hipnotizantes.

Amy Turnage, Santiago Ávila, Ian Armstrong... Eram pessoas perfeitas, sensuais, com sorrisos enormes, brilhantes e olhares maliciosos. Como se soubessem que, mesmo após vinte anos de suas mortes, permaneciam inesquecíveis. Pessoas que influenciavam, criadoras de tendências. Suas memórias ainda reinavam.

Muito, muito diferente dos atuais alunos da Sotrom.

Nunca vira tanta gente interessante e bonita em um só lugar. Como no passado a Sotrom pode ter abrigado pessoas com tanto brilho e, hoje, alunos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

completamente apagados?

Envolvida, folhee o livro até o final, acostumando-me às pessoas que estampavam as folhas, seus interesses, suas belezas, suas conquistas...

Foi então que aconteceu. Na última página, uma foto me fez sentar bruscamente e engasgar. O susto foi tanto que a saliva desceu por onde não deveria. Arfei com falta de ar.

– Você está bem? – Megan também se sentou, meio assustada. Recuperei-me a tempo de esganiçar.

– Venha ver isso! – meu dedo comprimia a foto.

Era ele. O garoto dos olhos negros.

Fitava-me da foto em preto e branco de uma forma totalmente arrogante, seu brinco na orelha esquerda desafiando as regras de aparência do colégio, o boné – provavelmente vermelho, não dava para ver na foto sem cores – com a aba virada para trás, tirando o cabelo negro do rosto.

Eu quase pari um filho de tanto susto ao vê-lo bem ali, na foto a minha frente. Àquela altura, eu já estava pensando que ele era uma aparição do escuro, ou só uma invenção da minha imaginação.

Mas me enganei.

O garoto dos olhos negros era real – e havia estudado na Sotrom, pois usava na foto o uniforme com a insígnia do colégio. Senti um calor no peito. Aquilo me interessava mais do que eu podia explicar.

Megan pulou para a minha cama, e sua boca se escancarou quando viu a foto.

– Mas o que... O que é *isso*?! – seu queixo se abriu em uma cratera. – Estou com uma sensação estranha no peito. Acho que é amor – e aproximou a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

foto do rosto para ver melhor, um sorriso bobo nos lábios pálidos.

– Eu sei – suspirei, fitando aqueles olhos negros que engoliam a sanidade de qualquer mulher. – Inacreditável... – murmurei mais para mim mesma, ficando surpresa quando Megan concordou. Quase me esqueci dela ali.

Repentinamente me situei. Toda aquela situação era muito desconexa.

O cara não estava mais na Escola dos Sotrom. Sua beleza era ridícula. Minha reação também era ridícula. Era um homem inatingível – e fim de papo. Deixei que Megan se apaixonasse sozinha.

– Corrija-me se eu estiver errada, mas ele é a cara da Alexandra Ivanovick – Megan observou.

– Também acho.

Era um fato.

– Não são os traços... Os dele são mais fortes, os dela mais delicados...
– Megan franziu a testa, passando os dedos sobre o rosto do garoto em preto e branco. – São os olhos. Eles...

– *Ardem* – completei, fitando-os completamente hipnotizada.

Paixões platônicas não eram do meu feitio, mas aqueles olhos pegavam fogo. Eram escuros, sinistros e arrogantes. *Decifra-me ou devoro-te*, diziam. Ainda que impressos num papel sem graça, eles simplesmente... Incendiavam.

Mesmo na foto, o garoto tinha o queixo erguido e olhava a todos de cima. Seu cabelo negro caía pela testa, farto e sedoso. Maxilar forte trincado, o brinco reluzindo com o *flash* da câmera.

Desafiador.

Afastei o livro e parei de olhar. Não estava a fim de me tornar obsessiva.

– Melhor não ficar olhando por muito tempo. Não irá fazer bem para a nossa sanidade.

Megan tomou o livro das minhas mãos, levando-o para sua cama.

– Eu sei, mas não *consigo* parar de encarar – ela tinha a expressão meio insana. Aparentemente, o garoto de olhos negros também exercia seu efeito incendiador sobre ela. Ele não afetava nossos corações; afetava nossos *corpos*, se é que você me entende. – Deus. Estou sentindo a paixão chegando. Está no ar.

– Só se for gás tóxico. – Fiz uma careta de repulsa diante do olhar apaixonado de Megan. Do amor eu queria muitas coisas – inclusive distância.

Eu não era uma fã.

Aos dezoito anos, coloquei-me fria como as montanhas do Ártico, e não seriam aqueles olhos de fogo a me derreter.

– Que estranho, não tem nenhum nome – Megan observou, tirando-me do meu devaneio.

– Pois é – a foto do garoto ocupava quase toda a página, mas não havia nenhuma informação sobre ele. Nem um mísero nome.

Megan folheou o livro, inconformada.

– Todas as outras fotos têm os nomes dos ex-alunos. Por que *só a dele* não tem?! – ela estava exasperada. Fiquei feliz em saber que não era a única obsessiva. – Será que ele é algum tipo de aparição que não tem nome nenhum, e veio parar nesse livro por acaso?

Gargalhei.

– Volta para essa dimensão, minha filha! É apenas um cara lindo demais para querer ser encontrado. Imagine quantas garotas o interceptariam nas redes sociais se ele colocasse o nome aí. Não daria conta de todas as declarações desesperadas de amor.

– Eu com certeza seria uma delas – Megan suspirou, deixando o livro de lado e deitando-se debaixo dos cobertores. – Embora eu saiba que nunca teria chance com alguém como ele.

Fitei-a, repentinamente penalizada. Megan era de fato uma criaturinha inexpressiva, mas tinha cativado meu coração. Eu estava pronta para brigar por ela.

Tal reação superprotetora me surpreendeu. Não era típico de mim. Geralmente, eu pensava em bater nas pessoas. Não protegê-las.

– É claro que você teria chance, Megan – menti. Mas depois me obriguei a encontrar alguma verdade.

Eu não era uma vaca completa, embora parecesse. – Qualquer um que te conhece pode ver o quão encantadora você é.

– Obrigada – ela sorriu desanimada – mas não precisa mentir para fazer com que eu me sinta melhor. Não tenho o seu charme. Sou conciente disso.

– Ah, pare. É tudo sobre química, pele, beijo. Além do mais, gostos são muito individuais. – *Isso* era verdade.

– Sabe quem teria uma chance com ele? – Megan sussurrou depois de algum tempo em silêncio.

– Humm? – eu abri os olhos. Já estava quase dormindo. Não eram nem nove da noite, e eu me encontrava exaurida. O dia fora cansativo, cheio de expulsões e broncas. Ironizei tanto os “fracassados da Sotrom” que dormiam

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cedo, que agora pagava pela minha língua. Em breve, eu me tornaria tão seca e sem vida quanto eles.

– Mayumi Keiko.

– A menina que morreu no começo do ano? – não queria ter essa conversa no escuro.

Arrepiava-me pensar nos alunos que morreram misteriosamente neste lugar – especificamente essa garota. Eu tinha quase certeza que vira uma prova do crime em cima da mesa da diretora. O diário rasgado por uma luta com um assassino... E as manchas poderiam ser... *Sangue?*

Arrepiei-me. Talvez ela não tivesse sido assassinada. Talvez simplesmente tenha morrido de pneumonia. Ando assistindo filmes demais.

Megan não tinha a mínima consciência da direção sombria dos meus pensamentos.

– Sim, ela era absolutamente *linda*. Uma japonesa de olhos azuis. Inacreditáveis. Mas gente muito bonita nunca dura nesse lugar.

Que frase peculiar.

– Megan, como essa garota morreu?

– Foi assassinada. Aqui no colégio.

Olhei para ela bruscamente.

– Está brincando. – “Assassinato” era só uma opção na minha imaginação. Mas na vida real? Não. Inaceitável.

– Não brinco com essas coisas – Megan deu de ombros. – Não pegaram o assassino ainda. Acho que, se não descobriram até agora, não vão descobrir mais.

Deus. Esse colégio era mais bizarro do que eu pensava. Alunos morriam aqui e ninguém parecia se importar.

– E você... Você a conhecia? – não conseguia parar de pensar que aquelas manchas no diário de Mayumi Keiko poderia mesmo ser sangue.

– Muito pouco. Ela morreu assim que eu entrei no colégio. É estranho falar sobre ela, considerando que ela dormia exatamente aí, onde você está.

Saltei da cama, apavorada.

– *A menina que dormia aqui, neste exato lugar, morreu?* – minha voz saiu histérica. Eu me abraçava ao travesseiro como se tivesse oito anos.

– Sim – Megan arregalou os olhos para minha reação.

– Ai meu Deus! – E eu estava na *cama* dela? Pulei para a cama de Megan. – Chega para lá, porque eu vou dormir com você.

Megan riu, chegando para o lado e me dando espaço. Enfie-me debaixo do cobertor e fiquei só com os olhos para fora.

– Você não bate muito bem, garota – comentou, risonha.

– Se eu não posso ver o espírito maligno, o espírito maligno não pode me ver. – Essa era a minha lógica genial.

– Faz sentido – Megan revirou os olhos.

– Eu sei. Agora cala a boca. Mas não durma enquanto eu não dormir, senão eu irei ficar te beliscando até você acordar. E garanto que isso vai ficar roxo, branquela – ameacei. E era boa nisso. Tanto em ameaças quanto em beliscões.

Megan acreditou, pois manteve os olhos bem abertos enquanto eu não dormi. Coitada. Pela manhã, fiquei com pena dela – mas na hora do desespero usei todas as minhas armas.

Megan acordou mais cedo que eu, deflagrando uma verdadeira luta para me tirar da cama na hora em que o despertador tocou. Eu parecia uma morta-viva na frente do espelho. Megan não aguentou esperar e foi na frente. Prometi que em breve a alcançaria, mas era mentira. Muito provavelmente eu voltaria para a cama.

Vesti o uniforme normalmente, sem me enfeitar demais. Não queria parecer uma aberração no meio de tantas pessoas entediantes. Quando saí do quarto e fechei a porta, virei a cabeça bruscamente, pois algo me chamara atenção. Todas as portas dos quartos tinham os nomes dos seus ocupantes. Mas onde ontem à noite lia-se somente o meu nome junto com o de Megan, hoje havia mais um.

Megan Collins

Lara Valente

Mayumi Keiko

– *Putá merda!* – engasguei, virando as costas e correndo. Alguém colocou o nome da menina morta de volta na placa! Como se ela ainda residisse no quarto e não tivesse ido embora.

Como se ela... Morasse conosco. Mesmo depois de morta. Que coisa mais *psicótica*.

Entrei no grande salão completamente atordoada. Sentei-me na mesa com as amigas de Megan, sem conseguir formar uma palavra de bom dia.

Elas rapidamente notaram meus olhos arregalados.

– Lara, você está pálida – observou uma menina chamada Emily. Não deixei de observar que ela tinha graves problemas de pele.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Megan se exasperou.

– Nossa! Você está tão branca quanto... Quanto eu! Está passando mal? Quer que eu te leve para a enfermaria?

– Não, não, eu tô legal – respirei fundo, empurrando o pânico para dentro. Contaria mais tarde a Megan, quando estivéssemos sozinhas. Não queria fazer um estardalhaço.

Mudando de assunto, Megan pegou o livro com foto dos ex-alunos na mochila. Seus olhinhos minúsculos brilhavam.

– Vocês não vão acreditar no que tenho aqui!

Arregalei os olhos para ela. Ela estava obsessiva!

– O diário dos ex-alunos da Sotrom – Aubrey levantou uma sobancelha. – Todas nós temos um desse.

– A versão editada, minha querida – Megan tinha um ar de superioridade. – Nesse ano incluíram os alunos falecidos no grande incêndio. O que eu tenho aqui é ouro.

Megan mostrou a foto perturbadora do garoto, o que deflagrou uma explosão de gritinhos afogados.

Suspirei. Estávamos vivendo uma epidemia? Sinceramente.

Esse homem me perseguia. O cara não estava mais na Escola, e mesmo assim sua presença pairava entre nós, exigindo atenção. *O que ele tinha?*

Enquanto as meninas confabulavam sobre a foto, extasiadas, meus olhos vagaram pelo enorme refeitório. Embora fosse dia, a luz não conseguia transpassar completamente os vitrais coloridos cheios de desenhos medievais, por isso os castiçais de velas permaneciam sempre acesos.

Senti um olhar sobre mim, impossível de ignorar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Timidamente, levantei meus olhos e dei de cara com Alexandra Ivanovick me encarando de sua mesa isolada. Suas pupilas negras arderam por um segundo e depois se desviaram, arrogantes e indiferentes.

Era a terceira vez que eu a pegava me encarando. Seus olhos eram tão parecidos com o do garoto da foto que eu não sabia se ficava empolgada ou amedrontada. Assim como ele, a menina não era nada calorosa. Qual o fundamento de seu interesse em mim?

Becca, minha guia, interrompeu meus pensamentos, jogando-se ao meu lado na mesa. As meninas ficaram excitadas por ter uma aluna do quinto ano em nosso pequeno grupo. Não que isso fosse grande coisa. Os alunos mais velhos eram mais sem graça ainda.

– Estava pensando no namorado? – Becca me deu um cutucão. Ela não sabia falar baixo, portanto metade do refeitório olhou para mim. Alexandra Ivanovick levantou uma sobrancelha enigmaticamente.

Maravilha.

Dei um sorriso tímido, querendo estrangular Becca. Por algum motivo, sentia necessidade de impressionar Alexandra.

– Ninguém se candidatou ainda.

– Ah, pare. Você é a sensação da escola. Veja como todos estão olhando para você – ela riu, e as pessoas que nos encaravam viraram os rostos rapidamente, corando.

– Sei – mastiguei outro *croissant*, desanimada.

As pessoas não me encaravam porque estavam interessadas – e sim porque Becca não conversava

falando, mas gritando como uma hiena. O estranho seria se elas não

olhassem.

Quando o resto do grupo parou de prestar atenção em nossa conversa, Becca inclinou a cabeça mais perto para falar comigo.

– Então, você está precisando de ajuda em alguma matéria? Pelo amor de Deus, fale que sim. Tenho que dizer que te auxiliei em *alguma coisa* para o meu coordenador, caso contrário não ganho os pontos extras.

Bom, eu não era idiota em recusar ajuda quando ela vinha em uma bandeja. Embora eu não tivesse a mínima intenção de estudar, aprender alguma coisinha não iria me matar. Além do mais, não queria dar o gostinho ao professor Russell de me dar um zero.

– Humm, História está meio complicado. Eu amo a matéria, mas o professor não ajuda. Já passou uns quinze trabalhos e eu não sei fazer nada. Além disso, ele não gosta muito de mim.

– Maravilha! – Becca se animou, como se ser odiada fosse algo bom. E era. Para *ela*. – Então vamos marcar de estudar hoje à noite, as nove, na sala de aula do Sr. Russell mesmo, pode ser? – ela não esperou minha resposta e pegou o livro das mãos de Megan sem nenhuma cerimônia. – O que você tem aqui?

Fiquei com a pulga atrás da orelha. Ela estava sugerindo que burlássemos uma regra para estudar as nove da noite, perambulando sozinhas pelo castelo?

Meu lado sério não gostou muito da ideia – o problema é que eu nunca levei esse meu lado sério muito a sério.

Becca não me dera a oportunidade de contestar, portanto resolvi deixar rolar para ver o que aconteceria. Não perdia a chance de quebrar uma boa regra. Esse lugar precisava de *alguma* agitação.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Oh, meu Deus! – Becca gritou ao ver a foto. Sempre discreta. – O irmão da Alexandra! Já ouvi falar muito dele. Que *gato* – ela colou a página do livro contra o nariz, querendo observar os detalhes da foto.

Contive minha empolgação secreta. Então ele era mesmo irmão da Alexandra Ivanovick! Ou seja – seu nome era Fulano de Tal Ivanovick. Já era um começo, não?

– Tomara que ele venha visitá-la algum dia – suspirou Megan, sonhadora. As outras concordaram.

Becca tirou os olhos do livro, a expressão estranha.

– Alunas do primeiro ano... Percebe-se logo que vocês não entendem muito daqui, não é?

– Como assim? – Megan se encontrava apreensiva. – Falei alguma besteira?

Becca suspirou, colocando o livro debaixo dos braços e pegando minha mão. Levantou-se, me carregando junto.

– Vem, Lara.

Não tive muita escolha a não ser sair tropeçando atrás dela, uma vez que Becca me arrastava pelo pulso como se eu fosse seu *poodle* na coleira. Deixamos Megan e suas amigas completamente atônitas para trás.

– Ei, para onde estamos indo? – tentei manter um pouco da minha dignidade. Em pleno salão lotado de alunos, ela me arrastavam sem nenhuma cerimônia.

– Para mesa de gente menos idiota – ela informou simplesmente.

Becca me jogou numa mesa com cinco alunos do quinto ano. Três meninas e dois meninos. Obviamente todos opacos e inexpressivos. Mas não

havia inocência neles. Tinham um ar de esperteza. Um ar de quem *tramava*.

– Pessoal, essa é a Lara van Pelt.

Todos ergueram as sobrancelhas ao ouvir meu nome, trocando olhares enigmáticos entre si.

Analisavam minha pele bronzeada, meu vocabulário descarado e minhas gargalhadas. Quanto mais eu me destacava na mesa, mais eles me encaravam, satisfeitos – como se eu fosse um experimento de laboratório que eles estivessem criando.

– Olhe só o que temos aqui – Becca abriu o livro na página da foto do garoto.

As três meninas soltaram exclamações reprimidas, corando e analisando ao redor, na esperança de ninguém ter visto. Os garotos reviraram os olhos.

– Lá vem você de novo, Becca, com sua obsessão pelos Ivanovicks – disse o que se chamava Richard.

Elea tinha os dois dentes da frente tortos. Procurei não ficar encarando.

– Não é obsessão – Becca se defendeu – é fascinação, ora. Eu tinha visto a foto da família em um quadro da sala de troféus no terceiro ano. Parece que eles eram esportistas, intelectuais e gênios do computador, ou algo do tipo. Cada um tinha um talento. Eles são fascinantes! Pena que na Sotrom só tenha sobrado a Alexandra – Becca suspirou desanimadamente, passando os dedos pela foto do garoto.

Ele nos encarava da foto em preto e branco, seus olhos hostis, pegando fogo; o maxilar musculoso erguido, desafiador. *Perdeu alguma coisa aqui?*, eles diziam.

“Perdi tudo aí, inclusive minha sanidade”, eu pensei, suspirando mentalmente. Seus olhos eram tão arrogantes que me indignavam, desconcertavam-me. Ao encará-lo, sentia-me desconfortável em minha própria pele – e, de repente, quem estava ardendo era eu.

Deus. Estou louca. Obcecada por uma foto.

Becca parecia tão miserável quanto eu, por isso quis animá-la.

– Bom, pelo menos eles vêm visitar Alexandra com frequência. Da próxima vez, talvez você consiga vê-los.

Seis pares de olhos chocados me encararam bruscamente. Algumas pessoas me fitaram de boca escancarada, scandalizadas. Outros, penalizados, como se eu fosse louca.

– O que você acabou de dizer? – Becca me encarava de olhos arregalados.

Busquei entender meu erro. Parecia que eu acabara de confessar um crime.

– Hã, falei que eles devem visitar Alexandra com frequência. Eu mesma vi esse garoto da foto há dois dias, quando cheguei ao colégio. Ele estava no corredor do dormitório das meninas. Pode perguntar para a Lucy – adicionei, sentindo que precisava de um álibi.

Todos ainda me fitavam atônitos. Expressões sérias demais para ser uma brincadeira.

Becca ergueu uma sobrancelha, falando tão devagar que parecia conversar com alguém mentalmente incapaz.

– Lara, isso é impossível. Você não pode ter visto esse garoto.

– Humm, mas eu vi – conclui, falando igualmente devagar. A criatura

estranha nessa mesa era ela, e não eu.

– Lara... – Becca perdeu as palavras por um segundo. – Impossível. A família Ivanovick está toda *morta*. Esse garoto já morreu há anos.

Capítulo Três

No primeiro instante, meu cérebro deu curto e tudo ficou branco. E então voltou a funcionar na velocidade máxima, arrumando mil pontes e ligações na tentativa de explicar o que havia acontecido, arranjar alternativas, subterfúgios.

Não encontrei nada.

Pela forma que todos me encaravam, tive certeza de que estavam falando a verdade. No entanto, eu também estava.

Eu vi um garoto que estava morto.

– Você está mesmo falando sério? – Becca insistiu, a voz um tanto histérica. Podia ver o cérebro de seus amigos trabalhando para encontrar algum sentido, voltar à normalidade. A informação não era fácil de engolir.

Decidi salvar minha reputação, embora isso me custasse a sanidade. Joguei a cabeça para trás e forjei minha melhor gargalhada.

– É claro que não! Vocês são tão fáceis de enganar. Olhem só para suas caras! – simulei uma série de risadas teatrais. Eu era uma ótima atriz e ninguém desconfiou.

Todos respiraram aliviados.

– Não faça isso de novo, me deixou assustada, sério – Becca riu nervosamente.

Minhas risadas eram tão profissionais que saiam até lágrimas dos meus olhos. Por fora, eu me divertia imensamente. Por dentro, estava gritando.

Ele morreu. O garoto passou ao meu lado no escuro. Mas *já estava morto* quando o fez.

Esse lugar tinha um cemitério, um coveiro, nomes de meninas mortas que aparecem em sua porta e garotos fantasmas perambulando pelos corredores. Deus. Onde eu fui me meter?

Se não houvesse tantos zeros naquele testamento, faria as malas agora mesmo. Levantei-me da mesa, meio trêmula. Tinha talento para reprimir sentimentos desagradáveis, mas a situação estava insuperável demais – até para mim.

– Ei, aonde você vai? – Becca estranhou.

– Voltar à mesa dos idiotas – ofereci-lhes meu melhor sorriso cativante, com o livro de couro bem apertado nos braços. Entretanto meu sorriso morreu assim que me virei.

Eu estava enxergando gente morta.

Quando andei pelo salão de volta à mesa de Megan, meus olhos encontraram os de Alexandra Ivanovick. Escuros, perigosos, como se fossem tumbas.

Eu sei o seu segredo, ela dizia sem palavra alguma. Talvez ela também estivesse morta e perambulasse pelo colégio como o irmão, enganando todo mundo.

E eu sei o seu, devolvi seu olhar hostil, para deixar bem claro que estava lidando comigo de igual para igual. Dessa vez, não fui eu a desviar os olhos primeiro.

Cheguei à mesa de Megan e me sentei sem nenhuma palavra.

– O que foi aquilo? – ela nem esperou que eu tomasse fôlego. Suas amigas pareciam ansiosas por uma resposta.

– Aquilo o quê? – fingi desinteresse.

– Alexandra Ivanovick estava te queimando com os olhos.

Sorri com cinismo, recostando-me na cadeira e cruzando os braços.

– Que bom, porque eu não tenho medo de me queimar.

Deixando que minhas íris rolassem na direção dela, observei a tempo de vê-la erguer uma sobancelha escura e elegante, brindando todo o salão com um pequeno sorriso cínico – que a fazia parecer mais arrogante e mais bonita. Era como se, de toda aquela distância e barulho, ela estivesse ouvindo cada palavra de nossa conversa.

A garota se levantou do refeitório, andando com passos rápidos e elegantes pelo salão; todas as pessoas se calavam quando ela passava por perto. Eu não sabia se estava imaginando, mas antes de passar pela porta, seus lábios se mexeram quase imperceptivelmente. Pude lê-los.

Então vai se queimar.

Engoli em seco. Ela era a última pessoa de quem eu gostaria de receber ameaças. Se Megan me ameaçasse, eu riria. Mas Alexandra Ivanovick deveria ser levada a sério.

Depois disso, o dia transcorreu rapidamente. Eu já ficara mais esperta: não dormia nas aulas e só falava quando me era permitido. Aprendi

que, para se dar bem na Sotrom, era melhor ficar calado e parecer invisível. Os professores não gostavam de alunos inteligentes e talentosos – gostavam de alunos obedientes.

A única exceção era a professora de artes, Miss Favoretto. Ela gostava de mim, elogiava meus quadros e dizia que era raro ter alguém tão talentoso quanto eu nessa escola. Mas não era só por causa disso que eu gostava de Miss Favoretto. Ela tinha... *Vida*. Sangue quente, sonhos, calor no olhar. Não era frívola e desinteressante como as outras pessoas daqui.

Quando voltei para o meu quarto, Megan ainda não tinha chegado. Sentei-me no batente da janela, observando a neve cair. Os flocos derretiam no vidro e escorriam como lágrimas.

Eu nunca chorava, por isso achei bem irônico. A Sotrom finalmente conseguira roubar meu bom humor.

Tive medo de estar ficando louca – e mais medo ainda de não estar. Tinha saudades de casa, do calor, da praia, dos meus amigos e das loucuras de Helena. Sentia falta até mesmo de implicar com Ana. Eu não tinha nada a ver com essa Escola sem vida, fria e cinzenta.

Passando os dedos distraidamente pelo batente da janela, notei uma pequena falha na madeira. Olhei para baixo e vi dois nomes talhados por canivetes. *Mayumi Keiko e Santiago Ávila*. Entre os nomes, havia um coraçãozinho infantil.

Pulei do batente, apavorada. Isso não estava aqui até ontem! Foi talhado recentemente.

Quem faria isso em nome da garota? Ninguém. Isso era coisa de uma menina apaixonada. Só ela mesma faria!

Respirei fundo, contendo o pânico. *Raciocine, Lara*.

Além de Megan e eu, só a própria Mayumi tinha a chave do quarto quando estava viva. Se eu não fiz nada – e achava improvável que Megan saísse talhando o nome dos outros por aí –, ou alguém estava fazendo algum tipo de brincadeira idiota comigo, ou Mayumi Keiko ainda morava nesse quarto. Mesmo depois de morta.

Decidi por não contar nada a ninguém – pelo menos por hora. As pessoas não aceitariam bem. Eu seria taxada de louca.

A hora do jantar acabou e voltei para o quarto com Megan. Quando ela dormiu, peguei meus livros e escapuli na ponta dos pés, correndo para encontrar Becca. Tínhamos uma sessão de estudos secreta.

À noite, a sala de aula do professor Russell era sinistra. Vazia. Onde estava Becca? Será que ela me daria o cano?

Sobre uma das mesas, Becca havia colocado uma vela acesa e uma penca de livros que eu nunca vira na vida. Sobre eles, um bilhete dobrado às pressas.

Suspirei. Ela *tinha* me dado o cano.

Lara, surgiu um imprevisto e eu não pude ficar, mas deixei para você todos os livros que peguei na biblioteca. Marquei com caneta esferográfica as partes mais importantes, de modo que você vai conseguir estudar sem minha ajuda. Mas isso não impede de que marquemos outro dia, certo? Aliás, você pode estudar aí mesmo hoje. De noite, esse lugar é calmo e ninguém vai te incomodar. Desculpe furar com você. Não me

mate!

Becca.

Fechei o bilhete, sentando-me cansadamente na mesa. *Obrigada mesmo, Becca*. Escapular com ela à noite parecia desafiador e divertido – mas, sozinha, sentia-me apenas irresponsável.

No entanto, uma vez que eu já estava aqui e ela tinha deixado todos os livros para mim, comecei a estudar. Entrar na Sotrom no meio do ano letivo não fez bem para minhas notas, e este era um colégio exigente. Ou eu pegava o ritmo com rapidez, ou repetia de ano – e isso não era permitido aqui. Portanto eu seria expulsa e perderia a herança. Aí todo o esforço seria em vão.

Não sei o que meu avô queria provar ao me fazer passar por isso. Talvez ele só quisesse torturar um pouco a neta bastarda, mandando-me para um hospício disfarçado de colégio.

Peguei o meu gravador e comecei a ler em voz alta as partes marcadas por Becca. Tinha uma memória auditiva, de modo que ouvir tudo o que estudei antes de dormir era a melhor forma de aprender alguma coisa. Falei por cerca de uma hora, depois me cansei, fechei os livros e fui dormir.

Agora eu entendia o que as pessoas tinham contra a noite desse lugar. Era assustadora. Enquanto eu voltava para o quarto, ouvia armários batendo, passos ao longe, e algumas risadas estranhas que ecoavam pelos corredores de pedra. Às vezes, virava a cabeça bruscamente, pensando ter visto alguma coisa. Para o bem da minha sanidade, nunca era nada. Só vultos.

Quase chorei de alívio quando cheguei ao meu quarto, pensando que esses passeios noturnos estavam definitivamente vetados. Um pensamento

pertubador passou pela minha cabeça. Por que Becca marcou um encontro à noite, quando a mesma tinha tanto pavor dessa hora?

Eu fui. Ela faltou. Será que havia sido proposital?

Era quase como se ela quisesse... Ver-me sozinha perambulando pelo colégio. No horário proibido. Bom, tanto faz. Eu não fazia questão nenhuma da amizade dela.

Deitei-me debaixo dos cobertores e liguei o gravador baixinho, bem perto do ouvido. Lá estava a minha voz, repetindo palavras entediantes. Meus olhos foram fechando, o sono chegando... Até que...

Arregalei os olhos, em choque.

Do gravador, saiu outra voz além da minha. E mais outra, e outra... Vozes femininas e masculinas em segundo plano, mais baixas que a minha – porém muito claras. Várias pessoas falavam, como se estivesse ocorrendo uma aula bem ali, naquela sala – e ao mesmo tempo em que eu estava estudando sozinha. Como se fosse uma realidade paralela. Outra situação acontecendo – no mesmo momento e mesmo lugar.

Parecia a voz de um professor e a de vários alunos, conversando, rindo, fazendo piadas. Oscilando entre falar sério e descontrair o ambiente. Era uma aula extremamente empolgante – e eu nunca pensei que fosse falar isso na vida.

“O que vocês podem me dizer sobre Michelangelo?”, disse alguém.

“Foi ele quem fez o teto da Capela Sistina, não foi, professor?”

“E como é que ele subiu lá para pintar?”

Dezenas de suspiros. Alguém parece jogar alguma coisa na cabeça de outro.

“Ai. Isso doeu!”

“Cala a boca, Catarina!”

Ouvi o que pareceu ser a voz do professor.

“Tudo bem, turma, não agridam os colegas dentro da sala de aula.”

“E lá fora?”

“Aí eu faço até uma aposta.”

A turma inteira riu.

“Michelangelo era gay?”, alguém perguntou.

“Eu já namorei um. E ele era bem homem.”

“Catarina!”, todos gritaram em coro.

“Ai, ok, já entendi. Eu sou reprimida nesse lugar.”

Respirei fundo. Tudo bem, Lara, não entre em pânico.

Tentando evitar fazer qualquer ruído que pudesse acordar Megan, religuei o gravador, encarei-o, bati com ele na madeira... Nada. Ele continuava a reproduzir minha voz juntamente com a de várias pessoas, como se captasse fragmentos de memórias de aulas passadas, com outros alunos que com certeza *não* eram da Sotrom.

Levantei-me, acendi a luz, peguei o gravador, o livro dos ex-alunos e a maldita placa que tinha o nome de Mayumi Keiko. Joguei tudo no lixo.

Megan acordou com o barulho. Ela não tinha notado o nome a mais na placa, e eu optara por não contar. Se eu não pronunciasse em voz alta essas loucuras, talvez elas se tornassem menos reais.

– O que foi? – perguntou grogue, os olhos meio vinhos sem os óculos.

Apaguei a luz e voltei para a cama. Eu lutaria por minha sanidade. E
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nunca perdi uma disputa na vida.

– Nada. Volte a dormir.



No outro dia, fiquei paranóica. Quando Becca me interceptou no corredor para se desculpar por sua falta, eu a encarei friamente. Seu sorrisinho de desculpas parecia completamente falso.

– O Sr. Field me viu andando pelos corredores e me deu uma advertência. Eu não queria arriscar levar outra, porque três delas levam à expulsão. Então eu só deixei os livros lá para você e voltei correndo para o meu quarto.

– Tanto faz – respondi curta e grossa, saindo e deixando-a parada do corredor, atônita.

Havia noventa por cento de chance de eu estar sendo injusta, e uma conspiração para me manter quebrando regras e ser expulsa do colégio não existisse de fato. Mas um lado meu desconfiava de Becca, desse lugar, desses alunos. Um instinto primitivo me sussurrava: *tome cuidado*.

Na hora do almoço, Becca me lançou olhares sombrios e ressentidos, juntamente com seus amigos.

Comi meu *Sunday Roast* com a maior calma possível, ignorando-os completamente. O prato consistia em três tipos de carnes acompanhadas com vegetais. A comida daqui era um dos maiores desafios para mim. No Brasil, eu estava acostumada aos mais variados tipos de frutas, coloridas e

suculentas – além de arroz, feijão, farofa... Nas terras frias da Inglaterra, a culinária era muito menos variada, e meu organismo estava sentindo a diferença. Eu andava menos corada, menos animada.

O café da manhã era o que mais me chocava. Pela manhã, ninguém bebia leite e comia pão com manteiga. Nossos pratos vinham abarrotados de ovos mexidos, *bacon* e todo tipo de coisas pingando gordura. Depois de um ano aqui, perderia meu corpo de surfista.

Quando um enxame de alunos se reunia no corredor, no intervalo entre as aulas, eu senti vários olhares sobre mim. Os alunos mais velhos, amigos de Becca ou não, me encaravam. Eles me analisavam por algum motivo, mas não queriam deixar que eu notasse. Desviavam os olhos rapidamente assim que eram pegos.

Na hora do jantar, Megan sumiu. Sentei-me na mesa com suas amigas, e elas também não sabiam do seu paradeiro. Notei que Becca e alguns de seus amigos também haviam sumido. O tempo passou e nenhuma delas apareceu.

Voltando ao quarto, encontrei Megan sentada na sua cama, imóvel e pálida como um fantasma.

– Megan... Você está *ok*?

Ela mal pareceu me ouvir.

– *Megan?! –* delicadeza não era o meu forte.

Ela levantou os olhos bruscamente para mim, levando um susto.

– Lara... – murmurou, os olhos injetados, cheios de pânico.

– Quem mais seria? Onde você se meteu depois da aula? Fiquei te procurando o dia todo.

– E-eu... – ela continuou a gaguejar, sem explicar nada.

– Tudo bem – peguei-a pelo pulso, tomando uma atitude – vou levar você para a enfermaria.

Eu não era babá de loucas, afinal.

– O quê? *Não!* – apavorada, recolheu o pulso, como se me tocar fosse repulsivo.

Encarei-a por alguns segundos, tentando entender o que acabara de acontecer. Não gostava de segredinhos – principalmente quando eu não estava incluída neles. Eu a faria falar.

Cruzei os braços, lançando-lhe meu melhor olhar ameaçador.

– Comece a falar.

– N-não tenho nada para d-dizer – ela gaguejou nervosamente.

– E eu não tenho um pinga de paciência para gente mentirosa – arrastei-a pelo braço até o batente da janela, onde o nome de Mayumi Keiko e o provável namorado estavam talhados. – Você tem alguma coisa a ver com isso? – fiz minha melhor voz gelada e ameaçadora. Eu era boa em intimidar os outros.

Megan era medrosa. Em breve cederia.

– Meu Deus, o que é *isso*? – ela tapou a boca com as mãos, lágrimas de medo vindo aos olhos.

– Tem certeza que você não sabe? – pressionei. – Só eu e você podemos entrar nesse quarto. Então se não fui eu, foi você.

– Não tenho ideia, juro – balbuciou, parecendo miserável, os óculos meio tortos no rosto pálido.

Suspirei, soltando o aperto férreo do seu braço. Mas aproximei meu rosto do dela, de modo que não pudesse desviar os olhos.

– Megan, eu não gosto de ser enganada. Se você ou Becca tem alguma coisa a ver com isso, é melhor falar de uma vez, porque se eu precisar ser expulsa para dar uma bela surra em vocês, caso estejam fazendo algum tipo de brincadeira idiota comigo, eu serei. E sem nenhum peso na consciência.

– Não foi a Becca, nem eu... Lara, eu não sei de nada, *por favor* – ela já estava implorando. Mas não me despertou nenhuma pena.

– E o nome na porta? Não foi você?

– Que *nome*? – ela parecia completamente perdida.

Dei-me por vencida e percebi que Megan não tinha nada a ver com isso.

– Se não fui eu e não foi você... Você deve ter percebido que só pode ter sido a própria Mayumi. Nós não vamos fazer nenhum tipo de escândalo ou contar a alguém. Irei dar um jeito de tirar a... Alma penada dela, ou seja lá o que for, do nosso quarto. Ou iremos pedir para mudar de quarto. Mas quero deixar bem claro que, se você estiver mentindo juntamente com Becca e me fazendo de idiota, então vocês duas irão sofrer as conseqüências. Entendeu bem?

– Sim – Megan gaguejou, a cabeça baixa. Ela tremia.

Massageei as têmporas, jogando-me na minha cama. Sempre ficava exausta depois de uma discussão. Essa escola estava me saindo mais estressante do que o esperado. Eu não gostava de mentirosos, invasores, nem de fantasmas de meninas mortas que se recusavam a ir embora. E teria que lidar com um dos três.

Megan ainda estava parada do meio do quarto, trêmula e pálida.

– Lara, eu fiz uma coisa...

Abri os olhos. Lá estava. Eu sabia.

– Fale.

– Eu... Becca... – Megan suspirou, desistindo. – A diretora Prount está te chamando na sala dela.

– O quê?! – fiquei completamente perdida com a mudança de assunto. – A essa hora da noite? Já soou o toque de recolher. Sair é contra as regras.

Mas Megan apenas afirmou com a cabeça. Culpa pesava seus ombros. Então eu soube. Becca a induziu a me dedurar a diretora. Por algum motivo, minha amada guia não me queria nessa Escola. Fez com que eu quebrasse a regra mais importante da Sotrom ontem à noite, faltou ao encontro propositalmente, e toda aquela história de ser pega pelo Sr. Field deve ter sido mentira. Ela queria que *eu* fosse pega.

Como não fui, decidi apelar para seu último recurso. Viu em Megan sua chance de me delatar. Becca era sem graça e sem originalidade – mas era esperta.

Agora a diretora provavelmente iria me expulsar. Eu perderia minha fortuna – mas Becca perderia um dente. Não sairia desse colégio sem lhe dar um bom soco.

– Nos vemos por aí – finalizei a conversa friamente, saindo e batendo a porta, deixando uma Megan muito acabada para trás. No final das contas, eu a perdoaria. Ela só fora um peão no plano.

Não entendia o que Becca e aqueles seus amigos desinteressantes

tinham contra mim, afinal. Talvez fosse inveja. Talvez desprezo. Tanto faz. Eu era indiferente a todos eles.

Eu não perderia tão fácil assim. Explicaria à diretora toda a situação, de modo a convencê-la a me deixar ficar.

O labirinto de corredores escuros era assustador, e mais uma vez eu continuei ouvindo sons que não deveriam estar lá. Passos, vultos, murmúrios. Respirei fundo e acelerei o passo, recusando-me a entrar em pânico. *Escola assombrada e idiota*, pensei amargamente.

Perdi-me nos corredores e escadas, ficando uma boa meia hora tentando encontrar a sala da diretora. Lucy não estava à vista em lugar nenhum – aliás, eu era a única alma viva perambulando pelo castelo enorme e escuro há essa hora. Se a chamada da diretora fosse mentira, então Becca teria os dois dentes da frente quebrados. Essa pequena vingancinha seria quase tão satisfatória quanto usufruir de uma fortuna.

Dei três batidas na porta da sala da diretora, mas o tempo passou e ninguém atendeu. Hesitantemente, entrei. O fogo crepitava na lareira, mas a sala estava completamente vazia. Sentei-me numa das cadeiras estofadas, resignada a esperar.

Fogo crepitando, silêncio, escuro. Trinta segundos, trinta minutos, uma hora... Eu ainda sozinha, esperando por alguém que não viria.

Já sem paciência, rolava meus olhos pelo pequeno cômodo. O livro dentro do plástico – o diário de Mayumi Keiko, a menina morta – escondia-se entre dois volumes grossos na estante da diretora. Miss Prount dava tão pouca atenção ao assassinato sem solução da aluna que enfiou uma prova do crime de qualquer jeito na estante. Bufei, sem acreditar. Havia algo de muito errado com as pessoas dessa escola.

Senti o ímpeto de descobrir. Sopesei a situação. Ninguém viria me encontrar, portanto não me flagariam. Evidências da presença da menina japonesa cruzavam meu caminho o tempo todo. Eu precisava descobrir quem ela era.

Fui até a estante, peguei o livro e, cuidadosamente, tirei-o do plástico. Minhas luvas estavam no bolso. Coloquei-as, de modo ao livro não registrar minhas impressões digitais.

Sentei-me na cadeira da diretora e abri-o com cuidado, as páginas caindo em meu colo. O diário de Mayumi Keiko mostrava-se *acabado*. A maioria das páginas foram rasgadas pela metade. Eu conseguia ler somente trechos desconexos, sem sentido...

(...) e minha mãe disse que seria por pouco tempo. Não sei por que ela quer tanto que eu estude nessa escola. Mudar-me do Japão para a Inglaterra, assim, do nada, foi um grande choque cultural e...

Manchas. Rasgos. Pulei de página.

(...) As pessoas daqui não me entediam. Elas são tão sem graça e charme que – manchas, rasgos.

Não dava mais para ler devido às manchas. Pulei para o final.

(...) fica me olhando obsessivamente. Pediu para me encontrar na biblioteca esta noite, não sei se vou...

Mais páginas faltando. Isso com certeza foi perdido numa briga

com o assassino. Talvez Mayumi tenha sido morta nesse encontro na biblioteca; provavelmente levara seu diário. Se ela ao menos citasse o nome da pessoa...

(...) e eu acho que tem algo de muito errado com as pessoas dessa escola. Elas dizem coisas estranhas, me convidam para lugares estranhos... Estou começando a ficar com medo,

(...) enfrentar e dizer para parar de me perseguir. Estou na biblioteca esperando. Por fim, eu vim ao encontro. Mas só para falar umas verda –

Esse foi o fim. Essa página, em especial, estava rasgada pela metade.

Alguém tomou o livro da mão de Mayumi poucos momentos depois, foi o que pressupus. Muito provavelmente o assassino.

Cheia de repulsa, guardei o livro em seu lugar, amaldiçoando-me por estar aqui fora sozinha e no escuro. Rangendo os dentes de raiva, saí da sala batendo a porta, andando a passos largos pelo escuro, determinada a acertar minhas contas com Megan.

Ouvi um barulho de passos às minhas costas. Virei-me, o coração acelerado. Não era ninguém. Só mais uma daquelas alucinações sinistras, que tomavam conta de nossas cabeças nos corredores escuros. Agora eu

podia entender a governanta, Lucy. Esse lugar nos tornava psicóticas.

Respirando aliviada, virei-me para frente outra vez. Ofeguei de susto.

Dei de cara com Alexandra Ivanovick parada bem na minha frente, mais próxima do que a etiqueta permitia; encarava-me com seus olhos negros, ardendo no escuro. Tinha uma expressão elegante e psicopata.

– Vai a algum lugar, novata? – sua voz inacreditável se revelou tão surreal quanto sua aparência. Fria, assustadora e linda. O sotaque russo espreitava por entre as palavras, alongando o “r”.

Um medo irracional veio à tona. Não soube explicar minha reação. Ela era só uma garota, como eu. Que mal poderia me fazer?

O fundo misterioso e negro de seus olhos diziam exatamente o contrário. *Eu posso te fazer muito mal, se quiser.*

Travei. Não consegui responder nada.

– Andando pelo escuro sozinha? Não é muito inteligente – ela pendeu a cabeça para um lado, analisando-me descaradamente de cima a baixo.

– Eu só estava voltando para o meu quarto – retomei a voz.

Ela ergueu uma sobrancelha, virou as costas e se pôs a andar, sumindo no escuro. Eu fiquei imóvel, observando seu andar elegante, os quadris indo de um lado a outro.

Alexandra se virou, encarando-me como se eu fosse mentalmente incapaz.

– O que está fazendo parada aí? Siga-me – se pôs a andar outra vez, sem esperar por uma resposta.

Senti o ímpeto de obedecer. Para onde ela estivesse indo, eu deveria ir também.

Essa família Ivanovick não era fácil de ignorar. Olhar para ela trazia em minha memória o garoto misterioso, pois eram perturbadoramente parecidos. Eu bebia daquela imagem, ansiosa por mais.

Algo que jamais admitiria em voz alta.

– Para onde estamos indo? – ousei perguntar.

Alexandra não se virou.

– Para o seu quarto, é evidente. Não era para lá que você estava indo?

– Ah. – Então tá. – E o que você vai fazer no meu quarto? – clareei a garganta. Que conversa esquisita.

Alexandra gargalhou, o som assemelhando-se a centenas de sinos de igreja.

– Relaxe, garota, o que você acha que irei fazer com você? Só estou te acompanhando porque essa escola é perigosa durante a noite.

– E você se deu ao trabalho de vir até aqui por mera preocupação com meu bem estar? – perguntei irônica. Isso não fazia sentido.

– É. – Alexandra deu de ombros simplesmente.

Ok. Então a situação ficou mais enigmática ainda. Por que eu seria de algum modo relevante para ela, a ponto de que se desse ao trabalho de vir até aqui me buscar?

E o que pode vir a me acontecer nesses corredores? Estávamos em um recinto fechado, com altos muros e sistema de segurança.

– O toque de recolher existe por um motivo, sabe? Ou você se acha mais especial do que os outros para poder ignorá-lo?

Por que havia sempre alguém sugerindo que eu tinha mania de superioridade?

– Não acho nada. E estou cansada de suposições sobre minha vida. Ninguém aqui me conhece.

Senti que Alexandra Ivanovick sorria.

– E nem vão conhecer. Pessoas interessantes não duram muito nesse lugar.

– Está me ameaçando? – algo me dizia que a garota deveria ser levada à sério.

– Interprete como quiser – respondeu enigmaticamente, seu longo cabelo negro balançando a cada passada.

Fiquei satisfeita de que ela não estivesse despejando toda a potência de seus olhos em mim. Os corredores pareciam muito mais perigosos na companhia dela.

– Então... Você me acha interessante? – era o que ela havia sugerido, afinal.

Alexandra permaneceu calada e fiquei secretamente satisfeita. Para *isso* ela não tinha resposta. Havia se entregado.

– Então, se pessoas interessantes não duram muito neste lugar, como estuda aqui há tanto tempo? Já está no quinto ano, afinal.

– Então você me acha interessante? – ela devolveu.

Sorri para sua esperteza, deixando que ela interpretasse meu silêncio. Os meus passos faziam barulho no chão de pedra. Os dela, não.

– Digamos que eu sou esperta demais para ser pega – deu de ombros depois de algum tempo.

– Ser pega pelo quê? Ou por *quem*? – será que ela se referia a um bando de alunas invejosas que tramavam para expulsá-la do colégio? – Desculpe, mas não vejo sentido no que você fala. Devo temer a quem? Aos próprios alunos?

– Eles também. Uma dica, *van Pelt*: não confie em ninguém nesse

colégio. Seus amigos serão os inimigos mais perigosos que você irá enfrentar por aqui. Principalmente para alguém como você.

– Como assim alguém como eu?

– Alguém interessante.

Mantive-me em silêncio, meu cérebro fazendo mil conexões. Não encontrei nenhuma resposta.

– Então... Um aluno pode me atacar nesses corredores escuros? Por isso o toque de recolher?

– O quê? É claro que não – ela riu debochadamente – esses frangotes não seriam capazes de atacar ninguém. Você deve temer os *planos* que eles traçam. Esses sim, são espertos. Sua batalha será toda por baixo dos panos.

– Então por que você se daria ao trabalho de vir até aqui me acompanhar? Posso muito bem achar meu caminho sozinha. – Eu não era uma pessoa delicada, como se pode notar.

Mas Alexandra era uma criatura inatingível demais, até para ofender-se.

– Não sou a coisa mais perigosa que você irá encontrar nesses corredores, novata.

– E o que poderia ser mais intimidador que você? – perguntei sinceramente. Ela *sabia* que me afetava. Nem sequer me daria ao trabalho de tentar enganá-la.

A garota não parou de andar, mas virou a cabeça para trás bruscamente, os olhos negros ardendo, um sorriso meio maníaco nos lábios.

– Alguém que você ainda não conhece, mas que mora por aqui. A *morte*.

Olhei de um canto a outro no corredor, perguntando-me se esse era algum tipo de brincadeira.

– Hã, está falando em um sentido figurado?

Ela se virou, continuando a andar.

– Não. Estou falando no sentido bem literal. Você já deve ter ouvido as histórias. Muitas pessoas morrem por aqui, alunos jovens, sem nenhum problema de saúde. De repente, eles simplesmente... *Desaparecem*. A Sotrom tem várias filiais em outros países, e as mortes repentinas acontecem em todas elas.

Estávamos quase chegando ao meu quarto.

– Então está dizendo que essa é uma espécie de maldição do colégio? Espalhada por suas filiais no mundo inteiro?

Alexandra virou-se para me encarar novamente.

– Estou falando que cada colégio da Sotrom tem um assassino escondido. Os funcionários contam para os alunos mais velhos, e nós o chamamos de *A Morte*. Cada escola precisa arrecadar certa quantidade de almas, e A Morte gosta de alunos como você, talentosos, bonitos, interessantes.

– Arrecadar almas? O quê? – ela estava sob o efeito de algum alucinógeno? Na minha terra, esse negócio de “arrecadar almas” tinha outro nome – e não era A Morte.

Era A Erva.

Paramos na frente da porta do meu quarto. Alexandra falava num tom sussurrante, urgente, quase raivoso. Ela não gostava de ser contrariada, muito menos taxada de louca.

– Sei que soa ridículo para você, mas essa é exatamente a intenção. Ninguém iria te contar até que completasse um ano nesse colégio, mas achei que merecia saber, já que está correndo perigo. Eles esperam para ver se você vai sobreviver ou não. Só no segundo ano os alunos são informados da maldição, de modo que começa uma verdadeira caçada. Todos tentam empurrar uns aos outros para A Morte, ao mesmo tempo em que se escondem dela. Os novatos são os principais alvos, porque não sabem de nada. Esse lugar é uma disputa pela sobrevivência a cada dia, por isso ninguém pode sair até se formar, ou se comunicar com os familiares. As cartas passam por revisão porque nós somos obrigados a manter segredo, caso contrário teríamos uma morte certa. Se contarmos, eles mesmos nos matam. Precisam do segredo para o sistema de arrecadação funcionar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Alexandra, você está bem? Quer que eu chame a enfermeira?

Ela revirou os olhos, impaciente. Encarava-me com urgência, rolando os olhos para os cantos escuros do corredor, como se estivéssemos sendo observadas.

– Não seja burra, menina. Conecte os fatos e verá que estou falando a verdade. Nunca parou para se perguntar por que todos aqui são tão sem graça? Foram os que sobraram, os que não interessaram o assassino, *A Morte*. Se eles estão te jogando por aí, sozinha nesses corredores escuros, depois do toque de recolher, é porque querem que você seja pega por ela. Quanto mais rápido você morrer, mais chance eles têm de viver. Pois quanto mais almas arrecadadas, menor a chance de qualquer um de nós sermos requisitados. É como um jogo sinistro, nós somos os peões, e só sobrevivemos se jogarmos nossos amigos para a morte. O assassino pode ser qualquer um, até sua colega de quarto. Você se destaca demais, por isso está na mira. Fica esperta, porque eu nem sempre vou estar aqui para te ajudar. Quem te mandou até a sala da diretora com certeza não é seu amigo. Se tivesse voltado sozinha pelos corredores a essa hora da noite, sem dúvida nenhuma seria pega. O assassino pode ser qualquer um, e certamente está te observando.

Meu queixo caiu no chão quando ela terminou de falar. Eu sabia que era loucura – mas alguns fatos se conectavam...

Isso explicava porque os alunos mais velhos faziam força para parecerem invisíveis. Ser popular, talentoso ou relevante, atrairia a atenção do assassino. As pessoas bonitas e interessantes já tinham sido mortas, e, aqui, na Sotrom, só sobrou o resto. E eles tentavam me mandar para o mesmo caminho, iludindo-me, fazendo-me brilhar – só para que eu desviasse a atenção do assassino. Essa era a intenção de Becca ao me fazer

sair à noite. Ela não queria que eu fosse expulsa – queria que eu fosse *morta*.

Então esse era o fundamento das atitudes enigmáticas dos alunos mais velhos. Por isso Lucy tinha medo dos corredores à noite, por isso tínhamos um coveiro e um cemitério, e os professores ficavam tão nervosos com alunos que se mostravam inteligentes demais, relevantes demais... Sabiam que estavam marcados. E, se não quisessem morrer, teriam que eles mesmos os empurrarem para o assassino.

Aqui, ninguém tinha escolha: era ajudar a matar ou se resignar a morrer. O que me fez pensar que...

O garoto de olhos negros tinha sido morto, é claro! Ele era interessante demais para ter sido poupado.

Alexandra deve ter perdido toda a família dela assim.

Alexandra abriu a porta do meu quarto sem nenhuma cerimônia, garantindo que eu entrasse e estivesse segura.

– Fique de olho, novata, principalmente em quem diz ser seu amigo. É questão de dias para que o assassino te encontre. Você é a próxima.

E fechou a porta na minha cara, trancando-me lá dentro.



Megan não estava no quarto quando entrei. No entanto, quando voltei do banho, ela havia se deitado em sua cama sem uma palavra, encolhida sobre uma densa camada de cobertores.

Parecia até que queria se esconder de mim.

Abri o guarda roupa e saí jogando todas as minhas coisas dentro da mala. Iria embora desse lugar louco agora mesmo. Não queria nem esperar até de manhã.

Como o uniforme de inverno da Sotrom era a roupa mais quente que eu tinha, e lá fora estava nevando, coloquei as luvas, a meia-calça, o cachecol e a boina, preparando-me para enfrentar o frio. O cartão de crédito preto e reluzente permaneceu seguramente em um dos meus bolsos – assim como meu passaporte. Eu usaria o cartão para voltar ao Brasil – quando John Fitelberg ou até mesmo a diretora Prount dessem por minha falta, já estaria no Rio de Janeiro.

E que essa herança fosse à merda. O preço para tê-la era alto demais.

Pensei se acordaria Megan ou não para me despedir. Tive medo que ela me dedurasse.

Se em algum universo paralelo Alexandra Ivanovick estivesse falando a verdade, Megan não iria querer ver-me livre. Iria querer me ter presa aqui, porque mais hora, menos hora, o assassino iria me pegar – e isso era vantajoso para ela. Porque antes da amizade, estava a sobrevivência, não é?

Como Megan também era do primeiro ano, Becca deveria ter contado a verdade a ela somente hoje. Deve tê-la ameaçado, ou apavorado-a. Becca deve ter mandado que Megan mentisse sobre a diretora ter me chamado, de modo que eu pudesse, mais uma vez, me arriscar sozinha fora do quarto.

Becca e seus amigos seguiam me oferecendo de bandeja para o assassino.

Balancei a cabeça, expulsando todas aquelas ideias sem nexos. Eu não

acreditava nessas coisas. Nunca caí nem na história do Coelho da Páscoa, tenha dó. E olhe que minha mãe quase chocou o ovo ela mesma para que eu pudesse acreditar.

Decidi por acordar Megan, porque provavelmente nunca mais a veria na vida. Queria me despedir, pois embora não quisesse admitir, gostava um pouco dela. E isso era raro para mim.

Megan havia se coberto por uma camada de cobertores. Tive que descamar um por um até chegar a ela. Quando finalmente consegui, arfei de susto.

Não era Megan quem estava lá.

Havia uma pessoa, uma *coisa*... Vestida completamente de negro com um capuz, um manto, luvas negras e uma máscara. A pessoa se sentou bruscamente, emitindo um grunhido macabro e estendendo uma mão de garras para mim.

– Olá, Lara Valente.

A Morte.



O assassino se levantou da cama, vindo em minha direção com aqueles olhos arregalados, escondidos pela máscara. A mão enluvada estava estendida na direção do meu pescoço, provavelmente para me enforcar. Aproximava-se extremamente rápido.

Gritei, mas sabia que não havia ninguém aqui para me salvar. Abri a porta e saí correndo pelo corredor, pensando em bater na porta de Alexandra Ivanovick. Mas qual seria o seu quarto?

O assassino de manto negro saiu correndo atrás de mim, emitindo urros macabros. Quem seria ele?

Megan, Becca...? *Quem?*

Ninguém poderia me ajudar. A diretora, o coveiro, Lucy e qualquer outro aluno não me salvariam.

Provavelmente me jogariam nos braços do assassino, ansiosos para o meu abate. Quanto mais rápido eu morresse, melhor para eles. Corri com mais vigor, minhas entranhas doendo pelo esforço. Sabia que estava completamente sozinha.

Era correr ou morrer.

O assassino corria rápido – mas eu também. Ninguém abriria suas portas para mim – eles saboreariam o som dos meus gritos. No fundo da cabeça, sob o pânico, raciocinei que lugares abertos poderiam me dar alguma vantagem. Saltei vários degraus das escadas, saí do castelo e me encontrei no jardim. A grama sumira abaixo da neve, e os flocos caíam do céu numa tempestade. Não dava para enxergar nada. Ao longe, via vagamente os galhos nus das árvores, parecendo esqueletos prontos para me agarrar.

Você não pode fugir de nós.

Uma vez na Escola, para sempre na Escola.

Correndo na nevasca, olhei para trás, mas o assassino não estava mais em meu encalço. Talvez tenha me perdido em meio à tempestade. Distraída, tropecei no que parecia ser uma pedra. Uma dor lancinante atingiu meu tornozelo, e imaginei que o tivesse quebrado – já torcera uma vez, portanto reconhecia a dor. Isso não era uma torção. Era algo mais grave.

– Droga, droga, droga – rangi os dentes em meio à dor. Eu não conseguia nem me mover.

Agarrei um monte de neve do chão com a mão enluvada. Frustrada, comecei a socar a terra, juntando forças para me levantar. Eu *não* iria morrer aqui, e...

Toc, toc, toc.

Para o meu completo espanto, alguém socou o chão de volta, como se mandando um sinal. Só que *por baixo* da terra. Coloquei meu ouvido lá, e ouvi as batidas fracas. Eu não estava imaginando. Tinha alguém ali debaixo – e estava me respondendo.

Olhando ao redor, pude distinguir algumas cruzes encobertas de neve. Não havia reparado antes, mas estava no cemitério do colégio. Provavelmente havia tropeçado num túmulo, e o cadáver lá em baixo respondia aos meus toques. Essa escola estava cheia de... Mortos-vivos.

Meu Deus. Que lugar era esse?

Arrastando-me, fui ouvindo vários sons debaixo da terra. Vozes, passos... *Toc, toc, toc.* Aquilo foi incentivo mais do que suficiente para me levantar – mas quando finalmente consegui me colocar de pé, vi o manto negro do assassino bem na minha frente.

A pessoa era muito forte, e, antes que eu pudesse gritar, me colocou sobre os ombros, tapando minha boca com a mão enluvada.

A Escola dos Sotrom ficava a beira de um precipício, e um rio corria nas encostas lá embaixo, rodeadas por pedras íngremes, pontiagudas e mortais.

Na nevasca, eu só consegui desvendar as intenções do assassino quando chegamos à beira do precipício. Não pensem que eu não lutei. Bati,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gritei, implorei, ameacei. Fiz de tudo. Mas quando a morte te marca, você não pode fugir dela.

Quando meus calcanhares já estavam na borda do precipício, eu soube que iria morrer. Então deixei meu recado para ele.

– Não vou deixar que você se esqueça de mim. – Ameacei, a frieza surpreendendo até a mim mesma. O pânico foi substituído pela sede de vingança. Viva ou morta, eu o faria pagar.

– Adeus – disse o assassino numa voz fria e assexuada. Não tinha a menor noção de sua identidade.

E então ele me empurrou do precipício. Meu grito ecoou pelos rochedos, reverberando nas paredes do castelo. A vida não passou diante dos meus olhos, como dizem por aí. A única presença era o medo, enganchando seus dedos gelados sobre meu pescoço, enforcando-me.

Se isso fosse um conto de fadas, alguém chegaria e me salvaria. Mas essa era a vida real, e nela não existiam finais felizes.

Minha cabeça bateu numa pedra pontiaguda; o impacto quebrou o crânio e atingiu o cérebro. Eu morri rapidamente.

Mas você se enganou se achou que esse foi o fim. Muito pelo contrário. É agora que minha história começa.

PARTE II

O ENTERRO MAIS ESTRANHO QUE JÁ TIVE

Capítulo Quatro

Abri os olhos pesadamente.

Tudo ao meu redor era escuro. Podia sentir que me deitava em um local acolchoado, abafado. Espreguicei-me, os ossos estalando. Tinha a sensação de que havia dormido por dias. Virei de lado, aconchegando-me e suspirando. Não era má ideia dormir mais um pouco.

Ouvi passos vindos de cima. Provavelmente eu estava em algum lugar baixo, quente e apertado. O ar por aqui era rarefeito – mas aquilo não me incomodava. Interessante.

Fragmentos indesejados de memória iam ressurgindo, injetando adrenalina em minhas veias. Alexandra Ivanovick. O rosto dela não saía da minha cabeça, embora eu não soubesse o porquê. Ela tinha dito alguma coisa importante... Mas o que?

Almas. Arrecadação de almas. Abri os olhos. Neve. Cemitério. Trinquei os dentes.

Assassino. Precipício. O pânico. Meu crânio se partindo ao meio.
Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Eu morri.

Sentei-me bruscamente.

“Merda!”, gritei quando minha testa bateu em algo duro, fazendo-me ricochetear de volta ao colchão macio. Tateei e percebi que estava num lugar escuro e fechado, *muito* apertado. Eu não cabia nem sentada. Comecei a sentir a claustrofobia entrando pelas bordas, deixando-me em pânico. Eu estava trancada no que parecia ser uma espécie de caixa.

Uma minúscula luz vermelha piscava ao lado do meu rosto, na lateral da caixa. Ela iluminava muito pouco – porém o suficiente para que eu visse uma cruz bem acima de minha cabeça. O estofado ao meu redor era vermelho. Havia um espelho quadrado e decorado, refletindo meu rosto.

Arregalei os olhos, soltando um palavrão que minha avó com certeza não aprovaria. Havia... *Algodão* no buraco de minhas narinas. E também em meus ouvidos. Meu Deus! Eu era um *cadáver*.

Isso não era uma caixa. Era um *caixão*.

“Não!”, meus berros ecoavam no lugar abafado. “Socorro!”, arranhei o estofado, deixando marcas. Com um soco, quebrei o espelho e os cacos caíram sobre mim. Minhas mãos tremiam tanto que mal consegui tirar os malditos algodões do nariz e orelha. Mas que merda, eu *não estava morta*. Será que ninguém dessa porcaria de colégio tinha percebido esse detalhe antes de me *enterrar*?!

Gritei, soquei, e chorei por horas. Ninguém ouviu. Eles haviam me enterrado viva!

Já tinha ouvido esse tipo de história. Algumas pessoas, no passado, foram enterradas sem realmente morrer. Eu devia ter aquela doença que fazia o coração praticamente parar, de modo que todos pensassem que eu estivesse realmente morta. O estresse da situação deve ter

desencadeado a reação. Provavelmente aquele episódio de assassino e precipício foram alucinações provenientes da doença. Eu não a conhecia e não sabia quais seus efeitos. Estava somente deduzindo.

Eles devem ter me encontrado pálida e imóvel em minha própria cama; não sentiram nenhum batimento cardíaco, por isso devem ter me dado como morta. Já ouvi histórias de caixões arranhados, gente enterrada viva, morrendo horas depois por asfixia nos caixões.

Se eu não morri ainda, iria morrer em breve. O oxigênio aqui acabaria em pouco tempo.

A maldita luz vermelha continuava a piscar, deixando-me mais nervosa. Tampei-a com a mão, mas ela afundou contra meus dedos. Um botão. Um pequeno remendo na lateral do caixão caiu. Era uma parede falsa; por trás dela, havia uma espécie de telefone antigo.

Aquilo reacendeu minhas esperanças, e peguei-o em minhas mãos trêmulas pelo pânico. Essa era minha única chance. Mas o telefone não tinha teclas. Comecei a me desesperar – como diabos eu iria ligar para alguém?! Eles me deram um telefone que não funciona!

Fique calma, Lara. Pense.

Observando-o bem, notei que o telefone continha somente uma única tecla. Nela, não havia nenhum número. Somente duas letras.

M.F.

Aquilo não fazia o menor sentido, mas apertei-a incansavelmente, desesperada. Fiquei uns bons vinte minutos tentando até que alguém atendesse.

– Alô?! Alô?! O que foi? – um homem grunhiu do outro lado da linha.

– Ah, graças a Deus! – chorei de alívio. Fui tropeçando nas palavras. – Meu nome é Lara Valente, eu estou ligando de um caixão, mas eu *não estou morta!* Repito: eu não morri! Vocês me enterraram viva! Jesus! Tirem-me daqui! Estou ficando sem ar aqui dentro, eu...

– Argh, ta certo, garota, já entendi. – O homem era completamente mal-educado. Será que ele estava achando que isso era um trote? – Não precisa gritar no meu ouvido.

– Mas, moço, eu não estou morta! Tire-me daqui! Por favor! Meu nome é Lara Valente, Lara van Pelt...

Ele me cortou ríspidamente.

– Tá bom, minha filha, não quero saber sua ficha completa. Só fique quieta me esperando, eu já estou indo te tirar daí. E mais uma coisa: *não* destrua o meu caixão. Ou você acha que é só você quem vai usá-lo?

E então o homem desligou na minha cara.

Coloquei o telefone no gancho, obrigando-me a manter a calma. Minha respiração tinha que estar controlada, de modo que o oxigênio durasse mais. Essa com certeza foi a ligação mais estranha da minha vida. *Como assim* não sou só eu quem vai usar esse caixão? Outros corpos já estiveram aqui?

Não. Não entre em pânico. Respirei fundo.

Vinte minutos depois – que pareceram milênios – o tampo do caixão começou a se mover. *Graças a Deus!* As trancas ao meu redor foram abertas, estalando – os sons da liberdade. Com muito esforço, o tampo pesado foi empurrado, e a luz fraca de uma vela machucou meus olhos acostumados à escuridão. Mesmo assim, sentei-me bruscamente, ansiosa para sair daquele lugar. Fiquei tonta e quase caí. Levantar de rompante

nunca era uma boa ideia.

– Ei, garota – a mão áspera de um homem me sustentou – não vá morrer outra vez.

Quando meus olhos entraram em foco, vi um homem idoso e barbudo, a expressão entediada e rabugenta. Fiapos grisalhos e desarrumados apontavam para todo lado em sua barba, e seus olhos eram envolvidos por centenas de rugas. Ele vestia uma roupa de jardineiro, toda suja de terra.

Tirou sua mão de meus ombros, de modo que meu apoio se foi. Mas eu já podia me sustentar sozinha.

– Quem é você? – eu o encarava completamente chocada. Ele estava tirando uma pessoa viva de um caixão e parecia completamente controlado, até entediado.

O homem franziu a testa.

– Eu sou o Sr. Field, é óbvio. A pergunta é: quem é *você*?

O caseiro e coveiro da Sotrom. Eu nunca tinha o visto antes. Isso explicava a sigla “M.F.”

Mister Field!

– Hã, sou Lara Valente. O senhor me enterrou por engano.

Ele revirou os olhos rabugentos.

– Menina, não se iluda. Vocês, adolescentes, são extremamente burros. Não te enterrei por engano, te enterrei por que você está *morta*. Agora levante daí e deixe-me ver os estragos que o seu chique causou no meu caixão.

Ergui uma sobrancelha.

– O senhor disse que eu estou morta? – O cara não estava me vendo aqui, bem na sua frente, andando e falando?

Ele me lançou um olhar de impaciência.

– Você é surda, garota?! Foi isso mesmo que ouviu.

Encarei-o, e ele me fitou de volta, carrancudo. Segundos estranhos se passaram e ele não confessou ser algum tipo de piada. Eu estava esperando câmeras e um apresentador de TV com dentes brilhantes.

– Você não está falando sério. – Ele era louco?

– Caso não tenha percebido ainda, está sentindo, por acaso, algum batimento cardíaco? – reduziu os olhos a fendas.

Abri a boca para contestar, mas percebi que ele tinha razão. Coloquei dois dedos sobre um pulso. Não havia batimento nenhum. *Meu Deus.*

Meus olhos se arregalaram. Coloquei a mão sobre o abdômen, como se eu tivesse que me segurar para não partir no meio. Apesar de eu não estar processando o oxigênio de verdade, sentia-me sufocada.

– Isso não está acontecendo – fiquei repetindo para mim mesma, hiperventilando. – Não é real. Não é real.

Sr. Field não parecia muito inclinado a me dar condolências ou consolar. Na verdade, parecia estar pouco se lixando.

– Pois é, isso mesmo. A descoberta trágica – revirou os olhos. – Sempre a mesma reação. Agora saia daí, quero ver se não arranhou demais meu caixão.

Como ele avançou para cima de mim, minha única opção foi sair do caminho. Pulei do caixão, completamente perplexa. Estávamos num

túnel escuro, as paredes mal feitas, sustentadas por fracas pilastras de madeira que mantinham a terra e as pedras do subterrâneo longe. Algumas tochas iluminavam o caminho, que se estendia sem fim à frente, agourento e escuro.

De pé ali, sozinha e no escuro, tentei conceber a realidade de que estava morta. Meu uniforme amassado da Sotrom zombava de mim. *Uma vez na Escola, para sempre na Escola.*

Eu morri. Mas ainda estou aqui. *Como era possível?*

– Garota! Você quebrou meu espelho! – Sr. Field berrou, e pelo modo como reagiu, parecia que eu havia lhe roubado um rim e vendido no mercado negro. Ele cuspiu outras obscenidades, dizendo que estava muito velho para ter que consolar adolescentes histéricas (não que ele estivesse consolando alguma coisa). Resmungava, ora para mim, ora para si mesmo, dizendo que isso não era mais trabalho para ele.

“Todos vocês são a mesma coisa; arranham, berram, se descontrolam totalmente. Aí eu tenho que ficar remendando esse caixão idiota. Vocês pensam que é fácil fazer um caixão? Não, não é. Algum de vocês, filhinhos de papai, já fabricaram um por acaso? Acho que não, não é? Pra quê ficar destruindo propriedade alheia? *Pra quê?* Cadê a consideração?!”

– Humm, me desculpe – era só o que eu podia dizer enquanto o seguia pelo túnel.

– *Me desculpe?* – ele se irritou ainda mais. – Querem morrer, morram. Mas com o mínimo de educação, por favor!

Depois disso, não assimilei nenhuma palavra. Dentro de mim, havia uma tempestade. O choque dominava cada célula do meu corpo.

Alexandra tinha razão: havia um assassino no colégio. Por isso os alunos mais velhos eram tão estranhos: estavam tentando jogar uns aos outros para a morte. Num dia, eles se sentavam a mesa com você e riam de suas piadas. No outro, te mandavam para corredores escuros como iscas. E foi exatamente isso que eu me tornei: uma isca humana.

A Morte já devia estar de olho em mim, considerando que ela era um dos alunos ou professores. Quanto mais eu me destacava, maior a satisfação de todos. Por isso aqueles sorrisos sombrios. *Isso mesmo, garota, brilhe. Ofusque-nos. Fique bem exposta para o assassino.*

Quando Becca disse que todos no salão estavam olhando para mim, ela queria dizer *todos* mesmo.

A Morte não parou de me analisar, já decidindo quem era seu próximo alvo. Minha ousadia, meu talento, foi minha ruína. E alguns alunos desavisados do primeiro ano, bonitos e inteligentes, também eram os próximos.

E, agora, a verdade com a qual eu teria que lidar: eu estava morta. Total e completamente. E isso não tinha volta.

Não tinha ideia de para onde Sr. Field estava me levando. Alguns pensariam que ele era um ser de luz, cuja missão seria guiar-me até o paraíso.

Sr. Field resmungou quando eu diminuí o passo.

– Anda logo, minha filha, ou você acha que eu posso passar a noite inteira dando uma de babá?

É. Definitivamente ele *não* era um ser de luz.

– Com licença, mas quantos dias eu passei naquele, humm, caixão?
– era difícil dizer isso em voz alta. Com muita má vontade, ele interrompeu

seu monólogo para me responder.

– Seis meses, mais do que a média.

– *Seis meses?* – meu Deus! Passei meio ano trancafiada em um caixão! – E o que isso significa? Que eu estou mais morta do que todos? – seja lá quem forem esses “todos”?

– Não – respondeu rispidamente – significa que você é somente mais preguiçosa.

Ah.

Era noite, e nós saímos do túnel subindo uma escadinha de terra estreita e íngreme. Eu estava esperando algo como o purgatório, mas o que estava na nossa frente era simplesmente... A Sotrom.

– A Escola? – choquei-me.

O castelo enorme e imponente, com suas gárgulas e anjos solitários, e as torres abandonadas brilhando com a luz de velas dos seus interiores – pois não havia nenhuma lua. A Sotrom. Eu fora enterrada abaixo do extenso campo gramado, e o túnel nos trouxera exatamente de volta a ela.

Mais estranho que esse fato era que: de noite, todas as luzes estavam acesas e a Escola estava fervilhando. Onde estava o silêncio? Os alunos trancados e medrosos?

– Mas é claro. Estava esperando o quê? Nárnia? – Sr. Field era manco. Andava oscilando de um lado a outro com sua perna ruim, estalando as folhas secas sobre a grama. Agora já era verão e a neve se fora. – Vocês, jovens, sempre arranjando qualquer desculpa para parar de estudar – ele estava à minha frente, mas tive certeza que revirava os olhos.

Eu continuaria estudando mesmo depois de morrer? Arregalei os

olhos: *Santo Deus* – será que eu estava indo para o inferno?

– Mas eu estou *morta* – não era possível! Matemática *eterna*?
Cadê o bom e velho fogo?

– E eu estou velho – ele colocou um fim à questão.

O sino da Sotrom tocou várias vezes, revelando-se belo e musical. Fiquei chocada. Nunca o ouvi tocar antes. Aliás, nunca vi nada bonito na Sotrom antes.

– Argh, já estão tocando o sino para você. Sabem que está chegando. Algum fofoqueiro deve ter lhe visto da janela. Eles não podem receber alunos novos que ficam assim, todos animadinhos como retardados... Aposto que estão doidos para que conheça a Escola.

– Mas eu já conheço a Escola – aquela conversa não fazia sentido nenhum.

Sr. Field se virou para me encarar, sorrindo com aqueles dentes tortos e amarelados, as sobrancelhas erguidas como quem sabia um segredo.

– Não, a escola *de verdade*.

– Como assim? A Sotrom é falsa? – agora era minha vez de ser cínica. Estava confirmado. Ele era doido.

– A Sotrom não existe, garotinha. É só uma fachada. Ela funciona de dia para manter as aparências, mas nela só existe o resto. A verdadeira Escola é a que funciona durante a noite, para os alunos que morreram.

– *O quê?* Uma espécie de... Realidade paralela?

– É isso mesmo que você ouviu. Agora que morreu, vai conhecer a Escola de verdade.

– Impossível – gemi. Tentei engolir todas as coisas estranhas, mas

isso já era demais – até para mim.

– Ah, é? Então olhe a placa, e você lerá em que Escola realmente está.

Olhei a placa que dizia em letras de bronze a mesma coisa de sempre. **ESCOLA DOS SOTROM.**

– Escola dos Sotrom. E daí?

Sr. Field revirou os olhos.

– Você está lendo errado, garota. O nome sempre esteve na sua cara, basta saber ler.

Segundos estranhos se passaram enquanto eu tentava retirar algum significado obscuro da placa. Não consegui. Ainda parece só uma placa para mim.

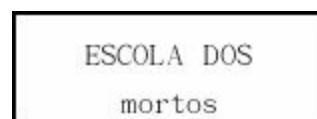
Sr. Field continuou andar tropegamente com seus passos mancados, só se virando para me lançar um olhar de impaciência.

– Argh, então vou lhe dar uma dica! Leia de trás para frente.

Escola dos S-O-T-R-O-M. Lendo de trás para frente, ficava... *Meu Deus*. S-O-T-R-O-M ao contrário virava...

M-O-R-T-O-S.

“Sotrom” não era uma família, provavelmente nem existia. Era só uma sigla, um disfarce para o verdadeiro nome. O sentido real da placa consistia em:



Por isso os passos, as vozes, os vultos, o toque de recolher... À noite, funcionava outra escola. Os mortos da Sotrom não iam embora – continuavam a estudar lá – mas na escola *de verdade*. Tudo o que eu havia conhecido era uma mentira. Somente agora eu conheceria a escola verdadeira, com os alunos interessantes. A Sotrom era só a fachada que abrigava o resto dos alunos. Aqueles que A Morte não quis.

As vozes em meu gravador eram verdadeiras. Havia realmente uma aula acontecendo lá, ao mesmo tempo em que eu estudava sozinha na sala – eu só estava viva demais para vê-los. Mayumi Keiko ainda morava no quarto – só que em um horário diferente. Enquanto eu dormia, ela estudava. Enquanto ela estudava, eu dormia. Tínhamos que sair do quarto às oito da manhã e retornar somente às oito da noite. Doze horas para a escola dos vivos, e doze para outra escola.

Morávamos todos no mesmo local, porém em realidades paralelas. E, por vezes, eu conseguia captar sinais da existência desse lado.

– Bem vinda a Escola dos Mortos! – ironizou o coveiro.



Sr. Field bateu a argola dourada contra a porta do castelo, e imediatamente a governanta abriu as pesadas portas. Sr. Field sorriu para ela apaixonadamente. Fiquei mais chocada do que quando acordei num caixão.

– Olá, *mademoiselle* – ele quase cantou. A grosseria se foi. Tornou-se a mais mansa das criaturas.

Meu queixo caiu. Ela era “*mademoiselle*.” Eu era “minha filha.”

– Olá, Sr. Field – ela respondeu educadamente, mas nem um pouco apaixonada, garanto. Uniu as palmas de prazer quando me viu, parecendo empolgada. – Oh, olá, Miss Valente! Soube que prefere ser chamada assim – sorriu calorosamente a governanta. Ela era esbelta e linda, loira com olhos cor de mel. Seu sotaque revelava uma origem francesa. – Meu nome é Madeleine, e serei sua guia pela Escola este ano. Por favor, peça-me o que quiser e estarei a sua disposição. Oh, e sinta-se a vontade para entrar, por favor – ela deu um risinho constrangido e encantador. – Que falta de gentileza a minha, deixando-a esperar aí fora.

Se na Sotrom as pessoas eram pouco calorosas, aqui eram calorosas até demais. Eu entrei e Sr. Field tirou o chapéu de jardineiro, segurando-o nas mãos cavalheirescamente.

– Eu trouxe a novata direitinho, como a senhorita pediu, *mademoiselle* Madeleine.

– Muito obrigada, Sr. Field. Sei que nossos alunos estão muito bem em suas mãos.

Sr. Field corou como um adolescente. Eu daria um rim para filmar esse momento.

– Estou sempre a sua disposição. – Pois é. Percebe-se.

– Obrigada novamente – dava para ver que Madeleine só o considerava um bom amigo. Ou uma espécie de avô bonzinho. Bom, era “bonzinho” só com ela. – Agora teremos que deixá-lo, Sr. Field. A diretora está ansiosa para conhecer Miss Valente – e fechou a porta com uma

reverência educada, deixando um coveiro de olhos brilhantes para trás.

Quando estávamos sozinhas, Madeleine pegou as minhas mãos nas dela carinhosamente.

– Que bom que a senhorita chegou, Miss Valente. Entendo que será uma mudança muito impactante, e esse não é um bom destino para qualquer um de nós. Mas, já que nós estamos aqui, iremos ajudá-la a passar por essa transição da melhor maneira possível. Aqui, na Escola da Noite, vai encontrar grandes amigos, garanto a senhorita. Não há mais caçada, nem assassino, nem morte.

– Obrigada – fiquei desconcertada com sua honestidade, mas confesso que me senti aliviada. Eu estava sentindo saudades do calor humano. – Olha, não quero ofender, mas... Você também está morta?

Madeleine era linda e corada, não mais que trinta anos – a versão interessante de Lucy. Usava um uniforme preto e elegante, com um avental branco por cima. Luvas de couro, salto alto e um coque bem feito. No veludo do uniforme, havia uma insígnia bordada em dourado: EM. Escola dos Mortos.

Se ela trabalhava aqui, deveria ter trabalhado antes na Sotrom. Considerando todo seu encanto natural, o assassino não deixou que ela escapasse.

Sua expressão generosa decaiu. Ela parecia arrasada.

– Sim, sinto dizer que estou morta. Todos que você encontrar por aqui estarão. Mas isso é um assunto que a diretora deve esclarecer a você. Ela saberá explicar melhor do que eu. Por aqui, Miss Valente, vou lhe mostrar o caminho – sorriu encantadoramente.

Era estranho entrar no *hall* do castelo como se fosse a primeira

vez. Era a mesma escadaria elegante, o mesmo mármore, os mesmo candelabros... Eu já estive lá, já fora recebida por uma governanta e já conversara com a diretora. Mas, agora, tudo estava de cabeça para baixo. Esse era um mundo paralelo, a Escola da Noite. A escola de *verdade*. E eu era a novata – de novo.

O grande relógio no centro do salão marcava duas da manhã. Era plena madrugada e eu ouvia barulhos por todo lado. Estávamos em horário de aula.

Na Sotrom, estar perambulando pelo colégio a noite era motivo de pânico. Aqui, isso era o normal. Madeleine me deixou na mesma sala, com a lareira quentinha crepitando e as estantes de livros. O quadro de uma antiga diretora ainda estava dependurado na parede. Do retrato, a mulher me encarava

com seus olhos delicados e gentis.

Na Sotrom, a diretora Prount era gélida e mal-amada. Como nessa escola tudo parecia ser melhor, desde o uniforme até a governanta, esperei ansiosamente para conhecer a diretora da Escola dos Mortos.

Não me enganei – ela era muito mais interessante que a diretora Prount. Quando entrou na sala, confesso que fiquei um tanto assustada. Era a mulher do quadro, bonita e educada, e ver seus olhos ao vivo e a cores era como ver um fantasma.

A diretora riu encantadoramente. Por que todo mundo aqui tinha que ser tão... *Amável*?

– Assustei você, Miss Valente?

– Um pouco – admiti, permitindo-me um sorrisinho constrangido.

– É que eu estava agora mesmo admirando seu retrato na parede, e não esperava ver a senhora assim, repentinamente, em pessoa.

– Oh, esse maldito quadro – ela revirou os olhos, divertida, sentando-se em sua mesa. – Eu já o tirei da parede milhares de vezes, mas a diretora da Sotrom sempre o recoloca durante o dia. Então acabei desistindo – deu de ombros. – Agora tenho que ficar olhando para minha cara na parede a noite inteira – riu. – A propósito, meu nome é Anastasia Markova.

– É um prazer conhecê-la, Miss Markova – eu estava melhorando nesse negócio de educação.

– O prazer é todo meu, Miss Valente. Não estamos nas condições mais felizes, afinal, estamos mortas. Mas a Escola da Noite está muito feliz por recebê-la! Assim que entrou na Sotrom, sabíamos que estava fadada a ser uma das nossas. Uma menina bela e cheia de vida.

– A senhora conhece a diretora Prount?

– Não, ela entrou como substituta na Sotrom assim que morri. Portanto, não chegamos a nos conhecer.

Acredite, queria adicionar, você não está perdendo nada.

– Mas a diretora Prount sabe da sua existência? Da existência desse lugar paralelo?

Embora fosse o mesmo lugar da direção, diferentemente do ambiente escuro e medonho que Georgina Prount criara como ambiente de trabalho, a sala de Miss Markova continha vasos de flores e retratos de família. Embora fosse frequentada por mortos, a Escola da Noite era muito mais viva do que a Escola do Dia.

– Sim, ela sabe, embora nunca tenha nos visto. Todos os alunos da Sotrom, quando terminam o primeiro ano, são informados do verdadeiro sentido da Academia; pelos menos aqueles que não morrem antes. Eles sabem que à noite funciona a Escola dos Mortos, e, por isso, lá dentro é uma selva. Na tentativa de salvar as próprias vidas, eles jogam os próprios amigos aos lobos. No meu tempo, ordenei que não contassem a ninguém sobre a existência da Escola da Noite. Mas quando o assassino me pegou e a diretora Prount assumiu, achou que os alunos tinham direito de saber que estavam correndo risco de vida. Resultado: todos se tornaram paranóicos e traidores – ela suspirou. – Não vejo como isso pode ter feito algum bem.

– Algumas vezes, a ignorância pode ser o melhor caminho – adicionei. Se as pessoas da Sotrom não soubessem que poderiam estar marcadas para morrer, talvez conseguissem formar laços verdadeiros de amizade e se sentissem a vontade para brilhar.

– Sim, tem toda razão, Miss Valente – seus olhos inteligentes e calorosos eram a razão para A Morte a querer como diretora da escola verdadeira. – Aqueles que foram marcados para morrer, morrerão, se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

escondendo ou não, jogando os amigos para a Morte ou não. Ninguém consegue enganar por muito tempo o assassino. Ele é esperto demais. Até hoje não entendo como Georgina Prount preferiu assolar o pânico sobre a mente desses pobres jovens. A Sotrom seria uma escola muito melhor se todos não vivessem com medo.

Concordei com um gesto de cabeça.

– Tem toda razão. Mas, Miss Markova... Algum dia nós vamos sair daqui? – eu não queria pensar nisso, mas a possibilidade de nunca mais ver Ana e Helena me tiravam o fôlego.

Miss Markova uniu a ponta dos dedos, suspirando.

– Miss Valente, esse é um assunto muito delicado. Nós somos especiais, somos escolhidos a dedo. A Escola dos Sotrom não existe somente aqui, na Inglaterra. Existe em vários países, e recebemos alunos de todos os lugares. Eu mesma vim da Escócia, como pôde notar pelo meu nome. No entanto, a Escola dos Mortos, ou melhor, Escola da Noite, como irá notar que a chamamos por aqui, é única. Não existe no mundo inteiro. Todos os alunos que morrem nas filiais da Sotrom pelo mundo afora vêm para cá. É a sede, a única que abriga os mortos. Irá encontrar muitos alunos estrangeiros neste lugar, como a senhorita, todos fadados a permanecer aqui para sempre.

– Para *sempre*? – senti o pânico vazando pelas bordas. Eu não conseguia lidar com isso.

– Miss Valente, não estamos aqui de passagem. Esse é o mundo dos mortos. E a morte é definitiva. Para ela, a eternidade é pouco. Aqui, você passará anos e anos. Não há como fugir, nem como mudar. Nós somos os escolhidos, os especiais. Somos nós quem carregamos os fardos de nossos antepassados.

– Do que a senhora está falando? – passei as mãos pelo rosto, tentando me controlar. Fardo? Antepassados? Do que isso me importava?

Porcaria, eu estou *morta*. Nada mais interessava.

Pânico subia pelas bordas. Minha respiração se tornou mais rápida que o normal. Mexi-me desconfortavelmente na cadeira. Nunca mais veria o Rio de Janeiro, meu mar, minha terra. Nunca mais veria minha família, meus amigos. Nada, nada, *nada*. Tudo estava perdido.

Quem essa mulher pensava que era para tomar minhas coisas preciosas? As coisas que eu amava?

A encantadora Miss Markova e seu fardo idiota que fossem para o inferno. Eu queria minha vida de volta! E queria *agora*.

– Miss Valente... A senhorita está agitada. Está se sentindo bem?

Levantei os olhos para encará-la. Senti-os ardendo de ódio. Miss Markova retrocedeu na cadeira, assustada. Eu era boa em lançar esse tipo de olhar.

– Não, não estou nem um pouco bem. É melhor você começar a me explicar que diabos eu estou fazendo nessa porcaria de escola. Caso contrário eu vou dar um jeito de sair daqui. E aí de quem estiver no meu caminho.

Miss Markova se moveu desconfortavelmente na cadeira, assombrada com minha reação. Seus lábios bem delineados se abriram levemente.

– Miss Valente... – seu tom era de choque.

– Vai. Falando. – Cruzei os braços e recostei-me na cadeira, esperando.

Miss Markova clareou a garganta, desconfortável. Se ela achou que eu iria aceitar ser assassinada pacificamente tinha se enganado. Podem me roubar, me pisar e me jogar no chão. Mas quando eu levantar, *corre*.

– Tudo bem, Miss Valente, a senhorita merece mesmo uma explicação. Acredite, não é fácil para nenhum de nós. Aqui, na Escola da Noite, nós não somos seus inimigos, não estamos tentando te jogar para a morte. Já estamos todos mortos, somos as vítimas. Não há motivo para nos odiarmos, pois não há mais assassinos. Fomos escolhidas e morremos. Nem eu, nem você, podemos fazer nada para mudar isso. Temos duas opções: brigar e nos afundar na depressão, ou tentar nos resignar e seguir com a existência. Embora estejamos mortos, ainda somos humanos. E quando estamos juntos, podemos conseguir alcançar o que muitos vivos nunca conseguiram. A felicidade. Aqui, a senhorita pode fazer amigos, pode se apaixonar... Não acabou, Miss Valente. Seu coração não bate, mas ele ainda está aí. Entende isso? O assassino só tira sua respiração. A vida de verdade ninguém pode lhe roubar.

Baixei a cabeça, querendo esconder as lágrimas.

– Então a Sotrom é uma fábrica da morte. Ela nos atrai, nos seleciona como rebanho, e depois nos abate. Por toda parte do mundo.

Miss Markova inclinou-se na mesa para pegar minhas mãos. Aqui, percebi, todo mundo tinha a mania de se tocar, abraçar, confortar. Miss Markova era uma escocesa linda, com olhos castanhos inteligentes e gentis, cabelos marrons longos e fartos.

– A Sotrom é sim uma fábrica da morte, e nós não podemos mudar isso, minha querida. Mas nós podemos fazer da nossa escola cheia de gente morta, uma fábrica da vida. A verdade é que todos nós somos cadáveres, mas não precisamos nos *sentir* como um. Somos quem decidimos ser.

Nossos corpos estão paralisados, mas nossas almas continuam bem vivas. Não deixe de acreditar nisso, Miss Valente. Porque, senão, a felicidade vai bater na sua porta, e você vai estar afundada demais na depressão para abrir. Não deixe que um assassino desconhecido decida quem você vai ser.

– Então nem você sabe a identidade do assassino?

– Não, ninguém sabe. Muda de tempos em tempos. Mas é alguém que mora na Sotrom. Se é aluno ou funcionário, isso um mistério.

Suspirei.

– A minha família deve estar apavorada sem notícias. Já comunicaram a minha... – engoli em seco. – Morte?

– Apenas no final do ano a Sotrom comunicará. Inventarão uma doença. Dirão que você não sofreu.

– Meu Deus. – Afundei a cabeça nas mãos. Helena e Ana não iriam aguentar. – Passei seis meses num caixão...

– Normal. Algumas pessoas demoram até mais do que isso para acordar. Você quebrou o crânio, querida. Seu corpo demorou a se reconstituir.

Respirei fundo, a garganta fechada em angústia.

– Miss Markova... Eu sou um cadáver?

Em resposta, ela somente me fitou com tristeza.

Arfei, horrorizada comigo mesma. Que tremedeira era aquela na minha voz? Eu iria *chorar*?

– Vou apodrecer?

– Não, claro que não, minha querida – ela parecia feliz por me dar

uma notícia boa. – Seu corpo parou, mas continuará exatamente como antes. Você não terá mais necessidades humanas, como comer, respirar ou usar o banheiro. Mas suas bochechas permanecerão coradas e sua temperatura a mesma. Para sempre. Não ficará pálida e gelada. Nunca mais terá febre ou ficará doente. As feridas de sua morte foram curadas, o crânio restaurado. Você não vai mais crescer ou envelhecer. Ficarás assim, bonita e jovem para sempre – ela sorriu honestamente, ansiosa para me alegrar.

Tentei forçar um sorriso para agradá-la, mas não consegui. Miss Markova era boa pessoa. Somente uma vítima, como eu. Não tinha culpa de nada. Mas pensar que eu nunca mais veria a minha família, meu Rio...

Eu precisava falar qualquer coisa, senão iria chorar.

– Não faz sentido. Por que nos matar? Coletar-nos aqui, nessa escola, como troféus? Por que não deixar que morramos em paz? Eles estão brincando com as nossas almas, afinal.

Embora eu não tenha religião, sabia que não era só feita de matéria. Era tecida de algo mais especial, algo que nenhum assassino poderia tirar. Eu tinha *espírito*.

– Bem, esse é um assunto muito delicado. Vou tentar lhe explicar da melhor maneira possível, assim como já expliquei para as centenas de alunos que chegaram aqui antes de você.

– Quantos alunos chegam aqui, por média?

– Vários! Você foi a segunda na semana. O último veio da República Tcheca.

– A Sotrom está mesmo no mundo todo.

– Mais ou menos. Está somente nos países mais antigos, principalmente na Europa. Em alguns países relativamente novos ela ainda
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não existe, mas muitos alunos migram para os países europeus e vão estudar nas Sotroms. É o caso do Brasil, por exemplo, onde nenhuma Sotrom existe ainda, pois a Escola foi fundada antes mesmo da civilização europeia ir de encontro à civilização nativa do Brasil.

– Por que isso existe? Qual o fundamento de nos matarem e nos manterem aqui?

Miss Markova recostou em sua cadeira, muito digna em seu lugar de diretora.

– Vou contar a você, Miss Valente, porque nossas famílias foram amaldiçoadas. Tudo começou há seiscentos anos, numa noite de inverno na Inglaterra, com quarenta homens bêbados.



Não era complicado. Tudo começou com uma guerra entre vários países da Europa. Quarenta homens dos mais diversos países se uniram para beber e traçar um plano de vitória.

Eles queriam formar uma espécie de nova ordem mundial, derrubando os líderes de seus respectivos países. Apelando para suas técnicas, bruxaria ou seja lá como chamavam, fizeram um pacto com a morte. Seus exércitos nunca perderiam, e seria muito difícil matá-los. Eles se tornaram poderosos, persuasivos, influentes. Uma sociedade secreta, cujo nome era “A Ordem.”

A influência da sociedade se estendeu por gerações e gerações. Nomes importantes que permeavam nossos livros de História fizeram parte dela. Miss Markova citou vários, enquanto eu me estarrecia. Ninguém podia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

imaginar.

No entanto, tudo teve um preço. A morte os deu grandes conquistas – mas pediu muito em troca. A vida dos seus filhos e de todas as gerações seguintes. *Pelo menos* uma pessoa de cada geração deveria morrer. Isso era o mínimo, poderiam ser mais. Mesmo que eles não concordassem, não tinham como lutar. O pacto estava feito. Os van Pelt, minha família, eram descendentes dos homens fundadores da Ordem, e, por meu pai ter sumido e eu ser a única neta com idade suficiente para estudar na Sotrom, sobrou para mim.

Por isso meu avô estabeleceu essa condição. Eu deveria estudar na Sotrom e morrer para pagar o preço que a família dos van Pelt devia a cada geração. Se eu saísse de lá viva, poderia usufruir da fortuna. Como não saí, pelo menos tudo ficaria para Ana e Helena.

Alexandra Ivanovick estava certa. Havia mesmo uma “arrecadação de almas” para saldar a dívida que nossos antepassados fizeram com a morte. De tempos em tempos, A Morte vinha levar um jovem, condenado pela eternidade.

Como seus filhos morriam sem explicação racional ao atingirem determinada idade, ficou difícil para os descendentes da Ordem explicarem tais coincidências para a sociedade. Por isso, há seiscentos anos, tiveram a ideia de fundar uma escola de fachada, de modo que pudessem enviar seus filhos. Se a morte os quisesse, eles saldariam suas dívidas. Seus filhos morreriam em segredo, num internato longínquo, de modo que ninguém ficaria perguntando o paradeiro. Se A Morte não os quisesse, tudo bem – o pagamento da dívida fora oferecido.

No entanto, se eles não enviassem seus filhos, A Morte prometera vir atrás de toda a família. Ao menos um dos filhos deveria morrer por todos.

Se tivessem sorte, seria apenas um.

Assim, a Escola da Noite servia como abrigo para os pobres filhos e netos escolhidos para saldar a dívida. As Academias Sotrom espalhadas pelo mundo todo são somente oferendas à Morte. Todos os descendentes das famílias fundadoras da Ordem obrigatoriamente têm que estudar lá. Uma vez lá dentro, a Morte escolhe os mais bonitos, os mais talentosos ou inteligentes, para arrasar as famílias e cobrar o preço alto que prometera.

Certo. Então essa história parecia mais um roteiro de filme. Se me contassem em outras circunstâncias, provavelmente riria. Mas como há meia hora eu acordara num caixão, acho que não estava numa posição favorável para rir de nada.

Madeleine, a governanta, guiou-me até o dormitório. Fiquei completamente espantada quando chegamos a porta do meu antigo quarto, aquele que dividia com Megan na Sotrom. Agora, no entanto, meu nome estava na placa junto ao nome de Mayumi Keiko.

– Mayumi Keiko vai ser minha colega de quarto? – choquei-me.

– Sim, se a senhorita não se opuser, é claro. Miss Keiko está sozinha em seu quarto desde que chegou, no começo do ano letivo. Acharmos que a senhorita gostaria de permanecer no mesmo quarto, para amenizar o impacto da mudança. Sabe, a diretora Markova se preocupa muito com o estado psicológico dos nossos alunos, principalmente os novatos. Não é fácil aceitar a nova... Condição. Eu mesma tive dificuldade – Madeleine me ofereceu um sorriso triste. – Mas nós temos um ótimo psicólogo aqui. Um dos mais renomados de todo Reino Unido! O nome dele é Sr. Wood. Sugiro que a senhorita o procure quando tiver algum tempo. Se quiser que eu a leve até ele, só precisa pedir.

Imaginei um livro de capa dura, frio e importante.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Psicologia para aceitar a morte – VOLUME I (PARA INICIANTES).
Era algum tipo de piada?

Mesmo assim, sorri para Madeleine. Ela só estava tentando ajudar.
Meu ressentimento não deveria ser direcionado a ela.

– Obrigada, Madeleine. Vou pensar sobre isso.

Não iria.

A governanta sorriu adoravelmente, satisfeita por estar ajudando.
Quase me pesava a consciência saber que estava enganando uma pessoa tão honesta.

– Disponha sempre, Miss Valente. Bom, seu uniforme e o livro de regras estarão em cima da cama, e, como é madrugada, provavelmente a garota que ocupa o quarto durante o dia...

– Megan Collins. Nós éramos... Amigas.

Éramos mesmo? Não sabia dizer.

– Sim, Miss Collins deve estar dormindo. Sugiro que não faça muito barulho, porque embora ela não possa a ver, ser for uma pessoa sensível pode ouvir ruídos e visualizar vultos de sua passagem. Acho que a senhorita não quer enlouquecê-la, não é?

– Não – eu ri. Mas bem que ela merecia.

– Bom, não é comum termos nossos alunos dentro dos quartos durante a noite. Todos ficam nas áreas públicas do castelo, para não incomodar os alunos vivos da Sotrom. Por isso eles não são permitidos a perambular pelo castelo à noite. Como é nosso horário de aula, podem ver o que não querem.

– E eu tenho alguma aula agora? – perguntei. Mais escola. Que sina.

– Seus colegas estão em aula, mas como é sua primeira noite, poderá descansar. Amanhã às vinte horas poderá iniciar suas aulas segundo o horário em cima de sua cama. Mais alguma pergunta? – ela tinha as mãos juntas, eficiente e paciente. Será que nesse colégio tinha gente idônea e afável por todos os lados?

– Não, obrigada, Madeleine, você foi de muita ajuda – eu só queria cair na cama e dormir.

– Disponha sempre, Miss Valente – sorriu e fez uma pequena reverência recatada, virando-se e sumindo no corredor.

Entrei em meu quarto. Parei bruscamente, atônita. Ele estava completamente diferente. Será que eu havia entrado no lugar errado?

As duas camas ainda estavam lá, bem como as cortinas pesadas e o guarda roupas. Mas o lado esquerdo, que antes era ocupado por Megan, havia mudado da água para o vinho. Aquela era provavelmente a cama de Mayumi Keiko, e sua colcha preta era bordada com a insígnia da Escola dos Mortos. “EM”, em dourado brilhante. A cama era abarrotada de almofadas, a superfície da escrivaninha tomada de perfumes e maquiagens, o enorme espelho cheio de recados colados com marcas de batom vermelho... Ou seja: *tudo* muito diferente da organização entediante de Megan.

Havia desenhos sobre a escrivaninha – um, em especial, chamou minha atenção. Retratava em carvão duas garotas assustadoramente lindas. Juntas, elas eram um tiro na autoestima de qualquer pessoa.

Para minha surpresa, minha mala da Sotrom estava ao lado da minha cama. Por cima da colcha também preta e dourada, havia meu uniforme cuidadosamente dobrado e o livro de regras da Escola dos Mortos. Tudo aquilo parecia muito mais legal do que as coisas da Sotrom.

As regras eram completamente diferentes.

– É proibido sair dos dormitórios durante o dia (horário entre oito da manhã e oito da noite no mundo dos vivos).

– É proibido assustar ou aparecer propositalmente para qualquer aluno da Escola dos Sotrom. Qualquer tipo de tentativa de contato remete a detenção/expulsão.

– É dever de todo aluno da Escola da Noite manter o sigilo sobre a existência da Academia, preservando, assim, nosso bem-estar.

Nisso consistiam as três regras básicas. O resto, pelo que percebi, era tudo liberado.

Fechei o livro e fui dormir, jogando meu uniforme no chão e afastando a colcha de qualquer jeito.

Eu não sabia o que esperar dessa gente. Tentei imaginar os alunos da Escola da Noite, mas nada veio a minha cabeça. Será que os mortos seriam mais interessantes que os vivos? Os alunos da Sotrom eram estafantes e previsíveis. Não fascinavam, não encantavam. Quem sabe restasse alguma esperança para os alunos da Escola dos Mortos – afinal, eles chamaram a atenção do assassino por algum motivo.

Não pude mais pensar sobre isso, estava exausta. Seis meses em um

caixão e eu não me sentia suficientemente descansada.

Dormi chorando. Meu coração se partiu no meio quando a realidade me atingiu. Eu havia sido roubada. Minha família, meu Rio, meu sol ficaram para trás. Tudo o que me era de valor, perdido para sempre. Chorei por horas e horas, em honra a todos que não veria mais. Em meu coração, nenhuma batida. Silêncio sepulcral.

Eu estava morta. E não deveria estar mais aqui.

Através das paredes do castelo, ao longe, eu ouvia vozes e risadas de alunos mortos que também deveriam ter partido, mas permaneciam nessa existência paralela. Restava evidente que a Morte queria minha presença nesse lugar.

Nesse enigmático mundo dos mortos, ela reservou algo para mim. E eu não sabia se queria descobrir.



Sinos. Milhares deles tocando, estourando meus ouvidos. Enterrei a cabeça no travesseiro. Sentia-me *acabada*.

– Ei, novata, é melhor levantar, senão vai se atrasar. – Alguém falou.

Gemi e me virei para o lado, ignorando quem quer que fosse. Uma hora esses sinos iam ter que parar de tocar – e dez minutinhos a mais na cama não iriam matar ninguém.

– Não diga que eu não avisei – a pessoa saiu, batendo a porta.

Dormi de novo, mas fui acordada um tempo mais tarde por batidas firmes na porta.

– Miss Valente? – era a voz de Madeleine. – Está na hora da primeira

refeição.

– Primeira quem? – murmurei, sem saber muito bem onde estava.

– São quase oito horas da noite, Miss Valente. A senhorita já deveria estar há muito tempo no Grande Salão.

Abri os olhos. Merda. Hoje era o meu primeiro dia de aula.

“Estou indo!”, gritei, levantando-me de um salto. Esfreguei os olhos, tentando me orientar. A cama de Mayumi Keiko estava toda desorganizada, almofadas espalhadas pelo quarto inteiro. Sua maquiagem aberta, recentemente utilizada.

Provavelmente foi ela quem me avisou para acordar. Que bom, devo ter passado uma ótima primeira impressão. Toda esparramada na cama, com o uniforme da Sotrom amassado e babando no travesseiro, como um mendigo bêbado.

Gentileza e boa educação não eram o meu forte.

Consegui encontrar meu horário jogado debaixo da cama, e lá dizia que a Primeira Refeição – seria estranho chamar de café da manhã, considerando que era o começo da noite – iria até às vinte horas. Olhei no relógio. Dezenove e trinta e cinco.

– Droga – grunhi. Livrei-me do uniforme amassado da Sotrom e tomei um banho de dois minutos. Prendi o cabelo molhado num coque recatado, passei longe de brincos e maquiagens e vesti cada peça do uniforme da Academia da Noite, embora fosse verão. O objetivo era parecer tão ousada quanto um pé de couve. O dia de estréia na Sotrom havia me ensinado sobre chamar a atenção no primeiro dia de aula. Não sabia como agiam os alunos daqui, por isso, a descrição era mais segura.

O uniforme da Escola dos Mortos era preto e dourado, muito mais
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

elegante do que a da Sotrom. No entanto, vesti-o de modo muito recatado, realizando a proeza de parecer uma *nerd* socialmente desengonçada. Olhei-me no espelho e sorri satisfeita. Minhas curvas latinas sumiram debaixo dos panos.

Correndo, cheguei até as enormes portas duplas do Grande Salão. Estavam fechadas, e lá de dentro vinha um barulho estrondoso de vozes e risadas. Engoli em seco. Isso era inesperado. Nunca tinha ouvido tanta agitação na Escola dos Sotrom. Aparentemente a Escola da Noite era mais animadinha.

Tudo bem, o plano é o seguinte: entrar discretamente e não chamar atenção para mim mesma. Provavelmente os alunos nem iriam nem me notar. Será que eles seriam melhorzinhos, se comparados aos da Sotrom? Torcia para que, pelo menos, não fossem estafantes.

Abri a porta e ela rangeu estrondosamente. Merda. Havia me esquecido o quanto ela era barulhenta. Respirei fundo, levantei os olhos e observei os alunos.

Ai. Meu. Deus.

Isso não estava acontecendo.

O Grande Salão parecia um lugar completamente diferente. Na Sotrom, era um ambiente silencioso e entediante, onde os alunos se reuniam de má vontade para comer.

Mas, na Escola da Noite, o Grande Salão parecia majestoso, cheio de vida e sons. Era o lugar mais interessante que eu já vira na vida. Iluminado a luz de centenas de velas, a Escola abrigava os alunos mais *sexys* e lindos que jamais imaginados. Garotos fortes e bronzeados, com sorrisos matadores, jogavam bolas de futebol americano sobre as cabeças dos

outros. A bola ia parar na mão de outro cara igualmente forte do outro lado do salão; eles davam congratulações obscenas uns aos outros aos berros e todo mundo aplaudia.

Estavam todos rindo, ouvindo música em seus *iPods* de última geração, com os pés cruzados por cima das mesas. Meninas de saias mínimas e corpos de Barbie sentavam-se aos colos dos namorados, sobre as mesas ou em grupinhos selecionados de amigas, rindo e fofocando.

Todos vestiam o descolado uniforme da escola – porém completamente modificado. Os meninos desabotoavam os primeiros botões da camisa negra, afrouxavam as gravatas douradas e arregaçavam as mangas, ressaltando seus *bíceps*. As saias das garotas eram quadriculadas em preto e dourado, e originalmente iriam até os joelhos – mas elas as transformaram em mini-saias. Gravatas afrouxadas, acessórios e maquiagem tornaram-se indispensáveis. Todas usavam salto alto, cabelos longos caindo até as costas ou em rabos de cavalo altos e elegantes.

Rapidamente reconheci um padrão entre os alunos. Ou tinham olhos inteligentes demais, ou eram bonitos demais para passarem despercebidos. Todos ali tinham alguma qualidade que A Morte cobiçara. Desde genialidade no xadrez e musicistas prodígio – até as pernas mais longas e bronzeadas.

A Morte queria apenas a nata de todas as famílias.

Os alunos eram brancos, negros, latinos, indianos, asiáticos, cheios de sotaques e diversidade. Eram selecionados dos cantos mais longínquos do mundo. Pessoas que estariam em capas de revista.

Era por isso que a Sotrom da Inglaterra – e provavelmente de todas as partes do mundo – só abrigava alunos tão chatos e sem brilho. Os alunos envoltos morriam rapidamente, assassinados e enviados para a Escola da ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Noite. Os que sobravam na Sotrom era somente o resto, a parte dispensável da colheita, aqueles que não tinham nenhuma qualidade especial que despertasse a cobiça da Morte.

Quando vários pares de olhos se voltaram para mim, eu rapidamente me senti uma idiota com meu uniforme alinhado e meus sapatos surrados.

“Ela é nova aqui?”, um cochicho correu pelo salão. “Acho que sim”, alguns respondiam sem certeza. “Nunca a vi por aqui”, “De onde ela desenterrou esses sapatos horríveis?”, dentre outras especulações.

Com a cabeça baixa e amaldiçoando-me por dentro, atravessei o salão até a mesa de comida. Foi o caminho mais longo da minha vida – ou, bem, da minha morte. Existência.

Tanto faz.

Hoje com certeza não era o meu dia.

Uma senhora rechonchuda de pé por trás da mesa, vestida com uma touca branca e avental, sorriu bondosamente para mim:

– Vai comer, querida? – parecia surpresa.

Não. Só estou aqui conferindo se a comida não saiu correndo.

– Humm, não é a hora da Primeira Refeição? – uma aluna querendo comer não deveria ser motivo de choque, deveria?

– Sim, mas é claro! Que ótimo o fato de que alguém vai comer minha comida hoje, para variar. São tão raros os que comem por aqui – ela parecia inebriada ao colocar *bacon*, ovos mexidos e pãozinhos em meu prato.

– Como assim *raros*? – ergui uma sobrancelha.

– Bom, estamos mortos, não estamos? Não digerimos mais.

– *O quê?* – gritei e vários alunos me olharam com estranheza. Corei e falei mais baixo. – Como assim *não* digerimos? Nunca mais vou poder comer? – agora sim eu estava pagando pelos meus pecados.

A mulher pareceu desconcertada.

– Ora, querida, você é novata por aqui? Ninguém te contou? Comer, você pode. Só tem que arranjar um jeito de botar para fora depois. Ou vai ficar aí dentro para sempre.

Com uma expressão de nojo e espanto, entreguei o prato de volta para ela.

– Então por que diabos temos uma Primeira Refeição?

A mulher deu de ombros, decepcionada com minha recusa.

– É mais um momento social do que tudo. Os alunos daqui precisam de um momento para descarregar toda a energia de sua juventude. Eles têm sangue quente, se é que me entende – piscou.

Sorri amarelo, me virando e sentando na ponta de uma das mesas longas e retangulares. Suspirei, completamente desanimada, rabiscando padrões sobre a madeira escura. Nem comer mais eu podia.

Fiquei com raiva de mim mesma. Quando deveria ser discreta, eu era ousada. Quando deveria brilhar, eu me vestia numa roupa de agente funerário. Que maravilha. Agora eu estava sozinha num salão abarrotado, com uma placa de neon piscando sobre a testa: *loser*. Perdedora total.

Senti vários olhares sobre mim, analisando-me. Mas logo todos perderam o interesse. Vestida daquele jeito e sentada sozinha, eu parecia uma fracassada. Não preendi a atenção de ninguém por muito tempo. Havia muita gente interessante no salão para que desperdiçassem tempo comigo.

Aquilo foi como um soco no estômago. Eu não estava acostumada a ser uma pária social. Geralmente, andava cercada por amigos e atraía olhares.

Bom, suspirei. Pelo menos isso estava servindo como uma lição de humildade.

Minha sorte era que o tempo de “socializar” logo acabaria, e em breve estaríamos nas salas de aula. Enquanto isso, deixei que meus olhos vagassem pelo salão.

Todos eram de alguma forma relevantes. Ou bonitos e esportistas, ou calados, misteriosos e inteligentes. Os que se sentavam sozinhos eram raros – estavam com fones de ouvido ou teclando furiosamente em *laptops*. O restante tinha grupos definidos, rindo em um círculo de amigos ou se agarrando com namorados nos cantos escuros do salão, onde a luz das centenas de velas não alcançava.

Meu queixo caiu. Isso nunca aconteceria na Sotrom.

Embora todos fossem interessantes, havia grupos que se destacavam. Reconheci Mayumi Keiko num deles, lembrando-me da descrição que Megan fizera. Ela era linda, alta e esbelta, a única japonesa de olhos azuis no salão. Seus cabelos negros caíam perfeitamente lisos até o fim das costas. Parecia tão leve e refinada quanto uma gueixa.

Não dava nem para acreditar que era a mesma menininha assustada que escrevera no diário. Se ela ao menos tivesse citado o nome da pessoa com quem se encontrou na biblioteca... Talvez tivesse citado e a página fora arrancada.

Ao lado de Mayumi, sentava-se a menina mais perfeita do salão. Intensos olhos azuis felinos, feições elegantes e um enorme cabelo loiro

arruivado – que não se decidia entre ser vermelho ou louro. Fios dourados caíam em camadas, brilhando por entres os ruivos, fazendo-a ter um brilho próprio à luz das velas. Seus lábios eram vermelhos e seus olhos grandes e inocentes – possuía o rosto de uma princesa de conto de fadas.

Mayumi tinha um braço transpassado no dela. Claramente eram melhores amigas, rindo e trocando olhares confidentes. Juntamente a elas, havia mais dois garotos. Todos os dois eram lindos. O primeiro usava um cabelo rastafári completamente louco, louro e comprido. Era forte e sensual. O outro, musculoso e bronzeado, conservando um cabelo castanho ondulado, olhos verdes da cor do mar do Caribe e um sorriso matador.

Ergui uma sobrancelha para ele. *Uau*. Das outras beldades do salão, ele era o que mais se destacava até agora.

Olhando melhor para ele e a garota loura, lembrava-me de ter visto seus rostos antes. Suas fotos estampavam o livro dos ex-alunos da Sotrom. Eles morreram no grande incêndio há vinte anos.

Se comparado aos grandes bandos que amontoavam as mesas, os quatro eram um grupo muito pequeno e restrito. Não obstante, estava claro que eles situavam o centro da órbita social da Escola da Noite; todos os outros giravam em torno deles. Os quatro pertenciam fixamente ao grupo, mas nunca estavam sozinhos; sempre havia outros visitantes, ansiosos por atenção. Talvez os nômades tivessem esperanças de serem aceitos como membros permanentes do grupinho elitista.

Não sabia se me tornar a colega de quarto de uma das garotas mais populares da Escola da Noite poderia ser minha passagem para o topo da cadeia social ou minha ruína. Se Mayumi Keiko fosse legal, poderíamos nos tornar amigas. Todavia, se não fosse, iria infernizar minha vida vinte quatro horas por dia. Eu iria literalmente dormir com o inimigo.

Que ótimo. Desanimada, deixei meus olhos vagarem por outros cantos do salão. Eram todos tão barulhentos, falantes, sociáveis e...

Putá merda.

Mesmo inerte, meu coração deu um salto antinatural. Baixei os olhos, não sabendo explicar minha reação.

Numa mesa ao canto do salão, a mesma em que Alexandra Ivanovick se sentava sozinha na Sotrom, estava sua família morta. Eu os reconheci imediatamente – as feições elegantes, os olhos negros, ardentes e arrogantes. Todos tinham cabelos negros e o porte refinado de Alexandra.

Eram três irmãos. Conversavam baixo, não olhavam para ninguém. Um deles era extremamente forte, do tipo que você não iria querer encontrar num beco escuro. Seus *bíceps* proeminentes se destacavam no uniforme desabotoado, a gravata frouxa mal cabendo em seu pescoço musculoso. Lábios cerrados, olhos negros e severos, queixo erguido – na consciência de que era melhor que todos ali. Possuía uma tatuagem negra subindo pelo pescoço e um *piercing* na sobrancelha. Usava um corte de cabelo militar e mexia em algum tipo de aparelho eletrônico. Seus olhos inteligentes e dedos ágeis demonstravam saber o que estava fazendo.

A menina ao seu lado era exatamente igual à Alexandra Ivanovick. Só podia ser a irmã gêmea assassinada, da qual Megan falara certa vez: Alicia Ivanovick. Entretanto, ao contrário de Alexandra, Alicia não fazia o tipo modelo de passarela. O cabelo negro e comprido continha uma mexa roxa na nuca, emaranhada nos fios escuros e desalinhados para todos os lados. Obviamente também era linda, alta e esbelta, mas tudo que a cercava era estranho – desde suas meias-finas rasgadas até sua maquiagem gótica.

Na curta fração de segundo que ousei encará-la, notei que tinha um *piercing* na língua, pois possuía a mania de passá-la pelos dentes, como

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

uma cobra. Isso a fazia parecer ameaçadora e meio psicótica.

Eram russos, e eu apostava que tinham o mesmo sotaque sensual de Alexandra.

No entanto, não foram os outros Ivanovick que provocaram a reação eletrizante que invadiu minhas veias. Não sabia se era medo ou empolgação contida. Só sabia que *queimava*.

Lá estava ele. Recostado na cadeira ao lado dos irmãos, de braços cruzados e expressão completamente desinteressada para os adolescentes eufóricos ao seu redor.

O garoto de olhos negros.

Capítulo Cinco

Ergui o rosto, permitindo-me outra olhada. Senti o mesmo choque de adrenalina percorrendo as veias. Vê-lo ao vivo e a cores era quase uma experiência extracorpórea.

Sentia-me quente, agitada, desconfortável no próprio corpo. *O que estava acontecendo comigo?* Geralmente, nada me atingia assim.

O garoto se sentava lá, frio e desinteressado. Seus olhos negros

eram *enigmáticos*. Pareciam esconder milhares de segredos. O boné vermelho tirava a franja dos olhos, e seus fios fartos e desalinhados saíam por debaixo da aba, rebeldes.

Seu maxilar musculoso erguia-se inconscientemente, os lábios cheios cerrados em desgosto com as cenas infantis que via ao seu redor. Embora a expressão fria e orgulhosa lhe fizesse parecer completamente hostil, o garoto não era tão musculoso quanto o irmão. Possuía uma aparência juvenil, que feria seu ar de hostilidade. Talvez fosse o mais novo dos irmãos.

A argola de prata na orelha esquerda e as botas escuras de exército subtendiam sua rebeldia. Era um recado: *fiquem longe*. Admirei sua ousadia. Afinal, aquele brinco sempre esteve lá. Mesmo quando ele estudava na Sotrom, em que as regras de boa aparência não permitiam brincos, *piercings* ou tatuagens.

Seus olhos negros pegavam fogo, arrogantes e repletos de uma hostilidade silenciosa. A escuridão engolia as íris e as pupilas, misteriosas e quentes como especiarias da Índia. Seus olhos passavam sem interesse nenhum pelas pessoas do salão, insolentes e presunçosos, como se nenhum de nós merecesse muito tempo de sua atenção.

Não obstante, não parecia se achar melhor do que os outros. A razão de sua arrogância consistia simplesmente um desprezo puro e refinado por toda a frivolidade ao seu redor.

Usava o mesmo uniforme com que passara por mim pelo corredor daquela primeira vez, e só agora eu entendia a insígnia dourada, “**E.M**”

Significava *Escola dos Mortos*.

Já era noite quando cheguei à Sotrom, e ele deveria estar no horário

de aula da Escola da Noite. Eu o vi passar por mim rapidamente no corredor, como um vulto, e somente por alguns segundos pude observar com clareza seu rosto perfeito. Na hora, pensei que simplesmente estava muito escuro para ver detalhes de sua fisionomia – mas, na realidade, eu estava vendo um *fantasma*. Captando fragmentos desse mundo paralelo – fator corriqueiro na Sotrom, considerando o comportamento apavorado dos alunos e funcionários de lá.

Aparentemente, eu era uma pessoa sensível. Por isso também ouvi as vozes no gravador e vi o nome de Mayumi Keiko na porta. Aquele nome estava *mesmo* na placa – só que num mundo paralelo. Quando estava viva, eu conseguia ver relances desse mundo paralelo, pequenas fendas...

Não ande pelos corredores durante a noite, ou vai acabar vendo o que não quer, alguém tinha me avisado.

Por isso Lucy estava tão nervosa – ela não tinha medo somente do assassino, mas também de ver os alunos mortos perambulando ao seu lado. Por isso o garoto sumiu com tanta rapidez no escuro – não estava lá realmente. Era somente um vulto, um vislumbre rápido do mundo dos mortos, que coexistia paralelamente ao dos vivos.

Lembro-me de ter ficado chocada quando ele não se deu ao trabalho nem de me dar uma olhadinha. Não era porque me achava desinteressante – e sim porque não estava me *vendo*. Afinal de contas, estávamos em escolas diferentes. Por isso Lucy não surtou ao ver um menino àquela hora no dormitório feminino – para ela, ele não estava lá. Só eu consegui enxergá-lo. E, mesmo assim, foi só um vislumbre.

Eu devia estar devorando o garoto com os olhos, porque Alicia Ivanovick desviou as íris negras e hostis dela para mim. Arqueou uma sobrancelha desafiadora, como se para dizer: *está olhando o que, novata?*

Ele é demais para você.

Desviei o rosto no mesmo segundo, corando como um tomate. Ela tinha razão.

O sinal para o começo das aulas finalmente tocou, e eu esperei até que a maioria dos alunos tivesse saído do salão para me levantar, de modo que não fosse engolida pela multidão. Os Ivanovick foram os primeiros a sair, demonstrando que se sentiam ansiosos para se livrarem daquele ambiente cheio de adolescentes descontrolados e risonhos.

Todas as garotas do salão seguiam com os olhos o mais novo dos Ivanovick. O garoto de olhos negros, cuja simples foto tinha potencial para roubar a sanidade de qualquer mulher.

Ele andou pelo salão rapidamente, na frente dos irmãos. Seus olhos fixados à frente, desinteressados e arrogantes. Não olhava para ninguém.

Observando a situação, não foi surpresa saber que todas as garotas da Escola da Noite nutriam uma paixão secreta por ele. Contudo, uma delas me surpreendeu. A melhor amiga de Mayumi Keiko, a menina loira arruivada, também seguiu o garoto com os olhos.

Pois é. Até ela. A concorrência nesse lugar era acirrada.

A garota era a mais linda do salão, perdendo apenas para Alicia Ivanovick – mas a essa altura eu já havia percebido que a família Ivanovick não ocupava o patamar normal dos seres humanos.

A loira claramente comandava o grupo. Era a abelha rainha por excelência. Uma *it girl* descolada e maravilhosa que massacraria quem estivesse em seu caminho. Eu já tinha ouvido falar de abelhas rainhas, e era assombroso ver uma assim, pessoalmente. Aparentemente, a Morte gostava de monarquias. E essa garota era perfeita para reinar, como se tivesse

nascido para isso.

Chocou-me o fato de o mais novo dos Ivanovick e a loira ainda não estarem juntos. Eram as maiores beldades do lugar. Essa gente costuma se atrair magneticamente.

A loira o acompanhou com um olhar obsessivo e dominador, deixando bem claro para as outras no salão que ele já estava marcado. E ninguém iria ter chance de competir. Quando ele passou, ela mexeu nos cabelos de forma sedutora.

Mas algo estranho acontecia. O Ivanovick não desviou os olhos negros para ela nem uma vez. Sua beleza desconcertante aparentemente não o impressionava.

A garota sorriu para algo que a amiga, Mayumi, falara. Mas, no fundo, pude ver o ressentimento e o ódio no fundo dos seus olhos felinos. Ela o queria. E não estava acostumada a ser rejeitada.

Talvez *querer* fosse eufemismo. A forma como o encarava revelava-se intensa demais para uma simples paixãozinha. Refletiam obsessão, admiração, mágoa e ressentimento. Aquilo não era só um interessezinho platônico. A garota se encontrava seriamente apaixonada por ele – do tipo de paixão intensa, sedenta e desesperada.

Mas o Ivanovick não estava nem aí para ela. Franzi a testa. Que situação peculiar. Ele era o alvo do interesse da maior beldade do lugar, e ainda assim preferia ficar sozinho.

Pensei em duas opções nada animadoras. Opção um: ele era *gay* – o que seria uma enorme decepção para a parte feminina da humanidade. Opção dois: ele já era apaixonado. Talvez por outra garota longe daqui, talvez por si mesmo. Se eu tivesse a aparência dele e me olhasse no espelho

constantemente, também ruminaria uma paixãozinha secreta por mim mesma.

Segundo o horário amassado em minhas mãos, minha primeira aula era de Psicologia da Morte – seja lá o que for isso – ou Música. Havia vários cursos interessantes – desde Ciências Políticas até Teatro. Nós estávamos todos mortos, não iríamos para a faculdade, não procuraríamos por emprego, não teríamos filhos, casaríamos ou divorciaríamos. Estávamos congelados no tempo, numa escola transcendental, fora da realidade. Eu via tudo isso como um sonho sombrio e estranhamente glamouroso.

Andei de cabeça baixa pelos corredores barulhentos, amontoados de alunos recostados nas paredes, batendo papo, ou remexendo em seus armários com pressa. Passar por ali era como passar por um corredor polonês. Suas risadas estrondosas me intimidavam. Eles estavam todos conectados em seus grupinhos fechados, me analisando como se eu fosse parte de um rebanho – e eu não era a vaca premiada.

Garotas rebolavam com saias mínimas e passos elegantes pelo corredor, seus enormes saltos fazendo barulho no chão de pedra. Seus sapatos eram de grifes italianas, e os acessórios que usavam igualmente caros – afinal, a Escola dos Mortos era de alto nível. Além da própria vida, o ano custava uma pequena fortuna.

Eram *it girls*, deslumbrantes e criadoras de tendências, que não seguiam ninguém. Eram seguidas.

As bolsas de couro que carregavam eram de grifes famosas. Prada, Louis Vitton – e daí por diante. Todas atuais, da última moda. Imaginei como elas conseguiam essas coisas, considerando que estavam mortas. Não dava para simplesmente sair do colégio e ir fazer uma comprinha no mundo dos vivos.

Decidi ir para a aula de música. Perdi-me nos corredores e só encontrei a sala porque uma música extraordinária penetrava por entre as fendas das portas, as notas encaixando-se num padrão intrincado e complexo. Se meu coração ainda batesse, teria dado um salto. Eu reconheci a melodia imediatamente.

Abri a porta, entrando discretamente – e não estava errada. O pianista era ele: o garoto de olhos negros.

O lugar consistia num espaço amplo, uma espécie de auditório sem palco. Em sua extremidade, havia um piano enorme, negro e brilhante, cercado pelas poltronas onde se sentava o resto da turma. Um professor sentava-se numa cadeira separada das poltronas dos alunos, observando o pianista tocar, as mãos cruzadas sob os queixos, os olhos pensativos. Ele não analisava criticamente o aluno – ele o *contemplava*. Estávamos diante de um verdadeiro artista.

Não consegui sair do lugar. Fiquei de pé, imóvel na entrada da sala, congelada de susto. Eu não estava preparada para reviver aquela cena.

Mais uma vez, as mãos do Ivanovick voavam pelo piano em uma composição complexa e luxuriante. Seus dedos encontravam as teclas com velocidade e requinte. Era quase impossível acreditar que o garoto tocava aquilo sozinho.

O boné vermelho e descolado ainda estava lá, bem como o brinco reluzente. Todavia, seus olhos negros e concentrados refletiam uma profundidade que não deveria ser encontrada ali. Ardiam, ainda arrogantes – mas dessa vez não havia desprezo. Alguém que conseguia tocar uma canção como aquela só poderia possuir uma sensibilidade acima do normal – sensibilidade de um artista. O garoto entendia significados ocultos, complexos demais para o entendimento das palavras. Ele via o que ninguém

via, e expressava tudo isso em sua música.

Tive uma percepção. Ele não fora escolhido pela Morte somente pelo fascinante rosto. Suas íris negras refletiam uma inteligência acima da média, bem como talento e sensibilidade.

A música fluía dos seus dedos, doce e sombria, como o relato de um romance trágico – uma noite de amor dentro de uma tumba, dois cadáveres amantes. Fechei meus olhos e pude imaginar a cena com clareza.

Nunca fui fã de música clássica, mas aquela conseguira desenterrar uma chaminha quente até mesmo em meu coração gelado e prático. Arrebatara-me, como tudo aquilo que vinha dele.

Obviamente, ele não desviou seus olhos para mim por momento algum. Finalmente percebi que estava fazendo papel de idiota, imóvel como um pé de repolho no fundo da sala. Portanto, quando o choque passou, sentei-me em meu lugar no fundo do auditório, sem atrair a atenção de ninguém.

A música acabou e a sala caiu num silêncio triste. Sem a canção do garoto, o ambiente perdera o calor.

– Muito bem, Sr. Ivanovick. Excelente composição, como sempre – observou o professor, provavelmente acostumado ao desempenho excepcional do garoto. Olhou numa lista e voltou a falar. – Agora, por favor, ceda o lugar para outro colega. A próxima é Miss Turnage.

Surpreendi-me quando a garota de cabelos cor de bronze se levantou; não havia notado sua presença na sala. Aliás, não tinha notado a presença de ninguém além *dele*.

Agora eu me lembrava do seu nome, visto antes no livro dos ex-alunos da Sotrom. Amy Turnage, estudante da Sotrom da Inglaterra, a

mesma na qual eu fui morta. Ela faleceu no grande incêndio de 1990, vinte anos atrás. Enquanto ela andava, seus cabelos louro-avermelhados fluíam como uma cascata sobre suas costas. Impossível não olhar para ela.

Mas o garoto de olhos negros não olhou sequer uma vez. Parecia nem notar sua presença. Aliás, para ele, todos éramos insignificantes.

Para o meu completo espanto, ele se levantou do piano, jogou uma mochila negra sobre as costas e saiu da sala com o queixo erguido, sem olhar para ninguém. Simplesmente... *Abandonou* a aula, na frente de todos e sem o menor constrangimento.

Amy Turnage se sentou ao piano, tentando esconder a expressão de mágoa e raiva. Ele não considerou sua apresentação suficientemente importante para que se desse ao trabalho de assistir ao resto da aula.

Um garoto ao meu lado semicerrou os lábios, reprimindo algum sentimento bem parecido com ódio.

– O Ivanovick sempre sai na hora que quer – comentou com um amigo ao lado.

– Ninguém te contou? Nossas apresentações não são dignas da presença dele – o outro respondeu com ironia.

– O pior é que o professor Tovey não faz nada para impedir. Aposto que se eu saísse antes do término da aula iria direto para o castigo. Mas não... O Ivanovick pode tudo.

– Isso é porque o Sr. Tovey não pode pará-lo.

– Ou porque o garoto não tem medo do castigo – intrometi-me na conversa, erguendo uma sobrancelha.

Os dois olharam surpreendidos para mim, analisando-me. *É*

bonitinha, mas se veste muito mal.

Desviei os olhos para ver a apresentação de Amy Turnage, um sorriso malicioso nos lábios. Eles ficaram calados. Sabiam que eu tinha razão.

Ao final das aulas, eu estava exausta. Tomei um banho e fui dormir, embora no meu horário interno ainda fosse dia. Uma hora dessas, na Sotrom, estaríamos em plena atividade.

Na Escola da Noite, no entanto, “dia” só significava horas no relógio, porque no mundo dos mortos nunca amanhecia de fato. Não éramos vivos e não precisávamos de vitamina D advinda do sol. Além do mais, não podíamos ter as mesmas regalias que os vivos – a luz, por exemplo, não nos pertencia mais. Perdemos o direito ao dia quando morremos – agora, tudo era uma eterna noite, sempre escuro, mesmo quando o relógio marcava dez da manhã. Como um eterno eclipse.

Percebi que, na escola dos mortos, “noite” era considerada nosso horário de atividades, enquanto “dia” o horário em que dormíamos. Precisávamos dessa hora de descanso, de modo que os alunos da Sotrom pudessem perambular pelo castelo sem ver ou ouvir nossos vultos e vozes. Para pessoas sensíveis, às vezes o mundo dos mortos abria pequenas fendas, ou entrava em nossos sonhos – como daquela vez que sonhei com uma garota conversando com a amiga no mesmo quarto em que eu dormia. Elas estavam no mesmo lugar que eu, embora nenhuma de nós pudesse ver umas as outras.

Não foi um sonho, e sim as vozes de Mayumi e uma amiga transpassando a tênue linha que separava o mundo dos vivos e dos mortos.

No meu subconsciente, eu conseguia ouvir fragmentos de suas conversas, mesmo que na época eu ainda estivesse viva.

Deitei-me na cama pensando na noite de hoje.

Participei de várias aulas interessantes, cheias de risadas e histórias envolventes, professores encantadores e inteligentes – os melhores estavam aqui, e por isso na Sotrom só havia gente entediante. Havia tantas pessoas engraçadas, espertas e talentosas na mesma sala que ficava impossível prestar atenção em uma só.

Depois da aula de música, não vi mais o garoto de olhos negros. Seus irmãos apareceram no jantar – ele, não. Para minha decepção, a de Amy Turnage e a do resto das garotas da escola. Aparentemente ele tinha coisa melhor a fazer.

Mayumi demorou a chegar no quarto, e só mais tarde ouvi risadas abafadas do outro lado da porta.

Entrou fazendo um estardalhaço com a amiga. Chiou, pedindo silêncio quando me viu deitada na cama. Fechei os olhos e fingi que estava dormindo, ansiosa por saber o que duas garotas tão glamorosas conversavam ao pensarem não estar sendo ouvidas.

– Ai, que droga, esqueci que agora você tem uma colega de quarto. Não vou poder mais dar escapulidas para nossas madrugadas de tequila aqui – deduzi que fosse a voz da garota louro-arruivada, Amy Turnage.

– É, agora não tenho mais uma cama extra – queixou-se Mayumi. Senti seus olhares sobre mim, analisando-me. – A não ser que nós fiquemos amigas.

Amy bufou.

– Acho muito pouco provável. Ela é tão estranha. Qual é o nome dela?

– Lara Valente, eu acho. Pelo menos é o nome que está na porta. Nunca ouvi falar dessa família, “Valente”, e você?

– Nem eu. – Senti seu olhar felino sobre mim. – Bonitinha, mas se veste tão mal. Saia abaixo dos joelhos? Onde ela pensa que está? Na Sotrom?

– Será que é algum tipo de religiosa? – a voz de Mayumi não tinha maldade.

Mas a de Amy Turnage, tinha.

– Não por muito tempo. Essa Escola irá desvirtuá-la rapidinho.

As duas riram abafadamente. Amy era a típica abelha rainha, e tudo o que ela falava parecia correto, quase profético.

– Você é má – comentou Mayumi, divertindo-se às minhas custas.

Por fora, eu dormia como um anjo. Por dentro, armava uma vingança. Eu não era do tipo que seguia uma abelha rainha. Era do tipo que as preocupava.

Duas batidas firmes soaram na porta.

“Droga, esconda-se no banheiro”, cochichou Mayumi para a amiga. Em seguida, abriu a porta.

– Ah, olá, Madeleine – Mayumi cumprimentou a governanta casualmente. – Posso ajudar?

– Já está na hora de ir para cama, Miss Keiko – ouvi a voz suave da governanta. – E você também, Miss Turnage! Ou irá dormir no banheiro dos outros?

Mayumi e Amy riram, culpadas.

“Não posso! Diarréia!”, gritou Amy do banheiro.

“Então você tem dois minutos para se curar, Miss Turnage, ou nós podemos conversar com a diretora Markova...”, gritou de volta Madeleine.

A porta do banheiro se abriu imediatamente, e Amy saiu: “Cura milagrosa!”.

Madeleine balançou a cabeça, um sorriso maternal nos lábios. Até os funcionários daqui eram camaradas.

Amy foi embora e Mayumi tirou o uniforme, vestindo um pijama rosa e curtinho de seda que parecia estupidamente caro. Esperei até que ela dormisse para sair do quarto e ir atrás de Madeleine. No bolso do meu *hobby* negro com a insígnia dessa nova escola, encontrava-se a minha melhor arma contra os deboches delas.

Bati na porta do quarto de Madeleine, que abriu colocando seu roupão sobre a camisola, um tanto assustada.

– Miss Valente? Aconteceu alguma coisa?

– Você disse que eu poderia te pedir ajuda, caso precisasse, lembra-se? Pois bem, necessito de um grande favor – eu deveria parecer uma louca ali, na hora de dormir, enrolada em meu roupão.

– Sim, é claro – incorporou toda a sua eficiência. Talvez pensasse que eu estivesse sofrendo graves sequelas emocionais com minha morte, e quisesse chorar no ombro dela. – É alguma emergência?

Mas eu não sou do tipo que chora. Eu sou do tipo que faz chorar. E se fosse para morrer, que fosse uma morte em grande estilo.

– Digamos que sim, é bem urgente – entreguei a ela o cartão de crédito negro e reluzente que meu avô desconhecido deixara. – Preciso que

busque umas coisas em Londres para mim.



Quando a noite caiu e o sinal de acordar tocou, fingi que dormia enquanto Mayumi se arrumava e saía do quarto, revirando os olhos para minha forma imóvel na cama. Além de fracassada, considerava-me uma atrasada irrecuperável.

Não me importei. Eu queria mesmo chegar ao Grande Salão quando ele estivesse bem cheio. Além do mais, hoje Mayumi teria a primeira impressão de uma Lara Valente que não estava babando no travesseiro.

Esperei ansiosamente que Madeleine chegasse ao meu quarto com as encomendas. Como era dia, tudo o que comprei chegou em poucas horas à Sotrom; Sr. Field esperou cair a noite e, através do túneis, trouxe tudo para a Escola dos Mortos.

Fiquei sabendo que o Sr. Field fizera um acordo com a Morte. Para evitar ser morto há anos atrás, o assassino ofereceu-lhe uma proposta. Sr. Field enterraria os alunos e os levaria para a Escola da Noite, de modo que só ele poderia transitar entre o mundo dos vivos e dos mortos. Toda a conexão que existia entre a Sotrom e essa escola acontecia através dele.

Como Sr. Field era muito velho, deve ter feito o acordo com outro antigo assassino, não o mesmo que me matou. Aqueles que carregam o título de “A Morte” mudam de tempos em tempos, pois os assassinos, caso fossem alunos, se formam e vão embora. E então outro chegava em seu lugar.

Madeleine finalmente chegou com minhas encomendas. Espalhei
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

todas as sacolas de grifes caras de Londres pelo meu quarto. Jóias, sapatos, saias, cachecóis, vestidos, sobretudos, bolsas... Não deixava nada a desejar para os acessórios das outras garotas da Escola. Se eu não podia vencer o inimigo, juntaria-me a ele.

Ontem, ninguém reparou em mim. Mas, hoje, não entraria naquele salão parecendo uma fracassada. Eu seria uma surfista bronzeada em roupas de grife, e ninguém me olharia de cima. Queria calar a boca de todos que debocharam de mim, inclusive Amy Turnage.

Transformei a saia pregueada do uniforme em uma minissaia, como as outras meninas usavam. O quadriculado preto e dourado exaltava minhas pernas bronzeadas. Cobri-as com meias pretas e transparentes que subiam até o meio das coxas, rendadas nas pontas como *lingerie*. Abri vários botões da camisa, arregacei as mangas e afrouxei a gravata preta e dourada. Joguei meu cabelo castanho escuro de lado, caindo até as costas imaculadamente liso, alguns reflexos de dourado nas pontas onde o sol da praia queimara, quase imperceptíveis. Ousei na maquiagem e nas argolas douradas. E, para finalizar, um salto alto negro e reluzente, tudo com etiquetas de grifes francesas.

Se eu seria um tributo para pagar a dívida da família do meu avô, seria um tributo irresistível. Olhei-me no espelho e sorri maliciosamente. Eu não estava parecendo morta. Estava parecendo matadora.

Embora fosse noite, o castelo estava vazio enquanto eu perambulava pelos corredores. Todos os alunos se encontravam no salão para a Primeira Refeição. Parei na frente da porta dupla, ouvindo as altas vozes ressoando lá dentro. Respirei fundo, joguei o cabelo, ergui o queixo e fiz uma expressão de indiferença.

Abri a porta com um estrondo, sem me importar em chamar atenção

PERIGOSAS

dessa vez.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo Seis

Entrei no salão, meus saltos fazendo barulho no chão de pedra. Quando passei por entre as mesas, senti todos os olhares sobre mim. Uma série de cochichos curiosos se instaurou. “*Quem é ela?*”

Meu *lingerie* chamava a atenção de todos, principalmente a dos garotos. Meus saltos me deixavam mais alta e imponente, valorizando minhas curvas latinas.

“*É uma novata*”, “*Nunca a vi por aqui.*”

“*Ouvi falar que seu nome é Lara Valente*”, “*Sexy.*”

Garotas erguiam as sobrancelhas, os lábios franzidos de ódio. Os grupinhos de meninas cochichavam entre si, lançando-me olhares nada calorosos. Eu não era mais bonita do que elas – mas era *novidade*. E aí morava toda a diferença.

Os garotos assobiavam, dando cotoveladas nos amigos. “Cara, olha *isso.*” A verdade é que eu não estava interessada na atenção deles em especial. Apenas queria que as pessoas certas estivessem vendo. Amy Turnage – para me vingar. E ele. O garoto de olhos negros.

Será que ele finalmente havia me notado? Quando pensei nisso, quase perdi a concentração, minhas veias assoladas pela adrenalina de uma empolgação contida. Mas eu não podia desviar os olhos para ninguém. *Indiferença e frieza*, pensei comigo mesma.

Embora tenha feito isso para mostrar a Amy e Mayumi que elas deveriam me respeitar como iguais, lá no fundo, tenho que admitir, eu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

queria o olhar dele. Uma triste verdade. Mas eu precisava saber qual era a sensação.

Não obstante, obriguei-me a não fitar a mesa dos Ivanovick. Perderia toda a concentração.

Nesse interím, meu *lingerie* fazia sucesso. Embora sentisse a atenção desgostosa das meninas, sabia que amanhã mesmo metade da escola estaria usando um exatamente igual.

Fui até a mulher que servia a comida, peguei uma bandeja, sentei-me numa mesa e comi calmamente, ignorando todos os cochichos e olhares – desde cobiçosos até venenosos. Se os Ivanovick poderiam ser lindos, frios e arrogantes, por que eu não poderia?

Certo. Porque eu não era uma espécie superior da raça humana. Mas, olhem, eu sabia atuar.

Garotos piscavam para mim de todos os lados do salão, meninas batiam neles, namoradas brigavam com namorados e uma verdadeira confusão se instaurou. *Caos*. Mas eu continuei sentada calmamente em minha mesa. Solitária e inatingível.

Alguém clareou a garganta bem perto de mim. Olhei para cima, indiferente.

Para minha enorme surpresa, Mayumi Keiko, a espetacular japonesa de olhos azuis, me encarava de pé ao lado da mesa. Sorriu brilhantemente.

– Você é Lara Valente, não é?

Olhei-a de cima a baixo, analisando-a como ela fizera comigo tantas vezes.

– Sou – respondi com frieza. O sorriso de Mayumi vacilou, mas ela

rapidamente se recuperou, obtendo um prazer obscuro pela minha hostilidade.

– Eu sou Mayumi Keiko, sua colega de quarto. Já te vi antes, mas você estava sempre dormindo. Aproveitei a oportunidade para vir me apresentar, são raros os momentos em que você está acordada. – Ela riu da própria piada. Eu não. Só a encarei tediosamente. A garota pigarreou e continuou. – É estranho que já estejamos dois dias dormindo no mesmo quarto e nunca tenhamos nos falado, não acha?

– Considerando que você é incapaz de ficar no quarto e obedecer o toque de recolher, não, não é tão estranho assim.

Mayumi riu. Se eu não tivesse construído uma barreira contra seu magnetismo natural, estaria fazendo o que ela mandasse agora mesmo.

– Tem sempre uma festinha ou outra no quarto de alguém. Você ainda vai saber dessas coisas, quando passar mais um tempo aqui. Alguém precisa lhe ensinar os esquemas. Já que vamos passar doze horas trancadas no mesmo quarto, acho que posso te ensinar algumas coisinhas.

– E eu posso te ensinar outras – ergui o canto dos lábios com malícia.

Mayumi ergueu uma sobrancelha e devolveu o sorriso. Hesitante, curioso, porém satisfeito. Ela tentava me entender.

– Você é ousada, Lara Valente. Suas roupas, seus modos... Gosto disso.

– Ah. Pode ter certeza que eu também gosto. – Não podia ceder nem uma vez para ela. Como ninguém gosta de mandar por muito tempo, eu rapidamente me tornaria desinteressante. Eu tinha que fazê-la lutar para estabelecer uma conversa, mostrar que sua popularidade não me intimidava. Esse tipo de garota tem muitas seguidoras, mas quando encontra alguém

que não a idolatra, passa a respeitá-la como igual. Mayumi não queria mais uma discípula. Queria uma amiga.

Ela pendeu a cabeça para um lado e me analisou.

– Sabe, meus amigos me desafiaram a vir falar com você. Apostaram que eu não lhe daria umas dicas de moda, considerando suas roupas de beata em um dia, e esse *lingerie* em outro. Estão achando que você é bipolar, e entendo que você merece a chance de provar o contrário. Ou, no mínimo, revidar. Acaba de conquistar esse direito. Vou chamá-la para sentar-se em minha mesa.

– Quanta honraria, mas não costumo me deslocar da minha mesa. Se fizer muita questão, sinta-se a vontade para dizer aos seus amigos que venham para cá – comentei casualmente e desviei os olhos, comendo calmamente meu iogurte.

Aquilo tirou o controle frio de Mayumi. Ela apoiou as mãos na minha mesa, debruçando-se sobre mim e exigindo minha atenção. A situação ficava cada vez mais interessante para ela. Não estava acostumada a ser rejeitada. Agora, finalmente encontrara alguém para medir forças com igualdade.

– Meus amigos também não costumam se deslocar de sua mesa por ninguém – ela estava se divertindo; era raro ser confrontada.

– Hummm – fiz uma expressão de falsa tragédia e estalei a língua em reprovação. – Então acho que temos um impasse. Nossa amizade é impossível. Passe bem. – Coloquei outra colherada de iogurte na boca e desviei os olhos, como se tivesse algo mais interessante no refeitório para ver. E tinha: os Ivanovick. Mas eu ainda não queria olhar para eles, pois tirariam minha concentração.

Fingindo que cativar Mayumi não era importante, eu a induzia a querer me tragar para seu grupinho cada vez mais. Mas eu não queria ser uma seguidora dela. Queria me *vingar*, essa era a diferença. Não estava desesperada – estava tramando.

Mayumi se sentou à mesa, bem na minha frente. Aquilo fez metade do refeitório se chocar. Era uma barreira rompida. Mayumi Keiko não abandonaria seus amigos para se sentar com uma estranha, abandonaria?

– Eu te desafio – informou simplesmente, a expressão vitoriosa.

Levantei meus olhos para ela, bem devagar. Desafio? Aí sim estávamos falando a mesma língua.

Ergui as sobrancelhas e me levantei, pegando minha bandeja. Indiferentemente – mas com as pernas tremendo – fui até a mesa de Amy Turnage e seus amigos muito chocados por minha aproximação. Sem falar nada, sentei-me bem ao lado de Amy. Ela me encarou, completamente estarrecida com a ousadia. Seus dois amigos sarados trocaram um olhar confidencial entre si.

Ignorei-os totalmente, retomando meu iogurte. Mayumi chegou à mesa e se sentou ao meu lado, a expressão divertida, como quem sabia um segredo.

– Pessoal, essa é a Lara Valente. Minha nova colega de quarto e amiga.

Levantei meus olhos rapidamente para eles.

– E aí – cumprimentei brevemente. Logo desviei os olhos para meu iogurte outra vez, como se ele fosse muito mais interessante do que os quatro alunos mais lindos e populares do colégio.

– E aí, Lara Valente – respondeu o de cabelo rastafári, louro e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

bronzeado, com um largo sorriso; identifiquei-me imediatamente com ele. Estava claro que era um surfista.

– Olá, *hermosa* – cumprimentou o de cabelos castanhos ondulados e olhos da cor do mar do Caribe. Este era absolutamente lindo. Bronzeado, covinhas, um sorriso branco, largo e perfeito. Talvez fosse o terceiro mais bonito do salão – logo atrás do garoto de olhos negros e seu irmão.

Pelo “hermosa”, que, em espanhol, queria dizer *bonita*, só pude deduzir que ele viera da Espanha, México, ou de algum país da América do Sul. O sotaque sensual fazia o autocontrole de qualquer mulher ir para o espaço.

Amy Turnage não me cumprimentou. Senti seu olhar ácido perfurando a mim e a Mayumi, a amiga traidora que convidara uma estranha para sua mesa. Mas Mayumi não parecia preocupada. Sabia o que estava fazendo. Começou as apresentações.

– Bom, Lara, estes são Miguel Aragão, português – apontou para o garoto louro – e este é Santiago Ávila, espanhol – apontou para o de olhos verdes, e sua voz tomou um tom diferente.

Arqueei uma sobrancelha. Eu era boa em descobrir paixões escondidas só pelos olhares e tom de voz.

Pelo jeito, Mayumi estava nutrindo uma queda por Santiago e seu sotaque sensual.

– Então, você acabou de chegar, Lara Valente? Veio da Sotrom da Inglaterra mesmo? – perguntou o surfista.

Procurei agir como se eu fosse convidada a mesas glamorosas o tempo todo.

– Cheguei há dois dias. Vim da Sotrom da Inglaterra porque fui
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

obrigada.

– Não é inglesa?

– Não, sou brasileira.

– Brasil! – Mayumi se empolgou. – Sambe para nós – tentou fazer a imitação pouco convincente de um pandeiro com as mãos.

Revirei os olhos.

– Sei que você veio do Japão e não acho que carregue *sushis* em seu bolso.

Os meninos riram e Mayumi contorceu os lábios, satisfeita. Eu era uma companhia interessante, e ela tinha que provar isso a Amy. Não estava convidando qualquer uma para sua mesa sagrada.

– Boa resposta – ela disse. – Então, Lara, como foi parar na Inglaterra? Nunca ouvi falar de sua família.

– Só vim por puro interesse. Dinheiro.

– Uau, é sincera – riu o surfista louro. – Herança, provavelmente?

– Sim, vir para a Sotrom inglesa por um ano era a condição do testamento do meu avô. Obviamente eu não sabia que morreria. Mas acho que por todos aqueles zeros valia até a pena morrer outra vez – inclinei a cabeça, pensativa. – Aquele caixão era mais confortável que a minha cama.

O surfista riu.

– O caixão sagrado do Sr. Field. Todos têm que passar por ele.

Os três se fixavam em mim, curiosos com minha excentricidade. Tinham sorrisos satisfeitos nos lábios – menos Amy, é claro. Essa eu teria que me esforçar para impressionar.

– Hummm, brasileira e ambiciosa. *Me gusta*. – Observou Santiago, os olhos insuportavelmente verdes maliciosos, caindo sobre minhas pernas cruzadas e cobertas pela renda.

Incomodada com a atenção de Santiago, Mayumi rapidamente mudou de assunto. Ela conseguia disfarçar o ciúme com classe.

– Não sabia que no Brasil existia uma das famílias fundadoras.

– Não existe. Meu pai era inglês. Edward van Pelt.

Todos na mesa reagiram surpresos a esse nome.

– Você é uma van Pelt? – chocou-se Mayumi.

– É o que dizem – dei de ombros.

Nessa hora, Amy virou seus olhos azuis para mim bruscamente. Pela primeira vez, analisou-me na consciência de que eu podia vê-la. Observou-me por um tempo angustiante, mas, por fim, pareceu gostar do que via. Meu nome tinha peso para ela.

– Há muito não temos uma van Pelt por aqui – o tom da garota era de aprovação. Todos na mesa sabiam que uma barreira estava sendo quebrada. Eu estava finalmente sendo aceita. A última palavra era de Amy. – Vejo que somos umas das únicas famílias fundadoras da Inglaterra. Turnage e van Pelt. Sou Amy Turnage. Assim como eu, você é a única que representa a sua família aqui. O resto das famílias inglesas tem representantes as pencas.

– Então somos especiais? – ergui uma sobrancelha.

– É o que dizem – ela devolveu, repetindo minhas palavras. Depois desviou os olhos, um sorrisinho satisfeito escondido nos lábios.

– Diga-me, Miss Van Pelt – entrevistou Santiago. O garoto encarava as

peessoas nos olhos, de modo a perfurá-las com sua intensidade verde-cristalina. Entendia perfeitamente porque Mayumi nutria uma paixãozinha secreta por ele. – Como é que conseguiu esse bronzado? Será que é uma surfista como Miguel?

– Por que não arrisca suas suposições, Sr. Ávila? Acha que me pareço com o que? – inclinei-me sobre a mesa, a sobrancelha erguida em desafio.

Santiago gostou da provocação, inclinando-se para mim.

– Cabelo queimado de sol nas pontas, marcas de biquíni rodeando o pescoço. Garota riquinha que passa o dia na piscina ou uma surfista, praticamente moradora da praia.

Voltei para o meu lugar.

– Você é esperto, espanhol. Eu me rendo – dei de ombros. – Surfista.

– Sexto sentido – ele bateu uma continência descolada com dois dedos ao lado da testa.

– Essa aí é das minhas – Miguel piscou. Ele era mais alongado e menos musculoso que Santiago, possuindo uma beleza mais elegante. De vez em quando, seus olhos migravam para Amy. *Hummm*, pensei comigo mesma. *Tínhamos algum sentimento reprimido aqui?*

Pisquei de volta para Miguel.

– Ou você é dos meus.

– Conte-me um segredo, garota do *surf*, tem namorado? – Miguel perguntou. Eu me choquei quando ele falou aquilo em um português perfeito, considerando que todos na mesa, embora tivessem nacionalidades diferentes, falavam inglês. Como a Escola dos Mortos ficava na Inglaterra,

esse era o idioma oficial.

Miguel não falava um português brasileiro. Seu sotaque era originário de Portugal. Os outros da mesa olharam de Miguel para mim, confusos, sem entender a língua

– Não, por quê? Está querendo se candidatar? – respondi em português.

– Quem sabe – ele deu de ombros. – Digamos que tem outro que chegou primeiro – e olhou divertidamente para Santiago ao seu lado, que até esse momento ainda não tinha tirado os olhos de mim.

Eu e Miguel rimos confidencialmente, e Santiago percebeu que era o motivo de nossa piada particular. O inglês voltou a ser o idioma da mesa.

– Mal se conheceram e já estão se unindo para fazer piada sobre mim? – estalou a língua, fingindo desaprovação. – Que maldade – ergueu uma sobrancelha para mim. – *Me gusta* também.

Trocamos um sorriso. Amy e Miguel apenas observavam. Mayumi era a única preocupada com nosso flerte. Mexeu-se desconfortavelmente na cadeira, lançando olhares de ódio para Santiago. Aparentemente ele era bem mulherengo, e isso a causava grandes dores de cabeça.

Mayumi deu um jeito de recuperar a atenção de Santiago, e eles entraram numa conversa divertida. Era perceptível o fato de que eles tinham muita química, e eu não entendia como ainda não estavam juntos. Uma vez que Amy era obcecada pelo garoto de olhos negros e Alicia Ivanovick, completamente inacessível, Mayumi era a próxima opção óbvia. A japonesa era tão linda que doía olhar, e não precisava de *lingeries* para chamar atenção.

Miguel cruzou os pés sobre a mesa e colocou fones de ouvido,

colocando as mãos na nuca e alongando os músculos. Qualquer garota – inclusive eu – não conseguiria tirar os olhos daquela cena, mas Amy tinha a atenção presa em outro lugar.

Agora que eu já tinha me integrado ao grupo, permiti-me fazer o que queria há muito tempo. Segui o olhar obsessivo de Amy e cheguei exatamente onde queria: a mesa dos Ivanovick. Tive que me refrear para não emitir nenhuma reação. Fitá-los sempre me causava sensações quentes, eletrizantes. Amy e seus amigos pareciam *nerds* desajeitados perto deles.

Juntamente com os irmãos, o garoto de olhos negros permanecia em sua mesa. Os irmãos conversavam. Ele, não. Recostava-se em sua cadeira, o boné virado para trás, os lábios cerrados em desgosto, braços cruzados e os olhos negros vagueando pelo salão. Arrogância e dominação emanavam dele.

Mas o Ivanovick não se dera ao trabalho de olhar para nossa mesa nenhuma vez – o que consumia de raiva a mim e a Amy.

Para o meu completo espanto, Alicia Ivanovick virou os olhos bruscamente em nossa direção. Não obstante, aquelas íris negras estavam direcionadas somente a mim, ignorando completamente Amy. A russa ergueu uma das sobrancelhas elegantes, analisando-me. Depois, fez algo que nos desconcertou.

Aproximou-se do irmão e cochichou algo em seu ouvido. Obviamente estava falando de uma de nós – provavelmente de mim, considerando seu olhar. Minhas bochechas queimaram e, se pudesse, meu coração morto bateria forte, uma reação completamente inesperada. Eu nunca fui uma garotinha apaixonada. Não entendia minhas reações perante a ele e sua família.

A curiosidade quase me sufocava. O que ela estava falando sobre
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim? Deus, como pude querer chamar sua atenção? A exposição me torturava – o que era estarrecedor. Nunca me importei tanto com a opinião de ninguém. Será que Alicia contava ao irmão que a novata o encarara obsessivamente por duas noites seguidas? Droga. Ele iria pensar que sou uma louca perseguidora.

Talvez eu estivesse *mesmo* me tornando uma e não sabia.

O garoto retorceu os lábios, irônico. O resto de sua expressão era indecifrável, queixo erguido e olhos com um leve brilho de divertimento. Ele estava rindo às minhas custas. *Só mais uma garotinha idiota para formar o meu fã clube.*

Eu não enganava a mim mesma pensando que o garoto era gentil e bondoso. Ele não era. Hostilidade, arrogância e prepotência. Isso era o que seus olhos negros refletiam – até um pouco de perigo, maldade. Ele não era uma boa pessoa. Talvez amargurado, talvez cheio de feridas, não sei. Isso o tornara inatingível, e quanto mais as pessoas ao seu redor pareciam felizes, mais eles as odiava. Sua família era os únicos que suportava, os únicos que estavam ao seu nível. O resto era lixo.

Eu era lixo.

Ele nunca olharia para mim. Senti a ilusão de esfarelado diante dos meus olhos. Isso feria de um jeito assombroso. O sorriso superior dele... Magoava-me. De repente, eu *tinha* que saber seu nome.

Discretamente, perguntei a Amy.

– Quem são eles? – fiz-me de desentendida.

Pelo meu tom de voz, Amy soube imediatamente de quem eu estava falando. Olhou-os com familiaridade, como se estivesse há tempo demais os observando. Havia uma ferida em sua voz.

– Aqueles são os Ivanovick, uma das quatro famílias russas que temos aqui. São lindos, é claro, mas não se iluda, não vão falar com você. Eles nunca falam com ninguém. – Aquilo fora mais pessoal do que uma simples apresentação. Com “ninguém”, queria dizer *ela mesma*.

– Como se chamam? – procurei aparentar naturalidade. Eu não estava obsessiva. Ainda não.

– O mais musculoso é Nikolai Ivanovick. É o mais velho. Ele é lindo, mas não iria querer levar uma encarada dele. Não é muito caloroso. Além de um halterofilista, é um gênio do computador. Se estivesse vivo, ele seria o novo Steve Jobs ou algo do tipo. Mas... Estamos mortos. A Sotrom não rouba só nossas vidas, rouba muitos futuros brilhantes. Os Ivanovick que o digam – suspirou.

– E a garota? – fui devagar. Não estava pronta para saber o nome *dele* ainda.

– Aquela é a Alicia, morreu no ano passado. Ela é louca, com um estilo meio *punk*, como pode ver. Dizem que já frequentou um sanatório ou algo do tipo. É a ovelha negra da família. Alicia tinha uma irmã gêmea, Alexandra, que eu soube ainda estar na Sotrom da Inglaterra. Ela foi a única Ivanovick que conseguiu sobreviver.

– Eu conheci Alexandra – empolguei-me. – Ela e Alicia são tão... Diferentes.

Amy riu.

– Eu sei, pode dizer. Aposto que Alexandra aparenta ser mais normal. Alicia parece o tipo que picha muros quando ninguém está olhando. Tão estranha. – Revirou os olhos.

– Espere, como eu vi Alexandra na Sotrom inglesa? Não deveria

estar na russa?

– Embora fossem todos russos, os Ivanovick se mudaram para a Inglaterra há um bom tempo.

– Humm. E... – tomei um fôlego, enchendo-me de coragem. Eu tinha que superar isso. – E o garoto, o de boné? Como se chama? – mexi na colher do meu pote de iogurte, fingindo total desinteresse.

Amy franziu os lábios. Ela nem se incomodava mais em esconder como ele a afetava. Quando falou, sua voz continha uma raiva reprimida. Não devia ser fácil aceitar a primeira rejeição masculina.

– Aquele é Luka Ivanovick, o irmão mais novo. Se os irmãos são inatingíveis, Luka é inalcançável. Ele nunca vai olhar para você, muito menos falar com você.

Luka. Seu nome soou quente em minha língua. Exótico e forte, fazendo jus a quem ele era. Um nome que deixava a sua marca.

– Ele não fala com ninguém?

– Não. Não socializa, vai a festas ou pratica qualquer esporte, embora eu saiba que na Sotrom era o melhor jogador de futebol. Ganhou vários campeonatos e torneios internos, praticamente sozinho. É pianista e compositor, e o resto... Bom, não sei de mais nada, ele é completamente misterioso. Só sei que ele odeia todo mundo. Ninguém sabe o que fica fazendo trancado em seu quarto durante o dia. Não aceitou um colega de quarto, por isso os Ivanovick têm quase uma ala inteira só para eles. São também os mais inteligentes de todas as classes. É quase insuportável tê-los na mesma sala.

Amy falou aquilo tudo como se fosse decorado. Ela sabia de cada detalhe que alguém poderia saber sobre eles. Entretanto, o resto de suas

vidas era segredo. E nem mesmo Amy Turnage tinha acesso.

Observei o garoto. Seus olhos de mistério, negros e sérios, com algo de dor. Não era a beleza deles que fascinava – era a tormenta. Havia mares revoltos lá dentro, uma tempestade contida, um perigo secreto. Ele era uma espécie de predador, triste e perigoso – e as sombras que cercavam o garoto me fascinavam.

Alicia percebeu que falávamos dele e retorceu os lábios ironicamente. Desviei os olhos, sentindo raiva de mim mesma. Chega dessa obsessão pelo garoto. Isso não era do meu feitio.

Decidi dedicar meu tempo conhecendo mais as pessoas na mesa. Envolvi-me na conversa de Mayumi e Santiago, esforçando-me tanto para ser divertida e interessante que até Miguel tirou os fones de ouvido, curioso pelo motivo de nossas risadas estrondosas. Até Amy, que ficara quieta observando os Ivanovick e perdida em pensamentos, certa hora não resistiu e entrou na conversa.

Muito embora ela fosse extraordinariamente linda e provavelmente muito rica, tive pena da garota. No fundo, ela só estava ressentida e com a autoestima ferida. Era uma garotinha rejeitada como todas as outras. Amy tinha o mundo aos seus pés, mas a paixão pelo Ivanovick tornou-a uma criatura miserável.

Mas eu não deixaria que os Ivanovick estragassem meu momento. Era bom estar sendo finalmente aceita. Amy e Mayumi estavam há muito tempo sozinhas uma com a outra; sentiam-se ansiosas por uma nova amiga. Embora quisesse me vingar delas, acabei gostando de suas companhias. E de repente aquilo não consistia mais numa vingança. Eu me encontrei sorrindo genuinamente sem perceber.

O sinal bateu, e, como sempre, os Ivanovick se levantaram
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rapidamente, ansiosos por se livrarem do refeitório cheio de risadas. Tinham que passar por nossa mesa para chegarem até a porta. Eu e Amy nos encolhemos de forma sincronizada.

Eles passaram na formação de sempre. Nikolai por último e Alicia no meio, sendo protegida. Notei que os dois eram superprotetores. Ai daquele que ousasse incomodar Alicia.

Ele ocupava a posição frontal, abrindo caminho. Os estudantes iam saindo da frente segundos antes deles passarem, com passos largos, rápidos, queixos erguidos e sem olhar para ninguém.

Senti Amy se retesar toda com a aproximação. Ela mordeu os lábios e se ajeitou na cadeira, ficando perfeitamente imóvel e linda, os longos cabelos alourados reluzindo a luz das velas. Eu me encolhi e olhei para baixo. Sabia que estava ofuscada por ela.

Embora não estivesse olhando, soube exatamente o momento em que *ele* passou por nós. O perfume de especiarias invadiu meu nariz, quente, exótico. *Luka*.

Um silêncio incômodo caiu sobre a mesa enquanto eles passavam, e eu permanecia de olhos baixos – até que senti algo sobre mim. Algo quente, arrebatador, impossível de ignorar. O sangue em minhas veias ferveu. Pelo canto dos olhos, pude ver a boca de Amy se escancarar e todos da mesa me encararem.

Levantei a cabeça para saber o que estava acontecendo.

Andando de queixo erguido, como sempre, no momento em que Luka Ivanovick passou por nossa mesa, desviou as íris negras diretamente para *mim*, ignorando todos na mesa. Encarou-me abertamente, sem nenhum constrangimento. Suas íris engolidas pelo escuro ardiam, injetando toda a

fascinação em minhas veias, como uma droga. Meu sangue pegou fogo e entrei num estado de êxtase. Seus olhos me invadiram, arrogantes, sem pedir licença. Senti minhas bochechas arderem, quentes, mas me obriguei a não desviar os olhos enquanto ele não desviasse os dele. Tê-los sobre mim era quase uma experiência sexual.

Por isso aquele bando de meninas obcecadas por sua foto. Se presos em um papel seus olhos desconcertavam, ao vivo e a cores causava um verdadeiro frenesi.

O momento durou somente um segundo. Rapidamente, Luka Ivanovick desviou os olhos e continuou a olhar por cima da cabeça dos outros, como sempre. Em menos de um minuto, terminou de atravessar o salão e sumiu pela porta principal. Conquanto, aquele breve segundo fez com que todos ao nosso redor reagissem.

Amy fitou o próprio colo, chocada. Os irmãos, Nikolai e Alicia, trocaram um olhar estranho entre si. Eles também não estavam acostumados a ver o irmão dedicar atenção a ninguém. Por que justamente a *mim*?

Embora todos me encarassem como se eu fosse uma aberração que invadira sua mesa, encontrava-me perplexa demais para expressar qualquer reação. Senti o olhar ressentido de Amy sobre mim, mas só conseguia ficar encarando meu próprio colo, a minissaia e a lingerie que me renderam todos esses olhares.

Inclusive o de Luka Ivanovick.

Deus. Isso realmente aconteceu? Um sorriso bobo se instalou em minha cara.

Amy bufou e se levantou da mesa, ultrajada. Mayumi me lançou um olhar de desculpas e foi atrás dela. Miguel tentou esconder a feição

magoada, mas não teve muito sucesso. Ainda assim, lançou-me um sorriso bondoso quando se levantou da mesa.

Ele sentia por Amy amar alguém que não retribuía. E sentia por si mesmo, pois seu próprio amor por ela também não era correspondido. Tristes desencontros.

– Hora da aula, surfista. Nos vemos por aí – seu tom era desanimado, porém cordial. Ele era só uma daquelas pessoas genuinamente boas.

– Nos vemos – retribui com um sorriso triste. Eu conhecia seu segredo e ele sabia disso. Joguei minha bolsa sobre os ombros e levantei-me da mesa.

– Aonde vai, *hermosa*? – Santiago ainda não tinha se dado ao trabalho de levantar, embora o refeitório já estivesse quase vazio. As últimas pessoas que passavam nos encaravam abertamente.

A sociedade da escola tentava entender nossa dinâmica. Quem era essa estranha sentada à mesa com os mais populares da escola? E por que Luka Ivanovick a encarou?

Boa pergunta.

Santiago recostava-se em sua cadeira, as mãos cruzadas relaxadamente por trás da nuca. Ergui uma sobrancelha para ele. *Como assim* para onde vou?

– Encher a cara em algum boteco qualquer. E você?

Ele riu.

– Estou querendo dizer: para qual aula você vai agora?

– Agora você foi específico – ri. Peguei meu horário amassado dentro

da bolsa. – Humm, aqui diz Psicologia da Morte – fiquei parada encarando as letras elegantes, pensando se eu tinha lido errado. – Virei o horário em minhas mãos, mas não encontrei outra opção. Aparentemente, essa era a única aula obrigatória. – É, pelo visto não tenho como escapar. Te vejo depois, se eu sobreviver?

Santiago levantou-se em um salto, jogando sua mochila cara nos ombros.

– É aí que se engana, Miss Valente. Psicologia da Morte é uma das melhores aulas que temos por aqui. Esse horário é muito disputado, você teve sorte. E mais sorte ainda porque serei o seu guia. Essa é minha aula também.

– Uau. Guia particular?

– Para você ver como está com moral por aqui – riu, e, de repente, passou um braço musculoso pela minha cintura. Não discuti. Quando um tipo como Santiago Ávila sente-se impelido a te tocar, você fica quieta e finge ser uma planta. Não queremos espantá-lo, queremos?

O corredor principal do castelo se encontrava lotado. Ao passarmos, causamos as mais diversas reações. Os garotos oscilavam o olhar entre minhas coxas rendadas e o braço de Santiago ao meu redor. As garotas também não pareciam satisfeitas. Santiago era muito cobiçado.

Nesse meio tempo caminhando, eu descobri muita coisa sobre ele. Havia morrido há vinte anos, no grande incêndio da Sotrom Inglesa, juntamente com Amy. Embora tenha estudado na Sotrom de Madrid, na Espanha, viera junto com o time de futebol espanhol competir a copa entre as escolas – que, naquele ano, tinha a sede na Sotrom de Londres.

Obviamente não foi por acaso. É claro que a Morte tinha planejado

uma grande arrecadação em massa de almas.

Durante essa copa – que acontecia de quatro em quatro anos entre as Sotroms do mundo inteiro – o time espanhol, juntamente com vários outros times de diversos países, hospedaram-se no castelo inglês. Quando o incêndio começou, matou cento e trinta alunos de uma só vez, a maioria jogadores das Sotroms estrangeiras – e alguns alunos interessantes da Escola sede, como Amy.

Santiago morrera meses antes de completar vinte anos, deixando três irmãos para trás e uma fantástica carreira no futebol, provavelmente tornando-se um desses jogadores famosos da Espanha. Fiquei animada quando soube que ele ainda gostava de futebol. Era, inclusive, o capitão do time da Escola da Noite. E Santiago se mostrou igualmente animado quando informei-o que eu jogava melhor que muito marmanjo por aí.

– Sério? – seus olhos da cor do mar caribenho brilharam.

– Brasileira – dei de ombros.

Ele olhou para frente, refletindo. As sobrancelhas franzidas.

– Por que diabos eu não te conheci antes?

Entramos na sala um pouco atrasados, rindo e conversando. Era a mesma sala em que aconteciam as aulas tenebrosas do Sr. Russell, ainda na Sotrom. Mas na Escola da Noite a sala parecia diferente. Repleta de velas elegantes, alunos despojados e lindos, rindo em suas cadeiras.

O professor estava de costas, escrevendo no quadro.

– Com licença, Sr. Wood. – Santiago demonstrava respeito. – Desculpe o atraso.

Quando o professor Wood se virou, franzi a testa. Aquele rosto me

lembrava alguém.

Para a minha surpresa, ele também parecia me conhecer. Arregalou os grandes olhos castanhos, chocado com a minha presença.

– Hã – Santiago riu, estranhando a situação embaraçosa. – Tem algum problema? Trouxe uma aluna nova pra você – e passou o braço sobre meus ombros.

Mas Victor Wood não emitia reação.

Ele tinha olhos e cabelos castanhos. Cerca de quarenta anos, óculos, e feições inteligentes. A curva dos seus lábios era bondosa. Aparentava ser uma pessoa gentil.

Eu buscava entender sua reação. Ele me conhecia? Por que suas feições me eram inexplicavelmente... *Familiares*. Memórias – que consistiam basicamente em imagens e sons sem sentido – emergiram diante da imagem dele.

Estreitou os olhos, tentando imaginar de onde me conhecia. Os alunos olhavam de mim para ele, confusos. Quando a situação chegou ao limite da estranheza, professor Wood se recuperou primeiro.

– Oh, bem vinda, senhorita. Desculpe – sorriu envergonhado, estreitando os olhos – achei que a conhecia de algum lugar. Devo ter me enganado – ele deu de ombros, rapidamente recuperando o bom humor.

Eu não sabia o que responder, parada ali, na frente da turma, com um Santiago imóvel ao meu lado. Ele olhou de mim para o Sr. Wood, que ainda me encarava com a testa franzida, na tentativa frustrada de reconhecimento.

Santiago estalou a língua, divertindo-se com a situação.

– E então, Lara, quer se sentar ou prefere ficar parada aqui a aula toda?

Eu estava pronta para dar a resposta que ele merecia – mas o barulho de algo caindo contra o chão chamou a atenção de todos para frente da sala. Sr. Wood havia deixado seu copo de café cair, e o líquido preto vazara chão a fora. Isso tudo aconteceu à simples menção do meu nome.

Fiquei imediatamente desconfiada. Esse homem me conhecia e não queria dizer de onde.

Ele tentou limpar sua roupa, que se molhara toda de café. Gaguejou, acalmando a turma agitada – metade dos alunos se levantara para perguntar se ele havia se queimado. Aparentemente, o professor Wood era muito apreciado por aqui. Considerando a sala em que lecionava, provavelmente fora a sua aula que o meu gravador captara. Uma aula interessante, dinâmica, cheia de participação.

“Podem se sentar em seus lugares, eu só vou me trocar e já volto”, Sr. Wood falou após recolher o copo de plástico do chão. Santiago já me puxava para uma mesa, mas o professor nos interrompeu. “Lara, por favor, pode me acompanhar?”

Parei no meio da sala, confusa. Santiago deu de ombros. Todos esperavam minha resposta. Será que eu não conseguiria entrar numa sala de aula sem me tornar a droga do centro das atenções?

– Hã, sim, é claro. – E me pus a segui-lo. O que esse homem tinha a me dizer?

Acompanhei Sr. Wood ao que parecia a sala dos professores. Ele tirou o paletó e fez o melhor possível para limpar a mancha de café da camisa.

– Quer uma ajudinha aí? – senti-me na obrigação de oferecer. Sr. Wood riu.

– Sei que pareço um fracasso tentando limpar alguma coisa. Mas

ainda não é caso para a piedade, obrigado. Não vou te fazer passar por isso.

Ri sem querer. Era por isso que os alunos gostavam dele. Sr. Wood tinha quarenta e poucos anos, mas conservava uma alma jovem.

– Ah, graças a Deus. Só estava oferecendo mesmo por educação.

Ele riu alto.

– Argh – revirou os olhos, ainda lutando contra a mancha – quem se importa com educação?

– Eu não – levantei as palmas.

– Bem vinda ao clube. Mas não espalhe – ele me olhou com uma expressão de preocupação hilária. – Diretora Markova me mata se souber que ando falando isso por aí.

Ri outra vez. O cara era o professor mais estranho que eu já vira.

– Então, *Lara...* De onde você veio? Inglaterra mesmo? – Sr. Wood virou-se para pegar um paletó no armário. Percebi que ele evitava me encarar.

– Não, vim do Brasil.

O professor parou no meio de um movimento, paralisado. Pigarreou, recuperou-se rapidamente e vestindo o paletó – mas foi tempo suficiente para que eu me tornasse completamente paranoica. Em que sentido minha nacionalidade o incomodava?

– Ah, brasileira. Sul, Sudeste...? – ele era muito convincente em sua tentativa de parecer casual e não muito interessado. Enganaria qualquer pessoa menos esperta que eu. – Ou talvez as belas terras do Nordeste?

– Rio de Janeiro mesmo. O senhor já foi ao Brasil?

– Sim, só uma vez – ele adicionou rápido demais. – Mas infelizmente não passei muito tempo lá, Miss...Desculpe-me, ainda não sei seu sobrenome, Miss...?

Era óbvio que ele estava jogando uma isca. Respondi mesmo assim. Queria saber onde isso iria dar.

– Valente. Lara van Pelt Valente.

Sr. Wood olhou para mim por um longo momento. Pigarreei. Ele finalmente percebeu que estava sendo mal educado, encarando-me em silêncio. Depois, riu constrangido, mas não havia felicidade ali. Ele tentava esconder seu nervosismo, mas eu tinha um olho clínico para as mais discretas reações. Embora sua elegância e porte refinado o ajudassem a esconder o desconforto, eu podia enxergar o modo como ele torcia os dedos, o modo como respirava mais rápido... Por algum motivo, eu o desconcertava.

– Algum problema? – perguntei hesitante.

– Não, não – ele sorriu tristemente – é que eu acabo de perceber que já a conhecia. Desde muito tempo.

– Sério? De onde? – *agora* sim a situação estava começando a fazer sentido. Descartei as opções de que, ou ele tinha síndrome do pânico, ou estava loucamente apaixonado por mim.

– Bem... Eu te conheci quando fui ao Brasil. Até fiquei hospedado uns dias na sua casa. Mas só te vi quando ainda era bem pequenininha. Quase não a reconheci hoje. Mas você... Tem os olhos dele. De Edward.

Meu sangue gelou.

– Conheceu o meu pai? – tentei me controlar.

– Edward? Ah, sim... – o olhar do Sr. Wood vagueou pela sala tristemente, revivendo memórias antigas. Hesitou um momento antes de continuar. – Conheci-o muito bem. Nós éramos bons amigos.

– Antes de ele desaparecer – declarei sem cordialidade nenhuma. O humor da conversa se fora.

Sr. Wood me olhou por um bom tempo em silêncio outra vez. No entanto, não me senti constrangida. Ele também conhecia meu pai. Talvez conservasse a mesma ferida.

Pessoas desaparecem muito fácil de nossas vidas, mas ninguém nos ensina a fazê-las desaparecer de nossos corações. Meu pai ainda estava aqui dentro do meu, intocado. Embora eu mal me lembrasse dele, não podia deixar de me fazer a mesma pergunta silenciosa. *Onde ele está?*

Será que foi sequestrado? Assassinado? Sumiu pelo mundo a fora, deixando as filhas, esposa, pai e amigos, todos para trás? Será que se cansou de brincar de casinha num país desconhecido e voltou para a Inglaterra, reivindicando sua fortuna?

Mas nem mesmo o pai sabia do paradeiro do filho. Edward van Pelt simplesmente... *Desaparecera* do mapa.

Suas feições sumiram de minha memória. Com o tempo, eu não me lembrava mais da cor dos seus olhos, da curva dos lábios... As fotos foram rasgadas, e seu nome tornara-se um tabu. Nem mesmo meu próprio avô sabia seu paradeiro.

– Sim – concordou Sr. Wood finalmente, um toque apagado de tristeza no olhar. – Antes de desaparecer... – suspirou.

– Tanto faz – cansei-me do momento autopiedade. Mas a amargura tingia minha voz. – Nem me lembro de nada dele mesmo.

Sr. Wood franziu a testa, parecendo ferido. Edward deveria ter sido mesmo importante para ele.

– Não fale assim, Lara. Pelo jeito que Edward falava de vocês, ele as amava muito. Tanto você, quanto sua mãe. Ninguém sabe os motivos que o fizeram sumir, mas posso dizer, como alguém que o conheceu por muitos anos, que Edward era um bom homem. Não abandonaria a família por nada.

– Como pode ter certeza? – meu tom saiu mais hostil do que o pretendido.

Mas Sr. Wood não se ofendeu. Ele era a pessoa mais bondosa que eu já encontrara neste lugar.

– Porque eu cresci com ele. Nossas famílias eram muito próximas. Quando viajava de volta para a Inglaterra, sempre trazia uma foto sua. Mas você era tão pequenininha na época. Tinha o quê? Uns cinco, seis anos? Mal me lembrava do seu rosto... Cresceu tanto – pareceu falar mais para si mesmo do que para mim.

Baixei o rosto, sorrindo com tristeza. Eu fazia piadas para me proteger da dor. O mundo no qual Edward van Pelt sumira era muito grande – mas o vazio que ele deixara em meu peito era maior. Crianças não deveriam sofrer assim. Eu sempre perguntava a minha mãe onde meu *papai* estava. Com anos sem nenhuma resposta, eu finalmente me cansei de perguntar.

E prometi a mim mesma não perguntar nunca mais. Nem mesmo agora.

– Já podemos ir? – recuperei-me, espantando todos os fantasmas do passado. Estava louca para sair daquele ambiente sombrio e retornar a agitada sala de aula, onde as conversas não teriam nenhuma profundidade.

As gargalhadas dos alunos me protegeriam das memórias. – O senhor está perdendo sua aula. A sala deve ter virado uma selva.

– Ah, claro – Sr. Wood fechou seu armário. – Pode ir na frente. Ainda tenho algumas coisas para fazer aqui.

– *Ok* – virei-me para sair.

Eu sabia que Sr. Wood só queria ficar um pouco sozinho. Nossa conversa também o afetou.

– Ah, Lara? – ele chamou antes que eu fechasse a porta.

– Sim?

– Perdoe-me por te fazer perder tempo aqui. É que tenho o costume de conversar com meus novos alunos, conhecê-los melhor longe de toda a bagunça. Coisa de professor maluco – deu de ombros.

– Sem problemas – sorri. – Não demore, Sr. Wood. Têm alunos selvagens precisando de você.

– Diga a eles para não destruírem a sala por enquanto. Esperem por mim. À propósito... Belo nariz – piscou camaradamente.

Eu dei um sorriso mínimo, fechando a porta. Meu nariz arrebitado nunca ficava longe de nenhuma conversação.

Entrei na sala de aula tentando não chamar muita atenção, mas minhas coxas cobertas pela renda não deixavam que eu me misturasse. Ainda era chocante conviver com aqueles alunos tão despojados, lindos e elegantes. Ao contrário dos alunos da Sotrom, a maioria demonstrava não estar nem aí para as regras. Tinham os pés sobre as mesas, conversando em grupinhos; garotas jogavam seus longos cabelos de lado, flertando com meninos apoiados em suas mesas, de músculos definidos, bronzeados e estilosos. Por

todos os lados, só se via minissaias, saltos altos, músculos, *iPods* caros, bolsas de marca, flertes e risos. Era uma espécie de paraíso adolescente.

Enquanto eu andava no meio dos grupinhos na tentativa de encontrar um lugar vazio – obviamente as mesas no fundo da sala estavam todas ocupadas –, Santiago me puxou pela mão, enfiando-me no meio de umas seis pessoas. Era um grupinho restrito e elitista. Além de Santiago, havia mais cinco que eu nunca vira na vida. Duas garotas e três garotos. Todos lindos, é evidente. Isso era o padrão por aqui.

Santiago colocou-me a sua frente.

– Pessoal, essa é a Lara van Pelt. Ela está loucamente apaixonada por mim.

Todos riram.

– Coitado – eu ri, virando-me para eles. – Não dêem ouvidos, o cara está perdido numa ilusão. *Tsc, tsc* – estalei a língua em reprovação.

– Não estou apaixonado por você – Santiago se defendeu. O carisma dele era quase tangível, encantando a todos ao nosso redor. – Estou apaixonado por suas pernas – ele olhou para minhas meias rendadas, a expressão dramática. – Casem-se comigo.

– Santiago Ávila – uma das garotas revirou os olhos – o rei do futebol e o rei da galinhagem. Fique esperta, novata, nem as meias escapam.

Ela usava um véu negro e dourado cobrindo os longos cabelos escuros. Aparentava ser muçulmana. Era alta, morena e esbelta; suas feições orientais completamente simétricas. O nariz fazia uma curva elegante por cima dos lábios cheios e vermelhos. Uma garota linda. Mas a muçulmana adequara seu uniforme ao seu estilo. Usava a minissaia, mas as pernas eram cobertas por meias preta, escondendo sua pele.

Seus olhos eram maquiados por um elegante delineador, ao estilo Arábia. Um salto alto vermelho de alguma grife cara completava seu visual.

– Minhas meias são moças de família. Não caem na conversa de qualquer um – olhei maliciosamente para Santiago, que piscou. Franziu as sobrancelhas e mordeu os lábios.

“Te quero”, sussurrou. Todos caíram na gargalhada. Ele não tinha vergonha de flertar em público, e era por isso que sua companhia se tornava tão divertida.

– Você não perde uma, Santiago – observou a outra garota do grupo, de cabelos curtos e louros. Ela tinha olhos castanhos claros, estranhamente familiares. Quando percebeu que eu a fitava, se apresentou. – Eu sou Catarina Aragão, irmã do Miguel. – Então era por isso que eu pensava a conhecê-la. Catarina era a cara do Miguel, loura e portuguesa. Mas não tinha o bronzeado de surfista do irmão.

Sorri em resposta.

– Oi, Catari... – arregalei os olhos, interrompendo-me no meio da frase. – Espera aí, o que você disse? Seu nome é *Catarina*?

– Sim – ela franziu a testa, os olhos arregalados. – Seja o que for, não fui eu.

– Catarina! – eu gargalhei alto, chamando a atenção da sala inteira. – Eu já te conheço! Que loucura!

– O quê? – Santiago franziu a testa.

– Como? – perguntou o outro garoto da roda, o inglês Ian Armstrong.

– Catarina já morreu há uns oito anos – disse a garota do véu negro.

– Bom, quando eu ainda estava viva, vim sozinha até essa sala durante

a noite para estudar em paz. Liguei meu gravador, e, quando fui escutar a matéria mais tarde, suas vozes foram gravadas junto com a minha. Então você é a famosa Catarina! – eu ri mais. – A namorada do Michelangelo!

– *Ah!* – Catarina finalmente entendeu. – Mas eu namorei mesmo, enquanto passava férias na Itália com as amigas. Mas não conte nada para Miguel. Ele acha que eu fui para um retiro espiritual. Até hoje.

– E como é que ele fez para pintar o teto da Capela Sistina enquanto estava com você?

Todos reprimiram o riso.

Catarina olhou para baixo, franzindo a testa. Eu quase podia ver a fumaça saindo de seus ouvidos. Pensar não era algo que ela fazia com frequência.

– Não sei. Talvez ele tivesse vergonha do emprego.

– Cala a boca, Catarina! – todos gritaram e eu ri alto.

A conversa seguiu fluindo muito bem. Todos queriam ouvir o que eu tinha a dizer. Eu fora aceita, estava em casa. Não entendia os motivos que meu avô desconhecido tinha para me mandar para cá, mas estava desconfiada de que ele era mais sábio do que eu pensava.

Tentei me revoltar porque estava morta, mas eu não via melhor lugar para passar a eternidade do que aqui, nessa estranha escola dos mortos. Agora, eu fazia parte dela.

A morte me acolheu e, nela, eu finalmente pude brilhar.

Tudo estava na mais perfeita ordem – até que a porta se abriu com violência e o garoto de olhos negros entrou na sala.



A sala caiu em silêncio, restando apenas murmúrios. Os alunos se sentiam desconfortáveis na presença dele.

Luka Ivanovick adentrou no local com passos rápidos e duros, o maxilar trincado erguido, o porte arrogante e os olhos hostis. Era evidente que não gostava de nenhum de nós – e muito menos de *estar* entre nós. Mas ninguém ousaria perguntar por que estava ali.

Sentou-se numa cadeira no fundo da sala – um lugar disputado. Luka não se importou em atravessar pelo meio de um grupo de pessoas, desfalcando a conversa. Era muito atrevido – e nem um pouco educado. Fazia o que queria, ponto final.

Ele não olhou para mim nenhuma vez – muito menos para os outros. Mantinha os olhos fixos no quadro negro, inabalável, inatingível, nem um pouco perturbado por ser o centro das atenções.

Quando as pessoas se cansaram de encará-lo, a conversa foi retomando a normalidade – mas muito menos explosiva e descontraída. Cada vez que uma risada alta ecoava pela sala, os cantos dos lábios do garoto se abaixavam em desgosto e repulsa. Ele odiava as brincadeiras infantis, as piadas obscenas e as risadas descontroladas. Considerava nossa diversão muito primitiva. Para ele, não passávamos de um bando de Neandertais.

Eu não consegui me concentrar na conversa. Sua presença drenou toda a diversão da sala; não dava para ser descontraída com ele por perto. Eu me sentia nervosa, nauseada, o estômago encolhido em um canto

qualquer dentro do corpo, o coração morto estranhamente quente. Ou eu estava me apaixonando por esse cara, ou estava sofrendo um infarto no miocárdio.

Eu sinceramente preferia o infarto, pois não queria terminar tão miserável quanto Amy Turnage.

O Ivanovick tinha a irritante capacidade de tirar as pessoas de sua zona de conforto, transformando-as em obsessivas e deprimidas. Sua presença me causava reações físicas perturbadoras – e ele pouco se lixava. Nem devia saber o meu nome. Olhava para o nada, os olhos negros indiferentes.

Filho da mãe, revoltei-me.

Eu sabia de tudo isso porque fiquei o observando o máximo de tempo possível sem que alguém percebesse. Toda vez que a conversa se desviava de mim, ou a atenção de Santiago era captada por outra pessoa, meus olhos escorregavam para o garoto, incontroláveis.

O cabelo negro e desalinhado saía em tufo macios pela aba do boné vermelho. Agora eu podia ver que, na lateral esquerda, havia uma palavra escrita em preto com ornamentos dourados. **FERRARI**. Será que ele tinha alguma coisa a ver com a marca famosa de carros da Fórmula Um? Era somente um fã da marca, ou era daí que provinha a fortuna de sua família?

Os músculos fortes e os traços arrogantes intimidavam. Havia um ódio reprimido em sua expressão, íris escuras que ardiam em fúria. Havia algo de sombrio nele. *Não chegue perto* – um instinto dentro de mim sussurrou. Ele não era do bem.

Queria que ele olhasse para mim – tive medo de que olhasse para mim. Embora fascinantes, aquelas íris arrepiavam a espinha.

Percebi que a garota do véu, vinda da Arábia Saudita, também estava olhando para ele. Como descobri ao longo da conversa, seu nome era Laila Al Nyiat. Ela me explicou que seu sobrenome era uma homenagem a uma estrela. Eu sorri em entendimento, reprimindo a ironia. Se minha mãe resolvesse me nomear em homenagem a alguma coisa, eu provavelmente me chamaria Roberta Carlas. Ou Buda.

Laila comentou baixinho comigo.

– Que estranho. É a primeira vez que eu vejo Luka Ivanovick nessa aula. Já estou aqui há dois anos e ele nunca se deu ao trabalho de aparecer. Só vai a aula que quer, e *quando* quer.

– Então este não é o horário dele? – estranhei. O que o trouxera até aqui?

– Não *mesmo* – ela respondeu enfaticamente. – Ele nunca aparece na aula de Psicologia da Morte, tem suas próprias opiniões sobre isso, imagino. Pessoalmente, eu acho que Luka odeia estar morto. Fiquei sabendo que ele tinha um futuro brilhante em vida. Seu pai era um dos sócios milionários da Ferrari. Ele podia ser o que quisesse – desde um piloto famoso até um astro do futebol. Além de ter uma inteligência acima da média, como todos os Ivanovick, e ser um compositor extraordinário... A Escola dos Mortos roubou seu futuro, agora ele está empacado aqui. Deve ser por isso que odeia a todos nós – deu de ombros, olhando-o com curiosidade. Luka também exercia seu misterioso fascínio sobre ela. – A morte foi um recesso indesejado. Agora ele está enclausurado aqui. Um desperdício para o mundo dos vivos, com certeza – suspirou.

– Então... O que ele está fazendo nesta sala? – olhei-o de soslaio. Uma visão atordoante. Ele se sentava despojado na cadeira, os braços cruzados e os olhos fixos à frente. Totalmente a vontade com quem ele era.

Por que diabos Luka Ivanovick se dera ao trabalho de aparecer aqui, justamente na minha primeira aula?

– Ninguém nunca vai saber – Laila deu de ombros. – Ele é um mistério. Sempre foi.

Nesse momento, o professor finalmente entrou na sala. Todos se sentaram em seus lugares quando Sr. Wood botou controle na selva. Como tratava todos os seus alunos com o máximo de respeito, ganhava o dobro de respeito em troca.

Ele sorriu para mim ao me entregar o livro que todos os alunos usavam. Arregalei os olhos para o exemplar de capa dura e preta, escrito em letras douradas: Psicologia para aceitar a morte – VOLUME I (PARA INICIANTES).

Reprimi uma gargalhada, tentando levar aquilo a sério. Deus, minhas piadinhas estavam se realizando. Elas eram proféticas! Eu via gente morta e previa o futuro. E Ana ainda dizia que eu não tinha nenhum talento!

– Tudo bem, alunos. Agora que nossa aluna nova já tem o material, podemos começar a aula...

– Sr. Wood? – uma garota levantou a mão. Ela era negra, cabelos trançados até a cintura. Exuberantes olhos verdes contrastavam com a pele escura. *Linda.*

– Sim, Miss Simbovala?

Como descobri posteriormente, seu nome era Aisha Simbovala, advinda da África do Sul. Por algum motivo, Aisha sentia-se mortalmente envergonhada ao falar.

– Temos outro aluno novo.

Ah. Agora eu entendia o motivo do constrangimento. Sr. Wood ainda não havia notado a presença de Luka Ivanovick entre nós. Aisha tivera a ousadia de se referir a Luka em público. Agora fitava o chão, evitando a todo custo o olhar ácido de Luka Ivanovick. Ele não queria ser notado ali.

Eu não iria querer a potência dos olhos negros e ressentidos do garoto sobre mim. Senti uma admiração repentina por Aisha. Eu não teria essa coragem.

Sr. Wood ficou desconcertado ao ver Luka Ivanovick ali, sentado numa das mesas – principalmente porque o garoto o encarava abertamente, desafiando-o a fazer algum comentário. O professor clareou a garganta, recuperando-se da surpresa. Encarou-o com serenidade, de igual para igual. Meu peito se inflamou de respeito por ele.

– Muito bem, Sr. Ivanovick, vou providenciar um livro para você – foi até sua mesa e pegou mais um exemplar, entregando-o a Luka.

O garoto ergueu as sobrancelhas ao ver o título, sarcástico. Ele não acreditava que esse livreto estivesse a sua altura. Psicologia nenhuma poderia desvendar os segredos de sua mente misteriosa. Ninguém sabia como Luka Ivanovick lidava com a própria morte, porque sempre estava trancado em seu quarto, isolado, fazendo sabe-se lá o que.

Durante toda a aula, ele permaneceu com os lábios cerrados em desgosto, ouvindo em silêncio e provavelmente odiando cada palavra.

Eu me sentei o mais longe possível do garoto, pois ele dispersaria minha atenção.

O livro de Psicologia da Morte tinha um viés de autoajuda, apresentando as mais diversas religiões e teorias vida após a morte. No entanto, minha desconfiança para com a aula se dissipou na primeira meia

hora. O que Sr. Wood falava era completamente sério, cheio de sentido. Ele nos fez falar sobre nossas famílias, sobre o que deixamos para trás. Deu-nos esperanças, dizendo que aqui poderíamos criar amizades, até mesmo laços de amor. Disse que a vida só terminava quando nós nos sentíssemos mortos, e, que se até a morte nos considerava especiais o suficiente para estar aqui, nós ainda éramos *alguma coisa*.

Agora eu podia ver porque a aula do Sr. Wood era tão concorrida. Ele ensinava com o coração. Em menos de uma hora, ganhara o meu respeito. E eram poucas as pessoas que podiam dizer isso.

Uma de suas falas que chamou especialmente minha atenção.

“Quando você era vivo e prendia a respiração por trinta segundos debaixo da água, ainda eram seres humanos. Quando espirravam e seu coração deixava de bater por um milésimo de segundo, ainda eram considerados homens e mulheres. Ainda amavam, ainda tinham direitos, liberdade e livre-arbítrio. Só porque não respiram agora, não deixam de ser considerados humanos. Acreditem, a vida não é feita de milhares de corações batendo. A vida é mais do que isso. A vida é o imaterial, é criar laços. Se há ligações de amor genuínas aqui, entre nós, então estamos vivos.”

Nessa hora, até Luka Ivanovick tinha os olhos presos no Sr. Wood. Ainda permanecia com os braços cruzados e defensivos, o maxilar erguido e prepotente – mas uma centelha mínima de respeito refletia na escuridão dos seus olhos.

Meu pai não poderia ter sido tão ruim tendo como amigo um grande homem como Victor Wood. Queria que minha mãe e Ana estivessem aqui para ouvirem isso.

Família. Baixei os olhos quando Sr. Wood tocou nesse tema.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Machucava.

Ele queria que fizéssemos uma carta para alguém de nossas famílias, ou qualquer um que tivéssemos deixado para trás. Podia sentir um desconforto geral na sala com a tarefa. Na aula do Sr. Wood, esses jovens ricos e fúteis *sentiam* alguma coisa. Aqui, eles pareciam mais com humanos do que com robôs estilosos em cima de saltos altos.

Antes de terminar a aula, o professor pediu um trabalho para o outro dia, valendo nota. As pessoas se levantaram e saíram da sala. Alguns permaneceram em grupos, conversando. Outros se aproximaram do Sr. Wood para uma conversa particular. Aparentemente ele era muito disputado.

Eu fiquei sentada esperando a sala esvaziar, até que Santiago me puxou da cadeira.

– Vamos comigo para a próxima aula, minha garota da *lingerie*?

– Sua? – ergui uma sobrancelha. Meu corpo tinha total consciência do garoto de olhos negros na sala, e eu não queria que ele ouvisse isso. Por algum motivo.

– É claro que é minha – seu olhos verdes se arregalaram. Enlaçou um braço na minha cintura e começou a sair da sala.

Entretanto algo estarrecedor aconteceu nesse ínterim.

Luka Ivanovick passou por nós dando um esbarrão brusco no ombro de Santiago, que se sobressaltou. Um impacto forte demais para ser ocasional. Se havia alguma dúvida se fora ou não intencional, essa dúvida sumiu quando o garoto se virou para trás e lançou um olhar sombrio e ameaçador para Santiago – sem nenhum motivo aparente.

Depois, voltou a olhar para frente, trincou o maxilar e foi embora.

Ficamos estarecidos. Foi um recado.

Demorei alguns segundos para assimilar o que tinha acontecido. Santiago xingou em espanhol.

– O que foi *isso*? – balbuciei, olhos arregalados, fixos na porta que o garoto sumira. Ele havia confrontado Santiago? Assim, abertamente? E *por quê*?

– Acho que esse cara está com algum problema comigo – Santiago mexeu o ombro e sua clavícula estalou. Ele franziu a testa, chocado e enraivecido.

– Hã, talvez ele só tenha esbarrado – menti descaradamente. Santiago bufou.

– Tenha dó, Lara. O cara quase deslocou o meu ombro.

– Você fez alguma coisa para ele? – tentei entender. Talvez Luka Ivanovick fosse bipolar.

– Para que ele me encarasse como se fosse me matar? É óbvio que não. Tem anos que esse cara está aqui e nunca mexeu comigo. Só pode ser louco.

– Mas por que você? Por que *agora*?

O espanhol expirou forte, ultrajado.

– Não tenho ideia. Mas se ele fizer isso de novo, vai levar uma surra.

– Aposto que sim – menti de novo. Ambos eram fisicamente fortes, mas havia uma bondade inerente em Santiago. Em Luka Ivanonivck, não. Ele era perigoso.

– Vamos embora daqui – Santiago me puxou pela mão até o corredor abarrotado de alunos. Adentramos em um grupo de quatro pessoas. Amy e o
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

português louro Miguel conversavam. Ian Armstrong, o inglês de olhos azuis, passava um braço protetor em torno dos ombros de Laila, a bela muçulmana.

Antes de chegarmos ao grupo, desvencilhei-me da mão quente de Santiago. Mayumi ainda devia estar presa em alguma aula, mas eu não queria correr o risco de que ela nos visse.

– Ah, aí está o novo casal – sorriu Laila. Eu corei loucamente.

– Ele acha que estou apaixonada por ele – tentei fazer piada da situação.

– Santiago é apaixonado por todo mundo e não é de verdade por ninguém – Amy cortou. – Não se engane.

– Será que a garota das meias fatais poderá mudar isso? – piscou Ian.

Eu gargalhei. Todos sabiam que Santiago flertava com todas. Para ele, isso não passava de uma brincadeira. Não era nada sério.

– Eu não tenho a menor intenção de tirar Santiago do jogo. Podem ter certeza.

– Ai – o espanhol colocou a mão sobre o coração, fingindo estar magoado.

Mas Amy cortou a conversa da roda, encarando-me. Não havia calor em seus olhos.

– Podemos conversar, novata?

– Hã – balbuciei surpresa – acho que sim. Claro.

Amy saiu da roda e fomos para um canto mais reservado, próximas a uma esquina do corredor, onde havia poucos alunos.

– Não tenho muito a dizer – ela começou – por isso serei rápida. Não tenho nada contra você, Lara, mas tem que saber de algumas regras se quiser permanecer em nosso grupo. Eu amo Mayumi e vou protegê-la enquanto eu puder. Mayumi tem... *Sentimentos* por Santiago. Ele não está disponível.

Eu me recuperei do choque.

– Amy, todo esse flerte não é nada sério. Estamos apenas brincando. Não vai rolar nada. Primeiro, porque eu não quero. Segundo, porque eu também gosto da Mayumi.

Amy ergueu uma sobrancelha perfeita, desconfiada.

– Então você não tem nenhuma intenção de ficar com Santiago?

– Não. – Mas meus pensamentos vagueavam por outros olhos de rios escuros, bem longe do verde mar do Caribe. Como eu iria dizer a Amy que não estava querendo roubar o interesse amoroso de sua melhor amiga, mas sim o dela própria?

Porque eu sabia que era uma impossibilidade. Alguém que rejeita Amy Turnage, a beldade da Escola, não poderia me querer.

Amy se endireitou.

– Bom, fico aliviada em ouvir isso. Então, se não tem nenhuma intenção para com ele, deixe isso bem claro. Não brinque com o garoto, nem prolongue a angústia de Mayumi. Não há motivos para fazê-la sofrer – e então se virou e foi embora, passando pelo grupo sem dar nenhuma explicação. Virou uma esquina e sumiu no corredor, provavelmente indo mais cedo para sua próxima aula.

De longe, Santiago lançou um olhar interrogativo a mim, chamando-me com um dedo para voltar ao grupo. Girei meu indicador, sinalizando um

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

“depois.” Virei-me e fui embora também, deixando um Santiago muito confuso para trás.

Não me entendam mal. Eu não estava com medo de Amy, longe disso. Mas Mayumi me acolheu em seu grupo, e eu não queria magoá-la. Santiago era lindo, e eu seria uma sortuda se fosse sua escolhida, mas eu não estava loucamente apaixonada por ele – como deveria.

Quando eu fechava os olhos, o cheiro que se manifestava em minha memória era outro. Um cheiro de especiarias, quente e arrebatador. Um cheiro de certo garoto hostil.

Então, para quê fazer Mayumi sofrer? Eu teria que conviver com ela todos os dias de minha existência, compartilhando os mesmos amigos e o mesmo quarto. Então eu tornaria essa convivência o mais fácil possível. Santiago teria que entender. Eu sabia que o interesse dele era vicário, mais uma brincadeira do que tudo. Eu era apenas novidade.

Mayumi era indiscutivelmente mais interessante que eu. Os dois seriam o casal perfeito, provavelmente o mais popular do colégio. Com Amy Turnage miserável e Luka Ivanovick inatingível, Mayumi e Santiago reinariam nesse colégio. Juntos, eles seriam os melhores.

Andei pelos corredores, tentando encontrar uma saída do castelo. Talvez eu pudesse me sentar no gramado lá fora, tomar um ar fresco e clarear minha cabeça. Tudo estava tão confuso de repente.

Meus passos eram rápidos no corredor, ansiosos pelo ar fresco da noite. No mundo dos mortos não havia estações. Vivíamos sempre em uma eterna noite de verão, quente e agradável.

Um murmúrio de vozes num corredor paralelo prendeu minha atenção. Eu não tinha a intenção de parar até que reconheci a voz. Era uma

voz idêntica à de Alexandra Ivanovick.

Alicia e Luka Ivanovick engatavam uma conversa inflamada. Ela sussurrava alguma coisa para seu irmão, colocando o mesmo contra a parede. Ele tinha os braços cruzados e a expressão fechada, somente ouvindo a irmã. Parecia uma discussão calorosa. Ou um monólogo de Alicia.

O que quer que o garoto tenha feito, havia deixado Alicia ultrajada. Ela rosnava palavras em russo para ele, enfurecida. Ele somente ouvia, os olhos negros ardendo, impassíveis.

Fiquei apavorada diante da possibilidade de eles me pegarem bisbilhotando. Corri o mais rápido na direção contrário. Os dois estavam tão envolvidos na discussão que não me viram.

Eu já estava longe, mas ainda pude ouvir Alicia gritar em inglês.

– Você está louco! – e o barulho de suas botas de salto se afastando.

Decidi ir para o meu quarto, embora fosse proibida de entrar lá durante a noite – Megan poderia ver ou ouvir algum indício de minha presença. Mas eu queria privacidade. Precisava pensar.

O que o garoto tinha feito que revoltara tanto a irmã? Por que ele apareceu naquela aula do nada? Por que confrontou Santiago? Será que finalmente estava se interessando por Amy? Pensava que Santiago era um oponente em potencial em relação a ela?

E o principal: como eu iria aguentar vê-los desfilando juntos por aí? Ao invés do paraíso, essa escola se tornaria uma eterna tortura. Como eu poderia fingir sorrisos enquanto eles estivessem de mãos dadas em nossa mesa? Agora eu já estava mais que envolvida. Não dava para tentar superar.

Cheguei ao meu quarto e, para minha surpresa, Mayumi estava lá,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentada em sua cama com a cabeça enterrada numa das almofadas douradas. Hesitei no batente da porta, pensando em me virar e ir embora – mas já era tarde. Mayumi tinha me visto.

– Não precisa ir embora – sorriu tristemente. – Não tenho lepra.

– Você não me odeia?

– Não, a culpa não é sua. Santiago me enrola desde que cheguei aqui. Deixe-me adivinhar. Amy já foi abrir o bico para você?

– É o que melhores amigas fazem – dei de ombros. – Eu queria ter alguém para fazer isso por mim.

A japonesa me lançou um olhar agradecido. Fiquei surpresa – ela não deveria me odiar? Por que agia como se eu fosse a pessoa mais generosa do mundo, vindo aqui, dar apoio? Como se estivesse agradecida por me ter como amiga?

Acho que eu deveria estar tão acostumada a Beccas e facadas pelas costas, que a receptividade e honestidade de Mayumi me estarrecia. Talvez a bondade simplesmente estivesse enraizada na índole da garota – ou talvez isso acontecesse porque nós, daqui da Escola da Noite, não tivéssemos mais nada além de uns aos outros. Precisávamos *criar laços* para continuarmos a nos sentir humanos.

– Pode entrar. O quarto também é seu.

Eu entrei, fechando a porta e me sentando na cama dela.

– Mayumi, me desculpa. Eu não queria te magoar. Não tenho nada com ele, nem nunca terei. Da próxima vez que o vir, vou deixar isso bem claro.

Ela arregalou os olhos, apavorada.

– Ai meu Deus. Não diga que está fazendo isso por mim. Se você fizer isso, eu vou me tornar a ex-namorada patética.

– Você e Santiago...? – ergui uma sobrancelha.

– É, por um tempo, assim que cheguei aqui. Ele gosta de novidade. – Deu de ombros, os olhos magoados. – Santiago é um cara legal, ele não tem culpa se eu me apaixonei.

– Mas você já falou sobre os seus sentimentos para ele?

– O quê? Mas é claro que não! – arregalou os olhos azuis. – Ele vai me achar patética.

Pisquei. Falei o que Ana falaria.

– Minha filha, você é extremamente burra.

Ela fez uma careta. Eu era um poço de delicadeza.

– Agora levanta dessa cama e vai contar para ele! Santiago achou que você não o queria mais, não consegue perceber? Falta de comunicação pode atrapalhar tudo. Tome uma atitude, não espere as coisas que você quer caírem no seu colo.

– Não posso – escondeu o rosto nas mãos.

– Se você não contar, eu mesma contarei. Decida-se.

– Ele vai rir de mim – ela gemeu.

– Ótimo – levantei-me. – Deixa que eu conto.

– Pare! – ela berrou, puxando meu pulso. – Argh, tudo bem! Vou falar, mas não vai ser agora. Tenho que me preparar antes. Tomar uma dose de coragem. Ou talvez uma dose de tequila – ela desviou os olhos, a testa franzida ao considerar.

Eu ri.

– *Nisso* eu posso te ajudar.

Ela sorriu agradecida, pegando uma de minhas mãos.

– Obrigada – seu sorriso durou apenas um segundo. Franziu a testa delicada. – Mas você tem certeza de que quer abrir mão dele? Porque ele não é qualquer um. É Santiago Ávila.

– Total certeza. Ele é um homem lindo, é claro. Mas não sinto a menor atração por ele.

– Não que eu esteja reclamando, mas isso é inusitado. Pode me contar: você é lésbica?

– *O quê?* – joguei a cabeça para trás e gargalhei alto. – É claro que não!

Infelizmente eu não tinha essa sorte. Assim eu poderia ignorar Luka Ivanovick e mostrar a ele o que era ser insignificante para alguém. Para o meu desprazer, gostava mesmo era dos homens. Principalmente se eles tivessem olhos negros, arrogantes, incendiários... Balancei a cabeça para clareá-la; a situação estava ficando fora de controle.

– Ai, que bom – ela colocou uma mão sobre o peito esguio, rindo aliviada. – Eu gosto de dormir sem roupa.

Fiz uma careta.

– Não é minha praia, obrigada.

– Tem mais alguém em vista, então? – reduziu os olhos a fendas.

Eu não pude evitar corar ao pensar em Luka Ivanovick. Mayumi leu minha expressão.

– Eu sabia! – ela riu alto, encantada. – Você está interessada por outro! O cara só pode ser daqui. Você não dispensaria Santiago por alguém do mundo dos vivos. Esses são impossíveis. Seria estupidez.

Acontece que Luka Ivanovick, embora estivesse morto e morasse a alguns passos do meu alcance, era muito mais impossível que qualquer outro garoto vivo. Era mais provável que eu ressuscitasse e me casasse com Sr. Field do que Luka dedicar qualquer tempo de sua atenção a mim.

– Quem é ele? – insistiu.

Eu travei totalmente. Minhas bochechas coraram. Senti a tensão como se a potência dos olhos negros dele estivesse sobre mim novamente. Ninguém nunca tirou meu controle assim.

– Não vai falar? – ela me cutucou. – Tudo bem, então eu adivinho. Quem poderia superar Santiago? Humm, vamos pensar. As opções óbvias são o Miguel ou Ian Armstrong. Mas Miguel é apaixonado por Amy e Ian está envolvido com a Laila. – Mayumi mordeu os lábios, quebrando a cabeça. – Mais quem? Humm, tem o Giuseppe di Pauli, italiano, bastante bonito. Não anda com nosso grupo, por isso eu acho improvável que você o tenha visto em algum lugar. Ele se esconde depois que Amy o deu um pé na bunda. Eles namoraram por um tempo antes do *dito cujo* chegar ao colégio e ela se apaixonar loucamente por ele.

– Dito cujo? – perguntei. Parte de mim já sabia a quem ela se referia.

E eu não estava errada.

– É óbvio que você já o viu, é o mais espetacular do colégio. O nome dele é Luka Ivano... *Ai, meu Deus* – Mayumi arregalou os olhos, finalmente entendendo. – *Ai meu Deus, ai meu Deus.* Diga-me que você não está apaixonada por Luka Ivanovick!

Eu só a encarei. A culpa queimava meu rosto. Falando em voz alta soava ainda mais estúpido.

– Não conte para Amy – supliquei. Mas Mayumi só balançava a cabeça, com uma careta. Os dedos juntos sob a testa, como se eu tivesse cometido o maior erro da vida.

Escondi a cabeça numa das almofadas.

– Estou tão ferrada.

Ela colocou uma mão sobre meu ombro, reconfortando-me.

– Honestamente, está. Tem que dar um jeito de superar isso logo, senão vai terminar como Amy. Ela está definhando. Esse garoto tem algum tipo de maldição, Lara. Não deixe que ele faça isso com você. Eu já me protegi. Todas as garotas espertas do colégio devem se proteger.

– Não sei como fazer isso. – Aquilo me consumia. Fogo negro queimava em minhas entranhas, o perfume de especiarias exóticas e escuras envolvendo-me num abraço irresistível... Não havia escapatória.

– É só não olhar para ele – Mayumi aconselhou. – É um homem impossível. Não vale à pena sofrer por algo inatingível. Entende o que eu quero dizer?

Suspirei. Aquela melancolia não era propícia de mim. Eu era uma garota feliz, do mar e do sol. Não estava me reconhecendo.

– Minha cabeça entende. Meu corpo é que não quer entender.

– Luka Ivanovick pode mesmo enlouquecer uma garota. Ele chegou aqui há dez anos, e desde então Amy vem ficando a cada dia mais miserável. Ela não namora mais, não pensa em mais nada. A chegada desse garoto foi uma maldição na existência dela. Queria *muito* que ele nunca

tivesse vindo para a Escola da Noite. Não é justo ser tão perfeito e não se relacionar com ninguém. Parece que ele guarda toda aquela beleza só para ele.

– Egoísta filho da mãe.

Um tempo depois fomos para a nossa próxima aula. Música. Fiquei decepcionada – Luka não estava lá. Ele também não apareceu na hora do jantar – que se dava lá para as cinco horas da manhã, antes do sol nascer. Terminei a noite completamente desanimada, imaginando o que ele estaria fazendo.

Na hora do jantar, Amy voltou a falar comigo assim que notou que eu e Mayumi havíamos nos entendido, mas eu ainda não arranjava um modo educado de dispensar Santiago. Pedi para Mayumi ter paciência – em breve eu inventaria um namorado imaginário que deixara no Brasil – o qual eu ainda não conseguira esquecer. Pronto, fim do problema.

Havia uma agitação entre os alunos – o campeonato de futebol estava chegando. Eu fiquei estarecida ao saber que outras escolas de alunos mortos viriam aqui competir. Essas não eram da liga da Sotrom – eram outras escolas, com outras histórias, outras maldições. Havia muita coisa no mundo dos mortos que eu não conhecia. Bancos, escolas, universidades... Aqueles que morriam e não partiam, fundavam seu próprio mundo paralelo. À noite, os mortos criaram um mundo só deles sem que ninguém soubesse.

Na outra noite de aulas, me arrumei dispensando as meias rendadas. Eu não queria mais ser conhecida como a garota do *lingerie*. Santiago e os outros ficariam decepcionados, mas conseguiriam superar. Era hora de reverter a má fama.

Coloquei botas de cano longo de uma das marcas chiques que Madeleine encomendara para mim. Vesti minha minissaia, afrouxei a

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gravata, coloquei brincos dourados e preendi o cabelo em um alto rabo de cavalo. Depois de passar uma maquiagem leve, corri para a Primeira Refeição.

Quando entrei no salão principal, meu coração parado deu um salto. Luka Ivanovick finalmente se dera ao trabalho de aparecer, e sentava-se na mesa isolada com os irmãos, conservando o mesmo porte arrogante. Algo em mim se aliviou. *Ele ainda está aqui.*

– E aí? – sentei-me na mesa de Mayumi. Todos estavam lá, rindo e convesando. Nessa noite o grupinho elitista estendeu o leque, e mais pessoas sentavam à mesa. Laila Al Nyiat, a muçulmana; Ian Armonstrong, o inglês sarado; Aisha Simbovala, a negra de olhos verdes e Catarina, a loura irmã de Miguel.

Obviamente, tive que aguentar as piadinhas sobre minhas meias sumidas. Os garotos estavam decepcionados, as garotas revirando os olhos.

Santiago passou um braço forte pelos meus ombros, e eu não soube como me esquivar sem parecer grosseira. Por isso só sorri sem graça e procurei evitar o olhar magoado de Mayumi.

Quando o sinal para o começo das aulas tocou, fiquei esperando ansiosamente os Ivanovick se levantarem e passarem por nossas mesas. No entanto, esperei Luka se levantar em vão. Seus irmãos saíram da mesa e o olharam, estranhando sua imobilidade e esperando que ele se mexesse. Mas Luka somente lhes negou com a cabeça, cruzou os braços e permaneceu no lugar.

Hoje, ele usava o boné da Ferrari para a frente, de modo que seus olhos negros ardiam escondidos sob a aba, mais sombrios que o normal. Nikolai somente deu de ombros, mas Alicia não aceitou sua atitude estranha tão Nikolai. Quando passou por nós, com passos rápidos e raivosos,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aparentava acabar de ter sido traída – e ela não parecia ser do tipo que perdoava fácil.

Seu longo e repicado cabelo rego balançou sobre as costas enquanto ela andava até sumir do salão. Não obstante, Luka Ivanovick permanecia sentado em sua mesa, sozinho, braços cruzados, expressão assassina. Por baixo da aba do boné, seus olhos ardiam sombriamente, encarando o vazio.

Santiago observou aquilo com uma expressão de desgosto.

– Cara estranho – comentou para mim. Não respondi. Senti-me estranhamente ofendida.

Levantamos-nos para ir embora, e vi que os olhos de Amy constantemente escorregavam para o Ivanovick enquanto ela andava conversando com Miguel. Propositamente, passou um braço pela cintura do amigo, que fez seus olhos castanhos e surpresos do surfista brilharem. Miguel, incentivado, também passou um braço pela cintura dela, e Amy se aconchegou ali, chegando mais perto do que o necessário.

Eu e Mayumi trocamos um olhar.

Mas Amy não estava nem aí para nós. Os olhos dela escorregaram para ver a reação de Luka, o que rapidamente a frustrou. O garoto continuava com o maxilar trincado, os olhos sombrios fitando o nada. Ele estava pouco se lixando para ela.

Revoltada, Amy desvencilhou-se de Miguel e foi andando na frente com passos rápidos. Meu queixo caiu. Bem que Mayumi avisou – Amy estava fora de controle.

Eu deixei Santiago conversando com Ian e avancei para o lado de Miguel, puxando um assunto qualquer. Embora ele tivesse o olhar magoado, fazê-lo rir era muito fácil. Miguel era uma pessoa bondosa e

pacífica por natureza – ele e Mayumi formariam um casal *zen*. Uma pena que ele tivesse se apaixonado pela pessoa errada.

A primeira aula era a de artes, na qual a doce Laila me acompanhou. Ficamos amigas muito rápido.

Alicia Ivanovick também estava em nossa turma. Fiquei intimidada. Ela pintava tão bem quanto a irmã Alexandra, mas os traços de Alicia tinham um viés mais obscuro.

Minha segunda aula era de História Antiga, o que foi surpreendentemente interessante. A professora era venezuelana, e dava para notar sua assustadora inteligência. Talvez fosse a pessoa mais inteligente do colégio – depois do Sr. Wood, é claro.

Para a minha felicidade, a terceira aula era a de Psicologia da Morte.

Tive que controlar a emoção ridícula quando, com um estrondo bruto, a porta se escancarou. O cheiro de especiarias invadiu o ambiente. Luka Ivanovick entrou no meio da aula, sem pedir licença ou olhar para ninguém; apenas acenou uma única vez com a cabeça para o professor.

Fiquei em choque – era a primeira vez que eu o vi se dar ao trabalho de cumprimentar alguém. Aparentemente, Sr. Wood havia conseguido cativar o seu disputado respeito.

Era difícil prestar atenção na aula com *ele* no mesmo ambiente. As pessoas sentiam-se desconfortáveis com Luka na sala. Era a segunda vez que ele aparecia sem explicação, depois de anos recusando-se a vir.

Ao término da aula, ele foi um dos primeiros a sair. Passou pela mesa do Sr. Wood deixando um envelope sobre sua mesa. Ergui uma sobrancelha, curiosa. À medida que as pessoas iam embora, deixavam pastas, envelopes e folhas de papel sobre a mesa do professor Wood, o que

foi me intrigando. Quando Amy fez o mesmo, eu perguntei do que se tratava para Mayumi.

– É o trabalho que ele passou na última aula. Era para hoje – Mayumi respondeu, juntando suas coisas dentro da bolsa cara.

– Merda – bati a palma na testa. – Esqueci completamente.

– Desculpe, eu deveria ter te avisado. Mas é que a Amy sempre faz nossos trabalhos. Nem tenho que me preocupar com isso, ela sempre coloca o meu nome. Mas é um trabalho em dupla, veja se consegue alguém para colocar o seu nome em última hora.

Eu segui seu conselho e aproveitei que Sr. Wood estava distraído conversando com outros alunos. Pedi para meus amigos mais próximos, mas todos já tinham suas duplas. Catarina e Aisha, Laila e Ian, Santiago e Miguel... Aparentemente, eu me ferrara sozinha. Não iria ter jeito. Eu tinha que dar alguma explicação para o Sr. Wood.

Aproximei-me da mesa dele, hesitante. Ele sorriu receptivo – mas sua expressão decaiu quando viu meu rosto.

– Por que essa cara de enterro? Quem morreu? Além de nós, é claro.

– Desculpe-me, Sr. Wood, me esqueci de fazer seu trabalho.

– O quê? – estranhou. – Eu recebi seu trabalho hoje.

Parei e o encarei. Ele me encarou de volta.

– Hã, não. O senhor está confundindo. Eu não o fiz. – Maldito senso de honestidade. Por que eu não ficava calada e ia embora?

– Bom – franziu a testa – que coisa estranha. Tenho certeza que vi seu nome por aqui – e começou a remexer nos trabalhos por cima da mesa.

– Ah, aqui está! Seu nome junto com o de sua dupla. – Pegou um dos

envelopes.

– Isso não é possível. Eu não o fiz.

– Bom – Sr. Wood ajustou os óculos, olhando melhor para os nomes escritos em letras elegantes no envelope. – Então deve ter sido um engano, Lara, porque Luka Ivanovick colocou seu nome no trabalho dele.



Nos dias que se seguiram, vivi uma série de situações incomuns.

Primeiramente, fui obrigada a entrar em um time de líderes de torcida. Havia um torneio de futebol que reunia todas as escolas do mundo dos mortos, e o primeiro jogo se aproximava. Nosso primeiro adversário seria a equipe da escola da Finlândia.

Acontece que essa tal escola contava com uma equipe de líderes de torcida, fazendo Amy e Mayumi se sentirem na obrigação de criar uma também.

Ninguém objetou essa decisão – Amy simplesmente gostava de ter as atenções voltadas para ela, e Mayumi não queria fazer Santiago passar vergonha com os visitantes. Ele era o capitão do nosso time de futebol.

Adivinhem quem foi obrigada a entrar nessa cilada? Pois é.

Eu me encontrei em um uniforme tentando (em vão) fazer piruetas no ar. Aquilo não era para mim. Eu não conseguia nem virar uma cambalhota no colchão da minha cama, tenha dó.

Mas nem toda a situação se mostrava humilhante. Nossos uniformes eram descolados e sensuais. Minissaias e *tops* pretos e dourados, a cor de nossa Escola.

Nosso problema real consistia em dançar. Eu gostava e era boa nisso. Mas o restante das meninas se revelaram duras como varas-pau. Catastrófico. Parecia um filme de terror.

Amy e Mayumi conseguiram um dos salões do castelo para ensaiarmos, e, além de nós três, o time contava com a sul-africana Aisha Simbovala, a árabe Laila, a portuguesa Catarina e as gêmeas estadunidenses Alison e Claire Stryder – que, quando vivas, faziam parte da equipe de líderes de torcida do seu colégio na Califórnia.

Foi Alison, a mais loura dentre as irmãs, quem nos ensinou os movimentos principais. Robóticos, sem qualquer emoção. Enquanto tentávamos dançar, previa que iríamos pagar o maior mico que essa escola já presenciou.

Uma semana se passou desde que Luka Ivanovick colocara meu nome em seu trabalho. Até hoje eu não conseguira decifrar seus motivos, e, obviamente, mantive segredo. Não queria enfrentar a hostilidade de Amy a toa.

Sr. Wood me contou que o garoto não deu qualquer explicação sobre o fato. Eu duvidava muito que o garoto tivesse bondade suficiente em seu coração para simplesmente querer me ajudar. O que importava a ele se eu iria ou não me ferrar por ter sido negligente com minhas obrigações? Pensar nisso me tirou uma semana de sono.

Entretanto, a insônia valeu cada gota refinada da emoção que eu senti ao ver meu nome ali, naquele envelope, escrito na letra elegante *dele*. Ele sabia o meu nome.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Dupla: *Luka Ivanovick e Lara Valente.*

Uma semana se passou, mas Luka nunca mais apareceu nas aulas. Em sua mesa no refeitório, seu lugar de sempre permaneceu vazio por dias a fio. Sua ausência me causava angústia, mas eu sabia que ele só aparecia quando queria. Não era domado pelas regras.

Certa noite no refeitório, Amy fez um comentário que me preocupou. A inglesa olhava fixamente para a mesa dos Ivanovick. Ela estava profundamente perturbada pela ausência do garoto. Andava ansiosa e distraída, provavelmente imaginando com a mesma frequência que eu o que ele estaria fazendo.

Enquanto os outros se distraíam em uma conversa, ela fez um comentário para mim. Tentou aparentar casualidade (em vão). Eu sabia seu segredo.

– Que estranho... Aquele tal de Luka Ivanovick não aparece tem uma semana. Ele nunca ficou tanto tempo longe.

– Hummm – murmurei, fingindo o mesmo desinteresse que ela. Nenhuma das duas admitiria para outra que a ausência “do tal de Luka” seguia enlouquecendo a ambas.

– Será que ele está doente? – ela não conseguiu manter por muito tempo a máscara de indiferença. Torceu os dedos nervosamente. Essa garota de voz trêmula e nervosa era só um reflexo da antiga Amy Turnage. Desde que se apaixonara por Luka, Amy definhava lentamente.

Eu queria muito ver como ela era nos dez anos em que estudou aqui antes do garoto chegar. Deveria brilhar, concentrar toda a sua atenção em ser a abelha rainha. Agora, embora ainda fosse a mais linda de todas, fora reduzida somente a uma garotinha rejeitada.

Maldito Luka Ivanovick. Roubava a sanidade de todas nós.

– Impossível, ele está morto. Não tem como ficar pior. – Comentei o óbvio. Ela sabia tanto quanto eu que não podíamos ficar doentes.

– É, tem razão, foi uma pergunta idiota – murmurou. – Mas... Será que aconteceu alguma coisa?

Eu estava cansada daquele teatrinho. Virei-me para ela, encarando-a abertamente.

– Amy, vamos ser honestas aqui. Você está apaixonada por esse garoto.

A boca dela se escancarou – depois se fechou numa linha rígida. Seus olhos brilharam de ódio.

– Mayumi te contou – rosnou.

– Não – revirei os olhos. – Não é preciso ser um gênio para perceber. Está estampado na sua cara.

Amy desviou os olhos, desanimada.

– No começo eu conseguia esconder. Mas há muitos anos eu perdi o controle.

Suspirei, tentando convencer mais a mim mesma do que a ela.

– Não percebe a injustiça disso tudo? Você ferve e transborda, e ele sairá totalmente ileso. Não desperdice tempo com quem não tem a capacidade de honrar o que você oferece. Há tantos homens maravilhosos esperando apenas uma chance com você – olhei discretamente para Miguel.

Ela acompanhou meu olhar, fitando-o carinhosamente.

– Talvez você tenha razão. Ele tem sido tão paciente e bom para

mim. Mas eu não consigo me envolver com ninguém. Minha autoestima anda no chão.

Lá estava: o efeito Luka Ivanovick.

– Você é Amy Turnage, é a melhor daqui e sabe disso. Não é menos importante só porque Luka Ivanovick não te quis. Ele não quer a ninguém. Talvez não seja nem humano.

Amy sorriu tristemente.

– Essa seria uma boa teoria. Facilitaria muito minha existência acreditar nisso.

– Então pode acreditar. Dê uma chance a outro.

– Não quero outro. Quero a *ele* – havia uma intensidade desconcertante na voz de Amy. Foi quase um gemido de agonia. – Quero-o *tanto*.

Eu também, quis adicionar. Mas ninguém nunca saberia disso.

– O que vocês duas estão fofocando aí? – Mayumi chegou por trás e jogou um longo pano sobre nossas cabeças, o que me desorientou e fez Amy soltar um pequeno gritinho.

Quando finalmente pude me livrar de todo aquele tecido, percebi que o que nos cobria era uma enorme bandeira negra com a insígnia dourada da Escola. Nosso time de futebol finalmente estava completo. Tínhamos líderes de torcida e bandeiras. Amy se levantou da mesa, empolgada. “Não acredito! Finalmente ficou pronta!”

“Madeleine encomendou em Londres e chegou agorinha mesmo. Não ficou linda?”

O colégio estava embebido em verdadeiro frenesi por causa desse

torneio de futebol. Nesta noite, nossa mesa estava cheia. Os garotos da escola haviam entrado em treino intensivo. Faltava somente uma semana para o torneio, e Santiago carregara quase o time inteiro para nossa mesa. Garotos musculosos e barulhentos riam ao nosso redor, sentados sobre a mesa ou flertando com as meninas.

Uma bola de futebol rodava pelas mãos deles. Liam McFearley, o goleiro do time, subiu sobre a mesa para fazer embaixadinhas. Liam se curvou e ofereceu uma mão a Mayumi – que, surpresa e lisonjeada, subiu sobre a mesa com ele. O garoto escocês colocou a bandeira do time sobre os ombros dela, e gritou “A musa do campeonato!”, e todo os alunos do salão aplaudiram.

Mayumi corou, mas deu uma volta ao redor de si mesma com muita classe, a bandeira ondulando atrás de si. Amy – que se recusara veemente a subir na mesa junto com a amiga – sorriu complacente, e eu bati palmas para Mayumi com entusiasmo. Santiago observava-a admirado. Ela era desejada e ele sabia disso.

Um professor desesperado por manter a ordem correu até nossa mesa e guinchou:

– Sr. McFearley, saia agora mesmo daí de cima! E você, Miss Keiko, não deixe esses garotos influenciarem você!

– Pessoal, vejam só! O professor Sanches está apaixonado por Mayumi! – riu Liam.

O professor mexicano, Sr. Sanches, corou como um tomate. Ele dava aulas de química avançada – uma classe que eu com certeza jamais frequentaria.

– Detenção, Sr. McFearley! Comigo, agora mesmo! – rosnou, a face

vermelha de raiva.

Liam McFearley, louro e atrevido, beijou a mão de Mayumi cavalheirescamente, fazendo uma onda de gritos ecoar pelo salão.

– Tudo vale a pena pela musa do torneio – piscou para ela maliciosamente. Mayumi corou, mas conseguiu manter a compostura para flertar.

– Te vejo quando sair do castigo – piscou para ele de volta.

Notei que Santiago não parecia nada feliz.

Liam foi carregado para fora do salão pelo professor sob uma onda animada de aplausos. Os jogadores se tornaram os novos astros do colégio – pelo menos enquanto esse campeonato durasse. Em geral, as pessoas não tinham que fazer parte de times para se destacarem. Ou eram ricos demais, ou inteligentes demais, ou simplesmente lindos demais para passarem despercebidos.

Mayumi sentou-se a minha frente na mesa, as bochechas coradas e os olhos brilhando, conversando animadamente com os garotos do time de futebol. Embora recebesse muitos olhares, Amy se encontrava completamente alheia a eles, fitando desanimadamente a mesa dos Ivanovick – na qual Luka ainda não se dera ao trabalho de aparecer.

Eu recebia muitas cantadas, embora também não me sentisse no clima para flertar. Onde estaria Luka? Por que não apareceu mais?

Ao meu lado, a respiração de Amy vacilou – e eu imediatamente voltei meus olhos para a porta do salão. Apenas uma coisa poderia lhe causar tal reação.

De rompante, como sempre, Luka escancarou a porta dupla brutalmente, entrando com seu mesmo porte arrogante. Segurei um suspiro

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de alívio. Então ele não tinha fugido do colégio, nem nada do tipo. Ainda estava aqui, ao alcance de minha vista.

Quando o garoto se sentou na sua mesa ao longe, Alicia lhe falou alguma coisa ácida – aparentemente ainda estava ressentida –, mas Luka simplesmente a ignorou, cruzando os braços e recostando-se na cadeira, parecendo profundamente entediado e aborrecido por estar ali. Nikolai revirou os olhos, voltando a digitar no seu pequeno aparelho eletrônico. Aparentemente, aquelas briguinhas de família o entediavam.

Quando Luka Ivanovick entrava num ambiente, inevitavelmente sempre chamava a atenção de todo mundo – porém, esta noite as pessoas estavam envolvidas demais em suas conversas sobre o campeonato que estava por vir, por isso logo deixaram Luka em paz e voltaram para seus respectivos assuntos.

Além de Amy e eu, Santiago era o único que ainda prestava atenção na mesa dos Ivanovick. Seus olhos verdes se prendiam em Luka, uma raiva ácida distorcendo sua feição. Ele ainda não esquecera o empurrão desafiador que o garoto lhe dera.

De repente, Santiago pareceu tomar uma decisão. Abruptamente, puxou-me para o seu colo e gritou “Essa é a minha *hermosa*, a musa do torneio!”

Corando loucamente, eu tentei me desvencilhar do seu abraço e voltar ao meu lugar, mas Santiago me encerrou forte entre seus braços, obrigando-me a permanecer sentada sobre suas pernas.

Amy ergueu as sobrancelhas, Mayumi desviou os olhos, ressentida, e o resto dos alunos da mesa somente riu ou gritou piadas obscenas para nós – “vão procurar um quarto!”

“Nós vamos”, Santiago piscou atrevidamente para mim. O que aconteceu a seguir foi totalmente inesperado. Ele me pegou de surpresa, segurou meu queixo e lascou o maior beijo na minha boca. Ouvi gritos de aprovação advindos de toda a mesa.

Mas que diabos ele pensava estar fazendo?! Empurrei-o, livrando-me de seus lábios.

– Mas que merda! Você está maluco?!

– Ah, qual é, Lara, não vai fazer charme agora – ele tentou me obrigar a aceitar seus lábios de novo.

Empurrei-o, rosnando entredentes.

– Não, Santiago, *não*.

Mas ele não me dava ouvidos. Todos achavam graça na brincadeira. Ele seguia beijando meu pescoço, enclausurando-me em seu abraço.

– Porra, Santiago, me deixe em paz – tirei a mão que subia por minha coxa, mas ele só riu da minha cara. Meu sangue ferveu de raiva. Ele queria um barraco? Então era isso que iria ter.

“Não!”, gritei alto o suficiente para que todos ouvissem.

Nesse exato momento, ouvi um rangido alto de madeira, como os pés de uma cadeira se arrastando bruscamente contra o chão. Aquilo atraiu a atenção de todos, inclusive a de Santiago. Libertou-me por um momento.

Para o meu completo espanto, o barulho viera da mesa dos Ivanovick. Observei totalmente chocada enquanto o garoto de olhos negros se levantava bruscamente, as íris ardendo sobre Santiago, ameaçadoras. Luka virou a aba do boné para trás, ergueu o queixo e nos encarou de cima, as íris ardendo de ódio. Logo depois começou a andar em direção à nossa mesa no

mesmo porte arrogante. Desafio emanava do seu corpo.

Se meu coração batesse, pulsaria como um louco. Meus olhos não acreditavam na cena de Luka Ivanovick se aproximando de nossa mesa, propício a assassinar alguém. *O que* ele estava pretendendo fazer?

O queixo de todo o refeitório estava no chão.

Ele só não chegou até nós porque Alicia se levantou e pegou um de seus braços, obrigando-o a olhar para ela. Falou alguma coisa baixa e freneticamente para ele. Cochichos se alastraram por todo o salão.

Lendo os lábios de Alicia, eu não pude reconhecer nenhuma palavra, por isso deduzi que os argumentos que ela rosnava para o irmão eram todos em russo. A essa altura, todos os olhares estavam voltados para eles.

Nesse meio tempo, Nikolai, o irmão halterofilista, havia se levantado, pronto para interferir. Estava claro que Luka iria brigar com Santiago, pois seus olhos sombrios o encaravam com ódio, injetados por uma fúria assassina.

Santiago ergueu o queixo, desafiador. Seus amigos do time de futebol também tomaram novas posições em suas respectivas cadeiras, parecendo prontos para se levantar. Do outro lado do salão, Nikolai Ivanovick colocou o pequeno aparelho eletrônico no bolso e estalou os dedos das mãos, mostrando que estava pronto para entrar na briga pelo irmão. Nikolai era enorme, quase duas vezes o tamanho de Santiago – o que preocupou os caras do time. Nikolai era gigante, e Luka... *Perigoso*.

O que Alicia falou para o irmão pareceu convencê-lo. Luka desvencilhou o braço do aperto dela, porém permaneceu parado ali, no meio do salão, encarando ameaçadoramente Santiago. E então algo inebriante aconteceu.

Pela segunda vez desde que o conheci, o garoto voltou seus olhos negros para mim.

Era um olhar hostil – mas uma hostilidade diferente. Parecia *zangado* comigo, como se de alguma forma eu o tivesse ofendido. Como um namorado traído.

Saia do colo desse garoto agora, ou eu vou até aí te tirar – era o que ele queria dizer. Como se tivesse algum tipo de direito sobre mim.

Aquilo era ciúme.

Senti uma onda inebriante de calor sobre o corpo inteiro e, sem pensar duas vezes, obedeci-o.

Aproveitei-me da distração de Santiago e me liberei dos seus braços, finalmente conseguindo voltar para o meu lugar com dignidade. Olhei para o garoto, buscando sua aprovação.

Luka Ivanovick me lançou um olhar sombrio. Ergueu o maxilar forte, acenando uma vez com a cabeça, quase imperceptivelmente. *Muito bem*. E, assim, deus as costas a irmã e saiu do salão, batendo a porta com força.

Um silêncio pesado se instalou sobre o refeitório, pois a maioria das pessoas se encontrava perplexa demais com a exibição pública do garoto para falar qualquer coisa. Todos observaram Alicia sumir pela porta atrás do irmão. Logo em seguida, Nikolai partiu também, lançando um último olhar negro e ameaçador sobre os caras do time de futebol.

Quando todos os Ivanovicks saíram do ambiente, senti dezenas de olhares sobre mim.

– Cara... – disse Ian Armstrong, o inglês de olhos azuis. – O que foi *aquilo*?

Ninguém respondeu.

Mayumi tinha a boca escancarada. Miguel, uma expressão de choque – e Amy tentava esconder as lágrimas de ódio que molhavam seus olhos perfeitos. Ela deveria ser a única nessa Escola com alguma reserva restante de lágrimas para chorar.

Santiago somente olhava fixamente para a porta em que Luka sumira, a expressão indecifrável. Agora ele tinha um inimigo.

Laila Al Nyiat, a morena da Arábia, foi a primeira a reencontrar a voz. Atordoada, ela olhava para a porta em que Luka havia sumido, mas depois voltou seus olhos escuros para mim, encarando-me sem acreditar.

O que ela disse me apavorou, inebriou, scandalizou.

– Lara... Eu acho que Luka Ivanovick está apaixonado por você.

Capítulo Sete

Choque. Total e completo estarrecimento. Meros eufemismos para o que eu sentia. Havia também, borbulhando sob a superfície, uma mistura de empolgação contida e uma faísca ínfima de esperança. *Será?*

Tentei acreditar, mas não enxergava nenhum mundo paralelo em que isso pudesse ser realidade. Nem mesmo aqui, no mundo dos mortos.

Luka Ivanovick apaixonado por mim. *Como era possível?*

Naqueles segundos que se passaram depois da constatação chocante de Laila, revi toda a minha insignificância diante dos olhos. Mas Catarina e as gêmeas estadunidenses me enchiam de perguntas, não me deixavam pensar. Encontravam-se frenéticas, quase enlouquecidas. Cacarejavam em torno de mim, assíduas por informações.

“Vocês têm alguma coisa? Desde quando? E por que não nos contou? Puta merda! Você é o ser humano com mais sorte no mundo!”

Manisfestar-me se revelava uma impossibilidade. Fitava fixamente o meu próprio colo, as coxas bronzeadas sem nenhum *lingerie*. As garotas insistiam nas perguntas, quicando ao meu redor. Mas eu havia perdido as palavras. Um grande ponto de interrogação piscava na frente dos meus olhos.

Aisha, a sul-africana dos olhos verdes, veio em minha defesa.

– Deixem a garota em paz. Vocês não a estão deixando respirar!

– Isso não nos diz respeito – completou Laila, tentando tirá-las do meu redor.

– Ela não responde nada, acho que está em choque – disse uma das gêmeas, talvez Claire Stryder.

– Talvez precise de um tapa – completou sua irmã, Alison.

– Deixa que eu dou – prontificou-se Catarina, irmã do Miguel.

– Saíam de perto! – Aisha exigiu, e eu me vi com mais oxigênio ao redor. Elas pararam de cacarejar nos meus ouvidos. Percebi que Aisha era uma das mais sensatas por ali.

Amy saiu da mesa, à beira das lágrimas. Mayumi apertou minhas mãos e murmurou “Não se preocupe, você não tem culpa de nada”, e logo depois saiu correndo atrás de Amy. Ela seria a única que poderia reconfortá-la.

Reconfortá-la.

Amy precisava ser reconfortada porque Luka Ivanovick queria a *mim*. Isso era algum tipo de universo paralelo? Sonho? Alucinação? Fosse o que fosse, eu não queria acordar. O mundo girava em seu eixo, mas a confusão era prazerosa demais para que eu me importasse.

Os caras do time de futebol se encontravam revoltados com Luka Ivanovick e seu irmão, Nikolai. Cuspiam atrocidades sobre a família inteira, e eu não suportava ouvir calada. Por que eu sentia esse ímpeto de defendê-los?

Levantei-me de forma brusca, mas só tardiamente tomei consciência de que o tinha feito. Todos olharam para mim.

– Hã, eu tenho que... – não sabia como completar a frase. – Não importa, estou indo – virei-me e fui embora, saindo às pressas do salão e sentindo todos os olhares perfurando minhas costas.

Corri para o meu dormitório, tropeçando numa Madeleine muito chocada pelo caminho.

– Miss Valente, a senhorita está bem? – a esbelta governanta gritou, mas eu já estava correndo para longe.

Virei-me para trás sem parar de correr.

– Hã – ofeguei – não sei.

E essa foi a última interação que eu tive com alguém naquela noite. Tomei um banho e deitei-me debaixo dos edredons com a insígnia dourada da escola, encolhendo-me em posição fetal. Mayumi não apareceu, e eu concluí que deveria ter decidido dormir no quarto de Amy.

Mas isso era irrelevante nesse momento. Algo estarrecedor acontecera. Havia a possibilidade de *Luka Ivanovick conservar algum interesse por mim*.

Ainda bem que meu coração não batia mais.

Ele apareceu em minhas aulas, confrontou Santiago, colocou meu nome em seu trabalho. Quando Santiago me agarrou mais cedo, Luka enlouqueceu em seu lugar. Quando se levantou, uma inclinação assassina espreitava na penumbra dos seus olhos, deixando claro que estava pronto para brigar. Mas eu nunca imaginei que fosse por *mim*.

Luka estava dando todos esses sinais de interesse, mas nunca falou uma palavra comigo. Parecia evitar qualquer tipo de contato, e só o fazia quando era absolutamente necessário. Se ele me queria, odiava-se por isso. E, aparentemente, Alicia o odiava ainda mais.

Foi ela quem o impediu de deflagrar uma briga por mim, afinal. Provavelmente Alicia me considerava insignificante demais para merecer a atenção do irmão. Afinal, meninas muito mais lindas já passaram por esse colégio, e, segundo eu soube, Luka jamais deu sinal de interesse.

Mas apesar de eu não ser a melhor daqui, o garoto se encontrava disposto a enfrentar um time de futebol inteiro só por minha causa.

Fogo subiu por minhas pernas, arrepiando minha espinha. De forma
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

repentina, o quarto estava ardendo, insuportavelmente abafado. Imaginei-o passando a língua úmida sobre os lábios vermelhos, carnudos. Como seria beijar Luka Ivanovick? Como seria ter aquelas mãos bronzeadas deslizando sobre...?

Girei na cama, enterrando a cabeça no travesseiro. Pensar naqueles olhos negros fixados sobre mim trazia sensações... *Quentes*.

Meu Deus, eu estava ficando louca. Agora podia entender exatamente o que Amy sentia. Fantasiar com o garoto era inevitável, e eu nem precisava ser muito criativa. Só a imagem dele fazia todo o trabalho, incendiando minhas veias.

Sentia-me arrebatadoramente lisonjeada com a atenção dele – mas também apavorada. Ele me despertava desejo, mas também me causava... *Medo*. Em todos os sentidos, ele era demais para mim.

Demorei a dormir, e, quando finalmente consegui, sonhos loucos assolaram meu sono. Alguns assustadores, alguns arrebatadores. Todos envolviam Luka Ivanovick – em um, ele estava me esperando num corredor escuro com uma faca. Queria me fazer mal. Em outro, estava tirando a camisa e jogando-me em sua cama. Devo ter gritado seu nome enquanto dormia diversas vezes – e com várias entonações, dependendo da situação.

Na outra noite, acordei antes do sinal de despertar, pois Mayumi deixara algum vidro cair no chão. Abri os olhos, assustada. Em meio a minha visão borrada, vi que ela se agachara no chão para juntar os cacos.

– Alguém deu uma escapada durante a noite – murmurei roucamente, e ela voltou seus olhos orientais para mim, pega de surpresa.

– Ah, me desculpe se eu te acordei – tinha a voz cansada. Notei que ainda usava o uniforme de ontem, meio amassado. Tinha o cabelo

embaraçado e bolsas de olheiras sob os olhos azuis.

– Você parece ter acabado de sair de um caixão. Nunca deixe Santiago te ver assim – comentei.

– Obrigada pelo sopro de autoestima – ela riu, mas não havia nenhum humor ali. Mayumi estava cansada demais até para isso.

– Dormiu pouco?

– Quem dera. Não dormi *nada* – ela suspirou. – Amy chorou a noite toda.

– Você acha que devo... Sei lá, pedir desculpas? – mordi o lábio. Não sabia o que fazer nessa situação. Aliás, eu nem sabia *mesmo* se Luka queria alguma coisa comigo. Podia ter sido somente um palpite em falso de Laila. Eu não me permitiria esperanças.

– Não, acho que não. Amy não está culpando você.

Ergui uma sobrancelha. Apostava que Amy também não queria me mandar flores.

– Certo – Mayumi cedeu. – Ela também não está recitando poemas em sua homenagem, mas, mesmo magoada, sabe que a raiva não deve ser destinada a você. Não é culpa sua se Luka Ivanovick te escolheu.

“Luka Ivanovick te *escolheu*.”

Uma frase perturbadora demais, irreal demais. Eu me apressei em voltar para a realidade.

– Espera, não vamos nos precipitar. Ele não me *escolheu*. Aliás, todos estão levando a sério demais o que a Laila falou. Ninguém considerou a possibilidade de ela estar errada? Talvez o garoto nem saiba quem eu sou, só queria um motivo para brigar com Santiago.

– Ah, qual é, Lara – Mayumi me lançou um olhar cético, tirando o uniforme amassado. – Estava na cara que Luka iria brigar por causa de você. E ele não faria isso por qualquer uma, pode acreditar. Ele não tem a dignidade de *olhar* para qualquer uma de nós, quanto mais enfrentar um time de futebol inteiro. Pode ter certeza: alguma coisa ele quer com você.

– Como isso é possível? Ele nunca nem falou comigo. Isso é o que as pessoas normais fazem quando estão interessadas em alguém. – Eu não sabia como lidar com a situação. Era como me imaginar flertando com um semideus grego da beleza, esquecido na terra por engano.

– Mas o Ivanovick não é normal. Ele nunca falou com ninguém, isso não é novidade. Talvez esse seja o jeito dele de demonstrar interesse.

– Não quer me tocar, mas também não quer que ninguém me toque. Cara insano.

– Luka Ivanovick é louco. Disso todo mundo já sabia. – Seus olhos já puxados se tornaram fendas azuis, enquanto ela se lembrava da cena no Grande Salão. – Ele agia como se você estivesse o traindo. Como se você *pertencesse* a ele, entende o que eu quero dizer?

– Não – gemi, enfiando a cabeça do travesseiro. Isso era loucura.

Mayumi suspirou.

– Eu sei, nem eu mesma estou entendendo. Mas uma verdade é inegável. Luka Ivanovick passou anos sozinho, recusando beldades dessa Escola. Ele finalmente se interessou por alguém, e se esse alguém for de fato você... Lara Valente, você é a porcaria da garota mais sortuda desse lugar. Prepare-se, por que todas vão te odiar. Eu mesma estou pensando seriamente em fazer isso – franziu a testa, considerando.

Joguei uma almofada nela. Mayumi riu e desviou, entrando no

banheiro para tomar um banho. Durante a meia hora seguinte, eu fiquei jogada em minha cama, repassando as palavras dela. Se eu fui *mesmo* a escolhida de Luka Ivanovick, o que isso significaria a partir de hoje? O que iria mudar?

Sua atitude possessiva e protetora ontem a noite surpreendeu a todos – ele mal expressara qualquer reação ao longo desses anos, sempre carrancudo, entediado, arrogante. Segundo eu soube, ninguém aqui nunca despertou sua atenção por mais de poucos segundos. Agora, ele se levantava da cadeira em pleno refeitório, disposto a brigar com mais de uma dúzia de garotos.

Mayumi saiu do banho e o sinal para a Primeira Refeição tocou. Apressei-me em me colocar no uniforme e pedi a Mayumi que fizesse uma trança elaborada em meu cabelo. Coloquei uma meia fina rendada e branca até o meio das coxas, acompanhada por um par de *scarpins* vermelhos, os saltos finíssimos e enormes.

– Uau, ainda bem que todos os caras desse colégio já estão mortos, senão você os mataria outra vez. Preciso perguntar para quê toda essa produção? – Mayumi me lançou um olhar confidente.

Ambas sabíamos muito bem quem eu queria impressionar. Usar *lingerie* me rendeu a atenção *dele* uma vez, e eu cruzava os dedos para que funcionasse de novo.

Mayumi me contou que Amy não iria à aula hoje, portanto desceria comigo para a o Grande Salão. Quando ambas estávamos prontas, saímos do quarto e atravessamos o dormitório feminino. Eu podia sentir o olhar de todas as garotas sobre mim, cochichando e lançando-me olhares desde cruéis até invejosos.

Prepare-se para ser odiada, Mayumi avisou. Mas se me encaravam,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu encararia de volta. As garotas ruborizavam e desviavam os olhos.

Nossos dormitórios ficavam no terceiro andar, e, no segundo, havia o encontro do dormitório feminino e masculino, cada porta bifurcando-se de um lado da grande escadaria de mármore negro. O grande salão ficava no andar térreo, de modo que todos desciam juntos os infinitos degraus para chegar até lá.

Os garotos saíam de seus dormitórios, descendo correndo as escadas. Contudo, havia algo de diferente naquela cena. Algo de... *Putá merda*.

– Oh, meu Deus – Mayumi me cutucou urgentemente. Depois começou a sussurrar, histérica. – Olha quem está parado na porta. Rápido.

Meu coração morto breiou com o que vi.

Luka Ivanovick se encontrava parado na frente da porta do dormitório feminino, pela qual logo eu iria passar. Ele se recostava contra a parede, braços cruzados, expressão fechada, enigmática; os olhos negros fixos em algum ponto à frente, ignorando todos os olhares curiosos. *Quem* ele estava esperando?

Ele não tinha contato com nenhuma menina da Escola, e sua irmã não dormia em nossa ala.

Tinha o boné vermelho virado para trás, o queixo arrogantemente erguido e a alça da mochila negra sobre um ombro musculoso. Bruscamente, ele olhou para mim. Fixamente. Como se só estivesse me esperando chegar.

Eu estava prestes a vomitar. Segurei-me para não virar as costas e correr.

– Putá merda, Lara – Mayumi sussurrava urgentemente para mim, à medida que nos aproximávamos. – Acho que ele está esperando por você.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ai, meu Deus. Vá falar com ele.

– *O quê?! –* apavorei-me, tentando não mover muito os lábios. – É claro que não.

– Lara, vá falar com ele. Ele está te esperando – ela praticamente ordenou entre dentes.

– *Não –* teimei. Ele não estava me esperando. Não *podia* estar.

O tempo para considerações acabou. Nós passamos por ele, e, como o garoto não manifestou nenhuma reação – embora ainda olhasse fixamente para mim – eu abaixei a cabeça e passei direto, com uma Mayumi muito revoltada ao meu lado.

– Não acredito que você não parou, não acredito, não... Oh, meu Deus – ela olhou de soslaio para trás – Lara, ele está nos seguindo.

Olhei para trás, mas logo virei a cabeça bruscamente para frente, o rosto pegando fogo. Ele jogara a mochila sobre os ombros e estava andando bem atrás de mim, a alguns metros de distância. Era uma posição distante, porém protetora. Ele não queria se aproximar – mas também não permitia que ninguém se aproximasse.

Mas que diabos acontecia aqui?

– Lara – Mayumi ria baixo, porém histericamente – agora você tem um segurança.

– Fale baixo, pelo amor de Deus. Ele pode ouvir.

– Que se dane, o cara está *seguindo* você, não consegue ver?

– Talvez ele só esteja indo para o salão comunal, como todas as pessoas.

Mayumi quicava ao meu lado, empolgada.

– E sem os irmãos? Então ele casualmente parou na porta do dormitório das meninas e só saiu de lá quando você chegou? Convenhamos! Antes de hoje, Luka Ivanovick nunca se aproximou nenhum passo daquele dormitório.

Permiti-me uma virada rápida para trás. Arrependi-me imediatamente. Ele ainda tinha os olhos negros presos em mim. Engoli em seco, virando-me para frente.

– Estou apavorada – confessei. Pela primeira vez em anos, eu não sabia o que fazer.

– Eu acho que você tem que falar com ele. Vou indo na frente, aí você para e...

Segurei o braço dela com força.

– Não se atreva a me deixar sozinha. Eu te mato.

Mayumi riu.

– Tudo bem, te darei um desconto porque é Luka Ivanovick. Até eu tenho um pouco de medo dele. Mas não perca mais tempo! Assim que ele se aproximar, não o ignore outra vez.

– Aham – concordei rapidamente para deixá-la satisfeita. É *claro* que eu nunca iria falar com ele. Tinha a impressão de que, se eu ousasse me aproximar, ele me socaria.

Agarrada ao braço de uma japonesa muito histérica, entrei no salão. Luka entrou logo atrás.

Sentei-me em minha mesa, dessa vez sem comer. Santiago me lançou um olhar. Eu o ignorei, virando-me para falar alguma bobagem irrelevante com Aisha, a carismática sul-africana, já que Laila se ocupava flertando

com Ian, como sempre. Eu não entendia como esses dois ainda não estavam juntos.

Ninguém reparou que Luka estava nos seguindo – todos pensaram que fora mera coincidência ele entrar depois de nós no salão. Mas as pessoas que viram a cena da porta do dormitório rapidamente espalharam a fofoca entre as mesas – e, de repente, o refeitório inteiro tinha a atenção em mim.

“Mas ele apareceu assim, do nada?”, eu podia ler os lábios de uma garota, em uma mesa distante. Ela se inclinava para o grupinho de amigas, estarecida.

“Aposto que ele estava esperando Lara Valente, aquela novata do *lingerie*”, disse outra.

“Pois é, mas ela nem deu confiança para ele. Passou direto, sem olhar.”

“O quê? Que garota louca!”

“Louca nada – esperta. É assim que ele vai se apaixonar.”

– Argh – desviei os olhos, odiando as confabulações sobre minha vida. Elas achavam que eu estava botando em prática algum plano para fisgar a atenção de Luka Ivanovick. Que seja. Mal sabiam que eu não tinha o mínimo controle sobre a situação. Encontrava-me à deriva, apavorada.

Luka foi de encontro aos seus irmãos, na mesma mesa isolada de sempre. Alicia franziu os lábios para ele e desviou os olhos. Havia uma animosidade por ali?

Essa noite, seu cabelo longo e repicado tinha sido preso em um alto rabo de cavalo, a mexa roxa caindo em seus ombros. Sua orelha abrigava um único brinco. Apertando os olhos, dava para ver que simulava um prego

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

transpassando o lóbulo... Arrepiei-me. Que coisa mais sinistra.

Nikolai cumprimentou o irmão com a cabeça, voltando a atenção de volta para seu aparelho eletrônico. Ele estava se lixando para o novo comportamento de Luka.

Nessa hora, Santiago pediu para que Aisha chegasse um pouco para o lado, de modo que pudesse sentar-se entre nós. Aisha esperou minha aprovação e eu, de má vontade, dei de ombros. Era um país livre, afinal. Santiago podia se sentar onde bem quisesse.

Luka permanecia de pé, de costas para mim. Falava alguma coisa para Alicia, mas esta o fitava com desprezo. Eu não sabia por que a irmã guardava rancor, mas não parecia inclinada a perdoá-lo.

No entanto, os olhos de Alicia Ivanovick escorregaram para a minha mesa e suas sobrancelhas se arquearam. Ela falou alguma coisa em russo para Luka, que se virou bruscamente.

Santiago, alheio a situação, tentou colocar um braço sobre meus ombros, mas eu o tirei.

– Com licença – rosnei. Olhei para saber a reação de Luka.

O Ivanovick uniu as sobrancelhas, analisando com fúria a cena. Não se deu ao trabalho de sentar. Permaneceu de pé e recostou-se em sua mesa; cruzou os braços, ergueu o maxilar forte e ficou nos encarando, fixa e escancaradamente, pouco se importando com os comentários ao redor.

– Lara, o que eu fiz? – Santiago ainda não tinha percebido nada. Virei-me para ele.

– Santiago, vamos esclarecer uma coisa: não me toque sem minha permissão, entendeu? Nós somos amigos, e eu gosto de você, mas um “não” é um “não”. Se você quiser manter a nossa amizade, terá que entender esse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

limite.

Santiago parecia surpreso.

– Desculpe Lara, eu não sabia que você se sentia assim. Pensei que era recíproco.

Todos tinham a atenção presa em Luka, por isso ninguém olhava para nós – a não ser o próprio Luka. Da distância em que estava, não era possível que ouvisse minhas palavras, mas mesmo assim eu me senti na obrigação de sussurrar.

– Você não me perguntou se eu queria, não me deu escolha. Aliás, você me *obrigou*, e aí mora toda diferença. Cinco palavras que você não deve esquecer: *Não. Faça. Isso. Outra. Vez.*

– Mas, *hermosa...* – ele parecia chocado. – Eu pensei que nós dois...

– Não existe nós dois. Sinto muito. – Tentei falar da forma mais suave possível. Apesar de tudo, eu gostava de Santiago. Sabia que ele não estava loucamente apaixonado por mim, mas qualquer tipo de rejeição magoa.

O espanhol uniu as sobrancelhas, o orgulho ferido. Olhei para Luka Ivanovick. Ele estava atento a qualquer movimento que Santiago pudesse fazer em minha direção. Eu não queria causar uma briga, por isso tentei manter Santiago longe.

– Agora, vamos esquecer isso. Não aguento mais confusão.

Santiago abriu a boca para argumentar, mas percebeu o olhar de todos na mesa concentrados na direção dos Ivanovick. Acompanhou-os, e quando viu Luka recostado na frente de sua mesa, imóvel e com uma expressão de desafio, bufou.

– Não é possível. Aquele cara de novo.

– Que merda, Santiago, o que você fez para esse cara? Qual é o *problema* dele? – o inglês Ian se indignou, olhando para Luka com a testa franzida.

– “Qual” é o problema, não – Laila observou, lançando-me um olhar. – *Quem* é o problema. Parece que alguém finalmente despertou a atenção do coração de gelo, Luka Ivanovick. Alma tão fria quanto o inverno do país de onde veio. Contudo... Veja como os olhos dele ardem. Parecem ter o calor dos desertos da minha Arábia – ela estalou a língua em tom de aprovação. – Fascinante.

Ian não gostou da atenção de Laila voltada para Luka.

– Russos loucos – observou em tom depreciativo.

Santiago passou a primeira refeição inteira com uma carranca. Mayumi não conseguia parar de sorrir para mim, tanto pelo fora que dei em Santiago, quanto pela atenção escancarada de Luka.

Os meninos do time saíram do salão lançando olhares venenosos para os Ivanovick e as meninas não paravam de me fitar encantadas. *Então foi ela a escolhida.*

Saí do salão grudada em Mayumi – não o daria chance para me encontrar sozinha. Eu me sentia desesperada. E se ele quisesse se aproximar? O que eu faria? O que eu *falaria*? Embora essas fossem reações dos vivos, eu sentia milhares de sensações que, de fato, não estavam ali: gotículas de um suor nervoso, nuca arrepiada.

Luka jogou a mochila nos ombros e me seguiu até a aula de Psicologia da Morte. Sentei-me num lugar na frente da sala, e ele se sentou no fundo. Embora estivesse me seguindo, mantinha uma distância segura.

Quando o Sr. Wood começou a entregar os trabalhos e citar o nome

das duplas, toda a sala entrou em choque com o anuncio de nossos nomes. Uma horda de murmúrios incrédulos ressoou pelos alunos.

– Luka Ivanovick e Lara Valente – o professor anunciou, esperando que um de nós dois fosse até sua mesa pegar o trabalho. Ouvi os murmúrios e senti os olhares de ódio e inveja sobre minhas costas, mas não me movi, esperando a reação de Luka. Ele tampouco se mexeu, fitando indiferentemente o professor.

Sr. Wood levantou os olhos por cima dos óculos, estranhando a demora.

– Sr. Ivanovick e Miss Valente, um de vocês dois pode vir até aqui pegar o trabalho?

Esperei mais alguns segundos, porém o garoto não se moveu.

Engoli em seco e me levantei, consciente de seu olhar negro ardendo sobre mim. Fui até a mesa do professor rapidamente e peguei o trabalho, voltando para minha carteira em menos de três segundos. Dei uma rápida olhada no trabalho – que tinha ganhado a nota máxima –, e todas as respostas tinham sido dadas com precisão e elegância; argumentos inteligentes e sensatos. A letra refinada fazia curvas na folha em um ângulo que eu jamais conseguiria, e me emocionou ridiculamente ter o meu nome ali, na capa do trabalho, junto ao dele. Dobrei o trabalho ao meio e o coloquei na minha bolsa.

Se Luka Ivanovick o queria de volta, teria que vir buscar.

O resto da noite foi igualmente chocante. Luka apareceu em quase todas as aulas que eu tinha, mantendo-se distante, porém perto o suficiente para deixar clara sua presença. Por várias vezes sentia seu olhar ardendo sobre minha nuca.

Nas aulas em que ele não apareceu, estava sempre do lado de fora da sala ao término do horário, esperando-me sair. Braços cruzados, lábios cerrados e indiferentes, olhos negros e frios. Eu passava por ele de cabeça baixa, correndo para a minha próxima aula. Ele me seguia até a porta da sala e, assim que eu entrava e me sentava, ele se virava e ia embora. No término da aula, lá estava ele novamente, esperando para mais uma escolta silenciosa.

Eu não entendia seus motivos, mas parecia que ele estava *tomando conta* de mim.

Na aula de pintura, sentei-me ao lado de Alicia Ivanovick, porque todos os outros bancos estavam cheios e eu não tinha alternativa. Ela me lançou um olhar venenoso, se levantou e saiu da sala, repudiando minha presença. Engoli em seco. Alicia era uma adversária forte demais.

– *Tsc, tsc* – alguém estalou a língua em desaprovação. – Você tem que buscar a aprovação da família, senão o relacionamento não vai dar certo – aconselhou uma menina loura que se sentava ao meu lado.

Encarei-a, incrédula. Eu nunca a tinha visto na vida.

– O quê? – ela deu de ombros, parecendo inocente demais.

– Eu te conheço?

Era reconfortante saber que, no mundo, existiam pessoas mais estranhas que eu.

– Luka Ivanovick é uma celebridade por aqui. Agora você também é. Ossos do ofício de uma namorada...

Corei loucamente diante daquela palavra: *namorada*. Apavorou-me, inebriou-me. Causava-me uma pontada de prazer, e outra maior ainda de pânico. Ele era tão... Intimidador. Andar de mãos dadas, trocar beijinhos de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

esquimó e mensagens melosas... Não. Não parecia uma coisa que Luka Ivanovick faria.

Seguir-me entre as aulas era o máximo que ele faria para demonstrar qualquer tipo de interesse especial. No restante, continuaria me ignorando, como sempre.

– Não somos namorados – senti-me na obrigação de esclarecer. Aparentemente minha vida estava se tornando o prato principal no rodízio de fofocas do colégio.

– Então por que ele está te seguindo pelo colégio todo? – ergueu uma sobrancelha albina.

– Porque ele é doido – coloquei um fim na questão.

– Que bom. Então ainda há chance de ele se descobrir loucamente apaixonado por mim – ela sorriu..

Luka também me seguiu até o treino de líderes de torcida. Foi um longo e difícil percurso, considerando que a sala que conseguimos situava-se em uma ala deserta do castelo, de modo que o som alto não incomodasse ninguém. Por isso, não havia mais nenhum aluno no corredor além de nós dois. Ele andava vários passos atrás de mim, e eu só sabia que ele estava lá porque ouvia o leve som de seus sapatos sobre o chão de pedra.

Parou e cruzou os braços quando chegamos à porta da sala, e eu entrei sem me atrever a levantar os olhos, embora sentisse suas íris negras em mim. Quando fechei a porta, ele já tinha se virado e estava indo embora pelo corredor, afastando-se com passos rápidos.

“Meu Deus”, murmurei para mim mesma, recostando-me na porta fechada.

– Lara, você está legal? – perguntou Alison Stryder. Ela e sua irmã
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

gêmea eram as únicas que já estavam no salão espelhado, aquecendo-se para o treino. Os cômodos da Escola da Noite eram sempre muito curiosos: a arquitetura do castelo medieval coexistindo com grandes espelhos, aparelhos modernos, quadros negros...

– Aham – menti. Não me sentia legal. Sentia-me apavorada, inebriada, extasiada, confusa.

– Sua cara está vermelha – comentou a outra gêmea loura e alta, Claire. Ergueu uma sobrancelha, deduzindo. – *Ele* está aí fora?

– Não, já foi embora – murmurei sem pensar. Minhas pernas tremiam, suor brotava de minha testa. Honestamente, ser a escolhida de Luka Ivanovick era muita pressão. Eu estava à beira do êxtase e a beira da histeria – tudo ao mesmo tempo. Era paradoxal demais para a sanidade de qualquer garota.

– Então ele te *trouxe até aqui*? – o queixo de Alison estava no chão, os olhos fascinados. Falava um inglês diferente do europeu, com sotaque norte-americano.

Lancei-lhe um olhar seco.

– Pare de fofocar. Vamos treinar.

As gêmeas trocaram risadinhas entre si. Ótimo. Agora minha assustadora situação estava se tornando motivo de piada. Bufei. Queria ver como elas agiriam em meu lugar, com um minuto da atenção exclusiva de Luka Ivanovick, aqueles olhos negros ardendo em suas costas, exigente e assustadores. Enlouqueceriam.

Alguns minutos depois, a portuguesa Catarina entrou no salão, meio histérica.

– Oh, meu Deus, eu cruzei com Luka Ivanovick no caminho. Ele só
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

poderia estar voltando daqui! – Catarina bateu palmas, animada, os olhos cheios de expectativa virados para mim. Eu desviei os meus.

O que ela queria que eu dissesse? *Pois é, estamos casados. Já planejamos três filhos e uma criação de coelhos.*

– Lara está relutante em admitir que é a nova paixão de Luka – Alison, uma das gêmeas, revirou os olhos. – Se fosse eu no seu lugar, já estaria espalhando a notícia com um alto-falante por cada canto desse castelo.

– Pode contar para gente, Lara. Todo mundo quer saber que bicho mordeu Luka Ivanovick. – Catarina estava tentando se segurar em seu lugar, ávida por fofocas. Apesar de tudo, era inofensiva.

Mas o que eu poderia contar a elas, se nem eu mesma estava entendendo a situação? Resolvi escapar.

– Se quiserem saber de alguma coisa, perguntem a ele. Eu não tenho ideia do que ele pensa – dei de ombros, dando as costas para elas no intuito de me aquecer. Enquanto eu me contorcia na frente do espelho, pude ver suas expressões frustradas no reflexo.

Mas quer saber? Que se dane. Se eu tentasse adivinhar os pensamentos do Ivanovick, ficaria louca. Ele era um enigma perpétuo, que todas queriam desvendar.

A porta da sala se abriu com um estrondo, e quando eu vi Laila entrando aos trancos, correndo e ofegando, fiquei imediatamente preocupada. Não era do feitio dela ser tão espalhafatosa.

Como líder de torcida, a árabe Laila era engraçada. Ela se recusava a usar tops que mostrassem a barriga, por isso optava por uma blusa de mangas compridas, ainda negras e com um símbolo da Escola dos Mortos

em dourado. Usava a saia curta, porém com uma meia fina escura para cobrir as pernas. Na presença unicamente de garotas, ela dispensava o véu. Seus pesados cabelos negros balançavam até a cintura.

– Vocês têm que ver isso – os olhos pretos da garota brilhavam numa empolgação contida. Ela correu até uma das grandes janelas com vitrais coloridos, inclinando-se para ver lá embaixo, no gramado do castelo.

Todas nós a seguimos, e eu tentava me espremer entre as cabeças loiras das gêmeas para conseguir uma boa visão. Lá embaixo, um enorme gramado verde escuro ornamentava o castelo. Em seu entorno, árvores imponentes formavam o bosque que cercava a Escola, por debaixo de um céu sempre negro, sem lua. Na inércia da eterna noite do mundo dos mortos, somente as tochas iluminavam a comitiva que adentrava no castelo.

Eram mais de dez carros pretos e brilhantes estacionados na frente da escola; deles, desciam vários garotos musculosos, um pequeno grupo de meninas de roupas de grife, e outro grupo de pessoas mais velhas.

– Os finlandeses – Laila observou, admirada. Foi então que minha ficha caiu. O primeiro time oponente do campeonato já havia chegado. Os mais velhos deveriam ser os treinadores e a comissão técnica. As garotas, as líderes de torcida, e, os meninos musculosos, os integrantes do time.

– Eles *já* chegaram? – chocou-se Alison.

– Graças a Deus! – a portuguesa Catarina estava eufórica, observando os meninos lá embaixo. – Cara, eu amo futebol – ela suspirou e todas riram.

– Bem, não é tanta surpresa assim eles já estarem aqui. Só falta uma semana para o jogo – comentou Laila. Ela estava mais controlada do que as outras.

– Não sabia que eles iriam ficar hospedados no castelo – observei, a

testa franzida enquanto a comitiva entrava e o Sr. Field, de muita má vontade, carregava as malas para dentro, resmungando para quem quisesse ouvir.

Laila deu de ombros.

– É mais fácil assim, no mundo dos mortos temos poucos hotéis. Devem ter alguns em Londres, mas o castelo é grande o suficiente para todos e o time finlandês tem que conhecer nosso estádio. Não vale a pena se instalar na cidade quando temos aposentos tão bons aqui.

– Sei, *aposentos* – ironizou Catarina, e todas riram.

Quando percebeu minha expressão perdida, a sul-africana Aisha explicou. Não havia percebido que ela já tinha chegado à sala, procurando um lugar entre nossas cabeças para observar lá fora.

– Não é só pelos aposentos. Os torneios são ótimas oportunidades para conhecer gente nova. O campeonato também é um evento social.

– Traduzindo – intrometeu-se Catarina – o time finlandês está aqui por causa das garotas. Ou seja, nós.

Escondi um sorrisinho diante da ideia. *Agora* eu entendia a empolgação que se alastrava pelas meninas do colégio. Um time inteiro de finlandeses para agitar a vida social...

Só quando os finlandeses sumiram castelo à dentro, e todas nós já estávamos nos aquecendo, Mayumi chegou.

– Cadê a Amy? – Laila franziu a testa. Ela era perceptiva o suficiente para perceber que havia alguma coisa acontecendo.

– Não vem hoje – Mayumi tinha a voz triste, lançando-me um olhar confiante. Desviei os olhos, estranhamente culpada. Sabia que não devia desculpas a Amy, mas mesmo assim não queria ser motivo do seu sofrimento.

Suspirei. Luka Ivanovick complicava a vida de todas nós.

– Ah – Laila encerrou o assunto e não perguntou mais nada.

Provavelmente já deduzira os motivos que levaram Amy a me evitar, mas não queria que a notícia caísse nos ouvidos de Catarina. A paixão frustrada já era humilhante o suficiente para Amy sem que todo o colégio ficasse sabendo.

Começamos a ensaiar, mas nossos passos se revelaram robotizados e entediantes. Poucas de nós eram boas nas acrobacias, portanto só o que nos restava era a dança. Se continuássemos assim, seríamos as piores líderes de torcida da história.

Farta daquela situação ridícula, fui até o som e o desliguei bruscamente. Todas as meninas me encararam, surpreendidas.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Mayumi.

– Não, esse é o problema. Não aconteceu *nada* – grunhi, frustrada. As meninas trocaram olhares entre si, sem compreender.

Apressei-me em explicar.

– Eu não sei vocês, mas eu não quero passar vergonha na frente dos estrangeiros. Estamos dançando que nem um bando de loucas desgobernadas. Não parece uma dança, parece um exorcismo. Vão nos jogar pedras naquele estádio, não percebem?

Algumas tentaram negar, outras cederam na hora. “Não somos tão ruins assim...”, Mayumi tentou amenizar a situação. “Somos uma porcaria”, desesperou-se Aisha, “e só falta uma semana para o campeonato!”

– Chega de histerismo! – berrei por cima das vozes que falavam ao mesmo tempo. – Vamos raciocinar. Primeiro: os finlandeses têm um time de líderes de torcida, por isso não podemos deixar nosso time sem um. Apenas precisamos parar de dançar como lacraias loucas. Segundo: essa música é uma porcaria. Se não temos acrobacias, a dança é vital.

Precisamos arranjar um ritmo melhor. Terceiro: temos que conseguir meninos para treinar conosco. Não dá para saltar no ar sem braços fortes para nos segurar.

– Nenhum menino em sã consciência vai querer ser líder de torcida. É suicídio social – comentou Laila. – Não vamos conseguir convencer nenhum deles.

– É claro que conseguiremos. Vocês tem amigos e pretendentes que fariam qualquer coisa por vocês. Usem seus recursos. Vocês são as meninas mais influentes dessa escola.

– Eu posso fazer, se for para um bem maior – Catarina observou. Todas olharam para ela. Ela devolveu com uma expressão inocente que não enganou ninguém. – O que foi, gente? O sacrifício vale à pena.

– Certo – eu ri. – Obrigada, Catarina. Mais alguém?

As gêmeas também concordaram.

– Se for para evitar nossa humilhação pública – Aisha deu de ombros.

Mayumi suspirou.

– Tudo bem. Fazer o quê? Já nos metemos nisso, então que se dane.

– Ótimo – finalizei a questão. – Agora vamos para outro ponto problemático. A dança.

– E como faremos? Eu sou uma vara pau – Mayumi tentou mexer os quadris, o que foi deprimente.

– É simples. Nós precisamos de um ritmo diferente. – Fui até minha bolsa e peguei meu novo iPod, conectando-o ao som.

– E onde vai encontrar uma música que faça milagres? Por que é só isso que vai funcionar para mim. Meu estado é terminal – a japonesa bufou.

Eu lhe lancei um olhar malicioso.

– O Rio pode te ensinar algumas coisinhas. – Liguei o som, e o ritmo quente do funk brasileiro começou a tocar.

Eu mexia meus quadris, os olhos fechados. As batidas cariocas, tão minhas, levavam meu corpo de forma natural. Entreter e animar a torcida era pouco para mim – eu queria mais. Queria *seduzir* aquela torcida, deixar os olhos deles todos presos em mim. As batidas do *funk* brasileiro, tão enraizado nas favelas do Rio, me fizeram colocar as duas mãos nos joelhos, curvar-me e mover meus quadris de um jeito que até os olhares femininos ficariam presos no meu corpo.

Abri os olhos, ainda dançando, e vi a boca de Catarina escancarada. As gêmeas Claire e Alison Stryder piscavam os olhos, sem saber o que pensar. Estavam fixadas em mim, exatamente como eu queria, chocadas ou fascinadas demais para se manifestarem. Já Laila tinha os olhos arregalados, a face loucamente corada.

Já Mayumi e Aisha pareciam completamente satisfeitas. Elas sabiam o que tínhamos nas mãos. *Coitadas das finlandesas*.

Repentinamente, a imagem de Luka Ivanovick e dos seus olhos quentes de especiarias veio a minha cabeça, e eu dancei mais lentamente, mais profundamente. Se ele estivesse aqui para assistir isso, não veria a Lara constrangida e enrubescida que evitava seu olhar. Dançando, eu me tornava uma pessoa diferente.

Imaginei que ele estava rencostado na parede do fundo da sala, os braços cruzados, os olhos arrogantes, negros e maliciosos. *Assistindo*. Isso era mais do que incentivo para fazer o meu melhor.

– Cara – ofegou Catarina, tirando-me do devaneio.

– O que foi, Catarina? – lancei-lhe meu melhor olhar enigmático.

A expressão de assombro dela logo se transformou num enorme sorriso perverso.

– Garota, onde você esteve a minha vida inteira?

Agora eu estava dançando com tudo o que tinha. Minhas curvas bronzeadas, fartas, deslizando numa dança exótica, nascida nas ruas fervilhantes do Rio. Agitado, envolvente, com batidas quentes.

– Juntem-se a mim. Ou é ousado demais para vocês? – sorri impudicamente para as meninas ao meu redor.

Todas – com exceção de Laila, que se encolheu num canto – devolveram o sorriso nada inocente, chegando mais perto, tentando imitar meus movimentos. Elas aprendiam rápido, por isso logo éramos uma massa uniforme dançando no mesmo ritmo na frente do espelho. Observei minhas novas amigas orgulhosamente; elas pareciam outras garotas. Ninguém em sua consciência poderia tirar os olhos delas.

Observei-me no centro do grupo, guiando-as. Eu era bonita, mas não *a mais* bonita. Havia Mayumi, a fantástica gueixa japonesa de olhos azuis; havia Laila, a árabe do rosto moreno, anguloso e elegante, os olhos misteriosos cercados pela maquiagem oriental; havia Aisha, a sul-africana, a pele escura e olhos verdes, as curvas fartas e exóticas como as batidas que embalavam o seu continente... E Amy Turnage, em algum lugar do castelo, a *miss* Inglaterra, os cabelos cor de bronze alourado pegando fogo, os olhos felinos, os traços perfeitos...

Então... Por que eu? O que Luka Ivanovick tinha visto em mim? Balancei a cabeça, imersa em pensamentos enquanto as batidas tocavam. Eu não conseguia entender.

Quando terminamos o ensaio, todas carregavam um sorriso satisfeito no rosto – menos Laila. Nós conversamos e concordamos que ela iria se concentrar nas acrobacias, junto com as gêmeas Stryder, de modo que o restante de nós ficava com a parte da dança. As outras conseguiam fazer piruetas no ar, mas eu era uma párea no assunto. Tão ginasta quanto um cacto.

– Eu vou tomar banho primeiro, estou suando como uma porca – avisei Mayumi. Ela tinha mania de se apossar do banheiro por horas.

Ela guardava suas coisas na mochila cara.

– Nem pensar, eu tomo dessa vez. Além disso, você não soa. Está morta.

– Por que é sempre você?! – ultrajei-me.

– Não sou sempre eu – ela se defendeu.

– Não me irrite, japonesa. Eu sou boa de briga.

Mayumi sorriu e revirou os olhos.

– É que tenho um horário marcado com o Sr. Wood esta noite, antes da última refeição. Não posso me atrasar.

– Você? Com hora marcada com um professor? – repeti cínica. – Ele é algum tipo de manicure nas horas vagas?

Mayumi gargalhou.

– Ele é o psicólogo do colégio, tapada. Aliás, um psicólogo muito bom. Você deveria ir.

– Nem pensar!

– Credo, garota. Abra essa sua mente. Quantos anos você tem?

Dezoito ou cento e oito? – Mayumi levantou-se, bagunçando meus cabelos com uma mão carinhosamente.

As meninas já tinham saído, e, quando Mayumi abriu a porta do salão, estancou em seu lugar bruscamente. Levou um susto com algo que vira lá fora. Corou e clareou a garganta, depois me lançou um olhar significativo.

– Tem alguém esperando por você – murmurou, logo depois saiu da sala, olhando para baixo. Meu coração, já parado, breiou de vez. Eu sabia quem era. Ele viera me buscar novamente.

Coloquei a mochila em um ombro, abaixei a cabeça e sai do salão. De soslaio, pude vê-lo recostado a uma parede, os músculos definidos ressaltados sob o uniforme, alongando-se devido aos braços firmemente cruzados. Boné vermelho para frente, olhos negros ardendo por debaixo da aba, quase escondidos.

Respirei fundo e apressei o passo, consciente de quão infantil era essa situação. Eu devia falar alguma coisa – *qualquer* coisa.

Ele permaneceu atrás de mim o tempo todo, uma companhia silenciosa. Entrou no dormitório das meninas sem nenhum constrangimento, chocando as poucas que perambulavam pelo extenso corredor. Chegamos à porta do meu quarto e eu parei. Ele também parou, o maxilar erguido e trincado, os lábios cerrados. O garoto não iria falar nada, estava claro. Não tive coragem de olhar para ele, e, naqueles dois segundos constrangedores, senti-me imensamente lisonjeada e igualmente apavorada. Uma hora esse silêncio teria que acabar – mas *como*? Não conseguia pensar no que dizer. Para mim, Luka Ivanovick não falava. Era mais como uma estátua ambulante, fria e linda. O que teria um deus grego a dizer a uma mera mortal?

Entrei no quarto e fechei a porta. Ouvi seus passos se afastando no corredor, perseguido por dezenas de murmúrios femininos, o corredor agora duas vezes mais cheio pelas garotas que saíram do quarto no intuito de vê-lo.

Sentei-me em minha cama e fiquei na mesma posição por um bom tempo, ouvindo a água do chuveiro cair, esperando o demorado banho de Mayumi. Refleti, discerni, vi e revi todos os meus contatos com Luka, algo que explicasse o porquê de seu novo comportamento. Não cheguei a lugar nenhum.

Enterrei a cabeça no travesseiro, frustrada.

Aquilo estava me enlouquecendo.

Mayumi saiu do banho com uma toalha enrolada no corpo. Lançou-me um olhar típico de quem tinha ganhado uma aposta.

– Não fala nada – ameacei antes que ela abrisse a boca. Mayumi sorriu maliciosamente. – Não pense também – exigi.

O sorriso dela só aumentou. Ela estava rindo da minha cara. Caçoando da minha situação desesperadora. Qual era o *problema* dela? Eu tinha uma bomba nas mãos.

– Insolente – reduzi meus olhos a fendas.

– Mil perdões – ela não parecia nem um pouco arrependida.

– Você está pedindo um ataque de cosquinha – ameacei.

– Se a senhora insiste, Sra. Ivanovick.

Perdi o ar, chocada.

– Vaca – soei traída.

– Igualmente, Sra. Ivanovick.

Foi à gota d'água. Parti para cima dela com uma almofada. Ela iria levar umas boas travesseiradas para aprender a ser mais sensível com as tragédias dos outros.



Naquela noite, a última refeição foi interessante.

Os finlandeses entraram no salão num grande grupo, os musculosos membros do time com expressões fechadas, quase arrogantes. Eram em sua maioria louros de olhos azuis. As meninas, líderes de torcida, vinham atrás, usando, assim como eles, um uniforme branco e azul da escola da qual vieram.

Nossos rivais sentaram-se a uma longa mesa reservada a eles, e eu sorri para a estranheza da situação. Comendo com o inimigo.

Depois que os garotos finlandeses rolaram os olhos pelo salão e notaram que nossa mesa era o centro da vida social da Escola da Noite da Inglaterra – e também nela que se sentavam as meninas mais bonitas, como Mayumi, Aisha e Laila. Além de Amy, é claro, que se mantinha afastada e calada, amuada em seu canto. Os finlandeses constantemente mantinham seus olhares sobre nós. Um, em especial, encarava-me de soslaio por várias vezes, um sorriso malicioso.

– Sorriam – eu sussurrei para as meninas ao meu redor. Elas entenderam rapidamente. Tínhamos que conquistá-los, deixá-los tão loucos a ponto de entregarem o jogo por nós.

Certo, eu não planejava um pedido de casamento. Queria, no mínimo, desconcentrá-los.

Os finlandeses se animaram com a nossa... Hã, recepção calorosa. Catarina se levantou para pegar comida, passando pela mesa deles e deixando discretamente um papel cair no colo de um dos garotos, cabelos louros e compridos, presos por um elástico. Como aqui não tínhamos telefones, aquele provavelmente era o número do seu quarto, caso ele quisesse se esgueirar para lá durante a noite.

Ergui uma sobrancelha. Uau. Ela era rápida no gatilho.

Catarina sorriu impudicamente para eles sem nenhuma vergonha quando voltou a passar, fazendo com que eles cutucassem uns aos outros, sorrisos convencidos estampados nos lábios. As líderes de torcida da Finlândia lançaram olhares de desprezo para Catarina.

Miguel, seu irmão surfista, ergueu uma sobrancelha para a cena toda.

– Ela só pode ter sido trocada na maternidade – ouvi ele suspirar com Ian, a alguns lugares de mim na mesa.

Eu sorria para o cara que tinha os olhos presos em mim. Bem interessante.

Apesar disso, quase sempre minha atenção se concentrava na mesa vazia dos Ivanovick. Essa noite, nenhum deles tinha aparecido – o que me remeio de curiosidade. Por que eles tinham que ser tão voláteis e misteriosos? Ora me seguindo, ora sumindo de repente?

E, o mais importante: *onde estava Luka?*

Tentei não ficar paranóica e obsessiva, mas quando a última refeição chegou ao fim e, nem ele, nem a família apareceram, me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desesperei. Bom, fazer o quê? Eu já era um caso perdido.

Mayumi percebeu a direção do meu olhar quando nos levantamos para voltar aos quartos.

– Eles não vêm mais, desista.

– Humm – suspirei desanimadamente. Por que negar? Mayumi já estava farta de saber sobre minha pequena obsessão.

– Não precisa enlouquecer, isso é normal. Às vezes os Ivanovick desaparecem por uns dias mesmo. Acho que vão viajar ou algo do tipo.

– *Viajar?* – olhei bruscamente para ela.

– É claro – ela estranhou meu choque – acha que eles ficariam trancados aqui para o resto da eternidade? O mundo dos mortos é grande, queridinha. Tem baladas, festas, torneios... Exatamente igual ao mundo dos vivos, só que a noite, quando ninguém vê.

– Mas *nós* ficamos trancadas – objetei. Por que os Ivanovick podiam sair e, o resto da escola, não?

– Mas nós somos só meras mortais – Mayumi deu de ombros.

Frustrada, saí do salão acompanhando todos eles. Havia tempo que Santiago não se aproximava de mim, e eu estava conversando bastante com Aisha e Laila ultimamente, descobrindo nelas grandes amigas. Mayumi foi mais a frente, fazendo companhia para a silenciosa Amy.

Os finlandeses saíram logo atrás e, para a minha surpresa, fui interceptada no corredor pelo que me fitou a noite inteira. Ele tinha pele clara, olhos cinza, cabelos de um louro escuro. Era alto, musculoso e bonito – embora não tanto quanto certo Ivanovick de olhos negros.

Segurou meu braço, parando-me com gentileza.

– Você... Me dar... Seu telefone? – Ele tentava arranhar o inglês. O sotaque era carregadíssimo, tornando quase impossível compreender o que ele queria dizer.

– Hã – desconcertei-me; não esperava uma abordagem tão rápida e direta. Aisha e Laila pararam para me esperar, mas o restante do grupo seguiu sem nós. – Bem, aqui não há telefones.

Ele demorou um pouco para compreender, e eu repeti, fazendo gestos. “Não. Telefones. Aqui.”

Houve um estranho silêncio no qual ficamos nos encarando, tentando entender minha mímica tosca. No final das contas, nós dois caímos na gargalhada, o clima tornando-se estranhamente de camaradagem.

– Eu, Henrikki – ele colocou uma mão sobre o peito, o que me fez sorrir. *Eu, Tarzan. Você, Jane.*

– Eu, Lara – imitei seu gesto. Henrikki tinha um sorriso bonito.

– O que... Eu... Ter de fazer... Para... Sair... Com Lara?

Abri a boca para responder, mas Laila clareou a garganta alto demais para ser ignorada. Evidentemente queria chamar minha atenção. Ela olhava para algum ponto além de mim, no meio do corredor cheio de alunos. Tinha as sobrancelhas erguidas, a expressão indecifrável.

– Hã, Lara, acho que você tem que ver isso.

Segui seu olhar, embora já soubesse do que se tratava. Senti as íris negras ardendo sobre minha nuca antes mesmo de me virar, reconhecendo o cheiro escuro de especiarias que invadia todo ambiente em que ele estava.

Luka Ivanovick se encontrava parado numa esquina do corredor. Parecia ter acabado de chegar e parado bruscamente quando viu algo que o

desagradou. Ele olhou para a mão do finlandês ainda pousada sobre meu braço, as sobrancelhas negras juntando-se, o maxilar trincando. Hostilidade ferveu em seus olhos.

Corando, desvencilhei-me educadamente do braço do garoto. Henrikki notou Luka e franziu a testa.

– Você... Ter... Namorado?

Olha, boa pergunta, meu amigo.

– Não. – Mas como explicá-lo a presença de Luka Ivanovick parado ali, a alguns metros de distância, o queixo erguido em desafio, os olhos queimando sobre nós?

– Parecer... Que... Ele querer... Me matar – Henrikki tentou fazer piada, mas a hostilidade nos olhos de Luka era perigosa demais, drenando o espaço para humor. Até o finlandês ficou desconcertado.

Luka cruzou os braços e moveu a cabeça bruscamente para o lado uma vez, ordenando que eu fosse embora – como se eu tivesse dez anos de idade e ele fosse meu pai. Quase ofeguei diante da afronta – ele realmente pesava que poderia me dar ordens? Finquei o pé ali e não saí, sorrindo para Henrikki.

– Não se preocupe. O que estava dizendo mesmo?

– Que eu... Querer... Sair...

– Hã, Lara? – interrompeu Laila, o tom de urgência em sua voz me chamando a atenção.

Virei-me na direção do seu olhar e vi Luka andando com passos rápidos e decididos na direção do finlandês, os músculos maiores do que os de Henrikki, e os olhos certamente com mais ódio e arrogância.

– Hã, deixa para lá, nos vemos depois – apressei-me em dispensar o garoto confuso, pegar num braço de Laila e sair correndo. Se eu não saísse de perto dele o mais rápido possível, eu não sabia o que Luka Ivanovick poderia fazer – mas não pagaria para ver.

– Meu Deus, isso está ficando fora de controle! – Aisha nos acompanhava, quase correndo.

– O que Luka ia fazer? – Laila estava atônita.

– Ia bater no cara, vocês não perceberam? – Aisha confirmou minhas suspeitas.

Virei-me para trás e vi que Henrikki continuava parado no mesmo lugar, estupefato tanto pela minha saída repentina, quanto pelo provável olhar de raiva que Luka o lançara ao passar direto, entrando em outro corredor e sumindo.

Observei-o balançar a cabeça para clareá-la e xingar alguma coisa em finlandês, virando as costas para procurar por seu grupo.

Deus, ofeguei para mim mesma. Essa situação ficara insana. Eu não podia nem mais *conversar* com um garoto qualquer. O que aconteceria com qualquer um que ousasse se aproximar de mim agora?

Meus desejos mais insanos se realizaram, e eu tinha a atenção e possessividade de Luka Ivanovick toda sobre mim. Não obstante, ele não era bom ou gentil. Era arrogante, sinistro, perigoso. E queria a *mim*.

Embora eu já estivesse morta, ele passava a impressão macabra de que poderia me matar outra vez, enquanto me fazia pegar fogo entre seus braços. Ele era o russo, recluso, inatingível Luka Ivanovick, que permeava a imaginação de todas, sem jamais falar uma palavra. Pertencente àquela estranha e isolada família. O perpétuo mistério.

Nas minhas fantasias mais secretas, era o nome dele que eu chamava. Todavia, não sabia se tinha coragem para viver uma fantasia perigosa e macabra que se tornara realidade. Ele era fogo. Podia me fazer arder – mas também podia me machucar.

Restava, então, a pergunta principal: eu deveria ficar inebriada ou apavorada?

Capítulo Oito

Aquela era uma noite de quebrar regras.

Depois do horário de recolhimento, Miguel convidou um grupo de pessoas secretamente para o seu quarto. Eu fiquei animada por me livrar do uniforme, e, como Mayumi disse que não era nada chique, eu coloquei um vestidinho vermelho leve que ressaltava minhas curvas, dispensando os saltos.

Não foi difícil chegar até o dormitório masculino. Não havia ninguém vigiando os corredores do castelo deserto – era quase como se eles quisessem que nós fizéssemos festinhas noturnas. A Escola da Noite estimulava a diversão – não podíamos ter comas alcoólicos, engravidar na adolescência ou morrer de overdose. Por isso, eles diziam: *divirtam-se. Vocês já estão mortos mesmo!*

Era o mínimo que podiam fazer por nós.

No quarto de Miguel, encontrava-se nosso grupo de sempre – com algumas adições que eu desconhecia. Uma garota ruiva conversando com Laila; dois caras bem bonitos que não tiravam os olhos de Amy; três amigas rindo de alguma piada que Ian contara e um cara flertando com Aisha. Entretanto, não vi Santiago em parte alguma – embora o quarto também fosse dele.

Fomos recebidas com *drinks* e convidadas para sentar-nos na roda de jogo. Uma música eletrônica tocava baixinho ao fundo.

A maioria sentava-se sobre o enorme tapete negro do centro do quarto, concentrados num jogo que parecia pôquer. Um dos caras novos encontrava-se sem camisa – que eu vagamente me lembrava chamar-se Logan O’Shea, canadense – e eu arregalei os olhos quando a garota ruiva tirou a blusa dela, ficando só com o sutiã de renda roxa.

Estava calor – mas nem tanto.

– Que cara é essa, Lara?– Ian Armstrong, o inglês, riu.

– Na minha terra esse negócio de tirar a roupa assim, do nada, tem outro nome.

Todos riram, e a menina ruiva deu um sorrisinho envergonhado.

– Falha minha, esqueci de avisar – Miguel levantou as palmas. – Insistiram em jogar *strip* pôquer.

– O que significa que vai ter que tirar sua roupa, se perder – Logan O’Shea se intrometeu.

– Vai sonhando – bufei.

– Então quer dizer que não vai obedecer às regras do jogo? Não sabia que era covarde – ele provocou.

– Não – devolvi o sorriso malicioso – quer dizer que *não* vou perder – virei o resto de minha bebida e peguei as cartas na mão. Eu era quase invencível em jogos de cartas. Sorte e raciocínio rápido.

– É um desafio? – Logan me encarava fixamente.

– Mas é claro. Por quê? Não sabia que você era covarde – devolvi, minha melhor expressão atrevida.

Houveram gritos de animação, e adentramos num jogo acirrado. Meia hora depois, metade das pessoas já ficara seminua. Laila foi embora, retirando-se educadamente quando viu que a situação se tornara impudica demais para ela. Em contrapartida, o resto de nós se divertia imensamente.

Aisha flertava por muito tempo com um dos garotos. No final da noite, ela sussurrou algo em seu ouvido e o garoto saiu do quarto com uma expressão inebriada. “Já convenci alguém a entrar para o time”, ela sussurrou para mim. Sorri para ela. Rápida e ágil.

Catarina, a portuguesa, e Claire Stryder, saíram com outros dois garotos. O episódio acarretou uma sequência de murmúrios e troca de olhares no grupo. “Esses daí se deram bem”, comentou Ian para Logan O’Shea, que a essa altura já estava sem camisa e calça. Eu procurava não ficar encarando sua *boxer* Calvin Clain.

Hummm, eu bem que poderia dar uns amassos e nada mais. O que os olhos de Luka Ivanovick não veem, seu coração não sente.

Sorri e olhei para o canadense mais vezes que o normal, e este, quando notou, empertigou-se em seu lugar. Fiz de tudo para chamar sua atenção, e, quando pisquei maliciosamente para ele, o cara já ostentava um largo e pretensioso sorriso no rosto, provavelmente se achando o máximo.

Revirei os olhos internamente. Homens.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Será que eu poderia convencer Logan a ir para nosso time de líderes de torcida apenas com meu charme? Logan era forte, poderia sustentar uma garota no ar, fazer acrobacias...

No meio do jogo, quando as pessoas estavam rindo e distraídas com a conversa, Logan se sentou ao meu lado no tapete, murmurando em meu ouvido. A voz dele era rouca, sensual.

– Quer dar uma volta? Esse lugar está meio cheio.

– Depende – nem levantei os olhos, mexendo em minhas cartas – o que você vai me dar em troca?

Logan me analisou de cima a baixo.

– O que quiser – prontificou-se a assegurar. Eu sorri com perversidade.

– Uma mão lava a outra, você sabe.

– Só pedir. – O cara não pensou duas vezes.

Pisquei.

– Calma aí, O'Shea. Te conto quando chegar a hora.

– Por que não hoje? Agora? – tinha as íris cinzas famintas, a voz ansiosa.

– Hoje terá que se contentar apenas com a sua imaginação – dei de ombros, virando-me para continuar a jogar, um sorriso atrevido nos lábios. Lidar com caras que não eram Luka Ivanovick era tão fácil. Por que eu tinha que travar na presença do garoto? Por que estar no mesmo ambiente que ele se mostrava tão atordoante, paralisante?

Eu perdia o ar à mera menção do seu nome. Perto dele, não conseguia ser a Lara divertida e despojada de sempre. Eu era uma garota apaixonada,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que tentava lidar com a torrente de sensações que ele me causava. Só quem já se apaixonou de verdade poderia me entender.

Fixados em mim, aqueles olhos negros, rodeados por uma espessa camada de cílios escuros com a noite, tiravam meu chão – e eu não sabia se queria correr para eles ou correr *deles*.

Era uma sensação masoquista, como as pessoas que sentiam prazer na dor. Você sabe que vai doer, que vai machucar, que vai queimar... Mas, mesmo assim, você quer aquilo, você *precisa*. Não sabia do que ele era capaz – exceto que ele era capaz de *alguma coisa*.

Se, por trás da escuridão dos olhos dele escondiam-se labaredas de fogo, eu queria muito me queimar. Precisava pagar para ver.

O ansioso garoto canadense ainda continuava a falar, argumentando, tentando me dissuadir. Fiquei irritada – ele estava atrapalhando meus devaneios. Procurei não ser mal educada, reagindo nas horas certas, fingindo envolvimento com o flerte. Mas eu não estava nem aí.

Fomos interrompidos por Santiago. O espanhol entrou no quarto escancarando a porta com violência. Não olhou para ninguém. Mortos não podiam suar, mas o garoto estava sujo e agitado, por isso tirou a camisa e abriu uma cerveja, bebendo metade da garrafa com um gole. Raiva distorcia seus traços. Ele se jogou em sua cama, parecendo profundamente irritado.

Dois garotos do time de futebol, também com seus uniformes desgastados depois de um dia de treino, entraram no quarto, sentindo-se a vontade para pegar as bebidas e matar a sede. Eles também não ostentavam expressões muito felizes.

Nós tínhamos parado o jogo para encarar Santiago. Eu nunca o tinha visto daquele jeito – e provavelmente mais ninguém. O espanhol era um

sujeito naturalmente feliz.

– Uau, que anfitrião caloroso com suas visitas – comentou Ian. – Não precisa demonstrar tanto carinho. Assim você me emociona.

– Cala a boca, Armstrong. Você está no meu quarto. – Cuspiu Santiago, dando mais um gole irritado na sua garrafa.

– Estou, e estamos dando uma festa. Isso é jeito de receber suas visitas? – Ian estalou a língua. Santiago não o intimidava. Era só provocação entre amigos.

– E o que diabos você espera? Que eu coloque uvas em sua boca? Senta a bunda aí e me deixe em paz.

Ian inclinou a cabeça, piscando maliciosamente.

– Uvas na minha boca, hein? Porra, Santiago. Eu sempre soube da sua atração por mim. Mas não explane em público. Mais tarde resolvemos entre nós.

Santiago jogou uma almofada nele com força o suficiente para machucar. Não obstante, Ian era resistente. A almofada atingiu seu rosto, mas ele só gargalhou.

– Opa, calma, cara. Amigo – abanou o ar com as mãos, como se quisesse acalmar um animal raivoso. Santiago só rosnou para ele. Todos riram, mas Mayumi se encontrava preocupada.

– O que aconteceu com você, Santiago?

Ele encarou a boca da garrafa, os olhos cor de esmeralda reluzindo com um ódio estranho, deslocado em seu rosto sempre tão carismático.

– *Ivanovick* – cuspiu o nome dos lábios como se fosse veneno. Fiquei imediatamente atenta à conversa. Amy fez o mesmo.

Várias pessoas olharam para mim, como se eu estivesse compactuando ou algo do tipo. Não falei nada.

Encarei o tapete enquanto esperava alguém falar. Era ridículo que as pessoas me conectassem a Luka desse jeito – e tão de repente. Nós não tínhamos nada. Ele só estava... Bem, me seguindo por todos os lados do colégio e querendo bater em qualquer espécime masculino que se aproximasse de mim.

Pois é. Acho melhor não me manifestar.

– Hã, não sei vocês, mas eu ainda não captei a mensagem. – Miguel comunicou.

– O que tem ele, cara? – Ian finalmente fez a pergunta, mas Santiago só bufou e tomou mais da bebida, claramente frustrado por não poder ficar bêbado.

– Conte a história direito, Ávila – Liam McFearley, o goleiro escocês do time, suspirou entediado para Santiago. Ele se jogou num canto do quarto, a camiseta suja sobre os ombros. Também tinha uma garrafa na mão, e não parecia nada feliz – ao contrário do seu típico comportamento efusivo, disposto a subir em mesas e eleger a musa do campeonato.

– Acabamos de voltar do treino... No qual você também deveria estar, Armstrong – Santiago lançou um olhar repreensivo para Ian. – Se você continuar a faltar para fazer festinhas no *meu* quarto, eu vou ser o primeiro a expulsar esse seu traseiro do time.

E depois lançou o olhar para Miguel, que dera a festa em véspera de campeonato. O surfista deu de ombros, totalmente relaxado – como sempre. “Cara, é sexta-feira, desencana.”

– Tanto faz – Ian rolou os olhos – conta logo.

– Estávamos nos aquecendo no campo de futebol e tudo corria bem. Véspera de campeonato, o time todo completo. E aí... Argh – Santiago rosnou – o Ivanovick chegou lá, entrando sem pedir licença, anunciando que entraria para o time.

Houveram diversas reações. Uns ofegaram, outros xingaram, outros deduziram que o mundo estava acabando. Amy tinha uma expressão de ultraje, profundamente ofendida. Ela não conseguia engolir essas mudanças repentinas do garoto. Durante anos ele foi o mesmo, e agora se transformara em outra pessoa. Do nada.

Isso era loucura. Luka Ivanovick não socializava com *ninguém*, ainda mais com um time inteiro. Será que ele sabia que teria que aguentar toda uma torcida gritando seu nome, líderes de torcida dando pulinhos em sua homenagem, técnicos berrando, festas pós-campeonato? Ele tinha consciência de que teria que *falar* com os outros?

– Você quis dizer *quer* entrar para o time, não “vai” – corrigiu Ian, a sobancelha erguida.

– Não – o goleiro, Liam, riu amargamente – *vai* mesmo. Simplesmente chegou anunciando que se tornaria o atacante.

Não fiquei surpresa. Isso era bem a cara do garoto. É óbvio que não pediria permissão para ninguém.

– Isso não faz o menor sentido – bufou Ian, ultrajado – não aceite ele no time, simples assim. Fale com o treinador. Tenho certeza que ele não vai querer aquele... *Cara* no time. Ele é muito estranho.

Santiago apertou a garrafa entre as mãos, e eu fiquei preocupada de que ela quebrasse em seus dedos, ferindo-o. Corpos mortos não podem se regenerar, portanto não era uma boa ideia provocar um corte. Ele teria que

conviver com os pontos para sempre.

– Mas o problema é exatamente o treinador, Armstrong. Ele aceitou o cara na hora.

Ian se chocou.

– O quê?! Por que diabos ele faria isso?

– Porque o filho da mãe é um craque! – Santiago socou a parede, meio descontrolado. – Humilhou a todos nós. É revoltantemente genial.

– Seria loucura dispensar ele do time – o escocês Liam completou, amargurado. – O cara é uma arma secreta para ganhar o campeonato, os finlandeses nem imaginam que ele existe.

– Mas... Ele nunca treinou conosco na vida. Nunca sequer jogou futebol, pelo menos não aqui. Como pode ser tão bom sem treinamento constante? – Ian não se conformava.

– Ninguém sabe, cara – Liam deu de ombros, parecendo resignado – esse Ivanovick é um mistério. Ele é bom em *tudo*.

– Bastardo arrogante – murmurou Santiago, ressentido.

– Esperem aí! – Miguel se revoltou – De qual Ivanovick vocês estão falando? Nikolai ou aquele tal de Luka?

Santiago lhe lançou o olhar ácido.

– De nenhum dos dois, idiota. Estamos falando da garota.

– Sério? – Miguel olhou para nossos rostos.

Santiago revirou os olhos, caindo de volta na cama. Alguns seguraram o riso, outros só deram bondosos tapinhas nas costas do português.

“É de família”, alguém comentou.

– Luka Ivanovick, é claro – informou Liam. – Se a família dele é pretensiosa, ele é o mais arrogante de todos. Por que não estou surpreso de ele ter se autoimposto no time?

– Eu... Eu não entendo – Amy se manifestava pela primeira vez, e todos olharam para ela. Amy andava deprimida demais para conversar, e, como ouvir o som de sua voz agora era algo raro, todos prestaram atenção.

Eu encarei a menina perfeita, perplexa pelo fato de que poderia ser o quisesse nessa escola. Mas Luka Ivanovick tirou toda a sua ambição, transformando-a numa garota perturbada demais por uma paixão que beirava a insanidade. Esse era o problema de nunca ter sido rejeitada na vida.

– Não entendo – ela continuou. – Eu nunca o vi nem mesmo conversar com ninguém. Por que decidiu entrar no time justo agora, bem no meio de um campeonato enorme? Isso não parece atitude de quem não quer ser visto.

– Talvez agora ele queira ser visto – comentou Mayumi distraidamente, olhando para as cartas em sua mão.

– Por quê?

A japonesa hesitou, percebendo que havia falado besteira. Olhou ao redor, tentando fugir do assunto. Mas como todos esperavam que ela concluísse o pensamento, não viu alternativas senão falar. Clareou a garganta, e sua voz foi somente um sussurro. Ela sabia que as palavras teriam bordas afiadas para Amy.

– Não acho que seja por que, mas sim por *quem* – e lançou um olhar significativo para mim. Depois desviou os olhos, arrependida por ter aberto a boca.

Um momento estranho de silêncio pesou o quarto, enquanto eu corava pelos olhares que me perfuravam por todos os lados. Uns, de ressentimento – como Amy e Santiago. Outros, de admiração, como o das das gêmeas louras.

Não vou mentir: aquilo me causou uma sensação inebriante na boca do estômago. O arrepio subiu pela minha coluna, ocasionando pequenos pontinhos de prazer em meu pescoço. Não fazia sentido *ele* querer mostrar suas habilidades para mim, mas eu queria muito me enganar e acreditar nisso. Era espantoso demais, lisonjeiro demais... Esse tipo de coisa não acontecia comigo. Não uma coisa do nível Luka Ivanovick.

Quando notei que todos ainda me encaravam, recuperei um sorriso brilhante no rosto, determinada a mudar de assunto.

– Então – mostrei minhas cartas – quem topa perder para mim outra vez?



Na outra noite, era sábado, e planejamos um piquenique sob a luz da lua. Sem aulas, os alunos se reuniam para jogar cartas no gramado, futebol, ou somente sentarem-se lá e tocar violão ao redor de fogueiras... Nos finais de semana, descobri que ninguém ficava na escola – somente para festas clandestinas, nas reentrâncias do castelo. A maioria saía para os arredores, na imensa propriedade da Escola, onde havia quadras de tênis, salões de jogos, piscina e o enorme estádio de futebol – ao qual eu ainda nunca tinha visto.

Sentamo-nos em várias toalhas no gramado, ao redor de uma

fogueira. Eu me sentava entre Laila, a árabe, e Aisha, a sul-africana. Elas estavam envolvidas em uma conversa, mas eu me perdia em pensamentos. Não tinha visto Luka nenhuma vez hoje. Ele não apareceu no grande salão, nem me seguiu por lado nenhum. Sua família também não foi vista. É claro que a curiosidade estava me matando – por onde ele andava?

Confesso que também fiquei bastante decepcionada. Embora ele me assustasse e intimidasse, tê-lo esperando-me nas portas das salas de aulas era inebriante. Eu adorava sua escolta silenciosa, fiel. Também achava doce o fato de que, mesmo sendo tão arrogante e indiferente, ele fazer questão de estar sempre lá, deixando evidente sua presença protetora. Não era como os outros garotos, interessados apenas em me levar para suas camas. Luka Ivanovick... *Cuidava* de mim. Protegia-me. E nem mesmo tinha chegado perto o suficiente para pedir nada em troca.

Achar alguma coisa “doce” não era do meu feitio, então eu soube que tinha algo de muito errado comigo. Às vezes eu me olhava no espelho e me chocava. A imagem refletida era a de outra pessoa. Aquela garota de olhos sonhadores e um sorriso bobo nos lábios não era eu. Onde estava Lara Valente, mais macho que muito homem? Em que corredor escuro desse colégio eu a tinha largado?

E, por que, mesmo sabendo de tudo isso, eu ansiava *tanto* por sua presença? Meus amigos eram ótimos, mas suas conversas pareciam vazias demais, efusivas demais para me agradar. Eu queria o mistério, o silêncio, o perigo dos olhos dele... Queria a arrogância, a hostilidade, o fogo. O mundinho da elite da Escola da Noite agora parecia muito tedioso para mim.

Eu sabia quem era a verdadeira elite desse lugar: os Ivanovick. E eu queria muito descobrir os segredos daquela estranha, sombria e fascinante

família. Eles eram gênios do computador, craques do futebol, artistas prodígios, herdeiros da Ferrari... Além de ridiculamente lindos. Quem não ficaria obsessiva por eles?

Logan O'Shea, o garoto canadense com quem flertei ontem, sentou-se ao meu lado. Ele não esquecera minha proposta, e continuava ansioso para... Hã, nos conhecermos melhor. Ontem, eu havia falado sobre as líderes de torcida, e, é claro, ele torcera o nariz. Não custava tentar.

A portuguesa loura Catarina, as gêmeas americanas Stryder e a africana Aisha já tinham conseguido com que quatro caras prometessem entrar para nosso time. Só faltava a minha contribuição. Quem sabe com um pouco de charme eu não poderia convencê-lo?

Mergulhei em um novo flerte com o garoto, e, no final das contas, ele já tinha me prometido entrar para o time e um anel de casamento. O problema desse Logan era que ele gostava de chegar perto *demaix* para conversar.

Logan era bem atraente – mas eu não conseguia admitir a hipótese de tocá-lo. Sentia-me como se estivesse... Bem, *traindo* Luka. Eu sei, era irracional, mas não podia evitar. Eu não pertencia ao garoto, mas estava quase acreditando que sim.

Logan falava alguma coisa no meu ouvido, e eu me senti na obrigação de rir encantadoramente, mostrando-me totalmente interessada na conversa.

– Ei, O'Shea, vá procurar um quarto – riu Miguel. Eu revirei os olhos e Logan deu um dedo do meio a ele.

– Ou reservem tudo para a festa – Catarina piscou. Mas eu só a encarei, confusa.

– Que festa?

– Ah, não, fala sério! – Santiago riu alto, embora a poucos segundos estivesse encarando minha interação com Logan com ódio. – Não consegue se lembrar? Quem mandou ficar tão bêbada, achando que conseguiria acompanhar a gente? Poderíamos ter roubado um dos seus rins e você só descobriria uma semana depois.

– Hã, não estou entendendo – eu não estava *mesmo*. Na verdade, não me lembrava nem da metade da noite de ontem.

– A festa que você prometeu dar – Amy sorriu cinicamente – aliás, muito melhor do que eu.

Eu devolvi com o mesmo sorriso cínico.

– Eu agradeceria o esclarecimento, Amy, se eu soubesse do que você está falando.

Miguel veio em minha defesa.

– Bem, Lara, é sempre Amy quem faz a festa de inauguração dos campeonatos. Quando ficou sabendo disso, você a desafiou, dizendo que este ano era você quem faria e que... Como é que você disse mesmo? Ah, é, que só agora nós iríamos conhecer uma festa de verdade. – Miguel riu bondosamente. – Estou ansioso para ver.

Que. Merda.

– Estão falando sério? Não posso organizar uma festa gigante com só uma semana de prazo! – apavorei-me.

Maldita tequila.

– É compreensível – Miguel deu de ombros. – Tudo bem se...

– Não, nada de “se”. Faça. Agora eu quero ver. – Amy ergueu uma sobrancelha perversamente. – Quero conhecer a sua festa de verdade.

– *Amy* – Mayumi a advertiu. – Pare.

Ultimamente Amy e eu parecíamos uma bomba atômica prestes a estourar.

– Não, me deixe falar. Tenho certeza que ela não vai querer voltar atrás em sua promessa, não é, *Lara Valente*? Mostre-nos como é que se dá uma festa, já que aparentemente você nos considera ingênuos demais para saber.

Aquilo me convenceu. O clima da roda ficou pesado, as conversas paralelas cessaram e todos nos encaravam. Amy Turnage não abria a boca para falar algo irrelevante. Quando falava, todas as atenções se voltavam para ela.

Todavia, no meio de tanta gente séria, eu era a única com um sorriso irônico estampado nos lábios.

– Mas é claro. A festa ficará pronta em uma semana. É só você aparecer.

Algumas pessoas olharam para mim com aprovação, outras abafaram risos. Amy sorriu amarelo de volta, nem um pouco calorosa. Ela conseguia fazer aqueles lábios perfeitos parecerem desagradáveis.

– Eu irei, pode acreditar.

Santiago interveio.

– Bom, meninas, agora que a briguinha acabou, nós... – ele parou bruscamente, olhando fixo para um ponto longínquo do gramado. Seus lábios se franziram em desgosto, e ele rosnou. – *Eles*.

Ian seguiu seu olhar e grunhiu.

– Argh, ótimo. Estava demorando.

– O que estão fazendo no gramado? – Laila se chocou.

Eu me virei para ver, mas era desnecessário. Pelo tom, qualquer um conseguiria concluir de quem eles estavam falando.

– Direto das tumbas mais profundas do castelo, os Ivanovick – Santiago tinha a voz cínica. Eu já estava me acostumando com aquele tom em sua voz. Quase me esquecera do bom humor, da camaradagem cativante presente em seus olhos da cor do mar do Caribe... Agora, eles se tornaram duros, ressentidos; lagoas escuras, profundas. Aparentemente os Ivanovick afetavam a todos. E quase sempre de maneiras negativas.

Eles andavam com passos rápidos e duros pelo gramado, na mesma posição de sempre. Luka, é claro, seguia na frente – o queixo erguido, os olhos negros fitando fixamente seu destino. Alicia se mantinha no meio, alguns passos antes do irmão Nikolai, o gigante halterofilista. Enquanto Luka intimidava com os olhos, Nikolai mantinha a todos longe com os músculos. Luka era o cérebro, Alicia a artista, Nikolai a força bruta.

Eu adorei ver o garoto sem o uniforme da Escola da Noite. Mesmo podendo escolher um tom mais alegre e fora do padrão, ele optara pelo preto, como sempre. Uma jaqueta de couro, jeans escuros, botas de exército, camisa negra e tufos de seu cabelo farto saindo pela aba do boné, constantemente virado para trás.

Todos se vestiam em tons escuros, despojados – porém refinados.

Meu coração se inflou, atordoadamente contente com a visão do garoto. Meu corpo precisava da certeza de que ele estava em algum lugar por perto. Eu queria desviar os olhos, fingir que eles não me afetavam – mas não conseguia parar de olhar os passos elegantes, as formas esbeltas, poderosas, como caçadores.

Não queria que Luka flagrasse-me o encarando. Mas ele não olhou nenhuma vez na minha direção. Todos eles levavam mochilas nos ombros –
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

menos Alicia, pois Nikolai carregava o que supus ser a dela também.

Para o meu completo espanto, os Ivanovick desceram pela única escada do gramado – aquela que levava ao túnel onde acordei num caixão. Aquele túnel não levava a nenhum outro lugar, por isso eu não fui a única a ter uma reação de choque diante da cena. Eles sumiram pela escadaria, desaparecendo no escuro.

– Vocês viram a mesma coisa que eu? *Aonde* eles foram? – Aisha, a sul-africana, tinha o queixo no chão.

Ian encontrava-se igualmente estarecido.

– Ah, cara. Se alguém tinha alguma dúvida de que eles são vampiros que dormem em caixões, essa dúvida acabou.

– Será que eles sabem que vão parar em túnel sem saída? – Catarina disse aquilo num tom tão intelectual que todos olharam para ela. – O quê? – deu de ombros. – Isso até *eu* sei.

Santiago recostava-se no tronco de uma árvore, os braços cruzados em desgosto.

– Tomara que não voltem mais.

Aquilo me desesperou, e olhei para Mayumi em busca de explicação. Ela somente deu de ombros, falando baixinho para mim:

– Eu disse que eles iam viajar de vez em quando.

– *Viajar* para um túnel escuro? – sussurrei de volta para ela enquanto os outros estavam mergulhados numa conversa paralela. – Isso não faz o menor sentido. Que diabos eles ficam fazendo lá? Acampando?

A japonesa deu de ombros.

– Fazendo coisas que só eles sabem. Que o túnel não dá em lugar

nenhum, isso é o que a gente *acha*. Mas para eles... Bem, eles são os Ivanovick. Seja lá o que façam lá dentro ou para onde vão, só voltam depois de dias.

Abri a boca para perguntar mais, mas nessa hora Amy virou-se para prestar atenção na conversa, e eu rapidamente desviei os olhos, deixando que Laila me introduzisse noutro assunto.

A árabe gentil e Aisha se ofereceram para me ajudar com os preparativos da festa. Procurei não me desesperar – eu tinha que organizar um time de líderes de torcida e uma enorme festa estrondosa de inauguração.

O final de semana findou, e apenas no final do domingo que os Ivanovick chegaram ao castelo. Eu estava com Laila e Aisha no grande salão, debruçada sobre a mesa ao escolher os modelos de convites para a festa. Como a porta do salão estava aberta, eu podia ver a entrada do castelo.

– (...) e poderíamos colocar uma fita dourada bem no meio... O que você acha, Lara? Lara? – Aisha chamou minha atenção.

– Hã? – virei-me para ela, acordando do transe. Os Ivanovick tinham acabado de entrar no castelo e passaram direto pelo grande salão, rumando rapidamente para seus quartos. É claro que, enquanto pude ver o garoto, meus olhos ficaram fixos nele, bebendo sua imagem, guardando-a em minha memória aflita e sedenta. *Ele voltou.*

Se eu ainda respirasse, estaria exalando de alívio.

Todo esse tempo, atormentei-me com a ideia de que ele nunca mais retornaria para a Escola da Noite. *E se ele não voltar? Der um jeito de se mudar para outro lugar ou voltar para o mundo dos vivos?* Eles poderiam

fazer tudo o que quisessem. Como eu iria suportar a eternidade aqui, sem ele?

Não me importava muito em que mundo eu estivesse – dos vivos ou dos mortos – desde que *ele* estivesse também. Era estranho estar apaixonada. Todas as suas prioridades descem um degrau para dar espaço a uma pessoa com a qual você nem mesmo nunca falou. Muitas noites sem dormir, muita tristeza em vão por um amor que só batia asas na imaginação.

Eu não sabia como lidar com meu novo descontrole emocional. Sempre fui brisa leve, e agora me tornei tempestade. Eu ia da alegria à dor em questão de segundos, e tudo o que ele fizesse, por mais insignificante que fosse, tinha o poder de me afetar.

A paixão era uma linha tênue entre o total êxtase e o completo desespero.

Luka não me esperou depois das aulas, nem na frente do dormitório aquela semana. Não apareceu nas refeições ou nas aulas. Simplesmente desapareceu. Procurei enganar a mim mesma, dizendo que não me importava com o que ele estava fazendo...

– Pensar no que ele pode estar fazendo agora está me torturando – desabafei na hora de dormir com Mayumi.

– Fica tranquila, Lara. O que os olhos não vêem...

– A mente imagina três vezes pior – completei.

Eu sabia que ele estava no colégio porque frequentava os treinos de futebol – Santiago reclamava dele toda noite. Luka tornou-se atacante em poucos dias, um posto que Santiago levou meses para conseguir. Isso revoltava a ele e a todos do time.

Eu ficava perambulando pelo castelo na esperança de encontrá-lo, mas
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Luka sumira. Todos o viam aqui e ali, menos eu. Aquilo foi me frustrando, e eu despejei toda a potência de minha raiva nos preparativos para a festa e nos treinos. Contratei um DJ e um decorador, luzes, sons, fumaça, efeitos especiais... Escolhi um grande salão subterrâneo, todo espelhado, para abarcar a festa.

Já no quesito líderes de torcida, a coisa também estava indo para frente. As meninas aderiram ao *funk* como nosso estilo de dança – exceto Laila, que não se sentia a vontade com os movimentos sensuais. Ela e as gêmeas ficaram com o papel das acrobacias.

Já eu, Catarina, Aisha, Mayumi e Amy ficamos com a parte da dança. Amy não estava muito feliz em seguir minhas orientações, mas o fazia, pois sabia que, se voltássemos para o ritmo chatinho das músicas genéricas famosas, passaríamos vergonha na frente da Escola inteira.

Se Luka era o elemento surpresa do time, o *funk* era o nosso elemento surpresa. Até as finlandesas iriam querer se levantar e dançar. Era contagiante, sensual, quente, como as minhas terras tropicais.

Tínhamos, também, cinco meninos novos que nos lançavam no ar – aqueles trazidos por Aisha, Catarina e as gêmeas, além de Logan O’Shea, o canadense ansioso. Logan era DJ, por isso fez um *remix* com vários *funks* já conhecidos no Brasil, tornando-os mais dinâmicos e originais, sincrônicos a nossa coreografia.

O problema era que Logan acreditava merecer uma recompensa por sua dedicação. Eu pensava em uma maneira de enrolá-lo.

Na sexta-feira, quando os convites que mandei fazer em Londres chegaram, pedi a governanta Madeleine para colocar um em cada porta dos Ivanovick. Eu sabia que eles não iriam, é evidente.

O convite preto continha letras douradas e elegantes, e embora dissesse **FESTA DE ABERTURA DO CAMPEONATO**, o meu nome, por ser a organizadora, também estava impresso no papel. Aquilo me expunha. Luka sabia que a festa era minha. Quem ousaria convidar os Ivanovick? Bater na porta deles e simplesmente chamá-los, como se fossem vizinhos fofoqueiros ansiosos por um churrasco?

Certo, *bater na porta* não – eu não pediria isso para Madeleine. A própria governanta sentia-se um pouco intimidada com a tarefa, embora ela tenha me dito que eles “sempre foram muito educados, e só.”

A francesa contou que nunca entrara na ala reservada dos Ivanovick no castelo – somente as camareiras o faziam ocasionalmente. E apenas para arrumar os quartos, mais nada. Por ser a governanta, tinha a chave – mas nunca ousara entrar lá. Madeleine franziu os lábios delicados, considerando. Era difícil arrancar palavras pouco amáveis dela, de modo que os Ivanovick não eram pouca coisa se a intimidavam.

– Eles são tão... *Reservados*. Não acho que lidariam bem com a minha intromissão, Miss Valente. Eles considerariam invasão.

Eis a verdade que eu tentava esconder. É claro que eles considerariam uma invasão. Os reclusos russos não tolerariam ninguém em sua casa que não fosse convidado. O problema é que ser *convidado* por algum deles era uma impossibilidade.

Contudo, Madeleine concordou em pedir a uma camareira para ir até lá e colocar o convite debaixo de suas portas, enquanto eles estivessem em aulas. Ressaltei que fosse, de preferência, na hora do treino de futebol – quando Luka teria que estar fora, uma vez que ele não se dava ao trabalho de aparecer mais em lugar nenhum.

A semana passou voando e logo o sábado chegou. O dia do jogo. O
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

colégio estava uma confusão, por isso os finlandeses se retiraram para sua área reservada e nossos contatos foram cortados.

Bandeiras negras com o brasão dourado da Escola dos Mortos penduravam-se por todos os lados; os alunos tinham os rostos pintados de preto e dourado; apostas estavam sendo feitas; nosso hino cantado, puxado por um ou outro corajoso no meio das refeições. Os professores estavam andando de um lado para o outro, meio alucinados, tentando controlar a histeria... Era um verdadeiro caos – inebriante e empolgante.

Aqui, o futebol causava tanto alvoroço que eu me sentia de volta ao Brasil. Aqueles alunos que vieram de países sem contato com esse esporte, aprenderam a amá-lo aqui.

O time de futebol e o de líderes de torcida foram para o estádio mais cedo que os outros alunos. Fiquei parada na porta do castelo com Mayumi, propositalmente chegando mais cedo que o horário combinado para o time de líderes de torcida. Nossos carros só chegariam meia hora depois que os carros do time principal. Mas eu fiz Mayumi se sentar comigo na escadaria de entrada para observar os garotos entrarem nos lustrosos sedãs pretos. Luka Ivanovick *teria* que passar por aqui.

Racionalmente, eu sabia que o veria em campo. Mas meu lado irracional não queria esperar até o jogo começar. Depois de uma semana no escuro, eu não admitia protelar nem mais um minuto para vê-lo.

O estádio ficava há uns poucos quilômetros, mas ninguém se disporia a *andar* até lá – por isso uma comitiva de carros esperava os alunos. Aqui ninguém andava de ônibus. Éramos a Escola da Noite, afinal. Só estudavam aqui ricos ou milionários.

Os meninos do time entraram nos carros, passando por nós e desarrumando nossos cabelos carinhosamente. Passamos tantos almoços

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

juntos que nos tornamos amigos. É claro que metade deles se apaixonou por Amy, e a outra metade por Mayumi. Todos me aceitariam de bom grado também, de modo que qualquer uma de nós três era lucro.

– O que estão fazendo aqui uma hora dessas? – Santiago perguntou quando passou por nós.

Ferrou. Ele já entendeu tudo. Confesse toda a paixão louca e peça para ser internada.

– Erramos o horário – Mayumi deu de ombros, parecendo tão sincera e relaxada que até eu acreditei.

– Então por que não sobem e voltam mais tarde? – ele ergueu uma sobrancelha.

– Catarina está contando aquela história do bêbado da Noruega de novo. Estamos nos escondendo.

– Ah – ele fez uma careta. – Não precisa explicar mais nada. Já me convenceu. Vejo vocês então.

– Seremos as garotas rebolando no gramado – ela piscou, depois o observou partir com um sorriso bobo nos lábios.

Encarei-a preocupada.

– Por que está me olhando com essa cara de pânico? – ela gargalhou.

Mas eu me encontrava séria, olhos arregalados, a boca repuxada num ângulo estranho.

– Porque é assim que eu devo ficar quando Luka Ivanovick passa.

– É claro que não – ela me tranquilizou.

– Sério? – perguntei surpreendida. Então eu estava me superando.

No mínimo eu conseguia manter a compostura, então. Era o que minha mãe sempre dizia: tenho classe e autocontrole naturais.

– Você fica muito pior. Vermelha como um tomate, toda inflada, abobalhada. Diria que até babando pela roupa.

Ou não.

Os meninos foram entrando, os carros fechando as portas e partindo, e nenhum sinal de Luka Ivanovick... Quando o último carro partiu sem ele, eu me revoltei. Aquele filho de uma... Argh! Não se dignava a aparecer nem no próprio jogo! O time iria trucidá-lo – e eu iria ajudar.

Mediante minhas reclamações, Mayumi tentou apaziguar as coisas.

– Bem, talvez ele não tenha se interessado em ir com o time. Talvez vá no próprio carro.

– Ele *tem* um carro próprio?

– Muitos alunos por aqui têm carro. É claro que os Ivanovick também teriam. Se eu não me engano, eles são uns dos mais ricos daqui, se não forem os *mais*.

– Ótimo – suspirei. O Sr. Perfeito. – Quer saber? Vamos subir. Não vou ficar congelando meu traseiro na pedra dessa escada só por causa de um garoto qualquer.

– “Qualquer” não é bem a definição que eu usaria para...

– Calada, japonesa – cortei-a. – Apenas venha comigo.

Então subi de volta para o meu quarto com Mayumi, pensando nos mais diversos orifícios em que Luka Ivanovick poderia enfiar sua cobiçada presença.



Fomos para o estádio em um luxuoso sedã preto. Junto à mim, estavam Aisha, Laila, Mayumi e Catarina. Aisha resolvera dirigir e Catarina, ir no banco da frente, falando sem parar na cabeça dela. Além de mim, a sul-africana Aisha era única que sabia dirigir, e como eu me encontrava aflita demais para pegar num volante depois de tanto tempo, Aisha se dispôs a tomar o cargo de motorista.

Não era preciso conhecer o caminho, porque uma comitiva de carros iguais ao nosso nos guiavam pela estrada sinuosa. A Escola da Noite situava-se numa área isolada nos arredores de Londres, sombria e inóspita demais para receber visitantes. Ninguém se aventuraria pelas estradas estreitas, rodeada de árvores altas, sombrias, assustadoras.

No carro de trás, estavam Amy, as gêmeas Alison e Claire, o novo namorado de Claire e mais novo integrante do time de líderes de torcida e, como motorista, Logan O'Shea. Esse último eu considerava uma vitória. Permanecia firme e forte com sua palavra, disposto a dar saltos mortais na frente da escola inteira só por causa de mim. O que eu faria com esse probleminha, não sabia – mas deixemos esses detalhes para depois do campeonato.

As meninas seguiam eufóricas ao meu redor, algumas torcendo os dedos, outras quicando nos bancos, ansiosas para se apresentarem.

Eu olhava pela janela, para a estrada escura lá fora, as árvores densas sendo deixadas para trás em alta velocidade. Era sempre tão escuro no mundo dos mortos... *Nunca* havia lua. Talvez eu estivesse enganada e não

coexistíssemos com uma noite eterna. Noites têm estrelas, fases da lua... Mas, aqui, tudo era sempre o mesmo, como se estivéssemos parados no tempo, numa eterna inércia dentro de uma caixa escura.

Tempo aqui era um conceito que não exista. As árvores não desfolhavam, nem floresciam. Não nevava, nem chovia. Sempre um clima quente e agradável de verão. Nunca havia lua, os ponteiros do relógio não andavam... Meu relógio de pulso tinha parado, e eu pensei que havia quebrado com a queda do penhasco – até notar o fato de que relógio *nenhum* funcionava por aqui – a não ser os especiais, programados pela Escola para nos fazerem levantar e cumprir os horários das aulas. Apenas uma simulação de passagem do tempo.

Mas o verdadeiro tempo simplesmente... *Parara*. Inerte. Se algum dia eu voltasse para o mundo dos vivos, poderia encontrar minha mãe com setenta anos – enquanto meu corpo estaria exatamente o mesmo. Eu estaria sempre imóvel no tempo, sem evoluir ou envelhecer. Meu coração não batia, mas eu jamais iria apodrecer. Meu corpo breiou no mesmo estado – curou-se inteiramente da queda do penhasco, mas eu sempre teria um corpo de adolescente. Nenhuma necessidade, nenhuma mudança. Perguntei-me se o amadurecimento viria com o tempo ou se eu estaria para sempre presa na mente de uma adolescente.

Talvez não houvesse amadurecimento por aqui – porque aí iríamos fatalmente ansiar por outras coisas além de festas, futebol, namorinhos descompromissados... Isso era o que me esperava. E nada mais.

Procurei ficar triste, mas não sentia nada. Eu era prática e pensei nos aspectos positivos: nada de filhos chorando de madrugada, nada de divórcio e uma vida infeliz, nada de rugas... Uma existência vicária e eterna.

Pouco tempo depois, chegamos ao enorme estádio. Altos postes de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

luz iluminavam o gramado, um placar eletrônico marcava o zero a zero. As arquibancadas foram acolchoadas em couro, tudo muito chique. Uma estrutura que demonstrava que aquele não era um torneio amador. Disseram-me ser o mais importante do mundo dos mortos.

Adentramos nos cômodos subterrâneos, onde uma técnica do time nos guiou a um vestiário só nosso, de modo a nos trocar. Vestimos nossos uniformes pretos e dourados, com a insígnia imponente da Escola. Em minha homenagem, todas resolveram usar *lingerie* preto e rendado até o meio das coxas, o que seria nossa marca registrada.

A única exceção era Laila, cujo uniforme continha mangas compridas e meias que cobriam toda a perna. O véu preto e dourado cobria seus cabelos de forma elegante.

As meninas que faziam acrobacias prenderam os cabelos em altos rabos de cavalo ou tranças, mas eu deixei os meus soltos, apostando numa maquiagem escura, com pó dourado brilhante ao redor dos olhos.

Aos poucos, pude ouvir o barulho do estádio se enchendo. Os nervos de todas nós permaneciam em frangalhos. Eu me encolhi num canto, tentando não ofegar.

Ele estaria lá fora. Mais hora, menos hora, Luka Ivanovick teria que aparecer. E eu faria o meu melhor – só para ele ver o que estava perdendo.

Cerca de meia hora se passou quando a assistente do técnico, a chilena Miss Martínez, esbelta e morena, entrou no vestiário para nos chamar.

– Vocês têm cinco minutos para estarem no campo, meninas. As finlandesas estão entrando para se apresentar, logo depois é a vez de vocês receberem nosso time. – Como ficamos a encarando com expressões de

pânico, ela bateu palmas urgentemente. – Rápido!

Andamos pelos corredores caladas, como se estivéssemos indo para a força. Ao chegarmos na abertura que dava para o campo verde e iluminado, onde a gritaria já era ensurdecedora, encontramos com os meninos do time de líderes de torcida, e eu procurei por Logan.

– Mas que droga, cadê o O’Shea?! – quase berrei.

– Desistiu – informou-nos o namorado de Claire, preocupado demais em agarrá-la para passar a informação completa.

– *Como assim?! –* agora eu berrei de verdade. O garoto vindo da Bélgica deu de ombros.

– Disse que estava saindo do time depois que aquele cara estranho... Como é que se ele chama mesmo? Acho que é... Luka Ivanovick? É, isso mesmo. Depois que Luka Ivanovick falou alguma coisa com ele. O cara simplesmente entrou no vestiário e jogou o O’Shea literalmente contra a parede. Logan colocou o rabo entre as pernas e foi embora.

Pisquei, a boca escancarada.

– Diz que está brincando comigo.

– A culpa não foi do O’Shea – o garoto deu de ombros. – Aquele Ivanovick tem cara de assassino. No lugar do Logan eu faria o mesmo; também não estaria disposto a apanhar daquele cara.

– Mas por que diabos ele faria isso?!

– Bom – o garoto deu de ombros. – O O’Shea estava espalhando atrocidades sobre você. Contando para todos o que pretendia fazer com você depois do campeonato. Parece que o Ivanovick não gostou nada disso, e surtou.

– É, dizem que a família dele já frequentou um sanatório ou algo do tipo. Sinistro. – Comentou o garoto que Aisha selecionara.

Mayumi me lançou um olhar significativo, e Amy virou a cara. *Luka Ivanovick estava me defendendo?* Todos me esperavam falar alguma coisa, mas o início da apresentação das finlandesas interrompeu o estranho momento. Ainda bem.

Elas eram em sua maioria loiras e esbeltas. Saltaram alto, fizeram giros incríveis, dançaram os típicos movimentos de líderes de torcida, meio duros, robotizados. Tudo muito correto e bem feito – mas nenhuma novidade.

Quando elas terminaram a apresentação umas por cima das outras numa torre intimidante, eu engoli em seco. A torcida finlandesa – que viera em grande número, trazendo bandeiras e objetos barulhentos – aplaudiu histericamente.

No todo, foi uma apresentação fantástica – porém previsível. Elas fizeram tudo o que esperávamos que fizessem. No entanto, a nossa era um pouco mais, hã, ousada.

O time finlandês entrou correndo no campo, rasgando uma faixa branca e azul – da mesma cor dos seus uniformes – com seus corpos. Foi uma entrada brusca, imponente. Pela primeira vez, fiquei com medo – perder em casa seria humilhante.

“E, agora, recebam os animadores da Escola da Noite!”, gritou o narrador do jogo pelos altos falantes. Fiquei nauseada. Deus nos ajude.

– Meninas, é hora do incentivo moral. Alguém tem alguma palavra encorajadora para dizer? – esperei com expectativa, meio desesperada. Isso

sempre dava certo em filmes.

– Eu tenho. Vou vomitar. – Mayumi expressou-se, o rosto delicado meio esverdeado.

Franzi o nariz.

– Obrigada, Mayumi.

Catarina estava verde. Fitava o gramado lá fora, em pânico.

– Acho que minha pressão está caindo. Não vai dar para ir, desculpem meninas. Questão de saúde.

– Não dá para sua pressão cair, tapada – Amy rolou os olhos. – Ninguém aqui pode morrer de novo, e ninguém vai nos morder lá fora.

Laila interveio.

– Só, quem sabe, nos vaiar e jogar tomates, tornando-nos a piada da Escola para o resto da eternidade...

– Tudo bem! – bati palmas, interrompendo-as. – Obrigada pelas palavras encorajadoras, meninas. – respirei fundo e me virei para o campo lotado. – Agora me sigam. E tentem não vomitar.

Quando entramos no campo, a euforia foi geral. Nossa torcida bateu palmas, gritou, e embora eu não conhecesse nem metade, muitos nos chamaram pelo nome – e por outras coisas mais que eu prefiro não citar aqui. Resultado dos nossos curtos uniformes.

Eu sabia que o time – leia-se Luka – estaria na entrada onde eu estivera parada há poucos minutos, observando-nos. Fiquei ansiosa para dar o meu melhor.

Paramos bem no meio do campo e, quando uma musica eletrônica chatinha começou, jogamos nossos pompons para o alto, estampamos
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sorrisos ridículos e forçados na cara e dançamos como robôs, imitando as finlandesas. Podíamos ver a reação escandalizada delas – bem como a de sua torcida. Já a nossa, só erguia as sobrancelhas confusa ou ria.

E, então, de repente, a música monótona mudou para as batidas quentes do *funk*; jogamos aqueles pompons ridículos no chão e começamos a rebolar. Houve um ofegar geral nas arquibancadas. As pessoas se levantaram para verem melhor, outros aplaudiram, outros gritaram, as mãos cobrindo as bocas, atônitos.

Nossos sorrisos superficiais foram substituídos por expressões maliciosas, e as acrobacias começaram. As gêmeas e Laila eram jogadas no ar com destreza e altura, e algumas vezes Amy se juntava a elas. Mas o resto de nós só dançava, seguindo uma coreografia complexa, intrincada – mas sem deixar nenhum minuto de ser sensual, rítmica, como batidas de um tambor das terras quentes que os ingleses não conheciam.

Eu podia ver o meu rosto – principalmente focado – no grande telão; talvez porque eu claramente liderava a dança. Joguei o cabelo, desci até o chão, mexi os quadris, olhei maliciosamente para a platéia – e principalmente para o lugar onde o time estava esperando, bem lá no fundo do estádio, na entrada subterrânea onde a platéia não podia os ver – mas eles nos viam.

Luka me via. Ele estava na frente de todos, os braços cruzados, o queixo erguido, o boné vermelho virado na cabeça. Encontrava-se longe demais para que eu enxergasse sua expressão, mas sabia que ele podia ver a minha através da grande tela. Meu coração sem pulsação agora batia com a música, estranhamente inebriado por vê-lo outra vez. Então eu dancei para ele, no ritmo quente do meu país, mostrando que não eram só os russos que sabiam ferver.

Aplausos, gritos, garotos ofegando, meninas chocadas, finlandesas se corroendo de raiva... Luzes do estádio piscando no nosso ritmo, calor, calor, calor... *Tunz, tunz, tunz.*

Ao final, Mayumi tirou um isqueiro do *lingerie* das coxas e acendeu-o, jogando-o no chão, onde um rastro de pólvora formava a insígnia do colégio ao nosso redor, formando um leão imponente e luminoso.

O leão incendiou, alcançando o campo inteiro e sumindo em segundos – mas foi o suficiente para levar a torcida à loucura. Como o combinado, dois dos garotos me levantaram sobre os ombros e eu ergui o queixo para os finlandeses – movimento inspirado em Luka – chamando-os maliciosamente com dois dedos para o combate. Aquilo os enlouqueceu de raiva, e fez a nossa torcida delirar.

Podia ver os irmãos de Luka sentados nas arquibancadas, as pessoas mantendo certa distância. Alicia Ivanovick tinha as sobrancelhas erguidas em ceticismo. Ao seu lado, o musculoso Nikolai Ivanovick só me olhava curioso, um sorriso de aprovação quase imperceptível nos lábios – o que me estarreceu. Não sabia que os Ivanovick eram capazes de um ato tão simples quanto *sorrir*.

Acenando, nós saímos correndo do campo, deixando um rastro de aplausos eufóricos para trás. Fizemos um corredor de cada lado na entrada, por onde nosso time passou, liderado por Luka. O queixo erguido, os passos rápidos, os olhos fixos à frente.

Para minha lisonja, ele me lançou um olhar de soslaio, negro, intimidador. Não havia nenhum calor, apenas hostilidade – como se de todas as pessoas daqui, eu fosse a que ele mais quisesse assassinar.

Luka desviou os olhos como se minha visão fosse especialmente repugnante para merecer sua atenção. Aquilo me rendeu um largo sorriso.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Pelo menos eu *tinha* sua atenção.

Eles entraram imponentes, menos escandalosos e mais elegantes que os finlandeses. A platéia bradou, inebriada. Sentamo-nos na arquibancada, observando-os tomar seus lugares em cada lado do campo. O juiz, vindo especialmente do Equador para a partida, adentrou no gramado.

Não obstante, algo estranho aconteceu. O juiz olhou para Luka e foi direto ao técnico do nosso time, passando alguma orientação. O técnico nigeriano, Sr. Sakwand, tomou uma expressão consternada e gritou para Luka, gesticulando. Sr. Sakwand era um homenzarrão imponente e nada paciente; no momento, encontrava-se ultrajado pela intromissão do juiz, a pele negra tomando um tom arroxado de cólera.

“Ivanovick!”, gritou com raiva, e mesmo que no barulho ninguém pudesse ouvir sua voz, seus lábios eram mais do que claros. “O boné! Tire esse maldito boné!”

Pude ver Santiago revirando os olhos e Luka erguer uma sobrancelha, irônico – embora essa fosse a única mudança em sua expressão arrogante. Ele vagueou os olhos pelo estádio e, para o meu completo espanto, fixou as íris negras em mim.

Então se pôs a andar na minha direção.

Ah, não. Isso não estava acontecendo. Não num estádio lotado. Não havia como fugir.

Mayumi me cutucou histericamente nas costelas. “Meu Deus, meu Deus, Lara... Ele está vindo para cá”, balbuciava frenética por baixo da respiração.

O estádio inteiro tinha os olhos presos em nós. Se ainda batesse, meu coração martelaria frenético contra o peito, o pânico subindo a garganta. Ele

me olhava fixamente, as íris negras e hostis presas em minha forma encolhida no banco entre Mayumi e Laila. Andava com passos decididos, rápidos, o queixo arrogantemente erguido, nem um pouco constrangido.

As meninas ao meu redor se encontravam consternadas, paralisadas. “Não posso acreditar, ele está vindo mesmo...”, era a voz de Laila.

“O que ele vai *fazer*?”, perguntou Aisha para ninguém em especial.

“Devorar alguém”, Catarina tinha a voz estrangulada.

E, então, o tempo para confabulações acabou. Ele parou bem na minha frente, sua forma musculosa exigindo toda a minha atenção. Fiquei completamente parada e sem reação, olhando para seu uniforme preto e dourado. E então tomei coragem e ergui os olhos para encará-lo, sem corar, sem desviar o olhar.

Naquele segundo inicial, toda a potência da negritude de suas íris foi despejada sobre mim. Eram cavernas escuras e sombrias. Os olhos do garoto eram labirintos sinuosos, armadilhas perigosas.

Mas eu ergui os ombros, subjuguiei o pânico e esperei.

Luka Ivanovick me encarava de volta, a expressão nada amigável. Tirou o boné vermelho e o estendeu para mim. Meu queixo caiu.

E, então, pela primeira vez no que parecia ser a eternidade, o garoto *falou* comigo. Fiquei sem reação diante de sua voz aveludada, rouca, poderosa. O sotaque russo espreitava por entre as palavras.

– Segure isto para mim. – Não era um pedido. Era uma ordem.

Com as mãos trêmulas, peguei o boné, tomando o cuidado para não tocar em seus dedos longos, bronzeados. Segurei-o com as duas mãos e o coloquei no colo, mal acreditando que estava tocando naquele objeto tão

sagrado para o garoto. De todas as pessoas daqui – inclusive sua família – ele o estava confiando a *mim*.

Procurei palavras para expressar minha felicidade, mas não as encontrei. O momento era só meu, fogos de artifício silenciosos explodindo no interior do meu corpo magro e morto.

Luka não agradeceu, só me olhou arrogantemente mais uma vez, virou as costas e foi embora, voltando para o campo. O estádio ficara consideravelmente mais silencioso. Senti vários olhares sobre mim – principalmente o da ressentida Amy Turnage, seus olhos brilhantes por lágrimas de raiva perfurando o lado esquerdo do meu rosto.

Fiquei agradecida de que Mayumi formasse uma barreira humana entre nós, caso contrário não sabia o que Amy poderia fazer. Mayumi segurou sua mão, mas a inglesa a retirou bruscamente, fechando os dedos em punho e virando-se para frente, os olhos presos em Luka. Os traços perfeitos de Amy encontravam-se deformados pelo rancor, seus cabelos cor de cobre dourado flamejando como fogo.

O juiz deu início à partida. A bola rolava com tamanha rapidez que mal podíamos enxergar-la. É claro que Luka tinha sua posse na maioria do tempo, driblando e deixando os finlandeses no chão.

Meus olhos observavam o jogo, mas meus pensamentos voavam para longe. *A voz dele*. Luka Ivanovick havia *falado* comigo.

Imaginei esse momento tantas vezes que mal podia crer que de fato havia acontecido. E aquela *voz*... Era simplesmente linda. Soava como uma música forte, poderosa – e ao mesmo tempo conseguia ser macia como veludo. Ela era quase *palpável*. Podia imaginar meus dedos escorrendo sobre ela, cálidos, encantados pela textura.

Mas o que eu esperava, afinal? É claro que voz dele seria tão fascinante quanto sua figura. Ela ainda ressoava em meus ouvidos, tão harmoniosa quanto a música que fluía pelos seus dedos no piano.

Olhei para o boné firme entre meus dedos. Não queria sentir tanta emoção só por tê-lo nas mãos, mas era inevitável. Eu passava a ponta dos meus dedos sobre ele, tentando acreditar que estavam tão perto de mim – acreditar que eu tinha uma parte *dele* bem aqui, ao alcance de minhas mãos. Sentia-me como uma garotinha que conseguira tocar um pedacinho do céu. Do meu céu particular.

O pano vermelho parecia caro, limpo e conservado. A costura era firme, bem feita; passei os dedos sobre o bordado negro em alto relevo. **FERRARI.** Esperei que todos os olhares – que se encontravam em cima de mim obsessivamente – finalmente se cansassem e voltassem sua atenção para o jogo. Quando percebi que estava relativamente em paz, levei meus dedos até o rosto, tocando os lábios, sentindo o aroma de especiarias escuras, quentes, exóticas, masculinas.

De todas as experiências que eu tive na vida, aquele simples toque foi a mais sensual. Nenhum beijo antes tinha fervido tanto minhas veias. Passei a língua pelos lábios discretamente, e não pude evitar fechar os olhos. O gosto estava lá, apimentado.

As meninas já tinham voltado sua atenção para o jogo há tempos, só Amy ainda me olhava de soslaio de vez em quando. Entre nós, Mayumi se levantou, gritando junto com todo o estádio na revolta de uma falta marcada a favor dos finlandeses.

Somente Amy e eu permanecemos sentadas. Ela não perdeu tempo.

– Dê para mim. – Exigiu por baixo da respiração, baixando os olhos felinos para o boné.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Não posso. – Apertei-o em minhas mãos protetoramente.

– Só quero tocá-lo. Só por um minuto.

– Pode tocar, mas não vou lhe dar. Desculpe, é o máximo que posso fazer.

– Não é suficiente – ela trincou os dentes, frustrada. Tentou pegá-lo da minha mão bruscamente. Tirei-o do seu alcance, sobressaltada. O que ela iria fazer? Me bater?

Se fosse o caso, eu seria obrigada a revidar – e não queria fazê-la perder um dente. Ela ficaria banguela pela eternidade.

– *Não*. – Praticamente rosnei.

Ela me lançou um olhar de ódio, ergueu o queixo na tentativa de manter um pouco de dignidade e desviou os olhos, como se nada tivesse acontecido. As meninas se sentaram ainda reclamando, e Mayumi convenientemente voltou a ser um muro humano entre nós. “Você viu aquilo? Você viu? Ah, se eu pego esse juiz numa esquina escura...”, ela balbuciava, sem desconfiar de nada.

Só consegui parar de encarar o pequeno milagre em minhas mãos porque sabia que havia algo melhor ainda para se ver em campo. Luka corria como um tigre, felino e elegante, driblando os finlandeses e quase fazendo o jogo sozinho. Ele era arrogante em suas jogadas, preferindo carreira solo. Mas não era idiota. Quando havia uma boa oportunidade que incluísse um passe, ele passava a bola com perfeição para Ian ou Santiago, os dois jogadores que sempre estavam mais perto dele.

Não demorou muito para que Luka fizesse o primeiro gol. A platéia explodiu em gritos, pulando na arquibancada. O pessoal do time correu na intenção de pular sobre ele – mas, no último segundo, pensaram melhor.

Luka lhes lançou um olhar hostil e eles se mantiveram afastados, somente parabenizando-o de longe. O garoto os saudou com um aceno de cabeça, lábios cerrados sem demonstrar nenhuma emoção.

As garotas pegaram os ridículos pompons para comemorar – mas eu somente aplaudi, enfiando meu pulso fino pelo buraco do boné – por onde os fios escuros de Luka constantemente escorriam para fora. Era crucial que aquilo permanecesse seguro em minhas mãos – para o caso de Amy dar a louca outra vez – ou qualquer outra garotinha ridiculamente apaixonada.

Além de mim, é claro.

Olhei para seus irmãos na platéia. Nikolai aplaudia educadamente, chegando até a sorrir de leve. Mas Alicia só via naquilo um espetáculo desprezível, como se o irmão estivesse se expondo ao ridículo. Não havia ódio em seus olhos cor de carvão. Havia... Mágoa, ressentimento, como se Luka estivesse ferindo seus sentimentos.

Eu não entendia os motivos da garota para querer o isolamento do irmão; aparentemente ela desejava um Luka recluso para sempre. Mas o que eu estava tentando fazer? Entender o que se passava na cabeça de um Ivanovick? Quase ri diante da ideia. Uma tarefa impossível.

Luka marcou o segundo e o terceiro gols. Mesma reação indiferente. Quando o juiz apitou o final do primeiro tempo, fiquei ansiosa, imaginando se ele viria até aqui buscar o boné. Não veio. Nem sequer olhou para mim. Foi até o banco onde se reuniam os jogadores, abriu uma garrafa de água – que não era necessária ali, uma vez que mortos não sentiam sede – e jogou em cima da cabeça; o líquido molhou seus cabelos negros, tornando-os mais escuros. Desceu pelo rosto perfeito e entrou na camisa.

Luka bebeu um grande gole de água, embora não precisasse. Desviei os olhos quando uma gota escorreu pelos lábios carnudos dele. Aquela
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cena era demais para mim.

Era a primeira vez que eu o via sem o boné. Ele passava os dedos pelos cabelos negros e fartos, desalinhando-os mais.

Levantamo-nos para distrair a torcida durante esse meio tempo – o boné ainda preso em meu pulso. Luka permaneceu sentado, ouvindo em silêncio as instruções do treinador. Ele era o único com que o Sr. Sakwand não ousava gritar – pelo menos não muito.

Senti borboletas no estômago quando, ao final do intervalo, o técnico nigeriano falou algo baixo e reservadamente para Luka, dando-lhe um tapinha no ombro. O garoto não se esquivou. Acenou uma vez com a cabeça para o técnico, levando-o a sério.

Então Luka Ivanovick não era inumano. Mostrou-se capaz de suportar o toque de alguém, mesmo que insignificante. Ele não era totalmente avesso ao... *Contato físico*.

Tremi – de prazer ou esperança, não sei.

O segundo tempo foi mais preocupante. Luka ainda jogava melhor do que todos, mas certas vezes ele parecia errar de *propósito*. Como boa entendedora de futebol e atenta observadora de seus métodos no primeiro tempo, soube que Luka jamais erraria passes tão bobos – a não ser que aquilo fosse completamente intencional. Resultado: os finlandeses fizeram o primeiro gol. Placar: três a um para a Escola da Noite versus Academia da Finlândia.

No final do jogo, Luka estava na cara do gol. No entanto, olhou para Santiago bem ao seu lado e, para espanto geral, passou a bola e ficou parado, esperando. Santiago também mal podia acreditar naquilo – mas como um finlandês, mal crendo em sua sorte, veio correndo tirar a bola do

espanhol, Santiago chutou-a para o gol e marcou.

No mesmo segundo que a bola balançou a rede e a torcida foi ao delírio, o juiz apitou o final da partida. Nós ganhamos, e a comissão técnica, bem como alguns alunos, invadiram o campo para comemorar com os jogadores. Nós nos levantamos, aplaudimos e gritamos, jogando para o alto os pompons ridículos.

Os Ivanovick rapidamente deixaram a arquibancada eufórica, sumindo. É claro que eu mantinha a atenção sempre presa em Luka, observando cada movimento. Ofeguei quando ele tirou a camisa, jogando-a sobre um ombro. Seu abdômen era definido, musculoso e poderoso, duas entradas sensuais sumindo pelas bermudas adentro, deixando o resto para a imaginação. Tatuagens intrincadas e negras subiam por sua cintura esbelta e os braços musculosos. Nunca imaginei que ele tivesse algo tatuado no corpo.

Paralisei no meio de um salto quando o garoto andou em minha direção novamente. Parou de forma brusca, bem na minha frente. Como a potência de seus olhos negros sobre mim era demasiada, baixei os meus. Ele estendeu uma mão em silêncio. Hesitante, devolvi seu boné. Era triste me separar daquilo.

O Ivanovick o pegou, colocou-o sobre o cabelo desalinhado, virou as costas e foi embora – sem falar nenhuma palavra.

O garoto sumiu na porta que adentrava para os vestiários subterrâneos, e então todo o jogo perdeu a graça para mim. Só quando ele sumiu, eu pude voltar a respirar. Era verdade que o oxigênio não significava mais nada para meu corpo inativo, mas eu já estava tão acostumada a respirar que se tornara um reflexo automático – e me incomodava restringir a respiração. Por mais que não tivesse nenhum efeito vital, meus pulmões gostavam de estarem cheios de ar.

Lentamente o estádio foi esvaziando, as pessoas voltando aos carros, os finlandeses partindo. A fila de automóveis retornou, dessa vez no sentido oposto, retornando ao castelo pelas estradas escuras.

Porém ninguém se encontrava cansado. Em clima de comemoração, as meninas ligaram o som do carro em grande altura e fecharam os vidros. Catarina não parecia se importar com o fato de ser fisicamente impossível rebolar no espaço restrito do seu banco. Aisha foi gritando com ela o caminho inteiro.

Laila e Mayumi riam das duas, eu só balançava a cabeça, sorrindo internamente. Essas duas nunca mudariam.

“Garota, se controla! Você vai nos fazer bater no carro da frente! E aí de você se eu quebrar algum dente...”

“Eu sou reprimida nesse lugar! Deve ter alguma ONG que defenda os meus direitos!”

“Eu vou te mostrar a ONG. Ela vai ir direto no meio da sua fuça se...”

E por aí vai.

Havia uma ansiedade no ambiente: a festa de inauguração do campeonato seria *agora*. Só dava tempo de chegar ao castelo, tomar um banho e nos arrumarmos.

– A anfitriã parece nervosa – cutucou-me Laila, que se sentava ao meu lado no banco de couro. Eu gostava da árabe porque ela constantemente falava baixo, discreta demais para querer chamar atenção para si.

– Eu *o* convidei. Você sabe de quem estou falando. – Sussurrei.

– Eu sei – ela assegurou. Laila quase nunca precisava de palavras.

Tinha o dom de ler nas entrelinhas. – Ele virá, fique tranquila.

Engoli em seco.

– É justamente por isso que estou apavorada. Se ele não vier, tudo bem, posso lidar com isso. Mas se ele vier... *Deus*. O que vou fazer?

Laila apertou minha mão bondosamente.

– Nesse caso, eu permaneço ao seu lado enquanto ele estiver por perto. Para quê servem os amigos?

Chegamos ao castelo. Corremos para nossos quartos e eu consegui convencer Mayumi de que, já que eu era a dona da festa, poderia tomar banho primeiro – caso contrário ela ficaria de fora.

– Você não faria isso – ela se ultrajou.

– Por um chuveiro? Não vai querer pagar para ver.

– Tudo bem, traíra – reduziu os olhos azuis a fendas, enquanto eu entrava no banheiro com um sorriso vitorioso. Doce vingança.

Depois de limpa, arrumei o cabelo e passei um óleo pelo corpo, deixando-o dourado e macio. Laila escapuliu para nosso quarto e nos maquiou.

Coloquei brincos dourados, saltos altos e um maravilhoso vestido cor de rosa – originário de umas dessas marcas francesas famosas. Agradei mentalmente ao cartão sem limites do vovô.

A cor do vestido destacava o bronzeado da minha pele. Seu modelo era curto e colado ao corpo, ressaltando minhas curvas. Nas coxas, abria-se em uma longa fenda sensual. Um modelo totalmente exclusivo. Quando me olhei no espelho, sabia que nunca tinha ficado tão bonita antes. Eu brilhava em tons afogueados de rosa, cobre e dourado.

– Vamos? – Mayumi já estava pronta. Nós éramos opostos. Enquanto eu ardia em chamas, ela vibrava em um vestido azul-celeste, da mesma cor de seus olhos. Brincos de safira azul completavam o visual arrebatador.

– Uau – exalei. – Hoje o Santiago não te escapa.

– Ah, cala boca – revirou os olhos e saiu do quarto tentando esconder o sorriso.

Encontramos com Laila e Aisha no corredor, esperando-nos. As duas estavam de tirar o fôlego.

Fomos para o imenso salão subterrâneo onde o DJ contratado já começara a tocar. O salão escuro piscava com luzes estroboscópicas roxas e verdes. Não demorou muito para que as pessoas chegassem, e em menos de uma hora o salão já estava lotado. Eu notara alguns rostos estranhos – penetras. Não dava para enfiar os milhares de alunos da Escola da Noite num único salão, por isso nós tivemos de passar por um cansativo processo de seleção.

Na opinião pessoal de Catarina, deveríamos convidar apenas homens.

“Cala a boca, Catarina”, falamos em coro.

O salão se encheu rapidamente. Meninas em seus saltos altos e vestidos mínimos, garotos em suas roupas de marca, copos de wísque nas mãos, vagueando pelo salão em bandos musculosos. Garçons passavam com bebidas que sumiam em poucos minutos. As pessoas se aglomeravam na pista de dança, onde a fumaça de gelo seco formava uma névoa misteriosa entre os corpos. Os finlandeses apareceram, não querendo perder uma festa. Casais recém- formados se espremiavam nos cantos escuros, fazendo sabe-se lá o quê.

Tunz, tunz, tunz. As luzes piscavam de acordo com a batida. Eu via

certa hilariedade na situação, pensando nos bailes medievais que deveriam ter acontecido aqui há séculos. Onde foram parar as *ladies* com vestidos rodados, os *gentlemens* de peruca branca? Ao contrário disso, nós tínhamos batidas eletrônicas, um DJ de cabelo azul e Ray-bans, um monte de casais se agarrando no meio da pista e nenhum pudor.

Eu sorri para mim mesma. Nunca organizei um evento desse porte antes. Minha única festa de arromba aconteceu quando eu tinha quatro anos. Mas hoje em dia eu não sentia a necessidade de arrancar a roupa e correr só de fralda pelo salão.

Amy chegou sozinha ao salão. Ela tinha o dom de carregar os olhares por onde passava. Usava um vestido vermelho sangue, seus cabelos caindo em perfeitas ondas de ouro e fogo até a cintura. Certamente seu vestido valia uma pequena fortuna. As lojas de Londres deveriam ficar curiosas com esses clientes misteriosos que sempre encomendavam, nunca apareciam.

O resto do meu grupo chegou, todos vestidos com roupas caras e estilosas.

O espanhol Santiago me evitava ultimamente, parecendo ressentido. Senti-me pesarosa em perder a amizade de uma pessoa tão divertida e camarada. Mas era melhor assim – eu tinha um problema chamado Luka Ivanovick nas mãos. E ele sentia a compulsão maluca de bater em qualquer espécime masculino que se aproximasse de mim.

Rapidamente Ian juntou-se a Laila, que o recebeu com um sorriso tímido. Os dois tinham uma química palpável, e só não estavam juntos ainda porque Laila era uma garota... Difícil. Havia amor ali. Mas o conflito cultural os impedia de formar um casal de verdade.

Miguel não tirava os olhos de Amy. Na nossa roda improvisada no
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meio da pista, os dois conversavam. Mas o surfista louro não era um homem invasivo. Calmo e bondoso, respeitava o espaço de Amy, revelando-se o mais perfeito dos cavalheiros.

Assistindo a devoção nos olhos do português, senti-me sozinha. Eu queria que alguém olhasse assim para mim também.

Argh. Rolei os olhos, virando de um só gole o drinque em meu copo. O que estava acontecendo comigo? Não sou meiga e nunca vou ser. Posso ser muito frágil por debaixo da superfície – mas possuo uma enorme capacidade de regeneração. Como um vidro, se me jogarem no chão eu quebro – mas se pisarem, eu corto.

Nos últimos tempos, eu não me reconhecia. O misterioso Ivanovick me desconcertou. Inclinou meu eixo, tirou tudo do lugar aqui dentro. Ele ditava as regras – algo que eu nunca experienciei. Eu não estava no controle.

A música passou para uma batida mais envolvente, refinada, contagiante. A roda se desfez e todos se misturaram para dançar. *Tunz, tunz...* Corpos roçavam nos meus, mas eu não sabia de quem eram. O copo estava em minhas mãos, os olhos fechados, meu corpo envolvido no ritmo. Encontrava-me perdida em mim mesma – até que alguém ofegou.

“Oh, meu Deus. Ela veio.”

“Por essa eu não esperava.”

“Está perfeita.”

Abri os olhos. Paralisei.

Completamente espantada, observei Alicia Ivanovick entrar no salão escuro e pulsante, mais bonita do que eu jamais vira. Ela tinha os longos cabelos soltos, saltos altos e um vestido preto de couro que se abria em uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fenda na coxa. O batom vermelho vibrante destacava seus lábios carnudos, bem delineados, atormentadoramente parecidos com os do irmão. Dava medo olhar para ela – mas ninguém conseguia parar de olhar.

Obviamente, ela tinha o queixo erguido em arrogância e indiferença, adentrando no salão seguida pelo irmão Nikolai, o gigante halterofilista. Sua postura se mostrava protetora.

Aflicção me paralisava. Faltava o principal Ivanovick. Mas o tempo passou e ele não apareceu.

Triquei os dentes, sentindo ódio. “Filho da mãe”, rosnei.

– Está falando comigo? – perguntou uma garota aleatória ao meu lado.

– Hã, não. Apenas falando sozinha.

Ela deu de ombros, abrindo a boca para responder alguma coisa – mas sua voz sumiu. Seus olhos fixaram-se na entrada do salão.

Eu parei de respirar. Mesmo sem olhar, *sabia* quando ele estava por perto. Meu corpo o reconhecia.

Luka Ivanovick entrou no salão, fechando a porta com um baque atrás de si. O maxilar erguido e trincado, os lábios cerrados numa expressão indecifrável, olhos negros e arrogantes fitando desconfiadamente as pessoas ao seu redor.

Andou indiferentemente entre os corpos dançantes, alcançando os irmãos. Essa noite ele usava uma roupa preta e descolada, o boné vermelho virado para trás, os cabelos negros desalinhados. Percebi seus músculos tensos. Lábios cerrados em desgosto por estar ali.

Provavelmente não era um ódio específico pelas pessoas daqui.

Talvez ele só odiasse a seres humanos em geral – simples assim.

Mayumi me alcançou na pista, ofegante.

– Lara? – respira. – Você viu quem chegou? – respira.

– Vi – minha voz saiu estrangulada. Se Luka não gostava do ambiente, o que veio fazer aqui?

Ele e os irmãos andaram pelo salão, observando em silêncio os corpos dançantes aos seus redores. Nikolai balançava a cabeça no ritmo da música. Alicia e Luka, não. Havia repulsa nos olhos de ambos.

– Os Ivanovick fora da tumba – comentou sarcasticamente Santiago, aproximando-se sem que eu percebesse. Olhou para mim ressentido. – Você deve ter mel mesmo.

Eu poderia ter lhe dado dezenas de respostas, mas Santiago não tinha culpa de nada. Era óbvio que se encontrava magoado comigo. O espanhol acolheu-me com bondade e me mostrou um lugar entre os seus quando eu cheguei. Já Luka Ivanovick parecia querer me matar. Esse tempo todo, eu tinha escolhido o lado errado.

A música mudou – era uma das minhas preferidas.

– Conversaremos depois. Agora preciso dançar – coloquei meu copo em sua mão e arrastei Mayumi para a área mais central da pista. As batidas mescladas, envolventes e misteriosas me intimaram a ir.

Essa era minha música. Lembrava-me as minhas terras quentes, latinas. *Tuntz, tuntz*. Eu dançava com Mayumi sem me importar com o pudor.

Meus olhos escorregaram para Luka. Ele estava mais perto do que eu esperava. Encarava-me fixamente, o queixo erguido, os olhos negros queimando. Eu mordida o lábio, descia até o chão, passava as mãos pelo

cabelo e pelo vestido... Os olhos do garoto deslizavam sobre minhas curvas. Girou o boné para trás, ergueu uma sobrancelha, desceu os olhos sobre o meu corpo. O brinco reluzia em sua orelha esquerda, as tatuagens atrevidas subindo pelos braços.

Mas dessa vez eu não desviei meu olhar. *Não seja covarde, Lara.*

Os corpos dançantes ao seu redor lhe davam espaço – Luka intimidava com os músculos e com os olhos. Ninguém arriscaria lhe dar um esbarrão não intencional. Ele tinha os braços cruzados, arrogante e intimidador.

Eu rebolei, mantendo meus olhos nos dele. A luz roxa piscava, e eu só podia ver seu rosto em frações de segundos entrecortadas e pulsantes, no ritmo da música. Seus traços perfeitos e indiferentes me analisavam de cima a baixo, e, embora ele aparentasse frieza, podia ver algo queimando, submerso na escuridão dos seus olhos. Daria tudo para saber o que ele estava pensando.

Ali, no escuro, ele era de novo o espécime refinado e felino que correra no campo mais cedo, veloz e mortal. Eu fechei os olhos por um minuto e Luka sumiu na pista. *Tunz, tuntz.* Luzes piscando, música, vozes, olhos e dentes brilhando no neon, fazendo todos parecerem vampiros.

Eu não conseguia vê-lo. *Onde* ele estava?

Por trás das cabeças, consegui captar sua presença em outro lugar do salão. As íris queimando, fixas em mim, parecendo um predador analisando a caça. A caça era *eu*.

Eu pisquei e ele sumiu. Franzi a testa. Será que eu estava tendo alucinações? Era impossível enxergar alguma coisa naquela pista de dança escura e lotada. Mas quando a luz piscava em roxo e verde outra vez, eu

conseguia enxergar de novo seus olhos negros e ardentes, observando-me do escuro em outro canto totalmente diferente do salão.

E foi aí que eu entendi. Ele estava me rodeando. Era um jogo. Sorri maliciosamente para mim mesma. Eu era boa em jogar.

Fechei os olhos e dancei. Corpos se esfregavam em mim, mas eu já não sabia de quem eram. Talvez de Mayumi ou de algum outro desconhecido. Não importava. Eu estava imersa no jogo.

O ritmo pulsava inebriante, misterioso. Meus quadris se moviam na batida, meus olhos fechados, o corpo quente, deslizando sob a seda. Luka aparecia nos mais diversos lugares do salão, olhos negros fixos em mim, mas sempre a uma distância segura. Ele me dava espaço, tempo para a fuga.

Mas eu não iria fugir. O salão não era suficientemente grande para nós dois, portando um de nós teria que sair – ou ocuparmos o mesmo lugar, próximos, *fundidos*.

A minha escolha já estava feita. Se esse era um jogo, eu *queria* ser pega.

Luka sumiu numa batida de coração, misturando-se no escuro como um bom predador. Segundos depois, um corpo se aproximou por trás de mim. Uma mão deslizou pela minha cintura, queimando sobre a seda. Puxou-me para perto de forma exigente, e eu colidi contra um tórax musculoso. O cheiro quente e escuro de especiarias invadiu meu nariz. Inebriada demais para pensar, baixei os olhos e meu corpo se encheu de êxtase e pavor com o que vi.

As mãos fortes de Luka Ivanovick envolviam minha cintura. O caçador venceu, mas porque a presa *queria* ser pega, o jogo só estava começando.

Aquela voz russa de veludo sussurrou no meu ouvido. Ouvi-la era quase uma experiência sexual.

– Você deveria ter fugido enquanto era tempo. Agora seu tempo acabou.

Capítulo Nove

Suas mãos quentes deslizaram sobre minha barriga. Ele se movimentou no ritmo da batida comigo. As mãos escorregavam pelo meu corpo, sentindo-me. Eu me encontrava em êxtase – mas também apavorada.

Esperei que ele fizesse de tudo em seguida – menos o que fez.

Luka segurou meu pulso num aperto férreo, sem me dar chance de escapar. Não perguntei nada enquanto ele me puxava para fora da pista; as pessoas encaravam, abrindo espaço. Ninguém queria ficar em seu caminho.

Metade dos convidados fixava-se na cena de um Luka muito determinado me arrastando por entre os corpos dançantes, e a outra metade ocupava-se demais cutucando os amigos para mostrar. Choque e medo distorciam minha expressão – mas no escuro ninguém podia ver.

A pele do garoto era mais quente do que eu esperava. Havia uma eletrecidade onde seus dedos me tocavam. Sua presença fazia-me ter de conciliar o êxtase e o pânico, fazendo-os coexistir juntos.

Pensei que estávamos indo para um canto mais reservado e escuro, no entanto o garoto saiu do salão, batendo a porta atrás de si, arrastando-me pelo pulso com passos rápidos e decididos, o queixo erguido arrogantemente, os lábios cerrados sem falar nenhuma palavra. Fiquei intimidada demais para perguntar onde estávamos indo.

Foi uma viagem rápida e silenciosa, somente nossos passos ecoavam no chão de pedra do castelo deserto. Quando ele entrou no dormitório feminino, engoli em seco. Não havia mais nada aqui além de quartos.

Luka parou na porta do meu quarto e, pela primeira vez, olhou para mim.

– Me deixa ver o seu quarto.

Como ele ainda não havia soltado meu pulso, tive que me virar de costas desajeitadamente, corando como um tomate ao tirar a pequena chave do sutiã, esconderijo secreto de todas as mulheres. Com a única mão livre e tremula, abri a porta do quarto e esperei. Ele entrou, puxando-me consigo.

Parou e observou meu quarto, olhos clínicos, inexpressivos. Não dava para saber o que ele estava pensando. Soltou meu pulso.

– Por que você não se deixa e relaxa? – fez sinal com o maxilar musculoso para minha cama.

Não encontrei coragem em minhas entranhas para fazer concessões. Tirei os sapatos e deitei, dura e desconfortável, agarrando os lençóis com as mãos trêmulas. Sim, eu estava com medo, e isso era covarde.

Mas, acreditem, a cena de Luka Ivanovick parado no meio do seu quarto, repleto de músculos e arrogância, não era fácil de encarar. Ele me fitava em silêncio, as íris ardendo. Analisou-me e pareceu gostar do que viu. Andou até o interruptor e apagou a luz.

Quando o som de sua voz de veludo reverberou num sussurro pelo quarto, fiquei paralisada. Não era essa mensagem hostil que eu esperava ouvir.

– Sente-se no refeitório comigo amanhã. Vou guardar um lugar para você. Não me deixe esperando.

Por que diabos ele estava falando isso agora? Parecia uma despendida. Ele iria... *Embora?*

Foi isso mesmo o que ele fez. Luka virou as costas e foi embora.

– Mas o quê...? – pulei da cama, tentando alcançá-lo antes que ele fechasse a porta. Não consegui. A porta se fechou com um baque e ele a trancou por fora, roubando minha chave. Ouvi o clique agourento. Ele havia me trancado em meu *próprio* quarto – com minha festa acontecendo lá fora.

Filho da mãe!

– Mas que merda! Abra essa porta, seu louco! – bati na porta com força, várias vezes. Qual era o problema desse garoto?

Ele explicou fria e desinteressadamente, a voz abafada pela madeira entre nós:

– Odeio o fato de você estar numa festa na qual eu não posso estar presente. Eu não posso quebrar todas as regras só para tomar conta de você. Fique aqui e me encontre amanhã. Agora durma.

– Não – ofeguei – não pode fazer isso... Ei! – ouvi seus passos se afastando, levando a chave com ele. Meus olhos se arregalaram. Isso não estava acontecendo. – Ei! Volte aqui! Não pode fazer isso, é a *porra* da minha festa! *Volte!*

Não adiantou. Ele foi embora. Pude ouvir uma risadinha maliciosa

advinda do outro lado, como se no fundo ele estivesse se divertindo com a situação.

Olhei para o quarto silencioso, meu vestido caro, minha maquiagem perfeita. Podia ouvir as batidas da música ao longe. Ele havia me tirado da minha própria festa – havia me *trancado* aqui dentro, em meu próprio quarto – e levado a chave com ele.

“Você me paga, Luka Ivanovick!”, soquei a porta e gritei o mais alto que eu pude, mas só as paredes silenciosas do meu quarto escuro puderam ouvir.



– Lara? Pode me ouvir? Acorda aí.

Alguém me balançava de um lado para o outro; era um movimento gentil, mas ainda assim incômodo.

– Lara? O horário da Primeira Refeição está quase acabando. Não vou te esperar mais.

– Mmmmm.

Mayumi suspirou.

– Bem, eu avisei.

Não dei atenção. Voltei a dormir.

– Vou deixar a chave aqui para você. Encontre-me lá embaixo no salão. Talvez estendam o horário, a maioria dos alunos ainda não desceu. Devem estar todos de ressaca por causa de ontem.

Abri os olhos de uma só vez. *Ontem*. Minha festa. A festa que eu não fui! Levantei-me bruscamente, aos berros:

– Aquele filho de uma...!

– Garota! Não levante desse jeito! Meu Deus, você está bem? – Mayumi correu para me ajudar, uma vez que eu fiquei tonta e quase caí da cama. Eu bufava de raiva enquanto ela me segurava por um cotovelo, sentando-se em meio aos lençóis bagunçados.

A japonesa tinha um sorriso animado no rosto, completamente desajustado para a situação. Mayumi não deveria estar sorrindo – deveria estar traçando um plano diabólico de vingança comigo, cujo objetivo incluía picar em milhares de pedaços o corpo perfeito de Luka Ivanovick. Depois assar e comer.

– Pelo que estou vendo a noite foi boa ontem, hein? – ela piscou. – Você está com a mesma roupa da festa. Sinceramente? Nem esperava que *ainda* estivesse com roupas – riu alto.

Grunhi, minha cabeça latejando, meus olhos pegajosos.

– Foi boa só para você. A minha foi uma porcaria.

– O que? – ela se assustou. – Você saiu de lá com *Luka Ivanovick*. Não tem como ter sido ruim. Todas as garotas ficaram bêbadas para esquecer a inveja que sentiam de você. Inclusive eu.

– Quem me dera poder ter ficado bêbada também – resmunguei.

Mayumi não deu atenção, continuando a tagarelar. Ela não tinha a menor ideia do fiasco de ontem à noite.

– Só que vocês foram bastante rápidos, não acha? – franziu a testa. – Pouco tempo depois Luka voltou sozinho para a festa e me entregou a

chave do quarto. Lara, ele *falou* comigo. Isso foi... Uau – ela expirou, lembrando-se. – Foi uma experiência extracorpórea. Fico imaginando como é que deve ter sido para você... Imagino que por aqui não teve muita conversa – ela se mexeu desconfortavelmente.

Podia sentir um ataque histérico vindo à tona. A raiva estava pressionando meu corpo de dentro para fora, vazando pelas bordas.

– O que ele falou para você? – juntei a ponta dos dedos calmamente. *Autocontrole, Lara. Guarde o escândalo para ele.* Mantive minha expressão impassível, embora louca para estrangular alguém. Aquela porcaria de festa me custou uma pequena fortuna, tempo e dedicação. E eu simplesmente *não comparecia* a ela. Argh.

– Disse que você o havia pedido para me entregar a chave do nosso quarto, porque não voltaria para a festa.

– Cretino – gemi, enfiando o rosto entre as mãos. Mentira descarada. Não acredito que ele havia feito isso comigo. – Minha noite foi uma droga, Mayumi.

Então eu contei a ela o absurdo acontecido ontem à noite. Ela me encarou por um momento, esperando para ver se era algum tipo de piada. Ao perceber que eu não estava brincando, exalou forte, cobrindo a boca com as mãos.

– Que. Loucura.

– É, mas não a do tipo que eu esperava – suspirei amargamente.

Mayumi baixou os olhos, imersa demais em seus pensamentos para me dar atenção.

– Uau. Ele realmente está obcecado por você... – balançou a cabeça para clareá-la. – Lara, você não entende... Esse cara só pode estar gostando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de você. E quando digo “gostar” quero dizer gostar *mesmo*. Ele apareceu na festa só por causa de você! Tem ideia do que isso significa para os Ivanovick? Eles odeiam festas, futebol, tudo isso. Odeiam a todos nós. Mas quando você chegou, Luka ficou mais sociável do que eu jamais vira... Também não estou nessa escola há muito tempo, mas a reclusão dos Ivanovick é lendária. São praticamente misantropos. Desprezam nosso círculo social. E, agora, de forma repentina... Luka está em todos os lugares. Isso não é normal, Lara, acredite em mim. Alguma coisa de grave está acontecendo. Ou Luka sofre de bipolarismo, ou... – Suspirou. – Nem acredito que vou dizer isso. Ou ele finalmente escolheu alguém. *Você*.

Perdi as palavras, lisonjeada e irritada ao mesmo tempo. Imprensei o travesseiro contra o rosto.

– Não sei o que pensar. Posso ver que fui escolhida, mas ainda não entendi *para quê*. Luka não dá nenhum sinal de... – suspirei contra a fronha. Nem sabia como terminar.

Beijo? Carinho? Com Luka Ivanovick? *Impossível*.

– Bem, Lara, parece que só você não entendeu. Está tão óbvio. Luka não te escolheu como uma amiguinha. Ele te *quer*, como namorada, companheira, mulher, ou seja lá como você chame. Para nós, Luka é quase inumano, inatingível. Mas você conseguiu *tocá-lo*, e não só no sentido literal da palavra. Você *despertou* a atenção dele, e, de repente, ele acordou. Acho que nem mesmo você sabe como fez isso, e infelizmente eu não tenho nenhum conselho para te dar, porque Luka não é um garoto qualquer. Você vai ter que desvendar os mistérios dele sozinha, uma vez que ele está te dando abertura.

O pânico vazou pelas bordas. Era como se apaixonar pelo vilão da trama. E como nenhum conto de fadas jamais contou isso, eu não sabia

como terminava a história. Será que havia um final feliz?

Não, provavelmente não.

– Mayumi, você tem que me ajudar. Ele é insano, mas eu estou completamente envolvida. Tudo me lembra dele... Sons, cheiros, sensações... Eu o quero tanto que, no final das contas, já nem me importo se ele é ou não louco. Isso quer dizer que eu estou ficando louca também?

– Não – ela tirou o travesseiro do meu rosto, pousando uma mão gentil em minha bochecha. Mayumi era um ser humano bom por natureza, assim como Miguel. Os dois eram pessoas raras de se encontrar. – Quer dizer que você está apaixonada por ele.

– Não pode ser. Ele é prepotente e rude. – Balancei a cabeça, não acreditando em mim mesma. – Nunca pensei que eu poderia gostar de alguém assim. Ele é lindo, é claro, mas é tão cheio de estragos.

Ela sorriu calmamente.

– Está óbvio para mim que você se apaixonou justamente pelos defeitos dele. Prepotência, arrogância, *mistério*. O enigma de quem ele é fascina você. É por isso que você é a única de nós que merece desvendá-lo.

Recostei-me nas almofadas, atônita.

– Apaixonada por Luka Ivanovick... Isso é uma tragédia. Você mesma disse.

Mayumi negou com a cabeça.

– Só para nós, meras mortais. Se apaixonar por Luka Ivanovick é a única coisa certa a se fazer quando Luka Ivanovick está se apaixonando por você. Agarre essa chance, Lara. Ninguém jamais vai ter outra igual. Esse garoto é... *Especial*. Qualquer um pode ver. Há alguma coisa nele. Algo...

Além. Entende o que eu quero dizer? Não sei se é bom ou mal. Só sei que *arde*.

O assunto logo se desviou para a festa, e Mayumi me contou que beijou o escocês Liam McFearley. O escocês se apaixonou, é evidente. Mas Santiago não havia gostado nada do acontecido. Isso me fez sorrir. Quando é que Mayumi iria enxergar os sentimentos do espanhol por ela?

Mayumi não queria dormir aqui – achava que Luka poderia passar a noite comigo. Tá bom. Vai nessa. Mas ela também não poderia ir para o quarto de Amy – a inglesa entenderia o motivo na hora. E isso acabaria com ela.

Mayumi disse que acabou passando a noite no quarto que a árabe Laila e a africana Aisha dividiam, pois as três também saíram mais cedo da festa. Mayumi queria fugir de Liam, que não desgrudara dela a noite inteira. Laila queria fugir de Ian, que, bem... Era *Ian*. E Aisha estava fugindo de alguns dos cento e vinte que a perseguiam.

– Então agora se arrume para nós descermos! Meu estômago está roncando de fome – Mayumi se levantou da minha cama, puxando-me.

Arqueei uma sobrancelha.

– Seu estômago não pode sentir fome e você nunca come.

– Impacto pós-noitada. Meu corpo fica meio bipolar mesmo – deu de ombros. Joguei-me nos travesseiros de volta.

– Pode ir, hoje eu não vou descer. Luka está me esperando lá embaixo e nem morta que eu vou aparecer!

Mayumi ficou me encarando por dois longos segundos.

– Luka Ivanovick está te esperando lá em baixo e você está

simplesmente me dizendo... *Que não vai?*

– Não – dei de ombros. – Ele tem que pagar pelo que fez.

Mayumi tinha uma expressão trágica no rosto, depois balançou a cabeça.

– Você cospe na sua sorte. – Suspirou. – Então eu vou descer e... Ai, não. E se ele me perguntar sobre você? – Mayumi arregalou os olhos, assustada com a perspectiva de que ele pudesse vir a falar com ela de novo.

Essas meninas sentiam inveja de mim, mas não sabiam o que eu estava enfrentando. Se a mera ideia de conversar dois segundos com Luka já abalava Mayumi, imagine tê-lo te seguindo para todos os lados. Alguém de menos fibra que eu já teria sofrido um colapso nervoso. Muita pressão.

– Se ele perguntar, diga que eu não quero e nem vou descer.

Mayumi se apavorou.

– Ai, Lara. Não vou responder desse jeito para Luka Ivanovick. Ele pode me matar de novo e comer meus órgãos em pleno salão.

– Ele não vai fazer isso – revirei os olhos.

– Como você sabe?

Abri a boca para responder, mas depois a fechei. Não dava para saber.

Mayumi suspirou, saindo do quarto como se estivesse indo para a forca. Balbuciava e reclamava sozinha algo sobre como não se pode mais confiar em ninguém nesse mundo.

“Eu devo gostar muito de você mesmo”, foi a última coisa que resmungou ao bater a porta, inconformada com o que estava prestes a fazer. Eu duvidava que Luka se desse ao trabalho de perguntar por mim, mas esperei que perguntasse. Certas pessoas precisam ser contestadas algumas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vezes – pelo menos *uma* vez na existência.

Não faria bem para o seu ego, mas faria bem para sua alma. E me devolverá um pouquinho de dignidade também, admito.

Levantei-me para me olhar no grande espelho de Mayumi. Credo. Meu cabelo leonino e bagunçado transformara e bela Lara da noite passada em uma lembrança distante. Minha maquiagem escorria pela cara. Eu parecia uma noiva cadáver.

“Maravilha”, resmunguei e me joguei na cama outra vez.

Quinze minutos se passaram e eu me mantive firme e forte, mesmo que uma força invisível me puxasse para o grande salão. Sentar-me com Luka numa mesa, *sozinha*. Conversar com ele, conhecê-lo... Pensar naquilo me causava arrepios de antecipação, mas me mantive firme em meu lugar.

O cara merecia uma vingança. Eu aguentaria um ou dois dias, porém mais do que...

Três batidas raivosas soaram na porta. Senti o cheiro *dele* através da madeira. Fervente, inconfundível. Engoli em seco e abri a porta. Luka Ivanovick estava do outro lado do batente, braços cruzados, músculos rígidos, e a expressão assassina.

– Eu te esperei e você não apareceu – sibilou, tentando controlar a raiva que escorria por entre as palavras, onde espreitava um leve sotaque russo. – *Por que você não apareceu?*

Mantenha a dignidade, Lara. Deixe-o pensar que você tem controle sobre a situação.

– Você não tem o direito de invadir a ala feminina desse jeito. Saia.

Os olhos dele ferveram de raiva.

– Estou te esperando há quase uma hora!

Ergui o queixo. Não iria ceder.

– Estava dormindo. E é o que pretendo continuar a fazer, assim que você desconfiar que está invadindo minha privacidade.

– Eu disse para não me deixar esperando. Foi avisada. Não fui àquela maldita festa à toa. Tem ideia do que risco que eu tive que correr só para ir te ver?

Franzi o cenho, sem entender. *Risco?*

– Não pedi para que fosse – revidei.

– Então deve perguntar a alguém o significado de um *convite* – ele devolveu; abri a boca, mas logo a fechei. Essa tinha doído.

Pensei um pouco antes de falar. Ele me encarava, parado na porta do quarto, parecendo pronto para assassinar alguém. Medi minhas palavras. Não queria morrer de novo.

– Pedi para que fosse a festa, não para que me tirasse dela e me trancasse em meu próprio quarto. Gastei uma fortuna naquela festa.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Eu te reembolso. Cada centavo.

Clareei a garganta.

– Dinheiro não é a questão aqui. Eu não pude aproveitar a noite.

– Não havia nada que você pudesse aproveitar lá sem mim – respondeu ele simplesmente. Engoli em seco. *Arrogante.*

– Mesmo assim... – tentei me manter firme. – Não tinha o direito de me tirar de lá. Roubar-me da minha própria festa.

– Não posso roubar o que já é meu – ergueu uma sobrancelha negra e perfeita. Meu queixo caiu no chão. *Possessivo*.

Como eu não sabia mais o que fazer – e também para esconder o rubor que assolou meu rosto –, levantei-me e andei até a escrivaninha de Mayumi, pegando uma escova de cabelo e virando-me para a janela, que mostrava lá embaixo o gramado escuro, cercado por um denso bosque e, ao longe, os muros que cercavam a propriedade da Escola da Noite.

Podia sentir seus olhos queimando em minha nuca. Respirei fundo e tentei manter a calma. Comecei a pentear meu cabelo selvagem.

– Desculpe, mas ainda estou revoltada com o que você fez. Não vou para o salão com você hoje. Agora me dê licença.

Um silêncio pesado se abateu sobre o quarto. Eu só sabia que ele ainda não tinha ido embora porque sentia o perfume escuro e exótico de especiarias quentes no ambiente. Preocupada com a demora, virei-me para trás. Arrependi-me imediatamente. Luka me encarava com ódio, os olhos negros ardendo, flamejando em labaredas escuras, intimidadoras.

– Eu fiz minha família ir a sua maldita festinha. E agora sua amiga diz que você *não vai* descer para comer comigo. Não faça com que eu me arrependa do que estou fazendo.

– Eu desço se você pedir *por favor* – cruzei os braços. Aquela garota enfrentando Luka Ivanovick não parecia eu. Era quase uma experiência extracorpórea.

Luka sorriu um sorriso malicioso, totalmente irônico. Meu queixo caiu. Era o sorriso mais... Mais *perfeito* que eu já vira. Largo, branco, de tirar o fôlego – mesmo que sarcástico. Pequenas covinhas se formavam em suas bochechas coradas, contrastando com o fogo em seus olhos sempre negros.

É claro que ele não iria implorar.

– Vou lhe esperar mais dez minutos. Vá ou não vá, tanto faz para mim. Eu já passei de todos os meus limites para fazer isso dar certo mesmo. A decisão é sua. – E então ele virou as costas e foi embora, batendo a porta com rudez. Suas palavras, entretanto, contrastavam com a ferida que ouvi em sua voz.

Depois do barulho estrondoso, o quarto caiu num silêncio pesado. Só havia minha forma parada num canto, perplexa e irritada demais para reagir. Luka Ivanovick não admitiria ser deixado esperando. Amaldiçoei-o ainda mais porque eu me deliciava com o cheiro que ficara impregnado em meu quarto. O cheiro *dele*.

De má vontade, vesti uma calça *jeans* e um suéter fino azul claro. Fiz uma trança rápida em meu cabelo desgovernado e dispensei a maquiagem e salto alto. Hoje era domingo e não precisávamos usar uniforme, mesmo assim eu me obriguei a manter a simplicidade. Não queria que Luka pensasse que eu me arrumara toda só para ele.

Mas eu queria fazer exatamente o contrário do que qualquer garota faria.

Luka iria me ver de um jeito nunca antes visto: simples e natural. Zero ousadia. Fiquei apavorada de que isso desfizesse a atração, encanto ou possessão – seja lá o que for – que ele sentia por mim. Mas chegou a hora de mostrar quem eu realmente era.

O relógio marcava que este era o horário para o começo das atividades da Escola – ou seja: noite no mundo dos vivos. Todos acabaram de acordar, e a maioria devia estar de ressaca – inclusive eu. A bebida tinha um efeito estranho em nossos corpos mortos.

Quando cheguei às grandes portas duplas, engoli em seco. Como será que Luka olharia para essa Lara? A Lara simples, natural? A garota desleixada da praia que nunca usara um *lingerie* na vida? Não sabia, mas não podia manter meu disfarce para sempre. Não com ele. Magoava-me pensar que Luka se atraía por minha personagem inventada para a popularidade, não por *mim*.

Quando entrei no salão, várias cabeças se viraram para mim. A maioria tinha olheiras sob os olhos, de ressaca. Alguns alunos me olhavam diferente – metade das meninas, acusadoramente. A outra metade, com admiração. Os garotos só me olhavam curiosos.

Rolei os olhos pelo salão e soube imediatamente o motivo desse comportamento estranho. A mesa dos Ivanovick, nesta noite, só tinha dois membros da família: Nikolai e Alicia. Luka não estava com eles – o que fez meu coração morto se inflar.

No canto oposto do salão, ele se sentava sozinho numa mesa isolada, esperando por mim. Os braços musculosos cruzados, o boné vermelho virado para trás, a expressão arrogante e o brinco reluzindo atrevidamente em uma das orelhas. Seu perfil era perfeito, e sem sombra de dúvida ele era a pessoa mais bonita daquele salão. A pessoa mais bonita que eu já vira na vida.

Notando um burburinho pelo refeitório, Luka levantou bruscamente seus olhos negros para mim. Respirei fundo e me obriguei a andar em sua direção, o estômago despencando. *Siga em frente, Lara.*

Cheguei à mesa, ficando de pé na frente dele. Segurava meus braços contra o peito. Podia sentir a potência dos seus olhos negros sendo descarregada sobre mim, por isso não ousava levantar as íris. Era intimidador demais, como um cordeiro tentando encarar seu predador – que,

sem nenhuma razão aparente, de repente se interessara em passar tempo com a presa. Não devorá-la – mas *conversar* com ela, conhecê-la.

Como se o leão e a presa parassem de correr, se sentassem na relva e abrissem seus corações. Ninguém nunca tinha visto isso – e nem sabia lidar com isso.

– Estou aqui – murmurei de má vontade, olhando para o chão.

– Estou vendo que sim – ele devolveu, mas eu não pude ler seu rosto. Ainda não podia encará-lo.

– Certo, o que você quer? – perguntei hostil.

Sou problemática. Detesto demonstrar sentimentos e tenho horror à exposição. Odeio obedecer e pisar no meu orgulho. Mas naquela situação, eu me expunha para a Escola inteira, obedecia e pisava em meu orgulho. Tudo ao mesmo tempo.

Não era o meu melhor momento.

– Primeiro, quero que se sente – indicou a cadeira a sua frente com uma mão. Na superfície, sua voz permanecia afável, baixa, educada. No interior, sombria, selvagem, faminta. Sentei-me ali, dura e desconfortável.

– Depois, que olhe para mim.

Droga.

Levantei meus olhos hesitantemente. Arfei. *Aqueles olhos dele*. O que tinha neles? Algum encanto antigo com o poder de seduzir, de escravizar. Era quase impossível encarar aquele rosto perfeito, impassível, arrogante. Eu o odiava por me desafiar.

Eu o amava por isso.

– Seus olhos – o garoto arqueou uma sobrancelha negra de repente,

pendendo a cabeça para um lado, curioso. Seus fios negros e sedosos caíram por baixo da aba do boné, acompanhando em sincronia o movimento. – São mais claros de perto. Castanhos, cor de chocolate. Não negros.

Amei o sotaque russo que espreitava no veludo de sua voz. Soava musical. Luka sempre falava baixo.

– E os seus são mais escuros de perto. Se é que isso é possível – murmurei.

– Pena que mantenha os seus sempre baixados para a mesa. Por que não olha para mim?

Corei loucamente.

– Porque você tem o péssimo hábito de amedrontar os outros.

– Inclusive você?

– Principalmente eu – admiti.

Luka riu e eu me choquei. Não foi uma risada escandalosa, nem sequer uma gargalhada. Foi uma risada curta, discreta e musical. Borbulhante.

– Um traço de família – deu de ombros, e de soslaio pude ver um resquício do sorriso levantando o canto dos lábios vermelhos, perfeitos. Hoje era domingo e ele não usava uniforme. Mantinha o mesmo padrão de roupas escuras e elegantes.

– Percebi – comentei, tentando esconder o quanto aquilo me afetara. Então não havia só hostilidade nele. Luka Ivanovick sabia *rir*. Levantei meus olhos para encará-lo, mas baixei-os para a mesa quase imediatamente. Ardiam, negros e fixos em mim, como se eu fosse a coisa mais interessante do mundo.

Potentes, quentes e obsessivos.

Como eu não conseguia encará-lo, desviei meus olhos para sua família. Péssima ideia. Dei de cara com o olhar odioso de Alicia, por isso voltei a fitar a mesa.

– Sua irmã não parece gostar muito de mim.

Luka não se abalou. Cruzou os braços e se recostou na cadeira casualmente.

– Não é novidade. Ela não costuma gostar de ninguém.

– Bom, então eu fui a premiada. Porque está claro que ela ruma um ódio especial por mim.

Luka olhou para a irmã na mesa ao longe. Ela encarou Luka por um momento, desafiadora, depois desviou os olhos e falou alguma coisa em russo para Nikolai, que só nos fitava com curiosidade.

– É compreensível – Luka considerou. Eu só ouvia sua voz aveludada, sem coragem para levantar o rosto. – Eu mesmo estou tentando superar meu ódio por você.

Arqueei uma sobrancelha, olhando-o de relance – o máximo que eu conseguia fazer. Então eu não estava enlouquecendo – havia mesmo ódio naqueles olhares hostis que ele lançava para mim. Luka me odiava e admitia isso com uma naturalidade espantosa. *Olá, odeio você. Vamos almoçar juntos?*

– Costuma almoçar com todos que odeia?

– Não, só por quem... Como é que você disse mesmo? Só por quem *rumino um ódio especial*. Especial demais, que prende toda a minha atenção. – E mais uma vez seus olhos negros descarregaram toda a potência sobre mim.

Encolhi-me na cadeira.

– Devo ficar com medo?

Ele arqueou uma sobrancelha arrogantemente.

– Apavorar-se.

Segurei um sorriso. Não era um sorriso natural. Era meio histérico.

– Nesse caso, devo te lembrar que estamos em um refeitório lotado. Não pode fazer nada contra mim aqui. Metade está olhando para nós, metade está falando de nós.

De soslaio, podia ver meus amigos sentados em nossa mesa costumeira, encarando abertamente. Uns estavam chocados – como o inglês Ian e a portuguesa Catarina. Outros nos fitavam ressentidos, com ódios quase palpáveis – como Amy e Santiago. Já Mayumi, Aisha, Laila e Miguel só me fitavam encorajadoramente, como se me oferecendo um apoio moral. *Estamos com você.*

Sorri discretamente para eles; eu estava muito grata.

– Eu não estou nem aí para o que falam de mim – Luka me encarava atrevidamente. – Quando quero uma coisa, fico obcecado. Eles podem falar o que quiser, desde que não me irritem. Não sou do tipo que perdoa.

Merda. Balancei a cabeça para clareá-la. Ele não era bonzinho, e eu sempre tive um fraco pelos malvados.

– Os coitados não têm culpa de nada. Você está alterando a órbita social desse colégio, não deveria estar sentado nessa mesa comigo. Eles só estão confusos.

Luka olhou para eles. Todos desviaram os olhos rapidamente, assustados. Eu quase ri – mas aí me lembrei que estava sentada sozinha

numa mesa com ele. Não tinha motivos para rir.

– Nesse caso, acho melhor se acostumarem. Porque isso vai se repetir por muitas vezes. Quem sabe até definitivamente.

Encarei-o. Ele estava insinuando que iria se sentar comigo *todas as noites?*

– Sua família vai se zangar – murmurei.

– Daqui há uns tempos eles vão estar se sentando conosco, só precisam conhecer você. Mas, primeiro, *eu* preciso conhecer você.

Bufei.

– Não há nada de muito interessante, pode acreditar. *Eu* não sou um mistério.

– É um mistério para mim – ele ergueu uma sobrancelha. Como eu não respondi nada e somente baixei os olhos, ele exalou.

– Tudo bem, *Lara Valente*. Sobre o que quer falar? O novo corte dos nossos uniformes? A cotação do dólar?

Dei um meio sorriso.

– A cotação do dólar, por favor.

Ele deu um meio sorriso também. Mantinha os olhos fixos em mim, atrevidos.

– Bovespa sobe e volta ao nível de 58 mil pontos, dólar fica quase estável entre...

– Bovespa? – interrompi. – Conhece a Bolsa de valores de São Paulo?

– Não é a oficial do Brasil?

– Sim, é... Mas – franzi a testa – como sabe dessas coisas?

– Você não veio do Brasil?

– Sim.

– Então tenho que saber coisas sobre lá – esse era o seu raciocínio simples. Pisquei, chocada.

– Também sabe o PIB? IDH? Densidade?

– US\$ 2, 100 trilhão; o, 718, elevado e...

– Tudo bem, já entendi. Você sabe. – Ele era algum tipo de máquina? Nem eu, que era brasileira, sabia dessas coisas.

– Você perguntou – ele deu de ombros, como se fosse algo casual.

Fixei meus olhos em seu rosto, tentando discernir se ele estava ou não brincando. Ele me encarou de volta, olhos negros, sérios. Não estava brincando.

– Não acredito que decorou tudo isso – inclinei-me para ele, desconfiada.

Luka permaneceu parado em seu lugar, os braços cruzados, os lábios retorcidos num sorriso atrevido.

– Não decorei. Tenho memória fotográfica.

Balancei a cabeça, atônita.

– Você é completamente estranho.

– Que bom. Os normais costumam me entediar. – Luka me analisou de cima a baixo, depois ergueu uma sobrancelha atrevidamente, desafiando-me a contestar. Mas eu não lhe daria esse gostinho. Esbocei um sorriso no canto da boca.

– Deve ter razão.

Luka analisou por um momento minha reação, e, como seus traços perfeitos eram inescrutáveis, desisti de tentar saber o que ele estava pensando. Baixou os olhos para a mesa, lembrando-se da bandeja de comida intocada diante de si.

– Você me distraiu, quase me esqueci. Coma, peguei para você –

empurrou a bandeja na minha direção. Um pedaço de torta de morango, uma lata de Coca-cola e um sanduíche.

Senti-me lisonjeada. Então ele havia notado que eu gostava de comer durante os supostos “horários de refeições.” Por aqui, quase ninguém comia. Percebi que não havia nenhuma outra bandeja na mesa.

– E para você? Não pegou nada?

– Eu não como – informou simplesmente. Olhei para ele.

– *Nunca?*

– Nunca.

– Por que? Não consigo imaginar passar a eternidade nesse lugar sem nunca mais sentir o gosto da comida.

– Não gosto da parte de ter que botar para fora depois – ele fez uma careta adorável. Era engraçado vê-lo ter essas estranhas reações humanas quando, quase sempre, ele parecia uma estátua grega de mármore, perfeita e imóvel.

– Eu acho que vale a pena – dei de ombros, dando uma garfada na torta de morango. Derreteu na minha língua. Luka olhava para minha boca. Passei a língua pelos lábios limpando o glacê e ele ergueu o queixo, como se o tivessem desafiado.

– Está gostando? – tinha a voz de veludo estranha.

– Sim. Comida gordurosa é a minha preferida.

Ele franziu a testa, curioso por algum motivo.

– Não gosta de comida natural?

– Gosto. Mas prefiro as gordurosas. São mais românticas.

– Mais *românticas*? – Luka piscou, atordado. Foi a primeira vez que o vi sem reação.

– Sim, porque vão direto para o coração – sorri, satisfeita por mostrar a ele a Lara que eu realmente era. A que andava com suéteres velhos, sem maquiagem e capaz de fazer as piadinhas mais idiotas do mundo.

Luka virou o rosto e riu uma vez.

– Não sei nem o que dizer depois dessa. Isso é raro. Nunca perco as palavras.

– Então acho bom ir se acostumando. Porque eu também não. – Imittei sua expressão atrevida. Ele devolveu minha expressão, mudando de assunto de modo repentino.

– Diga-me uma coisa. Onde está seu *lingerie*?

– Dispensei-o por hoje.

– Por quê? – sua curiosidade era genuína.

– Podia dizer que estou guardando para uma ocasião mais quente. Mas é só porque pinica mesmo.

Luka deu um sorriso enigmático, encarando-me por um bom tempo. Seus grandes cílios faziam sombras em suas bochechas à luz das velas, penduradas às centenas no lustre medieval. Fiquei preocupada quando ele não falou nada.

– Por quê? Não gosta de mim nessas roupas? – olhei para o suéter puído, o *jeans* meio velho.

Luka analisou meu corpo até onde podia ver do seu lugar na mesa, olhos negros perturbados por algum motivo.

– Hummm – murmurou enigmaticamente.

Esperei, mas ele não emitiu mais reação. Engoli a mágoa e forcei um sorriso amarelo. Não obstante, meus olhos escorregaram para baixo sem minha permissão. Eu não podia aguentar ver sua análise fria e inexpressiva de uma Lara natural, sem artifícios ou maquiagem. Mostrei a ele quem eu era – e ele não gostou.

– Tudo bem, já entendi. Você gosta de saltos altos e todas essas frescuras.

– Pelo contrário – ele me surpreendeu ao contestar. – Nas... *Circunstâncias* em que nos encontramos agora – franziu a testa, considerando – acho que essa é a melhor opção.

– Por quê? – fiquei confusa. – Todas as outras garotas daqui usam.

Luka retorceu os lábios, parecendo contrariado.

– As outras garotas daqui são solteiras e não devem explicações a ninguém. Se for usar *lingerie*, use apenas para mim.

Abri a boca, escandalizada outra vez. De novo e de novo, ele me surpreendia. Ele não estava insinuando que eu não era mais solteira, estava? Será que fora um pedido implícito de...?

Luka olhou para a extremidade do refeitório e ergueu uma sobrancelha.

– Nosso tempo acabou, Lara Valente. A cozinheira já está impaciente para fechar o refeitório.

Olhei para a mulher rosada de avental, de pé atrás da mesa de comida praticamente intocada. Seus traços geralmente simpáticos se fechavam numa carranca impaciente.

– Certo. Acho melhor irmos embora mesmo. – Observei de má vontade enquanto os alunos do salão iam se levantando. Luka ficou de pé, jogou a mochila negra sobre os ombros – que carregava por algum motivo – virou o boné para frente e olhou para baixo, para mim.

– É domingo e eu e minha família costumamos sair no final da noite. Hoje você vai comigo, o que acha?

Escandalizada, não consegui responder. Ele sorriu maliciosamente, obtendo sua resposta.

– Ótimo, então.

Procurei controlar as reações de pavor e empolgação. Sair com ele e com a família dele. Luka, Alicia, Nikolai e *eu*. Simplesmente. Fazer um piquenique alegre com os Ivanovick não era uma cena que eu pudesse imaginar.

– Hã, certo. – Não era como se eu pudesse contestar, não é? – E para onde?

Luka ainda tinha o sorriso malicioso nos lábios, os olhos negros ardendo.

– Você vai ver. Te buscarei na porta do seu quarto na última hora da noite. Já conhece as regras, não é? Não me deixe esperando – arqueou uma sobrancelha. Com aquele sorriso perfeito e irritante no canto dos lábios, típico de quem sabia um segredo, virou as costas e foi embora, passando por entre as mesas do salão e deixando um rastro de murmúrios admirados e amedrontados para trás.

O tempo todo eu desejei saber *quem* era Luka Ivanovick. Apavorada, percebi que estava prestes a descobrir.

PARTE III

OS IVANOVICK

Capítulo Dez

As meninas surtaram quando lhes contei que iria sair com Luka Ivanovick.

Como tinha que preencher o espaço vazio do domingo até Luka aparecer, resolvi elaborar com Mayumi uma pequena festinha do pijama. Só convidamos Laila, Aisha e Catarina – porque essa última era a alma de qualquer festa. Nesse momento, pulava sobre a cama de Mayumi. A japonesa a tirava de lá. Ela voltava minutos depois.

Mayumi e eu espalhamos colchões pelo quarto de modo a abrigá-las. Fiquei aliviada em saber que Amy fora dar um passeio fora da Escola com Miguel. Não acreditava que Amy estivesse esquecendo Luka pacificamente. No meu íntimo, eu sabia que ela só queria ficar longe do colégio, amentrontada com o que poderia ver. Mas, talvez, com o tempo, Miguel

conseguisse fisgar seu coração ferido.

Só contei as novidades quando todas já estavam no quarto – o que estava deixando Mayumi muito impaciente. “Detalhes, minha filha. Eu quero detalhes sórdidos!”

– Então ele... Hã... Ele me *perguntou* se eu queria sair com ele e sua família mais tarde. – Dei uma modificada na verdade para manter o que restava da minha dignidade. Elas não precisavam saber que eu fora intimada.

– Oh, meu Deus, ela vai entrar para o família Ivanovick! – Mayumi me pegou num abraço entusiasmado e sufocante.

Laila só tampou a boca com as mãos, estarrecida. Aisha tentou dizer alguma coisa, mas Catarina a incomodava com os gritinhos e pulinhos que rangiam o colchão. A sul-africana se virou para ela, irritada. Eu ri. Quando é que Aisha não estava irritada?

“Cala a boca, mulher! Nós estamos lidando com uma notícia bombástica aqui!”

Todas riram, e Catarina somente lhe mostrou sua pequena língua rosada de gato.

“Obrigada”, Aisha agradeceu sarcasticamente e se virou para mim. – Bom, então é isso. Parece que finalmente uma de nós vai desencalhar! – sorriu e me jogou uma almofada. – E ainda por cima com Luka Ivanovick! É como ganhar na loteria dos relacionamentos.

Encontrava-me nervosa demais para sorrir. As suposições de para onde iríamos me consumiam. Aonde uma garota morta iria se encontrar com uma família morta, russa e assustadora?

– Larinha, você está meio verde – observou Aisha.

– Fique tranquila, eles não vão devorar você – Laila tentou me acalmar e eu gemi.

– Por favor, não use *Ivanovick* e *devorar* na mesma frase – implorei, enterrando a cabeça no travesseiro. Aquilo me dava ideias que eu não gostaria de ter.

– Gente, acho que ela precisa de uma água com açúcar – comentou Mayumi.

– Não, só preciso de uns conselhos – admiti. – Existe a possibilidade de alguém ter um manual de “Como sobreviver a um encontro com todos os Ivanovick”. Alguém?

Silêncio absoluto. Podia sentir os olhares penalizados sobre mim. Suspirei.

– Tudo bem. Só os conselhos já bastam.

Mayumi começou.

– Bem, o que eu posso lhe dizer é: mantenha a calma. Haja naturalmente, os Ivanovick não podem fazer nada contra você. Lembre-se: o pior que pode acontecer é te matarem e enterrarem seu corpo numa vala qualquer. O que tanto faz: você já está morta mesmo – ela sorriu confortadoramente.

Pisquei.

– Hã, obrigada. Acho.

– Agora sou eu – prontificou-se Aisha. – Primeiro encontro: um beijo ou dois. Mantenha-se em assuntos leves, divertidos. Não apavore o garoto com ideias de casamento – lançou um olhar para Laila significativamente. – Seja ousada, mas nem tanto. Sorria sempre, instigue,

mas estabeleça limites.

– É isso aí – Laila concordou. – Mas não o deixe encostar nenhum dedo em você!

– O quê? Ficou louca, mulher? – Catarina arregalou os olhos para Laila, depois se virou para mim. – Esqueça essa bobagem de conversa. Parta para o ataque! Agarre-o! Homens são assim, minhas queridas, tem que enlaçar de primeira, para garantir.

– Cala a boca, Catarina! – gritaram todas em coro e eu me peguei sorrindo, sentindo-me estranhamente em casa.



Assim que o relógio marcou a última hora da noite, ele não precisou bater na porta para anunciar sua presença. Senti o cheiro de especiarias escuras e envolventes, penetrando pela fenda da porta. É *claro* que ele estaria lá. Exatamente do jeito que anunciou.

Eu me olhei no espelho uma última vez, insegura. Como não sabia para onde íamos, optei por um vestido de verão azul escuro. Mais cedo, ao remexer nas minhas poucas jóias, abandonei tudo que era extravagante e optei por uma correntinha de ouro branco, herança da minha avó materna. Soltei os cabelos e passei uma maquiagem leve.

Assim que senti sua presença, abri a porta. Luka não se incomodou em bater. Ele tinha a consciência de que eu saberia que ele estaria ali – exatamente no horário marcado.

De braços cruzados, jaqueta de couro negra e feições arrogantes e

indecifráveis, ele se recostava à parede do corredor do outro lado da minha porta, esperando. Tranquei a porta atrás de mim e olhei para ele. Não era eu quem iria falar primeiro.

Luka me olhou de cima a baixo, calado, expressão enigmática. Senti-me corar.

– Não vai me contar mesmo para onde vamos?

– Não. – Respondeu simplesmente, os olhos negros fixos em meu rosto, arrogantes, indiferentes. Não parecia inclinado a falar mais nada.

Estalei a língua.

– Que bom. Só não me culpe se eu estiver mal-vestida.

Luka suspirou e se afastou da parede, começando a andar. Sem olhar para trás, respondeu.

– Não está. – Ele parecia completamente enraivecido com a minha presença. Fiquei carrancuda. Então por que diabos me convidara?

Andei atrás dele pelos corredores escuros do castelo, um percurso longo e silencioso. Quando descemos por uma escada circular de pedra, numa área desabitada do castelo da qual eu nem sabia da existência, senti uma pontada de medo.

– Não está me levando para uma tumba ou algo do tipo, está?

Luka sorriu enigmaticamente. Não era um sorriso feliz. Seus olhos negros ainda ardiam hostis, mas certa malícia retorcia o canto dos seus lábios para cima. Não sabia se eu deveria ficar aliviada ou preocupada.

– Ao contrário do que muitas pessoas daqui pensam, eu e minha família não somos vampiros.

Bufei.

– Não as culpo. Isso é resultado do seu comportamento insociável, quase misantropo.

Luka ergueu uma sobrancelha.

– Ou resultado de muita leitura juvenil.

Adentramos no que deduzi ser uma enorme garagem subterrânea. Estava escuro demais para que eu visse alguma coisa, e, pelos movimentos de Luka ao meu lado, pude ver que ele apertava o botão de um pequeno dispositivo. Um alarme soou duas vezes ao longe, acompanhado de faróis que piscaram também um par de vezes. As luzes da garagem se acenderam rapidamente, uma após a outra.

“Uau”, deixei escapar. A garagem da Escola da Noite encontrava-se abarrotada de carros. Todos caros e luxuosos. Os alunos daqui eram *mesmo* ricos. Eram carros que eu via constantemente nas ruas do Rio de Janeiro, aqueles que os empresários ricos gostavam de desfilar por aí – mas que a maioria esmagadora da população não tinha acesso.

– Vai ficar parada aí? – Luka já estava há vários passos à frente, mas eu não percebera. Continuava estagnada em meu lugar, atordoada com tanta riqueza.

Corri até chegar ao lado dele. Luka não olhava para mim. Mantinha os olhos sempre fixos à frente, hostis e ilegíveis. Aquilo já estava me irritando.

Ele andou para uma luxuosa Ferrari SUV preta. Não era um modelo rápido ou escandaloso, o que me fez erguer uma sobrancelha. Luka não parecia do tipo que escolheria um carro seguro e funcional em detrimento de uma potente máquina. Ele não tinha quatro filhos e nenhuma esposa histérica.

Mesmo assim, aquela Ferrari alta e grande era tão luxuosa que

humilhava os carros ao seu redor. Luka surpreendeu-me, abrindo uma porta para mim. Ainda tinha a expressão dura. Eu quase revirei os olhos com a contradição. Um cavalheiro arrogante.

Sentei-me no banco de couro claro e Luka fechou a porta mais forte do que o necessário. Fiquei tentando adivinhar motivos que o levariam a estar mais enraivecido que o normal – e só pude chegar a uma conclusão. Minha presença. Talvez ele tenha se arrependido de ter me chamado para sair.

Luka entrou no carro sem olhar para mim, e eu só pude me encolher no banco, arrependida de ter vindo. Ele ligou o carro e o acelerou desenfreadamente, manobrando-o como um louco. Reprimi um ofego com os movimentos bruscos. Qual era o *problema* daquele garoto?

– Pode parar de enfiar suas unhas na palma da mão – ele observou de repente. – Não vou bater com o carro. Também não é como se fizesse diferença – pausa para uma outra manobra louca. Quando o carro se estabilizou, ele completou num tom de detrimento, quase zombeteiro. – Já estamos mortos mesmo.

A zombaria em sua voz me surpreendeu. Ninguém aqui brincava com o fato de nossas próprias mortes – era um tema dolorido. Então por que aquilo havia soado tão ofensivo? Quase cruel? Era da *porra* da minha vida que ele estava falando. Meu futuro, a família que deixei para trás, que me fora roubada.

A porta automática se levantou e nós saímos a uma velocidade insana da Escola da Noite, adentrando numa estrada escura, cercada por árvores altas dos dois lados. Olhei para ele desprezando aquele perfil hostil, perfeito, iluminado à luz azul de neon do painel.

– Eu estou morta sim. Se você tem algum problema com isso, pode
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

parar essa porcaria de carro. Não vai querer um cadáver apodrecido sujando o seu banco de couro.

Luka retorceu os lábios, tentando controlar sua raiva. Seus dedos longos e bronzeados apertaram mais forte o volante, e ele acelerou ainda mais, deixando claro que não pararia o carro.

Virei-me para frente, carrancuda, os braços cruzados. Minutos se passaram até eu notar seu olhar negro se desviar uma vez para mim, quase imperceptivelmente.

– Não deveria agir de forma tão mal-humorada num encontro – ele observou de modo repentino. Eu ri sem humor nenhum. Então era *eu* quem estava mal-humorada? Ele queria realmente discutir sobre boa educação e etiqueta?

Ótimo. Talvez essa fosse a única disputa que ele perderia para mim – e olhe que nunca pensei que *eu* pudesse ser considerada mais educada e gentil que alguém.

– Isso não é um encontro – grunhi.

Ele ergueu uma sobrancelha, um sorriso malicioso nos lábios.

– E o que é então?

– Mais como um sequestro – mantinha os braços cruzados protetoramente, o rosto desviado para a janela, observando as árvores escuras lá fora sendo deixadas para trás rapidamente.

– Hummm – ele murmurou de forma enigmática, nem um pouco abalado. – Então não deveria agir de forma mal-humorada num sequestro.

Bufei. É claro que ele não iria pedir desculpas. Aliviava a tensão fazendo piadas. Bom, elas não iriam funcionar comigo.

– Quem é você para falar de educação? Poupe-me.

Luka riu:

– Você também não está nas melhores condições.

Revirei os olhos, ignorando-o.

– Você se irrita fácil. Por que será que não estou surpreso? – surpreendentemente, Luka parecia estar se divertindo.

– Você é bipolar? – virei-me para ele bruscamente. Luka olhou para mim, estranhando.

– Não que eu saiba.

– *Humpf* – grunhi e me virei para a janela outra vez. Ele esperou, mas eu não falei mais nada.

– Algum motivo para esse pergunta? – sua voz de veludo soava irritantemente racional. Agora ele faria com que a louca parecesse eu. Maravilha.

– Uma hora age como se eu fosse o maior dos fardos em seu carro, e na outra está fazendo observações espirituosas. Decida-se – bufei. – Ou vai me deixar louca.

Luka me lançou um olhar estranho, negro, fixo e intenso. Depois de algum tempo, comentou.

– Você é um quebra-cabeças para mim.

Pelo menos nós concordávamos em alguma coisa. Fiquei satisfeita de que ele não pudesse ver minha expressão satisfeita no carro escuro.

– De quinhentas mil peças. Se não tem capacidade para decifrar, vá jogar um jogo mais fácil.

Luka se virou para frente, olhando a estrada – mas com a luz azul do painel iluminando seu rosto, pude ver um sorriso satisfeito espreitando nos lábios. Eu balancei a cabeça, inconformada com a bizarrice do seu comportamento. Ora, parecia me odiar, e, ora, agia como se minha companhia fosse a mais interessante dentre as existentes.

Dei a ele um bom tempo de silêncio, de modo que ficasse sozinho com seus pensamentos. Quando achei suficiente, murmurei, fitando com curiosidade seu perfil misterioso.

– Você ainda me odeia?

– Sim – respondeu ele simplesmente. Levei algum tempo para digerir aquilo. Então ele me odiava. Mas mesmo assim estava me levando para conhecer sua família.

– Posso saber por quê? – seu ódio tinha que ser justificado, afinal.

– Não – ele franziu a testa – pelo menos ainda não.

– E o que está esperando para me contar?

Seu maxilar musculoso se trincou. Ele fazia isso quando eu tocava num ponto que o desagradava.

– Esperando descobrir o quanto eu quero você. Se for muito, vai saber mais coisas do que espera sobre mim. Eu abrirei para você todas as portas do meu mundo. Mas, se for pouco... – ele não completou a frase, ficando mudo novamente.

Baixei os olhos. Luka *me queria* – só não sabia o quanto. Aquela constatação não deveria ter me abalado tanto. Lembrei-me de Mayumi dizendo: *Luka Ivanovick não te escolheu como uma amiguinha. Ele te quer, Lara. Como namorada, companheira, mulher, ou seja lá como você chame.*

Ele te *quer*.

Ninguém quer se apropriar de algo sem motivação. Talvez ele fosse psicopata, talvez gostasse de mim. Talvez algum dia até... Amasse. Corei somente com o pensamento, os olhos fixos em minhas mãos, que a essa altura já estavam cruzadas no colo, os nódulos dos dedos brancos, apertados.

Amor. Eis uma palavra que não me era familiar. Entretanto, quando eu olhava timidamente para o perfil misterioso e perfeito de Luka, *amor* era a única palavra que me vinha a cabeça.

Eu não sabia se tinha o direito de usar essa palavra. Será que eu sequer sabia o que ela significava? Provei tantas misérias e restos de amor na vida que já nem sei se conheço amor de verdade. Talvez eu nunca tenha o visto, nunca tenha cruzado com ele por aí, nas baladas vazias das noites do Rio. E, apesar de não conhecer muito bem o meu coração, essa maldita palavrinha grudou nele – e meu órgão agora morto se encontrava intimidado com o desconhecido.

Meu coração e eu nunca nos demos muito bem. Nunca fomos muito um com a cara do outro. *Me deixe em paz que eu te deixo em paz*, era o nosso acordo tácito.

Mas, agora, o acordo fora por água abaixo. Eu nunca fui fraca. Podia aguentar as piores dores, as piores ofensas, as piores tragédias. Sempre me mantive firme e fria diante das perdas, das dificuldades da vida. Entretanto, sentada agora no carro escuro ao lado desse garoto, que causava um amor frustrado em metade do colégio e pavor na outra metade, cheguei a uma terrível verdade. Uma simples palavra dele poderia me quebrar, estilhaçar minha pose de durona em mil pedaços, desfazer toda a força com a qual enfrentei minha vida.

Não havia força em mim para enfrentar um acontecimento tão arrebatador quanto Luka Ivanovick. Superá-lo não era uma opção. Eu entendia perfeitamente agora o desespero de Amy Turnage. Não tem como *deixar* de querer Luka, deixar de amar seus cabelos escuros, desalinhados, sedosos, que se espalhavam para todos os lados debaixo da aba do boné. Deixar de admirar a beleza e elegância da curva dos seus lábios, seus traços refinados, o maxilar masculino, musculoso... E os *olhos*. Ah, não tinha como deixar de amar aqueles olhos negros, que me faziam confessar meus mais íntimos segredos e não devolviam nada em troca.

Eu queria dizer a ele: *eu também te quero. Só não sei o quanto, porque é sem medidas.*

Superei minha timidez para tentar fazer a pergunta que se entalava em minha garganta.

– Como pode não saber... O quanto quer alguém?

Seus ombros fortes se ergueram uma única vez.

– Nunca tive nenhum parâmetro para comparar.

– Então... Nunca quis outra pessoa? – tentei soar natural.

Ele demorou a responder, e qualquer resquício de leveza que havia em seu rosto sumiu. Seus olhos fitavam a estrada, sombrios.

– Não tanto quanto quero agora.

Baixei a face, reprimindo um sorriso.

– E isso é ruim para você? – perguntei. Ele falava aquilo como se estivesse dando um atestado de óbito, afinal.

Luka sorriu um sorriso frustrado, nada feliz.

– Se você soubesse só da metade do que... – parou, perdendo as

palavras em meio à frustração. Ele apertava o volante mais do que o necessário, seus olhos continham uma fúria assassina, e eu pude ver que uma mágoa antiga espreitava ali. – Entenda, não há nada que eu valorize no mundo mais do que minha família. Estar aqui com você é como se eu virasse as costas para eles, cuspissem em tudo o que eles fizeram por mim.

– Eu... – olhei para ele, sobressaltada por sua expressão afetada, mais intensa do que eu jamais vira. Luka deixava uma beirada de sua máscara de indiferença cair. Por trás dela, escondia-se uma tempestade. – Me desculpe – foi só o que pude pensar em dizer. – Não queria causar problemas – gaguejei.

– Tudo bem – ele suspirou frustrado, fechando os olhos por um segundo. – Você não tem culpa por existir. Eu é que estou arruinando tudo, incluindo você no topo das minhas prioridades.

Esperiei que ele continuasse, mas Luka trancou os lábios, a expressão retorcida no que parecia ser uma mistura de angústia, raiva e frustração.

– Desculpe-me, Luka. Eu não tenho ideia do que você está falando, mas ainda assim, me desculpe. Eu só espero que, com o tempo... Só espero que você não me odeie tanto.

– Eu odeio mais a mim mesmo do que a você, neste exato momento.

Ele me olhou de soslaio enquanto eu desviava os olhos magoados. Não sei dizer se o que ele falou em seguida foi para me deixar melhor – improvável – ou somente uma justificativa para si mesmo.

– Mas tudo bem, minha escolha já foi feita. Não importa se você for minha ruína. Eu decidi arriscar.

Luka fez uma curva fechada e chegamos a uma clareira. Uma pequena casa de madeira situava-se ali, abandonada. Somente uma lâmpada a gás

dependurada na sua entrada dava algum sinal de habitação. O capim crescia ao seu redor, tornando-a selvagem. As janelas empoeiradas estavam escuras.

Nada de restaurantes. Nada de luz de velas. Luka Ivanovick me trouxera para uma cabana abandonada caindo aos pedaços. Engoli em seco e olhei para Luka, tentando ver evidências em seu perfil de um tarado psicopata.

– Essa é a hora em que eu fico feliz por já estar morta – comentei. Ele ergueu uma sobrancelha, saindo do carro.

– Eu ainda posso te esquartejar e abandonar seus restos mortais nessa cabana.

Reduzi os olhos a fendas. Que engraçado.

Luka contornou o carro e abriu a porta para mim. Eu ainda achava seu cavalheirismo completamente estranho. Quem dera se todas as pessoas que me odiassem sentissem a compulsão de abrir portas para mim. Até que esse bipolarismo não era de todo mal.

Eu saltei do alto carro, abraçando a mim mesma e olhando desconfiada para o que, num passado bem distante, pareceu ser um chalé. Luka riu da minha expressão.

– Não precisa ficar com medo, não tem nada lá dentro que possa te morder – virou-se com um sorriso malicioso e se pôs a andar na direção da casa escura. – A não ser eu... – pensei tê-lo ouvido adicionar baixinho, parecendo se divertir com a situação.

Uma garota esperta entraria no carro às pressas e sairia dirigindo, deixando-o sozinho por lá. Entretanto, eu teria que roubar as chaves que permaneciam seguras em suas mãos – e certamente Luka teria muito mais

reflexo que eu. Impossível.

Mas mesmo que fosse possível, não fugiria. Eu estava pagando para ver. Só esperava não pagar um preço alto demais.

Luka desviou da entrada principal da casa e contornou até os fundos. Eu o segui, tropeçando na grama alta e mal cuidada. Luka apertou o botão de um pequeno dispositivo que tirou do bolso, e a porta de uma garagem eletrônica se abriu, surpreendendo-me. Aquilo fora instalado depois da deterioração da casa.

– Nós não usamos a casa. Só a garagem. – Ele explicou. – É um lugar abandonado e conveniente. Perfeito para guardar o que queremos.

Uma luz automática se acendeu, e, ao canto da enorme garagem, havia o carro mais bonito que eu já vira na vida. Uma Ferrari rebaixada, conversível, de um vermelho-sangue reluzente. O leão dourado brilhava intimidador sobre o capô, a marca de sua família.

É claro. Agora estava explicado. Aquele não era o verdadeiro carro de Luka Ivanovick. *Esse* era. Veloz, imponente e ousado como ele.

– O quê? – Luka olhou para minha cara de surpresa. – Você não achou que eu dirigisse aquele lá *o tempo todo*, achou? – parecia tão óbvio saindo da boca dele que eu acabei acreditando que era perfeitamente normal uma pessoa ter dois carros luxuosos. Um não bastava. Não para ele.

Luka mais uma vez abriu a porta do carona para mim e eu entrei, tentando não tocar em nada, com medo de estragar todos aqueles dispositivos e botões. Ele ocupou o banco do motorista, parecendo estar mais confortável agora. A potência daquele carro o agradava, e eu fiquei satisfeita com a sutil mudança do seu humor.

– Coloque o cinto – mandou, e eu obedeci na hora. Assim que ele

ouviu o estalido do cinto se travando, acelerou loucamente, fechando a garagem com um clique no dispositivo e rapidamente deixamos a cabana para trás, bem como o antigo carro.

Apavorada com a velocidade, eu me segurava onde podia.

– Meu Deus – minha voz saía esganiçada – você precisa *mesmo* dirigir como um louco?

– Não sou eu quem dirige o carro – ele sorria atrevidamente – é o carro quem dirige a mim.

E assim aceleramos mais na rodovia escura. Ao nosso redor, as árvores verde-musgo sumiam, os enormes e velhos pinheiros das terras frias inglesas rapidamente sendo deixados para trás.

– Onde estamos indo? – tentei manter a calma.

– Encontrar meus irmãos, finalmente – ele dirigia àquela velocidade como se fosse uma coisa perfeitamente natural.

Em poucos minutos chegamos à outra clareira, à beira da rodovia e no meio do nada. Ao redor, só se viam os altos carvalhos e uma névoa espessa, agourenta. A cena que me esperava parecia saída direto de um filme de terror. Sentados sobre os capôs dos seus respectivos carros, Nikolai e Alicia Ivanovick nos aguardavam.

Somente os faróis azulados das Ferraris iluminavam o ambiente. Alicia permanecia sentada sobre o capô de um carro extremamente parecido com o de Luka, porém preto. Já Nikolai se recostava no seu, os imensos braços de halterofilista cruzados. O carro de Nikolai era de um modelo diferente, ainda assim conversível, parecendo projetado para a velocidade. Reluzia no escuro e em uma cor azul-marinho, o leão dourado da Ferrari completando a cena.

Os Ivanovick estavam longe demais para que eu visse suas expressões. Luka parou o carro bem na frente do de Alicia, em uma manobra insana. Engoli em seco. Então era aqui meu apavorante encontro com os Ivanovick. No meio do nada.

Luka não usava cinto, porém inclinou-se para desafivelar o meu.

– Pronta?

– Nem um pouco – gemi.

– Relaxe. Eu estou aqui – ele piscou maliciosamente e saiu do carro. Fiquei paralisada em meu banco. Ele havia... *Piscado* para mim?

Meu lado racional dizia que o garoto estar ali não era sinônimo de proteção, muito menos motivo para relaxar. Pelo contrário – deveria ser a causa de uma maior preocupação e cautela. Tentei me tranquilizar. Evidentemente as pessoas do colégio notariam se eu não voltasse.

Como eu sabia que faria, Luka contornou o carro e abriu a porta para mim. Saí de lá, a cabeça baixa, encarando fixamente o asfalto. Podia sentir os olhos dos Ivanovick queimando sobre mim, analisando-me. *Então essa é a garotinha que vem causando tanto transtorno? E só isso?*

Mas o que se seguiu não foi o que eu esperava. Para a minha surpresa, ouvi uma voz animada e poderosa que só poderia pertencer a Nikolai.

– Irmãzinha! – ele se aproximou de mim com um lindo sorriso caloroso, do tipo que tirava o fôlego de qualquer mulher. Para o meu completo espanto, pousou uma mão no topo da minha cabeça e bagunçou meu cabelo. Uma atitude de camaradagem, como se fôssemos íntimos. – Você veio! E não é que Luka conseguiu mesmo te arrastar para cá! – jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Alicia não se aproximou. Só encarava a cena com olhos negros e hostis.

Mas eu não me importei – encontrava-me imersa em minha própria bolha de felicidade. Nikolai não queria me devorar – pelo contrário. Ele parecia... *Me aceitar*. E bem até demais. Até mais do que o próprio Luka – que ainda não se decidira se me odiava mais ou se me queria.

– Pois é, eu vim – sorri timidamente. Que rosto não se iluminava perto daquele sorriso tão enorme e sincero de Nikolai? Era quase impossível não retribuir. Como um homem daquele tamanho, cheio de músculos, poderia ser tão afável?

– Mas você veio por livre e espontânea vontade ou arrastada? Meu irmão pode ser bem *persuasivo* quando quer. Acho que você me entende. – Nikolai piscou. Os Ivanovick eram demais para a compreensão de qualquer um. Mas os Ivanovick *piscando*... Bom, aí já era demais.

– Hã, um pouco dos dois, para falar a verdade – ri, sem graça. Essa interação revelava-se inédita e maravilhosa para mim.

Nikolai gargalhou alto. Aquela situação parecia o divertir imensamente.

– Não me diga que ele te jogou dentro de um saco e te carregou para cá? Isso é o que eu chamo de arrastar para conhecer a família! O tato desse garoto com as mulheres é impressionante! – riu mais. – Cuidado, garotinha, pode acreditar no que dizem por aí. Nós somos mesmo os monstruosos Ivanovicks – Nikolai franziu as sobrancelhas, tomando um tom de voz agourento hilariante.

– A gente faz o que pode – dei de ombros, olhando para Luka em busca de aprovação. Sabia que sua família era a coisa mais importante para

ele, e eu queria fazer por merecer estar aqui, desvendando os mistérios do seu recluso mundo.

Todavia, o rosto de Luka me surpreendeu. O mais novo dos Ivanovicks tinha um sorriso nos lábios macios, vermelhos. Não era um sorriso irônico ou malicioso. Ao contrário.

Era um sorriso imperceptível – porém honesto, distraído, satisfeito. Luka estava gostando da cena que via, e não havia ali nenhum relance de hostilidade ou sarcasmo. Parecia... Gostar de me ver sendo aceita por sua família. Gostar *de verdade*. Sem máscaras. Sem querer manter ninguém de fora da sua solidão autoimposta.

Uma sensação quente invadiu meu peito, acariciando as bordas mortas do meu coração. Se eu não soubesse que era impossível, quase podia senti-lo bater de novo, cheio de esperança por uma situação que ainda não entendia muito bem, não conhecia. Luka. Eu. Os Ivanovick.

Isso podia dar certo.

Nikolai bateu no ombro de Luka uma vez.

– Eu te falei, irmãozinho! Mas você não quis seguir meus conselhos, não é?

Luka ergueu uma sobrancelha desafiadora para o irmão. Mas, no fundo, eu sabia que ele estava se divertindo, pois o mínimo sorriso ainda levantava um canto da sua boca.

– Seus conselhos consistem em jogar a garota sobre um ombro e carregá-la para onde quiser.

Nikolai abriu a boca, mas logo a fechou. Franziu a testa e olhou para o lado, refletindo.

– Hum, é. Você tem razão. Livre arbítrio só deixa as coisas menos interessantes – sorriu maliciosamente. – Mesmo assim, eu tenho certeza de que conseguiria trazer a Lara para cá com muito mais eficiência que você.

Gostei do modo como ele me chamou pelo nome com tamanha intimidade. Nikolai não tinha frescuras.

Resolveu me aceitar e ponto. Percebi que eu já gostava imensamente dele, mesmo conhecendo-o só há dois minutos.

Luka revirou os olhos. Era maravilhoso ver divertimento naqueles olhos negros, sempre tão sombrios.

– Ela está aqui, não está?

– Está, mas nunca se sabe quando ela pode sair correndo – Nikolai me lançou um olhar, mas foi interrompido pela chave de braço repentina que levou do irmão. Luka se movia com rapidez. Em uma fração de segundo, submeteu Nikolai, segurando seus braços nas costas numa briga fingida.

Nikolai era muito maior que Luka, porém o irmão mais novo conseguiu o submeter por longos segundos. Talvez porque, embora fosse mais esguio, Luka fosse mais esperto e ágil. Eu sabia que não era uma briga de verdade porque ambos tinham um sorriso no rosto.

– É briga que você quer? – perguntou Luka, com uma mão torcendo o braço do irmão, e a outra pressionando a cabeça, cujos cabelos negros possuíam um corte curto e militar.

– Sempre! – Nikolai bradou. Girou, inverteu as posições e submeteu o irmão.

Eu ofeguei, meio encantada pela cena familiar, meio aflita. Apavorava-me a ideia de Luka estar em perigo de se machucar – mesmo que minimamente. Nikolai cantou vitória:

– E os mais velhos vencem, como sempre!

Luka sorriu malicioso.

– Alguém aí está precipitado – e inverteu as posições novamente, ágil e rápido. – Ah! Filho da mãe! – riu Nikolai, sendo libertado e pegando a cabeça do irmão. Jogou o boné vermelho no chão e esfregou os nódulos poderosos dos dedos na cabeça de Luka, desalinhando ainda mais seus cabelos.

Quando Nikolai o soltou, Luka ainda tinha um sorriso no rosto. Abaixou-se e pegou o boné vermelho no asfalto, arrumando os cabelos com a outra mão. Ele não tinha o menor jeito para isso, portanto seus fios negros e sedosos só ficaram mais bagunçados. Aquilo me despertou a intensa vontade de ir até lá e arrumá-los eu mesma, correr meus dedos por eles, sentir a textura...

– Lara deve estar achando que nós somos selvagens – comentou Nikolai, rumando para o seu próprio carro e abrindo a porta.

– Já vi piores – sorri para o grandalhão.

– Ótimo, porque nessa família não tem gente fraca – Nikolai me lançou um olhar atrevido. Eu baixei os olhos, intimamente satisfeita. *Nessa família.* Ele estava me incluindo?

Luka se aproximou de mim, colocando o boné de volta na cabeça. Virou a aba para trás e revirou os olhos.

– Ignore essas demonstrações públicas de afeto. Nikolai é assim mesmo. Enorme daquele jeito e com alma de mocinha.

Algo foi atirado na cabeça de Luka, claramente com a intenção de machucar. Não obstante, Luka era muito rápido. Pegou o que parecia ser um macacão dobrado antes de atingi-lo. Os reflexos dos Ivanovicks eram

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

impressionantes – eles eram velozes em *tudo*.

– Ei! Está tentando me matar? – Luka gritou para Nikolai, que se recostava em sua Ferrari com uma expressão nada culpada. Tinha as sobrancelhas negras e perfeitas franzidas.

– Vou te mostrar quem é a mocinha, seu ingrato.

– Tô pagando para ver – Luka ergueu uma sobrancelha, divertindo-se.

– Vamos começar essa porcaria ou não? – uma voz gelada cortou o clima leve do ambiente. Relutante, direcionei meu olhar para Alicia Ivanovick. A irmã de Luka sentava-se por cima do capô negro do próprio carro, recostada no vidro. Mantinha os braços cruzados numa posição defensiva, as íris pretas hostis, encarando nossa interação com desprezo.

À luz dos faróis azulados, Alicia era ainda mais linda e intimidadora. Felina, esbelta e misteriosa, assim como todos os irmãos. Eu é que não queria ficar sozinha com ela naquela estrada escura.

– Tem razão, Ali. Chega de enrolação. – Interferiu Nikolai. – Jogue meu macacão de volta, Luka.

Luka jogou de volta o macacão de couro negro para o irmão, que o pegou com um movimento no ar.

Como eu não havia encarado por muito tempo Alicia – eu tinha amor próprio, tenha dó – só agora percebi que ela também usava um macacão negro de couro, que cobria toda a superfície esbelta do seu corpo. Seu cabelo negro e roxo fora preso num alto rabo de cavalo e, sobre suas pernas cruzadas, havia um capacete.

O macacão dela, assim como o de Nikolai, estava cheio de adesivos de propaganda, típicos dos pilotos da Fórmula Um. Sabia que os Ivanovick, por serem sócios da Ferrari, deveriam estar bem familiarizados com isso.

Luka encarou Alicia por um momento, e ela devolveu o olhar negro sem oscilar. Alicia não tinha motivos para ter medo do irmão – ela era igualmente assustadora. Luka deu-lhe às costas e foi até o banco traseiro do seu carro. De lá, tirou uma mochila. Foi um rápido lapso de tempo – mas mesmo assim eu me senti totalmente exposta parada ali, sozinha no meio do asfalto, sob o olhar sinistro de Alicia.

Da mochila, Luka tirou um macacão também negro. Então era isso que ele andava carregando de um lado para o outro... Humm. Interessante saber.

– Droga – ele sibilou. – Mande fazer um para a Lara, mas me esqueci que ainda não chegou.

Olhei para Luka, totalmente estarecida. Ele *mandou* fazer um macacão para mim? Então planejava que esses encontros acontecessem mais vezes...

Luka interrompeu meus pensamentos, falando com a irmã algo que me deixou perplexa.

– Alicia, você poderia emprestar seu macacão reserva para Lara? Tenho um capacete aqui, mas meu macacão ficaria muito grande nela, senão eu emprestaria o meu próprio.

Alicia lançou um olhar de incredulidade para o irmão. Luka a encarou, esperando.

– Por favor? – adicionou Nikolai, tentando apaziguar as coisas. *É claro* que Luka não pediria com gentileza.

Eu estava prestes a chocar uma ninhada de ovos, tamanho meu nervosismo. Aturar minha presença era uma coisa – mas *obrigar* Alicia a me emprestar uma de suas roupas? *Eles enlouqueceram?! Não!*

Luka e Nikolai não percebiam que a estavam pressionando demais? Aquela garota me odiava! E eu não queria lhe dar mais motivos para invadir meu quarto enquanto eu dormia e decepar minha cabeça.

– Acho que isso não é necessário – murmurei totalmente constrangida.
– Não preciso de um macacão, gente, é sério.

– Não, é necessário sim – discordou Luka. – Não posso deixar você sem um.

– Vamos, Alicia. Não queremos que a Lara se machuque, não é? – completou Nikolai, e Alicia lançou- lhe um olhar ácido de pura traição. Como assim *me machucar*?

– Não precisa – sibilei, lançando um olhar sugestivo para Luka. O que ele estava tentando fazer? Provocar ainda mais a aversão de sua irmã contra mim?

Luka suspirou, sem me dar a mínima atenção.

– Anda, Alicia. Estamos perdendo tempo parados aqui.

Quase me perfurando com os olhos, Alicia desceu do capô de sua Ferrari e abriu o porta-malas, seus movimentos bruscos, cheios de ódio contido. Pegou uma mochila e fechou o porta malas. Com mais força do que seu corpo magro parecia ter, jogou a mochila em minha direção – com a evidente intenção de acertar bem no meio da minha fuça. Esse era o único comprimento que eu teria vindo dela. *Olá, irmãzinha* – pausa para uma mochilada na cara – *bem vinda à família!*

Mas Luka entrou na frente, pegando a mochila com um movimento rápido. Lançou para a irmã um olhar recriminador. *É melhor não tentar fazer isso outra vez* – era o que seus olhos diziam.

Ele não gostava do comportamento de Alicia em relação a mim.
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Todavia, também não a culpava. *Eu mesmo estou tentando superar meu ódio por você*, lembrei-me do que ele disse mais cedo. Só que a irmã não tinha me convidado para sair. Ela não estava tentando superar nada.

– Vista – mandou, entregando-me o macacão de couro dobrado.

Olhei para a rodovia escura, uma Alicia hostil parada de braços cruzados, um Nikolai recostado na sua Ferrari, esperando, já em seu macacão...

– Hã, aqui?

Luka revirou os olhos, um sorriso discreto no rosto. Esta noite ele estava estranhamente propenso a sorrir. Deveria estar feliz – o que era raro.

– Por cima da roupa, é evidente.

– Ah.

Enquanto Luka tirava a jaqueta e colocava seu próprio macacão, vesti o que me fora emprestado por Alicia. Ela era mais alta e esbelta que eu, portanto tive que dobrar as mangas.

– Pronta? – perguntou Luka. Virei-me para ele e... *Uau*.

Luka Ivanovick dentro de um macacão de couro negro e coladinho era uma cena digna de uma foto. As garotas da Escola não tiveram o privilégio de ver isso, mas eu certamente contaria em detalhes para elas. Essa informação precisava ser passada a diante.

– Aham – murmurei, meio constrangida pela forma como o macacão colava-se ao meu corpo. Eu já tinha usado roupas muito mais ousadas na frente dele, mas agora era diferente.

Luka correu os olhos pelo meu corpo, uma sobrancelha erguida atrevidamente.

– Eu deveria ter lhe trazido aqui antes.

– Tudo pronto? – perguntou Nikolai.

– Argh, pelo amor de Deus, chega disso. Vamos logo. – Cortou Alicia, enquanto entrava no próprio carro e colocava o capacete.

Franzi a testa.

– O que vamos fazer? – perguntei para Luka. Ele tinha a expressão de quem estava aprontando.

– Entre no meu carro e verá.

Eu tinha muito amor ao meu corpo morto para discutir. Luka abriu a porta do carona para mim. Ele demorou alguns segundos para pegar algo no porta-malas, e subir o capote do carro conversível. Quando ele mesmo entrou em sua Ferrari vermelha, tinha dois capacetes negros nas mãos.

– Chegue mais perto – mandou. Analisou-me, descendo os olhos lentamente do meu rosto para o meu pescoço, clavícula... – Hum, segure seu cabelo.

Segurei meu cabelo numa das mãos e Luka se aproximou do meu banco para colocar o capacete na minha cabeça. Fiquei tensa. Aquilo foi o mais próximo que já ficamos desde a festa.

Mesmo depois de terminar seu trabalho, Luka permaneceu perto demais. Como ele era muito mais alto, seus olhos tinham que descer para encontrar os meus. Depois, aquelas íris negras arderam sobre os meus lábios, exigentes, curiosas.

Permaneci imóvel, cheia de expectativa. Quando eu pensei que ele iria se aproximar mais, desviou o rosto abruptamente e voltou ao seu lugar. Sua expressão perdeu todo o calor. Agora voltara a ser fria, cruel. Aquelas

oscilações de humor estavam me matando.

– Coloque o cinto. – Não entendi que emoção distorcia sua voz. Na superfície, raiva. No interior, algo que uma mera mortal como eu não poderia entender. Apesar de tudo, Luka continuava sendo um mistério. Ainda não revelara nada sobre sua existência.

Se eu lhe quiser muito, vai saber mais coisas sobre mim do que imagina.

Aparentemente ele não me queria tanto assim. Engoli a mágoa estúpida. O que eu estava esperando, afinal? Um pedido de casamento? *Não seja burra, Lara. O garoto te odeia.*

Luka tirou o boné vermelho e colocou o capacete. Fiquei escandalizada quando ele, sem nenhuma palavra, estendeu o boné para que eu segurasse. Guardei o boné cuidadosamente entre meus dedos, inebriada com o cheiro quente e irresistível de especiarias que viera com ele, inundando meus sentidos e formigando minhas mãos.

Esperei que ele afivelasse seu cinto para perguntar.

– O que vamos fazer?

O capacete só cobria sua cabeça, deixando o rosto perfeito livre. O painel do seu carro fazia uma contagem regressiva estranha.

Quatro, três, dois...

Luka sorriu maliciosamente, os olhos negros fixos a estrada.

– Uma corrida.

– *O quê?! – berrei.*

Um.

Um som apitou dentro do carro e Luka acelerou sua Ferrari como um louco, bem ao lado dos carros dos irmãos. Segurei-me onde podia, apavorada. O velocímetro do carro voava, aumentando a velocidade a cada segundo. Duzentos por hora. Duzentos e cinquenta...

– Mas que merda, Luka! Diminua isso! – eu iria morrer. De novo. Então estava explicado: os capacetes, os macacões de couro de pilotos de corrida... Essa era a diversão insana e perigosa deles.

Luka ainda tinha aquele sorriso competitivo nos lábios, driblando perigosamente os irmãos na rodovia escura e deserta.

– Diminuir? Nunca. A velocidade está em meu sangue.

– Mas no meu, não... Oh, meu Deus! – gritei quando ele fez uma curva fechada, colando-se ao carro de Nikolai. Era impossível fazer uma curva naquela velocidade e não capotar.

Ninguém capotou. Luka acelerou mais, deixando Nikolai para trás. Ele controlava o volante com seus músculos poderosos e a altivez de um tigre. Seu sorriso aumentou.

– Parece que eu vou ganhar a aposta.

Eu me encontrava pálida e histérica. Meus dedos estavam firmemente travados sobre o boné, nódulos brancos. Luka fazia as curvas mais inacreditáveis com perfeição, os pinheiros sendo deixados para trás em frações de segundos.

– Que... Que aposta? – consegui balbuciar, contendo o pânico.

– Nikolai apostou seu carro. Alicia dez mil da sua conta pessoal. Eu apostei você.

– Você fez *o quê?*! – berrei de novo. Eu estava gritando muito essa

noite. – Como assim apostou a *mim*?

– Cada um apostou o que lhe era de valor – ele deu de ombros, concentrado na estrada e na velocidade insana. Queria xingá-lo, mas perdi as palavras. A primeira coisa que tinha valor para ele era... Eu?

– Mas não se preocupe – ele interpretou errado meu silêncio, concluindo que eu me enraivecera. – Caso eles ganhem, Nikolai não vai fazer nada demais com você. Só aceitou a aposta para me irritar. Alicia é quem é o problema – ele franziu a testa.

Oh, meu Deus. *Alicia*. Certamente ela iria querer o direito de me enforcar ou algo do tipo. Não tive muito tempo para entrar em pânico – a corrida exigia toda a minha atenção. Outra curva louca. Luka derrapou, xingou em russo, virou o carro e acelerou de novo. Mas a essa altura Alicia já o tinha ultrapassado. Podia ver através do seu vidro escuro que ela tinha um sorriso vitorioso nos lábios e o dedo do meio virado para Luka.

– Mas essa... – Luka interrompeu-se, nem um pouco ofendido. Aquilo era normal entre eles. Pelo contrário, o mais novo dos Ivanovicks parecia mais motivado ainda, agora que fora desafiado. – Segure firme – avisou enquanto passava outra marcha, acelerando mais.

– Como se eu tivesse opção – murmurei, imaginando meu corpo despedaçado no fundo de um desfiladeiro. Eu já tive mais do que minha cota esgotada em relação a cair de penhascos, obrigada.

Se não fosse Luka ao volante, eu já teria sofrido um ataque histérico há tempos. Mas eu sabia que ele não bateria em nenhuma pedreira a beira da estrada – pelo simples fato de *ser* Luka Ivanovick. O que esse garoto não fazia com perfeição?

Nikolai o alcançou, mas como a estrada bifurcou-se repentinamente

em outra curva fechada, Nikolai teve que colar o carro na Ferrari de Luka para ultrapassá-lo. Um som alto e metálico ressoou pelo carro quando Nikolai acelerou e nos deixou para trás.

– Diabos – Luka rosnou, segurando o volante com mais força que o necessário. – Nikolai vai me pagar por esse arranhão – sibilou perigosamente, os olhos ardendo em fúria. Se havia alguma coisa que Luka prezava além de sua família, esse algo era o seu carro. Eu é que não gostaria de estar no lugar de Nikolai quando essa corrida terminasse. O que me fez lembrar que...

– Estamos em último lugar – lembrei-lhe. Ele só grunhiu em resposta, mal-humorado. – Não quero ser o troféu dos seus irmãos, então trate de acelerar – ordenei urgentemente. Luka olhou para mim, estupefato.

– Você quer que eu acelere?

– Anda logo! Rápido!

Um enorme sorriso tomou conta do seu rosto, meio malicioso, meio pervertido. Aparentemente ele gostava de garotas que apreciavam a velocidade.

– Você é quem manda – um brilho perigoso reluziu nas catacumbas escuras dos seus olhos, e eu soube que seus irmãos estavam perdidos. Luka acelerou. E dessa vez era para ganhar. – Não se preocupe. Eu nunca faço nada que não quero. E perder você não está nos meus planos.

Não sabia se deveria agradecer, portanto só segurei-me onde podia e observei a Ferrari praticamente voar pela estrada, ultrapassando Nikolai em poucos minutos e, bem mais a frente, encontrando o carro veloz de Alicia. Luka colou ao lado dela, e, quando Alicia nos viu em seu encalço, arregalou os olhos. Luka tinha um lindo sorriso vingativo nos lábios.

– Dê a ela o que ela merece, Lara – falou de repente.

Demorei um segundo para compreender o que ele queria dizer. Quando entendi, sorri vingativa. Realizaria um desejo íntimo. Debrucei-me sobre o banco de Luka enquanto ele baixava o vidro sorrindo largamente, os olhos brilhando de adrenalina.

Com uma expressão vitoriosa e os cabelos chicoteando no rosto devido à velocidade insana, ergui o dedo do meio para Alicia Ivanovick exatamente como ela fizera conosco.

Luka soltou uma risada alta e eu voltei para o meu banco, apavorada e orgulhosa de mim mesma. Ele levantou o vidro escuro, mas deu tempo de observarmos a expressão incrédula de Alicia.

Luka acelerou e logo a deixamos para trás. Segundos depois, o alto farol do carro iluminou uma linha amarela que demarcava a chegada no asfalto, na extremidade de outra clareira cercada por densos pinheiros. Luka ultrapassou a linha e ganhou a corrida.

– *Uhul!* – gritei eufórica.

O garoto socou o volante com o punho fechado, urrando em vitória. Tirei o cinto de segurança e me empoleirei para trás no banco, observando o carro de Alicia ultrapassar a linha de chegada bem depois do nosso.

Com uma derrapada, Luka parou o carro bruscamente, um sorriso vitorioso nos lábios. Tirou o capacete e seus fios negros escorregaram por sua cabeça, graciosamente desalinhados.

– Você ganhou! – tirei meu próprio capacete, mal podendo conter a empolgação.

– E você duvidou por algum momento disso? – ele piscou, saindo do carro. Eu mordi os lábios, tentada. *Nem por um momento.* Luka Ivanovick
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

era capaz de tudo. Simplesmente não perdia. Em nada.

Eu também saí do carro, ansiosa por ver Luka reclamar seus prêmios. Sentia-me imensamente orgulhosa dele – ainda que nós não fôssemos nada um para o outro e eu não tivesse o direito de me sentir assim.

Parada no asfalto atrás de Luka, observei Alicia sair do seu próprio carro, escancarando a porta e aparentando estar pronta para assassinar alguém. Escondi-me atrás dos ombros largos de Luka. Esse alguém não seria *eu*. Alicia apontou um dedo acusador para mim, os olhos negros brilhando de ódio, praticamente cuspiendo.

– Essa garota...!

– Só devolveu a gentileza, Alicia – Luka se prostrou na minha frente protetoramente. Aquela reação me... Emocionou. Fiquei paralisada. Luka iria me defender? Contra sua própria irmã? Mesmo me odiando?

Nikolai chegou, seu carro imponente derrapando entre nós, construindo uma muito bem-vinda barreira metálica entre Alicia e eu. O irmão mais velho saiu do carro.

– O que está acontecendo aqui?

Luka deu de ombros calmamente.

– Lara mandou Alicia tomar no...

– Esquece – interrompi afobada, lançando um olhar a Luka – não foi nada. Só um mal entendido.

– Argh – Alicia grunhiu, enojada em seu lugar. Ela não achava que eu tinha o direito de ir me intrometendo assim nas conversas de sua família.

Eu concordei silenciosamente com ela e fechei a boca. Mas ao contrário de mim, Luka não estava nem um pouco intimidado. Acostumara-

se a Alicia. Sorriu para ela perversamente.

– Você está me devendo dez mil libras. Espero tê-las em minha conta amanhã.

Alicia bufou, ultrajada.

– Vão se ferrar – virou as costas e entrou em seu carro. Acelerou e, derrapando, sumiu na estrada, deixando-nos sozinhos. Nikolai observava a cena de Alicia sumindo. Sereno. Pleno. Nada abalava o gigante.

– Sempre tão dramática – suspirou.

– Nunca soube perder – Luka revirou os olhos, mas não havia nenhum ressentimento em seu tom. Eu o entendia: era como as minhas brigas com Ana, minha própria irmã. Ela quase sempre me ameaçava de morte, mas no fundo eu sabia que ela morreria por mim, assim como eu morreria por ela.

E morri. Agora, Ana teria uma qualidade de vida muito melhor com a fortuna dos van Pelt – e eu passaria o resto da eternidade na Escola dos Mortos.

– Falando em perder... – Luka olhou sugestivamente para o carro de Nikolai, a expressão de quem estava aprontando alguma.

– Ah, é, apostei meu maldito carro – Nikolai revirou os olhos. – Aqui, tome as chaves – jogou-as para Luka. Fiquei perplexa.

– Luka – meu tom era de choque – você não vai tirar o carro do seu próprio irmão, vai?

Luka me olhou, perfeitamente racional.

– Ele o apostou.

Meu queixo caiu.

– E você me daria a ele caso perdesse? Assim, como uma mercadoria?
“Tome aí as chaves dela”?

Luka ergueu uma sobrancelha, os lábios cerrados, alguma coisa hostil se agitando na negritude de suas íris. Ele não gostava de ser contestado.

– Claro que não. Você é minha. – Rosnou.

Reprimi o sentimento quente que assolou meu peito com aquela afirmação. *Você é minha*. Mantive-me firme, a expressão dura. Luka não cederia se não fosse enfrentado de igual para igual.

– Pois bem. O carro também é dele.

Luka me encarou por um segundo, medindo forças. Quando viu que eu não iria desistir, suspirou.

– Tudo bem – jogou as chaves de volta para o irmão – pode ficar com o carro. Não a quero me olhando como se eu fosse um monstro pelo resto da eternidade.

Nikolai gargalhou para o irmão, parecendo se divertir imensamente.

– Que cena mais estranha! Nunca pensei em te ver numa situação dessas, irmãozinho!

– Ah, cale essa boca – Luka revirou os olhos e ergueu um braço para colocar sobre meus ombros. – Vamos – murmurou e, antes de me tocar, percebeu o que estava fazendo.

Fiquei congelada em meu lugar. Luka e eu simplesmente não nos tocávamos. Nunca. Será que ele transporia esse limite? E isso significaria que ele me queria mais do que odiava?

Mas Luka não transpôs. Baixou o braço abruptamente, olhou para a frente e se pôs a andar, ignorando-me. A alegria do seu rosto extraordinário

sumiu. Agora ele ficara hostil novamente, como se minha presença o incomodasse.

Eu não me surpreenderia se ficasse louca em uma semana.

Abriu a porta do carona para mim, sempre um cavalheiro – ainda que de má vontade.

– Coloque o cinto – grunhiu, fechando a porta com mais força do que o necessário. O estrondo da porta batendo reverberou nos meus ouvidos, e eu senti toda a potência daquela sua raiva repentina, que aparecia sem aviso prévio.

Luka sempre ficava assim quando ia me tocar e desistia. Alguma coisa o parava, frustrando-o e despertando a raiva – por mim ou por si mesmo, não sei. Em um momento eu o pertencia, e em outro ele me odiava novamente.

– Ei, nada disso! – Nikolai gritou ultrajado, ainda de pé ao lado do seu carro. – Eu apostei e dei minha palavra, o carro é seu. Não vou ficar aceitando esmola.

– Diga isso a ela – vi Luka dar de ombros, andando para o lado do motorista.

– Não se preocupe, Lara – Nikolai inclinou-se para me ver dentro do carro. – Eu estou precisando mesmo trocar de carro.

Ele não estava. Não poderia existir carro melhor do que sua Ferrari. Simples. E Luka não precisava de *mais um* carro.

– Não seja ingrato, Nikolai – sorri para ele. – Estou te poupando de voltar a pé por toda essa estrada.

Ele revirou os olhos.

– Tudo bem, Luka, sua garota é teimosa. Mas resolveremos isso amanhã numa revanche – Nikolai deu sua condição. – E sem namoradas! Vai ser coisa de macho.

Luka não contestou a parte do “namorada.” Escondi um sorriso.

– Não cansa mesmo de perder – Luka balançou a cabeça, entrando no carro.

– Mas a Lara poderia ser como aquelas garotas quentes que ficam esperando na linha de chegada – comentou Nikolai em voz alta, provavelmente para si mesmo.

– Não fique para trás *de novo* – Luka gritou para o irmão antes de fechar a porta. Isso foi incentivo mais que suficiente para Nikolai entrar em seu carro e nos seguir. Embora antes disso ele tenha feito questão de gritar para mim.

– Ei, Lara! Venha com uma roupa provocante!

– Vai sonhando – Luka grunhiu e acelerou, deixando o irmão para trás.

Foi uma viagem silenciosa – Luka não estava nada receptivo. Encarava a estrada à frente, os olhos negros misteriosos, concentrados em pensamentos desconhecidos para mim. Na cabana abandonada, trocamos de carro. Luka deixou os macacões no porta-malas da Ferrari.

Passamos por um caminho diferente para entrar no castelo. Consistia numa série de túneis subterrâneos, e, como Luka não parecia propenso a falar nada, imaginei que fosse porque, à uma hora dessas, os portões da Escola da Noite já estivessem trancados.

Ergui uma sobrancelha. Esse era um caminho muito conveniente para os alunos que quisessem dar uma escapada... Então foi por isso que, quando estava prestes a morrer, jogada por cima dos túmulos e da neve com o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

assassino em meu encalço, ouvi batidas vindas do chão.

Os túmulos da Sotrom eram somente fachadas – os corpos dos alunos mortos não apodreciam em caixões. Pelo contrário, se levantavam do famoso caixão do Sr. Field e conheciam a Escola da Noite. Fazendo um mapa mental do colégio, imaginei que os túmulos falsos ficassem aqui, bem acima desses túneis. Alunos dando uma escapada, ao ouvirem meu *toc toc* lá de cima, resolveram fazer uma brincadeirinha de mal gosto e responderem. Provavelmente tenha sido até algum dos meus amigos, considerando suas tendências a escapadas noturnas. Quantas pessoas da Sotrom eles já deveriam ter assustado?

Pobre Lucy, andando pelos corredores da Sotrom sozinha... A governanta já deveria ter levado vários sustos. Eu podia imaginar claramente Santiago ou Catarina aparecendo para ela “acidentalmente” numa esquina escura. Não foi a toa que a mulher se tornou paranóica.

O túnel desembocou diretamente na garagem da Escola, e, quando Luka estacionou e permaneceu imóvel em seu lugar, sem dar indícios de que iria se levantar, eu olhei de soslaio para ele e ousei cortar o silêncio.

– Seu humor é sempre tão volúvel assim?

– Não – ele uniu as sobrancelhas – geralmente eu sou muito controlado. Mas me tornei bastante... *Inconstante* depois que você chegou a este castelo.

– Posso saber por quê? – murmurei fracamente.

Luka suspirou. Parecia cansado.

– Por hora, vamos apenas dizer que eu estou querendo algo que não posso possuir. E isso é tão frustrante – ele massageou as têmporas com os longos dedos de pianista. – Eu não gosto de ser contrariado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não *pode* possuir? Então certamente ele não estava falando de mim. Eu estava bem ao seu lado. Mas toda vez que Luka ia me tocar, afastava-se rapidamente, como se minha pele queimasse. Ele já havia segurado meu pulso uma vez, arrastando-me para fora da festa. Depois, tivera que tocar meu cabelo para colocar o capacete; roçara também levemente em minha cintura para afivelar o cinto... Havia um denominador comum entre todos esses toques: eram hesitantes, como se Luka fizesse o possível para encostar em mim o mínimo possível.

Sabia que ele me odiava – mas será que também me considerava asquerosa? Tenha dó, ele não se dignava nem a olhar para mim!

Retirei-me do carro bruscamente, fechando a porta com violência. Saí da garagem sem olhar para trás. Estava cansada de mendigar os restos de sua atenção. Dane-se ele. Dane-se aquele estúpido jogo de adivinhação. *Odeio você. Não odeio mais. Agora eu odeio outra vez.* Argh.

Não ouvi seus passos, mas soube que ele me seguia silenciosamente devido ao aroma quente e escuro, seu perfume natural.

– Seu humor é sempre tão volúvel assim? – ouvi sua voz de veludo.

Mesmo sem olhar para trás, sabia que ele estava sorrindo. Ignorei-o, cerrando os lábios para não lhe falar umas verdades.

Luka me seguiu até a porta do meu quarto. Era meio engraçado ver a reação das garotas que conversavam no corredor, apoiando-se nas portas dos quartos com pijamas de seda. Ao verem Luka, as mais tímidas corriam para dentro dos quartos, as ousadas saíam acotovelando as amigas, e outras simplesmente petrificavam, assistindo com espanto sua invasão.

Sempre havia garotos do colégio se esgueirando para o dormitório feminino – contudo, eles eram mais discretos. Luka, não. Simplesmente

entrava. O queixo erguido, os olhos indiferentes fixos à frente, os passos rápidos, ignorando qualquer comentário.

Eu podia sentir seus olhos queimando em minha nuca, por isso soube que ele não olhava para nenhuma delas. O que as garotas deviam estar pensando? Nós não andávamos lado a lado, muito menos de mãos dadas ou conversando. Ele simplesmente... Seguia-me. Para o horror de todas elas, minha expressão não demonstrava estar satisfeita com isso.

Parei na porta do quarto, procurando a pequena chave da porta no decote. Não encontrei.

– Porcaria – grunhi. Bati na porta e ninguém atendeu. Era domingo a noite e Mayumi com certeza não estava no quarto. Eu tinha ficado para fora.

– Perdeu a chave? – Luka se recostava na parede ao meu lado, os braços cruzados, a expressão indiferente.

Tateei o decote novamente. Nada. Não era um lugar muito confiável para se colocar nada. Deve ter caído no caminho.

– É o que parece. – Suspirei. – Mayumi não está. Mas tudo bem, vou para o quarto de outras amigas para esperar ela chegar.

Luka ergueu uma sobrancelha, pensativo.

– Mas não é provável que suas... Humm – murmurou, um brilho estranho de divertimento nos olhos. – *Outras amigas* tenham saído junto com ela?

– Nesse caso, vou para o quarto de Santiago e Miguel – desviei os olhos, fingindo casualidade.

Luka reagiu exatamente do jeito que eu esperava. Desencostou-se da

parede abruptamente, o maxilar trincado, o olhar assassino. Todo o divertimento sumira.

– Não precisa incomodar ninguém, venha esperar no meu quarto. – E então virou as costas e começou a andar. Depois de alguns passos, virou-se. Encontrava-me de pé ainda no mesmo lugar, perplexa. Por *essa* eu não esperava.

Ele uniu as sobrancelhas.

– Não vai me obrigar a te carregar sobre um dos ombros, vai?

Fiquei desesperada, tentando lidar com meu conflito interior. Ir direto para o covil das cobras, a ala dos reclusos Ivanovicks – o quarto *dele*? Loucura. Insanidade.

Perder a chance de estar sozinha com ele num quarto? Maior insanidade ainda.

Fitei aqueles olhos negros decididos, que me faziam imaginar mil situações e não devolviam nada. Eu não podia deixar passar a oportunidade de conhecer um pedacinho da existência de Luka Ivanovick, quando ele abria uma deixa tão inesperadamente para mim – mesmo que só uma fenda. Isso era raro. Alguém mais, na história dessa Escola, teve ou teria uma chance semelhante?

Não. Se eu não conhecesse Luka *agora*, ele não permitiria que ninguém mais o fizesse.

– Tudo bem – murmurei, seguindo-o com os olhos baixos.

Mais uma vez as garotas curiosas saíram dos seus quartos. Todavia, a maioria já se encontrava no corredor, tendo saído às pencas para fofocarem sobre o visitante recente. Eu não gostei de vê-las ali, expondo suas belas pernas para nas camisolas mínimas.

Só naquele corredor, havia dezenas de garotas mais bonitas do que eu. Então *por que* ele me escolhera para conhecer seu quarto, sua família, os pequenos detalhes de sua vida? Era inacreditável.

Quando não entramos no dormitório masculino, franzi a testa.

– Não vamos para o seu quarto?

– Minha família e eu temos uma ala separada. – Informou simplesmente.

Ah, que maravilha. O covil exclusivo dos Ivanovick. Por algum motivo, eles tinham muitas regalias aqui. E eu duvidava de que a diretora Markova lhes desse uma área particular no castelo apenas devido à beleza extraordinária daquela família. Havia algum motivo mais concreto.

Os Ivanovick eram diferentes – especiais.

Luka adentrou num corredor não permitido para os alunos.

– Hã, essa é uma área restrita – informei. Mas é claro que ele já sabia. O russo só deu um sorrisinho enigmático em resposta. *Não para mim.*

Então era por isso que eles nunca eram incomodados. A ala deles era simplesmente proibida para o resto dos alunos.

A zona do castelo reservada para os Ivanovick parecia bem diferente. Ainda eram os mesmos corredores escuros e medievais, mas eles abandonaram os quadros horripilantes de pinturas a óleo e os jarros rachados dos séculos passados. Os russos optaram por arte moderna, sombria e luxuosa. Centenas de quadros e esculturas cobriam as paredes, todas em tons escuros. Passamos por uma sala com um enorme sofá de couro e uma televisão de plasma igualmente imensa. A sala seguinte era de jogos. Uma mesa de sinuca, computadores, mesas de bilhar e um...

– Videogame? – arqueei uma sobrancelha. Luka revirou os olhos.

– A maior alegria da criança que nós criamos.

Luka riu da minha cara quando olhei para ele atônita.

– Nikolai – lançou-me um olhar significativo.

– Ah – respirei aliviada. – Então vocês não trancam criancinhas em calabouços e as alimentam com ossos de galinha.

Foi a vez de Luka me olhar perplexo.

– É claro que não, que loucura. – Depois desviou as íris, que reluziam com malícia. – Nós as alimentamos com outras coisas.

Fiquei calada. Era o melhor a se fazer em algumas ocasiões.

Havia mais algumas portas fechadas, logo não pude ver o que guardavam. Imaginei que fossem salas reservadas ou os quartos de Nikolai e Alicia. No todo, era uma ala muito grande, várias vezes maior do que o meu apartamento no Rio.

Quando Luka parou na última porta do corredor, eu tive que me obrigar a manter a expressão impassível. Quartos eram muito pessoais. E eu e Luka... Bem, nós ainda não tínhamos esse tipo de intimidade. Ao permitir minha entrada ali, ele estava propondo um avanço que eu ainda não compreendia. Não sabia o que isso significava para nós – se é que existe um “nós”. Não era propriamente um namoro – ele mal me tocava, tenha dó. Mas também... Não era *amizade*. Longe disso. Eu mal sabia meia dúzia de coisas sobre ele.

E quando eu olhava para Luka, não havia nenhum sentimento fraternal. Amizade seria impossível entre nós. Havia faíscas demais. Era tudo ou nada: fogo ou distância. Sem mais opções.

Não havia como rotular nosso contato; só sabia que, por algum motivo inexplicável, Luka resolvera se manter sempre por perto. E eu ainda estava aprendendo a lidar com isso.

O garoto abriu a porta e me deu espaço para entrar na frente. Ele analisava minha reação com seus frios olhos negros. Eu entrei, tímida, os braços cruzados sobre o peito.

Rolei meus olhos pelo quarto, absorvendo cada detalhe íntimo que espreitava da vida dele. Luka Ivanovick não morava numa tumba. Nada de caixões ou velas pretas. Pelo contrário: bom gosto, refinamento e ousadia eram as principais características da decoração.

Assim que Catarina e os outros me obrigassem a contar, a portuguesa iria querer saber detalhes. Santiago ficaria decepcionado. Mayumi suspiraria sonhadora, imaginando meus futuros filhos sendo criados ali.

O quarto era grande, pelo menos três vezes maior do que o que eu dividia com Mayumi. As paredes foram recobertas por madeira escura – polida e reluzente. Os móveis, todos em tons metálicos e escuros, consistiam numa enorme cama de casal, uma escrivaninha e uma estante que cobria uma parede inteira. A estante encontrava-se abarrotada de livros dos mais diversos tipos. No todo, pareciam livros sérios, de capa dura – provavelmente clássicos. Não sei. Não entendia nada sobre literatura.

A cama fora coberta pela colcha negra da Escola dos Mortos. Havia duas portas num canto, o que imaginei ser o *closet* e o banheiro. Não encontrei janelas.

Havia quadros de fotos nas paredes, todas em preto e branco. Fiquei curiosa. Quem eram as pessoas nas fotos?

O que mais me chamou a atenção, no entanto, foi o enorme piano de

calda num canto do quarto. De todas as coisas luxuosas dali, o piano era a mais imponente. Fiquei olhando para ele, fascinada. Quantas vezes Luka já havia se sentado ali, sozinho, tocando tarde da noite mais uma de suas composições geniais?

Ele percebeu o sentido da minha atenção. Podia sentir toda a potência dos seus olhos sobre minha nuca.

– Você gosta?

– É lindo – murmurei, impressionada comigo mesma. Pianos nunca significaram nada para mim: enormes trambolhos que ocupavam espaço demais. Bregas, arcaicos.

Mas este era simplesmente a coisa mais linda e imponente que eu já vira. Um instrumento que atravessou os séculos para encantar centenas de gerações.

Luka passou por mim e foi até o piano. Pousou uma mão sobre o instrumento, acariciando-o discretamente. Aquilo afogueou meu coração. Foi a primeira vez que o vi demonstrar carinho, o mínimo de afeto com algo ou alguém... Então o garoto era capaz disso.

– Gosta de música clássica? – sua voz, sempre baixa, perguntou num tom enigmático.

– Hummmm, na verdade não tenho muito contato. Mas uma vez eu te vi tocando na aula de música, e foi lindo. Acho que eu poderia gostar se fosse você tocando.

Se fosse ele, com ele, para ele. A condição universal. Pelo menos a do meu universo.

Luka me olhou, pensativo. Sentou-se no banco almofadado. Sua voz estava mais baixa que o normal, sem uma gota de sarcasmo. Quando ele
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

voltou suas íris negras para mim de novo, fiquei surpreendida. Era um olhar completamente novo – sem hostilidade, sem ironia ou atrevimento. As profundezas escuras só pareciam misteriosas, até um pouco... Gentis.

Mas acho que eu só estava imaginando. As pessoas só costumam ver o que querem ver.

– Por que você não se senta aqui comigo? – propôs. Deu dois tapinhas no espaço que sobrara ao seu lado.

Por um momento, fiquei sem saber o que fazer. Eu sabia lidar com a hostilidade do garoto. Mas essa gentileza me era desconhecida. O que fazer quando ele claramente abria uma fenda em sua barreira emocional? Engoli em seco.

Sentei-me ao seu lado, ao máximo de distância possível que o banco permitia. Não queria invadir seu espaço. Luka esperou que eu estivesse acomodada para colocar alguns dedos sobre as teclas. De lá, começou a tirar notas suaves, lentas, sombrias. Fiquei imaginando como é que uma simples combinação de notas poderia resultar numa obra de arte tão complexa, íntima, intrincada?

Observando os dedos ágeis e suaves de Luka voando sobre as teclas agora, sabia que estava vivenciando um momento muito pessoal dele. Olhei para o seu perfil perfeito, concentrado. Seus traços eram lindos, luxuriantes. Ele parecia muito elegante ali, e embora sua expressão nunca pudesse ser leve, não via hostilidade em seus olhos. Era só a seriedade que afastava muita gente. Gente que não tinha a mesma fascinação que eu pelo mistério, o enigma que ele era. Luka não era do tipo que ria à toa.

Dizem que todo mundo gosta das pessoas simples e doces. Eu não. Preferia aqueles que tinham um pouco de pimenta para temperar a alma, uma dose de loucura e ocultismo para instigar o mistério. Pessoas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

complexas.

Fechei minhas pálpebras, ouvindo a composição. Era uma música linda – e *ele* a tocava para mim. Senti vontade de chorar. Aquele garoto tinha o dom de desenterrar os mais curiosos sentimentos do meu coração gelado. Em meu coração sempre silencioso, senti fagulhas, o começo de um incêndio. Tive medo, mas amei a sensação. Para um coração morto, nada mais lindo do que aquela sensação de fogo, de *vida*.

Amar Luka era triste. Amar Luka era lindo. Tristeza e beleza só existiam na vida, e nesse amor eu superava a minha própria morte. Era o meu milagre pessoal.

Talvez Ana, com toda a sabedoria dos seus onze anos e meio, estivesse certa. Eu nunca soube apreciar direito a música. E talvez nem os livros. Se Luka gostava de lê-los, então certamente havia algo de muito interessante neles.

– Está tão entediante assim ao ponto de dormir? – ele perguntou. Sorri. Ele não sabia que com os olhos fechados, eu desfrutava de um mundo particular.

Gostei do novo tom gentil que espreitava em sua voz. Sem mágoa ou hostilidade.

– Só ouvindo – dei de ombros. Levantei as pálpebras, fitando-o outra vez. No fundo dos seus olhos tão bem protegidos, eu podia ver um pouquinho de tristeza.

Luka não tinha medo dos seus fantasmas interiores – não fugia deles, como eu. E eu podia ver que ele tinha muitos guardados dentro de si. O que será que a vida tinha levado dele? O que será que a Morte o roubara?

E a música continuava a ser tocada, suave, linda e perfeita, como tudo

o que ele fazia. Dez anos aqui, sozinho, sem ver a luz do sol uma única vez. Isolado. Mesmo tão fascinante, ele se mantinha afastado, recluso. A pergunta era: *por quê?* Eu não podia imaginar Luka Ivanovick jogando bolas de futebol na cabeça dos amigos no refeitório, dando altas gargalhadas e enfiando cenouras no nariz para fazer as garotas rirem.

Não. Luka era inteligente demais, complexo demais para isso. Luka era uma peça rara – como uma música antiga. Ele não se encontrava em qualquer esquina.

Fechei os olhos outra vez, ouvindo, saboreando aquela estanha composição que escorria doce pela língua.

– Eu a compus para você. – Falou de repente.

Abri os olhos, perplexa. Ele tocou cada nota devagar, observando a dança dos seus dedos.

– Nessa nota, tem sua voz... – e a nota ecoou alta e clara, como se comandasse todas as outras. – Nessa, seus olhos de mistério. – E lá estava outra, sombria e linda. – E, por último, teu coração inatingível. – E então, uma mais triste, mais doce, mais sofrida. – As coisas que me fascinam em você. Essa é a forma que eu encontrei de me declarar, de deixar você saber o que se passa aqui dentro... – ele parecia tão desconfortável quanto eu falando sobre *sentimentos*.

Baixei os olhos, sem saber lidar com a declaração.

Arfei. Isso aconteceu porque eu senti a mão dele, quente e hesitante, segurando o meu pulso. Assim, de repente, sem me dar tempo de preparação. Ele a levou por cima das teclas, colocando sua palma por cima, deslizando os dedos sobre minha pele arrepiada. Era a primeira vez que ele me tocava por livre e espontânea vontade. Assim, sem necessidade. Só por

tocar.

– Hummm – murmurou curioso, encarando a estranha cena de nossas mãos juntas – por que você não toca um pouco?

– Se... Se você me ensinar – por mais que eu tentasse, minha voz saía trêmula.

Com uma estranha gentileza, Luka guiou meus dedos por algumas teclas específicas. Os meus não eram tão longos e talentosos, mas com a ajuda dele, saiu um pedacinho realmente bonito de uma música.

Eu não conseguia me concentrar nas teclas, entretanto. Meu coração morto estaria disparado agora, tentando entender a sensação eletrizante da mão do garoto sobre a minha própria.

A última nota ecoou.

– Consegui – sorri fracamente.

– Hummm – ele concordou distraído; não estava sorrindo; nem devia estar prestando atenção. Ainda fitava minha mão por debaixo da dele, as íris brilhantes de curiosidade. Hesitante, virou minha palma para cima. Ele a pousou aberta por cima das teclas. Luka a olhou como quem olha um ser desconhecido, discernindo se era seguro tocar ou poderia ser venenoso.

Não obstante, sua curiosidade venceu. Com o indicador, percorreu uma linha imaginária sobre minha palma, imerso em pensamentos. Seu dedo deixou um rastro quente por onde passou, queimando como pimenta. Porém, o movimento era gentil, e eu sabia que não era a intenção dele fazer minha pele arder. Luka não podia evitar. Era quente por natureza.

Os dedos dele foram descendo, encontrando meu pulso. Ele mal me tocava, tamanha a leveza dos movimentos. Luka parou com dois dos dedos sobre as veias arroxeadas do meu pulso, tentando sentir um batimento que

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

já não existia mais.

Sua testa se franziu, seus lábios se cerraram. O fato de não haver batimentos ali o incomodava profundamente. Não sabia por quê.

– Não vai sentir nada aí – falei o que não era necessário. Ele sabia. Estávamos mortos.

Luka ainda continuava fazendo pequenos círculos com o polegar sobre meu pulso. Surpreendeu-me a tristeza e resignação em sua voz. As pessoas daqui não se importavam muito por estarem mortas – o colégio era cheio de distrações. Luka, no entanto, parecia pensar muito sobre isso.

– É estranho como a vida e a morte podem se entrelaçar. Uma deveria repudiar a outra, no entanto... Elas se *atraem*.

– Não compreendo – minha vida já tinha ficado para trás há muito tempo. Eu não tinha mais nenhuma ligação com ela.

Luka murmurou, a voz escorregando como veludo, assim como sua pele acetinada sobre meu pulso.

– Como alguém pode querer tanto a morte? Como é possível que a morte seja tão bonita? Ao invés de me afastar, eu a obrigo a permanecer perto de mim. Cada vez mais perto... Não posso evitar.

Eu já não tentava entender. Luka estava falando consigo mesmo.

– Mas nem tudo está perdido – tentei alegrá-lo um pouco. – Morremos, mais ainda estamos aqui. Não tivemos tempo para viver, mas ainda há muito tempo para existirmos. Uma eternidade.

Luka recolheu a mão, parecendo ofendido.

– É aí que você se engana. Não há tempo. – Desviou os olhos ressentidos, levantando-se do piano. Olhou para mim de cima, as íris negras

voltando à frieza habitual de quando ele estava irritado. – Vou tomar um banho. Esteja aqui quando eu voltar.

Não olhei para trás para saber, mas ouvi o baque seco de uma porta. Um minuto depois, o chuveiro se abriu. Fiquei sentada no piano por algum tempo, frustrada. Mas depois de alguns minutos, percebi que não adiantava nada ficar sentada ali, sentindo pena de mim mesma.

Levantei-me, observando os detalhes do quarto. Lustres modernos iluminavam o ambiente. Sobre a escrivaninha, pude ver mais livros, papéis cuidadosamente organizados e um *laptop*. Empolguei-me: *internet?! Como ele tinha acesso à isso?!*

O mundo dos mortos não tinha redes sociais, mensagens de texto, ligações ou email-s. A Morte queria ver nossas vidas se desenrolarem pessoalmente. Tínhamos acesso a jogos ou pesquisas, mas só.

Mas eu não poderia ligar o computador de Luka sem sua permissão. Por isso, vagueei por outros lugares do quarto. Procurei não olhar muito para a cama – o colchão macio, as enormes almofadas... Eles me faziam pensar em coisas que minha avó de jeito nenhum aprovaria. E esse era o meu parâmetro para saber se algo era depravado ou não.

Passei pela estante de livros. Para o meu espanto, junto com os clássicos – O Príncipe, de Nicolau Maquiavel; Hamlet, Shakespeare... – encontrei também livros de direito, medicina, iniciação ao cálculo... Coloquei-os de volta na estante como se me dessem choque. Quem estudaria aquilo por livre e espontânea vontade?

Luka, é claro.

Talvez ele seja intelectualmente frustrado. Inteligência demais para uma existência medíocre com adolescentes eternos. Luka já tinha passado

dessa fase de festinhas há muito tempo.

Andei distraidamente, os olhos voando pelos títulos. Esse seria o paraíso para a pirralha da Ana... Até que a estante acabou e eu me deparei com os fatores mais fascinantes daquele quarto: as fotos da família de Luka. Todas foram editadas em preto e branco – Luka não era um admirador de cores – cujas molduras reluziam, metalizadas. Eram fotos grandes, penduras em sequência na parede. Encantei-me com cada uma delas.

A primeira mostrava Luka numa pista de corrida. Um homem bonitão de meia-idade sorria, passando um braço pelos ombros de Luka. Os dois eram extremamente parecidos. Só poderia ser seu pai, constatei, tentando conter a empolgação. Eu nunca cheguei a pensar que poderia conhecer a família viva de Luka.

Os dois se encontravam recostados num carro de Fórmula Um. Luka vestia um macacão, o mesmo boné da Ferrari virado para trás. Seu pai usava uma blusa social, elegante e despojada, os traços tão perfeitos quanto o do filho. Luka parecia um pouco mais novo na foto. Olhos sem hostilidade, o sorriso largo.

Fiquei muito tempo por ali, encarando-a com um sorriso bobo. Até que percebi que tinham várias outras fotos para ver – e Luka não poderia demorar muito mais no banho. Não queria que ele me pegasse bisbilhotando.

A próxima fotografia me surpreendeu imensamente. Consistia nele sentado num sofá de couro com duas garotinhas no colo. Aproximando-me da foto, percebi que as bochechas gordinhas pertenciam às gêmeas idênticas Alicia e Alexandra. Elas deviam ter cerca de três ou quatro anos na época, e se agarravam a Luka como se competissem pela atenção dele. Na foto, Luka deveria ter uns dez ou onze anos de idade. Menos musculoso, menos hostil

– mas desde sempre esteticamente lindo.

Luka parecia mais novo que Alicia, mas só porque deveria ter *morrido* mais novo. Alicia cresceu, passou da sua idade e depois morreu.

Na foto seguinte, Luka abraçava por trás uma mulher minúscula e esbelta que parecia ser sua mãe, com longos cabelos negros e um rosto de fada. Ele já devia ter dezoito anos, enorme e musculoso, praticamente engolindo a pequena mulher com os braços. Sua mãe estava gargalhando, olhando para Nikolai, bem ao lado dos dois. O grandalhão, é claro, também ria de alguma piada que ficara guardada para sempre naquele momento.

Não obstante, Luka não ria. Parecia pressentir que esta seria umas das últimas fotos de sua vida. Olhava para a câmera com aqueles olhos negros, insanamente intensos, desafiando quem quer que estivesse encarando. Desafiando o assassino. *Vamos, roube isso de mim. Quero ver se você é capaz.*

Aquilo me deixou triste. Como as pessoas desse colégio não se revoltavam? Não conseguiam ver que também foram roubados? Quando entrei aqui, fiquei tão deslumbrada que cheguei a esquecer da minha família... Ana, Helena. Como era mesmo o rosto delas...? Eu tinha uma visão geral, é claro. Mas e os detalhes? A curva dos lábios, a ruginha dos olhos?

Aquilo estava me escapando, atolado em minha mente debaixo de todas as outras preocupações rasas: festas, campeonatos, o próximo sapato que eu compraria... Eu estava perdendo minhas memórias. Perguntei-me se essa não era exatamente a intenção da Escola dos Mortos. Distrair-nos para que não nos revoltássemos com o que nos fora roubado.

Mas Luka era esperto demais para ser enganado.

A outra foto também deixou-me atônita. Todos os Ivanovicks sentavam-se num sofá de uma sala chique: os pais, cujos nomes eu não sabia. Alicia e Alexandra, com cerca de nove anos, cada uma no colo de um irmão – Nikolai e Luka, já adultos. Mas... Havia outra garota. Ela era extremamente parecida com a mãe de Luka e as gêmeas. Parecia ser somente alguns anos mais nova que Luka. Franzi a testa. Ele tinha *outra irmã?*

– Bisbilhotando o passado alheio? – a voz dele chegou por trás. Virei-me bruscamente, tomando o maior susto.

– Desculpe, só estava olhan... – emudeci repentinamente diante da cena. Luka não vestia nada além de uma toalha envolta na cintura esbelta. Os músculos do peitoral escorriam molhados, nus. O cabelo negro pingava, os olhos frios – paradoxais em relação ao sorrisinho de divertimento no canto da boca.

Corei e desviei os olhos, virando-me novamente para as fotos.

– Só estava olhando – completei a frase. Que fracasso.

Não podia ver, mas sabia que ele estava sorrindo. Maliciosamente.

– Não precisa ficar com medo, Lara. Eu não mordo.

Aham. Conte-me outra.

Preferi não responder. Continuei a encarar fixamente os quadros a minha frente. Depois de alguns segundos, não resisti e dei uma olhadinha por cima do ombro. Luka estava dentro do *closet*, já de calças negras de malhar. Flagrei-o exatamente no momento em que colocava a camisa. Mas nesse lapso temporal pude ver uma tatuagem em suas costas. Agora que ele flexionava os músculos poderosos das costas para vestir a roupa, as imagens se juntavam e formavam o desenho perfeito de um escorpião.

Luka deve ter percebido minha atenção, pois virou seus olhos para mim de repente. Na meia luz, eles pareciam perigosos.

– A picada do escorpião pode ser mortal. É crucial que você saiba. – Observou de repente. Soou como uma ameaça. Demorei algum tempo para encontrar minha voz.

– Então... Por que você o tatuou?

Ele sorriu atrevidamente.

– Exatamente por isso.

Constrangida, baixei os olhos e me virei de novo para os quadros. Encarar Luka Ivanovick por tempo demais era uma tarefa muito cansativa. Abalava minha estrutura hormonal.

– Então eu tenho sorte de que escorpião nenhum vá me morder – observei insinuante, só para ver sua reação.

– Hummm, não totalmente – ele discordou. – Você entra no covil dos escorpiões e espera não levar nenhuma mordida?

Eu não tinha o que responder depois dessa. Então de repente a voz dele estava no meu ouvido. Enterrei as unhas nas palmas, tamanho meu nervosismo. Não havia percebido sua aproximação, mas senti o cheiro quente, escuro. Ele sussurrou.

– Ingênua demais. – O hálito era fresco, diferente da voz que ardia. Nunca o tive tão próximo.

– Está errado, Ivanovick. – Ainda que eu não tivesse a capacidade de me afastar, mantive minha dignidade. – Mais uma vez, você me subestima.

Enquanto eu fixava nos quadros à frente, sabia que ele olhava para mim. O corpo quase encostando ao meu, o rosto próximo ao meu ouvido.

– Então você é mais perigosa do que eu penso?

– Fria. Calculista. Vingativa.

– Hummm. Mais perigosa do que eu?

– Não sou perigosa – franzi a testa, pensando melhor. – Só com quem merece.

Um dedo dele tocou minha orelha, alojando uma mexa do meu cabelo por trás dela. Desceu-o até o lóbulo, deixando um rastro quente. Não era propriamente uma carícia. Ele só estava tornando o caminho livre para seu hálito, sua voz.

Recolheu a mão. Pelo canto dos olhos, pude ver que ele as unia por trás das costas. Ele não me tocava, só sua cabeça reclinava-se para baixo, por ser bem mais alto que eu. A boca bem perto da minha orelha. A pele frágil ao redor dela se encontrava sensível, elétrica.

– Então me diga, Lara Valente: como é que eu faço para merecer?

Então ele queria merecer meu lado perigoso? Bufei.

– Simples. Continue sendo você mesmo.

Luka sorriu, desfrutando daquilo.

– Eu perturbo você?

– Me *irrita* – corrigi. Mas a verdade era que ele perturbava sim: de várias maneiras que eu não gostaria de admitir.

– Que bom. Eu me preocuparia se você fosse indiferente. Aí sim teria que tomar alguma atitude.

– Prefere que eu te odeie? – ergui uma sobrancelha.

– Hummm, isso me agrada. Significa que você pensa em mim à noite,

quando está deitada em sua cama, sozinha.

Meu queixo caiu. Como ele tinha essa capacidade de reverter tudo a seu favor? Ou era um grande jogador, ou um grande filho da mãe. Eu tinha que tomar alguma atitude.

– Sinto dizer, mas está errado. Só me dou ao trabalho de pensar nas pessoas que realmente me feriram ou magoaram. Mas isso quase nunca acontece.

– Por quê? É muito fria para ser magoada? – o garoto parecia honestamente curioso.

– Não. Só nunca me entrego totalmente para ninguém. Poupa muitas feridas e sessões de terapia.

Luka se afastou bruscamente. Sua voz passou de ousada para sombria. Senti seu olhar negro ardendo sobre minha nuca. Virei-me. Péssima ideia. Os olhos dele flamejavam, hostis.

– Nunca se entrega?

Engoli em seco. Parecia que eu estava lhe negando a doação de um rim. Vital para a sua sobrevivência.

– Não – saiu menos decidido do que eu planejava. Sentia que eu estava o ofendendo.

Os lábios dele se cerraram, o maxilar se trincou. Quase como se o desafiassem.

– Então vamos ter que mudar isso, Lara Valente. Porque eu não aceito nada pela metade. Não admito restos, nem mais ou menos de qualquer coisa.

Exalei, chocada. Aqui estava ele, exigindo-me por inteira quando

demonstrava sentir repulsa suficiente até mesmo para me tocar. Abri os braços, indicando toda aquela cena ao nosso redor. O quarto, a proximidade, tudo. O que aquilo significava, afinal? Quem era ele para exigir algo de mim? Não meu namorado. Não meu amigo. Só impunha sua presença. E o pior era que eu gostava.

E muito.

– O que você quer de mim, afinal? – minha voz soava mais alta que o normal. – Porque eu sinceramente não estou entendendo que diabos significa tudo isso! Decida-se! Se me odeia, por que estou aqui? Não dá pra ficar esperando, adivinhando seu humor. Não posso e não vou. Ou me expulse de uma vez ou me peça para ficar! – quando terminei, ficara ofegante.

A voz do garoto saiu tão sombria quanto às profundezas ocultas dos seus olhos.

– Quero tudo – respondeu simplesmente. – Isso é o que eu quero de você.

Engoli em seco. Gostei daquilo mais do que deveria, mas ainda tinha meu orgulho.

– E se eu não puder dar tudo? Não quiser?

Luka sorriu amargamente.

– Então eu terei que roubar – e então virou as costas, entrando em seu *closet* de forma repentina e revirando seu armário com violência. Pegou uma camisa cinza escura e jogou por sobre a cama. Depois, virou-se para mim com mais hostilidade que o normal. Eu aticara uma fera que não deveria ser desafiada.

– Vista isso. Vou passar a noite em outro lugar. Eu não vou deixar você

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

trancada para fora do seu quarto, sozinha. Durma aqui. – E então ele foi embora, saindo do quarto e batendo a porta com raiva. Luka sempre se perturbava quando eu dava indícios de rejeitá-lo.

Perturbada, notei que ele não me expulsou – uma fina linha estava sendo cruzada, algo sendo decidido – embora eu não soubesse muito bem o que significava ou o que eu sentia em relação a isso. Sempre empolgação. Sempre esperança. Sempre medo.

O garoto ainda me odiava, mas decidira-se por me manter por perto. E seria assim a partir de hoje. E de repente eu me vi ali, sozinha no quarto dele, cercada pelas coisas *dele*.

Olhei para o cômodo ao redor mal podendo acreditar. Apavorava-me (esperava que Mayumi desconfiasse de que estava sendo mantida prisioneira num porão mofado caso eu não voltasse em alguns dias). Inebriava-me (quantas garotas, dentro e fora desse colégio, matariam por estar no meu lugar?).

Corri em direção à cama. Sentei-me no colchão macio com cuidado, não querendo atrapalhar muito a colcha. Igualmente hesitante, peguei a camisa em minhas mãos.

Exalei maravilhada ao tocar minha bochecha no algodão macio. Bastou uma inalação para sentir o aroma de especiarias – quentes, sensuais, escuras e misteriosas – assim como toda a essência de Luka. Suspirei de prazer.

Tirei minha roupa e vesti a camisa com o maior cuidado. Ficou enorme em mim, pois Luka era muito mais alto e forte. Olhei no espelho do seu *closet* bem arrumado, com camisas em tons escuros enfileiradas militarmente. De tão grande, a camisa se passava por uma camisola. Era uma sensação extraordinária mover os dedos pelas minhas curvas e ver a camisa dele escorregando pela minha pele, o aroma quente penetrando em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meus poros – de forma perpétua, foi o que esperei, de modo a me marcar como dele.

Tudo. Isso é o que eu quero de você.

Eu também queria tudo dele. Seu tempo, sua atenção, sua fidelidade e até o seu cheiro. Eu não conseguia exigir nada menos.

No banheiro luxuoso, lavei o rosto e escovei os dentes com os dedos. Não ousei usar sua escova. Quando olhei para ela, ali, solitária sobre a pia de mármore negro, senti uma emoção. Tão pessoal, tão dele...

Observando seu banheiro, notei que Luka não usava perfume e nem qualquer outro produto que não fosse absolutamente necessário para a higiene pessoal. Observei também as roupas do seu *closet*: sempre escuras, simples e caras. Fiquei tentada a ligar seu *laptop*, mas mantive uma distância segura. Primeiro porque seria invasivo, segundo porque Ana piraria ao ver a irmã morta *online* no *Facebook*.

Agora que estava pensando nisso, percebi que nem mesmo sabia se minha família já havia recebido a notícia de minha morte. Apostava que não. A Escola dos Sotrom deveria estar esperando até o final do ano para contar, assim como no caso da morte de Mayumi.

Olhando para as gavetas da escrivaninha, tentei não mexer. Mas a resolução não durou muito.

Cinco minutos depois lá estava eu, vasculhando. Encontrei papéis, documentos, extratos de banco, lista de livros, anotações ao acaso, canetas luxuosas, aparelhos eletrônicos – celulares, iPods e iPads, câmeras fotográficas – o que era estranho. Nós, mortos, por algum motivo não aparecíamos em fotos. Mayumi já tentara diversas vezes e sempre ficava frustrada. Por isso ela tinha aquele desenho de carvão retratando-a abraçada

a Amy. Queria pelo menos *uma* imagem com a melhor amiga.

Ou ex-melhor amiga, considerando o que captou a minha percepção ultimamente. Amy se isolara de todos, e como Mayumi se tornara minha amiga – inesperadamente íntima – Amy também vinha se afastando dela. Não era um processo escancarado. Mas sutilmente, eu podia vê-las mais frias uma com a outra na mesa de almoço. Mayumi, triste. Amy, indiferente, orgulhosa.

Todavia, eu conseguia ver a melancolia espreitando por trás dos olhos felinos da inglesa.

Eu não achava uma atitude inteligente. Além de Luka Ivanovick, estava afastando também a melhor amiga, a única que poderia se equiparar a ela. Garotas não gostam de mandar por muito tempo. Enfrente-as de igual para igual e ganhem seu respeito. Provavelmente vocês vão se tornar melhores amigas.

Foi assim que conquistei Mayumi – e foi assim que a própria Mayumi conquistou Amy. Laila, a árabe, era boazinha demais para ser considerada como confidente de Amy; Aisha Simbovala, a sul-africana, não tinha paciência para adulações. Catarina era muito tapada para qualquer consideração. Quando Mayumi chegou à Escola da Noite, Amy finalmente teve a companhia que procurava.

Na primeira noite em que me sentei com eles, senti que Amy me considerava. Eu era ousada, interessante para merecer a atenção e engraçada nos momentos certos. E esperta. Muito espera. Amy sabia disso.

Mas todas as suas intenções de amizade foram por água abaixo quando Luka olhou para mim pela primeira vez. Aí eu passei de amiga em potencial para inimiga pública número um. Apesar de Amy me irritar, eu não gostava de ter inimigas. Não sou uma pessoa que atrai problemas. Gosto de me

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

enturmar, rir, fazer amigos.

Embora ainda tivesse muita coisa interessante a se ver no quarto de Luka, resolvi ir dormir. Minhas pálpebras pesaram – o dia fora agitado. Cheio de primeiros encontros e adrenalina. Pulei na cama alta e deite-me entre os lençóis negros de cetim, afundando meu rosto nos travesseiros.

Quase ronronei. Era o verdadeiro paraíso.

A envoltura acetinada combinada ao cheiro de especiarias daquela cama... Deus. Causava um frenesi por minha pele inteira. Rolei entre os travesseiros, como se estivesse enrolando-me entre pedaços enlustrados de nuvens...

A porta se abriu de repente.

Parei no meio de um movimento, entrando rapidamente debaixo dos lençóis. Nikolai colocou a cabeça para dentro, os olhos voando pelo quarto. Abriu um sorriso imenso quando me viu ali, deitada educadamente na cama (fingindo que há segundos atrás eu não rolava de felicidade).

– Irmãzinha! Aquele ingrato não me contou que você estava aqui!

– Oi, Nikolai – fiquei feliz ao vê-lo. Havia algo nele que me deixava à vontade. O Ivanovick ergueu uma sobrancelha maliciosa.

– E não é que Luka já conseguiu te levar pra cama dele. Esse é meu garoto! – gargalhou.

Dei um sorrisinho sem graça. Parecia que eu estava me apossando da cama de Luka, encolhida ali no meio de tantos travesseiros.

– Não queria expulsar Luka de sua própria cama, mas ele... Insistiu.

– Adicionei, franzindo a testa. Sabia que Nikolai iria entender.

– Sei muito bem o jeito dele de “insistir”. Convincente, não?

– E como – concordei. – Então, você o está procurando?

– Não, só vim te dar um oi mesmo. Esse meu irmão fica te escondendo pelos cantos, é frustrante. Não temos muita agitação por aqui, sabe? Quando finalmente temos uma companhia a não ser nós mesmos, ele te faz de prisioneira nessa toca!

Ri da possibilidade de alguém chamar o luxuoso quarto de Luka Ivanovick de “toca.” Só mesmo outro Ivanovick.

– Certo, então. Entre! O quarto é mais seu do que meu.

– Sei, vá falar isso para Luka – ele entrou no quarto com todos os seus músculos. Sentou-se na beirada da cama. – Cara, como é que Luka consegue dormir nessa porcaria? É tão *macia*. Que coisa meiga.

Apostava que Nikolai iria caçar do irmão mais tarde, embora, pessoalmente, eu achasse a cama perfeita.

– Como soube que eu estava aqui se Luka não te contou?

Nikolai revirou os olhos.

– Adivinhe. Os gritos de Alicia.

– Ah – aquilo matou meu sorriso na hora. – Ela não está levando numa boa minha estada por aqui, não é?

– Bem, não. Mas não se preocupe: Alicia sabe muito bem que essa decisão foi de Luka. Ela está magoada e ressentida, e como Luka não lhe dá ouvidos, ela desconta tudo em você, pobre coitada. Alicia... Tem um bom coração, sabe, Lara? Ela não é o monstro que aparenta ser. Pelo menos nesses últimos dias.

Alicia Ivanovick? Bom coração? Parecia meio difícil de acreditar.

– Desculpe, Nikolai. Por tudo isso. Não queria causar

desentendimentos entre vocês...

– Não, não, por favor, não se preocupe. Minha família é que lhe deve desculpas, colocar-te no meio dessa situação... Você não tem culpa das decisões insanas de Luka.

Recuei, ferida. Abri a boca, mas nada saiu. Olhei para baixo, para os lençóis negros que envolviam minhas coxas. Até Nikolai achava que Luka ter me escolhido era insanidade. Quem o mais velho dos Ivanovicks considerava mais adequada para estar nessa cama? Amy Turnage?

Fazia sentido. Depois da própria Alicia, ela era a mais linda desse lugar.

– Você... Ei, não, não. Espere aí. Você ficou ofendida?! – perguntou perplexo.

– Não, de jeito nenhum – apressei-me em desmentir, na tentativa miserável de manter um pouquinho da minha dignidade. As palavras saíam mais rápido do que o planejado. Uma torrente delas, de modo a segurar as lágrimas que ameaçavam entregar minha mágoa. – Você tem razão, Luka merecia uma pessoa mais... Apropriada...

– Ei, espere aí, Lara! Você está interpretando tudo errado, não foi isso o que eu quis dizer! – Nikolai se agitou. Fitei-o, os olhos molhados pelas últimas lágrimas que restavam em meu corpo morto.

Ele ficou chocado. – Oh, *madre santa*, por favor não chore. – Para o meu espanto, Nikolai ergueu meu queixo com seu dedo indicador, os olhos negros bondosos. Era estranho ver aquela expressão amável nos traços naturalmente perigosos dos Ivanovicks. – Você é maravilhosa, querida. É um achado para Luka, pois ele nunca se interessou por ninguém. Tudo o que ele teve em vida foram noites rapidamente esquecidas, sem valor

algun. Mas, Lara, você tem *valor* para ele. Mais valor do que pensa, pois se soubesse do que ele está abrindo mão para ficar com você, veria que... – Nikolai parou abruptamente, percebendo que tinha falado mais do que devia. Sua pele perdeu a cor, demonstrando seriedade pela primeira vez desde que o conheci. Afastou-se rapidamente.

Aproveitei a deixa, sentindo urgência em saber.

– Do que ele está abrindo mão, Nikolai?

Ele me fitou com aflição.

– Por favor, não conte nada a Luka.

– Não contar *o quê?* – agora eu já estava ajoelhada sobre a cama, mais perto dele.

– *Nikolai!* – um grito poderoso ecoou ao longe, o inconfundível tom musical da voz de Luka. Irritado. Muito irritado. Nikolai aproveitou sua deixa.

– Ah, porcaria, ele descobriu que estou aqui. Alicia deve ter feito fofoca. Vou ter que ir, Lara, me desculpe.

– Mas e sobre...?

– Esqueça isso, não é importante – e então ele saiu do quarto rapidamente, como se ali dentro faltasse oxigênio; a expressão afoita, séria. Quando a porta bateu, eu soube que havia perdido talvez a única oportunidade para conhecer um segredo de Luka. O motivo do seu ódio.

Deite-me na cama, abatida. Mas que droga. Onde estavam as pessoas fofoqueiras quando eu precisava delas? Era impossível ser intrometida se ninguém colaborasse.

“O que eu falei sobre *não* incomodá-la?!”, ouvi os berros de Luka

abafados, vindos do corredor. Provavelmente já havia cruzado com Nikolai no caminho.

“Na verdade, ninguém me falou nada.” Devolveu Nikolai na maior cara de pau.

“Mandei Alicia falar!”, Luka estava fora do sério. Ele raramente gritava.

“Mas eu falei!”, a irmã pareceu chegar naquele exato momento para se defender.

“Não, só disse que a intrusa havia se infiltrado no quarto do Luka, e que se ele queria ser tão estúpido a ponto de...”

“Tudo bem, Nikolai”, rosnou Alicia, “ele já entendeu.”

“Mas que diabos você estava fazendo lá?”, Luka estava descontrolado.

“Socializando, ora. Mas o que você pensou?”, nada tirava a calma de Nikolai. Provavelmente o grandalhão estava até se divertindo.

Luka bufou.

“Alicia, eu lhe disse para avisar que ela não deveria ser incomodada.”

“Mas Nikolai não me deu tempo. Saiu correndo assim que soube que ela estava aqui. Patético!”

“Eu gosto da garota!”, o irmão mais velho de defendeu. “Luka ainda não decidiu o que ela é para ele, e você a trata como lixo, Ali! Não é assim que ela merece ser recebida em nossa casa! E Luka, se você pretende tê-la como namorada, é melhor todos nós aprendermos a tratá-la como a dama que ela é. Inclusive você, Luka. Ficou claro?”

Houve um momento de silêncio. Eu quase podia sentir o ultraje de Luka. Imaginava com clareza seus olhos negros reluzindo com ódio, fechando-se em fendas...

“Não se atreva a me dizer como eu tenho que tratar a minha...”

“Sua o quê?”, provocou Nikolai.

Ouvi um rosnado, muito provavelmente vindo de Luka. Nikolai bufou.

“Viu, é disso que eu estou falando. Decida-se, meu irmão. Ela não vai te esperar para sempre. Se não gosta da garota, deixe-a em paz. Mas se gosta a ponto de fazer o que todos nós sabemos que é inevitável, então assuma de uma vez. Uma vez que ela está aqui, eu não deveria ser o único homem que já a considera da família, você sabe bem disso.”

“Luka tem todo o direito de odiá-la. Ela vai o destruir!”, interferiu Alicia. Eu já tinha desistido de tentar colocar algum sentido naquela conversa.

“Não, Ali”, contestou Nikolai. “Luka é um adulto e sabe muito bem o que faz. Decida suas prioridades, meu irmão, e me avise se for ou não para a aceitarmos na família. Você sabe que eu só quero o seu bem, e, se for uma votação, eu voto para que escolha por você mesmo, para o seu bem. Mas se escolher a ela, então a acolherei como uma de nós. Só não nos faça esperar muito mais, Luka. Porque nem eu, nem a garota vamos esperar para sempre.”

“Nikolai!”, ultrajou-se Alicia. “Como pode falar isso? É traição! Você quer que Luka arruíne a si mesmo?”

“Não, só quero que ele seja feliz. Luka é um adulto e essa decisão convém a ele e a ninguém mais. Sei que você o ama, Ali, e eu também. Mas

temos que ficar fora disso.” Pelo que falou depois, provavelmente virou-se para o irmão. “Decida pelo que vale a pena viver, meu irmão. Porque se aceitar aquela garota em seu quarto, vai ser uma escolha definitiva, você sabe. Nós conhecemos você, e sabemos que não volta atrás.”

Houve silêncio por algum tempo. Todos esperavam pela reação de Luka.

“Só fique longe dela.” Por fim, Luka avisou friamente. Aquela discussão não o agradava. E ele não tinha nada mais a dizer.

Nikolai achava Luka tão teimoso quanto eu própria achava, por isso suspirou – provavelmente rolando os olhos. “Está com raiva, irmãozinho? Processe-me.”

E então ouvi passos pesados se distanciando. Nikolai fora embora. Alicia aproveitou a deixa para insistir: “Luka, por favor, tire aquela menina do seu quarto. É só uma garota dentre outras milhares de garotas. Não se *envolva*.”

Ele grunhiu.

“É meio tarde para isso. Já estou envolvido.”

“Não pode estar falando sério – não por causa dela”, Alicia devolveu em tom depreciativo. “Você mal a conhece...”

A voz de Luka ficou gelada:

“Não fale nesse tom dela na minha frente, Alicia. Não estou querendo brigar.”

“Não pode estar pensando em destruir sua vida por causa dela, seja sensato!”

“Não estou destruindo nada.”

“Ambos sabemos onde essa história vai dar! Não se apaixone, Luka, ela não poderá acompanhar você!”

“Chega, Alicia. Essa é uma decisão que só cabe a mim.” Ele a cortou friamente.

“Sim, cabe a você, mas envolve muita gente. Pense nas pessoas que serão afetadas por causa do seu egoísmo. Afaste-se dela, Luka. Se não fizer por mim e por Nikolai, faça pelo resto de nossa família. Nossos pais...” Alicia me surpreendeu a partir daí. Sua voz se tornou doce, quase humilde. “Anikka, Alexandra Todos que deixamos para trás. Por favor. Pense racionalmente no que está fazendo, meu irmão. A vida não se resume a *ela*.”

Luka suspirou, tentando conter a irritação. Eu fiquei pensando quem era essa tal de Anikka...

“Agradeço pela preocupação, irmã. Mas a vida é minha. Eu decido minhas prioridades.”

Foi a vez de Alicia suspirar cansada.

“Eu avisei, Luka. Estou lutando para te salvar, mas no final das contas a escolha é sua. Só espero que esteja preparado para lidar com as consequências e as privações que estão por vir. *Eternas*.”

“Estou ciente das consequências. Já pensei muito sobre elas”, foi só o que ele respondeu.

Alicia ficou um tempo em silêncio. Depois, pareceu desistir de implorar ou tentar devolver à sensatez ao irmão. Simplesmente informou com frieza:

“Tudo bem, Luka. Não posso fazer nada se você não quer me ouvir. Mas que algo fique bem claro na sua cabeça: o que está acontecendo neste exato momento é imoral e antinatural.”

Luka deu uma risada gelada: “Poupe-me! O que em nossa vida aqui não é antinatural? Uma situação estranha a mais, outra a menos... O que importa? Já somos aberrações!”

“Bem, mas você se esqueceu um detalhe. O que você está querendo com essa garota é proibido. Quem impôs essa regra não vai te perdoar, Luka. E talvez nem a ela.”

Luka rosnou.

“Lara não sabe de nada. Não pode ser considerada culpada caso algo venha a acontecer.”

“É só um aviso”, Alicia finalizou friamente e então se foi.

Ouvi passos vindos na direção do quarto, que só poderiam pertencer a ele. Ou também poderia ser Alicia – pronta para decepar minha cabeça. As duas opções eram igualmente preocupantes. Cobri-me com os lençóis, virei-me para o canto e fingi dormir. A porta foi aberta. Pude sentir o olhar negro – inconfundivelmente *dele* – sobre mim por um longo minuto, analisando se eu valia mesmo toda aquela confusão...

Ouvi passos hesitantes na minha direção e fiquei imóvel, o coração aflito, esperançoso e cheio de medo. O que ele iria fazer? Beijar-me? Arrastar-me pelos cabelos para fora de sua casa?

Mas Luka não fez nada disso.

Senti um cobertor sendo colocado por cima de mim, mais quentinho do que os lençóis. Meu corpo esquentou – mas meu coração esquentou muito mais. Ele estava... *Preocupado* comigo. Cuidando de mim.

Lutei para encontrar palavras para a sensação que me atingiu. Não consegui. Era a primeira vez que o arrogante Luka Ivanovick cuidava de alguém. Cobria alguém. Escolhia, defendia e saía de sua própria cama por esse alguém.

Luka não tocou em nenhuma parte do meu corpo. Silenciosamente e sem saber ser observado, afofou o cobertor ao meu redor, de modo ao frio não entrar. Cuidadoso, gentil. Nada semelhante ao jeito que me tratava quando eu estava acordada.

Não importava se Alicia me odiava. Não importava o que eu estava roubando por estar aqui, na cama dele, na vida dele. Não importava o quanto ele poderia ser hostil ou arrogante. Luka me acolheu em sua casa, em sua família misteriosa e em sua existência solitária, reclusa e fechada.

Ele saiu do quarto, apagou o fraco abajur e fechou a porta, deixando-me quentinha e segura.

O garoto de olhos negros me mostrou seu pior lado: hostilidade, reclusão, possessividade. Mas também me mostrou suas pequenas coisas preciosas. Seus livros, seu piano, sua música, sua família. Coisas só dele e que ninguém nunca viu. Coisas que ele protegia, que pertenciam ao seu pequeno mundo restrito.

Luka era lindo – disso todas sabiam. Em contrapartida, ele era tão errado e cheio de estragos... Mas quem se importava com isso? Todas adoravam sua beleza.

Percebi que estava sorrindo no escuro, mas curiosamente não me lembrava da perfeição desconcertante do seu rosto. Eu pensava em seus mais variados defeitos, erros, estragos... Cada coisinha ruim e insuportável a respeito dele. Cada imperfeição.

E, de repente, me peguei amando aquilo tudo tanto, tanto, *tanto*.

Eu sabia que sua aparente maldade era somente a reação de um coração ferido. Não sabia o que o tinha machucado no passado, mas minha decisão estava tomada. E curaria aquele homem, e o tornaria meu.

Capítulo Onze

Luka não bateu na porta antes de entrar. É claro que aquilo não me

surpreendeu.

Abri os olhos pegajosos, focalizando a imagem dele parado bem na frente da cama, usando seu uniforme despojado e elegante; o cabelo desalinhado sob o boné vermelho, o brinco reluzindo na orelha esquerda e os olhos ardendo na expressão debochada de sempre.

Encabulada com a minha aparência pós-despertar, puxei o cobertor mais para cima. Quão estranho era ver alguém se apossar e acordar na sua cama?

Luka não parecia com raiva. Tinha a voz baixa, controlada; notei que sua hostilidade diminuía com o tempo.

– Está na hora da Primeira Refeição. Você tem vinte minutos para se arrumar. Estarei te esperando na porta.

Argh, que droga. Hoje era segunda-feira: o ensaio para o inferno. Olhei no relógio da escrivaninha ao lado da cama. Sete e quarenta da noite no mundo dos vivos. Fim das aulas na Sotrom. Começo das aulas na Escola dos Mortos.

– Desculpe-me por... – minha garganta arranhou e falhou. Pigarreei, lamentando não ter podido escovar meus malditos dentes antes de falar qualquer coisa com ele. – Me desculpe por ter te tirado da sua cama.

– Uma noite no sofá da sala não vai me matar – ele deu de ombros. – Fui até o seu quarto e Mayumi Keiko entregou-me seu uniforme. Aqui está. – Eu ainda não havia percebido que Luka segurava o meu uniforme numa das mãos. Ele o depositou sobre a cama enquanto eu me recuperava do choque.

Luka acordara mais cedo e fora até o meu quarto *só para isso?* Deus. Eu podia imaginar a perplexidade de Mayumi ao abrir a porta à uma hora

daquelas e encontrar Luka Ivanovick do outro lado.

– Deus – ri – ela deve ter chocado um ovo de susto.

Luka ensaiou um pequeno sorriso atrevido.

– Gaguejou um pouco, logo depois saiu correndo para dentro do quarto. Nenhuma surpresa.

– Então você está consciente da forma em que afeta as pessoas – ergui uma sobrancelha.

– Não é minha culpa se elas sempre se apavoram.

Afastei o cobertor e me levantei da cama, a voz ainda um pouco rouca, os olhos embaçados.

– Não deveria ficar assustando as pessoas assim – inclinei-me para pegar o uniforme depositado sobre o colchão. Ouvi um silvo baixo, como um rosnado abafado.

Olhei para Luka. Ele olhava para minhas coxas. Subiu as íris negras, ardendo-as sobre as minhas curvas marcadas sob sua camisa. As pernas, os quadris... Apertei o uniforme dobrado contra o peito e pigarreei.

– Certo. Então eu vou trocar de roupa.

– Pode tomar um banho, se quiser... – a voz dele estava estranha. Olhava fixamente para mim (mas não para o meu rosto). Aquilo me constrangeu, embora um calor agradável tenha subido pelas minhas coxas. Eu gostava de ter sua atenção.

Coloquei uma mexa de cabelo embaraçado atrás de uma orelha.

– Humm, então estou indo... Vai me esperar lá fora?

Luka despertou bruscamente, subindo as íris negras de uma só vez para

encarar meu rosto. Arqueou uma sobrancelha, captando a indireta.

– Certo. Irei. Tem uma toalha para você no banheiro. – E então virou as costas e saiu com passos rápidos, os olhos distraídos, a expressão fechada. Algum pensamento o perturbava.

Respirei aliviada quando me encontrei sozinha. Estar com Luka por perto era sempre motivo de constante tensão. E embora eu me sentisse mais confortável quando ele se ia, uma angústia pulsava em meu peito. Como se garoto houvesse levado alguma parte vital do meu corpo consigo. E de repente eu me pegava muito ansiosa para vê-lo outra vez, lutando contra uma dor fantasma na boca do estômago.

Olhei-me no espelho do banheiro e reconheci um velho amigo. Mun-Ha, a Múmia. Descabelado e amassado. Palmas para mim. Era assim que eu planejava conquistar Luka Ivanovick.

Tirei a camisa dele e a dobrei cuidadosamente sobre a pia. Entrei no *box* grande. O chuveiro era quente e potente, nada do que eu tenha visto antes. Luka usava um xampu caro, masculino e certamente não era ele quem encomendava. Imaginei que isso era coisa de Alicia. Se dependesse dele, apostava que usaria qualquer coisa.

Os Ivanovick deveriam ter exclusividade na hora de realizarem suas encomendas. Os alunos da Escola da Noite constantemente encomendavam à governanta listas de compras – bebidas alcóolicas, roupas, sapatos de grife, etc. Sempre com um cartão de crédito com fonte inesgotável, cujos papais ricos ofereciam como troca justa pela morte.

No mundo dos mortos não havia escassez, pobreza, inverno, guerras ou desastres. Tudo por aqui era luxo, beleza e riqueza. A Morte não aceitaria nada menos.

Alguns pais sabiam da existência da Escola da Noite, outros, não. O fardo era passado de geração em geração, e algumas mães desavisadas concordavam em mandar seus filhos para as Sotroms do mundo – enquanto os pais silenciosamente cumpriam seu acordo para com a Morte. Ou o contrário. Algumas vezes, nem mesmo os pais sabiam: poderia ser providência de parentes distantes, ansiosos por jovens fortes e saudáveis servirem de pagamento. Esse era o meu próprio caso, pois foi meu avô quem me enviou para cá. Helena provavelmente seria informada de que eu morrera de alguma doença grave e repentina.

Nada de Escolas paralelas e acordos com assassinos.

Usando a toalha que ele deixara para mim, sequei meu corpo e tirei o excesso de água do cabelo molhado. Penteei-os com os dedos, escovei os dentes e vesti o uniforme rapidamente. Tive que usar os mesmos sapatos de ontem, mas deixei minha roupa usada dobrada num canto do quarto, de modo que ele me devolvesse outro dia.

Enquanto eu fazia tudo isso, seguia refletindo sobre a bizarra conversa dos Ivanovicks. Não entendia o sentido das acusações de Alicia – por que Luka e eu, juntos, poderíamos ser uma situação antinatural, imoral e até proibida? Que regras eram essas que Luka não deveria quebrar? Por que eu poderia destruí-lo?

E, mesmo assim, ele estava escolhendo a mim em detrimento de si mesmo. Era por isso que Alicia me odiava? Era por isso que o *próprio* Luka me odiava?

Exatamente vinte minutos depois, ele estava parado na porta do quarto. Como se isso já não fosse pressão suficiente, Nikolai e Alicia encontravam-se a somente alguns passos, recostados na parede e me esperando também. Luka tinha a mesma expressão enigmática de sempre, o queixo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

arrogantemente erguido como se nada no mundo pudesse atingi-lo. Provavelmente nada mesmo poderia. Ele tinha dinheiro, inteligência, poder e beleza. E já estava morto. Simples.

Nikolai me esperava com um sorriso afável no rosto, divertindo-se com toda essa quebra de rotina. Já Alicia se recostava na parede com braços cruzados, olhos ardendo de ódio e repulsa silenciada pela educação imposta por seus irmãos. Eu a incomodava e ela deixava isso muito claro.

Clareei a garganta, constrangida. Dois pares de olhos hostis sobre mim – e outro rindo da minha cara – despertava-me a ânsia de querer encolher ao tamanho de um grão de feijão. Mínimo. Irrelevante demais para chamar a atenção de alguém.

– Humm, estou pronta para ir quando vocês quiserem – balbuciei.

Luka fez um movimento com os olhos, mandando-me andar para o lado dele. Obedeci, cabeça baixa, passos rápidos, enquanto saíamos do covil dos Ivanovick para o colégio normal e habitável. Nikolai encontrava-se bem atrás de mim e Alicia vinha por último, pois dessa vez não era quem deveria ser a escoltada. Pelo contrário – eu é que deveria ser protegida dela.

O caminho até o grande salão foi extremamente constrangedor. Quem transitava pelos corredores, correndo apressadamente em grupinhos para o salão, ou agarrados aos namorados nos cantos, arregalavam os olhos ao me verem ali, no meio do círculo fechado dos Ivanovicks. Cabeça baixa, bochechas queimando, tentando parecer menor do que realmente era.

Luka e Nikolai montavam guarda ao meu lado, enquanto Alicia seguia atrás, os olhos negros queimando sobre minha nuca. *Invasora* – podia sentir essa palavra flamejando e virando pó no ar.

Quando chegamos ao grande salão, obviamente toda a atenção foi

desviada para nós. Murmúrios, cochichos, olhares estarecidos.

Porém, havia algo de diferente no ambiente. Primeiro, reparei que havia uma grande comoção entre os alunos. Alguns estavam até choravam em silêncio – como Amy, em nossa mesa habitual. Ela tinha o rosto escondido nas mãos e os ombros esbeltos sacudindo. Mayumi a abraçava de um lado, a expressão derrotada, e Miguel passava um braço firme pelo outro, sendo o apoio que a inglesa precisava.

Santiago, Aisha e Ian conversavam em voz baixa, todos com expressões funerárias.

Enquanto andávamos por entre as mesas, Mayumi capturou meu olhar, logo depois desviou a atenção para os Ivanovick que me cercavam. Sorriu pesarosamente, como quem dá congratulações num enterro. Não havia clima.

Eu acenei uma vez com a cabeça, sem nada entender. O que estava acontecendo?

O salão estava em silêncio – só breves murmúrios foram ouvidos aqui e ali depois que nós chegamos. Mesmo no pesado clima de luto, a fofoca era inevitável. No entanto, ninguém ria, ninguém falava alto. Nada de bolas voando por cima das cabeças, nada de *iPods* ligados, ou pés por sobre as mesas. Por todo lado eu via pessoas sendo consoladas – e entre elas havia um padrão. Notei que, estranhamente, as pessoas mais tristes eram somente os alunos mais velhos daqui. Amy, Santiago, um grupo de dinamarqueses ao canto...

Algumas pessoas estavam aqui há centenas de anos, e outros somente há vinte: como Amy, Santiago e Ian. Com o tempo, eu fui descobrindo que Aisha estava na Escola da Noite há onze anos, Laila há cinco, Catarina e Miguel há oito e Mayumi há quase um ano.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Notei que bandeiras negras tinham sido dispostas regularmente pelo alto teto do castelo, substituindo a bandeira habitual da Escola da Noite, com o leão dourado bordado no centro. Hoje, essas bandeiras tinham improváveis inscrições prateadas: **V.N.T.D.C.**

Luka me guiou até uma mesa. Sentamo-nos um de frente para o outro. Olhei para trás e me surpreendi. Nikolai e Alicia haviam sumido.

– Onde estão seus irmãos?

– Alicia não se sentiu... Confortável para se sentar com você. Pelo menos ainda não. – Luka não estava muito feliz com aquilo. Rolando meus olhos pelo salão, pude ver que Alicia e Nikolai preferiram sentar-se em sua mesa habitual, no canto isolado do salão.

– Ah, certo – murmurei, tristonha. Era constrangedor ser um estorvo.

– Vamos dar um tempo a ela – ele deu de ombros. – Com o tempo Alicia vai acabar te aceitando.

Murmurei em concordância, sentindo-me lisonjeada. Então Luka planejava me ter por perto ainda por um longo tempo... Segurei o sorriso. Não estávamos no ambiente certo para sorrir. Observando as pessoas ao nosso redor – sem contar aquelas que nos encaravam escancaradamente – muitas ainda tinham as cabeças baixas, lágrimas silenciosas rolando pelos olhos.

Aquilo ia muito além da barreira que definia a estranheza. Nunca vi os alunos da Escola da Noite agirem assim. Por aqui havia distrações demais, de modo que não sobrava tempo para lágrimas.

– O que está acontecendo? – sussurrei para Luka.

– Creio que em breve nós iremos compreender – ele franziu as sobrancelhas perfeitas, observando o salão. – Olhe. Miss Markova acaba de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

entrar no palco.

Na extremidade do salão havia um palco discreto, sempre em desuso. A diretora Markova subiu ali, cercada pelos professores. Um microfone arcaico tinha sido colocado para ela bem no centro. Aquilo parecia ter vindo direto do túnel do tempo: 1940, no mínimo.

Ela cutucou a antiguidade com um dedo, e o fóssil de microfone causou um barulho arranhado e grotesco, fazendo metade dos alunos gemerem e tamparem os ouvidos.

– Meu Deus – eu mesma tinha os ouvidos tampados – o que essa gente tem contra microfones modernos?

– Miss Markova morreu há muito tempo – Luka explicou. – Ela não entende das novas tecnologias, por isso não investe nelas para o colégio. Aquele microfone é seu contemporâneo.

– Nenhum dos professores procura se atualizar?

– A maioria dessas pessoas está parada no tempo. Mais especificamente na época em que morreram.

– Todos estamos – suspirei, descobrindo minhas orelhas, uma vez que a diretora já parecia ter conseguido controlar o que parecia ser o antepassado pré-histórico de um microfone de verdade. Para os alunos que morreram há duzentos anos, como deveria ser a adaptação ao mundo moderno? Como eles conseguiam digerir desde as mudanças mais extravagantes até as mais simples? Como o aumento da tecnologia, criação de foguetes e computadores – até o abandono de ceroulas e a diminuição do tamanho das saias?

Ninguém deveria existir por tanto tempo assim. Nós éramos aberrações da natureza.

– Boa noite, alunos da Academia dos Mortos – a voz da diretora ressoou por dezenas de alto-falantes já roucos, espalhados pelo grande salão.

– Boa noite, Miss Markova – responderam todos em coro. Eu me choquei. Não conhecia esse lado disciplinado dos meus colegas.

– Hoje de manhã foi entregue a cada um de vocês o aviso de que realizaríamos uma cerimônia em memória de nossos alunos desaparecidos – ela começou solenemente. *Alunos desaparecidos?* Mas que diabos ela estava falando? Alunos da Escola da Noite? Olhei ao redor apavorada, tentando notar a falta de alguém... Mas...

Espere aí – isso estava errado. A Escola dos Mortos deveria ser, supostamente, um lugar seguro. Assassinos, mortes e desaparecimentos ficaram para trás, na Sotrom. Isso não devia estar acontecendo *aqui*.

– Não recebemos aviso nenhum – murmurei a contragosto. Ninguém havia me avisado sobre cerimônias fúnebres.

– Na ala da minha família não entra nada sem nossa autorização – Luka murmurou de volta, distraído. Sua atenção concentrava-se na diretora, a testa franzida, olhos negros brilhando enigmaticamente, os lábios cerrados em desgosto. Aquele assunto o afetava de alguma maneira.

Ergui uma sobrancelha, interessada. A partir de então fiquei atenta a qualquer reação de Luka. Como ele não revelava nada por si mesmo, eu tinha que ler suas expressões, reações e os sentidos ocultos por trás das poucas palavras.

A diretora continuou:

– Para aqueles que, por ventura, ainda não saibam do ocorrido, eis aqui uma explicação: dez anos atrás, cinco alunos desapareceram no colégio

durante uma das Caçadas. Desde então os jogos foram suspensos por uma década, em respeito à memória dos alunos e devido a sua periculosidade.

– Caçadas? – perguntei para Luka aos sussurros enquanto Miss Markova continuava a falar. Ele mantinha os olhos fixados nela, mas sussurrou de volta para mim automaticamente.

– As Caçadas eram jogos realizados no colégio uma vez a cada quatro anos, como uma caça ao tesouro. Por todo o castelo e nos arredores. É quase como uma Copa do Mundo do universo dos mortos.

– E o que era o tesouro? – o que esses alunos poderiam querer que valesse à pena ser chamado de “tesouro”? Eles tinham *tudo*.

Luka desviou os olhos sombriamente para mim.

– Um dia de vida – informou simplesmente.

– *O quê?! – berrei e várias pessoas me lançaram olhares reprovadores. Ninguém ousou olhar assim para Luka, é claro.*

O garoto murmurava, mal mexendo os lábios, prestando atenção à diretora e conversando ao mesmo tempo.

– Uma única pessoa do grupo que acha o “tesouro” é premiado com um dia de vida. Ela tem direito há 24 horas no mundo dos vivos. Pode ir para a casa rever a família, ou fazer qualquer coisa que quiser. Você sabe, a morte pode entediar depois de algumas décadas.

Fiquei parada uns cinco segundos encarando-o, atônita. Luka não olhava para mim – e não parecia estar tirando uma com a minha cara.

– C-como isso é possível? – gaguejei. Se meu coração batesse, estaria acelerado. Ver Ana e Helena por uma última vez... Minhas amigas... Meu Rio de Janeiro... Meu Brasil... Meu mar.

De acordo com o que Luka falava, A Escola tinha feito um acordo com a Morte e, por isso, de anos em anos, um único aluno ganhava esse direito. Mas havia regras. Não chamar a atenção para si mesmo e só aparecer para membros da família que sabiam sobre o segredo da Sotrom. A não ser, é claro, que você queira matar seus pais ressurgindo dos mortos direto para a mesa de jantar.

Deus, imagine as possibilidades... Um dia de volta ao mundo dos vivos! Era uma pena que as Caçadas tenham sido extintas, porque se eu tivesse essa chance nas mãos, iria agarrar com unhas e dentes... Mas Luka deve ter tido a oportunidade de ter jogado alguma vez. Eu duvidava de que ele não pudesse vencer – o que os Ivanovicks perdiam?

Mas se Luka tivesse ganhado no passado, certamente eu já saberia desse fato. Se ele não me contasse, alguém já teria contado. Mas aparentemente esses Jogos eram um tabu aqui, na Escola.

Não obstante, Luka certamente formaria um grupo com seus irmãos. Mas quem seria o escolhido para usufruir do prêmio? Luka cederia o precioso dia de vida para seus irmãos? Ou ficaria com o prêmio só para ele?

Inclinei-me sobre a mesa, de modo a sussurrar mais baixo. O silêncio tomava conta do salão e somente a diretora falava.

– Os Jogos tinham que ser realizados obrigatoriamente em grupos?

Ele confirmou com a cabeça, ainda atento às palavras da diretora. Franzi a testa. Então eles estimulavam os desentendimentos entre os alunos. Por que os obrigarem a escolher somente uma única pessoa do grupo vencedor?

– E os outros que também se esforçaram? Não ganham nada?

– Não. Tinham que escolher um. Simplesmente.

– Não acha meio... Cruel?

– Essa é a ideia.

Ultrajei-me.

– Um jogo que incentiva as brigas? Quem sujeitaria os alunos a isso? – quem foi estúpido a ponto de *inventar* algo dessa estirpe? Quantos amigos já deveriam ter se separado por causa desses Jogos?

Luka ergueu uma sobrancelha, os olhos reluzindo sombrios.

– A única Patrocinadora e Fundadora dos Jogos: a própria Morte.

Ah. Agora eu havia entendido. A Morte queria ver o pau quebrar.

– Você já jogou alguma vez? O último foi há dez anos... – minha cabeça deu um estalo, conectando os fatos. – Não foi exatamente na época em que você chegou na Escola?

Luka olhou para mim bruscamente, pela primeira vez desde que a diretora começou a falar. Seus olhos ficaram frios, mas eu soube aquele era só um mecanismo de defesa. O assunto não o agradava.

– Não. Morri depois que os alunos desapareceram e os Jogos foram proibidos.

– Humm – murmurei, estranhando sua reação. Voltei ao meu lugar e desviei a atenção para o que a diretora Anastasia Markova falava.

A história desses alunos era curiosa, misteriosa e estranha. O grupo sumiu durante as últimas Caçadas, e, pelo que a diretora dava a entender, os Jogos de Caça eram eventos enormes, estrondosos, cobertos até pela mídia do mundo dos mortos – sim, nós tínhamos mídia. Afinal, o que fazer com os repórteres mortos? Eles continuavam a trabalhar.

A Escola da Noite era famosa, pois abrigava a maioria dos jovens do
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nosso mundo paralelo. Por isso nossos torneios de futebol eram tão concorridos – e com as Caçadas não poderia ser diferente. Pessoas de todos os cantos do mundo dos mortos acompanhavam pela TV os jogos. Algumas vezes recebíamos até convidados de outras escolas para competirem conosco.

De acordo com aos cochichos ao redor, as Caçadas eram eventos grandiosos – porém perigosos. Duravam até o tesouro ser encontrado, podendo se estender por dias – ou até meses. O mais curto durou três dias, o mais longo, quarenta e oito.

Uma vez inscrito, ninguém tinha permissão para parar. Acontecia no escuro completo – sem lâmpadas ou velas. O colégio ficava cheio de armadilhas, passagens secretas, enigmas... O lugar ideal para um desaparecimento misterioso.

Todo aluno tinha direito a uma lanterna e uma bolsa de suprimentos. Até que a Caçada terminasse, ninguém poderia voltar aos quartos para descansar – ou seja: 24 horas de jogo. Muitos ficavam presos fora do castelo e tinham que dormir ao relento, nas estradas e florestas ao redor da Escola. O prêmio poderia estar escondido em qualquer lugar.

Vários alunos já se perderam em meio disso – mas todos foram encontrados. Contudo, há dez anos, cinco alunos simplesmente *desapareceram*, sumiram no ar. Grupos de buscas foram enviados por todo colégio e nos arredores, mas ninguém encontrou seus corpos – mutilados, degolados ou despedaçados – as poucas maneiras que cessavam nossa existência, pois ninguém poderia nos matar outra vez.

Desde então, os jogos foram considerados muito perigosos – e então cancelados e suspensos por anos.

Vários alunos subiram no palco para prestarem homenagens aos cinco
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desaparecidos; a maioria se emocionava no meio do discurso. Namorados, irmãos, amigos. Dez anos se passaram e os alunos não foram esquecidos.

Um terço dos alunos da Escola da Noite só havia morrido depois do desaparecimento, por isso somente se sentavam lá e ouviam em silêncio, assim como eu – carregando o pesar por uma dor que não era minha. Eu não tinha aquelas lembranças, não conhecia seus rostos, suas vozes... Os desaparecidos eram estranhos para mim.

O grupo objeto das homenagens fora composto por cinco alunos. A primeira a ser citada foi Valentina di Pauli. Italiana. Melhor amiga de Amy. Eu soube disso quando a inglesa subiu no palco juntamente com Ian, Santiago, Aisha e mais algumas pessoas para falar da garota desaparecida. Laila, Mayumi, Miguel e Catarina não a conheciam, pois chegaram ao colégio depois dos últimos Jogos.

A inglesa foi a primeira a tomar posse do microfone.

“(...) Valentina era a pessoa mais generosa e de boa índole que eu já conheci. Íntegra, sincera, forte e totalmente leal aos amigos... Leal a *mim*”, Amy massageou as pálpebras com os dedos, tentando estabilizar suas emoções. “Como seu próprio nome diz, sua principal característica era a valentia. Ninguém nunca foi um alicerce tão forte na minha existência. E é por isso que eu jamais vou esquecê-la e deixar de amá-la. Nem daqui há dez anos, dez décadas ou dez vidas.”

O irmão de Valentina, Giuseppe di Pauli – o que Mayumi me contou ter se isolado do grupo depois que Amy lhe deu um fora – também falou. Assim como Amy, engasgou-se com lágrimas inexistentes – nós, mortos, não as produzíamos mais; só podíamos chorar a reserva que ficou em nossos dutos lacrimais antes de morrermos – e teve que se retirar no meio do discurso.

Valentina: italiana. Niko: dinamarquês. Talan: indiano. David: australiano. Camille: espanhola, irmã gêmea de Santiago. Esses eram os nomes dos desaparecidos.

Notei um padrão: geralmente todas as pessoas daqui tinham irmãos. Alguns na Escola da Noite, outros no mundo dos vivos. As famílias que sabiam da existência do pacto com a Morte se precavam, na consciência de que perderiam seus filhos. Por isso tinham vários, de modo que restassem pelo menos um ou dois. Era o caso dos Ivanovicks, por exemplo: quatro irmãos e somente uma sobreviveu – Alexandra.

Meu professor preferido, Sr. Wood, foi quem instalou um grande telão, onde podíamos ver fotos dos desaparecidos. Os cinco eram fortes, bonitos e atléticos – *por que* haviam sumido? Como? Onde? Por qual motivo? Essas eram as perguntas que assombravam todo o colégio.

A homenagem durou por cerca de quarenta minutos, e eu notei com estranheza que falavam dos alunos como se estivessem mortos. Mortos *mesmo* – sem existência paralela. Enfiados num caixão, inconscientes. Eu me peguei divagando, desatenta aos discursos, pensando em como cinco pessoas poderiam desaparecer dentro de um perímetro fechado...

Luka também não parecia muito interessado. Recostava-se no encosto do banco com os braços cruzados, olhos distraídos, fixos em algum ponto abaixo.

– O que será que aconteceu com o prêmio? – perguntei distraidamente, falando comigo mesma. Para minha surpresa, Luka despertou do transe e prestou total atenção a mim. Pigarreei, ressaltada. Era sempre desconcertante quando ele fixava suas quentes íris negras em meu rosto. Desesperador. Intimidante. Inebriante. – A Caçada não poderia terminar até que o prêmio fosse encontrado, não é? – justifiquei. – É claro que era uma

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

situação de emergência, mas eu fico pensando... O que aconteceu com o prêmio? Ninguém ganhou? A Escola o recolheu do esconderijo e ninguém nunca o usou? Ou ainda está lá, no mesmo lugar?

Era um tesouro cobiçado, afinal. Um dia de volta à vida. Para quem estava aqui há centenas de anos, sem ver a família, a terra natal e a luz do sol, consistia em uma oportunidade única.

Tudo bem, então a Escola da Noite era cheia de distrações – mas, lá no fundo, quando não estávamos eufóricos ou exaustos demais, havia momentos de lucidez, em que a névoa das distrações se dispersava e conseguíamos *pensar*. E aí, sozinhos com a cabeça no travesseiro, sentíamos aquela velha sensação de vazio. Vazio que, de tão grande, se estendeu por milênios – e aí a humanidade resolveu lhe dar um nome.

Tristeza.

Não havia como fugir da sensação de buraco, de vácuo. Da perda, do roubo. Os mortos também amam, também sentem saudades... Saudades dos filhos que não tiveram, dos lugares que não conheceram. Saudades da terra natal, seja ela qual for. Desde os oceanos coloridos do Brasil até os desertos misteriosos da Arábia.

Será que Aisha não sentia falta de sua exótica e colorida África? E Mayumi? Não lhe fazia falta o mundo oriental? Laila não queria de volta o som dos sinos tocando fielmente nas mesquitas...?

Não há terra tão boa quanto a que fomos criados. Tão civilizada quanto a que nós nascemos. Tão confortável quanto o nosso lar, nosso berço. E, embora eu ainda não estivesse desesperada, sabia que daqui a alguns anos daria qualquer coisa para sentir os pés na areia outra vez, o sol batendo no rosto... E ver minha mãe totalmente desequilibrada, borrada de tinta – bem como minha irmã equilibrada até demais. A carrasca mirim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sim, daqui a alguns anos, eu estaria sedenta por vê-las. Mataria e morreria por isso. Alheio aos meus devaneios, Luka respondeu.

– Na verdade, o tesouro da Caçada nunca foi encontrado. Quando os alunos sumiram e os jogos foram cancelados, ninguém nunca soube o local exato onde eles desapareceram ou onde o tesouro estava. É um mistério até hoje.

Meu Deus. Essa história se tornava cada vez mais bizarra. Inclinei-me por sobre a mesa, sussurrando meio hesitante.

– Você acha que os alunos que sumiram encontraram o tesouro, foram para o mundo dos vivos e não voltaram? – um golpe de mestre, com certeza. Muito espertos.

Surpreendendo-me outra vez, Luka olhou-me sombriamente e acenou com a cabeça.

– Isso é exatamente o que todo mundo deduziu.

Franzi a sobancelha, agora sem entender mais porcaria nenhuma.

– E então por que todo esse teatro de funeral? – indiquei a choradeira ao nosso redor. – Esses alunos roubaram as vidas de volta, quebraram as regras do jogo e agora estão muito melhor que a gente. Por que estamos os tratando como mártires?

– Acontece que, uma vez que eles não voltaram em 24 horas, o acordo com a Morte foi quebrado. E com a Morte não se brinca, disso todo mundo sabe. Se eles fizeram mesmo o que todos pensam, a Morte os perseguiu e os matou. Definitivamente. Sem Escola, sem pós-vida. Fim definitivo: caixão.

Arfei. Então era por isso que todos tratavam esse desaparecimento como um falecimento... Definitivo. Agora eu havia reparado nas inscrições bordadas nas faixas negras e no cantinho dos guardanapos dispostos sobre

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

as mesas. Pequeno, discreto e prateado. *In Memoriam*.

Em memória.

E então, logo abaixo, bem no cantinho, uma sequência que só agora fazia sentido para mim.

V.N.T.D.C. Cada letra era a inicial de um aluno. *Valentina. Niko. Talan. David. Camille.* Desaparecidos... Ou *mortos*?

– Mas isso não é comprovado, certo? Pode ter acontecido outra coisa...
– argumentei com um fiozinho de esperança.

Mas Luka permanecia descrente.

– E depois de dez anos ninguém tê-los encontrado? Se seus corpos estivessem no mundo dos mortos, já teriam achado.

– Ou eles simplesmente fugiram da Escola levando o prêmio...

Ele deu de ombros.

– Possível, mas não provável. Primeiro, porque não há melhor lugar para jovens do que a Escola da Noite inglesa. Há outras escolas em outros países, mas não da liga da Ordem e não tão estruturada quanto essa. Além disso, o mundo dos mortos lá fora só abriga gente mais velha. Por que eles iriam querer ficar longe das pessoas da própria idade, no lugar onde acontecem as melhores festas, campeonatos, jogos e eventos? Não faz sentido. E mesmo se quisessem ir embora levando o prêmio, certamente tinham a intenção de usá-lo. Se foram ao mundo dos vivos e não voltaram, é certo que a Morte os pegou.

O raciocínio de Luka era mais sensato que o meu. Ele tinha razão: esses alunos desavisados roubaram o prêmio, o usaram e morreram. Quebrar as regras das Caçadas não tinha perdão.

“Dez anos se passaram, meus caros alunos e amigos”, a diretora Markova tomou posse do microfone outra vez. “E embora eles tenham ido embora há anos, ainda permanecem em nossos corações. Honrados foram aqueles que tiveram o privilégio de os conhecerem. E para os que não chegaram a tempo, saibam que Valentina, Niko, Talan, Camille e David foram os cinco alunos mais brilhantes que já passaram por esse colégio! Eles não merecem nada menos do que nossas orações e aplausos.”

E então um estrondoso aplauso correu por todo o salão. Eu bati palmas – embora achasse que de “brilhantes” esses alunos não tinham nada. Enfrentar a própria morte? Isso não era inteligente.

Alicia e Nikolai se mantiveram imóveis, olhando friamente para a diretora no alto do palco. Luka tinha a mesma expressão indecifrável. Não bateu palmas. A reação dos Ivanovicks a esses desaparecimentos era um tanto... Estranha.

A diretora continuou.

“Mas é de conhecimento geral que esses mesmos alunos burlaram as regras dos Jogos e enfrentaram perigos além de sua capacidade e entendimento. Compreendam, alunos, que as Caçadas não são jogos que se jogam sozinhos. Joga-se com os colegas, mas estes não são seus principais concorrentes. Tudo o que é feito deve passar pela aprovação da primeira e única Patrocinadora e Fundadora: a Morte. E, quem tiver algum amor a própria existência, não vai querer enfrentá-la. Uma vez na Caçada, na Caçada até o fim.”

Um silêncio pesado se instalou no salão. Paradoxalmente, a expressão delicada de Miss Markova tornou-se leve, empolgada.

“Não obstante, anos já se passaram e percebemos que todo o colégio não deve ser castigado pelo erro de um único grupo. Portanto, depois de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

muito discutirmos e analisarmos, eu e a comissão de professores decidimos que é o fim do período de luto. E que os jogos recomecem!”

O quê?!

Várias pessoas arfaram. Outros gritaram. Outros aplaudiram. Meu estômago se contraiu de empolgação e eu ofeguei. Mil possibilidades faiscaram diante dos meus olhos: eu poderia ter minha *vida* de volta – mesmo que só por um dia. Ainda assim, era uma chance! Coração batendo, luz do sol, Brasil, *lar*.

Várias coisas estranhas aconteceram numa fração de segundo. Primeiro: Luka trincou o maxilar como se tivesse recebido um soco. Depois, trocou um olhar enigmático com Nikolai. Os olhos do irmão mais velho, geralmente tão descontraídos, agora reluziam sombrios. Alicia também não parecia muito feliz. Trocou um olhar com Luka.

Depois, todos os Ivanovicks desviaram os olhos e agiram normalmente, demonstrando o mesmo desprezo de sempre pela agitação ao seu redor.

Logo depois uma garota branca como leite e de cabelos castanhos, curtos e lisos se levantou, gritando a plenos pulmões e parecendo revoltada. Pelo sotaque carregado e pelo círculo de amigos com que se sentava, pude deduzir que era da Dinamarca.

“Mas isto é um absurdo!”, gritava em revolta, a face corada de cólera, olhos brilhantes de lágrimas. Seu sotaque era tão carregado que mal dava para entender o inglês. “Um desrespeito a memória de Niko!

Absurdo! Inaceitável! (...)”, e então ela começou a gritar em outra língua, tamanho seu descontrole. Os amigos dinamarqueses ao seu redor seguraram seus braços, sussurrando em sua língua de origem e fazendo-a voltar ao seu

lugar.

Foram minutos constrangedores, tanto para os alunos, quanto para os professores e a diretora. A menina dinamarquesa demorou a se acalmar. Niko, um dos desaparecidos, deve ter sido importante para ela. Irmão, namorado, melhor amigo...

Entretanto, eu não prestava a menor atenção – estava imersa em minha própria bolha de excitação. As Caçadas recomeçaram: aí estava minha oportunidade! Segurei nas bordas da mesa, tentando conter a euforia e cedendo lugar para a concentração.

Eu iria jogar. E, pela minha família, iria *vencer*.

Quando finalmente os amigos da garota histérica a retiraram do salão sob protestos e lágrimas secas da mesma, a diretora pigarreou e continuou.

“As Caçadas serão anunciadas após o encerramento do campeonato de futebol, tendo seu início dentro de três meses. Em breve as inscrições serão abertas e os grupos formados. Aqueles que querem se inscrever, aconselho que pensem bem antes de tomar qualquer decisão. Apesar de o intuito das Caçadas serem a diversão, não é um jogo feito para crianças. “Divertimento” não é a única finalidade, pois há um prêmio em jogo extremamente cobiçado. Garanto que a competição é muito mais movida pela ambição de adultos do que pela própria diversão. Então, cuidado, alunos. As Caçadas não são brincadeiras. Como todo mundo aqui já sabe, uma vez nos Jogos...”, a diretora deixou no ar.

“Nos Jogos até o fim”, completaram as vozes da grande maioria dos alunos, já familiarizados com as Caçadas. Os novatos, como eu, ficaram meio intimidados pelo discurso – mas os veteranos tinham expressões solenes e competitivas, e logo a atmosfera do salão ficou completamente diferente. Uma barulheira se instalou depois que a diretora saiu do palco, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

todos muito ansiosos, relembrando histórias de Jogos antigos e já formando seus grupos.

– Você quer jogar. – Luka declarou de repente, notando minha reação.

– Com toda a certeza – confirmei.

Seu maxilar se trincou, e Luka fechou as mãos em punhos hostilmente.

– Cuidado. Os Jogos são muito mais perigosos do que você pensa. Foi a própria Morte quem os elaborou.

– Tenho certeza que consigo lidar. Eu caí de um precipício e acordei em um caixão. Posso aguentar a pressão. – Por Ana e Helena? Lidaria com qualquer coisa.

– Pense bem. São cruéis, inteligentes e desumanos.

– O risco vale à pena – dei de ombros.

– Você nunca os vivenciou para saber.

Encarei-o desconfiada.

– Nem você – devolvi.

Luka ficou parado por um momento, encarando-me também em silêncio.

– Se você acha – respondeu amargamente. Suspirei. Brigar, brigar, brigar.

– Não estou fazendo isso por mim, é tudo pela minha família. Minha mãe merece me ver outra vez, merece uma explicação que não seja uma fria carta de óbito da Sotrom. Ela não me criou para isso. Eu quero ter a chance de me explicar, de me *despedir*.

– Entendo – ele murmurou friamente. Depois, desviou os olhos negros. – Então acho que isso faz de mim um jogador também.

– Como assim? – um alarme interno soou em meu cérebro.

– Não posso deixar você entrar nisso sozinha. Vou jogar também.

– O quê? – arfei. – Não faça isso. É perigoso, é... – fiquei imediatamente calada com o olhar gelado que ele me lançou.

– Se não é perigoso o suficiente para você, por que seria para mim?

Não respondi. Não havia argumentos. Simplesmente não o queria perto de nenhum perigo.

– Foi o que pensei – ele ergueu uma sobrancelha.

O sinal que indicava o começo das aulas tocou. Luka se levantou. Eu fui atrás.

– Então, você tem aula de quê agora? – tentei iniciar um assunto para melhorar seu humor.

– A mesma que a sua – respondeu ele olhando para frente, andando com seus passos caracteristicamente rápidos. Os alunos aglomerados entre as mesas saíam do seu caminho com pressa.

– Como sabe o meu horário? – nem eu mesma ainda o tinha decorado, francamente! Que memória fotográfica irritante.

– Porque é exatamente igual ao meu.

Olhei com estranheza para o seu perfil, esperando uma resposta mais satisfatória. Aquilo era coincidência demais – e com Luka Ivanovick não existiam coincidências. Ele explicou, um sorrisinho atrevido no canto dos lábios.

– Eu... Hummm, *sugeri* a secretária de Miss Markova que fizesse uma pequena mudança no meu horário. Precisava que se adequasse ao seu.

Exalei, atônita. O que mais Luka fazia sem que eu soubesse?

– “Sugeri”? – repeti com sarcasmo.

O sorrisinho atrevido no canto dos seus lábios retornou. *Sugerir*, não. Talvez induzir, seduzir, ameaçar, intimidar ou obrigar... Não obstante, seu sorrisinho foi a única resposta que tive. O resto teria que ficar por conta da imaginação.

Porcaria. Esse era o fato mais irritante sobre ele – a maioria das coisas sobre Luka eu tinha que imaginar. Era impossível arrancar qualquer informação pessoal a seu respeito.

Sáimos do salão e chegamos ao corredor – mas Luka virou para o lado errado. Perguntei-me se eu deveria me afastar e simplesmente tomar meu próprio rumo. Luka já deveria estar cansado da minha companhia...

– Este não é o caminho da aula – informei, embora ele obviamente já soubesse. Eu já estava pronta para deixá-lo em paz quando ele observou:

– E quem disse que nós vamos para a aula?

– Não vamos?

Luka suspirou.

– Estou cansado de tanta gente ao nosso redor. Quero um pouco mais de... Privacidade com você.

Olhei para frente, corando loucamente. Os alunos acompanhavam-nos com os olhos, observando enquanto eu seguia Luka na direção oposta do fluxo. Atônitos, acotovelavam-se para comentar uns com os outros. Segurei um sorrisinho ao ouvir de relance a conversa de um grupo de três pessoas.

Duas garotas ansiosas, um garoto entediado.

Onde eles estão indo? Não têm aula agora?

Uma escapada romântica, que lindo.

Não tem nada de lindo, ele vai a devorar.

E ela vai gostar!

E por aí vai... Eu achava incrível a capacidade desses alunos de fofocarem como lavadeiras.

Luka seguiu pelos fundos do castelo, uma parte geralmente desabitada – com seus corredores mais escuros, sem ornamentos – como os quadros, castiçais e tapeçarias usuais. Encontramos empregados carregando lençóis, correndo apressados de um lado para o outro, tentando arrumar a bagunça dos alunos. Fora uma ou duas arrumadeiras, eu nunca tinha visto nenhum deles, pois não frequentavam a área social da Escola.

Muitos nos olhavam com estranheza enquanto Luka passava por eles com passos apressados e decididos. Eu corria atrás, pedindo desculpas e licenças. Fiquei surpresa quando saímos do castelo, para o gramado dos fundos onde eu nunca tinha tido a curiosidade de ir. Ao longe, eu podia ver os muros que cercavam os limites da Escola. Entre nós e os muros, os altos carvalhos verdes-escuros, tão velhos e sombrios quanto à própria noite do nosso mundo.

– Por que este lugar? Ninguém vem aqui. – Perguntei para as costas de Luka.

– Justamente por isso.

Andamos mais um pouco por um caminho de cascalho. O gramado dos fundos do castelo não era tão bem cuidado quando o da frente, onde os

alunos jogavam futebol e faziam piqueniques. Aqui, pelo contrário, havia uma sensação de vazio e abandono. Além de nós, não havia mais ninguém.

Ao longe, havia um outro muro menor, arredondado, demarcando um perímetro fechado. O que quer que houvesse lá dentro, não era muito conservado – pois os tijolos do muro encontravam-se recobertos de hera há muito tempo não cortada. Um velho portão enferrujado situava-se no centro. No meio dele, uma cruz de ferro forjado, com um Cristo de cabeça pendida para baixo e pulsos perfurados. Seu rosto já estava todo descascado.

Luka abriu o portão. Ele rangeu macabramente, abrindo-se com dificuldade, como se há anos não o fizesse. Aquilo me deu arrepios. O lugar parecia-se demais com um...

– O cemitério da Escola – Luka informou com sua voz sempre baixa.

Adentramos no cemitério enquanto eu me recuperava da perplexidade. Um *cemitério* no mundo dos mortos? Gente morta enterrando gente morta? Por que precisaríamos de um cemitério na Escola da Noite? E, a pergunta principal: por que Luka me trouxera até aqui?

Recoberto de heras, vários túmulos se estendiam pelo perímetro circular. O que me surpreendeu foram as estátuas em tamanho real – representando anjos, santos e belas moças chorando sobre os túmulos. Eram do mesmo estilo que os anjos melancólicos esculpidos na fachada do castelo, provavelmente feitas pelo mesmo artista.

No mundo dos mortos, nunca havia lua para iluminar a superfície marmórea dos túmulos, por isso pequenas lamparinas se dispunham de metros em metros no muro. Seguindo Luka por entre os túmulos, eu podia ler as inscrições empoeiradas de cada um. Eram os mais variados nomes, as mais variadas datas...

“Em memória de Jane Eleanor Montgomery, 1750-1915”

Aquela garota tinha vivido... *165 anos*. Meu Deus.

“Bernardo de Silva Lancaestre, 1621-1970. Homem, amigo e irmão honrado”

Bernardo, seja lá quem for, tinha vivido trezentos e quarenta e nove anos. Observando mais túmulos, podia ver pessoas que viveram 200, 300 anos... Luka parou na frente de um túmulo curioso. A estátua de uma triste jovem tinha sido esculpida por cima dele, sentada sobre o túmulo, com a cabeça baixa e os olhos fechados. Um véu cobria seus cabelos longos. Era o túmulo de um garoto chamado Dimitri *Ivanovick*.

Deus. Ele era da família de Luka.

– Quem são eles? – sussurrei. Tinha a impressão de que, se falasse alto, poderia despertar os cadáveres há tanto tempo esquecidos.

– Ex-alunos da Escola da Noite.

Olhei para os túmulos, atônita. Gente morta... *Morta*.

– Mas como...?

Luka suspirou, recostando-se no túmulo da estátua da garota de véu. Cruzou os braços musculosos. Seus olhos arrogantes tornaram-se sombrios. Notei que essa era uma reação típica de quando ele ia falar algo macabro ou desagradável.

– Existe uma certa, hum, informação que a Escola ainda não te colocou a par. Eles demoram anos para contar aos alunos, e todos os veteranos deste lugar são proibidos de comentarem aos novatos. Mas eu acho que você tem o direito de saber, caso um dia precise de uma fuga, uma escapatória.

Parada ali, no meio dos túmulos, tentando enxergar o rosto perfeito

dele na penumbra, eu não entendia nada. Sentia-me assustada. Por que Luka me levaria a um cemitério? Ele era imprevisível. Todos me avisaram e eu não dei ouvidos: *cuidado com o Ivanovick*.

– Não estou entendendo... – coloquei uma mecha de cabelo para trás da orelha, disfarçadamente olhando ao redor, tentando enxergar alguma saída alternativa. Se as coisas saíssem de controle...

– Tem medo desse lugar? – quando ouvi o tom atrevido de sua voz, olhei-o bruscamente. Ele gostava de me provocar.

– Não. – Gente morta não podia se levantar e me fazer mal.

– Tem medo de mim? – Luka ergueu uma sobrancelha maliciosa. No alvo.

– É relativo – respondi depois de algum tempo tentando encontrar minha voz. Era difícil conciliar as duas sensações. Primeiro, ao encarar sua forma musculosa, quente e tentadora bem na minha frente, sentia a potência do seu magnetismo.

Atração. Voraz, quente, louca, desconcertante.

E, em contrapartida, os mesmos olhos negros que incendiavam meu corpo, gelavam minha coragem.

Medo. Entretanto, eu sempre gostei do que não presta, do sombrio, do obscuro. Parecia que Luka fora feito sob medida para mim – para roubar minha sanidade. Teimoso, masculino, misterioso e perigoso.

Estava longe ser o herói da história. Era o vilão.

– Relativo? – ele perguntou, as íris incendiando.

– Depende do que passa pela sua cabeça no momento. Nunca sei quando você quer me matar ou quando quer me beijar... – parei abruptamente,

corando. Não acreditei que estive prestes a insinuar que ele queria me *beijar*. O quão pretensioso isso soava?

– Beijar você? – ele ergueu o queixo arrogantemente. – Está errada.

Desviei os olhos, muito mais magoada do que deveria. *Merda*. Isso havia doído. Lá na boca do estômago e em algum lugar bem perto do lado esquerdo do peito. Imaginei Amy Turnage sentindo isso todos os dias...

– Isso é pouco para o que eu pretendo fazer com você – ele completou.

Alívio – foi a primeira sensação que me atingiu. Então ele não estava me rejeitando. *Pavor* – foi a sensação subsequente, assim que levantei os olhos e vi sua expressão. Suas íris negras tinham... Fome.

Engoli em seco. Deus. Eu não era do tipo que me intimidava fácil. Mas olhando para Luka Ivanovick agora, eu queria me esconder e chamar a mamãe.

O russo pendeu a cabeça para um lado, analisando-me de cima a baixo.

– Pensei que não fosse tão inocente, Lara Valente.

Ergui o queixo, tentando recolher os pedaços do meu orgulho.

– Não sou. Diga-me de uma vez o que pretende ao me trazer aqui. Não gosto dos seus joguinhos.

Para a minha surpresa, Luka jogou a cabeça para trás e gargalhou. O som rico e quente incendiou o cemitério. Até os cadáveres deveriam ter se revirado em seus túmulos, ansiosos por conhecer o dono daquela voz.

– Eu deveria te irritar mais – ele tinha um sorriso mau caráter nos lábios. Não me levou a sério.

– Você disse que tinha uma informação. Diga logo. Não vou perder a noite inteira num cemitério abandonado – praticamente rosnei. É claro que,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

na companhia dele, eu passaria a noite até dentro de um túmulo. Acontece que eu não suportava não ser levada a sério.

– Tudo bem – ele ainda tinha aquele sorrisinho irritante nos lábios perfeitos. – Não vou mais fazê-la perder seu precioso tempo. Você é esperta. Sei que é. Portanto já deve ter percebido o que a Escola faz com os alunos.

Surpreendi-me por ele ter tocado nesse assunto. Pensei que aquela era uma teoria que só eu havia percebido – talvez inventado, fantasiando conspirações que não existiam.

– Distrair-nos – palpitei hesitante.

Luka retorceu os lábios para cima. Um relance de sorriso orgulhoso.

– Continue – mandou.

Recostei-me no túmulo à sua frente, cruzando os braços também.

– A Escola da Noite oferece os mais variados tipos de diversões, campeonatos, jogos, o ano inteiro. Tudo isso para distrair os alunos da verdade que está escancarada em suas caras. Nós estamos mortos, pagando uma dívida que não é nossa. Mas a Escola simplesmente não nos dá tempo para nos revoltarmos com isso.

– Exatamente – ele concordou uma vez com a cabeça, satisfeito por eu ter compreendido tão rápido o raciocínio. – Tem ideia do por quê?

– Humm – olhei para a grama mal cortada aos meus pés, considerando – porque seria muito mais difícil manter a ordem num colégio cheio de revoltas?

Luka ergueu uma sobrancelha, claramente satisfeito.

– Isso mesmo. Política do pão e circo. Comida e diversão, igual à

alienação. Encarei-o conspiratoriamente, agora entendendo aonde ele queria chegar.

– Dê ao povo o que o povo quer. Uma manobra antiga.

– E efetiva – ele completou.

– Mas você não se deixou enganar – dei meu palpite, observando seus olhos inteligentes e ferozes demais para caírem na alienação criada para um bando de adolescentes.

– E, exatamente do jeito que previ, nem você.

Só o fitei, tentando esconder minha satisfação. Então ele me considerava inteligente. Digna de acompanhar seu raciocínio.

– É dentro desse contexto que quero lhe explicar uma história muito abafada neste castelo. Um direito que você tem, mas que ninguém quer lhe contar. – Luka olhou significativamente para o túmulo no qual eu estava recostada. Baixei os olhos, surpreendida.

– Direito à morte. – Finalmente entendi, horrorizada.

– Exatamente.

– Mas como...? – eu olhava para aqueles túmulos de ex-alunos do colégio e não conseguia entender como eles foram parar ali. – Já estamos mortos. Como poderíamos morrer outra vez?

– Estamos neste mundo paralelo que não deveria existir. Insistimos, permanecemos. Não aceitamos ir embora... Todavia, depois de centenas de anos neste castelo, algumas pessoas simplesmente se cansam. A alienação que o colégio causa não dura para sempre, Lara. Uma hora os alunos mais velhos acabam percebendo que foram roubados e estão sendo feitos de bobos, tratados como idiotas. Cansam de serem perpétuos adolescentes

eufóricos, e acabam simplesmente...

– *Crescendo* – completei melancólica. *Crescer*. Aí estava o meu direito que fora roubado.

– Isso mesmo. Ninguém quer ser um adolescente eterno. No começo, toda essa diversão é inebriante. Podemos fazer o que quisermos, pois não temos mais nada a perder. Porém, mais hora, menos hora, as coisas que nos foram roubadas vêm exigir seu lugar em nossas prioridades. O curso natural de nossas vidas foi interrompido, e todas as mágoas chegam para cobrar seu espaço. As faltas, os vazios. Os filhos que não tivemos, o casamento que nunca se realizou, a profissão brilhante, os netos, a sabedoria... Isso não é qualquer coisa. Pelo contrário, isso é tudo. Faz parte do ato de *ser* humano, da nossa essência.

– E eles não querem deixar que nós percebamos o que nos foi roubado – acompanhei seu raciocínio.

– Exato. Isso daqui não é uma Escola. É um campo de cultivo de eternos adolescentes. Querem suprimir nossa inteligência, roubar quem nós somos. Não querem nos deixar *crescer*, entende?

– Sim – concordei com a cabeça freneticamente. Daqui a trinta anos, eu queria ter uma carreira, talvez uma família... Mas estava condenada a ser uma adolescente eterna. Daqui a cento e trinta anos, provavelmente eu estaria louca. – Entendo. Mas o que podemos fazer em relação a isso?

– Esse é o ponto – a expressão de Luka perdeu toda a arrogância e malícia. Agora seus olhos tornaram-se tristes. – Não há o que fazer. Para aqueles cuja existência vazia nesse colégio cansou e até enlouqueceu, só existe uma opção.

Quando ele lançou um olhar para o túmulo abaixo de si, sussurrei com a

garganta apertada.

– Suicídio.

Luka me deu alguns segundos silenciosos para digerir. Deus... Todos esses alunos. Trezentos e quarenta e nove, cento e sessenta e cinco anos... Ninguém foi feito para viver tanto assim. Pelo menos, não em uma eterna inércia, paralisado no tempo. Imagine viver o mesmo dia *todo dia*. Isso enlouqueceria qualquer um.

Depois, sua voz baixa e aveludada voltou a encher o ar quente da noite. Verão, outono, inverno? Quem sabia? Estávamos inertes, parados no tempo.

– Chamam de A Passagem. Passar para um outro lugar, seja para onde for que você acredite. A morte definitiva, o descanso que todos merecem.

– Mas a Morte aceita isso? Afinal, nós somos seus brinquedinhos. Sua diversão. Ela aceita perder seus pagamentos, assim, definitivamente? – era só entender os sentidos cruéis das Caçadas para perceber que a Morte se divertia imensamente conosco. A Morte não era o assassino – e sim algo ou alguém maior, incompreensível, transcendental. Os assassinos eram somente seus escolhidos para o trabalho sujo, de modo que agia por meio deles.

– O único jeito de enfrentar a Morte é matando a si mesmo, pois, depois disso, sua alma é sua e ela não tem mais nenhum poder sobre você. A Morte é poderosa, mas não é a nossa dona. Depois disso, você vai para algum lugar que acredite, de acordo com a sua fé.

– Ou não. Ninguém sabe.

Luka me olhou curioso.

– Você não tem fé, Lara?

– Ainda não consegui decidir...

– Hummm – foi sua única resposta. Olhava-me com tanto interesse que eu me senti o maior dos quebra-cabeças. – Apesar disso, morrer é um direito seu, e isso ninguém pode lhe tomar. É por isso que eu tive que te avisar, pois não posso ter garantias de que alguém fosse lhe contar algum dia. E eu não sei quanto tempo ainda nos resta juntos.

Arregalei os olhos. Aquilo foi como uma facada.

– O que você quer dizer com isso?

Luka só me encarou. Não respondeu.

– Vai a algum lugar? – tentei controlar a voz. *Vai me deixar, me abandonar?*, essas eram as perguntas subtendidas que eu não tinha direito de expressar. Afinal, ele não me prometeu nada. Não se comprometeu.

Contudo, eu já o considerava tão *meu*.

Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Essa Escola se tornaria um buraco vazio sem ele. Eu... Enlouqueceria.

Simplesmente. Segurei-me nas bordas do túmulo, tentando respirar – embora não precisasse. Mesmo assim, meus pulmões entraram em pânico.

– Ainda não sei – ele respondeu enigmaticamente. Desviou os olhos negros, atormentados por algum sentimento que eu não pude distinguir. Na superfície, a negritude estava fria, controlada. Mas lá dentro, havia um mar revolto, tempestuoso. – Essa vai ser uma decisão que terei de tomar sozinho.

Segurei-me com todas as forças naquele “ainda não sei.” Então havia alguma probabilidade de ele não ir embora. Esse era o único conforto que me impedia de não entrar em pânico.

Com meu indicador, formei um padrão circular sobre o túmulo, deixando um rastro livre de poeira. Repeti aquele movimento várias vezes, enquanto o silêncio pungente era o único som no cemitério abandonado da Escola. É claro que ninguém viria aqui. A direção do colégio deveria fazer de tudo para que esses alunos, que optaram pelo suicídio, fossem esquecidos. Nada deveria distrair o resto dos alunos de sua bolha de diversão – muito menos lhes darem ideias perigosas.

Mas com o tempo... Depois de centenas de anos... As pessoas iriam perceber o vazio da existência. Festas não preenchem a alma. Namorinhos descompromissados também não. Luka estava me dando a opção de encerrar a minha existência, e aquilo estranhamente me feria.

– Por que me contou sobre isso? – meus olhos escorregaram para baixo, sem coragem para encará-lo.

Quando Luka era hostil, eu sabia lidar. Mas quando ele me feria... Deus, era insuportável.

Luka suspirou.

– Porque eu quero que você tenha tudo, Lara. Tudo o que lhe é de direito, tudo que, um dia, possa lhe fazer feliz, ou pelo menos dar um fim a sua tristeza. Eu posso lhe dar o mundo, mas não posso lhe devolver a vida. Então, percebi que isso era a coisa mais importante que eu tinha a lhe oferecer. Seu maior direito. Pensar em lhe ver deprimida, sozinha aqui e sem saída... – ele fechou os olhos com força, trincando o maxilar e praticamente rosnando. – É uma visão *insuportável* para mim.

Meu coração esquentou. Aquilo me emocionou além de tudo o que eu já tinha vivido. Obriguei minha voz a não soar embargada. Não sei se deu muito certo.

– Te incomodaria se eu... Sofresse?

– Mataria-me – ele respondeu simplesmente.

Exalei de uma só vez, olhando para o chão. Minha boca deveria estar escancarada. Aquilo era chocante, inebriante. Mas ao mesmo tempo tão, tão triste.

Luka iria embora. E me deixaria aqui, sozinha e com um coração em pedaços, sem cola para consertar, sem ninguém para amar.

– Um momento, você... Você ficou *ofendida*? – Luka perguntou perplexo.

– Não – sorri tristemente, ainda olhando para o chão. – Só surpresa. Pensei que você não se importasse.

– Pensou que eu não me importasse com você? – agora encontrava-se mais perplexo ainda. Até hostil. Como eu sentia a potência de seus olhos negros sobre mim, nada respondi.

Luka bufou, exasperado.

– Essa foi o pensamento mais idiota que eu já conheci.

Olhei para ele e me arrependi quase imediatamente. Encarava-me ultrajado.

– Não entende, Lara Valente, que tudo o que está acontecendo é *justamente* porque eu me importo mais com você do que deveria? Mais do que jamais me importei com ninguém aqui? Acho que eu não estou deixando claro minhas intenções. Desde a primeira vez que eu lhe vi, entrando naquele salão, quis que você fosse minha. E você vai ser. Pensei que já houvesse entendido. Não é óbvio?

Senti pontos de prazer em meu pescoço. Eu iria ser de Luka de todas

as formas que ele quisesse. Mas por que ele estava tão *hesitante*?

Quando encontrei minha voz, argumentei com dificuldade. Era impossível raciocinar com suas íris negras descarregando toda a potência, arrogância e hostilidade sobre mim. Ele queria discutir, e apenas esperava ser desafiado.

– Mas você hesita tanto que... Que eu penso que não me quer tanto assim. É impossível compreender – essa última frase foi mais um gemido. Escondi meu rosto nas mãos. Finalmente eu estava me entregando. Não era forte o suficiente para jogar os joguinhos de Luka. – O que você quer de mim, afinal? – murmurei quase inaudivelmente. Deus. Isso era muita pressão.

Ele era Luka Ivanovick, e eu era somente... Eu. Quase sempre sentia que não era o suficiente para ele.

Eu, Lara, Valente, sempre tão relaxada, de repente me vi constantemente apavorada, esperando o momento em que ele cairia em si, virasse as costas e fosse embora.

Há. Certo. Alguém realmente pensou que eu havia escolhido mesmo essa garotinha insignificante?

Luka me deu o espaço que eu precisava para me recuperar, controlar meu cansaço, minha frustração.

Quando falou depois de muito tempo, foi algo totalmente inesperado. Sua voz não se encontrava mais hostil. Estava calma, até um pouco... Triste.

– Quantos anos você tem, Lara?

Franzi a testa e olhei para ele, tirando minhas mãos do rosto.

– Dezoito, por quê?

– Muito nova para entender – ele pendeu a cabeça para um lado, os fios negros acompanhando o movimento por debaixo da aba do boné. Agora eu havia ficado mais confusa ainda.

– Você também não pode ter mais do que vinte. – Era só encarar suas bochechas coradas e juvenis para deduzir. Ainda que disfarçadas pelas expressões sempre duras.

– Na verdade, tenho quase trinta anos.

Encarei-o por vários segundos.

– Como é que é?

– Morri com dezenove anos. Contando mais os dez em que passei nessa Escola... Vinte e nove. Meu corpo é jovem, mas minha mente já tem quase trinta anos. Você é uma adolescente. Eu sou um adulto.

Senti o ímpeto de me defender.

– Eu sou nova, mas também não sou criança. Fale o que tem para falar e eu vou entender.

– Não vai querer saber de tudo o que eu posso lhe contar. Você enlouqueceria.

Encarei-o com um olhar fulminante.

– Tente. Estou na *porcaria* de cemitério com você, não acha que me deve o mínimo de explicações?

Luka ergueu uma sobrancelha elegante.

– Não lhe devo nada.

Exalei, ultrajada.

– É aí que você se engana. Começou a dever a partir do momento

em que exigiu satisfações de tudo o que faço.

Ele ergueu o maxilar musculoso, desafiado.

– Isso foi diferente. Eu já considero você como minha.

– Quem disse? – foi a minha vez de erguer a sobrancelha. Os lábios de Luka se retorceram. Ele me perfurou com seu olhar arrogante.

– *Eu* disse.

Cruzei os braços. Embora a visão de Luka e todos os seus músculos fosse enorme e assustadora, eu nunca fui covarde. Era a minha vez de fazer exigências – e ele iria escutá-las. Calado.

– Acontece que, em relação a mim, quem tem o poder de dizer alguma coisa sou *eu*. Sou maior de idade e você não paga as minhas contas. Portanto, eu só serei sua *se* eu quiser. E para isso você tem que me dar algo em troca.

Luka ficou um momento em um silêncio pesado. Imóvel, hostil e lindo ali, ele parecia ter sido esculpido em mármore – a estátua de um deus da ira, encarando-me friamente com seus olhos gelados, negros. Ele não gostava de ser enfrentado, mas... *Ah*, como eu gostava de enfrentá-lo.

Quando falou, sua voz encontrava-se igualmente glacial.

– E o que você exige em troca, Lara Valente? Vamos fazer um acordo.

Imitei seu sorrisinho atrevido.

– Exijo você.

A expressão de Luka passou de surpresa para desconfiança em uma fração de segundo.

– E o que, exatamente, isso implica? – perguntou. Adorei a irritação reprimida em sua voz. Significava que ele estava cedendo.

– Primeiro implica em me contar fatos sobre a sua vida. Simplesmente... Falar sobre você.

Sua carranca foi hilária. Era como se eu tivesse sugerido que ele se fantasiasse de bode, entrasse em um armário e anunciasse estar indo para Nárnia. Eu ri.

– É assim tão terrível?

– Não – ele forçou um sorriso cético – mal posso esperar para começar. O que quer saber? Qual o meu Teletubbie preferido?

Revirei os olhos, ignorando seu ceticismo.

– Tenho certeza que você aguenta. Quais são os nomes do seu pai e da sua mãe?

Luka olhou para mim desconfiado.

– Não ache que vai ter o que quer tão fácil. Tudo o que eu disser, você terá que dizer também.

– Feito – topei na hora. – E então? Nomes...?

– Yuri e Mikaela Ivanovick – revelou a contragosto. Depois, exigiu.
– Agora, os seus.

Yuri – então esse era o nome do bonito homem de meia idade que abraçava Luka na foto. O homem que o criou, que o ensinou seu caráter... E Mikaela – a mulher que originou Luka. Passei a adorar esses dois. Seus genes, combinados, resultaram no garoto perfeito que estava bem na minha frente.

Honestamente, esses dois mereciam um Oscar.

– Helena e Edw... – parei no meio da frase, percebendo que falar o nome dos meus pais não era tão fácil quanto eu imaginava. Pigarreei, obrigando-me a falar o nome *dele*. – Edward van Pelt.

Luka, é claro, percebeu na hora minha hesitação.

– Há algo de errado com seu pai?

Fiz uma careta. “Algo de errado” era muito viciado para expressar a verdade. O problema com Edward ia muito mais a fundo. Obriguei-me a falar de uma só vez – assim como puxar um curativo. Dor intensa e rápida.

– Ele abandonou nossa família quando eu ainda não tinha nem seis anos de idade. Desapareceu. Nós sabemos que não foi raptado, nem nada, porque continuava enviando sua pensão mensal. Foi embora porque quis.

Luka ficou em silêncio. Nada de pedir “por quês” ou “sinto muito”. Ele sabia muito bem do que eu precisava: silêncio e espaço.

– Então... – ele retomou a palavra depois de algum tempo, surpreendendo-me. – Onde você nasceu? E quando? – provavelmente Luka já tivera acesso a essas informações, mas se esforçava para mudar de assunto.

Ele. Iniciando uma conversa. Alguém deveria filmar esse momento.

– Rio de Janeiro, 1999. E você?

– Sou russo, como você já deve ter percebido pelo meu sotaque. Nasci em 1988, em São Petersburgo, onde passei a maior parte da minha infância. Depois, mudei-me para Moscou, onde meu pai tinha negócios.

Quando ele parou, eu acenei uma vez com a cabeça, incentivando-o.

– Continue.

Luka retorceu os lábios numa carranca; o garoto detestava ter que

abrir seu relicário de segredos.

– Temos um acordo... – ameacei.

Ele grunhiu, lançando-me um olhar ressentido.

– Já entendi, não precisa ficar repetindo. Meu pai é sócio da Ferrari, minha mãe uma escritora de sucesso. Foi ela quem me ensinou o gosto pela literatura.

– Mikaela Ivanovick? – franzi a testa, tentando me lembrar se alguma vez se a pequena devoradora de livros, Ana, havia a citado.

– Se está tentando lembrar-se de algum livro com o nome de Mikaela, desista. Minha mãe usava... – Luka franziu a testa e corrigiu-se. – *Usa* um pseudônimo. Para preservar a privacidade de nossa família.

É evidente. Nenhum Ivanovick aceitaria ser exposto ao público.

– É estranho falar dos nossos pais no passado. Eu também faço isso às vezes. Acabo esquecendo que não são eles quem estão mortos.

– Somos nós – Luka completou, a expressão estranha. O fato de estar morto o ofendia. Sempre ficava hostil depois de tocar no assunto.

– E então... Quais eram os seus planos para o futuro? – mudei de assunto para melhorar seu humor.

– Mudei-me para a Inglaterra com minha família devido aos negócios que Yuri tinha aqui. Abandonamos a Rússia para acompanhá-lo. Cursei o colegial em um pequeno colégio particular nos arredores de Londres. Eu tinha acabado de me formar e estava pronto para ir a uma faculdade. Bom, pelo menos eu *queria* ir. Meu pai não estava de acordo com isso. No final das contas eu resolvi cursar literatura inglesa na Sotrom com o meu próprio dinheiro. Minha família era da Ordem, portanto eu tinha

direito de entrar, o que facilitou muito, uma vez que eu não tinha o apoio financeiro do meu pai. Uma vez na Sotrom... Bem, você sabe o resto da história. Depois de menos de um ano lá, eu vim parar aqui.

– Por que seu pai não te apoiou financeiramente? – interessei-me imediatamente no assunto. Que pai impediria um filho de ir para a faculdade?

– Yuri queria que eu fosse um piloto de corrida. Eu tinha talento e, ele, os recursos necessários para me colocar na Fórmula 1. Ele também me incentivava a entrar num desses times de futebol famosos. Como pode perceber, havia um conflito de interesses.

Franzi a testa.

– Mas eu pensei que você gostasse de correr. Além disso, você jogou aquele campeonato praticamente sozinho. Poderia se tornar um astro em qualquer um dos dois esportes... Teria dinheiro, fãs, atenção da mídia...

– Não estou interessado em fãs – ele revirou os olhos.

– Alguma coisa contra eles?

– Nada em especial. Só prezo demais minha solidão e privacidade.

– Hummm. Então... Você gosta de ficar sozinho? – prometi a mim mesma que não ficaria magoada com a resposta.

– Na maioria do tempo, sim. Sempre fui autosuficiente e não tenho muita paciência para pessoas em geral. Não gosto que me imponham suas presenças se não forem para me oferecer *realmente* companhia.

Angústia subiu pela minha garganta.

– E do que mais você gosta? – na superfície, minha voz estava calma. No interior, distorcida pela tristeza. E lá estava ele outra vez: o

maldito medo de não ser o suficiente.

– Gosto de silêncio – ele respondeu friamente, fazendo-me fechar a boca de imediato.

No entanto, Luka adicionou algo num tom de voz muito mais macio, surpreendendo-me.

– Mas também gosto de música... E, agora, gosto da sua voz. Não sei por que. Quando percebi isso, fui pego totalmente de surpresa. Mas não tenho como enganar a mim mesmo. Gosto de você falando, tanto do som, quanto do conteúdo. Fale qualquer coisa, mas fale para mim. Sua voz me... *Fascina.*

Corei loucamente, meu coração se inflando, tão quente quanto seus olhos negros. O que responder? *A sua voz também me deslumbra? Tira minha sanidade do eixo?*

Não. Sentimental demais. Eu não era assim – ele também não. Se eu dissesse, Luka provavelmente ergueria uma sobrancelha sarcástica e perguntaria: *e o que espera que eu faça com essa informação? Coma com mel?*

Mudar de assunto era mais seguro.

– Estávamos falando sobre sua carreira... Eu pensei que você gostasse do que seu pai lhe ofereceu.

– Gosto de velocidade e de futebol, mas não escolheria isso para ocupar toda a minha vida. Preciso de algo com mais *essência*. Não sei se você consegue compreender.

– Consigo. – Esses momentos eram tão raros que eu me agarrei a ele com todas as forças. Quando descobri que amava Luka, quis saber todos os detalhes de sua existência – seus sonhos, suas manias, seus medos... Tudo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eles seriam parte de mim.

– Precisava de algo que tivesse valor para mim, que me fizesse ser um homem realizado na vida. Algo mais substancial, que satisfizesse mais minha mente do que o meu corpo. Para ser... – Luka fez um som de repulsa – *honesto*, eu gostaria de cursar a faculdade de medicina.

– Um médico? – meus olhos brilharam de curiosidade. Justo Luka Ivanovick. Eu nunca poderia imaginar. – Por quê?

– Salvar pessoas me realizaria mais do que correr ou jogar futebol. Mas como na Sotrom não tinha esse curso, preferi cursar literatura.

Impressionei-me. Sedenta por desvendar mais mistérios de sua mente enigmática, induzi-o a falar mais. Eu queria detalhes, cada pedacinho de si mesmo que ele pudesse me mostrar.

– Nunca desconfiei que você fosse do tipo que pensava em ajuda humanitária.

– Não sou nenhum santo, só queria um sentido maior para minha vida. Algo pelo que valesse a pena voltar exausto para a casa no final do dia.

O arrogante Luka Ivanovick, no final das contas, era uma pessoa altruísta. Escondido de todo mundo, o garoto guardava, bem lá no fundo, seu caráter e sua nobreza.

– Entendi... Mas você não gosta só disso. Sei também que gosta de música, de livros... Já que não considerou tomar posse dos negócios do seu pai, nunca pensou em seguir os passos da sua mãe? Escrever? Ou, quem sabe, se tornar um compositor profissional?

– Compositor, sim. A música me realizaria. Mas escritor... Na verdade, não. Meus pensamentos são particulares, só meus. Sou egoísta nesse quesito.

– Posso perceber...

– O que quer dizer com isso? – ele me olhou desconfiado.

– Que é um desafio fazer você falar o que está pensando. Na maioria das vezes, eu tenho que quebrar a cabeça para imaginar.

– Você nunca perguntou o que eu estava pensando. – Ele franziu a testa.

– Se eu perguntasse, você falaria? – quase ri diante da hipótese.

Luka me olhou por um momento, considerando. Depois ergueu uma sobrancelha.

– Provavelmente não.

– Foi o que pensei – dei de ombros com um sorriso no canto dos lábios. Eu *sabia* que não. Consequia prever algumas de suas reações. Uma sensação de vitória para mim.

Para todos aqueles que disseram que ninguém desvendaria Luka Ivanovick, agora pagavam suas línguas. Pouco a pouco, eu estava desatando os nós de sua personalidade intrincada. Mas tudo bem – não havia pressa. Eu tinha anos, uma eternidade...

Ou não. Se essa hipótese sobre ir embora fosse real... Deus. Expulsei a imagem do grande buraco vazio da minha mente.

Se. Somente “se” ele for a algum lugar, Lara – tentei me acalmar.

– Agora é a sua vez. Conte-me sobre você. – Ele exigiu.

– E o que quer saber? – consistia em uma pressão considerável tê-lo bem na minha frente, com olhos negros tão quentes e intimidadores, exigindo saber detalhes sobre minha existência insignificante. E se eu não fosse tão interessante?

Eu não era. Mas fingia bem.

– Algo que envolva seu futuro perdido. O que faria se não tivesse morrido?

– Hã... Tem alguma profissão que não envolva trabalho árduo, estresse, esforço ou cansaço?

Luka esboçou um sorriso.

– Tudo na vida tem um preço, Lara.

– Nunca estive disposta a pagar.

Luka desfez o sorriso e me olhou com seriedade.

– Não é possível que não exista nada que lhe agrade. Não tem nada que ame fazer?

Bufei.

– Agora entendo sua aversão por perguntas.

– Só estou tentando entender um pouco você – ele deu de ombros, depois reduziu os olhos a fendas. – Em geral, você é um quebra-cabeça complicado demais. Fico tentando juntar as peças... E não chego a lugar nenhum. Coisas difíceis me fascinam, e então a situação se complica. Quanto menos consigo encaixar suas peças, mas me intriga tentar montar o quebra-cabeças Lara Valente.

– Quinhentas mil peças – dei de ombros – eu avisei.

– E eu lhe avisei que não sou o tipo de homem que escolhe jogos mais fáceis. Posso montar um quebra cabeças de quinhentas mil peças sem hesitar. Meu cérebro é capaz de fazer todos os tipos de conexões, entender qualquer coisa. Contudo, olhando para você agora, estou funcionando muito mais a base de... *Sentimentos*, do que racionalidade. Seja lá o que forem

“sentimentos” – ele franziu o nariz, avesso àquela estranha palavra que invadira seu dicionário.

Baixei os olhos para esconder a faísca de emoção.

– Pintar – murmurei, sentindo o impulso de fazê-lo conhecer coisas íntimas ao meu respeito. – Eu amo pintar quadros.

– Artista? – podia ouvir a surpresa em sua voz.

– Há quem diga que eu sou, mas não me considero nada disso. Só... Gosto de cores, de criar as mais diversas cenas, situações... Herdei isso da minha mãe.

– Sua mãe? – ele pareceu verdadeiramente interessado.

– Helena é pintora profissional, por anos seus quadros foram nosso sustento. Não queria usar a pensão mensal que Edward misteriosamente depositava em nossa conta todo mês, por isso sempre procurou usar o máximo possível do seu próprio dinheiro para sustentar a mim e a Ana.

– Ana?

– Minha irmã mais nova. Tem onze anos, mas acha que tem quarenta. É uma carrasca mirim... Quer saber? – franzi a sobancelha. – Vocês se parecem muito. Poderiam ser amigos íntimos.

Luka me surpreendeu ao rir sua gargalhada borbulhante, quente, aveludada.

– Devo deduzir que ambos temos características irresistíveis para você.
Revirei os olhos.

– Os dois gostam de mandar. Em *mim*, mais especificamente.

– Hummm, democracia não é mesmo o meu forte – ele retorceu os

lábios. – Um clima muito pacífico me deixa... Como dizer...? *Entediado*.

– Já pensou na possibilidade de ser um psicopata reprimido? – ergui uma sobrancelha.

– Já – ele respondeu simplesmente.

– E o que concluiu?

Luka deu um sorrisinho malandro.

– Você nunca vai saber.

– Isso é mesmo reconfortante – resmunguei. Em resposta, Luka somente deu de ombros. Depois, mudou completamente de assunto, voltando ao tom exigente de sempre.

– Conte-me mais sobre sua família.

– Éramos só nós três. Eu, Ana, a equilibrada, e Helena, a louca. Minha mãe era tão doce, tão desatenta. Uma artista – peguei-me sorrindo ao me lembrar da tão destrambelhada Helena. Nem o escuro podia roubar seu brilho. Ela era o seu próprio sol.

Uma dorzinha no fundo do peito machucou. Helena. *Mãe*.

Onde está você agora? O que vou fazer quando precisar do seu colo? Não. Eu ainda não cresci. Ensinaaram-me a me divertir, usar pompons e torrar um cartão de crédito – mas ninguém me ensinou a te esquecer. Ainda não estava na hora de a morte me roubar você.

– E você não se considera uma artista? – Luka demorou um tempo para voltar a questionar, percebendo que eu estava sozinha com meus pensamentos.

Bufei, dando um risinho desdenhoso

– Eu? Fala sério.

Luka franziu a testa, a pele de veludo vincando-se.

– *Eu* levo você a sério. Você tem uma visão totalmente distorcida de si mesma. Se a arte e a ousadia estão dentro de você, ninguém pode contestar. Eu acho que você é capaz de tudo o que quiser fazer. Você é... Fascinante. Pela lógica, só pode criar coisas igualmente fascinantes.

Franzi o cenho, tocada. Ninguém nunca apostou ou esperou nada de mim. Era desconcertante ter alguém depositando esperanças na minha capacidade. Mas lá estava ele, apresentando-me uma Lara Valente que eu mesma nunca conheci. A Lara que poderia ter tido um futuro, talento, importância e valor.

– Não há mais nada que desperte sua ambição?

– Não tenho ambição – dei de ombros. – Queria só meu mar, meu Rio. Dias de surf e de sol.

– Nunca pensou em ter uma família? – os olhos negros dele reluziram estranhamente. Aquilo me desconcertou. Sua boca dizia uma coisa, mas seus olhos, sempre expressivos, diziam outra. *Ter uma família comigo.*

– Um dia, talvez. Nunca pensei muito sobre isso. Eu prezava demais minha liberdade e até pouco tempo, nunca quis criar laços sérios.

– E agora? – tinha a voz exigente.

Baixei os olhos. Suas íris encontravam-se intensas demais para que eu conseguisse fitá-las.

– Agora as circunstâncias mudaram.

– Por quê?

Ah, não. Ele não me deixaria escapar.

– Porque até ontem ninguém valeu o preço da minha liberdade. Ninguém fez com que eu quisesse me comprometer, dar tudo o que eu tenho.

– Para sempre? – perguntou ele de repente. Eu ainda não conseguia encará-lo.

– E muito mais.

– A eternidade da morte parece pouco para o seu comprometimento com... Esse alguém, Lara? – ele sabia muito bem que “esse alguém” era ele. Exclusivamente ele.

– Para mim, é – admiti. – Centenas de anos são nada se comparados a minha necessidade de... – de *você*. – Desse alguém.

Luka demorou tanto para responder que eu não aguentei. Olhei para ele.

O garoto permanecia recostado no túmulo, o boné vermelho virado para trás; braços musculosos cruzados e o queixo erguido arrogantemente. Ele me encarava com intensidade e curiosidade. Como se só visse a mim no universo.

– Quão estranho é nós querermos exatamente a mesma coisa? Centenas de anos sempre pareceram uma eternidade para mim, mas quando eu tenho você na minha frente... Eles se reduzem a *nada*. – Luka fechou as pálpebras, frustrado. – Eu quero muito mais.

– Você... Está triste? – Deus. Eu sentia uma vontade aterradora de ir até lá, passar meus dedos nos fios macios de sua nuca, recostar meu rosto em um dos seus ombros...

Mas Luka Ivanovick não era meu. Nunca disse que era – e eu não podia simplesmente ir até lá e tocá-lo. Luka tinha seu tempo, suas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

limitações – mesmo que eu não as entendesse. Só me restava respeitar e esperar.

Luka trincou o maxilar com tristeza e raiva – tudo misturado, guardado e escondido.

– Estou. Se você ao menos soubesse o quão complexa é essa situação... Só o fato de eu estar aqui sozinho com você... Lara, eu sou a última pessoa no mundo com quem você deveria estar sozinha. Se você soubesse *quem* eu sou, sairia correndo. Acredite. Qualquer um teria motivos, mas *você* em especial... Deus, você deveria correr agora mesmo.

Engoli em seco.

– Duvido muito. Não sou o tipo de mulher que sai correndo. Além disso, eu confio em você.

Luka deu um sorriso amargurado.

– Pois não deveria. Estou longe de ser um príncipe encantado.

– Ótimo. Nunca quis um príncipe mesmo. Sempre torci para os vilões.
– Quanto mais malvado, melhor. Por isso a aura negra de Luka era tão inebriante para mim.

– Torcer é uma coisa. Dar de cara com um é outra totalmente diferente.

– Então você é um vilão? – ergui uma sobrancelha.

– Sou um vilão da vida real. Minha maldade não termina quando você fecha o livro.

Disso eu já sabia.

– Mas os vilões fazem parte do romance... Podem até ter um romance para si mesmos – ousei falar, embora meus olhos tenham escorregado para o chão nessa hora e minha voz oscilado.

– No meu romance, não há possibilidades de haver um final feliz. Qualquer escolha que eu fizer irá me destruir. Estou num beco sem saída.

– E o que está te impedindo de escolher? – perguntei tristemente. “Felicidade” era a única coisa que eu desejava para Luka. Acima da minha própria. Porque se *ele* não fosse feliz, eu nunca chegaria nem perto de ser.

O garoto suspirou.

– Só estou esperando descobrir pelo quê vale a pena viver. Sempre achei que sabia... Mas aí chega alguém e revira todas as minhas prioridades... E eu, sempre tão singular, de repente me vi no plural.

Plural. Sim. Era assim que eu me sentia. Era como se eu tivesse me dividido em duas, e de repente não dependia só mais de mim para ser feliz.

Abracei a mim mesma, olhando para o chão.

– Espero que você descubra logo.

Quando senti seu olhar exigente sobre mim, tive que me obrigar a levantar os olhos. As íris dele me encaravam com aquela mesma intensidade que me roubavam toda a razão e me tornavam só emoção.

– Acho que eu já estou descobrindo – murmurou.

Um sino tocou ao longe, no castelo, indicando que era o começo de uma nova aula.

– Agora temos a aula do Sr. Wood. É melhor irmos. Pelo que andei observando, você gosta das aulas dele.

Eu me desencostei do túmulo e o segui até o portão do cemitério. Luka abriu-o e o ferro rangeu, exibindo os sons de sua velhice. Eu olhei para o céu do mundo dos mortos. Sempre tão escuro, inerte, sem vida.

– Sinto falta do sol... Daria tudo para vê-lo outra vez. – Refleti,

pensando nas Caçadas e na minha oportunidade.

– Já eu sinto falta da lua.

– Pensei que gostasse de coisas quentes – provoquei-o.

Luka deu de ombros. Sua voz estava mais baixa do que o normal – o que indicava estar distante daqui, imerso em seus próprios pensamentos.

– Gosto do que ferve como o sol, entretanto, a lua é mais elegante. Eu sou um homem da noite. Sou mais escuro e triste como uma noite de inverno do que espontâneo e claro como um dia de verão. Como pode perceber, somos extremos opostos.

– Os opostos se atraem.

Luka sorriu com o canto dos lábios – não feliz, mas também não sarcástico como sempre. Alguma emoção desconhecida.

– Que golpe mais irônico do destino. De tantas pessoas... Justo eu e você.

Não entendi. Para mim, nós éramos só um garoto e uma garota descobrindo que, por algum motivo, queriam permanecer juntos. Até aí, eu não conseguia ver nenhum perigo, imoralidade ou proibição, como Alicia acusou. Mas na concepção de Luka essa era uma situação muito mais complicada.

– Eu não entendo nem metade do que você fala – admiti.

– Que bom – ele passou o ferrolho pelo portão, trancando o cemitério e seus mortos lá dentro. – Quanto mais você demorar a entender quem eu sou, mais tempo eu tenho com você.

– Devo tentar entender o que você acabou de falar? – franzi a testa.

– Não – Luka sorriu tristemente – hoje eu quero fingir que o futuro nos

reserva um pouco de alegria. Fingir que eu não odeio você, e que um dia você também não irá me odiar.

– Odiar você é uma impossibilidade. – Pela primeira vez em anos, eu não tinha nada de mal para dizer a uma pessoa. Só palavras bonitas, honestas. O garoto despertava uma versão melhor de mim.

Ele me olhou melancólico.

– É triste saber que os anos aqui vão lhe roubar essa sua ingenuidade... E acho que não me resta opção a não ser estar aqui para te proteger – informou simplesmente, colocou as mãos nos bolsos e então se pôs a andar pela grama escura, voltando ao castelo.

Mas no momento em que comecei a segui-lo, algo atordoante se desenrolou.

Luka tirou uma mão do bolso. Sem aviso prévio, senti algo quente e aveludado escorregar pela minha palma. Eram os dedos dele – possessivos e exigentes – porém cuidados, envolvendo e se entrelaçando nos meus.

Luka continuou a andar olhando para frente, como se aquilo fosse casual. Mas eu não consegui demonstrar indiferença. Meu coração morto envolveu-se por intenso calor – um abraço misterioso, quente, com cheiro de especiarias. Tão dele.

O silêncio e a eterna noite da Escola dos Mortos eram as únicas testemunhas do meu pequeno milagre.

Pela primeira vez, Luka Ivanovick segurou minha mão.



Entramos no castelo e chegamos até a sala de aula. Do outro lado da porta fechada, eu podia ouvir Sr. Wood conversando animadamente com a turma. Ainda não tinha iniciado a aula. Luka permanecia segurando a minha mão com firmeza, os longos dedos de veludo entrelaçados nos meus. O russo não olhava para mim. Parecia perdido em seus pensamentos.

Já eu, tinha o cérebro em pane. Cada célula do meu corpo emitia um enorme ponto de exclamação. A sensação do seu toque era inebriante. Eu tentava acompanhar seus passos, em ritmo sempre rápido. Luka não era do tipo que perdia tempo.

Quando chegamos à porta da sala, eu desvencilhei timidamente minha mão da dele. Pela primeira vez em todo o percurso, Luka olhou para mim. Foi um olhar negro, enigmático. Não entendi o que espreitava por trás de suas íris. Ele nada comentou sobre minha atitude – somente abriu a porta e me deu espaço para passar.

Quando entramos na sala, a conversa animada diminuiu consideravelmente. Só restaram murmúrios e alguns resquícios de piadas – mas a presença de Luka pesava demais o clima da sala para que alguma piada vingasse.

Enquanto eu andava por entre as mesas seguida por Luka, capturei o olhar de Mayumi, aprovador. Ela se sentava por cima de sua mesa, as longas pernas cruzadas, cercada por Santiago, Ian, Laila, Aisha e os outros. Santiago desviou os olhos verdes, ainda ressentido comigo. Eu sabia que ele não me amava nem nada do tipo, só estava ultrajado por ter sido rejeitado. Essa não era uma experiência comum para ele.

Laila e Aisha tinham sorrisos confidentes no rosto. Aisha piscou para mim e eu revirei os olhos, percebendo que eu mesma também ostentava um sorrisinho involuntário. Ian Armstrong e o restante só nos encaravam com curiosidade.

Eu me sentei numa das cadeiras ao fundo e Luka sentou-se ao meu lado. Amy nos encarava com aquela mesma expressão ferida, hostil. Desviei o rosto. Não deixaria Amy Turnage me intimidar, porém não via motivos para machucá-la ainda mais. Entrar na sala de mãos dadas com Luka partiria o já remendado coração da garota. Eventualmente ela acabaria vendo. Mas eu protelaria esse momento o máximo possível, dando a Amy tempo para digerir o fato de que Luka e eu... Bem, estávamos juntos.

Não sabia o que “estar junto” significava no dicionário do garoto. Nada de beijos, nada de apelidos melosos. Simplesmente Luka se tornara uma presença constante ao meu lado.

Olhei discretamente para ele. O Ivanovick encarava a frente como sempre, os braços bem cruzados sob o peito musculoso, o queixo erguido em arrogância. Dava para ver que ele se posicionava num ângulo estranho na cadeira, pendendo para mim – uma posição meio protetora, possessiva.

Percebendo o clima estranho que se instalou entre os alunos, Sr. Wood entendeu que não haveria mais conversinhas na sala. Os olhos do professor Wood alternaram-se de mim para Luka, tentando entender a situação. Depois, levantou as sobrancelhas como se finalmente tivesse captado.

Luka fez um sinal afirmativo com a cabeça uma vez, comunicando-se silenciosamente, como sempre. Ninguém na sala entendeu aquela conversa sem palavras – inclusive eu. Por isso todos deveríamos estar com caras de idiota quando Sr. Wood pigarreou, começando a aula.

– Acho que é melhor começarmos, uma vez que já estão todos aqui.

– Nem todos. – A voz sombria de Luka encheu a sala, fazendo todos caírem em um pesado silêncio e o encararem perplexos. Meu queixo caiu e quicou no chão. Era a primeira vez que eu o via falar em público.

Sr. Wood era arrojado demais para deixar transparecer reação.

– Falta alguém, Sr. Ivanovick? – perguntou calmamente.

– Meus irmãos estão vindo. Sugiro que os esperem. – Luka informou com sua frieza usual.

Santiago bufou, ultrajado.

– Não podemos atrasar a aula por causa dos seus irmãos, Ivanovick. É ridículo e –

O espanhol fechou a boca de repente quando Luka desviou os olhos negros para ele, apavorantes e desafiadores. *Vamos ver se você tem coragem para continuar a falar.*

Até eu me arrepiei com aquela expressão – mesmo que não tenha sido para mim. Era estranho como Luka tinha o poder de apavorar as pessoas. Poder de calá-las, afastá-las, intimidá-las. Não era normal. Como se ele fosse alguma espécie de predador, um monstro das nossas infâncias, despertando um medo soterrado em nossos subconscientes. Antigo, esquecido.

Sempre soube que havia algo de diferente em Luka. Desde que o vi, através de uma rara fenda entre os mundos, andando pelo corredor escuro da Sotrom. Mas mesmo depois de eu mesma estar morta, assim como ele, ainda havia algo que o separava, diferenciava-o de mim e do resto dos alunos.

Santiago trincou o maxilar e retorceu os lábios amargamente. Cruzou os braços e olhou para frente. Poderia estar amaldiçoando por dentro, mas

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nem mesmo o Santiago Ávila tinha a coragem para enfrentar Luka. O mais estranho de tudo era que o espanhol teria todo um time de futebol para defendê-lo caso as coisas se complicassem. Mas, mesmo assim, se calava. Aquilo não era normal.

Luka tinha o poder de submeter até a elite da Escola da Noite. Santiago e Amy eram os mais afetados, porque não suportavam serem considerados inferiores a qualquer um. Acostumaram-se a não terem competição.

– Tem mais algo a acrescentar, Sr. Ávila? – perguntou o professor Wood tranquilamente.

Santiago o lançou um olhar amargo e deu de ombros. Isso calaria qualquer professor, mas Sr. Wood não era do tipo que se deixava intimidar.

– Neste caso, se ninguém se incomodar, vamos esperar os alunos que estão faltando. Confesso que espero há tempos ter os Ivanovicks comparecendo finalmente a uma de minhas aulas – sorriu humildemente, o que me despertou uma centelha de carinho. Qualquer outro professor não admitiria aquilo, mas Sr. Wood não via problemas em dizer que gostaria da presença dos alunos. Ele não era egocêntrico.

Amei o respeito estampado na face dos alunos, respeitando sua decisão. Sr. Wood merecia.

Quase como se lendo meus pensamentos, Sr. Wood pegou-me o encarando. Sorriu amavelmente. Envergonhada por ter sido flagrada, devolvi-lhe com um sorrisinho constrangido. Queria tanto um dia poder apresentá-lo a minha mãe... Ele era exatamente o tipo de homem que Helena gostava. Seguro, sensato, cheio de paixão... Além de ainda ser bem bonitão. Os dois completariam um ao outro – ela, com todas as suas cores vibrantes; ele, com seu equilíbrio, proteção.

Naquele momento, a porta se abriu com mais violência do que o necessário. Alicia Ivanovick entrou, as botas de saltos finos fazendo barulho no chão, os longos cabelos negros e roxos sacudindo pesados até o fim das costas, repicados para todos os lados. Nikolai entrou logo atrás.

Sr. Wood sorriu.

– Vejam só quem apareceu, finalmente! Estávamos falando de vocês neste exato momento. Sejam bem vindos, Alicia, Nikolai – acenou uma vez com a cabeça cordialmente para cada um, indicando que os conhecia pelo nome.

Alicia só lhe lançou um olhar gelado e entediado, sentando-se em um lugar vazio, o queixo erguido em arrogância. Sr. Wood não se deixou abalar, ainda otimista. Já Nikolai devolveu-lhe o aceno de cabeça, cordial. Aquilo rendeu um sorriso satisfeito ao professor.

Eu me encontrava boquiaberta. O que estavam *fazendo* aqui? Os Ivanovick nunca assistiam às aulas de Psicologia da Morte. O resto dos alunos também ainda tentava digerir a presença não de um – mas de *três* Ivanovicks na sala. Desconfortáveis, se aprumavam nas cadeiras, abaixando as saias, recostando-se adequadamente nos encostos... Os Ivanovicks inspiravam um ar de seriedade, e as pessoas tinham a compulsão de querer ganhar sua aprovação.

Sr. Wood começou a falar animadamente.

– Já que estamos todos aqui, vamos começar nossa aula! Hoje tenho um tema um tanto novo para vocês, meus caros. Guardem os laptops e iPads. Peguem papel e caneta, porque hoje vamos trabalhar com as boas e velhas cartas.

Um gemido geral se espalhou pela turma. Ninguém aqui estava

acostumado a um trabalho tão pesado e arcaico quanto escrever um manuscrito. Mas Sr. Wood somente riu da reação dos adolescentes mimados.

– Vamos logo. Nada de reclamar!

– Vamos escrever para quem, professor? – perguntou Aisha.

– É aí que está a surpresa, Miss Simbovala.

– E como vamos enviar? Não dá para ser por e-mail – observou Catarina.

– Pombos correios – Aisha revirou os olhos. – É só você cantar na janela que eles chegam voando.

A portuguesa arregalou as pálpebras e bateu palmas, animada.

– Sério?

Aisha a encarou com uma expressão de incredulidade hilária enquanto a turma inteira ria. Menos os Ivanovicks, é claro – a não ser Nikolai, que soltou um pequeno sorrisinho.

– O que foi, gente? – Catarina ficou confusa.

– Por que você não escolhe a cor da sua canetinha, Cat? – sugeriu Laila bondosamente, reprimindo o riso e lhe passando um estojo de canetas. Aquilo rapidamente distraiu Catarina, encantada com as cores brilhantes das canetas da árabe. Eu troquei um olhar cúmplice com Miguel. O irmão da portuguesa balançava a cabeça, suspirando. Catarina nunca mudava.

Sr. Wood observava a cena divertido, e depois que o alvoroço diminuiu, retomou a aula.

– Tá legal, gente, já que nossa Catarina tirou sua dúvida, vamos voltar à aula. Hoje iremos escrever uma carta, mas não será entregue a ninguém.

– Não vamos entregar essas cartas? – perguntou um garoto chamado Antony, atônito.

– Não. Ninguém irá ler suas cartas, a não ser vocês mesmos. Para o remetente que eu irei sugerir, não é possível que as cartas sejam entregues. Iremos fazer uma espécie de... Pacto de silêncio sobre esse assunto.

Aquilo roubou a atenção de Catarina, deixando de lado suas canetas coloridas. Ela fez uma expressão arregalada e conspiratória.

– Pacto? Vamos escrever para o diabo?

– Mas o quê...? – Sr. Wood a encarou perplexo. – Claro que não, Catarina!

– Ah – ela deu de ombros, retomando a atenção para as canetas – então tudo bem.

Todos ainda encaravam-na horrorizados quando as primeiras pessoas caíram na gargalhada. Nessa hora até Luka teve que desviar os olhos e reprimir um sorriso. Já eu ria alto. *Fala. Sério.* Quem além de Catarina chegaria a uma conclusão dessas?

O professor Wood não sabia se ria ou continuava a aula.

– Agora que já deixamos claro que não será nenhum ritual satânico, vamos finalmente conhecer o tema das cartas. A tarefa é: cada um de vocês irá ter que escrever uma carta para suas respectivas famílias.

Aquilo chamou a atenção de todos. Quem conversava, parou. Quem lixava as unhas ou olhava para os lados, desviou os olhos bruscamente para o professor. *Família* era um tabu nessa escola. A diretoria fazia de tudo para distrair os alunos das lembranças do passado, e eu duvidava que a diretora Markova soubesse do que o professor estava fazendo.

Ninguém sabia por onde começar. Todos ou encaravam o professor, ou se fitavam entre si, perdidos. Eles poderiam recitar de cor os últimos lançamentos da Prada, escrever centenas de convites numa única noite, elaborarem as festas mais loucas... Mas uma simples carta os deixava paralisados. Ninguém aqui estava acostumado a lidar com sentimentos muito profundos.

Família? A simples menção desse nome ocasionou três dezenas de rostos chocados, perdidos.

– Vamos, pessoal! Cartas não mordem. – Incentivou o professor.

Catarina olhava para seu papel como se realmente pudesse levar uma mordida.

– E por onde começamos?

– Pelo começo, ora. – Sr. Wood suspirou quando percebeu que os alunos não se moviam. – Tenham em mente que absolutamente ninguém vai ler o que vocês escreverem, nem mesmo eu. Não é uma tarefa obrigatória, mas eu acho que, depois de dezenas, e até centenas de anos para alguns nessa sala, com certeza vocês tem algo a dizer a alguém que ficou para trás. Quem aqui lembra com perfeição o rosto da mãe? Levantem as mãos.

Ninguém levantou.

Sr. Wood nos fitou tristemente.

– Foi o que pensei. Tentem se lembrar do rosto de alguém por quem vocês voltariam ao mundo dos vivos, abandonariam seus amigos, seus namorados, essa Escola... Mãe? Pai? Cachorro? Concentrem-se no rosto deles e as palavras vão fluir. Contem a eles sobre seus anos aqui, do que sentem falta, do que não sentem... Relembrem algum momento que viveram, ou que gostariam que tivessem vivido. Falem o que nunca tiveram

coragem de falar cara a cara, ou contem-lhes um segredo, tanto faz. A convivência com uma família é um direito que lhes foi roubado. Independente da posição social ou nacionalidade, é um direito do ser humano. Talvez vocês nunca tenham sentido nada em relação a isso porque simplesmente nunca *pensaram* sobre isso. Não dá tempo. Parem, pensem bem, tentem se lembrar. Todos que vocês amaram algum dia estão resumidos nas pessoas desta sala? Ou há mais alguém numa vida distante?

Não sei o que me fez pegar a caneta e começar a escrever antes de todos. Eu nunca escrevi nem receita de bolo. Era completamente anormal que as palavras jorrassem sobre a folha que eu arranquei do caderno velho às pressas.

Eu podia sentir o olhar negro de Luka sobre mim, bem como o de várias pessoas na sala – mas o dele era o único que importava. Ao pensar na palavra *amor*, o garoto era o primeiro que vinha à minha mente.

Não obstante, as palavras do Sr. Wood fixaram-se em minha cabeça. *Não, nem todos que algum dia eu amei estão nessa sala.* Meu coração morto era grande, e embora a paixão por Luka Ivanovick fosse arrebatadora e tomasse toda a minha atenção, havia um amor mais sutil, repleto de memórias, vozes e cheiros da minha infância... Helena, Ana, o rosto desfocado de um homem que um dia eu chamei de pai... Eu me lembrava vagamente do seu cheiro, sua voz... Um corpo sem rosto me cobrindo durante a noite, um beijo na testa, um sussurro...

As memórias sobre Edward van Pelt eram tão ralas e sem sustância que pareciam de outras vidas.

Querida Helena,

Comecei lhe dizendo o que tinha me acontecido de mais importante.

Talvez o acontecimento mais importante da minha existência até agora.

Você vivia dizendo que um dia uma pessoa iria me amar tanto quanto você me amou.

Quanto à parte do “ser amada”, eu não tenho nenhuma certeza, e nem tampouco esperança – mas acho que você ficaria feliz em saber que encontrei alguém para amar sem medidas, exageradamente, do tipo de amor que te arrebenta no chão.

Mãe, não vou dizer o nome dele. Mas pode ter certeza que é o “ele” das histórias de contos de fadas que você me contava – ou tentava me contar, quando não dormia no meio de uma delas. Ele é o meu substantivo próprio, personificado, com letra maiúscula. Ele é sujeito da frase “isto é toda a minha vida.” Você sabe que eu nunca fui de sentir paixõezinhas adolescentes.

Mas não há escapatória para mim, Helena. O sol do Rio de Janeiro fica ofuscado quando os olhos dele reluzem – seja em divertimento, malícia ou mistério. E, ah, meu Deus... Eu daria tudo por aqueles olhos... Neles, existem túneis secretos, nos quais eu me perdi. Perdi a mim mesma, minha sensatez, minhas prioridades... Tudo agora tem o nome dele, marcado a fogo sobre todas as pequenas coisas que um dia eu amei – e, que hoje, se comparadas a ele, se reduzem a nada.

De tudo o que me parece insignificante agora, a única exceção é você. Não, não você, mãe...

Seu lugar em meu coração não tem devolução, reembolso, ou troca de proprietário. Você continua sendo tão importante como sempre foi. Minha maior saudade, minha mãe-filha. Você cuidou de mim enquanto me ensinava a cuidar de você. E, juntas, nessa troca de mais loucuras do que cuidados, nós fomos aprendendo a viver.

Você não conhece o Sr. Wood, mas hoje ele me fez pensar em algo que eu nunca imaginaria sozinha. Eu queria conhecer a pessoa que você foi antes de ter a mim. A Helena adolescente que não teve que criar duas filhas sozinha; a que tinha sonhos, esperanças, planos para o futuro.

É essa fina linha no tempo que separa gerações e me impede de te conhecer como pessoa tanto quanto conheço como mãe. A linha tênue que deixa um vácuo de vida entre mim e você, assim como antes te separou de sua mãe – e, que, em algum futuro perdido e roubado, me separaria da minha filha. A linha que fez você se deixar para trás para ser

mais minha do que sua.

E, nos próximos anos, em que minha ausência perambulará como um fantasma pelos meus cantos preferidos da casa, você vai se perguntar onde estou - e onde você mesma está. É triste ter a consciência de que você abriu mão de tanta coisa para ser inteiramente por mim, e, agora, onde estou? Roubaram-me de você, mãe, e agora querem me roubar de mim.

Roubaram os filhos que eu nunca tive, o casamento que eu nunca quis e a chuva ridícula de arroz. Estão roubando meu amadurecimento, minhas opiniões, meu conhecimento. E, daqui a sessenta anos, roubarão uma tarde chuvosa na varanda, com meu corpo velho e cansado, cercado por netos.

Eram esses os netos que eu queria lhe dar também. Deus... Agora percebo que quero tantas coisas... Ver o sol outra vez, abraçar Ana e comer pizzas frias aninhada no sofá com vocês. Eu fui roubada, Helena – mas, por favor, não chame a polícia. Ao contrário – mande flores ao assassino por mim. Esse roubo me tirou a vida, mas me trouxe algo extremamente mais precioso.

Ele.

Ah... Como eu queria que você o conhecesse... Ele não é o encaixe mais suave, gentil ou mais bondoso – mas é o encaixe perfeito para mim. Agradeço por estar morta, porque se acaso um dia ele partir, eu não seria capaz de viver sozinha aqui, nessa escola assombrada da qual você nunca vai ter conhecimento.

De todas as pessoas no mundo, você é a única por quem me dou ao trabalho de escrever uma carta – porque é a única que eu tenho certeza de que, mesmo depois de noticiarem minha morte, irá me esperar passar pela porta por anos a fio. Quando todos esquecerem até o meu nome, você se lembrará dos mais simples detalhes do meu rosto, me verá em todos os sorrisos, assim como eu te verei pela eternidade que me espera, e veria a filha que eu jamais poderei ter.

Não chore por minha morte, mãe. Uma piada cruel do destino - da qual nenhuma de nós tem culpa – nos separou para sempre, mas não é essa a beleza dos seres humanos? Bobos, sentimentais seres humanos? Nós somos mais que carne, mais que corpo. Somos almas, e almas não se separam. Fique feliz por mim, mãe. Feliz porque tem alguém ao meu lado que, mesmo se nunca me amar como eu o amo, está aqui, encontrado – o príncipe encantado. Ele existe. Não no seu mundo, mas nesse estranho mundo de mortos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

glamorosos, esse mundo de fantasia. E você não disse que era exatamente em universos paralelos que moravam os príncipes encantados?

No entanto, como você bem me conhece, eu escolhi o vilão. Mas isso não o torna menosdigno aos meus olhos. Pelo contrário – se acaso um dia ele precisar de ar, eu paro de respirar.

E isso é amor, mãe. Daquele jeito bem dramático, louco e ridículo que eu jurei nunca me submeter. Mas não é exatamente por causa dele que a vida vale à pena?

E se eu tive que morrer para encontrá-lo, pode ter certeza que a minha vida, mesmo que curta, valeu.

Te amo por cem anos e uma eternidade a mais. E já que não estou mais aí para pagar as contas de luz que você esquece, terá que fingir que é uma adulta. Mas não se preocupe – se não der certo, Ana será por você.

Com amor e recomendações/ameaças para que não perca nenhum dos seus cartões de crédito,

Lara.

Quando terminei de escrever, a sala tinha caído em silêncio. Olhei para Luka e ele tinha um papel dobrado diante de si, já escrito também. Pousou a caneta na mesa, cruzou os braços e ficou em silêncio.

Alicia e Nikolai não escreviam; metade dos alunos reclinava-se sobre suas mesas, escrevendo furiosamente – e a outra metade encontrava-se parada, encarando o papel em branco com olhos distantes, perdidos. Surpreendi-me ao flagrar Sr. Wood olhando silenciosamente para mim lá de sua mesa. Ele deu um pequeno sorriso constrangido e baixou os olhos para seus papéis.

O professor escrevia. Será que realizava a própria tarefa? Escrevia uma carta para a família? Não perguntei. Meus olhos se desviaram automaticamente para Luka. Ele arqueou uma sobrancelha, mexendo os lábios sem emitir nenhum som.

– Quem encara muito é porque gosta do que vê.

– Então é por isso que você está me secando? – fiz minha melhor expressão inocente. Luka retorceu os lábios em um bico encantador. “*Touché.*”

Eu sorri para a minha primeira e pequena vitória.

Quando a aula terminou, Luka se levantou com um suspiro: “Próxima.”

Segui-o arrastando os pés, oferecendo um *tchauzinho* de longe para Mayumi e as meninas. Todas retribuíram – menos Amy, que desviou os olhos com um sorriso amargo. Não me importei – eu já estava fazendo o que estava ao meu alcance por ela, tentando evitar demonstrações públicas de que estávamos juntos. Isso era o máximo que eu faria. Eu jamais abriria mão de Luka para poupá-la. Sabia que Amy não faria o mesmo por mim.

Com o garoto por perto, tornara-se difícil me aproximar das minhas novas amigas. Era como se o russo exigisse todo o meu espaço, tempo e atenção. Não dava para conciliar os dois.

Antes de sairmos da sala, despedi-me do professor enquanto Luka me esperava do lado de fora, musculoso e hostil, olhando friamente para quem quer que ousasse encarar a ele ou a mim por mais de dois segundos.

– Ora, ora – Sr. Wood deu um sorriso fraco quando me aproximei de sua mesa – parece que você arranjou um guarda-costas mal-humorado.

Nós dois olhamos para a cena de Luka parado sozinho na porta, parecendo inclinado a socar alguém. Sr. Wood riu e eu não pude deixar de acompanhá-lo. Quando eu não estava quase sendo esmagada pela pressão da companhia de Luka, até que era uma cena bem engraçada tê-lo me seguindo para todos os lados – minha perpétua sombra escura e ranzinza.

– Ele não é muito comunicativo, não é? – Sr. Wood cruzou as mãos sobre o queixo, analisando Luka.

– Digamos que misantropo é um eufemismo para ele.

– Curioso. Isso não parece te incomodar. – Ele parecia sinceramente interessado.

– Não – dei de ombros. – Prefiro um silêncio consentido a pessoas que falam demais e não tem nada a dizer.

– Interessante. Eu sempre pensei que você fosse do tipo que gostasse de conversar. Quando visitei sua casa, sua mãe... Helena é o nome dela, não é? Pois bem. Helena não parava de falar por um minuto – riu. – Pensei que puxaria a ela.

– Eu gosto de conversar, mas Luka não precisa tagarelar para me mostrar o que está sentindo. – Desviei o rosto para vê-lo, parado ali, esperando-me em silêncio. Suas íris negras fitavam o nada, concentradas e misteriosas, como se ele visse o que ninguém mais podia. – Ele fala com os olhos – murmurei mais para mim mesma.

Entretanto, Sr. Wood ainda estava lá.

– Lara, não quero ser invasivo, mas... Você e o Ivanovick...?

– Não sei – olhei surpresa para o professor. – Está meio confuso ainda.

– Você o ama?

Arregalei os olhos.

– Como?

– Você ama Luka Ivanovick? – perguntou outra vez simplesmente.

Abri a boca, totalmente desconcertada. Nem mesmo Mayumi tinha me

perguntado tão escancaradamente assim.

– Está... Está me perguntando se eu gosto dele?

– Não, você pode gostar de qualquer coisa. O que vejo em seus olhos é amor.

– Eu... – perdi as palavras. Como esse homem era capaz de me ler assim, em dois segundos? Suspirei, rendendo-me. Meus olhos escorregaram para baixo. – Sim. Amo-o demais.

– E ele ama você?

Cruzei os braços para me proteger do buraco no peito.

– Não sei. Provavelmente não.

– Por que não?

Bufei.

– Isso é óbvio.

Sr. Wood se ajeitou na cadeira como se eu o tivesse ofendido.

– Não se deprecie na minha frente, Lara. Você merece muito mais do que imagina. Luka é quem não te merece, pode acreditar nisso. Sei que não pedi meu conselho, mas afaste-se desse garoto, o Ivanovick. Incentivo você a ter sentimentos mais profundos nessa Escola, e o amor foi o melhor que você poderia ter encontrado. Mas pense bem, Lara. Luka Ivanovick não é... Seguro. Nem a sua família.

– O que você sabe sobre eles? – franzi a testa desconfiada. Sr. Wood me olhou sombriamente por cima dos óculos.

– Mais do que eu gostaria.

Com os braços cruzados, fitei-o com seriedade.

– Então está dizendo para que eu saia amando as pessoas por aí. Todas elas. Menos Luka?

– É só um conselho, Lara. Existe um motivo para os Ivanovicks não se relacionarem com ninguém aqui, e se eles te escolheram por algum motivo, sugiro que corra o mais rápido possível dessa situação. É perigosa. Nunca aconteceu antes, e eu estou receoso de onde isso pode te levar.

Ultrajei-me.

– Por que fica todo mundo dizendo isso? São só duas pessoas que decidiram ficarem juntas! – *ele* decidiu, na verdade. Mas esses eram detalhes que não convinham.

– Eu não tenho um pressentimento bom em relação a esse garoto. Você vai se machucar – Sr. Wood balançou a cabeça enfaticamente, como se aquele assunto o perturbasse. – Ouça bem, Lara. *Você vai se machucar* – ele repetiu enfaticamente, como se não estivesse somente se referindo a um coração partido. – De uma forma ou de outra, é o inevitável. Esse garoto não é quem você pensa. Poucos sabem sobre ele; mas, quem sabe, se mantém longe. É arriscado.

– É um risco, não uma previsão. Mas o que posso fazer? O amor em si é perigoso – dei de ombros.

– Não. *Luka Ivanovick* é perigoso. O amor é suave, seguro, menos quando se aplica a ele. Ouça o que eu estou te dizendo, Lara. É um conselho de alguém mais velho, alguém que sabe o que você não sabe. Tome isso como um conselho que Edward te daria. Como amigo dele, creio que posso tomar a liberdade para lhe aconselhar como a um pai...

Eu ri desdenhosamente. Não queria ser grosseira com Sr. Wood, mas ele estava pedindo.

– Péssima escolha de palavras, professor. Edward van Pelt é a última pessoa de quem eu ouviria um conselho. Tudo que vier dele eu amassarei e jogarei no lixo, assim como ele fez comigo e com a minha família.

Sr. Wood só me lançou um olhar magoado enquanto eu virava as costas e ia embora, igualmente ferida com aquela conversa. Luka chegou ao meu lado quando passei por ele, andando com passos pesados e rápidos.

– Má conversa?

– Sr. Wood estava me aconselhando a ficar longe de você. Nada do que eu já não tenha ouvido antes – dei de ombros.

De soslaio, vi Luka erguer uma sobrancelha.

– E você pretende ouvi-lo?

– Não. Quem decide isso sou eu.

– Neste caso, acho melhor lhe dar ouvidos.

Olhei para Luka, as sobrancelhas também erguidas.

– E você permitira que eu me afastasse, se eu quisesse?

Ele desviou os olhos, considerando.

– Não, provavelmente não.

– Foi o que pensei.

Fomos para a aula de música – na qual me revelei um desastre. Enquanto Alicia era uma mestra do violino, Nikolai dominava o violoncelo e Luka um gênio do piano, eu mal conseguia bater um prato no outro para fazer qualquer espécie de barulho.

Em seguida, fomos para a aula de pintura. Esse era o meu lugar. Nunca pensei que pintasse bem – só sabia que gostava de pintar. Mas pintar com

Luka Ivanovick parado bem atrás, fazendo questão de observar cada detalhe, fazia-me encarar o modo como eu pintava com uma nova perspectiva. Fiquei insegura de que ele me considerasse muito amadora; mas, no final das contas, Luka se prostrou bem atrás de mim e pegou minha mão com o pincel. Seus braços musculosos ao meu redor me impediam de pensar, mas ele guiou minha mão pelo quadro assim como fizera no piano, de modo que pintamos juntos.

Ele deu um toque final com tinta escura, e, de repente, minha surfista que encarava o pôr-do-sol na praia se tornou muito mais refinada e profissional. Parecia que um toque de melancolia na paisagem a tornava mais profunda, mais humana... E de repente eu pude imaginar toda a história da garota. Ela estava de costas, de modo que seu rosto não era visível. Parecia estar se despedindo do mar, como se soubesse que em breve iria para um lugar onde só havia um eterno escuro...

Luka encontrava-se muito perto, praticamente me abraçava por trás. Uma mão estava sobre a minha, estendida ao pintar o quadro – a outra, apoiada em minha coxa, os longos dedos de veludo mal a tocando, deslizando provocadoramente por ela. Seu cheiro era quente, escuro, apimentado; especiarias de terras exóticas, desconhecidas, misteriosas... Algum lugar bem distante do frio País de Gales. Sua pele fervia, muito mais quente que o normal. O lado esquerdo do rosto perfeito dele encontrava-se muito próximo à minha bochecha, e os lábios... Deus... Eu os podia ver pelo canto dos olhos, vermelhos e provocantes. Sua voz era baixa e macia como veludo ao murmurar bem pertinho do meu ouvido.

– Você tem talento – ele guiava minha mão com o pincel pelos cabelos ondulados da garota, escurecendo-os sombriamente. – Sozinha, teria um futuro brilhante. Mas, comigo, seria invencível. Eu completo você de um

jeito que nenhum outro faria, não consegue ver? Por isso não consigo montar o seu quebra-cabeças. Porque está faltando uma peça nele. *Eu*.

Ainda que eu não precisasse de oxigênio, minha respiração se tornou ofegante. O único lugar em que eu conseguia pensar em estar era na cama dele.

Quando olhei de soslaio para o seu rosto, dei de cara com as íris negras me encarando, pegando fogo. Luka passou a língua pelos lábios e eu gemi. O sinal tocou, escandaloso, fazendo com que ele se afastasse de mim bruscamente.

Eu alternava entre praguejar e agradecer mentalmente por aquela interrupção. Não sabia o que poderia acontecer caso o momento continuasse...

Tirei meu avental e me despedi da professora Giulia – uma italiana muito parecida com Miss Antonela Favoretto, a professora de artes da Sotrom. Como fiquei sabendo mais tarde, as italianas Giulia e Antonela Favoretto eram irmãs, ambas bonitas e morenas professoras de artes. Giulia foi escolhida pelo assassino para morrer, salvando assim a irmã.

Agora estava explicado porque uma mulher tão interessante quanto Antonela continuava viva na Sotrom. A Morte sempre poupava um irmão – as gerações tinham que continuar, afinal. O que me fazia pensar que eu estava salvando Ana, minha própria irmã. O problema, talvez, eram os seus filhos... Mas eu não queria pensar nisso agora.

No corredor, Luka passou por mim rapidamente – mas ainda deu tempo de sussurrar algo atrevido em meu ouvido.

“Te espero no meu quarto esta noite.”

Ofeguei, mas ele já estava longe. Gritei para as suas costas.

– Não vai mais para a aula?

Luka virou-se brevemente, um sorriso malandro nos lábios.

– Tenho coisas mais importantes a fazer. – Virou o boné para frente e me deu as costas, sumindo numa bifurcação do corredor.



Eu não vi Luka pelo resto da noite.

Todo esse tempo, tentei não ficar magoada. Mas era muito estranho olhar para trás e não vê-lo ali, com seus músculos e silêncio protetores. Sentia-me anormalmente sozinha. E isso era ridículo – em geral, minha própria companhia já era o suficiente. Nunca enfrentei uma situação em que eu ansiasse desesperadamente a companhia de alguém específico. Invadindo, tornando-se presença constante.

Sentei-me à mesa de sempre durante a Segunda Refeição, e também na hora do jantar. Catarina me encheu de perguntas, e as outras garotas também se inclinavam para mim, ávidas por detalhes. Mayumi, Laila e Aisha eram mais discretas, entretanto – só tocando no assunto quanto Santiago e Amy não estavam por perto.

Depois do milagre de Luka Ivanovick ter escolhido uma garota, os Jogos de Caça eram o segundo assunto mais cotado naquela noite. Todos já planejavam seus grupos, e eu fiquei satisfeita ao ver que estavam disputando por mim. Não podia negar que a Escola da Noite tinha me trazido verdadeiros amigos.

Ao término das aulas, Luka ainda não tinha aparecido. Suspirando, desisti e voltei com Mayumi para o meu quarto, tomando um banho e me jogando na cama, já com meu pijama de vaquinha. Mayumi se jogou em sua cama:

– Já fiz nossa inscrição para os Jogos. Espero ter preenchido sua ficha corretamente. Sua família herdeira da Ordem é van Pelt, não é? Foi isso que eu coloquei lá.

– Mmmm – murmurei desanimada.

Ela me olhou, erguendo uma sobrancelha.

– Por que essa cara de velório?

– Adivinhe – grunhi.

– Ele não apareceu mais.

– Tinha “coisas mais importantes a fazer” – repeti a frase como se fosse um xingamento. A japonesa fez uma careta.

– Isso não é bom.

Olhei para ela, sarcástica.

– Obrigada.

Mayumi deu de ombros.

– Queria saber o que ele faz naquele quarto. Tem dias que ele nem se digna a aparecer em nenhuma aula! Você já o descreveu milhares de vezes, mas tem certeza que não viu lá dentro nenhuma cela onde ele mantém prisioneiros? Podia estar num cantinho discreto...

– Eu rodei os quatro cantos daquele quarto. Acredite em mim, não tinha nada além de um piano e livros.

– Mmmm – ela arranhou. – Esperava algo mais intimidador. Tem certeza que não viu mesmo nenhuma coleção de instrumentos de tortura?

Bufei.

– Luka não precisa de instrumentos para torturar alguém. Ele joga com a minha mente todo dia, e faz isso sozinho.

– Não é possível! Nenhuma cabeça decapitada? Ou... Sei lá... Velas pretas para rituais de magia negra? – Mayumi ainda tinha alguma esperança.

– Se um videogame pode ser considerado magia negra, então, sim.

Ela retorceu os lábios vermelhos de gueixa, claramente decepcionada.

– Ele não é tão perigoso quanto eu pensava.

Nesse exato momento, três batidas raivosas e poderosas soaram na porta, nos assustando. Mayumi sentou-se bruscamente. “Merda, que susto. Quem diabos seria a uma hora dessas?”

Levantei-me e abri a porta.

– *Luka?* – arfei de susto.

Os olhos dele conseguiam ser mais negros que o próprio escuro ao nosso redor. Reluziam com raiva, e naquele momento o russo se mostrava muito mais perigoso até do que as mais loucas expectativas de Mayumi. Ela não o conhecia como eu.

Embora sua presença fosse quente como pimenta, sua voz se encontrava gelada, cortante.

– Eu te esperei. E você não apareceu. *De novo.*

Com o canto dos olhos, vi Mayumi se enfiar de baixo das cobertas e engolir em seco, apavorada. Certamente ela estava retirando a última frase

que dissera.

Eu o encarei, perplexa. *Tá de sacanagem.*

– E isso é motivo para você invadir o dormitório feminino a essa hora da noite?

Luka sorriu. Não... Não era um sorriso. Seus dentes se arreganharam brancos e brilhantes, mas não era felicidade. Parecia algo como um arreganhar de dentes animalesco.

– Isso não é nada para mim. Outra vez, eu me arrisco por você, e você pisa no meu sentimento. Não venha me falar de bons modos agora. Não estou nem aí.

Eu pisquei, sem reação.

– Mas do que...? Não tenho ideia do que você está falando!

– Eu disse para você ir até o meu quarto hoje à noite.

Arregalei os olhos.

– Todo esse escândalo é por isso? Você sumiu! Eu pensei que não queria mais. – Eu deveria estar envergonhada por armar esse barraco na frente de uma Mayumi muito horrorizada com a invasão, mas Luka sugava toda a minha atenção. Ele parecia uma bomba prestes a explodir em nosso quarto.

Os olhos dele reluziram em ódio.

– Você *pensou*? Eu disse que iria te esperar. Não volto atrás em minha palavra.

Bufei. Só me faltava essa. Nem morta que eu iria aparecer na porta do quarto dele, oferecendo-me. Aliás, muito menos morta! Ele estava precisando ouvir umas verdades, isso sim. Endireitei-me na cama, deixando

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

clara minha posição de desafio. Eu não era do tipo de mulher que abaixava a cabeça. Humildade tem limite, tenha dó.

– Quer saber? Se você quisesse mesmo, teria passado a noite comigo e me levado até o seu quarto. Simples. Não pense que pode me abandonar a noite inteira e depois me encontrar te esperando na sua cama. Se você “tem coisas mais importantes a fazer”, acredite, eu também tenho. – Ergui uma sobrancelha em desafio.

Era óbvio que eu não tinha nada mais importante a fazer, mas mentia bem. Luka trincou o maxilar, tentando se controlar. O quão estranho era o perigoso Luka Ivanovick estar tão alterado por causa da teimosia de uma garotinha?

– Está dizendo que não vai dormir comigo esta noite? – por trás do controle frio de sua expressão, eu podia ver a tormenta e os relâmpagos furiosos em suas íris.

– Lara. É melhor você ir. – Aconselhou Mayumi, a voz preocupada. Ela não estava acostumada a um Luka apavorante. Qualquer expectador pensaria que Luka poderia me esquartejar aqui e agora, tamanha sua fúria, mas eu sabia que ele não chegaria a esses extremos...

Eu acho.

Engoli em seco. Mesmo assim, não cedi.

– Irei se eu quiser. E, no momento, não estou muito inclinada. – Cruzei os braços, indicando que ficaria parada no mesmo lugar onde estava. Embora meu corpo inteiro gritasse pela traição de rejeitar uma noite com Luka, meu cérebro sabia que o garoto merecia isso.

Luka grunhiu, furioso.

– Então vai ser assim? Foda-se, então. – E virou as costas, parecendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

magoado.

O quê?! Não!

– Não, espera! – gritei, sem poder me refrear. Alguma coisa em mim se partia vendo-o ir embora. Ele se virou lentamente, a sobrancelha erguida, parecendo um antigo deus da fúria contrariado. Cacete de genética fabulosa.

– Então você quer dormir comigo?

Abri a boca, mas fechei em seguida. Não sabia o que responder. Ele ergueu o maxilar, em malícia e arrogância.

– Já que você não respondeu, então façamos do meu jeito. – Ele se aproximou, me envolveu com os braços e me ergueu do chão, jogando-me sobre um dos ombros. Simplesmente me capturou.

Eu gritei.

– O que é isso, seu maluco?! Coloque-me nessa porcaria de chão agora! Não... *Luka!* – ainda gritava enquanto ele avançava no corredor sem me dar a mínima atenção.

Mayumi se levantou da cama e correu atrás de nós alguns passos, a mão cobrindo a boca, sem reação.

– O que eu faço?! – ela gritou para mim.

– Deixa que eu resolvo isso!

Luka rosnou.

– Quem vai resolver sou eu.

Sob os meus berros e protestos, Mayumi foi deixada rapidamente para trás no corredor. Sem querer se meter na nossa briga, desistiu. Sabia que eu a mataria se ela envolvesse alguém nisso.

Rapidamente saímos do dormitório feminino, e eu me debatia e tentava me libertar, mas os braços dele eram como garras – fortes como aço, impossíveis de ceder. Apertavam minha cintura e minhas pernas, deixando claro que não iriam me deixar escapar. Luka andava muito rápido, cobrindo em minutos o caminho até sua ala particular. Ignorava meu ataque, os olhos frios e decididos mirando sempre à frente.

Já dentro de sua ala, as portas de Nikolai e Alicia se mantinham fechadas. Certamente eles estavam ouvindo meus gritos, mas sabiam que era melhor para a saúde deles se manterem fora disso. Luka não aceitaria intromissões.

O garoto escancarou a porta do seu quarto, entrou e depositou-me sobre a cama. Depois, trancou a porta, tirou a camisa, jogou-a no chão e entrou em seu *closet*. Eu podia ouvir o barulho de cabides sendo arremessados, portas batendo e gavetas sendo escancaradas, tamanha sua raiva ao trocar de roupa.

No lapso de tempo em que Luka ficou lá dentro, meu queixo caiu no chão. Ainda me encontrava parada na mesma posição em que Luka me jogou na cama. A cena que me cercava era chocante, inacreditável. O austero quarto de Luka se revelou totalmente diferente essa noite.

Ele o... *Enfeitara*. Supondo que eu iria dormir com ele, Luka espalhou velas pelo quarto. Grossas, caras, escuras, sobre cada móvel do quarto. As luzes estavam apagadas, e somente as pequenas chamas iluminavam o ambiente. Refletidas nas paredes, suas luzes tremeluzentes proporcionavam um efeito mágico, quase como se estivéssemos dentro de uma caverna escura, cheia de pequenas fadas douradas. Ou vagalumes flutuando num céu escuro.

Ele tinha organizado um ambiente... *Romântico*.

Eram tão bonitas, delicadas e trabalhadas que eu... Deus. Não sabia mais o que pensar. O garoto havia preparado tudo aquilo só para mim. *Por* mim. Luka Ivanovick não enchia seu quarto de velas só para encantar uma garota – não precisava de artifícios para isso. Mesmo assim, o fez. E essa garota simplesmente não apareceu.

Alguém tão fechado como ele, não aceitaria tal situação. Quando finalmente abriu uma brecha em sua armadura, foi instantaneamente rejeitado. Era de enlouquecer qualquer um. Cobri a mão com a boca, estarecida com a situação.

Quando Luka saiu do *closet*, somente vinte segundos após ter entrado, o desastre se tornou ainda maior. Com ódio, ele pegou cada uma daquelas velas, apagou e, com força, jogou-as no lixo. Sem camisa e usando somente uma calça negra de moletom, ele se deitou com violência do lado oposto da cama, de costas para mim. Cruzou os braços e ficou imóvel. Por muito tempo, não falou nenhuma palavra enquanto o quarto caía no breu.

Graças à luz azulada do relógio de cabeceira, eu conseguia ver os músculos das costas torneadas de Luka subindo e descendo; ele devia estar *mesmo* ofegando de raiva, porque nenhum de nós, mortos, respirava assim. Era quase como se ele travasse uma batalha com o ar, violentando-o.

Sentada no mesmo lugar, eu tinha os olhos presos às velas quebradas no lixo e o coração na mão.

Arrependimento. Por que eu fui tão orgulhosa a ponto de não aparecer? Ele disse que me esperaria. O que eu queria, afinal? Um contrato? Uma carruagem para me buscar na porta do quarto?

Tristeza. Ele fizera tudo aquilo por mim e eu pisoteei a sua rara boa vontade.

Medo. Pelo pouco que eu conhecia do garoto, ele não abriria mais brechas em seu muro emocional. Luka provavelmente deve ter passado um bom tempo preparando isso – talvez esse tenha sido o motivo para sua falta às aulas – e eu ignorei, desdenhei. E agora? Como eu faria para tentar tocá-lo num ponto sensível outra vez? Ele voltaria a ser a mesma muralha gelada de sempre?

Deus, eu havia perdido uma oportunidade... Talvez a única. Olhei para a porta. Luka não me queria em seu quarto, mas, se eu fosse embora, o garoto se tornaria impenetrável outra vez. Provavelmente nunca mais falaria comigo.

Um fato importante sobre Luka: ele não era nem um pouco idiota. Esperto, aprendia rápido. Não correria atrás de ninguém – muito menos de mim.

Eu me encontrava tão triste e atônita com aquela situação que nem mesmo conseguia chorar. O garoto ao meu lado era tudo o que havia me restado para amar, imersa no teatro de mentiras que eu chamava de existência – a única coisa real, profunda, humana. Luka não era plastificado como o resto dos relacionamentos desse lugar. Eu não o trocaria por festinhas, distrações, nada.

Dentre todas as mentiras que a Escola da Noite tentava me impor, Luka era a minha única verdade. Minha única chance de crescer, amadurecer, ser dona de mim mesma, e não comandada pelos caprichos adolescentes de uma Escola muito esperta. Ele me guiaria, manteria minha cabeça clara, limpa – para que eu pudesse não só existir, mas *viver*. Com ele, eu não estaria sempre inerte no mesmo momento, com as mesmas tolas aspirações adolescentes. Ele me permitiria *ser*, não só ter, comprar e experienciar coisas fúteis.

Ele era a minha única chance para que não me roubassem de mim. O solo firme, seguro, sem névoa de distrações. O laço profundo, o *amor*.

Com mais medo do que da vez em que acordei em um caixão, deitei-me nos travesseiros, tentando não ocupar muito espaço. Eu queria me encolher, fundir-me ao colchão – para que Luka não precisasse aturar minha presença traidora em sua cama.

Depois de muito tempo, eu não consegui dormir. É claro que não. Não sabia se Luka estava dormindo, mas mesmo assim sussurrei.

– Me desculpe.

Ele não respondeu.

Minha voz era só um murmúrio angustiado ao repetir.

– Me desculpa, Luka. Eu fiquei com raiva, confundi as coisas... Só não vim porque pensei que você não quisesse mais; não queria impor minha presença ou invadir seu espaço. Nunca imaginei que você fosse fazer uma coisa dessas para mim. O quarto ficou *lindo*, muito mesmo – elogiei com toda sinceridade. – Se eu soubesse o que você havia preparado, jamais teria deixado de vir. Ou mesmo se você não tivesse preparado nada e eu tivesse certeza de que não estaria sendo inconveniente. Eu viria. Pode ter certeza.

Ainda de costas, Luka soltou uma curta e amarga risada.

– Não entendo porque você fica sempre surpresa quando faço alguma coisa por você.

– É que não dá para acreditar – franzi a testa.

– Não *dá*? – embora de costas, quase pude vê-lo erguer uma sobrancelha. – Posso perguntar por quê?

– Você me passa a impressão de que não faria nada por ninguém.

Muito menos por mim.

Luka ficou em silêncio por um longo momento.

– Engana-se. – Então respondeu simplesmente.

– Ah – percebi que havia falado besteira. – A não ser por sua família, é claro. – Pelos irmãos, tenho certeza que Luka faria qualquer coisa.

– Acaso pareço tão egoísta?

– Não diria *egoísta*. Nem sequer antissocial. Só parece que está pouco se lixando para todos, por isso não se dá ao trabalho de prestar atenção em ninguém.

– Mais uma vez, você tem a razão. Não me importo com ninguém. Nunca me importei. E pretendo não continuar a me importar, já que hoje senti o gosto amargo do que pode ser uma decepção.

Demorei algum tempo para responder.

– Então... Isso quer dizer que se importa comigo?

Luka suspirou.

– E não é exatamente por isso que estamos aqui? Por que, por algum motivo, eu me importo. Mas ninguém me avisou o quanto isso poderia ser estressante.

– Não se faça de vítima – bufei. – Você me estressa também.

– É claro que não – respondeu simplesmente.

– *Não?* – ultrajei-me. – Você me deixa a um passo da linha da loucura o tempo todo!

– Quer dizer que eu te afeto?

Só bufei em resposta. Ele aproveitou:

– Então isso significa que você se importa comigo?

Revirei os olhos. Sua astúcia me irritava.

– E não é exatamente por isso que estamos aqui? – repeti.

O garoto demorou um tempo para responder, considerando.

– Então... Se você se importa comigo, e, eu, com você, devemos nos importar juntos. – Não era um pedido.

Se ainda pudessem, minhas bochechas corariam.

– Você entende o que eu quero dizer? – Luka perguntou quando eu nada respondi. Seu tom tornara-se estranho, como se essa simples frase pudesse ser interpretada em vários outros sentidos. Eu deveria ficar empolgada ou preocupada?

– Humm, não muito bem. O que exatamente isso implica? – perguntei cautelosa.

Pela primeira vez, Luka se sentou na cama e olhou para mim.

– Se estamos dizendo para todos que você é minha namorada, então você deve ser *mesmo* minha namorada. – Ele me deu um tempo para digerir, depois continuou. – Eu vou devagar, porque essa situação é muito mais complicada para mim do que você pensa. Entretanto, esse espaço entre nós – indicou o colchão vazio que nos separava – já passou da hora de eu colocar um fim a ele.

Totalmente desconcertada, sentei-me também, deslocando uma mecha de cabelo castanho para atrás da orelha.

– Então... E agora? – perguntei bobamente.

Luka ergueu uma de suas sobrancelhas negras e perfeitas.

– Que tal você chegar mais perto de mim? Eu não mordo – levantou um canto dos lábios maliciosamente, indicando exatamente o contrário.

Olhando para baixo, eu deslizei no colchão para mais perto dele. O máximo que pude ousar. No entanto, Luka não estava satisfeito. Aproximou-se, de modo que meu rosto abaixado e corado ficasse somente a alguns centímetros abaixo do dele.

Quando a situação se tornou estranha – nós dois, constrangedoramente próximos e imóveis – Luka inclinou seus lábios até a minha bochecha. Quando meu coração morto se inflou, esperando pelo beijo, fui rapidamente surpreendida. Luka brincou comigo, desviando os lábios e movimentando-se para uma direção inesperada, posicionando-se bem atrás de mim. Eu quase bufei para mim mesma. Esperava mesmo que ele me beijasse no rosto? Um ato de carinho tão simples não era do feitio do garoto. Com Luka, tudo estava sempre pegando fogo ou gelado. Nenhum meio termo. Além do mais, eu não era tão iludida a ponto de esperar *carinho*.

Ele tinha um joelho dobrado e o cotovelo apoiado casualmente sobre ele. Essa seria uma posição muito normal – se ele não tivesse aberto as pernas e me encurralado, de modo que eu estava bem no meio delas. Era inebriante e assustador ser envolvida por todos os lados por seus braços fortes, nus. A tatuagem intrincada formava um escorpião em seus músculos flexionados. *Venenoso*.

Eu envolvi meus joelhos com os braços protetoramente, inalando o cheiro apimentado do mistério que vinha dele, encurralando-me em todas as direções. Podia sentir sua respiração quente em minha nuca, o ar saindo entre seus lábios entreabertos e acariciando a pele sensível do meu pescoço, bem embaixo da orelha. Luka colocou o meu cabelo de lado, de modo a

deixar o espaço livre para ele.

– É melhor se acostumar a me sentir assim, tão perto – até o seu sussurro parecia uma ameaça; principalmente com aquela voz aveludada, sempre baixa, provocativa.

Em resposta, somente fechei os olhos, meus lábios se abrindo inconscientemente. *Inebriante.*

Você vai se machucar – lembrei-me do Sr. Wood dizendo, e era claro como aqueles olhos inteligentes sabiam do que estavam falando. Os Ivanovick fascinavam a todos com o seu mistério – mas quando ninguém estava olhando, eu sabia que eles poderiam ser perigosos. Talvez não Nikolai, o brincalhão. Mas Alicia... Dessa tinha certeza. Ela não hesitaria em ser má, se fosse necessário.

E Luka... Bem, desse eu tinha mais certeza ainda. Mas eu simplesmente não podia me forçar a ir embora correndo. O garoto possuía um inexplicável magnetismo; e quando ele estava por perto, era impossível virar as costas e se afastar.

Uma mão de Luka deslizou pela minha clavícula, desceu pelo braço, envolveu meu abdômen e me puxou para mais perto com delicadeza – porém firme, sem me dar tempo de fazer objeções. Não que eu quisesse fazer alguma.

A outra mão me surpreendeu. Tocou minha nuca, desceu pelas minhas costas, envolveu minha cintura e afastou quase imperceptivelmente a borda do meu *short*. Um dedo dele ficou ali, somente alguns centímetros dentro do elástico, nada mais que isso. Mesmo assim, tive que segurar um ofego.

– Eu quero tentar algumas coisas com você. – Ele propôs sem nenhum constrangimento. A mão que envolvia minha cintura deslizou por minha

coxa e a apertou por baixo. Luka pressionou meu corpo contra o dele. Seus músculos eram rígidos, fortes, impossíveis de escapar. Lutando com o conflito de sensações, eu só pude ficar imóvel como uma pedra, os olhos arregalados no semiescuro.

– Está com medo? – ele murmurou.

Não respondi. A verdade era que eu estava em pânico. Tinha medo de quem ele era e do que poderia fazer comigo. Medo de me machucar, tanto física quanto sentimentalmente. Medo dessa ânsia absurda de tê-lo mais perto, medo do tamanho do meu envolvimento... Eu não tinha nenhum controle sobre mim mesma naquele momento. Encontrava-me à deriva no rio negro dos olhos de Luka, e era apavorante saber que ele poderia fazer o que quisesse comigo. Nas águas turvas de suas íris, eu me afogaria. E meu corpo inerte ficaria boiando, entre pálidas sereias e sob as estrelas – estrelas dos seus olhos.

– Não precisa ter medo de mim, Lara. Você é a única que não precisa, porque eu não vou, não *posso* machucar você.

Luka suspirou diante do meu silêncio.

– Talvez possamos tentar algo menos...

– Menos? – sussurrei. Assustador? Intimidador? Eu não queria perder o controle. Mas ele refez a frase.

– Algo que eu não faria com outras, nem por outras. Que só é digno de você. – Para a minha surpresa, Luka me levantou por debaixo dos braços, fazendo-me sentar em seu colo. Eu fiquei totalmente sem reação.

Ele me aninhou em seus braços e se deitou sobre os travesseiros. Já na horizontal, Luka me fez escorregar para o colchão, mas colocou uma mão em forma de concha sobre minha bochecha, fazendo meu rosto pousar

sobre seu peito musculoso. Um braço dele me envolvia, enquanto o outro pousou sobre uma de minhas coxas, fazendo-a se enroscar numa das pernas dele. No final das contas, nossos corpos ficaram totalmente entrelaçados, e meu cabelo castanho se espalhava em leque pelo peito dele.

Meu sangue parado ferveu nas veias. Eu podia sentir cada centímetro elétrico de sua pele anormalmente quente, e seus braços eram firmes como aço ao meu redor. Ele pousou o queixo sobre minha cabeça.

– Melhor? – perguntou de forma gentil, muito diferente do usual.

– Uhum – só murmurei em confirmação, sem confiar na minha voz.

Deslumbrada, eu toquei seu abdômen com meu indicador, traçando um padrão suave. Enquanto meus dedos passeavam por ali, notei que seu abdômen subia e descia lentamente. Luka gostava de respirar. Eu também – e, mesmo sem precisar, eu respirava no ritmo dele, para que fôssemos iguais de alguma forma, uma vez que a natureza nos fez tão drasticamente diferentes. Ele era tão mais do que eu – em tudo.

Respirar também era uma conexão com a vida que ficou para trás; fazendo com que o oxigênio entrasse em nosso corpo – mesmo que não sofresse transformação nenhuma – nos sentíamos menos como aberrações. Seres humanos que não tinham mais direito a andar, falar e amar – mas permaneciam aqui.

O laço forte que eu sentia me envolvendo a Luka me salvaria de enlouquecer neste lugar. Com a ponta dos dedos, eu deslizei ao redor do seu umbigo, conhecendo, explorando.

– Suas partes secretas... É estranho pensar que tantas garotas matariam para estar no meu lugar.

– Não me provoque falando em “partes secretas.” – Luka avisou, e

aquilo me arrancou um pequeno sorriso.

O sorriso rapidamente morreu. Eu era uma covarde. Por que travei diante do seu toque?

– Obrigada por isso. Achei que estivesse pronta para o resto. Mas acho que não.

Luka falou alguma coisa no que eu supus ser russo. Não entendi. Parecia estar falando mais para si mesmo. Entretanto, não parecia nada depreciativo, pois ele me puxou para tão perto que ficou impossível me mover.

Só me aconcheguei mais em seu tórax, movimentando-me contra seu corpo para sentir que ele estava lá, e, pelo menos naquela noite, era meu. Não sabia o que o futuro nos reservava, e nem se Luka tinha algum sentimento por mim. Mas sob a luz azulada do relógio de cabeceira, ele era tão perfeito, sombrio e hostil; tão cheio de estragos, perigos e mistérios; tão lindo, tão secreto, tão *meu*.

Com minha cabeça pousada em seu peito, eu aproveitei o silêncio. Silêncio e música. Os dois únicos sons que ele apreciava, mas que jamais tiveram qualquer relevância para mim. Eu gostava tanto de falar sobre tudo, sobre nada... Mas a ideia de conversas fúteis e vazias agora parecia repulsiva para mim.

O silêncio com Luka era muito íntimo, muito profundo, cheio de calor e sentidos ocultos. Eu não sei se conseguiria – ou saberia – mais existir sem esse ocultismo, sem esse mistério que o envolvia. Sentia meu gosto se refinando, minha essência se aprimorando a ele, adaptando-se.

Luka era um tipo raro de pessoa que dizia tudo com os olhos. E eu gostei disso.

Eu podia ver suas qualidades no meio de vários defeitos... Cavaleiro, protetor, inteligente, maduro... Se Luka não fosse o autor do crime que cessaria minha existência, ninguém mais seria. Pelo menos não enquanto ele estivesse por perto para me proteger, como deixavam muito claro seus braços de aço ao meu redor.

Eu sorria sem perceber quando meus ouvidos captaram um som baixinho, quase imperceptível.

Movimentei-me sobre seu tórax de novo, reposicionando meu ouvido, achando que estava ouvindo mal.

Mas lá estava o som rítmico outra vez. Um som que não deveria estar lá.

Abri os olhos, meio chocada, meio apavorada. Imprensei meu ouvido contra seu peito, agora sem me preocupar em esconder o que eu havia percebido.

– Mas o quê...? – Luka se interrompeu quando notou o que eu estava fazendo. Ficou imóvel, os olhos negros arregalados, pela primeira vez pego de surpresa. Ele havia se esquecido.

– *Luka* – ofeguei.

Ele tentou se desvencilhar, mas eu não deixei, ainda pressionando meu ouvido contra seu peito. Ofeguei de pavor.

– Meu Deus! Luka! Seu coração está batendo!

Luka Ivanovick *não* estava morto.

Capítulo Doze

Eu me afastei bruscamente, como se ele fosse o cadáver sobre a cama – e não eu. Saltei do colchão, meus pés se enrolando nos caros lençóis e me fazendo tropeçar.

Olhei para sua forma imóvel, encarando fixamente minha reação. Luka não parecia feliz – mas também não parecia culpado. Estava sério, impassível.

Sua morte era uma *farsa*. Luka Ivanovick enganava a todos dessa Escola!

– Mas quem diabos é você? – ofeguei. Se antes eu já tinha sérias dúvidas sobre sua identidade, agora não tinha nem ideia. Um garoto vivo infiltrado no mundo dos mortos, se passando por aluno? Seria uma espécie de espião...? Como ele havia entrado no nosso mundo? E o mais importante: *por quê?*

Será que sua família também...?

– Luka! – três batidas fortes soaram na porta, e a voz poderosa de Nikolai gritou. – Está na hora! Vai dar para trás, covarde? – a animação do Ivanovick mais velho era totalmente deslocada no ambiente.

– Já estamos indo – Luka respondeu baixa e friamente para Nikolai, embora ainda estivesse olhando para mim.

– O quê?! Estamos indo onde?! – surtei. Ele iria *sair* num momento

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desses? O garoto não me deu atenção. Entrou em seu *closet* enquanto eu gritava. “Luka! Que merda está acontecendo?!”

– Uau – Nikolai assobiou do outro lado da porta. – Parece que ele tem uma visita, Alicia. E bem nervosa. Ouvia-a bufar, sem interesse na informação. Nikolai falou comigo aos berros do outro lado da porta. – Ei, Lara! Está me ouvindo? Chegou a hora da revanche! Luka está me devendo uma corrida! Não brigue com ele, já vai ser bem difícil para o garoto me enfrentar. Ele está se borrando aí dentro? Pode me contar!

Sem conseguir responder a Nikolai, eu permaneci parada, olhando da porta para o *closet* no qual Luka sumira, sem saber o que fazer ou o que pensar. *Vivo*. Luka Ivanovick estava vivo. O coração dele batia, sua pele corava, o sangue corria nas veias, ele respirava... O tempo todo. Por isso Luka não parava de respirar. Não era porque se acostumara – mas sim porque *precisava*.

Deus. Ele ainda tinha uma alma. Uma vida. Anos e anos pela frente, envelhecimento, capacidade de ter filhos, deixar sua marca no mundo...

Quando Luka saiu do *closet*, encontrou-me com as mãos segurando a barriga, arfando. Se eu achava que sua beleza, riqueza e inteligência eram muros intransponíveis entre nós, o fato de ele ter uma *vida* era uma muralha. A muralha da China.

As palavras de Alicia agora faziam sentido para mim.

Você está louco!, ela havia gritado daquela primeira vez, quando eu acidentalmente esbarrei com eles no corredor, pegando pedaços de uma discussão calorosa. Esse foi o único trecho da conversa que eu consegui ouvir.

É claro. Alicia tinha todos os motivos para ter repulsa por mim. Eu

era o cadáver que seu irmão resolvera namorar! *Olá, irmãzinha. Esta é minha namorada morta. Vá se acostumando a vê-la muito por aqui.* Ninguém tirava corpos de caixões e resolviam ter um relacionamento com seus restos podres. Nesse caso, o corpo podre era *eu*. E, Luka, o violador de túmulos.

O que está acontecendo neste exato momento é imoral e antinatural. Não se envolva.

O que você está querendo com essa garota é proibido.

Todas essas frases de Alicia agora se encaixavam. Uma pessoa viva, outra morta. Apaixonados? Não! Alicia encontrava-se coberta de razão. A situação entre Luka e eu era uma total aberração! Talvez por isso os Ivanovicks nunca tivessem se encaixado nessa Escola – sempre mantendo distância dos cadáveres que os cercavam. Supondo, é claro, que Alicia e Nikolai também estivessem vivos – do que eu desconfiava seriamente.

Luka passou por mim sem me olhar, já vestido em seu macacão de couro.

– Vista isso – grunhiu, entregando-me um macacão feito à medida para um corpo menor e mais esguio. Provavelmente era o que ele havia mandado fazer para mim. Abriu a porta, e pude ver Alicia mexendo em seu cordão de ampolheta com a expressão entediada. Nikolai alisava seu capacete, recostado numa parede. Todos os dois usavam macacões. Prontos para uma corrida – inconscientes de que destroços de uma montanha estavam caindo sobre minha cabeça.

Nikolai abriu um sorriso para mim.

– Uau, eu havia pedido para que usasse uma roupa sensual. Mas esse pijama de vaquinha é muito mais *sexy*. Deveria frequentar as aulas com ele.

Eu só encarei-o, estarecida. Como um farsante poderia ser tão amável? Aquilo me magoou. Alicia era um caso à parte, mas eu não podia negar que já gostava muito de Nikolai. E de Luka... Nisso eu nem podia pensar.

Estar no meio de vivos, nesse momento, era a situação mais bizarra que eu podia imaginar.

– Vamos – Luka me deu passagem na porta. Olhei para ele, recobrando minha firmeza. Chega de bancar a garotinha chorona.

– Eu não vou.

Ele não respondeu, apenas me lançou um olhar assassino. Cruzei os braços.

– Quero explicações. E quero agora. – Ele tinha a *porra* de um coração batendo. No mundo dos mortos, isso era motivo de pânico.

Pela primeira vez, Alicia desviou os olhos da parede, repentinamente interessada. Nikolai ergueu as sobrancelhas, sem nada entender. Mas Luka não deixava transparecer nenhuma emoção. Só a hostilidade e arrogância de sempre.

– Se quiser respostas, terá que vir comigo. E isso não está aberto a discussões.

Eu o fitei com ódio uma vez, engolindo meu orgulho e tomando a decisão. Era difícil parecer firme no meu pijama de vaquinha.

– Ótimo. Eu vou, mas, depois, você vai ter que me explicar direitinho o que eu ouvi. E isso não está aberto a discussões. – Joguei o macacão sobre os ombros e passei por Luka, os passos rápidos e expressão fechada. Não era só ele que sabia ser hostil.

Podia sentir Alicia me analisando, e Nikolai olhando de Luka para mim, perdido. Luka fechou a porta com força e olhou na minha direção, dispensando-me com frieza.

– Você vai no carro com Alicia. – E então virou as costas, se pondo a andar na frente de todos. Nikolai me lançou um olhar interrogativo e logo depois o seguiu. Alicia foi a terceira a começar a andar. Já eu, permaneci imóvel no corredor, analisando os três Ivanovicks, com seus andares sinuosos, elegantes...

Mentirosos, farsantes ou invasores do mundo dos mortos...?

Quem diabos eram eles? Essa família estranha, antissocial, infiltrada entre os cadáveres de adolescentes? Por que eles fingiriam estar mortos? O que essa Escola tinha que eles queriam?

Alicia virou para trás, e exatamente como sua irmã Alexandra fez certa vez, perguntou. As duas eram chocantemente idênticas.

– O que está fazendo parada aí, garota? Não que eu me importe – ergueu uma sobrancelha rudemente.

– Então não deveria perguntar – respondi igualmente rude, começando a andar. Quando a ultrapassei com meus passos rápidos, pude sentir seus olhos queimando sobre minhas costas. Dane-se. Eu estava cansada de aguentar a má educação de Alicia.

Seguindo Luka e Nikolai, e escoltada pela irmã mal-humorada, entrei na garagem. Nikolai dispensou seu carro e entrou no de Luka – ao que pareceu, eles tinham coisas a conversar. Já eu, de muita má vontade, tive que entrar no banco de carona de Alicia. Os únicos barulhos no interior do carro eram o do clique do meu cinto e do motor sendo ligado.

Alicia acelerou como uma louca e logo saímos da propriedade da

Escola. Adentramos na sinuosa estrada, ladeada por pinheiros. Aqui fora, tudo estava escuro, como sempre. Olhei para o velocímetro insano e para a o tórax esguio da garota sem nenhum cinto de segurança.

– Não vai colocar o cinto? – antes de me dar conta, já havia perguntado.

– Não sou idiota a ponto de bater numa árvore. Se for se borrar de medo, não suje o banco do meu carro. – Foi sua resposta gelada.

Retorci os lábios, amarga.

– Não posso me borrar. *Eu* estou morta.

Alicia uniu as sobrancelhas, tomando uma expressão apavorante. Eu com certeza não gostaria de encontrá-la agora num beco escuro.

– O que está querendo dizer, garota? – me perfurou com seus olhos negros. Retorci os lábios num sorrisinho amarelo.

– Como você disse, não é idiota. Tenho certeza que consegue decifrar.

Alicia me encarou com ódio, logo depois desviou o rosto para a estrada, imersa em pensamentos. Os faróis traseiros do carro de Luka encontravam-se a uns bons metros de distância – ela era uma louca no volante, mas não tanto quanto ele. Eu tinha certeza de que Alicia estava pensando no que fazer com Luka, imaginando que ele havia contado o segredo que, por dez anos, conseguiram guardar. *Vivos*.

O carro que Alicia guardava na Escola consistia em um modelo luxuoso e prateado, mas não tão chamativo quanto a que ela escondia na cabana abandonada. Os Ivanovicks faziam de tudo para não chamarem a atenção para si mesmos, mas era inevitável que metade do colégio permanecesse com os olhos colados neles. Eram magnéticos demais.

Luka e Nikolai já estavam na cabana quando chegamos, e pela expressão dos dois, Nikolai já ficara sabendo de tudo. Na garagem escura, ninguém conversava. Para minha surpresa, Luka não tocou em sua Ferrari vermelha. Sob uma lona empoeirada, encontravam-se três motos superpotentes. Uma negra, uma prateada, e outra amarela berrante. Luka subiu na negra, colocou o capacete e deu partida com um barulho estrondoso, sem me olhar sequer uma vez. Logo, sumiu na estrada.

Nikolai suspirou, já em cima de sua moto prateada.

– Vocês dois têm que conversar.

– Não vai ser uma conversa. Vai ser um monólogo. Dele, espero. – Cruzei os braços. Pouco me importava se levasse horas. Se ele exigia satisfações da minha parte, então teria que me explicar direitinho porque diabos era um vivo se passando por morto.

Nikolai tinha a expressão triste.

– Não julgue o garoto de forma tão precoce, Lara. Existem coisas sobre nós que você não sabe. Coisas que ninguém sabe. E se Luka não vai abrir mão de ter você na vida dele, então já passou da hora de a verdade ser esclarecida. Não te quero mais ou menos na minha família, pela metade, fatiada por mentiras. Te quero por inteiro.

Aquilo baixou um pouco minha guarda. Nikolai sempre tinha palavras gentis – e talvez porque Luka fosse desprovido delas, eu me sentia muito carente de amabilidades casuais.

– Você... Também está vivo? – murmurei.

Ele olhou pesarosamente para Alicia, que já estava sentada no banco da sua Ferrari negra e conversível, esperando-me.

– Por que você não vai contando para ela no caminho, Ali?

– Isso é tarefa para Luka – devolveu ressentida.

– Eu sei – Nikolai era a única pessoa cuja paciência com Alicia não tinha fim. – Mas podemos adiantar um pouco a vida dele, não podemos? Já vai ser uma conversa bem difícil.

Alicia desviou os olhos para frente, sem nada responder. Embora hostil, parecia conformada. Tomando isso como resposta, Nikolai bagunçou meu cabelo carinhosamente, colocou o capacete e deu partida na moto, deixando-me de pé na garagem, sozinha entre os carros.

Não dei chance a Alicia para implicar, entrando rapidamente no carro. A garota saiu velozmente da garagem, fechando o portão automático com um clique num botão. No caminho, ela nada falou. Parecia imersa em fantasias sobre assassinatos sangrentos, cuja vítima era eu. Dirigia como uma louca pela estrada sinuosa, sua raiva mais silenciosa do que a própria noite ao nosso redor. Eu também nada perguntei. Só esperei.

Chegamos à linha demarcada no asfalto, onde Luka e Nikolai esperavam, cada um recostado na sua respectiva moto. Nikolai aguardava nossa chegada calmamente, mas não tinha seu habitual sorriso. Já Luka permanecia de costas, braços cruzados e olhos fixos em algum ponto além das árvores escuras da rodovia. Não falava. Não olhava para mim.

Suspirei, sentindo-me mais magoada do que enraivecida. Num coração cheio de amor como o meu, não havia espaço para ódio – não ódio por ele, pelo menos.

– Vamos terminar logo com isso – murmurou Alicia, colocando-se entre as motos. Eu saí do caminho enquanto os garotos montavam-nas, e ao invés de um clima de empolgação e competição, tínhamos um clima de velório. Velávamos os corpos dos Ivanovicks por *não* terem morrido. Aqui, isso era uma traição.

Com um cronômetro na mão, Alicia deu a partida e as motos voaram pela estrada, logo sumindo, misturando-se ao escuro. E então tudo caiu no silêncio; só restavam a Ivanovick e eu ali, paradas na estrada.

Olhando para o ponto em que os irmãos haviam sumido. Suspirou, mais melancólica do que hostil.

– Isso deveria ser divertido.

– Não entendo porque Luka quis fazer isso agora. – Não poderia existir momento pior para uma corrida. Todos estavam com raiva, magoados ou desorientados. Não havia espaço para diversão.

– Para fugir de você, é claro – ela me lançou um olhar negro, a hostilidade de repente voltando. Eu suspirei. Esse tempo sozinha com Alicia não seria nenhuma colônia de férias.

Ela subiu no capô de sua Ferrari, esticou as pernas e cruzou os braços. Permaneceu calada. Sem nada a fazer, eu coloquei as mãos nos bolsos do macacão e me pus a andar em círculos pelo asfalto, esperando.

Os Ivanovicks enganaram a todos direitinho. Mas isso me fazia pensar numa diferença crucial: eles eram invasores ou visitantes no mundo dos mortos? Por que ganharam uma ala inteira só para eles? Se fossem infiltrados, o que eles queriam aqui, na Escola? O que os mortos tinham que pudesse lhes ser de algum valor?

Mas, se fossem visitantes, seriam perpétuos ou passageiros? E o mais importante: poderiam voltar para o mundo dos vivos quando quisessem? Quem, em sã consciência, permaneceria nesse mundo inerte e recluso quando havia outro muito maior e melhor lá fora? Outro mundo cheio de possibilidades, calor e luz do sol? Quem escolheria viver por dez anos cercado por cadáveres? *Loucura.*

Mas até aí não havia nenhuma surpresa. Eu sempre soube que os Ivanovicks eram loucos.

Já entediada, eu chutava pedrinhas do asfalto, quando a voz de Alicia cortou o silêncio. Monótona, triste. O cordão de ampuheta rolava entre seus dedos.

– Tudo começou dez anos atrás.

Fitei-a, meio surpresa, meio ansiosa. Ela prometera a Nikolai que me esclareceria alguns pontos, e não descumpriria a palavra. Os Ivanovicks eram muito orgulhosos.

Acenei com a cabeça para mostrar que estava ouvindo. Ela suspirou.

– Não é uma história curta, já vou avisando.

Olhei ao redor, e como tudo se resumia a uma estrada vazia ladeada por árvores, me sentei no asfalto, o mais próximo do carro que eu ousava chegar. Abracei os joelhos e esperei. Tínhamos tempo.

Conhecer um pouco da história verdadeira dos Ivanovicks causava em frisson em meu corpo, e não sabia se queria correr e proteger minha sanidade, ou ficar e ouvir tudo o que podia.

– Há dez anos, Luka e Nikolai entraram na Sotrom da Inglaterra como alunos do primeiro ano. Não tenho paciência para falsa modéstia, então você deve saber que meus irmãos eram interessantes o suficiente para despertarem o interesse da Morte logo que chegaram.

– Isso é fato – concordei. Um *sexy* gênio do computador como Nikolai e um compositor, intelectual e esportista como Luka, não durariam nem uma semana na Sotrom. O assassino iria os matar assim que eles botassem um pé para fora, nos corredores escuros.

Se eu, Lara Valente, não durei muito, imagine alguém como Luka. O assassino deve ter chorado rios de sangue quando ele chegou. O garoto seria seu maior troféu.

– Pois bem – ela estava curta e fria, porém menos rude. Era contra os princípios de Alicia falar comigo, mas ela fazia um esforço para controlar a hostilidade. – Meus avós diziam que estudar na Sotrom era uma tradição da nossa família, mas nunca olhavam em nossos olhos quando diziam isso. Havia sempre uma aura sombria quando o assunto era nosso futuro. Na verdade, todos eles sabiam que estudar na Sotrom era uma *obrigação*, não opção. Eles nunca sorriam ou incentivavam quando dizíamos que iríamos viajar o mundo inteiro, casar, ter tantos filhos quanto eles próprios tiveram... Simplesmente porque sabiam que a maioria de nós morreria antes de atingir vinte anos. Agora eu entendo o motivo de meu pai querer tantos filhos. Quanto mais formos, maior a chance de algum restar, não ser escolhido pela morte... Yuri sempre tentou compensar-nos pelo futuro que nos aguardava. Ele mesmo perdeu dois irmãos; Yuri foi o único filho que restou. Às vezes, eu o pegava olhando para nós com tristeza, certamente tentando adivinhar quem sobraria...

– Você nunca contestou o fato de estudar na Sotrom?

Ela não gostou da interrupção. Ergueu uma sobrancelha e respondeu a contragosto.

– Não. Meu avó dizia que era a melhor faculdade. Mesmo isso o matando de tristeza, ele dizia. E eu acreditava. No entanto, não vou mentir que a perspectiva me dava um pouco de medo. Acabei por notar que a maioria dos meus parentes que foram para a Sotrom, não voltaram. Mas meu avô sempre inventou alguma história para justificar esses sumiços. Empregos em outros países, casamentos... Mas, na verdade, posso encontrar

todos aqui. – Assim que notou minha expressão, Alicia se apressou em emendar: – Não é que meu avô fosse um homem mal. É claro que não. Ele era um grande homem, assim como meu pai. Mas a maldição sobre nossa família estava lançada há séculos, e ele sabia as consequências. Se todos os filhos não fossem enviados para a Sotrom, com exceção de um, o assassino viria atrás da família, dizimando-a por completo. Os homens de minha família não tinham opção. Como descobri depois, minha família é uma fundadora da Ordem e uma importante contribuinte da Escola dos Mortos, em matéria de almas arrecadadas. Você não deve saber, mas temos alguns parentes distantes aqui. No entanto, a maioria já está no túmulo.

Concordei com a cabeça. Eu me lembrava da lápide abandonada de Dimitri Ivanovick. Mas essa história de “obrigatório para nossa família” me fazia pensar em outra coisa, ligar os fatos... Talvez fosse por isso que Yuri, o pai de Luka, não o apoiasse para cursar uma faculdade. Yuri não queria ver o filho indo para o abate na Sotrom, e, como medida desesperada, o deserdou. Por isso Luka foi estudar com o próprio dinheiro. Eu apostava que o Conselho da Sotrom fora procurar Luka, sugerir uma bolsa parcial, desesperados por tê-lo na Escola.

Então Yuri Ivanovick não era um monstro. Só tentou de tudo para proteger o filho, mesmo que isso implicasse ser odiado. Mas como explicar: *ei, não vá para aquela Escola. Tem uma história de arrecadação de almas que eu não te contei.*

Apostava que, ultrajado com a expulsão de Luka da família, Nikolai fora apoiar o irmão, indo estudar na Sotrom com ele. Mas os dois não sabiam que estavam indo para o corredor da morte. Eu não tinha ideia se Mikaela, a mãe, era consciente do pacto macabro ao qual os filhos foram submetidos, mas por ser o herdeiro real dos Ivanovick, o pai de Luka

deveria saber do pacto e ter ficado desesperado. Mas como poderia impedi-los, a não ser os deserdando? Os filhos já eram maiores de idade. Além disso, se Yuri não mandasse nenhum tributo à Morte, toda família morreria.

Yuri tinha que pensar nas outras filhas. Era um beco sem saída. Mas ao me lembrar dos olhos bondosos dos pais de Luka nas fotografias, eu não podia acreditar que eles mandariam os filhos para o abate.

Expressei meu raciocínio para Alicia:

– Acha que seu pai deserdou Luka de propósito? Para que ele não fosse à Sotrom?

Ela concordou rapidamente, aparentando já ter pensado milhares de vezes nesse assunto.

– Foi exatamente isso que aconteceu. Eu era uma criança quando Luka e Nikolai desapareceram, mas quando finalmente tive idade para ir estudar na Sotrom, meus pais me contaram tudo. Na época, Yuri não aguentou a ideia de nos perder. Durante toda a vida, soube o destino dos filhos. Mas quando chegou a hora, não pôde aceitar. Uma coisa é saber que vai perder filhos futuros, que ainda não existem. Outra totalmente diferente é perder filhos palpáveis, já existentes, já amados. Meu pai queria mandar Luka para longe, para jogar futebol ou ser piloto no exterior. De repente, quis empurrar a todos nós para fora de casa, longe dele mesmo e da minha mãe. Mas não por maldade, e sim para nos proteger. Como fiquei sabendo antes de ir para a Sotrom, meus pais entraram em um consenso. Enviariam-nos para longe, de modo que a Morte não nos encontrasse. E ficariam em nossa casa, esperando o assassino chegar.

Ofeguei.

– Decidiram se sacrificarem por vocês?

– Sim – confirmou com tristeza. – Decidiram pagar o preço da Morte eles mesmos, poupando-nos. Quando nenhum filho Ivanovick fosse à Sotrom, em poucos dias a Morte iria à nossa casa e mataria quem estivesse lá.

– Meu Deus – cobri a boca com as mãos.

– Mas então Luka nos salvou.

– Como? – fiquei confusa. Então Mikaela e Yuri não estavam mortos? Já não entendia mais nada.

– Na rebeldia de querer mandar em seu próprio destino, Luka decidiu que faria uma faculdade. A Sotrom lhe deu todo o apoio, inclusive financeiro, por isso ele resolveu ir para lá. Yuri ameaçou a Escola, subornou-a, fez um escândalo... Foi uma época difícil para a minha família. Yuri deserdou Luka, cortou laços com ele, fez de tudo para convencê-lo. Mas não porque estava com raiva, e sim porque estava apavorado. Sabia que Luka não duraria muito na Sotrom. Mas era tarde demais. Luka já tinha sido aceito. E uma vez aluno da Sotrom...

– Para sempre aluno da Sotrom. – Isso eu já tinha decorado. – Por que seu pai simplesmente não contou à Luka a verdade sobre a Sotrom?

– Porque também configuraria quebra de acordo. A Morte viria atrás de toda a família.

– Mas ele contou a você.

– Porque na minha época já não havia problemas. Já tínhamos dois filhos ofertados à morte, Luka e Nikolai.

– Compreendo – acenei com a cabeça. – Continue.

– Acontece que a rebeldia de Luka acabou por salvar todos nós. Ele

não é idiota agora e nem era dez anos atrás. Logo desconfiou de que havia algo de errado com a Escola. Bastou pressionar alguns veteranos medrosos e não demorou muito até descobrir sobre o assassino. Quando teve consciência de que ele e Nikolai estavam correndo perigo naquele lugar, tomou uma atitude. Pensou também em mim e em Alexandra, pois quando crescêssemos teríamos que estudar na Sotrom; conseqüentemente, também ficaríamos em perigo. Temendo pela própria vida e a de Nikolai, bem como de minhas outras irmãs...

– *Irmãs?* – interrompi, estranhando o plural.

– Minha gêmea Alexandra e Anikka, minha outra irmã. Ela não teve que estudar na Sotrom, uma vez que é regra incontestável pelo menos um dos irmãos ser poupado. As gerações têm que continuar, afinal. Se morrer a família toda, a Morte fica sem almas novas.

– Ah – procurei não demonstrar surpresa ao saber que Luka tinha outra irmã. Deus, havia tanta coisa que eu não sabia sobre ele... – Continue, por favor.

– Como Luka sempre foi esperto, decidiu que não deixaria ninguém da família morrer. Então procurou o assassino e fez um acordo com ele. Tal acordo salvou nossa família, de modo que meus pais não precisaram fazer nenhum sacrifício.

Ofeguei. Fez um *acordo* com o próprio assassino? Meu Deus. Só mesmo Luka Ivanovick teria essa ideia – ou essa coragem.

– Mas *como* Luka encontrou o assassino? – não era como se o cara andasse com uma placa no pescoço. *Assassino, muito prazer. Dúvidas ou reclamações? Informe-se aqui!*

Alicia respondeu:

– Luka não o encontrou. Foi o assassino quem o procurou.

– O quê?! – certo. Agora a história havia ficado *mesmo* estranha. Talvez o assassino também tivesse se apaixonado por ele. *Entra na fila, cara. Somos muitos.*

– Não cabe a mim lhe contar o porquê do assassino tê-lo procurado. Se quiser, Luka contará. Não obstante, só posso lhe dizer que Luka fez um acordo que salvou toda a nossa família. Concordou em passar dez anos morto, assim como Nikolai, para que o resto de nós não fosse pego.

– E a Morte concordou com isso?

– Sim. Ela preferia ter quase todos os Ivanovicks em seu mundo por dez anos do que apenas um Ivanovick, para sempre. Ela queria nos conhecer. Se apenas um de nós morresse, nossa obrigação estaria paga. A Morte é ambiciosa. Quando entrei na Sotrom, meu nome foi convocado para o acordo por um ano, então eu tive que vir para o mundo dos mortos. Mas o de Alexandra, não. Então, estamos todo esse tempo aqui, pagando nossa dívida com a Morte e fingindo estarmos mortos. Mas o tempo está acabando e logo voltaremos para o mundo dos vivos. Nossos pais nos esperam, e Luka já está quase completando os dez anos pagos. No final desse ano, todos nós vamos embora. A dívida vai ser paga e salvaremos nossa família.

Arfei. Uma dor aguda atingiu meu peito. Meu Deus. *Meu Deus.*

Meses. Luka iria embora em questão de *meses*.

– Como... – onde estavam as palavras? – como ele conseguiu negociar? – a Morte não fazia acordos. Não era possível que Luka exercesse seu magnetismo até sobre uma entidade.

Como a Morte pôde fazer isso comigo? Pensei que ela tinha me dado

Luka perpetuamente. Mas não. Os dias dele nessa Escola estavam contados.

Tentei encontrar uma saída no labirinto escuro de dor no qual me perdi de uma hora para outra, mas não havia escapatória. Minha garganta se apertou. Contrariando meu pulmão em desuso, sentia-me asfixiada. *Dor*. Pungente, aguda. Atravessando meu peito como uma estalagmite afiada. Meu coração ardia nas bordas, sangrando nos locais onde Luka tocou.

As marcas que ele deixou ardiam, exigindo atenção. *E agora* – meu coração perguntava – *o que faremos sem ele? Aprendemos a amar, mas ninguém nos ensinou o desamor. Como faremos isso?*

Segurei meu peito. Arfei de novo. Onde estava a *porcaria* do ar? Será que eu poderia morrer de novo? Quando imaginei o vazio de uma existência sem Luka, realmente esperei que sim.

Alicia fez um som no fundo da garganta, estupefata.

– Você não vai começar a chorar, vai?

Não respondi. Minha visão se nublou. Nenhuma provocação me atingiria agora. Estava imersa em meu pior pesadelo.

– Saber que ele vai embora dói? – ela perguntou depois de algum tempo. Não soube dizer o que se escondia por trás de sua voz. Talvez curiosidade, como seu eu fosse uma espécie de inseto, contorcendo-se em sua frente por agonia. Um inseto apaixonado por seu irmão.

– “Doer” é pouco – minha voz era um fio embargado, miserável. – *Mata-me*. Outra vez. Só que isso é muito pior do que ser jogada de um penhasco – respondi sinceramente.

Depois de um longo tempo, ela respondeu com secura.

– Você não o ama de verdade.

Pela primeira vez, levantei meus olhos de forma brusca, encarando-a com ferocidade.

– *Como é que é?* – se Alicia Ivanovick sequer sugerisse duvidar do meu amor, não haveria medo que me impedisse de socar a cara dela. Com que direito ela desdenhava o que eu tinha de mais real e profundo em toda minha existência?

Ela levantou as sobrancelhas.

– Você não o ama. Simples.

Encarei-a.

– Você não tem a menor ideia do que está falando.

Ela deu uma risada desdenhosa.

– Melhor parar – ameacei. – Eu não tenho medo de você.

– Vai fazer o que? Me bater?

Só a encarei.

– Acha que consegue? – perguntou sarcástica, assustadoramente linda e meio louca em cima do capô do seu carro. Por algum motivo, lembrei-me dos boatos de que ela já havia passado por um sanatório.

Então percebi que estava me lixando para isso. Quase ri, lembrando-me das brigas que já arrumara no colégio com garotas muito maiores que eu. Resultado: um nariz quebrado. Três dedos deslocados. Um pedaço perdido de dente.

Não meus. *Delas*.

– Já enfrentei garotas maiores que você, pode acreditar. Eu passo por cima de qualquer ofensa, mas não ouse falar daqueles que eu amo e protejo.

Então não venha desdenhar do único amor que tem valor para mim. Assim como todos nessa Escola, eu me intimido com você, não vou mentir. Mas quando alguém desdenha do que tem de mais verdadeiro no meu coração, eu viro outro tipo de pessoa. E essa pessoa não tem medo de você.

Alicia ficou me fitando por um longo momento. Algo reluziu em seus olhos. Talvez uma centelha minúscula de respeito. Eu continuei.

– Tome cuidado, Alicia. Porque se você me desafiar, eu não serei o tipo de adversária que você espera. Nem o tipo de mulher. E se não quiser conhecer meu outro lado, não duvide do meu amor por seu irmão. Isso eu não aceito.

– Hummm... Interessante. Pelo menos você não é passiva e medrosa.

Cruzei os braços.

– Não sou.

– Que bom. Não gosto de pessoas fracas. – Deu um sorriso amarelo. Alicia cruzou as longas pernas, inclinando a cabeça para um lado. – Já pensou na possibilidade de estar enganada? Iludida?

– Como assim? – tentei não rosnar.

– Por estarmos vivos, minha família e eu exercemos um magnetismo natural sob os mortos desse lugar. Principalmente Luka. Além do fato de ele ser incontestavelmente lindo, existe a realidade de que a aura dele atrai você como um ímã. Por estar morta, você se aproxima sem pensar de qualquer coisa que tenha vida. Nós exercemos esse fascínio inconsciente sob todos do colégio, por isso nos mantemos longe do resto dos alunos. Não percebeu como as garotas se deslumbram por Luka e Nikolai? Isso está longe de ser apenas beleza física. Isso é o magnetismo da nossa vida.

Deus... Agora eu podia entender. O fato de Luka encantar, o fato de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Amy Turnage amá-lo há tantos anos, ou pelo menos *achar* que o amava... O que a pessoa mais maravilhosa da Escola dos Mortos poderia querer, que já não possuísse?

Vida. Luka tinha o que mais nenhum homem podia dar. Um corpo vivo.

Alicia continuou:

– Acontece que alguns desses alunos podem perceber que somos diferentes. Além disso, a distância dos mortos é um termo no acordo. Não podemos nos aproximar de vocês, somos apenas hóspedes temporários, infiltrados. Luka já começou quebrando as regras quando se aproximou de você pela primeira vez. Por isso eu enlouqueci! O que ele estava pensando?! Querendo irritar a Morte? Nosso acordo é muito delicado, não podia aceitar que nada o ameaçasse. Mas Luka não me dava ouvidos, estava cego. Não podia se aproximar de você, mas estava ansioso para chamar sua atenção. De repente, peguei-o quebrando as regras que nos mantinham discretos e isolados. Começou entrando para o time de futebol, depois frequentando aulas, ameaçando garotos que te cercavam... Tudo isso para uma garota que não sente nem uma fração do comprometimento que ele sente. – Ela bufou, desdenhosa.

– O que está tentando sugerir? – eu tentava controlar o rancor.

– Estou dizendo que o que você sente por Luka pode ser o fascínio natural que ele exerce sobre todas. É um fenômeno espiritual que te puxa para ele, e pode não ser amor verdadeiro. Simplesmente uma necessidade do seu corpo de se aproximar de uma aura viva; aura que você não tem mais. A vida atrai como um ímã poderoso a morte. Mesmo se você quisesse, não poderia ficar longe de Luka. São suas células, sua alma mandando estar próxima a ele, sugar um pouquinho de sua energia vital... Isso que você chama de “amor”, pode não passar de uma ordem

inconsciente do seu corpo. Como pode saber o que é ou não real? É como se você dissesse que respira só porque ama o ar. Mas você não ama. Simplesmente *precisa* dele.

Eu a encarei, perplexa. Depois, defendi-me.

– Se eu ainda tivesse uma vida, eu a entregaria por Luka sem pensar duas vezes. O que seria isso, senão amor?

– Falar é fácil. Quero ver morrer mesmo.

Exalei, perdida e frustrada. O que ela queria? Que eu me jogasse de um penhasco como prova?

– Mas por que diabos estamos tocando nesse assunto?

– Porque é isso que ele está pensando em fazer por você, idiota! – Alicia gritou. E então, silêncio. Pesado. Chocado.

– O quê? – foi só meu murmurar perplexo.

Alicia tropeçava nas palavras, frustrada, ultrajada.

– Ele vai embora, Lara. Se você o ama de verdade, não o trancafie aqui. Não o faça ter dúvidas sobre querer voltar para o mundo dos vivos. Minha mãe está esperando uma década por ele, entende isso? Uma *vida* está o esperando. Há dez anos, não dez dias. Então, se diz que o ama de verdade, não o aprisione nesse laço estranho que você pensa que formou com ele. O dele é concreto, o seu, não. Eu já avisei a Luka, mas ele é tão, tão... – Ela grunhiu, socando o capô de sua Ferrari. – Estúpido! Ele tem esperanças de que você sinta algo por ele, além do simples fato de *precisar* dele. Por isso, deixe-o ir embora. Diga que não o quer mais. Um coração partido é melhor do que uma vida perdida.

Arregalei os olhos, mal podendo acreditar.

– Está sugerindo que...?

Ela me cortou, inclinando-se para frente, ansiosa por me convencer.

– Que é possível que ele não queira ir embora por que encontrou você? Sim. Você não conhece meu irmão como eu conheço. Mas se Luka não for embora à exata data marcada no acordo, não pode ir embora *nunca mais*, entendeu? A Morte não dá segundas chances. Se ele escolher você, perde a vida.

– Luka pode *morrer*? – a dor que eu senti diante dessa perspectiva torturava as bordas do meu peito.

– Pode, não. *Vai* morrer. Luka está perigosamente em risco de se apaixonar por você, Lara. Não percebe o quanto ele vem lutando contra esse sentimento? Faltando aulas quando você chegou a Escola dos Mortos, só para não ter que te encontrar? Foi instantâneo. Ele viajou várias vezes, sumiu durante dias... Mas não teve como impedir. De repente, eu vi meu irmão, sempre tão inatingível, ser laçado, surpreendido. Ele ficou louco, obcecado. Eu e Nikolai quase enlouquecemos junto. Enquanto Luka não apareceu naquela maldita festa e deixou claro que você já estava marcada, não deu sossego para nenhum de nós. Mas à medida que vocês vão se conhecendo mais... Meu Deus, Luka está se apaixonando. E eu estou apavorada. De um lado, tem o mundo real e nós, sua família. Do outro, o mundo dos mortos e... E *você*, Lara. Se ele decidir que prefere você em detrimento da própria vida, então tudo está acabado. E como eu voltarei para casa e olharei nos olhos de minha mãe pelos próximos anos se deixar o meu irmão aqui, nesse mundo abandonado? Ela não vai me perdoar. Fez-me prometer que eu voltaria com meus irmãos. Nikolai vai voltar, mas Luka... – ela balançou a cabeça melancolicamente. – Você foi um acontecimento poderoso demais para que eu compreenda. Como Luka nunca escolheu

ninguém antes, não sei como isso vai terminar. E isso é coisa séria, Lara. É uma condenação de morte. Escolher você será escolher o *suicídio*. Eu luto contra você porque não quero carregar nas costas o assassinato do meu próprio irmão.

Chocada demais para expressar qualquer outra reação, eu perguntei, franzindo as sobrancelhas.

– Então é por isso que você me odeia? Tem medo de que eu mate Luka? – aquela ideia era absurda. Para Luka escolher ficar, teria que precisar de mim mais do que de sua própria vida.

Ela exalou em frustração.

– Não é óbvio? Por isso que o próprio Luka te odiava. Ansiava por conhecer você, criar um laço, mas sabia que, em questão de dias, teria que lhe abandonar, abrir mão de você. Ficou desesperado, sem saber o que fazer. Ele não podia correr o risco de amá-la, porque simplesmente não é da índole dele deixar as coisas que ama para trás...

Eu bufei. Ela não poderia estar falando loucura maior.

– Está enganada. Luka não me ama, muito menos a ponto de escolher a mim em detrimento da própria vida. – Falar isso era como vomitar navalhas. As palavras tinham bordas afiadas, cortando minha garganta, meu coração. – Quanto a isso, não precisa ter medo.

Ela balançou a cabeça, discordando com urgência, ansiosa para que eu compreendesse.

– Medo é pouco. Tenho *pavor*. Eu o amo, Lara. Ele é minha família. Como posso olhar em seus olhos e te aceitar, sabendo que você é a faca sob o pescoço dele? Nikolai só quer que Luka seja feliz, vivo ou morto. Mas eu não posso permitir que meu irmão morra por uma garota que mal conhece.

Eu não sei o quanto ele a ama, e nem mesmo *se* a ama. Mas se você está realmente apaixonada por ele, liberte-o.

“Se não fizer isso por você mesmo, faça por sua família. Afaste-se dela” – eu me lembrei da fala de Alicia durante a discussão que os dois tiveram. Tudo isso porque ela achava que Luka escolheria *morrer* só para ficar no mundo dos mortos comigo. Mas. Que. Insanidade.

Mesmo se Luka me amasse, não abriria mão de sua vida por mim. Não poderia ser qualquer amor – teria que ser *o* amor. Sujeito e verbo. Amor que move, que paralisa, que te faz sair do chão – ao mesmo tempo que lhe dá vontade de criar raízes.

“Você tem que escolher pelo quê vale a pena viver”, aconselhou Nikolai ao irmão certa vez. Agora as frases se encaixavam, faziam sentido... Mas eu nunca ousaria pensar que eu valia um segundo da vida de Luka. Será que os irmãos dele não conseguiam ver o quanto essa hipótese se mostrava insana?

– Não tenho que o libertar de nada, ele não está preso a mim! Luka *não* gosta de mim a esse ponto insano. Toda essa preocupação é em vão! – Alicia Ivanovick me odiava à toa! Deus sabia o quanto eu desejava que ela tivesse um motivo. Luka me amar a esse ponto era um devaneio que eu não ousaria sonhar. – Você não entende!

– Você é que não está entendendo! – ela socou o capô do carro de novo; um silêncio pesado se instalou na estrada escura. Alicia suspirou, massageando as pálpebras com os dedos esguios, a hostilidade chegando ao fim. Havia tanta tristeza em sua voz que o tom se tornava irreconhecível. – Você sabe, por acaso, por que Luka tem um escorpião tatuado na pele?

Eu só balancei a cabeça, minhas forças exauridas há muito tempo.
Vou perder Luka. E isso vai acontecer sem eu saber como é ser amada por
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ele. Ser amada de verdade, por inteiro, com falta de ar e desespero. E então restaria a eternidade, triste e vazia, por anos e anos...

Logo as lembranças de Luka sumiriam com o tempo, e eu me esqueceria da cor exata dos seus olhos, da covinha no canto esquerdo dos lábios, da perfeição desconcertante dos traços e do veludo da voz, escorregadia, profunda, como uma música... Eu sabia que seus olhos eram pretos. Mas e daqui há vinte anos? Eu me lembraria de como o preto ficava quando suas íris reluziam em divertimento? Ou da entonação de sua voz quando ele se tornava inesperadamente doce?

Meu Deus. Como duvidar de que toda essa dor provinha do meu coração? Não. Isso não podia ser só uma simples atração. Cada célula do meu corpo gritava a palavra *amor*.

Eu queria abrir um zíper em minhas costas e sair de mim mesma, para não ter que estar em meu corpo no momento em que Luka fosse embora. Eu não queria estar presente para experimentar a dor.

Eu nunca fui uma pessoa sofredora. Se o problema fosse grande demais, eu o deixava de lado. Se fosse pequeno, por que me importar com ele? Mas nesse mundo – que deveria ser supostamente divertido –, eu recebia pressão de todos os lados. Tendo que manter a clareza numa Escola que tentava me roubar de mim mesma; tentando controlar esse amor frustrado, engasgado na garganta, misterioso e sombrio.

Como eu não emiti nenhuma reação, Alicia não esperou para explicar.

– A tatuagem é uma homenagem ao que o escorpião representa. Misticismo, ocultismo, profundidade. O símbolo das coisas secretas, das coisas profundas. Isso revela muito sobre quem ele é. Há um certo medo que paira sobre o escorpião. São extremamente vingativos e possessivos, e, por isso, podem ser perigosos. A sede de poder pode os tornar um pouco...
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Maus.

Engoli em seco. Ela estava admitindo que seu irmão poderia ser perigoso?

– Está dizendo que Luka tem má índole? – perguntei hesitante.

– Não. – Ela franziu a testa. – Mas não espere que ele seja a pessoa mais gentil que você conhece. Luka gosta de manter as coisas dele por perto. O que é dele, é dele e ninguém toma. Pense bem antes de permitir ser incluída no topo da lista de prioridades dele, porque meu irmão não aceita reivindicações.

– Acha... Que ele pode me machucar? – lá no fundo, meu instinto de sobrevivência ansiava por saber.

– Não. Não a você. Mas vai machucar quem lhe causar qualquer mau. E estou falando sério. Luka não é o tipo de homem que perdoa, embora ele esteja mudando depois que lhe conheceu.

– Como assim? – Deus. Eu tinha alguma influência sobre Luka Ivanovick?

– Luka está um tanto mais... Maleável. Por você, ele cede mais coisas do que imagina. Passa por cima do orgulho, da família, de seu caráter introspectivo natural... Deus, certa vez eu o peguei até encarando o nada e sorrindo! – ela arregalou os olhos, chocada com a lembrança.

Eu me peguei sorrindo também, deslumbrada. Mas mordi o lábio e matei o riso diante do olhar ácido de Alicia. Para ela, eu era só uma garotinha egoísta, extasiada pela desgraça do seu irmão.

– Mas não é nesse ponto que eu quero chegar. – Ela continuou. – Luka pode ser perigoso, mas com quem ama, é o extremo oposto. No sentido exagerado da palavra. Meu irmão tem um lado que ninguém

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

conhece. Caso goste de alguém, torna-se gentil, doce, fiel. Extremamente *fiel*. Embora perigoso, ele é capaz de amar sem medidas, totalmente entregue. Sua lealdade não tem fim. Não há sensação mais deslumbrante do que ser amada por alguém como ele. E embora ele prefira ser temidos a ser amado, meu irmão ama como nenhum outro é capaz. De corpo, alma e vísceras.

– Então... – eu procurei controlar a voz para não deixar transparecer a mágoa. – Luka não lida bem com o amor?

– Ele não sabe ser amado. Mas sabe amar. E muito. E isso é muito perigoso: tanto para você, quanto para ele mesmo.

– Não compreendo.

Não deixe que meu irmão se apaixone por você, porque ele pode se suicidar. Fala sério. Isso não era um romance Shakespeariano! Luka nem mesmo me tocava, tenha dó. Talvez Alicia não tenha passado tempo suficiente naquele manicômio. Esse não era um conto de fadas – era a realidade. E, nela, garotos não cravavam punhais nos corações por causa das amadas.

Mas a Ivanovick não pensava assim.

– Entenda, Luka não ama ninguém pela metade. Sua principal característica é ser muito profundo e intenso. Se ele está criando um laço com você, não vai ser nada ralo, vicário. Será inquebrável. E é isso que me dá medo. Se ele começar a lhe amar, vai te amar ao extremo, a ponto da insanidade. Cometerá loucuras por você. Até mesmo morrer.

– Isso não é um romance Shakespeariano, Alicia. Luka não é capaz desses extremos! Você está fantasiando.

Morrer por *mim*? Absurdo. Não em pleno século XXI. Isso era um

drama saído da Idade Média, onde pálidas donzelas esperavam os príncipes aparecem a cavalo sob suas janelas. Eu não queria que ninguém cravasse um punhal no coração por causa de mim.

Ela bufou.

– Quem está fantasiando é você. Isso não é um romance Shakespeariano: é muito *pior*. Garota, você está no mundo dos mortos e ainda duvida de alguma coisa? Sacrifício, morte e amor estão estritamente conectados na cabeça de Luka. Não sabe com quem está lidando? Ele não é um garotinho. É um homem. E um homem apaixonado é muito diferente dos adolescentes que te cercam nessa Escola. Luka não só pode se suicidar por quem ama, como já o fez antes. Ele concordou em passar dez anos morto, Lara. Não dez dias. Dez *anos*. E não sabia da existência da Escola, nenhum de nós sabia. Para ele, passaria todo esse tempo em um caixão! Essa Escola é como um circo, onde nós somos os brinquedinhos da Morte. Ela nos usa e se diverte conosco, como se fôssemos fantoches. Somos seres humanos a sua mercê. No entanto, a existência dessa Escola é um segredo até para as famílias da Ordem. A não ser quando as contas dos cartões de crédito começam a chegar. Mortos não fazem compras, por isso as famílias desconfiam de que as pessoas perdidas ainda existam, em algum lugar. Há lendas antigas da existência de um suposto mundo paralelo... Lendas verdadeiras. Mas isso sempre será um mistério no mundo dos vivos, já que ninguém volta dessa Escola para contar a verdade.

Suspirei em frustração. Ela não estava entendendo o que eu queria dizer.

– Não estou dizendo que Luka não é altruísta o suficiente para se sacrificar por quem ama. Só estou dizendo que eu não estou incluída nessa lista. Ele morreria por você, Alicia. Várias vezes. Mas por mim? Loucura.

A verdade é que nós mal nos conhecemos. Nunca nem nos beijamos!

Ela suspirou também, como se estivesse lidando com uma criança inocente.

– Um beijo começa com os olhos. Ele já teve você por várias vezes, só você mesma não sabe.

Encarei-a estupefata, sabendo que, se estivesse viva, coraria loucamente. Ela continuou.

– Escorpiões não mordem, *devoram*. São tóxicos, irresistíveis, sensuais e possessivos. *Quentes*. Tanto na vingança, quanto no amor. Mas podem ser tão doces quanto ácidos. Podem amar intensamente. Você não sabe da metade da pessoa que ele é, Lara. Ele é capaz de imensos atos de coragem por quem ama.

Eu sorri para Alicia, sem me importar se ela ficaria ultrajada com isso. Aquele cabelo roxo e *piercings* não me intimidavam. Falando do irmão, eu podia ver o carinho e a lealdade por trás dos hostis olhos negros.

– Pare com isso. Me assusta. – Ela franziu os lábios.

– Com o quê?

– *Sorrir* para mim – as palavras escorreram azedas em sua língua.

Eu joguei a cabeça para trás e gargalhei com vontade. Não sei por que diabos achei aquilo engraçado. Alicia Ivanovick conseguia ser mais problemática que eu!

– Desculpe sorrir – eu ainda sorria – mas é que isso foi doce. Obrigada.

Ela olhou de um lado para outro na estrada escura. Depois, fixou as íris em mim, hesitantes, sarcásticas. Mas eu podia sentir sua armadura

sendo lentamente baixada.

– Isso é comigo?

– É claro. Não tem mais ninguém nessa estrada. E eu não tenho nenhum amigo imaginário. – A não ser o Toninho, cujo abandono foi trágico. Eu já tinha maduros oito anos e minha relação com Toninho se tornou impossível. Mesmo assim, Toninho ficou me ligando por uns bons anos, nos meus momentos de recaídas. Mas Alicia não precisava saber desses detalhes sórdidos.

– Está me agradecendo por quê? O elogio nem foi para você. – Sua expressão indicava que não me elogiaria por uns bons anos luz. Mas não deixei que aquilo abalasse meu humor. Ainda encarava Alicia com carinho – o que nunca pensei que faria. Deus. Mesmo o mundo dos mortos dá voltas.

– Por que é raro alguém falar bem de Luka. Já estou cansada de ouvir o quanto ele não presta, é perigoso, etc. Também estou farta de ouvir o quanto ele é lindo. Luka é lindo sim, mas não é só isso. Amo quando falam bem do caráter dele, porque estão falando sobre quem ele *é*, e não quem aparenta ser. E é quem ele é que eu amo. Com cada pedacinho, cada defeito. Por isso obrigada. É maravilhoso para eu saber que alguém também consegue enxergar o quanto a alma dele é linda. Complexa, oculta, genial. E por isso poética.

Alicia pendeu a cabeça para um lado, curiosa.

– Prefere que o elogiem em detrimento de si mesma? Que coisa estranha. Onde está seu ego? Não tem?

Encarei-a fixamente.

– Não. Sou um monge reencarnado. Não te contei?

Aquilo arrancou um pequeno sorriso de Alicia. Ela se assustou quando percebeu o que fazia. Tampou a boca com uma mão. Olhou-me de sobrancelhas erguidas.

– Deus. Bem que Luka avisou. Você faz bruxaria.

Eu gargalhei.

– Fique tranquila. Não contarei isso para ninguém.

Alicia ergueu um canto dos lábios, passando por cima dos seus princípios para ser gentil.

– Ótimo. Tenho uma má reputação a zelar.

– É o que eu sempre digo: uma pessoa tem que servir, pelo menos, como mau exemplo.

Ela concordou, ainda com aquele ar de descontração distraída. Aproveitei enquanto podia.

– Até que você não é de todo ruim.

– Obrigada, acho. – Franzi a testa. Não era bem um elogio.

– Sério. Luka já rejeitou mulheres lindas. Ninguém nunca conseguiu estar na mesma... *Sintonia*. Ele sempre foi muito exigente, com padrões quase impossíveis de alcançar. Por isso fiquei tão surpresa quando ele decidiu te escolher, principalmente você... – ela parou, abriu a boca, fechou de novo. Tinha falado mais do que pretendia.

– Como assim? – fiquei imediatamente interessada.

– Um dia você vai saber – respondeu sombriamente. Mas eu não pude perguntar mais nada. Faróis potentes iluminaram a estrada, ofuscando meus olhos. Levantei-me para sair do caminho.

Uma moto parou derrapando, atingindo a linha de chegada. A outra, igualmente estrondosa, chegou segundos atrás. Nikolai, vencedor, tirou o capacete – mas parecia estranhamente revoltado.

– Não é possível! – gritou para Luka, quando o mesmo já havia se livrado do capacete e tirado os fios negros que caíam sobre os olhos. – Você me deixou ganhar! Que merda, cara! Qual é a sua?!

Luka suspirou, parecendo cansado. Tinha os olhos negros insondáveis, pacientes.

– Fale sério, Nikolai. Não vou perder meu tempo discutindo com você. Foi uma vitória justa.

– O escambau! Você freou na chegada! Essa corrida foi uma perda de tempo!

Luka desceu da moto.

– Se não acredita na sua própria capacidade... – deu de ombros.

Nikolai bufou.

– Não quando você me trata como uma criança. Sou mais velho que você.

– Ninguém está contestando. – Luka respondeu calmamente.

Nikolai suspirou.

– Certo. Vou te dar um desconto por causa da situação. Você não está com a cabeça na corrida. Mas chega de dar uma de minha babá, ficou claro? Sou quase dois de você, garoto!

– Qual é, Nikolai. Você venceu, pare de drama. Não haja como se tivesse perdido. – Alicia interveio.

– Mas eu perdi! Minha dignidade!

– *Ok, ok* – ela revirou os olhos, pegando na mão do irmão grandalhão.

– Vamos embora. Estou farta dessa estrada. Você vem? – Alicia virou-se para trás quando Luka não se moveu.

Ele só a fitou sombriamente.

– Vou ficar por mais algum tempo. – Depois, para o meu desespero, lançou-me um olhar negro. – Ela também.

Engoli em seco, colocando as mãos nos bolsos do macacão e fitando o asfalto. Alicia me lançou um olhar estranhamente protetor.

– Tudo bem para você?

Aquela pergunta fez com que três pares de olhos perplexos virassem bruscamente para ela. Inclusive os meus.

– Hã – gaguejei, tentando esconder a surpresa – tudo sim. Pode ir tranquila.

Ela acenou com a cabeça uma vez, e a expressão de Nikolai encontrava-se hilária ao subir na própria moto. Quando Alicia entrou no carro, ele moveu os lábios sem emitir som: “Que bruxaria foi essa?”

Em resposta, somente dei de ombros. “Só Deus sabe.”

A Ferrari de Alicia foi a primeira a partir. Logo em seguida, Nikolai subiu em sua moto e nos deixou. E então só restava Luka, eu e a estrada deserta.

Foi um longo tempo em silêncio, até que não se podia ouvir mais o barulho estrondoso dos motores se afastando. Ao redor, tudo estava estático. A eterna noite do mundo dos mortos não tinha lua, nem brisa, nem sons de corujas. Tudo era sempre a mesma coisa. Clima ameno, agradável.

Árvores sombrias, florestas e rodovias silenciosas...

O clima entre Luka e eu permanecia gelado. Era como se um muro tivesse se erguido entre nós. O muro entre a vida e a morte, que roubava amores, histórias, futuros e memórias... O muro das palavras não ditas, das mentiras e dos segredos.

– Então – a voz baixa e aveludada dele chegou de repente, assustando-me. – Você passou um tempo produtivo com minha irmã, pelo que pude perceber.

Dei de ombros, estranhamente tímida. Era difícil olhar para ele, imóvel e perfeito recostado em sua moto, braços cruzados e olhos negros flamejando – e saber que era um garoto *vivo*.

Duas sensações coexistiam em conflito no meu interior: meu corpo ansiava por se aproximar, tocá-lo, sugar a vitalidade dos seus lábios e tomar sua vida. Esse era o lado da necessidade. E, ao mesmo tempo, queria deixá-lo intocado, protegido e lindo como sempre foi. Para que nenhum dos nocivos mortos pudesse macular sua vida sagrada. Esse era o lado do amor.

Se antes Luka era uma realidade distante, agora se tornara inalcançável. Que direito tinha uma garotinha morta, como eu, sobre um ser humano com vida? Era como se um simples mortal se apaixonasse por um deus. Alicia tinha razão: imoral, aberração.

Luka ainda esperava uma resposta.

– Mais ou menos. Foi... Agradável. Exceto a parte em que eu quase bati nela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Posso perguntar por quê?

– Ela me ofendeu – dei de ombros.

– Alicia faz muito isso... Mas aposto que você a colocou em seu lugar.
Vou querer saber como foi?

– Ela quase me bateu também. Mas no final acho que ficamos amigas.
Nada demais.

Ele franziu a testa.

– Acho que não.

Eu dei um sorriso esmaecido, coloquei a mão nos bolsos e olhei para baixo, esperando. Antes, eu estava com raiva. Fora enganada. Mas agora tudo estava explicado. Luka não me contou que estava vivo porque não podia me contar – o segredo fazia parte do acordo. *Ei, a propósito, sou um ser humano vivo infiltrado no mundo dos mortos. Mas não vá fazer fofoca.*

Ele não tinha culpa se eu era esperta demais.

– Então... O que Alicia te contou? Preciso saber para decidir de qual ponto vou partir. Devo-lhe explicações.

Eu o fitei, atônita. Era a primeira vez que Luka afirmava me dever alguma coisa. Em geral, ele só cobrava. Queria tudo de mim e não devolvia nada.

– Alicia me contou tudo.

A expressão dele tomou um ar de urgência.

– Absolutamente tudo?

Eu franzi a testa.

– Humm, acho que não. Contou sobre o pacto, sobre o prazo... Mas não contou por que o assassino aceitou fazer um acordo com você. – Percebi

que sua expressão, sempre impassível e hostil, ficou mais aliviada. Luka demonstrava pouquíssimas emoções nos traços, mas eu aprendi a ler as mudanças mais sutis. – Espero que o fato de eu saber não gere nenhum problema para você.

– Não vai. Ninguém te contou, você descobriu sozinha. Foi o acaso. A Morte não poderia arranjar um culpado nem se quisesse.

– Humm. – Eu murmurei, recolhendo-me em minha tristeza. – Ela... Também contou que você vai embora.

Luka somente me encarou, uma estranha melancolia espreitando por trás de suas íris.

– No final deste ano.

Eu desviei o rosto, minha garganta se apertando. Sorri, mas sem nenhuma alegria. Que ironia. Por um segundo, eu quase acreditei em Alicia. Mas é claro que ela estava errada. Luka nunca consideraria ficar no mundo dos mortos por minha causa.

Agora que eu sabia que estava sendo enrolada, simplesmente não conseguia entrar na rotina da Escola da Noite. Eu precisava de algo mais... Profundo. Algo que me arrebatasse tanto quanto Luka. Eu não queria mais restos de amor. Queria amor por inteiro, insano, intenso, que desarruma e descabela. Queria senti-lo em todas as minhas células, em todos os sorrisos, até enquanto durmo. Luka era a única parte do escuro desse mundo que reservava um pouquinho de felicidade para mim. Sem ele, eu estaria perdida em minha própria cegueira.

– Você está sorrindo? – ele perguntou confuso.

– Não é de felicidade – expliquei. – É por causa da ironia do destino.

Tive que morrer para encontrar o amor – e esse amor estava *vivo*.

Porra. Que senso de humor distorcido. Ele bufou.

– Consigo ver a ironia da minha situação. Encontrar você justo agora, quando estou prestes a ir embora... Mas não posso ver a ironia da sua.

Suspirei.

– Eu. Querendo tanto que Alicia estivesse certa quanto estivesse errada.

Eu queria tê-lo para sempre – mas não queria que ele *morresse* por isso.

– Alicia é louca – ele comentou. Fechei os olhos, sem saber que simples palavras poderiam ter bordas tão afiadas. – Mas raras vezes ela tem razão. Pouco fala, mas quando o faz, sabe o que está dizendo.

Abri os olhos, perplexa. Ele estava insinuando que ela tinha razão?

Um *bip* estranho ecoou pela estrada, assustando-nos. Luka franziu a testa e colocou a mão no bolso, tirando de lá um... Espera aí – ele tinha um *celular*? Ninguém aqui tinha acesso a isso.

– Um celular? – ofeguei.

Ele me olhou. *Não, uma rolha.*

– Uma mensagem de Nikolai... – franziu a testa ao fitar a tela, estranhando. – Para você. – E estendeu o pequeno aparelho prateado para mim.

Peguei-o com hesitação. Esse tipo de coisa não existia no mundo dos mortos. Cliquei no botão e abri a mensagem, sem ter a mínima ideia do que esperar. O que li não fez sentido nenhum. O espaço remetente ao “assunto” dizia: **PARA LARA.** E, então, o texto que me chocou.

**ACABEI DE CHEGAR À ESCOLA E TUDO ESTÁ UM CAOS. ESTÃO
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI**

TODOS LOUCOS ATRÁS DE VOCÊ! LITERALMENTE VASCULHANDO CADA QUARTO A SUA PROCURA. A DIRETORA MARKOVA QUER TE VER EM SUA SALA O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL. NÃO SEI O QUE ESTÁ ACONTECENDO. MANDE LUKA TE TRAZER DE VOLTA PARA ESCOLA AGORA. VOANDO!

– Mas o quê...? – arfei. Por que diabos a diretora estava atrás de mim? Por que todo esse desespero? Seja o que for que eu tenha feito, foi grave. *Todos* na Escola estavam a minha procura.

– O que foi? – Luka perguntou.

– Olhe isso – lhe entreguei o celular. Em um segundo Luka leu e me olhou com urgência.

– Suba na moto. Vamos voltar.



Na garupa de Luka, nós voamos a uma velocidade insana através da estrada. Ele me entregou o único capacete e revirou os olhos quando objetei. Embora fosse o único com vida ali, aparentemente me considerava muito mais frágil.

Luka permanecia silencioso, a testa perpetuamente franzida, imerso em pensamentos. Deveria estar tentando descobrir a razão da confusão que nos esperava. Encontrava-se tão distraído que nem mesmo parou para trocar de carro. Chegamos à Escola da Noite em sua moto estrondosa – e nenhum de nós dois se importava.

Entramos na garagem e subimos por um elevador que eu nem sabia existir. Era um mecanismo antigo, do começo do século passado. Luka fechou a pesada grade de ferro e puxou a alavanca para subirmos com mais força do que o necessário. A geringonça fez um barulho agourento. No subsequente silêncio do cubículo, ele me encarou com uma preocupação urgente.

– Lara, o que você fez?

– Nada! Eu juro! – arregalei os olhos. Nada que eu me lembrasse, pelo menos. Ninguém sabe o que fazia a Lara pós-tequila.

Ele suspirou.

– Não vou poder entrar com você na sala da diretora, mas vou estar do lado de fora. Se algo acontecer, lembre-se que estarei a alguns metros para te ajudar. É só gritar. Eu vou te proteger.

Encarei-o mortificada.

– Meu Deus. Você fala como se a diretora Markova pudesse me fazer algum mal.

– Ela, não – Luka devolveu meu olhar sombriamente – mas não se esqueça de quem verdadeiramente manda nesse lugar. A própria Morte. E com ela não se brinca.

Engoli em seco, sabendo que ele tinha razão. A Morte era traiçoeira, psicótica e vingativa. Olhe quanta gente ela já matou por um simples divertimento. Se eu a houvesse ofendido de alguma maneira, não havia nada que os professores pudessem fazer.

O único com poder sobre essa situação era Luka. Por algum motivo misterioso, ele tinha uma influência estranha sob a Morte. E a minha confiança nele estava impregnada até os ossos.

Esperei chegarmos ao primeiro andar. Atravessamos o gramado às pressas e entramos pela porta da frente. Uma Madeleine muito nervosa nos recebeu, andando de um lado para o outro, a voz assustada.

– Ah! Srta. Valente! Graças a Deus a senhorita chegou! Se tiver algum amor por sua morte, corra para a sala da diretora!

– Já estou lá – eu corri, passando pela governanta. Luka me puxava pelo pulso, e eu tentava acompanhar seu ritmo frenético.

– Espere! Sr. Ivanovick! – Madeleine gritou. – O senhor não pode ir!

Ele não deu atenção, pulando os degraus como um tigre, focado e hostil. Eu corri atrás – nem tão elegante, nem tão rápida.

Na porta da sala da diretora, um professor inesperadamente severo me esperava. Ele dava aulas para os alunos mais velhos. Eu não o conhecia.

– Srta. Valente? É você?

Luka se posicionou alguns passos a frente, protetor. O professor ergueu as sobrancelhas, sentindo-se intimidado. Luka era grande, hostil e poderoso.

– Sim, sou eu – engoli em seco, meio escondida pelas costas musculosas do garoto. O professor deu um passo imperceptível para trás, como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

– Entre agora mesmo. O Conselho está reunido a sua espera.

Luka olhou para mim bruscamente. Nós dois pensávamos a mesma coisa. Puta merda! O Conselho *inteiro* da Escola? Agora eu estava ferrada.

E então o garoto fez o que eu menos esperava. Pegou-me num abraço de urso que tirou meus pés do chão. Imprensou-me contra a parede, assustando ao professor, que teve de sair do caminho.

“Sr. Ivanovick!”, gritou chocado, mas Luka não deu atenção. Com uma mão, o garoto me enlaçou pela cintura e me apertou contra ele, imprensando meus pulmões. Com a outra, entrelaçou os dedos na raiz dos meus cabelos, como se quisesse me fundir a ele. Enterrou o rosto em minha clavícula, inspirando profundamente o aroma dos meus fios castanhos.

Deus. Eu me sentia inebriada, fascinada, *deslumbrada*. Trancafiada naquele abraço poderoso, eu estava no paraíso. Tão perto, o cheiro dele era forte, exótico e quente. Toda sua pele fervia. O coração dele batia contra meu peito silencioso; eram batidas cheias de vitalidade e poder, embebidas pelo mistério de sua vida. Seus músculos eram fortes como aço, encurralando-me, tirando-me do chão.

Eu nunca estive em nenhum lugar melhor em toda vida. Era o encaixe perfeito.

– Não se esqueça que estarei aqui fora por você. Sempre. – Ele murmurou com urgência, a voz abafada.

Eu segurei na raiz dos seus cabelos como ele mesmo fazia. Quase arfei. Os fios negros eram tão sedosos quanto sua pele.

– Eu sei – murmurei, surpreendendo-me com a confiança em minha voz. *Ele* estaria aqui fora. E eu podia enfrentar qualquer coisa consciente desse fato.

E então, rápido demais, o garoto me botou no chão.

– Eu não esqueci – falou de repente. Não entendi nada.

Mas não houve tempo para perguntar. O professor me puxou pelo braço, abriu a porta e me fez entrar. Luka praticamente rosou quando viu a forma com que o professor me tratou, mas não pude acompanhar sua reação. No segundo subsequente eu já estava dentro da sala, sendo escoltada aos

trancos pelo professor carrancudo.

– Espere aí – o cara me soltou na sala de espera, entrando no escritório da diretora e batendo a porta.

Para o meu espanto, sentada numa das cadeiras antigas a acolchoadas, encontrava-se Mayumi. Trêmula e nervosa.

– Mayumi! O que você está fazendo aqui?!

– Ai, graças a Deus você chegou! Onde tinha se metido? O colégio inteiro recebeu ordens para te procurar! Acordaram a todos de repente, chamando o seu nome!

Sentei-me na cadeira ao seu lado, chocada demais para permanecer de pé.

– Mas *por quê?*

Ela deu de ombros com urgência. A coitadinha estava de pijama e parecia miserável, com olheiras e o longo cabelo todo desganhado. Seus olhos azuis e orientais injetados.

– Esperava que você pudesse me dizer! Lara, o que você fez?

– Nada! – quase gritei. – Meu Deus! Por que todo mundo fica perguntando isso?!

– Porque a coisa é séria. A Morte mandou te chamar, e ela nunca quis falar com uma aluna. O Conselho está desesperado. Parece que tem alguma coisa errada com a sua ficha de inscrição dos Jogos de Caça.

– O quê? Está brincando comigo! Todo escândalo só por isso?! – o que eles achavam que eu havia feito de errado num pedaço de papel? Mentido minha idade? Rabiscado coraçõezinhos nas bordas da folha?

– Não é só por isso. Alguma coisa muito fora do normal aconteceu.

Mas até agora ninguém me contou o motivo desse rebuliço. Quase arrebentaram a porta do nosso quarto a sua procura, e eu fui chamada para conversar com a diretora. Quem preencheu sua ficha fui eu, se lembra? Estou esperando até agora, sentada aqui.

Eu bufei. Que loucura.

– Coitadinha, você não tem nada a ver com isso. Não acredito que te tiraram da cama por essa situação insignificante.

– Mas eu preenchi exatamente do jeito que você orientou, juro. – Os traços bonitos de Mayumi encontravam-se distorcidos por apreensão. Segurei sua mão, tranquilizando-a. Mayumi não era tão forte quanto eu. Estava apavorada, encolhida como um tatu-bola com suas pantufas.

– Eu sei, fique tranquila. Também não estou entendendo o motivo dessa comoção nacional. – Problemas numa ficha? Grande coisa. Ninguém estava morrendo. – Mas me diga uma coisa: a situação está feia lá dentro? – olhei com certo medo para a porta fechada da sala de Miss Markova. Por trás dela, nós ouvíamos várias vozes abafadas e exaltadas, como uma enorme discussão.

Engoli em seco. O que me esperava do outro lado não era nenhuma festinha do pijama.

– Não sei não, Lara – ela mordeu o lábio inferior, torcendo os dedos. – Pelo tempo que estou aqui ouvindo, lá dentro está pegando fogo. Estão todos gritando uns com os outros, descontrolados. Vários investidores da Escola vieram de Londres com urgência, e mais outros tantos estão chegando de outros lugares do mundo. Se eu fosse você, tomaria muito cuidado. Nunca vi agirem assim com um aluno. Seja o que for que você aprontou, foi de caráter internacional.

Desviei os olhos para o tapete elegante da sala. Com as pálpebras arregaladas, praguejei. Ainda bem que mortos não podiam se borrar de medo. Meu único consolo era saber que Luka estava lá fora, inabalável e fiel.

– Miss Van Pelt? – um professor que eu não conhecia saiu da sala da diretora. – Qual das duas é Lara Van Pelt Valente?

Eu me levantei e ele deu um passo para trás, olhando-me com uma estranha apreensão, como se eu fosse contagiosa.

– Acompanhe-me – mandou rudemente.

Mayumi acenou uma vez com a cabeça para mim, encorajando-me. Então eu segui o homem, de modo que entramos na sala e ele bateu a porta atrás de nós, trancafiando-me na cova dos leões.

Lá dentro estava uma confusão. Deviam ter uns quinze professores reunidos – e mais alguns homens e mulheres elegantemente vestidos, cujos rostos eu nunca vi pelos corredores. Imaginei que fossem investidores, contribuintes da Escola. Uma espécie de sócios. A Escola da Noite era uma das Instituições mais movimentadas do mundo dos mortos. Todos os jovens interessantes, bonitos e talentosos estavam reunidos aqui.

Foi só eu pisar na sala para a confusão se tornar maior ainda. Dedos acusadores foram apontados em minha direção; metade começou a gritar, metade se afastou. Um falava por cima do outro. Eu me encolhi e esperei.

“Silêncio!”, Miss Markova colocou ordem no lugar. Sua sala encontrava-se abarrotada demais. “Lara Valente, temos que conversar”, ela me olhou, severa, sua gentileza habitual extinta.

Engoli em seco. Miss Markova parecia minha mãe, esperando-me para ter uma conversinha amigável – quando eu inocentemente colocava

areia nos potes de iogurte de Ana.

Ana detestava areia e eu detestava iogurte de ameixa. Na minha cabeça, só estava fazendo um favor a ela. Ninguém poderia comer aquilo e ser uma pessoa mentalmente sã.

– Hã, tudo bem. – Parecia um daqueles Conselhos medievais. Aparentemente eu era uma camponesa que tinha roubado o frango de alguém.

O professor robusto que me pegou pelo braço bufou. A voz dele era alta demais, desagradável. Seus olhinhos de fuinha tinham sede de sangue.

– *Conversar, Anastasia? Conversar coisa nenhuma! Essa menina vai ter que começar a confessar!* – ele foi chegando perto demais, invadindo meu espaço. – Ande logo! Quem é você? Quem te mandou?!

Arregalei os olhos.

– *Como é que é?* – eles estavam de sacanagem comigo?

– Não faça essa cara de sonsa, menina! – ele levantou um dedo roliço para mim, avançando perigosamente. – Não tenho paciência para mentirosos!

– O quê? Eu não sei do que você está falando!

– Ah, *não?* Então eu vou te fazer lembrar. – Ele avançou para mais perto. Eu fui andando para trás – até que tropecei e caí de bunda numa cadeira. – Nós temos métodos de fazê-la falar, entendeu? – ele ameaçou, inclinando-se para pegar no colarinho da minha blusa. Choquei-me. Ele iria me *agredir*?

– Sr. Saxton! – gritou uma voz conhecida. – O senhor não vai encostar na senhorita Valente na minha frente! Tire as mãos da garota *agora*. – E

então o professor Wood saiu do canto escuro no qual estava parado e se colocou entre mim e o professor descontrolado.

Sr. Saxton ficou mais vermelho de raiva do que antes.

– Victor. Saia da minha frente agora mesmo. Alguém tem que fazê-la falar.

– Ficou louco, Robert? Está pensando seriamente em agredir uma aluna?

– *Aluna?* Veja bem o que está dizendo, Victor. Ela não é uma aluna!

Sr. Wood o encarou com frieza e determinação por cima dos óculos.

– Nela você não encosta. Eu me responsabilizo pelo que Lara tem a dizer.

Sr. Saxton grunhiu, depreciando.

– Lara? Já trata a invasora com intimidade, Victor? Você sempre foi um frouxo mesmo.

Eu? Invasora? Não-aluna? Que diabos estava acontecendo aqui?

– Ela é minha aluna até que provem o contrário. – Respondeu Sr. Wood.

– Tudo bem, já chega disso – a diretora Anastasia Markova, geralmente tão elegante e controlada, parecia totalmente histérica. Sua mesa estava abarrotada de papéis, e seus olhos doces refletiam a mesma urgência de todos os outros. Ela se virou para mim mantendo certa distância, como se eu fosse uma assassina perigosa.

– Miss Valente, a senhorita tem o benefício da dúvida. Pode nos contar quem é por livre e espontânea vontade, ou passar por nossos métodos. Está em nossa casa, portanto será submetida às nossas regras. E

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não lhe pouparemos por ser uma garota jovem, fique certa disso.

– Eu... – olhei para todos os rostos que me encaravam com fúria. – Desculpem, mas não faço ideia do que está acontecendo. O que eu fiz?

Sr. Saxton bufou. “Hipócrita!”

“Uma infiltrada, que absurdo! Levem-na logo para os calabouços!”, alguém gritou.

“Ela é só uma garota”, outro rebateu.

Miss Markova continuou, ignorando-os.

– Nós não sabemos como a senhorita conseguiu entrar em nossa Escola, nem o que quer aqui. Mas é melhor para o seu bem-estar nos contar quem lhe enviou, e qual sua intenção. Espionar-nos? Roubar-nos?

Eu arfei, em sério perigo de entrar em pânico. *Luka está lá fora. Ele irá me proteger* – mentalizei.

– Por favor, Miss Markova. Não tenho ideia do que a senhorita está falando!

O que eu ouvi se chamar Sr. Saxton, grunhiu em ultraje.

– Mas que garota manipuladora! Miss Markova, tome uma atitude!

“Inaceitável!”, alguém concordou.

– Ninguém pode acusá-la baseados em preposições – Sr. Wood veio em minha defesa. – Primeiramente, acho que Lara tem o direito de saber o que está acontecendo. Por favor, Miss Markova, coloque minha aluna a par da situação. Só assim ela vai poder se defender. – O professor tinha uma voz de autoridade, sensata e pacificadora. Todos ficaram calados, e eu senti uma onda de gratidão por sua lealdade.

– Certo, certo – a diretora passou a mão pelos cabelos, tentando se acalmar. Revirou a montanha de papéis em sua mesa, pegou um, foi em minha direção e estendeu uma ficha amassada.

Olhou-me nos olhos, como se aquela pergunta fosse crucial.

– Miss Valente, essa é sua ficha de inscrição para os Jogos de Caça da Escola da Noite?

Peguei o papel. Encarei-o. Era a letra elegante de Mayumi – mas os meus dados preenchiam os espaços. Meu nome, bem como os dos meus pais. Minha idade, sexo, etc. Tudo parecia muito normal.

– É sim.

– Observe cada detalhe. Não tem absolutamente *nenhum* erro? Nós sabemos que foi sua amiga, Mayumi Keiko, quem preencheu por você. Ela pode ter se confundido em alguma coisa...

– Esperem aí, ela pediu outra pessoa para preencher? – ralhou Sr. Saxton, como se aquilo fosse a prova do meu crime. – Só faltava essa! Qual foi sua intenção ao armar isso?

Aquele homem tinha um sério complexo de conspiração.

– Nenhuma – eu quase ri em histerismo. Que situação ridícula. – Foi só um favor, Mayumi não tem nada a ver com a história. – Virei-me para a diretora. – E a ficha está certa. Não tem nada de errado.

As informações no papel eram claras. Eu não via nenhum motivo para todo esse histerismo.

Lara van Pelt Valente, sexo feminino, caucasiano-branco, solteira, dezoito anos, brasileira, segundo grau completo... Mayumi tinha feito um trabalho perfeito. Mas com a minha confirmação, as pessoas da sala se

descontrolaram outra vez.

“Eu avisei! Estão aceitando qualquer um nessa Escola!”, gritou uma mulher bem vestida e loura, com rugas mal-escondidas por maquiagem no canto dos lábios finos, severos.

“Temos que tomar uma atitude!”

“São os suecos! Aposto que ela é partidária deles.”

– Tente outra vez, Miss Markova. Por via das dúvidas. – Sugeriu Sr. Wood, ainda o mais calmo da sala. Ele se encontrava perto da minha cadeira, um braço sob meus ombros protetoramente. Não entendia seus motivos para me proteger, mas fiquei muito agradecida. Se não fosse por ele, eu provavelmente estaria depenada à uma hora dessas – e com o professor Saxton chupando o que restaria dos meus ossos.

Miss Markova engoliu em seco, apavorando-se por algum motivo.

– *Ela* vai acabar perdendo a paciência conosco, Victor. Já a incomodamos demais.

Ao citar o “ela”, imaginei que estivesse falando da Morte. Nenhum outro nome causava tanto pavor. Mas Sr. Wood permanecia firme.

– Situações drásticas exigem medidas igualmente drásticas, Anastasia. Não permitirei que incriminem a menina sem provas. Tenho certeza que está havendo algum mal entendido.

Eu já tinha desistido de entender há muito tempo. Aparentemente eles estavam imersos numa fantasia de conspiração, onde eu era uma espiã sueca infiltrada na Escola, ansiosa por roubar seus segredos.

Tenha dó.

– Está certo – embora receosa, Miss Markova cedeu. Pegou a ficha

das minhas mãos sem nenhuma educação. Ela estava histérica demais para lembrar-se dos bons modos. – Só mais uma vez – murmurou urgentemente para si mesma, meio enlouquecida.

Ergui as sobrancelhas em espanto quando Miss Markova tirou seu quadro do lugar – aquele que retratava a si mesma, enorme e imponente no meio da parede. O quadro servia para esconder uma portinha pequena, incrustada na pedra do castelo – uma espécie de cofre vazio.

Miss Markova colocou minha ficha lá dentro e fechou a portinha. E então o silêncio se abateu sobre a sala, enquanto todos esperavam por alguma coisa. Eu olhei de um lado para o outro, cada vez com a certeza maior de que estavam todos loucos. Que tipo de erva haviam colocado na bebida desses professores?

Depois de um tortuoso minuto, ouviu-se um barulhinho quase imperceptível lá dentro. A diretora abriu ansiosamente a porta do “cofre”, e, de olhos arregalados, percebi que havia outro papel junto com a minha ficha. Não havia nenhum canal para que esse papel surgisse ali.

Simplesmente apareceu – do nada. Como vácuo transfigurando-se em matéria.

Então aquele quadro não saía de lá porque Georgina Prount, a diretora da Sotrom, tinha fascinação por pinturas a óleo. Era um meio de comunicação entre a Escola a sua fundadora: a própria Morte.

Miss Markova desdobrou o novo papel e o leu com ansiedade. Sua expressão esperançosa decaiu depois de um segundo. Balançou a cabeça para os colegas, preocupação distorcendo seus traços.

– Mesma coisa? – Sr. Wood também se encontrava ansioso.

– Exatamente – murmurou Miss Markova, amedrontada. Sr. Wood

olhou para mim, derrotado.

– Meu Deus. O que vamos fazer?

Eu os encarava, totalmente impotente. Não estava entendendo nada. Que crime eu havia cometido?

Naquele momento, uma mulher refinada e idosa tomou a palavra. Ela parecia uma das poucas pessoas sensatas daquela sala.

– Se me permitem a intromissão, acho que a garota não está compreendendo nada. Por que você não explica o que está acontecendo a ela, Anastasia? – sugeriu para a diretora.

Sr. Saxton bufou, sentindo a necessidade de expressar sua opinião – como sempre.

– É tudo encenação. Ela quer nos persuadir de que não vem planejando nada. Quem é o seu contratante, menina?

Quase respondi do jeito que ele estava pedindo. *A Máfia. Queremos cortar um pedaço desse seu traseiro gordo e vender no mercado negro de salsichas.*

– Sr. Saxton, por favor – as palavras do Sr. Wood ao cortarem o outro homem eram educadas; mas o tom, não. – Enquanto ela for minha aluna, o senhor terá que manter o nível ao se dirigir a ela, ficou claro? Sem provas, sem acusações.

Miss Markova suspirou.

– Estamos andando em círculos. Miss Valente, a senhorita vai nos explicar o que está acontecendo?

– Desculpe, Miss Markova. Mas sou eu quem está precisando de explicações.

Algumas pessoas da sala manifestaram ultraje com a minha ousadia, mas a maioria só queria acabar logo com aquilo.

– Muito bem – cedeu a diretora. – O que está acontecendo é muito sério, Miss Valente: ao inscrever-se nos Jogos, seu nome não constou na lista oficial de alunos da Escola da Noite. A mensagem que a Morte envia na devolução de sua ficha é sempre a mesma: *Lara van Pelt Valente não é uma aluna*. Pode ver com seus próprios olhos, bem aqui – ela me entregou o papel escrito pela própria morte.

Essa era a única frase em toda a folha cuidadosamente dobrada, as palavras escritas em letras elegantes. Ou esse era um pesadelo, ou a Morte também estava chapada. Porque ela claramente dizia que eu *não* era uma aluna dessa Escola.

– E se a senhorita não é uma aluna – a diretora continuou, inclinándose para me olhar com urgência e seriedade – quem é você? E o que quer aqui, na nossa Escola?

Meu queixo caiu no chão.

– Estou tão perdida quanto à senhora – apressei-me em me defender, lutando para não perder o controle. – Não sei o que isso quer dizer.

Protestos contra minha suposta hipocrisia rodearam pela sala. Miss Markova olhou-os com impaciência e continuou:

– Isso só pode dizer duas coisas: ou você é uma espiã infiltrada, mandada por outra instituição rival...

– Mas por que alguém faria isso? – tive que interromper.

– Nossa Escola tem muitos segredos cobitados neste mundo, Miss Valente. É perfeitamente cabível que enviem espiões para cá. Será melhor para a senhorita confessar agora, se for este o seu caso.

– Isso é absurdo – interveio Sr. Wood. – Ela é só uma garota.

– Não sou nenhuma espiã – bufei. – Isso é mais do que absurdo!

Miss Markova ergueu uma sobrancelha.

– Supondo que esteja falando a verdade, só nos resta outra opção. Ainda mais absurda.

Acenei com a cabeça, indicando que estava ouvindo. Nenhuma outra hipótese poderia ser mais ridícula do que essa versão de “espiã sueca.”

– Quando um jovem morre e é enviado para nossa Escola, seu nome automaticamente vai parar na lista oficial dos alunos. Não existem erros nessa lista, pois é selecionada pela própria Morte. Se o seu nome não consta lá, só pode significar uma coisa: você não foi morta pelo nosso assassino. Portanto não é uma aluna da Escola da Noite.

Meu queixo caiu no chão. Guinchei em ultraje.

– Como não?! Eu o vi! O cara me jogou de um penhasco!

Sr. Wood arregalou os olhos, perplexo.

– Você se lembra do seu assassino?

– Mas é claro – respondi em tom de obviedade. Tinha algo mais importante para se lembrar?

Sr. Wood trocou um olhar preocupado com a diretora. Ela me encarou, a expressão estranha.

– Aí é que está o problema, Miss Valente. Os alunos da Escola da Noite não se lembram de suas mortes. Tudo isso serve para preservar a identidade do assassino de suas respectivas Sotroms. Se a senhorita se lembra do episódio, é mais uma evidência de que não foi morta pelo assassino da Sotrom inglesa.

– Mas... Ele estava mascarado! – eu me agarrava a qualquer resíduo de sanidade. Miss Markova balançou a cabeça.

– O verdadeiro assassino nunca mata mascarado. Mostra o rosto, por isso ninguém lembra o momento de sua morte. Algum colega seu já contou para você como foi que morreu?

Minha boca se escancarou. Não. Ninguém nunca falava de sua própria morte – e eu nunca havia percebido isso até agora. Nós estávamos distraídos demais com a vida social do colégio para tocar em temas tão macabros – pelo menos foi isso que deduzi na hora. Mas eu estava errada.

Além de mim, ninguém aqui se lembrava de como havia morrido. Mas eu me lembrava muito bem das mãos de aço me empurrando do penhasco, dos seus passos rápidos me perseguindo na neve...

– Então... – eu estava tão transtornada que nem consegui terminar. Miss Markova completou por mim.

– Então isso só pode significar que você foi morta por outra pessoa. Alguém que não era o assassino, mas que mesmo assim tinha motivos para te matar. Miss Valente... Você veio parar nessa Escola por engano! Não é uma aluna.

Arfei, bem como todos da sala. Sr. Field deve ter encontrado meu corpo despedaçado no fundo do penhasco e me levado para seu caixão especial, confundindo-me com uma aluna selecionada para a Escola da Noite. O que ele iria pensar ao ver um corpo jogado no fundo do penhasco? Já estava acostumado a encontrar alunos mortos pela Escola – essa era a finalidade da Sotrom, afinal.

Mas eu não fui selecionada. Mataram-me só por... *Matar*. Alguém que não era o assassino queria me ver morta. Mas *quem*? E que motivos teria?

Eu não estava pagando dívida nenhuma com a Morte. Eu não deveria passar a eternidade na Escola da Noite, pois não era uma aluna. Vim parar aqui por engano.

– Então ela tem que ir embora. – Sr. Saxton concluiu. – A Escola da Noite não abriga quem não é aluno, e Miss Valente não tem o direito de permanecer entre nós. Se foi um engano essa menina vir parar aqui, o erro precisa ser corrigido. Mandem-na para outro lugar. Esse castelo não é um hotel.

“Desculpe, querida”, a senhora idosa falou comigo mais gentilmente do que todos. “Mas você não deveria nem mesmo estar no mundo dos mortos. Receio que já deveria ter feito sua Passagem há muito tempo. O caixão do zelador foi o portal que lhe trouxe para cá, a conexão entre os dois mundos. Receio que a senhorita tenha que ir embora, e não só da Escola.”

Arfei em pavor. Eles não só queria me expulsar do castelo – mas de todo mundo dos mortos! Queriam me matar *de verdade*. Cessar minha existência. Morte definitiva, caixão.

– Miss Markova – a voz do Sr. Wood estava estranha, sombria. – Por que você não pergunta para a Morte o nome do assassino de Lara? Ela com certeza tem essa informação.

Imersa em minha própria bolha de choque e pavor, observei Miss Markova escrever uma pergunta num papel e colocar a folha dobrada no cofre. Um minuto se passou. A resposta chegou.

Miss Markova abriu o papel e leu. Arregalou os olhos. Colocou uma mão sobre a boca para abafar um ofego.

Sr. Wood foi até lá e pegou o papel de suas mãos. Leu, trincou o

maxilar em ódio e saiu da sala praticamente correndo. Entrou em uma porta acessível somente para professores, batendo-a com força. O papel caiu no chão.

Anestesiada, eu me levantei e fui até o centro da sala. Agachei-me para ler o nome do meu assassino no papel. O nome de quem tirou minha vida em prol de... *Nada*. E que agora me roubaria meu primeiro amor e meus amigos, uma vez que eu seria expulsa da Escola. E provavelmente até morreria, sem mais nenhuma existência paralela.

O nome escrito no papel tinha bordas afiadas, e, ao lê-lo, meu coração morto quase parou de novo. O mundo dos mortos inclinou-se em seu eixo, e tudo que eu acreditava perdeu o sentido.

A Morte anunciava o nome do meu assassino secreto.

Luka Ivanovick.

PARTE IV

O MEU ASSASSINO

Capítulo Treze

Um filme passou diante dos meus olhos: o homem mascarado deitado em minha cama, sob as cobertas. Seus passos felinos e rápidos me perseguindo pelo castelo, logo depois me jogando sobre os ombros e carregando-me para a borda do penhasco. A neve caía do céu numa tempestade furiosa, e os braços poderosos do desconhecido me arremessaram do penhasco sem piedade.

Meu corpo colidiu lá embaixo contra as pedras pontiagudas; os órgãos foram perfurados, os ossos partidos, enquanto a vida sangrava para fora de mim. Imaginei o momento em que meu assassino tirou a máscara e olhou a cena de cima, com indiferença e frieza – enxergando-me somente como um trabalho executado, e não uma garota com dezoito anos de sonhos, memórias e um direito a vida. Direito que ele havia roubado.

O ladrão mascarado era *ele*. Luka. Meu Luka.

Por quem eu desenterrei do meu âmago ferido uma imensa capacidade de amor. Por quem eu abandonei minha família – e por quem eu morreria outra vez.

Meu Deus.

Não vai querer saber tudo o que eu posso lhe contar. Você enlouqueceria – ele me alertou certa vez.

Luka Ivanovick não é quem você pensa. É perigoso, afaste-se dele. Você vai se machucar, Lara. – Sr. Wood também avisou, mesmo aparentemente não sabendo quem era o meu assassino. Mas era consciente do fato de Luka ser perigoso.

Imóvel por um pavor descrente, eu ouvia a conversa ao meu redor
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sem nada assimilar. “Alguém ajude essa menina. Ela está em choque.”

“Ela deve ir embora agora mesmo!”

“Está louco, Saxton? Não podemos expulsá-la da propriedade da Escola desse jeito. A garota só é vítima de uma enorme confusão.”

Uma mulher foi até o centro da sala, onde eu permanecia ajoelhada, imóvel. Pegou o papel amassado em minha mão com gentileza e leu em voz alta, sobressaltando-se.

“Como o garoto Ivanovick conseguiu assassinar a menina? Ele é quem tem que ser expulso!”, disse outra pessoa.

“Não podemos expulsar a família Ivanovick. Eles são um dos mais importantes fundadores da Ordem, tem idéia de quanto problema isso iria nos render?”, respondeu alguém.

“Esperem aí. Pelo que bem sei, esses Ivanovicks são uma espécie de hóspedes por dez anos, não? Se o garoto está pagando sua dívida no mundo dos mortos, como conseguiu assassinar a menina do outro lado da fronteira do nosso mundo?”

“Os Ivanovicks são um caso especial. Estão vivos. Em alguns casos, podem ir para o mundo dos vivos, somente nos arredores da Escola. Às vezes eles acampam nas montanhas próximas do colégio, para aproveitarem um ou dois dias de sol.”

Alguém bufou.

“Aproveitem o sol enquanto assassinam uma ou duas garotas inocentes.”

“Nunca entendi porque eles têm esses privilégios. Fazer um acordo com a Morte? Nunca ninguém nos deu essa opção!”

“Mas por que diabos ele foi até a Sotrom matar a menina? O que queria com ela? Ou mesmo como a conhecia?”, outra pessoa perguntou.

“Eu não sei. Não podemos tomar nenhuma atitude contra um protegido da Morte, ainda que assassino”, e então a voz de quem quer que estivesse falando ficou mais baixa, provavelmente comentando com a pessoa ao lado. Eu não sabia. Olhava para o tapete, sem conseguir me mover. “Mas tenho receio de que a menina vá querer vingança.”

Aquelas palavras atravessavam meu peito com bordas afiadas, e eu não permaneci para ouvir mais.

Ao contrário de todos aqui, meu assassino estava lá fora, bem ao meu alcance. Pronto para ter o que merecia.

Vingança.

A dor foi substituída de repente por um sentimento gelado e calculista. Foi como se, para se proteger, meu corpo tivesse engolido a própria dor e passado a sentir um grande nada, frio e vazio. Meu amor por Luka se calou naquele momento, deixando o ódio, mágoa e tristeza tomarem conta das minhas células.

O amor não havia morrido – mas em luto por minha morte, ficara em silêncio.

Eu tinha muita experiência em reprimir coisas desagradáveis. E algumas dores são simplesmente muito grandes para que mente e corpo pudessem lidar com elas. Então eu engoli minha dor e submergi no vácuo, para salvar a mim mesma da insanidade de amar meu próprio assassino.

“Miss Valente!”, gritou a diretora quando eu me levantei com brusquidão. “Espere! Aonde a senhorita vai?”

Não lhe dei atenção. Saí correndo da sala, pisando pesado e passando
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

por uma Mayumi muito aflita.

– Lara, o que... *Lara?! –* gritou quando eu passei por ela com sangue nos olhos, saindo da sala de espera sem nem mesmo lhe dar atenção. Abri a porta e a bati atrás de mim.

Lá estava ele. Os braços poderosos cruzados – os mesmos que me arremessaram do penhasco. Os ombros fortes – sob os quais ele me carregou para a morte. Os olhos hostis e negros, que eu não sabia mais se escondiam qualquer caráter, ou sequer um resquício de bondade. Talvez Alicia estivesse errada – escorpiões eram mesmo venenosos, mas não tinham nenhum lado bom oculto.

Naquela fração de segundo em que ele olhou para mim, eu analisei a beleza extraordinária do seu rosto – que me encantou, seduziu-me, de modo que ele pudesse me atrair para mais perto. Ele já havia me matado – o que mais eu tinha a oferecer? O que mais Luka Ivanovick pretendia me roubar? Minha sanidade? Minha confiança? O que restava de amor no meu coração ferido?

Será que ele havia feito alguma aposta com alguém, no intuito de ver o quanto conseguia roubar de mim? Meus anos, meus sonhos, minhas noites de sono...?

Depois, ele me apresentou sua profundidade, seus segredos, seu lado que ninguém via. Mas eu me perguntava: qual a finalidade? Ninguém mata aquilo que ama. E ninguém ama aquilo que mata. Qualquer uma das duas opções é psicótica, doentia. Nenhum assassino revirava o túmulo de suas vítimas para lhe beijar os lábios.

Eu encarei Luka, e ele devolveu meu olhar, perceptivo o suficiente para ler meu silêncio. Não sei o que havia em minha expressão – ódio, mágoa? Ou talvez só uma tristeza tão arrasadora espreitando no castanho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

das minhas íris?

Ele roubou minha vida. Roubou minha capacidade de doar amor. E agora roubaria tudo o que eu acumulei na curta existência nesse mundo morto – os amigos que aprendi a amar, os novos sonhos que construí, e as esperanças de uma existência em paz.

Condenada a um caixão definitivo, Luka estava me sentenciando à morte *de novo*.

Antes de ser jogada do penhasco, eu olhei para o rosto mascarado do assassino e prometi: *não vou deixar que você se esqueça de mim*. E após me abraçar pela primeira vez, ele disse: *eu não esqueci*. Somente agora eu entendia.

Naquele momento, Luka confessava que havia me matado. Só eu não percebi.

– Eu sei o que você fez. – Informei numa voz surpreendentemente gelada. E embora por dentro eu estivesse gritando, minha expressão era impassível como uma calota de gelo.

Luka ergueu as sobrancelhas, pego de surpresa. Arregalou os olhos. Seu choque durou só um segundo. Ele então assumiu sua principal reação diante de um desafio: trincou o maxilar e ergueu o queixo, os olhos negros perigosos e impenetráveis, prontos para assumir qualquer consequência.

– Quem te contou? – a voz dele era sombria.

– Aquela que você conhece bem. A Morte. – Praticamente rosnei. – *Por quê?*

Luka me encarou, mais uma vez omitindo todas as respostas. Em seus olhos, uma tempestade. Medo, sofrimento.

– Eu não posso dizer, Lara. Sinto muito. – E só. Nada de pedidos de perdão ou explicações. Nada de arrependimento ou culpa.

Eu sorri com amargura, odiando a minha inocência. Acreditei mesmo que iria arrancar alguma resposta do garoto? Pelo pouco que eu o conhecia, esse era um segredo que morreria com ele.

Ele é perigoso, Lara. Você vai se machucar – a voz do Sr. Wood não saía da minha cabeça. O professor tinha razão – eu me machuquei. Morri. Mas agora estava me machucando de novo, de dentro para fora; e, para isso, a morte não era um alívio.

Eu me aproximei devagar, e Luka ficou parado, esperando. Só parei quando alguns centímetros nos distanciavam. Fiquei na ponta dos pés, apoiei minhas mãos em seus ombros e sussurrei em seu ouvido, naquela voz gelada que eu nunca pensei ser minha.

– Isso é por mim mesma. – Gentilmente, plantei um beijo no rosto dele, meus lábios mal tocando sua pele de veludo. Uma despedida.

Logo em seguida, afastei-me, olhei aquele rosto perfeito e pensei nos principais bens que ele havia me roubado: família, futuro, luz do sol, *vida*... E então simplesmente joguei o braço para trás e enfiei o punho bem no meio do nariz dele.

Meu soco fez com que Luka desse um único passo para trás, colocando a mão sobre o nariz que sangrava. Ele não emitiu nenhum gemido, embora o nariz estivesse claramente quebrado. Sangue quente e vermelho escorria por entre seus dedos, mas ele só me encarou com seus olhos misteriosos de sempre.

– E isso foi por mim também. Filho da puta. – Cuspi e virei às costas, deixando meu assassino sozinho no corredor daquele castelo abandonado.



O tempo passou. Poderiam ter sido horas ou anos, tanto faz. Não me importei. No restante daquela noite fatídica, a diretora Markova e o Conselho me deixaram em paz. Uma gentileza inesperada, admito.

Uma névoa desconhecida e espessa tomava o meu cérebro, protegendo-me de sentir dor – ou qualquer outra coisa. Passei a noite inteira deitada de bruços na cama, os olhos fixos em algum ponto da parede, lágrimas imaginárias escorrendo pelo rosto. Até isso *ele* tinha me roubado. Até o meu direito de chorar. E então o sofrimento ficava sufocado na garganta, sem válvula de escape, corroendo-me de dentro para fora.

Ao ser liberada da diretoria e adentrar no quarto, Mayumi não perguntou nada. Isso a fez ganhar muitos pontos comigo. Ela simplesmente arrastou sua cama para bem perto da minha, pegou uma de minhas mãos, apagou as luzes e dormiu. Com ela ao meu lado, o silêncio parecia menos esmagador. Fiquei agradecida por isso.

O mais próximo que tive de uma conversa foi quando Mayumi se levantou para ir à aula. Ela sacudiu meus ombros gentilmente para me acordar, a voz macia. Quando abri os olhos pegajosos, ela perguntou.

– Lara, você quer que eu avise que você não vai à aula hoje? Posso inventar uma desculpa qualquer. – Pela compaixão em seu olhar, pude imaginar que a diretora já a tinha informado de alguma parte da história.

Mayumi provavelmente sabia o que pretendiam fazer comigo: expulsarem-me do mundo dos mortos. Ou seja: matarem-me outra vez. Por isso ela agia como se lidasse com uma pessoa com câncer terminal,

esperando lentamente pela morte. Sensível, cuidadosa, como se qualquer palavra pudesse machucar.

E então eu vi aquela criatura descabelada e pálida refletida nos olhos azuis diamantinos de Mayumi. Uma garotinha encolhida na cama, a expressão sem vida, pela primeira vez parecendo verdadeiramente morta. A Lara Valente que eu conhecia há anos havia morrido. Não existia mais coragem em meus ossos, só uma estranha indiferença. Tudo se resumia a um imenso vazio, e eu poderia me estilhaçar ali mesmo com apenas poucas palavras.

Eu sempre pensei gostaria de saber quando iria morrer. Mas me enganei. A consciência é muito pior – porque me sinto perdendo tudo o que amo vagorosamente, a cada hora que passa. Às nove, Mayumi é arrancada de mim – uma das poucas amigas verdadeiras que já tive. As dez, Laila se vai, levando consigo todo o mistério e encantamento de suas terras árabes. E, depois, às onze, é a vez de Aisha, arrancada por entre os meus dedos, e já não ouço mais o som dos tambores da África. Catarina, Miguel e Santiago se vão em seguida, enquanto eu me despeço deles no silêncio do meu quarto.

Pensei no meu futuro – ou na falta dele. Não sei o que senti. Nenhuma revolta, nenhuma raiva – só tristeza e desamparo. A morte habitava em terras desconhecidas, e eu lamentei por não ter nenhuma fé que me reconfortasse, nenhum Deus em meu coração que me trouxesse esperança de ir para um lugar melhor.

Mayumi entendeu meu silêncio como um sim, acariciou o topo da minha cabeça como se faz a uma criança e depois saiu do quarto, já usando seu uniforme. Eu nem mesmo tinha percebido que ela havia trocado de roupa.

Deitada na minha cama, ainda na mesma posição em que me joguei, pensei *nele*. Em cada detalhe do seu rosto, em cada frase que ele havia falado. Por trás de qual oscilação de sua voz aveludada escondiam-se os sinais? Quantas vezes ele tentou me falar a verdade e eu não percebi?

Hoje você vai jantar comigo – sou seu assassino – você é minha – porque eu te matei.

Naquele quarto cheio de velas, eu me deitei ao lado do meu próprio assassino e vi que ele era lindo além da minha imaginação. Eu fechei as pálpebras e deixei que o amor invadissem meu corpo, escorresse líquido e quente adentrando em minhas células, admitindo que, pela primeira vez em anos, eu amava alguém. Tornei-me vulnerável por ele, acessível, quebradiça e sensível.

Eu deixei que o meu assassino invadissem os meus sonhos, refizesse os meus planos para o futuro – e se tornasse a parte crucial de todos eles. Deixei que ele descobrisse minhas fraquezas, ansiei por beijar seus lábios e por descobrir os recantos escuros da alma dele, aonde ninguém mais ia.

Meu cérebro estava enojado, cheio de ódio e repulsa – mas o amor persistia, recusando-se a morrer. E embora soubesse que eu mesma em breve viraria pó, o amor batia o pé, informando que não: não iria para um caixão comigo.

Mas eu não poderia passar por cima da verdade – Luka era um assassino. Amá-lo era uma insanidade! Por outro lado... O que restaria para mim num mundo sem ele? Longe do garoto, mundo nenhum me interessava. Nem o dos mortos, nem o dos vivos. Ele foi uma experiência arrebatadora demais para ser superada.

Talvez a morte definitiva fosse até um alívio. Pouparia-me os anos de solidão e amarga tristeza.

Fechei os olhos e fantasiei sobre um futuro lindo junto ao meu assassino, esquecendo por algumas horas que eu deveria odiá-lo, arrancar esse amor indigno do peito. Fantasiei sobre uma eternidade com ele, deitada na areia quentinha de uma praia do Rio de Janeiro, minhas células absorvendo a luz do sol, todo o meu corpo funcionando em harmonia – uma canção de amor à vida. Meu coração bateria. O garoto lutaria para mantê-lo protegido – e jamais pensaria em me arremessar de penhascos.

Os braços dele me envolveriam protetoramente, e, nessa minha fantasia, Luka me amava. O garoto nunca me machucaria nesse sonho, e pediria com gentileza: *por favor*, seja minha. Nada de exigências ou arrogância. Por me amar, só haveria humildade e bondade em seus olhos.

Era um sonho quase infantil. Mas me deixei ser levada por essa esperança inocente, sem maldade. Porque meus sonhos logo seriam tomados de mim. As pessoas fariam de mim no passado, e seria um assunto incômodo, mórbido. Logo eles achariam algo mais agradável sobre o que conversar. E eu sumiria de suas memórias, apagada pelos anos e a poeira...

Os dias subsequentes foram estranhos. Por causa da névoa em meu cérebro, ficava difícil prestar atenção em qualquer fato.

Na noite seguinte à minha descoberta fatídica, Miss Markova marcou uma espécie de “julgamento”, em que os líderes do Conselho da Escola da Noite tomariam uma decisão sobre meu futuro. Até a decisão, transcorreu-se uma semana. Não frequentei as aulas e não o vi em nenhum momento. Nas horas das refeições, únicas ocasiões em que eu saía do quarto, ele também não estava lá.

Nos primeiros dias Alicia e Nikolai sentavam-se sozinhos a mesa, mas depois de um tempo o restante dos Ivanovicks também sumiu.

Mayumi foi uma peça crucial para minha sobrevivência naqueles dias. Pedi-a para que não comentasse nada com ninguém sobre o que sabia, e assim ela fez. Durante os horários das refeições, meus amigos eventualmente perceberam que eu não era mais a mesma – perdera o bom humor e o carisma. Muitos deles concluíram que Luka e eu havíamos terminado, pois notaram a falta do garoto durante as aulas, treinos e refeições.

Catarina foi a primeira a ter a coragem de perguntar sobre ele. Eu a fitei tristemente por um momento, depois baixei os olhos para a mesa, voltando a comer meu iogurte. Não a culpei – foi uma pergunta inocente. Eles estavam se acostumando a me ver sempre seguida por Luka. Mas também não pude responder.

Não, não sei onde encontrá-lo. E por causa disso também não sei mais onde encontrar a mim mesma.

Eu queria avisar a todos que, se vissem a bem-humorada e relaxada Lara Valente por aí, me avisassem. Eu a perdi. Desconfio de que tenha sido roubada de mim, assim como todo o resto.

Na tentativa de aliviar o constrangimento, Mayumi clareou a garganta e informou uma única vez: “Vocês não os verão mais juntos.” E só. Ninguém nunca mais perguntou.

Mesmo com a névoa na qual eu estava imersa ultimamente, pude notar uma Amy muito inquieta. Ansiosa com a novidade: Luka encontrava-se livre novamente.

Santiago não expressou nenhuma reação. Luka feriu seu orgulho – e só. O espanhol não ruminava nenhuma paixão profunda por mim. O mais estranho foi que, alguns dias depois, Santiago me interceptou num corredor e pediu desculpas pelo comportamento que vinha tendo comigo. Eu aceitei

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aos murmúrios suas desculpas, uma reação lenta e vicária – as únicas que eu conseguia expressar ultimamente. O espanhol me abraçou e bagunçou meu cabelo. Sorriu aquele sorriso sincero, confessando estar com saudades da minha amizade. Com Luka longe, agora ele se sentia mais à vontade para se reaproximar.

– Essa distância entre nós não faz sentido. Antes de qualquer flertezinho infantil, somos amigos.

– Somos, sim – concordei, sorrindo fracamente para ele, tentando gravar seus traços bonitos na memória. Embora tivesse um grande orgulho, o espanhol possuía um enorme coração. Talvez eu nunca mais visse Santiago. Talvez eu nunca mais visse *ninguém*. Eu precisava aproveitar as pessoas enquanto eu as tinha.

Era estranho como, sem Luka por perto, meu relacionamento com as outras pessoas se tornara mais fácil. Embora todos soubessem que eu estava deprimida, sentia-me mais livre para conviver com meus amigos. Na época em que Luka estava por perto, o garoto exigia toda a minha atenção. Meu nível de interesse e comprometimento em relação a ele era tão intenso, que eu não conseguia me concentrar em mais ninguém. Não era de propósito. Luka era o centro do meu universo, ofuscando todos os planetas que giravam ao redor de minha órbita.

Embora eu não soubesse há tempos o que era felicidade, algumas vezes meus amigos conseguiam arrancar esporádicos sorrisos de mim. Mayumi me apoiava todo o tempo, deixando-me chorar lágrimas secas em seu colo, tarde da noite, quando estávamos no escuro de nossos quartos. Essas eram as piores horas para mim. A solidão batia, e a dor aproveitava a deixa.

Naqueles momentos, eu sentia todo o medo da morte, encurralando-
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me num corredor sem saída. Mesclado a isso (e muito mais potente), havia a tristeza pela perda do garoto. Essa dor me fazia rolar pela cama, as mãos segurando a barriga, arfando. Mayumi me abraçava nessas horas e me deixava chorar. O problema de reprimir feridas, é que, quando o efeito anestésico da névoa passa, a dor chega dez vezes mais potente.

Aisha e Laila também se mostraram ótimas âncoras, impedindo-me de naufragar em mim mesma. Elas passavam horas conversando comigo, contando histórias bonitas de suas terras. Às vezes Laila tocava seu violino para mim, enquanto Aisha penteava meus cabelos. Na minha antiga vida, eu me entediaria com essas coisas.

Mas eu não era a mesma Lara de antes. A tristeza e a morte me tornaram mais profunda, e eu me vi explorando lugares de minha alma que nunca ousei conhecer. Agora, eu sabia entender a música sem palavras, e podia compreender seus significados ocultos. Luka modificou a química dentro de mim.

Por isso, nessas horas, eu fechava os olhos e ouvia a música, pensando por quanto tempo eu ainda teria uma consciência para discernir a beleza das notas. Laila e Aisha não sabiam disso, mas em caixões não existem melodias.

No outro dia, Miguel me levou para pintar quadros com ele, e, juntos, fizemos uma bonita aquarela...

Bem, *ele* fez. Na minha parte do quadro, só havia cores escuras e sombrias, refletindo meu estado de espírito. Mas o português não se importou. Deixou que eu pintasse minhas formas obscuras, e depois passava um verde delicado por cima, pintando aquarelas em azul e branco, para representar que, seja qual for o vazio que eu estivesse enfrentando, sempre havia esperança. Eu sorri mais do que o normal naquela noite com Miguel.

Até o inglês Ian e Catarina tinham notado minha tristeza. Esses dois me surpreenderam. Convidaram-me para uma partida de futebol improvisada no gramado lá fora. Inicialmente, fiquei hesitante – futebol era alegre demais para minha capacidade naquele momento. Mas os dois me arrastaram para fora do quarto, Ian me carregando sobre os ombros e Catarina incentivando atrás: “É isso aí! Vamos fazê-la reagir na marra!”

Eu estava descalça e com moletons furados, mas nenhum de nós três preocupava-se com roupas.

No gramado lá fora, eu e Catarina o enfrentamos numa pelada improvisada. Ian não sabia que eu era boa, por isso quase nos equiparamos. Catarina também não era nada mal – e embora ele tivesse ganhado por poucos gols, sofreu para nos enfrentar.

No final daquela noite, eu me peguei sorrindo, voltando para o quarto com os dois e ouvindo suas besteiras e risadas. A alegria não durou muito, mas eu achei que valeu a pena – fora uma despedida adequada que Ian e Catarina me ofereceram.

Eu os surpreendi ao abraçar-los e agradecer-los – não só por hoje, mas por todo o tempo da amizade deles –, despedindo-me silenciosamente de cada um. As pessoas só conheciam parte do motivo da minha mudança. Deixei que pensassem o que quisessem; algumas dores são pessoais demais para serem compartilhadas.

Quando chegou o dia do meu “julgamento”, esperei na sala de estar de Miss Markova por uma boa meia hora, até que me mandassem entrar. O Conselho se reunia ao redor da sala, conversando baixo com seus portes arrogantes e roupas refinadas.

Sr. Wood era o único que estava sentado, a cabeça baixa numa expressão derrotada. Notei que ele tinha o cabelo desgrenhado e olheiras.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ele levantou os olhos para mim, a tristeza estampada em suas íris castanhas.

– Miss Valente – começou a diretora, levantando-se de sua mesa. Ela massageou as pálpebras. Parecia esgotada. – Vai ser um veredicto rápido, estamos todos exaustos. Depois de muito discutirmos, decidimos seu destino. Muitas pessoas falaram ao seu favor, inclusive Sr. Wood, a governanta, Miss Madeleine e Sr. Field, nosso zelador. – Arregalei os olhos. *Sr. Field* tinha falado em meu favor? O Apocalipse estava mesmo chegando. – Consideramos o que é, de fato, ser uma aluna da Escola da Noite. Não é só ser pega pelo assassino. Tenho certeza que a senhorita já fez amigos e já se tornou parte da família que é nossa Academia. Pelos seus talentos, tenho certeza de que o assassino te escolheria em breve, só não teve oportunidade porque Luka Ivanovick, por algum motivo, chegou primeiro, decidindo te matar. Consequentemente te enviando para cá por engano. Mas todos concordamos que foi o engano mais certo que já aconteceu por aqui. Observamos você e seus amigos, Miss Valente. Conversamos com seus professores. Falamos até mesmo com a Morte, que, por algum motivo, quer você nessa Escola. Percebemos, então, que você já pertence à Escola da Noite por mérito próprio; se tornou uma aluna com as próprias mãos. E por isso é tão legítima quanto qualquer um daqui. A senhorita faz parte da nossa família. Menos pelo sangue tradicional dos van Pelt que corre em suas veias, e mais por ser quem é, decidimos que a Escola da Noite irá te acolher. Já acolheu há tempos. Se quiser, pode ficar. Você não é menos nossa aluna do que ninguém aqui.

Eu recebi a notícia com um alívio analgésico. Durante dias fiquei me preparando para a morte definitiva, e agora simplesmente... Não vou mais morrer.

Bruscamente, fiquei revoltada. Eu só aguentei a dor porque sabia que

ela cessaria em breve. Mas agora eu teria que lidar com a perda de Luka por toda *uma eternidade!* Arfei, os braços cruzados no peito, impedindo-me de esfacelar-me em pedaços. Agora a Morte me queria, porque notou que eu sofreria muito mais continuando a existir!

Ela era muito esperta. Deixou-me sofrer por antecipação, pensando que iria morrer. E quando finalmente eu já tinha me conformado com a ideia e acalmado a tormenta, ela fez com que o mundo desmoronasse sobre minha cabeça outra vez – *não* morrer. Continuar a existir e lidar com a dor por anos a fio. Sofrimento dobrado, confusão, perplexidade.

A Morte não gostava de gente. A Morte gostava de *dor*.

– Miss Valente...? – era a voz da diretora. Não dei atenção.

– Lara? Você está bem? – ouvi a voz bondosa do Sr. Wood. Ele merecia minha atenção, mas eu não consegui reagir.

– Não sei – foi minha resposta. Olhei de repente para as expressões confusas deles. – Estou saindo. – E então virei às costas e saí da sala, voando pelos corredores, ansiosa por chegar ao meu quarto. Esbarrei em alunas que não ousaram reclamar. Elas podiam ver o ódio dilatando minhas pupilas. Ninguém queria ter o pescoquinho magrelo torcido.

Escancarei a porta do quarto e encontrei Mayumi sentada na minha cama, as mãos envolvendo os joelhos, a expressão aflita. Levantou-se de um salto, perguntando com urgência:

– E então?!

Pisquei atônita com a notícia que eu mesma tinha a dar.

– Eles me deixaram ficar.

Mayumi colocou as mãos sobre a boca e deu um grito. Encurralou-

me num abraço de urso – que provavelmente fraturou duas ou três costelas. Depois se afastou, segurando meus ombros. Seus traços encontravam-se distorcidos em alegria. Um sentimento incompreensível para mim.

– Eu sabia que eles não abririam mão de você! – enganchou-me em outro abraço. – Mas que droga, ainda mato esses caras por darem esse susto na gente. Mato outra vez!

Quando ela me soltou, ainda estava histérica. Fiquei preocupada.

– Santo Deus, você precisa de uma água com açúcar?

Ela batia palmas em empolgação, os olhinhos brilhantes.

– Eu não estou histérica, estou em êxtase! Por que? Você precisa? – Ela devia estar tentando desvendar os mistérios do meu estado mental. Mal sabia ela que eu não estava sentindo... *Nada*.

Na obsessão por me tornar forte, eu me tornei de ferro. Encarei-a.

– Guarde a água com açúcar. Preciso é de um porre.

Ela abriu um sorriso.

– Pensei que você não fosse pedir.



Lembro-me somente de fragmentos daquela noite. Recordo-me de Mayumi tirando a garrafa do alcance das minhas mãos, enquanto eu caía no gramado lá fora, rindo e chorando ao mesmo tempo, as pernas trêpegas. Roubei a garrafa das mãos dela e virei um gole ardente de uma vez só, fechando os olhos e suplicando por um subterfúgio da tristeza, uma fuga.

Qualquer coisa.

E deu certo. Por aquelas horas de alívio, eu não pensei nas faltas da minha existência: a falta *dele*, a falta de amor, a falta de sentido e de felicidade. Não pensei nos anos eternos de tristeza que me esperavam, nem em quão miserável eu havia me tornado. Não pensei que todos os vazios tinham o nome dele, e, quando eu fechava as pálpebras, o escuro que me envolvia era a negritude dos seus olhos, felinos, ardendo, roubando minha sanidade.

Não pensei na família que ele havia me roubado, nos meus ossos quebrados no fundo de um precipício – e no amor doentio que eu não deveria sentir. Não pensei que eu amava meu próprio assassino.

Não pensei que a ausência dele, esmagadora e sufocante, gritava no silêncio assustador do meu interior; nem que eu já não sabia mais o que fazer comigo, agora que, sem ele, nem o mundo dos vivos nem o dos mortos fazia qualquer sentido, era uma existência vazia, sem objetivo.

Estrada vazia, rumo incerto, tudo sem vida, lugar nenhum.

Não pensei que eu sentia tanta tristeza a ponto de não sentir mais nada. Não pensei. Só bebi. No meio de tudo aquilo lembro-me de ter uma crise histérica de risos pensando na minha inocência, na minha estupidez. As pessoas passavam no gramado fora do castelo, encarando-me.

A vida é falha. Ela é uma grande ferida aberta, incessantemente ardendo. Não dá para passar por ela ilesa. O amor é o único alívio em meio ao fardo de dor que todo ser humano carrega. Mas o amor nunca foi para mim e fui estúpida ao pensar que seria dessa vez.

Minhas lembranças sobre o restante daquela noite se resumem a isso. Disso e de um vendaval. Chovia dentro de mim.

E a tempestade que chegava, era da cor de uns olhos negros.



Meses se passaram. Os Ivanovicks sumiram da Escola. De vez em quando, eu via Alicia ou Nikolai passando por um dos corredores, mas nenhum dos dois olhava para mim. Desviavam o rosto e sumiam rapidamente. Mas esses acontecimentos eram tão esporádicos que, no geral, todos comentavam que os Ivanovicks haviam abandonado a Escola da Noite de vez.

– Será que o Luka Ivanovick vem hoje? – Claire Stryder, uma das gêmeas estadunidenses, perguntou distraída. Uma esperança infundada inflamou meu coração, há tempos inerte.

Estávamos no vestiário feminino do grande estádio, tentando entrar nos uniformes de líderes de torcida. Era a noite do quarto e último jogo do campeonato. O segundo e terceiros jogos foram há semanas, mas *ele* simplesmente não apareceu. Santiago e Ian tiveram que suar a camisa para ganhar dos colombianos e argentinos sozinhos.

As meninas conversavam animadamente, mas um silêncio se abateu sobre o vestiário após a pergunta de Claire. Automaticamente, vários pares de olhos penalizados se viraram para mim. Eu, que estava sentada encolhida num dos longos bancos, a cabeça recostada num armário, só desviei os olhos, apática demais para expressar qualquer reação. Mas, no fundo, eu recuei como um animal ferido. O que não estava longe da verdade. Eu pensava pouco, quase nada. Animalizara-me só para sentir. E não sentia nada além das dores da ferida – não sobrava espaço. Depois de dois meses

com todos evitando falar o nome dele, ouvi-lo outra vez era tortuoso.

Claire, debruçada sobre um dos bancos na tentativa de colocar suas meias de renda, parte do uniforme de líderes de torcida, olhou para cima assustada, finalmente percebendo o que havia falado. Colocou uma mexa do cabelo louro para trás da orelha, desconcertada.

– Hã, Lara... Me desculpa – olhou para mim timidamente. Depois observou ao redor, constatando aliviada que Amy não estava mais no vestiário. Esse nome feria a nós duas.

Eu me levantei, pronta há muito mais tempo que as outras. Ultimamente eu não tinha ânimo nem para passar maquiagem. Revirei os olhos para demonstrar indiferença. Não convenci ninguém.

– Fiquem calmas, meninas. Não me tratem como se eu fosse de açúcar. Não vou me esfacelar.

Claire sorriu fraquinho, constrangida demais para fingir que estava tudo bem. As outras rapidamente mudaram de assunto após um silêncio estranho. Ninguém acreditou no que eu disse. Nem mesmo eu.

Nós fomos chamadas para entrar no estádio, mas Mayumi ficou para trás comigo, deixando as meninas irem à frente. Laila e Aisha nos lançaram olhares, entendendo que queríamos ficar sozinhas.

A japonesa parou na minha frente, essa noite brilhando em tons de negro e dourado em seu uniforme.

Falou em sussurros urgentes, uma vez que tínhamos questão de segundos.

– Lara, esse jogo vai ser pesado. Os alemães são fortes. Eu não creio que Luka irá aparecer, mas quero que você saiba que há uma possibilidade de isso acontecer. Faz dois meses que você não o vê, e, se isso for te magoar, é melhor você nem ir lá fora. Nós sabemos a coreografia e

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

podemos nos adaptar. – Mayumi era o tipo de pessoa que conseguia ser levada a sério mesmo com uma maquiagem dourada berrante espalhada por toda a cara.

– Está sugerindo que eu me esconda? – era tudo o que eu queria fazer. Mas em voz alta soava muito covarde. E de fato era.

A japonesa deu de ombros.

– Se é o que você precisa, eu vou te acobertar.

– Obrigada, Mayumi – agradei de coração – mas não vou me esconder. Eu sei que ele não vem, mas, se vier, não vou fugir. Eu não sou ladra de nada. – Mayumi não entendeu muito bem essa última frase, pois não sabia o que Luka havia me roubado: a própria vida. Além do Conselho da Escola, eu era a única a conhecer a identidade do meu assassino. Por algum motivo, contar para alguém parecia uma imensa traição, como se o segredo da minha morte não fosse meu, e sim *dele*.

Eu não contei nada para ninguém. Minhas amigas não me ouviram falar por horas e horas – eu não era do tipo que botava para fora. Guardava tudo bem dentro, tão íntimo, tão meu.

Por dentro, eu me estilhava. Ferida e perdida. Mas, por fora, construí ao meu redor a Muralha da China. Eu era de ferro, e meus muros ninguém ultrapassava.

Adentramos no campo sob uma salva de palmas estrondosa. Hoje o estádio estava duas vezes mais lotado – era a final do campeonato, afinal. Pessoas de todo o mundo dos mortos vieram assistir.

Quando entrei no campo, uma mulher chocantemente parecida com a minha mãe começou a gritar meu nome da arquibancada. Não sei como consegui a ouvir no meio dos meus saltos e de todo o barulho ao redor, mas

quando olhei para trás, ela estava acenando. Arregalei os olhos. Não deu tempo de me aproximar – as meninas já estavam correndo para o meio do campo e começando a coreografia. As dezenas de luzes do estádio estavam focadas em mim, e eu podia ver meu rosto no grande telão.

Não sei por que aquela mulher me chamou a atenção. Deduzi que eu me lembrava dela de alguma foto de família, ou alguma memória distante... Talvez essa mulher tenha sido uma das minhas tias avós que morreram cedo demais. Mayumi me avisou que essas coisas estranhas poderiam acontecer. No mundo dos mortos, você acaba encontrando quem menos espera.

Já no meio do campo, nossa coreografia de *funk* começou. As pessoas se levantaram, enlouquecidas. O ritmo era realmente contagiante, temperando com o ritmo quente e brasileiro as frias terras inglesas. Eu podia ver as expressões estarecidas das líderes de torcida alemãs, amontoadas em seu banco do outro lado do campo. No telão, os rostos sorridentes e provocantes das minhas amigas, realizando com perfeição o que ensaiamos. E ali estava eu, no meio delas. Dançando – porém com a expressão séria, destoadada do meu habitual. Sorrir era uma impossibilidade.

Fogos de artifício dourados encerraram nossa apresentação, em que Laila terminava no topo de uma pirâmide altíssima, sustentada pelos meninos e pelas gêmeas Stryder. Os fogos explodiam atrás de nós, tomando a forma do leão da Escola dos Mortos e logo depois se esfacelando como uma chuva de ouro, em seguida sumindo no céu escuro.

As meninas acenaram e sorriram para as câmeras, mas eu passei direto, ansiosa por chegar ao meu lugar no banco. Como fiquei sabendo depois, as câmeras que cobriam o campeonato e, mais tarde, os Jogos de Caça, eram especiais – porque nós, mortos, não aparecíamos em fotos. Uma tecnologia do mundo dos vivos não podia capturar nossos corpos

transcendentais, de outro universo.

O time da escola alemã entrou correndo no campo, e sua torcida gritou. Eram imponentes, e metiam medo. Fortes, em sua maioria louros dos olhos azuis. Dava para sentir a tensão da nossa torcida – os alemães não chegaram à final à toa. Por sermos a Escola sede, tínhamos privilégios na classificação – mas mais do que isso, tínhamos *Luka*. O trunfo, a garantia e a salvação – mas isso *se* ele aparecesse. Além do mais, os alemães tiveram que enfrentar várias outras escolas para chegarem até aqui.

Ou seja: estávamos ferrados.

Eles eram mais dedicados, mais esforçados e determinados. Tudo vinha sendo muito fácil com Luka no time, mas a Escola dos Mortos, nesse jogo, não tinha nenhuma garantia.

Quando nosso time entrou no campo, eu mal conseguia me mexer, tamanha a ansiedade. Embora eu estivesse magoada e apavorada, todo o meu corpo ansiava por vê-lo – saber que ele estava vivo e bem – que ele ainda *existia*. Eu precisava ter certeza disso para seguir com essa existência idiota no mundo dos mortos. Saber que ele estava aqui, em algum lugar.

Quando os meninos adentraram correndo no campo sob aplausos estrondosos, liderados por Santiago, meu coração morto se encolheu em um canto qualquer, mais uma vez frustrado. Luka não viera. E aquilo estava me matando outra vez. Será que ele já tinha ido embora para o mundo dos vivos?

Meu Deus, e se eu nunca mais o visse?

Meu estômago se contraiu, o coração se encolheu e eu arfei diante da possibilidade. Deus... Corações mortos podiam arder feridos, como faziam o dos vivos? Corações mortos podiam se sentir assim?

– Lara! – alguém gritou. Ergui os olhos e percebi que todas as garotas estavam de pé, agitando seus pompons para receberem o time. Só eu permanecia sentada. – Levanta, mulher. – Mayumi sussurrou urgentemente, consciente de que logo as câmeras flagrariam minha gafe.

Eu me levantei e comecei a gritar palavras de incentivo que não significavam nada para mim, e assim o jogo começou. No começo, estávamos equiparados. Santiago, Ian e Liam McFearley eram bons, e por muito tempo sustentaram a pressão dos alemães. No final do primeiro tempo, a situação começou a se complicar. Dois a dois para os alemães – nossa torcida gritava, aflita. Três a dois para os alemães – já começamos a nos tornar hostis... Quatro a dois – berros, desespero, desesperança. Íamos perder justo agora, quando faltava tão pouco para levar a taça do campeonato? Justo quando competido depois de anos em nossa própria Escola?

E, então, finalmente, cinco a dois para os alemães. Nada de desespero ou berros. Só silêncio. Quando terminou o primeiro tempo, o nosso lado do estádio estava calado; nenhuma bandeira erguida, nenhuma banda, nenhuma líder de torcida de pé. O técnico nigeriano gritava com o time, mas mesmo assim Ian e Santiago mantinham a cabeça erguida, demonstrando que, no mínimo, sabiam perder com dignidade.

O segundo tempo começou, mas ninguém tinha mais esperanças. Quando um atacante alemão chegou perigosamente perto do nosso gol, eu escondi o rosto nas mãos, não querendo ver nossa humilhação pela sexta vez.

Mas então algo muito estranho aconteceu. Nossa torcida começou a gritar de empolgação, desviando a atenção do atacante alemão e fazendo com que ele perdesse a bola. Sr. Sakwand, o técnico, também gritava em

um inglês urgente, carregado de sotaque. “Parem esse jogo! Apite agora mesmo, juiz!”

Eu ergui o rosto para ver o que estava acontecendo, e o técnico praticamente enfartava em seu lugar, tentando chamar a atenção do juiz. O mesmo foi até lá descobrir qual o motivo da confusão. Os dois conversaram por um momento. Pareciam estar discutindo.

Através do telão, pude ler seus lábios.

“À uma altura dessas? Não posso parar o jogo por causa disso! É contra as regras!”, rebatia o juiz.

Sr. Sakwand se aprumou em seu lugar, erguendo toda a sua massa de músculos e fitando o juiz com uma expressão ameaçadora. Apontou um dedo na cara dele.

“Ou você faz o que eu estou falando, ou uma torcida furiosa inteira vai fazer questão de arrancar esse apito de você e pausar o jogo ela mesma. E eu vou ajudar.”

O juiz ainda tentou estufar o peito magrelo. “Impossível, senhor. É contra as regras.”

Mas o nosso técnico não era o tipo de homem que aceitava não como resposta: “Olhe bem para onde você está. Nossa casa, nossas regras. Pare essa porcaria. Eu quero o Ivanovick no jogo agora!”

Ofeguei. O quê? Luka estava aqui? *Onde?!*

– Oh, meu Deus – Amy arfou do meu lado, e eu segui seu olhar ansioso, faminto. Nós duas só vimos naquele momento o que a torcida já tinha visto há muito tempo: Luka. Parado na entrada do estádio, já de uniforme, pronto para entrar em campo. Braços cruzados, queixo erguido em arrogância, olhos negros queimando.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eu senti tudo ao mesmo tempo. Desespero, alívio, uma alegria arrebatadora e uma tristeza maior ainda. *Ele ainda existe, e está bem aqui* – euforia, desespero. Como se a lava de um vulcão esquentasse meu coração há muito gelado – deixando-o em carne viva.

Mais preocupado com a expressão ameaçadora de Luka do que com os urros de uma torcida furiosa, o juiz não viu alternativa a não ser apitar e gritar “Substituição!”

Os alemães se revoltaram, mas Luka já tinha invadido o campo. Tudo foi muito rápido. O juiz apitou para que o jogo recomeçasse, e logo foi escoltado por uma multidão furiosa da equipe técnica dos alemães. Nesse momento meus olhos estavam presos em Luka, bebendo de sua imagem. Mas depois fiquei sabendo que o juiz os dispensou dizendo: “casa deles, regras deles.”

Luka corria pelo campo com a elegância de um tigre. Logo ele realizou seu milagre, empatando o jogo. Agora nossa torcida já estava novamente de pé, todas as meninas gritando, pulando com seus pompons, cantando o nome de Luka.

Mas eu permanecia imóvel, sentada no meu lugar, indiferente às ordens para que eu me levantasse. Meus olhos estavam fixos *nele*, meu corpo paralisado. Dois meses se passaram e eu percebi que minhas memórias não fizeram jus a ele: Luka era ainda mais lindo do que eu me lembrava. Toda a dor, atração voraz e magnetismo que ele me provocava, antes apaziguados, agora voltaram duas vezes mais potentes.

Enquanto ele corria naquele campo, milhares de pessoas o adulavam, enxergando-o como uma espécie de deus. Já eu via o meu assassino, lindo e terrível, um caçador perigoso desviando dos obstáculos e atingindo sua presa. Quanto mais eu bebia de sua imagem, mais eu confirmava: eu

precisava de Luka.

Com toda a força que alguém pode desejar outra pessoa. Com toda a entrega e desespero. Tanto que eu mal podia me mover.

O peso esmagador da falta que eu sentia dele não deixava que eu me levantasse. Dobrava meus joelhos, encurvava meus ombros. Quantas vezes, tarde da noite, eu pensei que iria morrer outra vez, tamanha a falta que eu sentia do amor dele. Só não morria porque, no último minuto, eu me lembrava: *ah, espera aí. Eu nunca tive o amor dele.*

São estranhas e curiosamente mais dolorosas essas saudades que a gente sente do que nunca nos pertenceu. Esses vácuos de memórias que nunca existiram de fato, mas de tanto serem imaginadas na solidão de nossas camas, parecem verdadeiras.

O clima, as luzes, os fogos, o telão, os gritos, os jogadores voando pelo campo... Todos eles eram só figurantes no meu foco de atenção. A tensão de ver Luka tirava o meu ar e tornava a final do campeonato mais dramática.

E então... Algo chocante aconteceu. Um alemão, já irritado com o novo e inatingível jogador, percebeu que não poderia ganhar a partida. Em sua mente desesperada, utilizou um último recurso: correu na direção de Luka e lhe deu um esbarrão com a óbvia intenção de machucar. Ele sabia que seria expulso – mas com Luka lesionado, nosso time ficaria desfalcado e eles teriam a chance de vencer o campeonato. Seria sujeira – mas uma sujeira efetiva.

Sua atitude estarreceu a torcida e até seus colegas de time, que até aquele momento vinham lutando por uma vitória limpa. Mas a estratégia tomou um rumo que ninguém esperava – muito menos o iludido jogador alemão.

Ele não previu que Luka era praticamente feito de aço. Quem acabou caindo no chão foi o próprio alemão, o que desencadeou uma gritaria de “uhs” na arquibancada – do lado da torcida alemã, de espanto. Do nosso lado, a expressão do doce sabor da vingança. O alemão foi vítima de sua própria estupidez e a Escola da Noite adorou isso, que por um momento fugaz ficou preocupada com a possibilidade de machucarem Luka.

Desde que Luka entrou em campo, foi a primeira vez que eu me levantei e gritei: “toma, idiota!” Vários pares de cabeça se viraram para mim. Eu os olhei de soslaio, repentinamente constrangida.

Voltei para o meu lugar com as meninas rindo da minha cara. Até eu tive que soltar um sorrisinho com a situação.

No entanto, a reação de Luka espantou e calou todo o estádio. A câmera focalizava seu rosto, e no telão sua beleza alucinante era ampliada até o limite da sanidade. Ele ficou imóvel como uma pedra, sem ao menos vacilar diante do empurrão do alemão. Com o queixo erguido, olhou para baixo, meio surpreso ao ver o adversário ali, caído no chão, com uma mão segurando o ombro machucado pelo impacto e os olhos azuis chocados.

Quando Luka se agachou com a elegância de um tigre, todo o estádio segurou o ar que não precisava. E, então, quando ele colocou as mãos sobre o ombro do alemão, houve um arfar coletivo ecoando pelas arquibancadas. Ouviu-se um estalo ampliado pelos microfones e o alemão gritou de dor. Parecia que Luka havia terminado o trabalho – se ombro do adversário não havia se quebrado antes, agora havia.

Eu fui a primeira a me levantar, ofegando: “*não*.” Ele não podia ter machucado o cara de propósito – não na frente de todo mundo. Todos se chocaram diante daquela brutalidade – mais estarrecedora porque consistia numa vingança fria e calculada. Não foi feita por impulso, como a reação

estúpida do jogador alemão. Foi uma atitude lenta, movida por pura maldade.

O alemão soltava urros de dor enquanto rolava pelo gramado. Luka se levantou e ficou olhando a cena de cima, gelado e inabalável. Os jogadores começaram a se aproximar, indignados – embora ninguém ousasse agredir Luka diretamente, nem verbal, nem fisicamente. O garoto simplesmente tinha uma aura que afastava os outros, como se o instinto de sobrevivência de cada um sussurrasse “perigo” enquanto ele estivesse por perto.

As meninas ao meu lado se levantaram, as mãos cobrindo as bocas, perplexas. Todos nas arquibancadas também saltaram de seus lugares, uns berrando palavras de indignação, outros chocados demais para fazer qualquer coisa além de encarar. Os alemães eram nossos adversários, não nossos inimigos. Queríamos ganhar deles – não quebrar seus ossos!

No mundo dos mortos, onde ossos não se regeneram, isso era equivalente a um crime. O osso quebrado iria deformar o garoto alemão para sempre. Nada mais de futebol, esportes e muito provavelmente vida social – as consequências perdurariam por toda uma eternidade. E Luka simplesmente... Fez isso. Condenou-o.

Eu me encontrava imóvel em meu lugar, sem nem mesmo piscar. Os pompons idiotas estavam no chão, e, nas mãos, eu segurava meu coração destroçado de vez.

O narrador do jogo gaguejava nos microfones, tentando encontrar palavras que descrevessem ou mesmo justificassem aquela situação. O grande telão focalizava Luka olhando para baixo, olhos negros enigmáticos, desinteressados. Ele não se arrependia – e a multidão se revoltava com isso.

Mas eu não sentia o ódio das pessoas ao meu redor. Todos agora repudiavam Luka – ele era um psicopata, afinal. Frio, simplesmente *mau*,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

que cometera uma vingança absurda na frente de um estádio lotado, sem sequer hesitar.

Mas vasculhando nos recantos sofridos de minha alma, eu não encontrei nenhum ódio ao olhar para o garoto de olhos negros, gelados. Senti só uma imensa tristeza, espalhando-se pelo meu espírito, como uma enchente triste e fria, que vai tirando tudo do lugar por onde passa.

Meu amor continuava intacto, mesmo que não houvesse motivos para amá-lo. E quando as meninas ao meu lado começaram a gritar “monstro!”, “expulsão!”, foi a primeira vez que olhei com raiva para minhas amigas, desde que as conheci. Senti o impulso de defender o garoto, ou talvez colocar meu corpo entre ele e a multidão raivosa, para que todo aquele ódio não o ferisse.

Eu não podia ficar ali ouvindo aquilo. Saí correndo para longe do banco das líderes de torcida, adentrando na arquibancada aos solavancos. As pessoas saíam do meu caminho. Sentei-me em um lugar onde ninguém podia me ver, em meio à multidão.

Enquanto isso, o médico do time alemão correu para o campo, onde ao redor de Luka e do garoto ferido se formava uma multidão de jogadores raivosos e duas equipes técnicas indignadas. Com exceção de Luka, todos se afastaram para que o médico examinasse o garoto ferido.

O médico movimentou seu ombro, mas, estranhamente, o garoto parara de gritar. Parecia estar se acalmando, como se a dor estivesse passando. O médico franziu a testa, encontrando um diagnóstico pelo qual não esperava. Através dos microfones espalhados pelo campo, sua voz cheia de sotaque foi como um banho de água fria para todos.

“Está... Curado. Não há mais lesão nenhuma aqui. O ombro estava deslocado, mas já o colocaram no lugar.”

Arfei – assim como todo o resto. O narrador do jogo, perplexo e eufórico, gritou pelos alto-falantes.

“Meus Deus, parece que houve um grande equívoco aqui, pessoal! O artilheiro do campeonato, Luka Ivanovick, acaba de salvar o jogador camisa dez, Friderich Rueckl, da Liga Universitária da Noite de Berlim! É isso mesmo que vocês ouviram! Luka Ivanovick acaba de colocar o ombro deslocado de Friderich no lugar! Não houve falta! Houve uma prestação de socorro!”

Quem gritava, se calou. Milhares de rostos envergonhados apareceram no telão, enquanto a câmera os filmava para dar mais dramaticidade à situação. Muitos se sentaram, muitos trocaram olhares constrangidos – mas a maioria encarava Luka de boca escancarada.

Depois da perplexidade, olhei para as pessoas ao redor que endeusaram Luka em um momento, para no próximo segundo exigirem sua cabeça – e entendi perfeitamente porque ele nunca quis ser uma celebridade. Era uma posição infiel.

Todos os jogadores e a equipe técnica fitavam Luka com surpresa e admiração, que até aquele momento não tinha emitido nenhuma palavra, não fazendo questão nenhuma de se defender. Ainda calado, Luka estendeu a mão para o jogador alemão, já parecendo entediado com todo aquele drama. Aquela reação espantou o estádio inteiro, e, confesso, me emocionou. Meu coração se inflou de respeito por ele, por um momento escolhendo esquecer que deveria odiá-lo, concedendo-me breves segundos de felicidade.

Constrangido, o jogador alemão aceitou a oferta e se levantou com a ajuda de Luka, movimentando o ombro, como se para se certificar de que ele estava no lugar. Em seguida, murmurou um “obrigado, cara” tímido, e

era quase engraçado de ver um homem daquele tamanho envergonhado. Friderich foi substituído e o narrador do jogo, ansioso por acabar com todo aquele constrangimento, falou a frase que todos rezavam para ser dita:

“Bem, agora só nos resta continuar o jogo. E apita o árbitro! A bola entra em campo em posse da Escola da Noite... Mas, ei, esperem aí. Eu estou vendo direito ou o Ivanovick acaba de pegar a bola nas mãos e interromper o jogo?”

O juiz apitou e correu para o meio do campo, as mãos estendidas como se para perguntar: *que merda está acontecendo aqui? Já não tivemos interrupções suficientes?*

As câmeras focalizaram em Luka e nós pudemos ler seus lábios quando falou. Ele havia pegado a bola no chão e a mantinha debaixo de um dos braços, estático como uma pedra, a expressão indiferente.

– Não sei por que alguém cometeria a estupidez de confundir minha gentileza com um ato de perdão. Tenho uma falta para o meu time e a quero agora.

Ouviram-se urros de aprovação na nossa torcida, e os jogadores do time da Escola trocaram olhares maliciosos. Até eles tinham que admitir: ninguém enrolava Luka.

A primeira reação do juiz foi tentar reagir à ousadia, mas a onda de protestos que se espalhou pela nossa torcida e pelos próprios jogadores da Escola, que se aproximaram para aderir à causa – ainda que evitassem falar diretamente com Luka – intimidou o juiz, que não viu alternativa a não ser ceder à pressão. Mesmo porque, sob uma análise crítica, estávamos certos.

Com toda a confusão, havíamos esquecido a intenção inicial do jogador alemão: quebrar uma ou duas costelas de Luka e acabar com o

problema de todos os seus adversários. Luka o ajudou porque não precisava jogar sujo para vencer – mas a questão era exatamente essa: *vencer*. O garoto havia se dado ao trabalho de finalmente aparecer aqui para isso. Luka não toleraria não ser levado a sério.

Faltavam poucos minutos para o término do jogo, e ao meu redor sabia havia aflição e uma pontinha de esperança no rosto das pessoas. Em um colégio como o nosso, onde *status* e vida social são tudo, ganhar um campeonato como aquele era vital. Pelo que eu percebia, os visitantes de outros lugares também levavam essa história muito a sério. Afinal, eventos como esse eram muito esperados, pois o mundo dos mortos não era tão dinâmico quanto o dos vivos.

Quando não se precisa comer, ninguém tinha que trabalhar para colocar comida na mesa. Imagine a quantidade de tempo livre que essas pessoas teriam para se preocupar com futebol. Distrair-se por toda uma eternidade poderia ser complicado em alguns casos. Menos na Escola da Noite, é claro. Aqui, “tédio” era uma palavra desconhecida. E era exatamente assim que eles nos controlavam: distraindo-nos.

O juiz decidiu que Luka teria sua falta, e o garoto simplesmente colocou a bola debaixo de um braço musculoso e foi andando calmamente por toda a enorme extensão do gramado, até chegar ao gol adversário. Ao seu redor, os jogadores se posicionavam, os maxilares trincados em tensão – o cronômetro anunciava o final do jogo em breve. Luka era nossa última chance.

As duas torcidas estavam de pé, ambas aflitas por motivos diferentes. Eu também me levantei, mas não estava nem aí para o jogo. Olhava para Luka e tentava entender como é que ele aguentava o peso de tanta responsabilidade com tamanha indiferença. Será que ele era humano? Será

que *nada* afetava esse garoto?

Não, uma voz dentro de mim respondeu. *Nem mesmo você conseguiu.*

Eu quase não aguentava admitir isso para mim mesma, uma vez que além de ferir meu coração, feria meu orgulho. Para uma pessoa que sofreu tão poucas rejeições na vida como eu, uma decepção com a potência de Luka Ivanovick era quase insuportável. Eu quase desejei ter sofrido algumas outras em forma de ensaio, de modo a lidar melhor com essa. Não era saudável para ninguém apaixonar-se a primeira vez na existência por alguém como ele.

E embora Luka não soubesse amar, tinha um enorme potencial para ser amado. E igual potencial para destruir centenas de corações.

Naqueles segundos tensos, minha cabeça estava bem longe do jogo. Tudo o que eu desejava era não ser mais eu, a garotinha Lara Valente, para ser qualquer outra coisa que pudesse pertencer a ele. Abrir mão de tudo para ter os olhos dele presos em mim por só mais um segundo. Para que eu pudesse *sentir* algo além dessa névoa indiferente – só assim essa minha existência vazia faria sentido.

Um fato curioso sobre mim é que, depois que conheci Luka Ivanovick, eu me pegava tendo necessidades que nunca me incomodaram antes. Necessidade de sentir algo profundo, potente, à flor da pele. Agora eu não me contentava com sentimentos baratos, passageiros, mais ou menos qualquer coisa. Quando ele estava por perto, meu corpo morto se sentia inexplicavelmente *vivo*, funcionando. Como se meu coração voltasse a bater.

E isso era uma total loucura, eu sei. Loucura pensar que eu precisava do garoto para conseguir aguentar o fardo de ser eu mesma. Porque, sozinha, nos anos e anos que vinham pela frente, eu simplesmente não

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aturaria a minha própria companhia. E como separar-me de mim mesma e ir embora com ele, na mala, no bolso, em qualquer lugar que ele pudesse me levar? Qualquer lugar que eu não incomodasse.

Já em seu lugar, Luka posicionou a bola em seu pé, flexionou o pescoço de um lado a outro, o maxilar trincado em concentração, os olhos negros ardendo, focados. O goleiro do time alemão tentava encará-lo em vão. Os olhos do garoto ardiam tanto que as labaredas do fogo podiam tocar-nos. Era impossível fitá-lo muito tempo sem se queimar.

O juiz apitou e Luka bateu sua falta com elegância e potência. A bola voou tão velozmente que ninguém viu quando atingiu o canto da rede num ângulo perfeito. O juiz apitou. Fim de jogo. Ganhamos.

Nossa torcida explodiu em gritarias e aplausos, e as meninas invadiram o campo com seus pompons, eufóricas.

De longe eu vi Mayumi se virar para o lado, me procurando. Seus olhos azuis voaram pela arquibancada, e por mera questão de sorte me encontraram em meio à multidão. Ela franziu a testa. *Que diabos você está fazendo aí?*

Os alemães, revoltados, mas calados, saíram do campo para dar espaço à nossa festa. E enquanto nossa torcida abria bebidas, balançava bandeiras e jogava as crianças para cima, a deles saía do estádio o mais discretamente possível, ansiosa por esquecer a decepção e as esperanças infundadas. *Quem sabe no próximo campeonato.*

Não – pensei comigo mesma. Não se Luka ainda estiver aqui.

Foram momentos constrangedores quando os caras do time correram automaticamente para Luka, com a óbvia intenção de jogá-lo no chão e pularem por cima dele, uma comemoração masculina que eu nunca irei

entender. Mas Luka só ergueu a sobrancelha ao perceber a intenção deles. Santiago rapidamente acenou uma vez com a cabeça, a máxima congratulação que seu ego orgulhoso poderia oferecer a Luka. Acostumado a ser sempre a estrela dos jogos, o espanhol ainda estava aprendendo a deixar outra estrela brilhar.

Ian foi um tanto mais ousado, aproximando-se de Luka e lhe dando um breve tapa no ombro. “Isso aí, cara”, e rapidamente se afastou. Luka somente acenou uma vez com a cabeça para ele, sua versão silenciosa de agradecimento.

Mesmo que em lados opostos do campo – em lados opostos da vida –, Luka e eu estávamos completamente deslocados naquela situação. Uma verdadeira euforia acontecia ao nosso redor, mas nenhum de nós dois participava dela. Eu, porque me encontrava despedaçada demais para fingir sorrisos. Luka, eu não sei. Talvez a felicidade simplesmente não fizesse parte da personalidade dele – talvez ele nem soubesse o que era isso.

Observando com seus olhos negros e arrogantes a festa ao seu redor, o garoto se encontrava imóvel e silencioso, analisando as manifestações quase bobas de euforia humana. Como se ele fosse um deus da ira e da beleza, frio e lindo, observando curioso como os mortais poderiam ser tolos. Nenhuma euforia o atingia, nenhuma emoção o abalava.

Em certo momento, Luka pareceu se cansar do que via e virou as costas para ir embora. Observou seus irmãos no alto da arquibancada, acenando uma vez com a cabeça para eles, indicando que o seguissem.

Nikolai respondeu com a cabeça e Alicia levantou-se, também entendendo.

Sentada na arquibancada, eu tive que me segurar nas bordas do assento para não correr até ele – e se essa fosse a última vez que eu o estivesse

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vendo? E se Luka fosse embora amanhã, para o mundo dos vivos, viver e crescer – e abandonar-me aqui, nesse universo esquecido por Deus, na minha eterna adolescência e vicariedade?

Porque eu não via caminhos para seguir sendo eu mesma se ele não existisse. *Dentro* de mim, comigo, por mim. Já havia muito de Luka em meu interior, e como arrancar o que era dele aqui dentro agora, de repente?

Enquanto ele ia embora, eu encarava suas costas torneadas com todo o desespero que algum dia já senti – muito mais do que quando acordei em um caixão. Queria correr atrás dele, interceptá-lo e dizer: *estou aqui, merda. Sempre estive aqui. Por que não pára com essa insanidade de não me amar?*

Estranhamente, os olhos de Luka voavam pelo estádio, procurando algo que eu daria um braço por saber o que era. Ele desviava das pessoas, esticando o pescoço, vasculhando. As íris negras iam de um lado a outro, tentando encontrar o quê ou quem ele tanto ansiava.

Nos meus mais loucos sonhos, desejei imensamente que aquele “o quê ou quem” fosse eu. O problema era que Luka não podia me ver nem se quisesse. No meio de tantas pessoas pulando, eu estava escondida em meu lugar, sentada e minúscula, recolhida num canto em minha insignificância.

Através do grande telão, que filmava a euforia dentro do campo, pude ver um homem da equipe técnica correndo atrás de Luka aos berros.

– Sr. Ivanovick! Sr.Ivanovick!

Luka se virou, parecendo enraivecido por terem interrompido sua busca. Mas o funcionário da equipe tinha um recado a dar.

– Aonde vai? Você tem que levantar a taça do campeonato! Será entregue agora, e você foi escolhido por mérito!

– É, cara, volta aqui! – acenou Ian de longe. Isso lhe rendeu uma encarada nada amistosa de Santiago. – O que foi? – o inglês perdeu a paciência com Santiago. – Quem você sugere para fazer isso? Eu e você? Não é como se tivéssemos feito grande coisa.

Santiago só lhe lançou um olhar e virou as costas. Ian suspirou e deu de ombros.

Luka não demonstrou qualquer reação, mas eu podia ler a irritação em seus olhos. Ele não gostava que frustrassem seus planos – quem quer que ele estivesse procurando, era importante que fosse encontrado. Além disso, subir em um pódio e ficar ouvindo aplausos não era exatamente o sonho de Luka. Ele só queria encontrar o que era dele e ser deixado em paz.

Naquele momento, a voz estrondosa do narrador do jogo ecoou pelos alto-falantes.

“Atenção, membros da Escola da Noite e sua torcida! A taça do campeonato será entregue agora ao artilheiro do jogo, Luka Ivanovick, escolhido pelo time para erguer a taça em nome de toda a Escola da Noite Inglesa!”

Seguiu-se uma salva de palmas e assovios depois da notícia, e um rápido pódio foi montado no meio do campo, enquanto Luka esperava de braços cruzados cercado por todo o time. Os garotos acenavam para a torcida, aceitando as congratulações. Já Luka, não. Ele era a estrela do estádio e não estava nem aí para isso.

– Ei! – Mayumi apareceu de repente ao meu lado, empurrando as pessoas que pulavam ao meu redor. Por que você está escondida aqui?

– Não quero que a câmera me filme. – Respondi. Isso era verdade. A câmera por vezes se focava no banco das líderes de torcida. Eu não queria

que o mundo dos mortos inteiro apreciasse minha expressão fúnebre.

Em seguida, Laila e Aisha apareceram pulando e tropeçando umas nas outras, os olhos brilhando de empolgação.

“Ah, meu Deus, você viu aquele gol...”

“E a cara dos alemães...”

Catarina chegou logo atrás, não querendo ficar sozinha no banco das líderes de torcida. Amy e as gêmeas Stryder sumiram no meio da confusão.

“Agora é oficial. Estou apaixonada por Luka Ivanovick!”

“Cala a boca, Catarina!”, falaram em coro.

Mayumi se jogou ao meu lado, os pompons ridículos ainda nas mãos.

– Não acredito! Você esteve aqui o tempo todo e perdeu a comemoração.

Eu só lhe lancei um olhar. *Que se dane a comemoração.*

Ela suspirou e olhou para a frente, desanimando-se de repente ao refletir sozinha.

– Você está precisando de um porre. *Eu* estou precisando de um porre. – Seus olhos azuis-prateados se desviaram para Santiago, no campo ao longe. Ela suspirou outra vez. – O amor me faz querer beber.

Quando o estádio já estava organizado e todos haviam voltado para seus lugares, o narrador anunciou a entrega das taças. Primeiro, os alemães subiram ao pódio para receberem o troféu do segundo lugar. A torcida alemã que permanecera bateu palmas com orgulho, e os jogadores agradeceram e desceram do pódio com muita dignidade – eles chegaram até aqui e derrubaram várias outras escolas sozinhos, afinal. Se tivessem ganhado, seria muito merecido.

Nossa torcida também bateu palmas para os alemães educadamente, mostrando o verdadeiro espírito do campeonato: confraternização. No mundo dos mortos, os jovens simplesmente adoravam se encontrarem. Eventos desse porte eram desculpas para fazer novos amigos e novos romances.

Mas quando Luka subiu no pódio e levantou a taça dourada brilhante, as palmas passaram de educadas para eufóricas, estrondosas e quase insanas. As pessoas pulavam e desequilibravam a sólida arquibancada. As bandeiras tremeluziam no ar, as luzes do estádio tornaram-se pretas e douradas, o hino de nossa Escola foi cantado a plenos pulmões e fogos de artifício explodiram por trás de Luka, escorrendo em ouro líquido no céu escuro do mundo dos mortos.

Sob as luzes, com as mãos erguidas ao segurar a taça e os olhos negros misteriosos, Luka parecia lindo além da imaginação – tão lindo que eu tive que desviar os olhos para não me apaixonar ainda mais. O que vinha depois do amor? Qual era o limite? A insanidade?

Luka abaixou a taça quando a euforia diminuiu, e, para a surpresa de todos, apontou para o narrador do jogo, que a essa altura já tinha descido até o gramado com seu microfone e se juntara à festa. O homem pareceu confuso por um momento: *eu?*

Luka fez um sinal para que ele se aproximasse, e o homem de meia-idade clareou a garganta, desconfortável por ser o centro das atenções de repente. Ajeitou seu terno berrante e se aproximou do pódio. Eu fiquei abismada quando, através do telão, vi Luka pedir o microfone – ele estava querendo *discursar*?

“O quê?”, Mayumi estava chocada. “Ele vai falar? *O que* ele vai falar?”

“Nunca vi isso em dez anos”, comentou Aisha, igualmente atônita.

“Nunca falou com ninguém e agora vai falar para um estádio inteiro?”, Mayumi tinha as pálpebras arregaladas.

“Deve ser importante”, Laila emendou quando se recuperou do choque.

“Só vou dizer uma coisa: se preparem porque lá vem bomba”, adicionou Catarina, os olhos fixos à cena.

Se pudesse, meu coração dispararia no peito. Seria um discurso de despedida? Considerando que Luka estava indo embora em pouco tempo da Escola da Noite? Simplesmente não conseguia deduzir mais nada.

O estádio ficou calado quando Luka pegou o microfone. Não parecia nem um pouco intimidado por ter milhares de pessoas o encarando – mas, peculiarmente, havia uma tensão pesando seus ombros e uma tristeza nublando seus olhos sempre tão frios. Com aquelas íris negras, ele vasculhou o estádio, procurando por algo ou alguém. Pela primeira vez, o garoto parecia... Angustiado. Como se estivesse com medo de alguém não estar ali.

Por fim, ele suspirou, parecendo resignar-se.

– Não tenho nenhum discurso a fazer, porque a vitória foi merecida e foi de vocês. – A voz de veludo dele assombrou a multidão. O eco de um ofego geral foi ouvido nas arquibancadas; a maioria deles nunca tinha ouvido Luka falar, portanto ninguém esperava aquela entonação quente e hipnotizante. Se em silêncio Luka já fascinava, ao falar o garoto simplesmente *deslumbrava*.

Para a excitação das pessoas que o ouviam, ele continuou, os olhos estranhamente procurando alguém em meio à multidão.

– Faço isso porque não vejo alternativas para encontrar quem eu quero. Lara Valente, se você estiver aqui, quero que venha buscar o que é seu. Esse troféu... E eu.

Ofeguei. Assim como todo o estádio.

O mundo inclinou em seu eixo e meu coração despencou no chão, já nem podendo se quebrar mais. Imóvel e chocada, eu não emiti nenhuma reação enquanto todo mundo voltava seus olhos para mim bruscamente.

De soslaio, eu podia ver a expressão chocada das pessoas ao meu redor, refletindo a minha própria. Eu me encolhia entre Laila e Mayumi, ansiosa para que elas me escondessem.

Do banco das líderes de torcida ao longe, Amy se levantou de forma dramática, como se tivesse acabado de ser traída; segundos depois, virou as costas e foi embora, atravessando o gramado e sumindo estádio adentro. No entanto, ninguém de fato estava prestando atenção a ela. Muito menos eu.

“Ai meu Deus”, as meninas ao meu redor reprimiam a euforia, e Mayumi apertava tanto a minha mão de um lado que, Laila, do outro, sentia a necessidade de fazer a mesma coisa.

Luka voltou a vasculhar o estádio com os olhos, sem conseguir encontrar minha forma encolhida em meio à multidão, que me cercava e tampava.

“Meu Deus!”, o narrador do jogo já havia conseguido outro microfone, “que inesperado! Uma declaração de amor em plena final do campeonato! Nosso artilheiro está apaixonado, pessoal! E onde está a sortuda? Lara Valente, seja quem for você, apareça! Onde você está?!”

Se eu pudesse, coraria como um tomate e me esconderia por baixo do banco. Mas não consegui me mover. Só enxergava a ele, o deus grego

esculpido em mármore, lindo além da imaginação, como um anjo negro desafiando-me a descer até o mundo mais obscuro para encontrá-lo.

Venha buscar o que é seu. O troféu... E eu.

Isso estava mesmo acontecendo? Meu coração queria acreditar, mas minha racionalidade sabia que era uma realidade impossível.

Naquele momento, pareceu ridículo que as pessoas, em geral, tivessem pavor dos mortos. Luka Ivanovick era o único ser vivo em meio a centenas de cadáveres – e mesmo assim a pessoa mais perigosa e obscura daquele lugar. O veneno suave, irresistível, porém mortal – chegando em sua mais fascinante forma, sussurrando palavras doces em nossos ouvidos, tornando-nos vulneráveis e depois arremessando-nos de precipícios.

E então observando friamente nossos ossos se quebrarem enquanto nossa vida sangrava para fora.

Luka não era um desafio – era *o* desafio. Tudo nele dizia: *cuidado, garotinha, quem brinca com fogo, se queima. E quem sai no escuro, não pode ter medo da noite.*

Venha, venha até mim se você tiver coragem – era o que eu lia naqueles olhos negros, ampliado centenas de vezes na grande tela. No entanto, embora ainda houvesse desafio neles, a arrogância se foi. Naquele exato momento, Luka parecia quase... Humilde.

“Lara, por favor, onde você está?”, ele me presenteou outra vez com sua voz de anjo. Nunca o tinha visto tão exposto, *disposto*. Parado ali, a expressão de Luka era... Meu Deus – era *gentil*. Quase... Vulnerável.

Ele havia dito: Lara, *por favor... Por favor*. Nada de ordens. Era um pedido. *Apareça para mim*.

Todo esse tempo ele estava me procurando! Talvez, nesses meses de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

distância, ele tenha até... Sentido minha falta. Como se de algum modo eu tivesse algum valor para ele. Qualquer que fosse.

“Lara Valente! Onde está essa menina?! Temos um garoto apaixonado esperando aqui, pessoal!”, o narrador parecia deslumbrado com a situação, mas o homem não entendia nem metade do que aquele momento significava. Ele não via os paradigmas sendo quebrados, e dez anos de reclusão de Luka sendo extintos. Ele não via o garoto mais misterioso e fechado da Escola da Noite se expondo na frente de um estádio inteiro. Ele não via aquele estranho e novo reflexo de vulnerabilidade nos olhos do garoto.

Não. O narrador do jogo não sabia que nós estávamos fazendo a maior descoberta daquele colégio em dez anos: Luka Ivanovick era *humano*.

– Lara, vai! – Mayumi tentou me levantar, mas eu travei em meu lugar.

– *Não*. – Praticamente rosnei.

– Mas que merda, *por que* não, sua maluca?! – Mayumi não conseguia acreditar.

Virei-me para ela, tentando esconder meu rosto com o cabelo, de modo a ninguém me reconhecer.

– Você se lembra do meu corpo quebrado no fundo de um precipício? Do caixão escuro que eu acordei?

Ela piscou, perdida.

– O quê? Por que diabos está falando disso agora?

– *Lembra-se?* – insisti aos berros, só depois me recordando de que

não deveria descontar minha raiva em Mayumi.

– Não – mesmo sem entender, ela respondeu assustada. E Mayumi tinha razão para estar – eu não era nenhum pônei saltitante quando estava com raiva.

– Exatamente. Porque você não estava lá. *Eu* estava. E não dá para esquecer isso.

Flashes da minha morte torturavam minha cabeça. Nenhum arrependimento, nenhum pedido de desculpas. *Eu matei você. E não me arrependo disso.* Que pessoa normal poderia superar uma traição assim? Essa exposição num estádio lotado não traria minha vida de volta, não pouparia minha mãe das noites de choro, sozinha em sua cama, ao se lembrar da garotinha que tivera nos braços e da mulher que ela não viu essa garota se tornar. Da mulher que *eu* jamais vou me tornar.

Não traria de volta meus direitos roubados, os filhos que eu nunca vou ter, os anos, a *vida*.

O orgulho e a dor me mantinham imóvel em meu lugar. Eu não era uma pessoa tão boa assim. E, por esse motivo, não havia bondade em minha alma o suficiente para perdoar. Mas havia o amor. Entretanto, esse eu iria engolir, asfixiar e reprimir, até que ele simplesmente me engolisse, asfixiasse e matasse também, de modo a cessar nossas duas existências sem sentido. E assim todo sofrimento chegaria ao fim.

Mayumi ainda me encarava sem entender enquanto o narrador do jogo praticamente implorava pelos alto-falantes que eu aparecesse. Mas como eu nada expliquei, ela decidiu tomar uma atitude. Olhou em meus olhos e falou.

– Isso é ridículo. Não me odeie, vou fazer isso porque eu te amo. – E

então simplesmente soltou minha mão, subiu no banco e começou a gritar, balançando os braços e fazendo um papel de louca. Sua atitude chamou a atenção de todo o estádio, que cutucavam uns aos outros para olhar. No silêncio da expectativa, os gritos dela eram estrondosos.

“Aqui! Luka! Ela está aqui!”, Mayumi gritava.

“Porra!”, Catarina ofegou.

“Não acredito!”, Aisha cobriu a boca com as mãos.

“O que vocês estão esperando? Vamos ajudar!”, Laila subiu no banco também, tomando uma atitude totalmente surpreendente para sua personalidade tímida.

“Não”, eu ofeguei, numa tentativa desesperada de segurar a árabe pela saia. Mas ela se livrou do meu aperto, olhando-me de cima do banco com urgência. Nunca a vi tão autoritária quando naquele momento.

“Fique quieta. É para o seu bem.”

E se pôs a repetir aos berros os gritos de Mayumi. Se eu não quisesse a estrangular, poderia respeitá-la por isso.

Totalmente chocada, quando dei por mim todas as minhas amigas estavam sobre o banco, pulando e fazendo a madeira tremer. Ao meu redor, várias pessoas entenderam que deveriam fazer o mesmo, e de repente o estádio todo estava apontando em minha direção, gritando “ali! está ali!”, até que eu me encolhesse como uma bola.

A expressão de Luka despencou, aliviada. Ela está aqui. Eu podia ver seus olhos voando pelo estádio, procurando, famintos.

O câmara já havia me captado. Podia ver minha expressão estarrecida ampliada mil vezes no telão.

E então Luka me encontrou. *Finalmente* fixou seus olhos negros em mim. Quando nossos olhos se encontraram, todo o som se calou. As pessoas ainda gritavam meu nome, mas já não ouvia mais nada. Os olhos dele faiscaram em reconhecimento, como se tudo o que ele ansiasse ver fosse eu, aquela garotinha encolhida e envergonhada, confusa e despedaçada.

– Lara – ele falou baixo e gentilmente, e embora sua voz tenha sido ampliada pelo microfone e o estádio tenha enlouquecido somente com essa palavra de reconhecimento, eu soube que aquilo fora para mim. Só para mim. Não poderia ter sido mais íntimo nem se ele sussurrasse em meu ouvido.

Se eu conseguisse pensar em alguma coisa além dele, ali, me esperando, eu morreria de constrangimento ao pensar que não só o estádio inteiro estava vendo isso, mas também várias pessoas no mundo dos mortos, uma vez que o campeonato era coberto pela nossa versão de mídia internacional. Eles estavam tendo um prato cheio de audiência.

“Será que Lara vai até nosso artilheiro? Ainda bem que nós não temos respiração para segurar!”, o narrador ainda estava lá, comentando aquele momento como se fosse um simplório jogo de futebol, e não a história da minha vida.

Pela primeira vez desde que o conheci, Luka me *esperava* – sem nada exigir. A decisão era minha. Eu não precisava olhar para o telão para enxergar seu rosto longínquo com perfeição. Simplesmente a arrogância se fora.

Eu foquei em sua imagem e meu coração morto transbordou como se tivesse vida, exigindo o garoto.

Meu.

Mas então eu me lembrei do assassino mascarado esperando-me em minha cama, perseguindo-me na neve e me arremessando do precipício. Fechei os olhos e engoli em seco. Engoli a dor e o amor, decidindo trair o meu coração.

Ninguém me matava e saía ileso. Ninguém me roubava e era perdoado. Só consegui mover a cabeça de um lado para o outro, tentando não chorar. *Não.*

O estádio arfou, desiludido. Aquela era para ser uma linda cena de romance! *Quem*, em sã consciência, rejeitaria Luka Ivanovick?

Eu. Eu rejeitaria Luka Ivanovick.

Metade do estádio daria tudo para estar no meu lugar, e a outra metade provavelmente queria me estrangular. Todos aqui endeusavam Luka – mas ninguém, até onde eu sei, tinha sido arremessado de um precipício por ele.

Pela primeira vez, vi a expressão sempre tão segura a arrogante do garoto decair como se o tivessem esbofeteado. Finalmente havia percebido que existia uma coisa no mundo que não poderia ser dele. Trincou o maxilar e ergueu o queixo, mas em seus olhos não havia arrogância: só a tristeza da rejeição. Talvez ele nunca tenha experimentado isso. Talvez fizesse mal para o ego e bem para a alma.

– Tudo bem – ele se recuperou, mas a voz ainda permanecia distorcida por alguma emoção desconhecida, profunda e íntima demais para ser vista em seus traços. Um garoto que estava aprendendo a sofrer um novo tipo de dor. – Se você não vem até mim, eu vou até você.

E foi exatamente isso o que ele fez.

Capítulo Catorze

Luka desceu do pódio e foi atravessando a estádio – para o espanto geral. As poucas pessoas autorizadas a permanecerem no campo não se atreviam a ficarem em seu caminho. Logo já havia um corredor para garoto passar e chegar até mim.

Enquanto ele subia na arquibancada, as pessoas saíam da frente aos tropeços.

Meu coração encontrava-se exposto, os nervos em frangalhos, encolhido num canto qualquer. Ele já havia desistido de tentar aguentar toda aquela pressão e conflito de sentimentos, e agora eu estava por mim mesma.

Mesmo sem precisar de ar, eu me encontrava ofegando. À medida que ele se aproximava, sob as luzes dos holofotes e o olhar atento de milhares de espectadores, eu me esfacelava, tentando me manter de pé. Não havia como fugir. E eu não *queria* fugir – embora correr fosse o certo. Por que meu coração transbordava, quente e emocionado, ao ver meu próprio assassino se aproximando? Talvez porque ele fosse tão frio e lindo; talvez porque seus passos fossem tão elegantes, quase felinos; talvez porque seus olhos negros ardessem tanto que era impossível não querer se queimar.

Esse meu hábito de fascinação pelo perigo já havia me matado uma vez. Será que eu era tão idiota a ponto de não ter aprendido a lição? O que restava mais ao garoto para me roubar? O juízo? Toda paixão e desespero que houvesse dentro de mim?

Deus. Minhas pernas bambeavam. Eu não estava acostumada a sentir

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

nada tão arrebatador assim. O desejo, o fogo, a necessidade dele. E, em contrapartida, a vontade de perdoá-lo, cuidá-lo, conhecer seus segredos íntimos, pedacinhos de sua alma...

Luka se aproximava, aqueles olhos negros mais profundos e cheios de significados ocultos do que qualquer um que eu já vira. Eles derretiam minha convicção.

As meninas deram um passo para trás e se afastaram de mim, deixando-me encurralada.

Luka chegou. Ele era uma dessas pessoas que nos encaravam nos olhos, sem medo, sem pestanejar. E era impossível desviar as íris das suas, pois elas eram simplesmente hipnotizantes. Talvez fosse o meu corpo morto fascinado pela vida que ele emanava, talvez fosse uma paixão espontânea, nascida por obsessão e mérito meu. Fosse o que fosse, esse magnetismo que Luka Ivanovick exercia era inexplicável – tanto que eu mal podia me mover.

Parado à minha frente, eu podia ver que, embora ainda fosse inacreditavelmente lindo, o garoto parecia ter envelhecido uns dez anos. Olheiras escuras feriam seu rosto perfeito, como se ele tivesse ficado noites sem dormir, sofrendo *de verdade*.

Chocando-me, Luka estendeu a taça do campeonato, dourada e imponente. O estádio ofegou. Ele a estava dando para *mim*?

A potência e beleza musical da voz dele, bem à minha frente, foram como um soco no estômago.

Como se eu precisasse de mais lembretes de por que eu o amava...

Luka falou com seriedade, as íris negras pegando fogo – porém estranhamente humildes.

– Essa taça é minha, mas eu não a quero. Todo esse teatro de jogador foi para chamar sua atenção para mim, simplesmente porque eu não conhecia outro jeito. O objetivo foi alcançado, e como tudo isso foi por você, ela é mais sua do que minha. Fique com ela.

A multidão ficou empolgada. Ninguém esperava uma cena de romance na final do campeonato.

Contudo, os nervos de todos estavam em frangalhos, ansiosos por saber se eu iria ou não ceder.

Eu gaguejei, clareei a garganta, tentando formar alguma resposta coerente. Ergui o queixo, respirei fundo.

– Não posso. Ela é sua, e eu não tenho nada com isso.

A multidão emitiu sua reação estarecida. As pessoas não conseguiam acreditar que eu o estava rejeitando. Eu temi seriamente ser apedrejada. *Quem essa filha da mãe pensa que é?*

Eu sabia que não era ninguém. Só um ser humano que não pode lutar pela própria vida. Luka havia me tirado tudo – menos o orgulho e a dignidade. Disso eu não abriria mão. Vingar o roubo – mais pela minha família do que por mim. Talvez fosse só esse sentimento enterrado fundo em cada ser humano, um senso de importância, de valor. Eu valia alguma coisa? Minha vida valeu à ponto de justificar todo essa recusa em um estádio lotado? Como se fazia para medir o valor da vida, da alma de uma pessoa?

Luka nada respondeu por um momento. Só me fitou com sua expressão sombria, ferida e linda, como um anjo obscuro que acabara de presenciar uma cena triste, muito triste, que partira seu coração divino, cheio de compaixão.

Lá no fundo, eu me perguntava como um semideus como Luka Ivanovick poderia estar tão exposto e ferido diante de uma simples mortal, sem nada de especial. Só uma garotinha morta, mais uma em meio a tantas... Mas lá estava ele, esculpido em mármore, brilhando sob os holofotes, com os traços tristes esperando o meu *sim*.

A voz dele era suave, sem exigências. E eu não estava acostumada a isso.

– Então, se você não quer aceitar dessa forma, deixe-me *dar* a taça a você. Quero que, pelo menos, você tenha algo meu... Para que você não me esqueça. Porque isso seria... – seu rosto se distorceu com algum tipo de dor, e ele fechou os olhos por um momento. Sua voz oscilou. – *Insuportável* para mim.

O estádio arfou, comovido – bem como minhas amigas ao redor. Pela expressão do garoto, eu podia ver que cada palavra doía nele, mas ninguém tinha ideia de que elas feriam muito mais a mim.

Peguei a taça, propositalmente evitando tocá-lo. Respirei fundo antes de falar.

– Obrigada. Mas isso é tudo.

Ele me fitou, os olhos sombrios de repente. Fiquei intimidada.

– Não há mais nada a ser dito? Pense bem no que vai responder, porque eu não volto atrás nas minhas decisões, Lara Valente.

E, então, traí meu coração mais uma vez. A última. Em honra à minha mãe, que nunca mais iria me ver. Pelos meus filhos, que jamais irão nascer e conhecer esse mundo ora injusto, ora belo. Por Ana, que perdeu a única irmã. Pelas minhas amigas do Rio, que esperavam meu retorno com uma ansiedade infundada. Pelas conquistas na vida que eu jamais realizarei e

pela Lara Valente adulta, madura e esclarecida – uma pessoa que eu jamais conhecerei.

E também pela dor. Pelos ossos quebrados no fundo daquele penhasco e pelo medo de ter acordado num caixão. Pela luz do sol que me fora roubada, pelos meus sonhos, pelo meu coração tantas vezes partido e remendado – que, ao invés de bater, agora só apanhava.

De que adiantava ser humano e não poder viver?

– Não. Nem hoje, nem nunca mais.

O estádio refletiu o silêncio de Luka. O dele, enigmático. O da multidão, perplexo.

Luka somente assentiu uma vez com a cabeça, e eu soube que estava terminado. E então o garoto, saído dos meus sonhos mais loucos, o príncipe que não tinha nada de encantado, virou as costas e foi embora, deixando-me sozinha para sempre.



É muito estranho ver partindo nossas únicas chances de ser feliz. É igualmente torturoso vê-las virando-nos as costas e prometendo nunca mais voltar. Quando elas se vão, levam toda nossa esperança, e de repente você se encontra num corpo vazio – vazio de vida, de vontade, vazio de você mesmo.

Quando Luka se foi, atravessou o estádio sob o silêncio esmagador e
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sumiu na porta de saída, eu olhei para dentro de mim mesma e encontrei um grande e berrante *nada*. Como se alguém tivesse aberto meu peito e roubado de lá toda a esperança.

O clima no estádio era de constrangimento. Não havia mais ambiente para festejar – pelo menos não ali. Deslocado, o narrador do jogo anunciou que a festa para os membros da Escola da Noite iria começar em breve no castelo – ou seja, a deixa para a torcida sair do estádio. Cada um que comemorasse como quisesse – e os bares da Londres dos mortos provavelmente ficariam lotados.

Sentindo-me tão cheia de vida quanto um zumbi, eu me vi arrastada por Mayumi e as outras até o vestiário – e por todo caminho até lá tive que suportar os olhares acusadores – até mesmo das minhas amigas. Ninguém perguntou nada, mas eu podia sentir que elas não sabiam mais muito bem como lidar comigo. Catarina nem mesmo olhava na minha cara. Ela não acreditava no que eu havia feito.

Mayumi, Laila e Aisha me ajudaram a trocar de roupa, recolheram meus objetos pessoais que deixei espalhados pelo vestiário, sem me preocupar a mínima por perdê-los. Eu troquei de roupa e fiquei sentada no canto de um dos longos bancos de madeira, olhando para o nada – ou talvez olhando para dentro de mim mesma. Mas não fazia diferença nenhuma. Aqui dentro, em meu peito, também nada havia restado.

As meninas cuidaram de mim enquanto eu ficava imersa na minha solidão e tristeza. Mesmo que fosse um cuidado silencioso, quase constrangido. Mais tarde, quando eu pudesse pensar, sabia que ficaria grata a elas. Lá no fundo do meu coração, um feixe fraco de sensatez me confortava em meio à tristeza: *pelo menos você tem a elas. Não vai passar a eternidade sozinha.*

Agora, elas seriam o mais próximo que eu teria de amor.

– Lara? – Mayumi chamou. Levantei os olhos para ela, sem nada ver realmente. – Vamos? – seus traços bonitos e orientais estavam apagados, tristes também. Já sem o uniforme de líder de torcida, ela carregava sua bolsa atravessada em um ombro e a minha, nas mãos.

Eu acenei um “sim” com a cabeça, mas só segundos depois percebi que nem mesmo havia me levantado.

Mayumi trocou um olhar melancólico com Laila, e a árabe, juntamente com Aisha, pegaram cada uma de minhas mãos e me levantaram do banco, passando seus braços por minha cintura e me levando com elas. Catarina, as gêmeas e Amy já haviam ido embora para o castelo há muito tempo. Fiquei agradecida pelo fato de que nenhuma delas estava me vendo assim.

Entramos num daqueles luxuosos carros negros da Escola e seguimos pela estrada escura. No interior do carro, silêncio. Aisha dirigia e Laila ia à frente junto com ela. Eu me deitava no banco de trás, no colo de Mayumi. Ela trançava mexas do meu cabelo; eu nem mesmo sentia seu toque.

Havia algo de muito errado comigo. Eu não sentia *nada*.

Quando chegamos ao castelo, as meninas me carregaram para o quarto, de modo a trocarem de roupa e deixarem suas coisas. Ouvimos o barulho no grande salão. Uma comemoração. Aqui, nessa Escola, as pessoas esqueciam os fatos desagradáveis muito rapidamente, sempre arranjando um motivo para festa – a tristeza batia nelas e voltava, como se seus corpos fossem espelhos refletores, incapazes de absorver qualquer coisa – ou sentir qualquer coisa. Um resultado de suas almas vicárias, rasas.

Engoli em seco, sabendo que, na eternidade que me esperava, ou eu me transformaria em algo bem parecido com elas – ou terminaria naquele cemitério abandonado. Luka Ivanovick me obrigou a conhecer minha própria profundidade – e como voltar à felicidade de minha ignorância

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

passada? Não dava para ser feliz nesse lugar sem ser alienado, tolo, repleto de uma euforia quase infantil. Não dava para ser feliz aqui depois de amadurecer.

Observei Mayumi escolher uma roupa para a festa, deitada em minha cama.

– Você vai assim? – Mayumi ergueu as sobrancelhas para meus jeans e blusa de mangas compridas.

– Vou. – Eu olhava para a parede, sem nem me preocupar em murmurar alto o suficiente para que ela ouvisse. Para quê eu me arrumaria? Não me sentia bonita por dentro. Não estava nem aí para ser bonita por fora.

Para minha surpresa, Mayumi foi brusca comigo pela primeira vez na noite.

– Nem ferrando eu deixarei você sair desse jeito. Levante esse traseiro da cama *agora*. Vou escolher uma roupa para você.

Observei assustada enquanto ela dava a louca e revirava o meu lado do guarda-roupa. Sentei-me bruscamente, angustiada com a ideia de colocar saltos altos naquele momento.

– Não, Mayumi, por favor. Não quero.

Ela se virou para trás, as pálpebras caídas e sem paciência.

– Não estou perguntando se você quer.

Eu suspirei, deitando-me de volta na cama e esperando ela encontrar algo descente. Não tinha forças nem para discutir. É claro que Mayumi estava com raiva também – ela desviara a atenção de um estádio inteiro, e para quê? Para a garotinha mimada Lara Valente estragar tudo.

Para quem não conhecia meus motivos, deveria estar pensando

exatamente isso. *Mimada*. Luka Ivanovick era inegável. Como eu ousava rejeitar a ele? Quem eu pensava que era?

Mayumi ficou pronta e anunciou que estava indo. Ela usava um vestido azul de grife. Era discreto e descolado, perfeito para ela. A japonesa tinha o dom de transformar menos em mais.

– Deixei sua roupa separada. Se vista. Você tem vinte minutos para estar lá embaixo. – E então saiu do quarto, magoada.

Eu suspirei pela centésima vez. Era uma droga ter todo mundo chateado comigo.

Só o meu carinho por Mayumi fez com que eu me levantasse e procurasse a roupa. Sob a penteadeira que nós dividíamos, Mayumi depositara sua escolha. A roupa me surpreendeu, demonstrando que a japonesa já me conhecia muito mais do que eu imaginava. Nada de saltos altos, nada berrante.

Consistia em um vestido branco, nada tão curto quanto eu usava nessa Escola. Nem sei por que eu o havia trazido do Rio de Janeiro. Sabia que nunca iria usá-lo nas frias terras inglesas, mas aquele vestido me trazia boas lembranças: era como trazer comigo um pedacinho do mar, do sol, do calor na alma que eu só encontrava no meu Brasil. Eu o usei diversas vezes para passear na praia, e o curioso é que ele tinha sido de Helena, minha mãe. E, nele, havia também lembranças dela.

De alcinhas finas, ele era feito para o calor – e o mundo dos mortos sempre tinha um clima agradável.

Poderíamos usar qualquer roupa sem sentir nem frio, nem calor.

Mesmo com os detalhes de flores nas bordas um tanto puídos, o branco ainda era límpido como leite, e sua beleza simples estava intacta.

Perto das minhas roupas novas e de grife, aquele vestido não era nada – mas, para mim, não havia nada como ele.

Dispensei os saltos e a maquiagem. Sapatilhas leves, cabelos soltos e cara lavada. A correntinha de ouro branco, meu único tesouro de família, pendurava-se em meu pescoço.

Desanimada, desci para o grande salão, onde uma verdadeira festa acontecia. Música, bandeiras espalhadas por todo o teto alto, alunos rindo, cantando o hino da Escola, bebendo e subindo por cima das mesas, eufóricos. Tentei passar despercebida, mas muita gente apontava para mim, lançando-me olhares desde admirados até venenosos.

Se essa garota rejeitou até Luka Ivanovick, ela só pode ser demais.

Se essa garota rejeitou Luka Ivanovick, ela só pode ser uma vaca.

Esses dois pensamentos estavam tão estampados nas expressões das pessoas, que praticamente gritavam para mim. Passei encarando o chão até encontrar meus amigos. Disfarçadamente, meus olhos perscrutaram o salão sem minha permissão – à procura *deles*.

Ivanovicks.

Só em pensamento, o nome já causava sensações quentes e assustadoras dentro de mim. E embora eu soubesse que uma festinha adolescente fosse o último lugar em que *ele*, meu recluso Ivanovick, estaria, ainda assim meu coração apertava-se, apavorado com a possibilidade de vê-lo.

Paradoxalmente, fiquei frustrada quando não o encontrei. Para evitar ficar louca, voltei a procurar por meus amigos. Quando os encontrei, arregalei os olhos.

Tomara que eles não se lembrem disso no dia seguinte. Mal da tequila.

Reunidos em uma mesa, eles eram a atração da festa. Os mais bêbados – Ian e o goleiro Liam McFearley – estavam por cima da mesa, puxando coros e gritos. As meninas conversavam com os jogadores do time, e nosso grupo se multiplicara, rodeados por outros alunos ansiosos por ascenderem socialmente na Escola. No caso, meus amigos eram o passe. Conviver com eles era tão normal para mim que eu já até havia esquecido quem eles eram: ricos, elitistas, seletivos. Adjetivos que simplesmente não combinavam com a nova imagem simples e amigável que eu havia formado deles.

Andando e observando, algumas cenas me surpreenderam. Alison, por exemplo: abraçada a um lindo novato vindo da China – responsável por belos passes feitos no jogo. Catarina, é claro, já havia conquistado um holandês – ruivo, olhos verdes escandalosamente bonitos. Também do time de futebol, é claro. Eu ri para mim mesma. Era típico de Alison e Catarina escolherem atletas.

Surpreendi a mim mesma sorrindo outra vez quando vi Aisha junto a um garoto loiro e musculoso; os dois se afastaram do grupo, preferindo sentarem-se num canto mais privado do salão; conversavam, sorriam com frequência, e embora os olhos dos dois se desviassem para o chão constantemente em timidez, o brilho e fascínio mútuo que neles havia eram inquestionáveis.

Lembro-me vagamente de Aisha falando dele nesses últimos meses. Tentei desenterrar da minha memória egocêntrica o nome do garoto, mas por fim percebi que era egoísta demais para me lembrar. Nesse meio tempo em que passei como Lara-zumbi, não assimilei nada além do que interessava ao meu umbigo. Senti uma onda de tristeza – mais uma – ao constatar o quanto estava em falta com as poucas pessoas que me restaram para amar.

Mas eu não era uma vaca completa. Lembrava-me do fato de que o garoto era um recém-chegado na Escola, e rapidamente identificou-se com Aisha por ter vindo, igualmente, da África do Sul. Fiquei feliz por eles. Aisha Simbovala era o tipo de garota dura, forte e cheia de liderança. Mas seus bonitos olhos verdes, ao olhar para o garoto, tornavam-se mais doces, quase tímidos. Era uma cena bonita e rara de se ver.

Aquilo me fez não desacreditar totalmente no amor.

Procurei por alguém que estivesse sóbrio e desacompanhado, de modo a me misturar. Quando encontrei Mayumi, ela estava conversando com um grupo desconhecido. O único rosto que reconheci ali, ao seu lado, era o de Amy. Abatido, porém ainda esteticamente lindo.

Quando eu comecei a me dirigir ao grupo, pedindo licenças murmurantes para os alunos que conversavam ou dançavam por entre as longas mesas de madeira, algo peculiar aconteceu – frustrando os meus planos. Santiago, aparecendo de surpresa, pegou o braço de Mayumi e sussurrou algo em seu ouvido. Ela olhou para ele surpreendida, depois acenou um “sim” com a cabeça; até de longe eu percebia o quanto ela estava desconfortável com a situação. Observei-a seguir Santiago com uma expressão de medo controlado. Ela não sabia o que estava por vir, e provavelmente seu coraçãozinho generoso vinha se apertando.

Suspirei. Não dava para entrar na roda que Amy fora deixada agora. A inglesa provavelmente iria decepar minha cabeça caso eu ousasse puxar assunto com ela – não que eu quisesse conversar. Nem com ela, nem com ninguém. Olhei ao redor, sentindo-me completamente deslocada e perdida. Poderia alguém se sentir tão sozinho em meio a esse salão lotado de jovens maravilhosos?

Aquilo foi motivação suficiente para voltar de onde nunca deveria ter

saído: minha cama. Mayumi que me desculpasse, mas eu bem que tentei.

Ao voltar para o meu quarto, encontrei Laila entrando em uma das bifurcações do longo corredor. Sozinha e calada. Franzi a testa, estranhando sua atitude. Não havia motivos para ela andar por aquela área desabitada do castelo com uma enorme festa acontecendo no grande salão.

Laila entrou em uma pequena varanda – dessas bem velhas e desabitadas, onde nenhum aluno realmente ia. Os alunos preferiam partes mais movimentadas do castelo. No banco solitário, Laila se sentou e tirou seu véu. Seus pesados cabelos negros caíram até a cintura, como a mais fina seda da Arábia. Ela olhou para o céu escuro – o único céu que ainda restava para nós, mortos, presos neste estranho mundo. Suspirou, imersa em pensamentos.

A árabe Laila me intrigava. Ao mesmo tempo em que ela era completamente integrada ao nosso grupo, também era um tanto... *Diferente*. Eu não sei bem como explicar. Em seus olhos escuros, eu via uma profundidade inexplicável, tal como eu via nos olhos de Luka. Era como se sua alma escondesse mistérios que seres humanos comuns não conhecessem, e logo se via a diferença de uma pessoa como ela para Catarina, por exemplo. Isso não fazia uma melhor do que a outra – só as tornava diferentes.

Curiosa, eu tentava descobrir o segredo dessas pessoas. Elas conheciam e falavam sobre recantos da alma que eu nunca imaginei explorar. A profundidade nos olhos de Laila era a mesma força que eu encontrava nos olhos de Aisha, e a mesma generosidade que havia nos olhos de Mayumi. Havia também uma paixão pela vida nas íris de Santiago, bem como a bondade nata nas de Miguel. Todos eram especiais à sua maneira.

Agora eu percebia que a Morte sabia bem quem escolhia. O que me fazia pensar... O que havia em mim que ela cobiçara? Eu, uma garotinha comum, merecia estar em meio a eles, esse grupo altamente seletivo, escolhido a dedo em várias partes do mundo?

Escondida atrás da porta entreaberta, eu fiquei observando minha amiga sem que ela me notasse. Laila ainda olhava para o céu, e eu imaginei que estivesse procurando, em vão, as estrelas que nos foram roubadas. Nesse mundo morto, só o escuro nos restava.

Eu fechei os olhos por um momento, engolindo a dor que senti ao me lembrar de que Luka era o culpado por me roubar tudo isso. E arfei quando o meu amor por ele colidiu com o ressentimento.

Devo ter arfado alto demais, pois Laila virou-se para trás e sorriu ao me notar ali. Aquele sorriso de gente sincera que acha que todo mundo é sincero também. E acaba fazendo gente como eu, interesseira e dissimulada, se sentir culpada.

– Larinha, não te vi aí. – Deu tapinhas no banco ao seu lado. – Senta aqui comigo.

– Oi, Rapunzel – sorri e me sentei ao seu lado. – Esperando o príncipe para jogar suas tranças? – indiquei o gramado lá embaixo. Estávamos em uma das altas torres do castelo. Lá de cima, podíamos ver o denso bosque que cercava a Escola, os gramados verdes e o muro que nos trancava lá dentro. Uma prisão que todos queriam estar.

Ela riu.

– Eu sei, essa varanda é um lugar estranho para se estar. Mas eu sou estranha. Já me resignei a isso.

– Tem uma festa acontecendo lá embaixo.

Ela ergueu uma sobrancelha sagaz para mim.

– Você também sabe disso e está aqui.

– Bom – dei de ombros. – É que eu preciso de... *Ar*. – Franzi a testa.

– Sei como é. Às vezes até mortos como nós precisam de um tempo para respirar.

– É – desviei os olhos para o céu, distraída. – Estranho isso.

Ela também se virou para olhar o grande oceano escuro sobre nossas cabeças.

– Nem tanto. Somos mortos, mas ainda somos gente.

– Ninguém foge de festas só para respirar – observei, jogando a deixa. Se ela não quisesse falar, eu entenderia. Ninguém sabia mais do que eu como era possuir sentimentos pessoais demais para serem compartilhados.

Laila suspirou.

– Sabe, Lara, eu sou um tipo de pessoa... Diferente de vocês. Gosto de conversar, de festas, da nossa rotina. Mas, às vezes, eu simplesmente preciso de *ar*. Ficar sozinha e me lembrar que eu, na realidade, não pertencço a esse mundo ocidental. Às vezes preciso ficar sozinha para me lembrar dos meus costumes, da minha terra, da minha família, do mundo ao qual eu pertencia... Simplesmente me lembrar que eu era. Quem eu sou. Apavora-me a possibilidade de me apaixonar pela Laila da Escola dos Mortos e me esquecer da verdadeira Laila Al Nyiat. Não quero que ela se perca no passado. Por que, senão, o que vai sobrar de mim?

Naquele momento, admirei Laila profundamente, por conseguir adaptar-se a um mundo que, além de morto, pertencia à outra cultura –

praticamente outro planeta. Mesmo em meio a tanta estranheza, Laila conseguia permanecer afetivamente acessível, generosa para com as diferenças e extremamente gentil. Isso tudo continuando fiel às suas raízes muçulmanas.

– Não entendo como você consegue ser nossa amiga. Somos tão diferentes de você, e, ainda assim... Há tanta empatia entre nós. Como você consegue gostar de nós, ou sequer suportar-nos, quando na maioria do tempo nossas atitudes provavelmente te ofendem?

– Lara... – ela suspirou, como alguém que já tivesse pensado muito sobre isso. – Pelo fato de eu ter aprendido a amar cada um de vocês. E então as diferenças deixam de importar. Não é esse um dos mandamentos mais importantes? Para orientais ou ocidentais, tanto faz? *Amai-vos uns aos outros?*

Fitei Laila com admiração. As fronteiras deixaram de existir no generoso coração da garota. Pessoas como Laila eram uma luz no nosso mundo. O que me fazia pensar que, talvez, esse universo paralelo dos mortos não fosse tão escuro assim. Nenhum colecionador poderia competir com A Morte – porque ela colecionava os tesouros mais complexos, os únicos com potencial tanto para destruir quanto salvar o mundo: seres humanos.

De rompante, a porta se abriu, assustando a nós duas. Catarina entrou aos solavancos, agarrada ao seu holandês bonitão. Os dois riam como quem estava fazendo algo errado. O holandês foi o primeiro a nos ver.

– Opa, está ocupado. Foi mal – riu um tanto constrangido, suas palavras carregadas de sotaque.

Catarina, debruçada ao redor do pescoço dele, virou-se para trás.

– Ops – riu meio bêbada – não é um quarto. Estamos saindo... – e puxou o garoto aos tropeços, batendo a porta atrás de si. Mesmo de longe conseguíamos ouvir suas risadas estrondosas.

Eu e Laila trocamos um olhar. Não havia mais clima para reflexões profundas.

– Captou a deixa? – ergui as sobrancelhas. Hora de ir embora.

– Com certeza.

Nós duas nos levantamos suspirando ao mesmo tempo. “Catarina.” Rimos. Era sempre ela.

– Irritante, louca e inconveniente. Mas vamos falar a verdade, tem como não gostar dela? – eu sorri com carinho ao lembrar das loucuras de nossa portuguesa. Deus me livre de gente sem loucura e sem tempero na alma.

– Não tem, não é? – o mesmo carinho se refletia no sorriso de Laila. Isso mostrava que nós aprendemos a nos gostar e nos respeitar, apesar das diferenças, das etnias, dos gostos... – Esse colégio não seria o mesmo sem ela.

Sáímos da pequena varanda, mas estranhei quando Laila tomou um rumo diferente.

– Ué, vai voltar para a festa?

Ela recolocou seu véu, dando de ombros como quem se desculpa.

– Ian fica me atormentando depois, me enchendo de perguntas sobre onde eu estava.

Eu estreitei meus olhos para ela, sorrindo maliciosamente. Aqueles dois nunca devem ter se tocado, mas agiam como um casal. Por algum

motivo, aquilo soou cálido para mim.

Ela gargalhou.

– Não fala nada! – então se despediu e foi embora, deixando-me sozinha no corredor, sem saber para onde ir. Suspirei. Voltar para o quarto era a única opção.

Enquanto eu andava pelos corredores desertos, pensava sobre os casais que meus amigos estavam formando. O coração de Ian viajava para as terras quentes da Arábia. Já Santiago e Mayumi deveriam estar resolvendo suas questões em algum lugar desse castelo.

Impressionava-me o fato do espanhol não ter caído aos pés de Mayumi até hoje. Como ele resistiu tanto tempo aos seus encantos de gueixa...?

Virei-me para trás bruscamente. Ouvi passos. Não havia ninguém. Franzí a testa, desconfiada.

Meus ouvidos não costumavam me enganar. Virei-me e continuei a andar. Permaneci atenta, a todo caso. Não havia mais nada a se fazer. Adentrei no dormitório feminino – estava deserto, é evidente. Com uma festa lá embaixo, ninguém permaneceria nos quartos.

Virei uma esquina para entrar no corredor do meu quarto e...

– Meu Deus! – arfei. – Que porcaria, O’Shea. Quase me matou de susto.

Logan O’Shea estava parado bem na minha frente, os braços musculosos cruzados, uma malícia nos olhos que não parecia nada divertida. Ele sorriu, mas aquilo não me reconfortou. Pelo contrário – só me fez dar um passo para trás. Parecia mais um arreganhar de dentes do que tudo.

– Saiu cedo da festa, Lara. Indo encontrar alguém? – havia alguma coisa na voz dele que me fez hesitar. *Cuidado, Lara*. Logan não parecia normal. Em seus olhos azuis, havia ressentimento, vingança e *fome*.

Clareei a garganta, desconfortável.

– Não. Só indo para o meu quarto.

– Que coincidência. Eu também estava indo para o seu.

Só o encarei.

– Como é que é?

Ele ergueu uma sobrancelha sarcástica.

– Você me prometeu algo há algum tempo e até agora não cumpriu. A condição para que eu entrasse naquele seu maldito timezinho de líderes de torcida. Quero meu pagamento. E quero agora.

Eu prendi a respiração, meu corpo morto reagindo ao medo de sua forma particular. Engoli em seco, pensando nas possibilidades de me livrar dessa situação. Droga. Eu havia me esquecido. Subestimei Logan e essa era a minha falha trágica. Achar-me esperta demais a ponto de esquecer que também existem outras pessoas espertas. Ele devia estar me cercando há dias, esperando a oportunidade certa...

Procurei esconder o medo e falar com frieza.

– Você não entrou em campo conosco. Portanto não pode exigir nada.

Os olhos de Logan cintilaram de ódio.

– Aquele *Ivanovick* me ameaçou – quase cuspiu o nome de Luka. – Eu não podia chegar perto de você. Mas agora eu posso – o garoto sorriu aquele arreganhar de dentes meio maníaco.

Eu dei um passo para trás quando ele se aproximou. Falei rápido demais, entregando meu medo.

– A ameaça ainda está valendo – blefei. Logan deu um meio sorriso irônico.

– Não pense que sou idiota, Lara. Ele te chutou. Agora você não pode mais pisar nos outros, porque não há ninguém para te proteger. Você não é mais problema do Ivanovick, seu reinado nessa Escola acabou. Prometeu, tem que cumprir. – Ergueu as sobrancelhas.

Obriguei-me a não entrar em pânico. Isso não me salvaria da situação.

– Eu não prometi nada, apenas insinuei a possibilidade de acontecer algo entre eu e você. Entrar no time de líderes de torcida foi um favor que você fez a mim. Se você tinha segundas intenções com isso, sinto muito. Agora vou para o meu quarto, onde, aliás, Mayumi estará chegando em breve, portanto é melhor você ficar longe de lá.

Eu ousei passar por ele com meu nariz naturalmente empinado, torcendo para que minha aparente segurança o enganasse. Franzi a testa em surpresa quando continuei meu caminho sem problemas.

Aparentemente, Logan tinha acreditado – o que era estranho. Minha atuação horrível não tinha convencido nem a mim.

Quando olhei para trás no intuito de me certificar se ele ainda estava lá, o canadense tinha os braços cruzados, imóvel na esquina do corredor onde o deixei, observando-me ir embora com olhos gelados, vingativos. Virei-me para frente outra vez, engolindo em seco e andando mais rápido, com a súbita certeza de que essa história ainda não tinha acabado.

Entrei no meu quarto às pressas, correndo para o banheiro sem me preocupar em acender qualquer luz. Não me lembrava de ter comido nada

nas últimas horas, mas uma náusea violenta e súbita atingiu meu estômago. Ajoelhei-me na frente da privada, arfando. Nada saiu. Meu estômago estava vazio.

Deus. Aquilo tudo devia ser uma reação à montanha russa emocional que me jogava de um lado para o outro nas últimas horas. Eu não estava acostumada a tanta tensão. Cadê a paz eterna na vida após a morte? Essas frases de túmulos eram propagandas enganosas. Morrer não era um bom negócio.

Memórias emergiram, se enlaçaram e apertaram minha garganta.

Luka e a humildade inesperada em sua voz. *Deixe-me dar a taça a você. Quero que, pelo menos, você tenha algo meu, para que não me esqueça. Porque isso seria... Insuportável para mim.*

Insuportável. O homem que me matou achava insuportável a ideia de que sua vítima o esquecesse. E eu, estúpida e apaixonada, mal podia respirar diante da ideia de ficar longe do meu assassino. Havia algo de errado nessa história. O príncipe encantado não chegou. O vilão o matou antes, sequestrou a mocinha e a fez se apaixonar por ele.

Mas por mais absurda que fosse essa história, eu poderia exigir algo diferente? Esse, afinal, não era um conto de fadas. Era um conto de mortos.

Escovei os dentes e saí do banheiro, pensando no quanto... *Mas o quê*

—

Logan estava no meu quarto. Tapou minha boca e me jogou em minha cama com um golpe violento. A porta agora estava trancada – a chave na mão dele. O garoto conseguira entrar porque eu não a tranquei, ocupada em correr para o banheiro. Ele me imobilizou, ficando por cima de mim. Meus olhos estavam arregalados, em choque. Os deles, frios, alucinados e

decididos.

– Não acredito que você pôde ser tão burra. Quero o que é meu. E quero agora.

Arfei, tentando falar mesmo sob a pressão dos seus dedos. Para satisfazer um prazer macabro, ele se interessou pelo que eu tinha a dizer. Meu pânico o agradava. Quando ele diminuiu a pressão sobre minha boca, eu rosnei.

– E eu não acredito que *você* possa ser tão burro. Todo mundo vai ficar sabendo.

Ele pressionou minhas mãos contra o travesseiro. Sua voz estava sarcástica, divertida.

– Não se engane, garotinha. Ninguém vai ficar sabendo. Iria destruir sua reputação para sempre. Você preferiria conviver com a lembrança a arruinar sua vida social.

Eu o encarei com ódio, buscando um argumento forte o suficiente para pará-lo.

– A Escola vai te expulsar. Você vai se tornar um exilado no mundo dos mortos.

– Se você contar para o Conselho, eu espalho para o colégio inteiro. Minha expulsão versus sua reputação. Eu vou embora, mas é você quem ficará aqui para sempre, aguentando as consequências.

Eu rosnei, agitando o meu corpo para frente no intuito de me libertar.

– Opa – ele se surpreendeu e gargalhou, como se eu fosse um cavalo selvagem e teimoso. Prendeu-me novamente sob seu corpo, mil vezes mais forte que o meu. – Não faz assim, senão eu apaixono.

Aquilo ferveu o sangue parado em minhas veias. Usei meu último e mais precioso argumento. O único que teria alguma mísera chance de amedrontá-lo.

– Eu vou ser difamada, mas Luka vai te matar. Antes presa no meu quarto do que presa num caixão.

Logan ergueu a sobrancelha por um momento, considerando. Foi rápido. Ele já havia pensado sobre isso.

– Aquela familiazinha nunca frequenta nosso círculo social para ouvir fofocas. Ninguém terá coragem para ir contar a eles pessoalmente.

– Eu vou – blefei. Logan riu alto.

– *Você?* Poupe-me. Você é a que tem mais medo deles. É mais fácil eu bordar toalhinhas com Alicia Ivanovick do que você ir choramingar seus problemas para eles.

A desesperança assolou meu peito. Comecei a sentir uma fagulha de desespero. Minha primeira vez não podia ser assim – não com ele, não dessa forma. Embora por toda a minha vida eu tenha sido meio superficial, sempre pensei que isso haveria de ser algo sagrado e bonito, com empatia, consentimento e confiança. Fiquei pensando em como eu conseguiria superar isso. Sou o tipo de pessoa que nunca visita o próprio interior, com medo das mágoas que a vida abandonou lá dentro. Se eu revisitar, há um sério risco de nunca mais retornar à superfície.

– Luka... Luka vai acabar descobrindo – minha voz era um gemido, desolada pelo fato de que Luka sempre oscilava entre ser a minha maior salvação e minha maior perdição.

Mas a certeza nos olhos de Logan drenou minha esperança. Era como se ele já tivesse roubando algo de mim. Logan sorriu aquele sorriso

maníaco, que se marcava a fogo na minha memória.

– Luka Ivanovick não está aqui. Acorda, garota. *Nunca mais* ele estará aqui por você.

Nessa hora, o trinco da minha porta quebrou – outra vez. A porta se escancarou com um chute; alguém a arrombou. Uma figura enorme e poderosa invadiu meu quarto escuro, a luz do corredor atrás de sua cabeça ofuscando meus olhos e impedindo que eu visse seu rosto.

Logan amaldiçoou algum palavrão, mas sua perplexidade não pôde durar muito. O invasor rosnou, sua voz cortante, gelada – mas a pimenta que escorria dela era inconfundível.

– Tire a porra das suas mãos da minha mulher. Ou eu te faço morrer outra vez.

Logan arregalou os olhos. Eu arfei – *Luka*. Meu coração morto quase voltou a bater.

– Espera aí, cara, vamos resolver isso de outro jeitinho...

Logan não pôde continuar. Luka o pegou pelos ombros e o jogou com força contra o enorme espelho de Mayumi na parede – que se quebrou na hora, partes dele entrando na carne de Logan e fazendo o garoto berrar. Seu sangue manchou o chão.

Cobri a boca, horrorizada com a crueldade. Luka planejou aquilo. Queria ver Logan machucado – profundamente. Do tipo de feridas que nossos corpos mortos não podiam se regenerar.

– *Lara*. – Era a voz dele. Profunda, musical e misteriosa. Só uma palavra.

Eu olhei para cima e vi que ele me encarava nos olhos, pela primeira

vez desde que invadira o quarto. Podia ver suas íris negras reluzindo intensamente com a adrenalina, o ódio e uma estranha humildade – que roubara o lugar da arrogância habitual. As íris eram mais negras do que o próprio escuro.

– Vem comigo. Vamos sair daqui. – E estendeu a mão. Aquela mão de veludo, linda e assassina.

Eu tropecei em minhas palavras, aterrorizada com sua proposta. Mais do que quando Logan estava ameaçando me machucar.

– Não. Você é perigoso.

– Sou. – Ele admitiu. – Mas não vou machucar você. Não como *ele* – e olhou com um desprezo assustador para o garoto ensanguentado. Quem recebesse um olhar assim de Luka Ivanovick, não estaria vivo por muito tempo para contar.

Engoli em seco.

– Você vai me fazer algum mal?

Mais algum?

Luka me olhou de cima com tristeza e urgência.

– Você foi condenada à morte assim que me conheceu. Assim como eu quando te conheci, Lara. Nunca vou dizer para não ter medo de mim, porque você deve ter. Mas eu quero você. Comigo, agora. Essa vai ser a decisão mais perigosa da sua vida, mas se você vier comigo, eu posso te proteger de todos. A não ser de mim mesmo.

Logan se mexeu, gemendo. Se alguém chegasse, Luka teria muitos problemas. O que ele fizera com Logan renderia expulsão e até um julgamento no Ministério da Justiça dos Mortos. Logan não seria capaz de

se recuperar dos machucados. Luka o havia condenado. Ele tinha que sair da cena do crime *agora*.

– *Lara* – ele tinha urgência na voz. Estendeu a mão outra vez.

Fechei os olhos e, apavorada, estendi a minha também. Ele a pegou, trancafiando-a entre seus dedos quentes, poderosos. Não havia mais como fugir. Mentalmente, pedi perdão a minha família por ser fraca demais para honrá-la e não conseguir superar essa paixão – que queimava e roubava minha sanidade.

Eu escolhi meu assassino.



O garoto puxava-me pela mão, correndo pelos corredores escuros da Escola. Desceu as escadarias do castelo, arrastando-me para o gramado vazio lá fora. Lembrei-me de meses atrás, quando eu corri por esse mesmo gramado coberto de neve, fugindo da morte. Fugindo *dele*.

Engoli em seco.

– Para onde está me levando?

Luka não olhou para trás. Sua voz estava sombria.

– Para o lugar onde eu condenei a nós dois.

E essa foi a última coisa que eu perguntei.

Estranhei imensamente quando Luka desceu para o túnel subterrâneo, que abrigava o caixão do Sr. Field. Parece que eu finalmente descobriria

para onde os Ivanovicks iam quando sumiam túnel adentro, ausentando-se por dias.

O ar lá embaixo era úmido e abafado. Pequenas lamparinas dispostas de metros em metros iluminavam fracamente o nosso caminho. Luka não me deixava parar de correr. Seu aperto na minha mão era férreo. Eu sabia que não poderia fugir dele. Não mais.

Depois de fazermos muitas curvas sinuosas por baixo da terra, finalmente chegamos ao caixão do Sr. Field. Arregalei os olhos, nauseada e assustada ao revê-lo. Não podia acreditar que eu tinha passado seis meses presa ali, com algodões nas narinas, assim como um defunto.

O defunto que você é, lembrei a mim mesma com melancolia.

Pela primeira vez, Luka soltou minha mão. Ele e eu permanecíamos em um silêncio sepulcral. O clima de morte daquele lugar não permitia que ninguém sequer sussurrasse. Muitas vidas terminaram ali.

Inclusive a minha.

Luka abriu o tampo do caixão, que rangeu como um mau agouro. Tive que desviar os olhos dos arranhões no estofamento de veludo vermelho; quantas pessoas além de mim devem ter vivenciado o maior pânico de suas existências ali dentro?

E, então... Luka simplesmente começou a *entrar* no caixão. Ofeguei.

– O que você está *fazendo*?

Ele me olhou sombriamente.

– Siga-me.

Quando ele sumiu lá dentro e eu me recuperei do choque, aproximei-me do caixão, hesitante. *Mas o quê...?* O fundo do caixão simplesmente

sumira. Fora aberto, e pendia para baixo como um alçapão. Lá no fundo, eu via uma escada antiga de pedra.

– Meu Deus... – murmurei. Aquilo não era um caixão. Era uma passagem secreta. Luka me olhava lá de baixo.

– Vem, Lara. Não há mais nada para você aí atrás.

Eu olhei para trás e vi o túnel escuro. Pensei na Escola segura – porém vazia de sentido, amor ou qualquer tipo de emoção. Entrar nesse buraco com Luka seria minha condenação. Mas condenação maior seria passar anos e anos naquela Escola sozinha, sem ele.

Então eu me decidi. Segurei-me nas bordas de madeira e entrei de novo naquele caixão.



Luka me ajudou a descer os degraus de pedra, já rachados com o tempo. Ele me tocava com muita hesitação, o menos possível. Eu achei melhor assim. Embora minha pele pegasse fogo onde a dele me sustentava, eu me desviei do seu contato, constrangida. O garoto não insistia. Ele também sabia que, por algum motivo, o contato físico entre nós era... *Difícil.*

Havia muito fogo, muita mágoa, muito medo e muita atração. Ou nós dois acabaríamos machucando um ao outro, ou acabaríamos sem as roupas.

Franzi a testa quando percebi que estávamos em um túnel exatamente igual ao que acabáramos de sair. Olhei para cima, para o alçapão que Luka já havia fechado.

– Como ninguém nunca descobriu que era um fundo falso? – os alunos da Escola da Noite *nunca* iriam guardar esse segredo.

– Porque nenhum deles jamais pôde abrir, nem se tentasse. Nenhuma pessoa morta consegue abrir esse alçapão. Tem que ser feito pela mão de alguém vivo.

Desviei os olhos; o fato de ele ter um coração batendo e, eu não, me feria. Era como se, mesmo com todas suas superioridades óbvias, houvesse mais uma que me tornava indigna para estar ao seu lado. E essa era insuperável.

– É por aí que o Sr. Field passa para entrar e sair da Escola da Noite?

– Exatamente. Ninguém além dele consegue passar. A não ser alguém vivo.

– Você e sua família. – A mágoa era evidente em minha voz.

– Sim – ele ergueu o queixo, sua primeira reação a um conflito. Deu-me as costas e recomeçou a andar. – Rápido. Tem algo que você precisa ver. Estamos atrasados.

Andamos por toda a extensão do túnel, subimos por escadas exatamente iguais e saímos exatamente no *mesmo* gramado de sempre. Eu quase xinguei em voz alta. Mas que *droga* estava acontecendo?

Nós parecíamos ter andado e andado – mas saído no mesmo lugar.

Lá estava a Escola, escura e sombria, da qual acabamos de sair. Luka não virou para dar explicação nenhuma, por isso também não perguntei. Ele só recomendou no momento em que entramos no castelo.

“Faça silêncio. Ninguém pode nos ver.”

Segui-o até a garagem do castelo, que se encontrava estranhamente

vazia. Onde estavam os carrões importados dos alunos, esparramados pelas vagas escuras? Dos poucos que agora havia por ali, uma Ferrari negra era a mais imponente. Seu dono o deixou na vaga mais distante, dando a impressão de que não queria que ela chamasse muita atenção ali. Sob seu capô, havia uma fina camada de pó. Havia algum tempo que ela não era usada.

Lembrei-me de Megan Collins, minha antiga colega de quarto da Sotrom, comentar sobre uma Ferrari solitária trancafiada nos portões da Escola. Ninguém sabia quem era o dono, mas havia muitas especulações entre os monótonos alunos da Sotrom.

Lembrar-me daquilo me fez especular uma possibilidade louca. Mas não. Descartei-a na hora. Não seria possível.

Confesso que não foi muita surpresa quando Luka apertou o botão de um pequeno dispositivo em seu bolso e o alarme daquela Ferrari negra apitou duas vezes. De quem mais, nesse mundo, poderia ser aquele carro? Polêmico, lindo e misterioso?

Quando ele abriu a porta do carona para mim, ergui uma sobrancelha.

– Outro?

Ele deu de ombros, a jaqueta negra de couro acompanhando o movimento.

– Minha pequena coleção.

Ah, certo. Uma *pequena* coleção de carros de luxo. Entrei e Luka tomou o lugar do motorista. Rapidamente saímos da Escola e entramos em uma estrada sinuosa, sempre escura. Ele percebeu meu olhar arregalado para o velocímetro – muito rápido.

– Vou pegar um caminho alternativo, por isso mais longo. Só por ele dá
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para ir de carro. E não temos muito tempo. – Ele olhou com apreensão para o céu, como se o manto escuro pudesse cair a qualquer momento sobre nossas cabeças.

– Posso perguntar para onde estamos indo?

O brinco de Luka reluzia sob a luz azulada do painel da Ferrari.

– Para o lugar onde eu vou reencontrar meus pecados e, finalmente, poder olhar nos seus olhos. Devo a você o direito de voltar até lá. E devo a mim também, caso contrário ficarei louco. Chega dessa tortura.

Eu encarei seu perfil perfeito e angustiado, totalmente perdida.

– Não estou entendendo uma palavra.

Ele fechou os olhos por um segundo, frustrado.

– Há algo entre nós, Lara. Algo que nós não podemos superar sozinhos. E eu não posso mais me enganar. Chega de mentiras. Não sei como isso ainda não me matou, mas em breve irá me matar.

– Isso...? – franzi a testa.

Angústia distorcia a sua voz.

– Meu corpo é intolerante à sua ausência. Acho que o quero dizer é que... – ele trincou o maxilar, lutando contra as palavras. – O que estou querendo dizer é que ficar longe de você está me *matando*. Não sei lidar com isso. Não quero lidar com isso. Por isso te sequestrei – para acabar com a minha tortura. Não vou pedir desculpas, mas espero que entenda. Não pode me impedir de ficar perto de você. É como exigir que eu pare de respirar. Impossível.

Eu o encarei por longos segundos enquanto o carro caía no silêncio outra vez. Meu corpo todo ficou imóvel diante do choque. Atônita, eu

observava as linhas duras e lindas do rosto dele voltarem à máscara fria de sempre.

Abri a boca para responder – para só então perceber que eu não tinha o que responder. Aliás, eu tinha muito que falar, mas pouca coragem. Nunca fui um livro aberto e nunca vou ser. Expor meus sentimentos era uma tortura para mim – assim como também devia ser para ele. Por isso, mais uma vez, me acovardei e me protegi. Exalei em frustração, encarando a janela. A paisagem começava a mudar. Mesmo no escuro, eu podia ver os picos rochosos ao longe.

– Dificuldade com as palavras? – ele perguntou de repente, notando meu maxilar trincado, meus olhos meio molhados de raiva e frustração.

– Por que você não... – mordi o lábio, impedindo-me de continuar. – Tanto tempo... E você só resolveu dizer isso agora. Meses e meses de angústia e você só se dignou a dizer isso *agora* – eu quase rosnei.

Luka encarou friamente a estrada.

– O que já é alguma coisa, considerando que você não disse nada.

Arfei.

– Espera aí. Está me *cobrando* alguma coisa? Pelo que você fez, eu nem deveria estar nesse carro.

Ele apertou o volante, tentando controlar sua raiva. Foi um movimento quase imperceptível, bem como o franzir de suas sobrancelhas negras. Mas eu percebia cada uma de suas oscilações, como se ele estivesse conectado a mim.

– Mas está, Lara Valente. Mas está. Não te coloquei sobre os ombros, embora eu pudesse fazê-lo. Te dei uma opção. Você está aqui porque quer.

Ri amargamente.

– Como se você fosse me deixar escolher a opção “não ir.”

– Você tem duas opções. Estar comigo ou não estar. A primeira é perigosa, porque eu não sou o homem mais seguro para você. Mas a segunda é mais perigosa ainda, porque eu me tornaria um homem apaixonado que não tem o que quer. Experimentei essa personalidade durante esses últimos meses e tornei-me insuportável – até para mim. Então sugiro que não escolha a segunda opção. Você é o que eu quero. E, se quando você está comigo, já sou perigoso, sem você eu seria... *Intragável*. Meu corpo se tornou totalmente intolerante à sua ausência. – E então ele me olhou de soslaio, de cima a baixo. Aquelas íris negras e intensas além da conta me pegaram de surpresa. Naquele breve segundo, o preto dos seus olhos ardeu, queimando partes peculiares do meu corpo e também minha convicção.

Quando Luka desviou seus olhos para a estrada outra vez, eu já não lembrava nem do meu nome. Um homem *apaixonado*.

Eu não sonhei – Luka Ivanovick havia mesmo dito essa palavra. Ele era humano, afinal. E era capaz de apaixonar-se por alguém como eu.

Procurei esconder o quanto amei aquela palavra e o quanto aquilo me afetou. Parecia que eu estava imersa em um dos meus sonhos, os mais fantasiosos e infantis, nos quais eu me refugiava quando meu coração apanhava mais do que batia.

– Você se contradiz – minha voz trêmula era ridícula perto da lembrança aveludada e poderosa que a dele havia deixado. – Assassinos não são apaixonados por suas vítimas. O nome disso é doença.

Luka riu com amargura.

– Se você não estiver disposta a digerir coisas estranhas, é melhor acabarmos essa conversa por aqui.

Desviei os olhos.

– Como se eu tivesse escolha.

– Engana-se, Lara Valente. Se você não tivesse escolha, estaria na minha cama uma hora dessas.

Arregalei os olhos e engoli em seco, tentando não emitir nenhuma reação. Uma chama assolou meu corpo, exigindo atenção. Procurei não mentalizar a imagem. Seria melhor para a minha sanidade.

– Você é muito volúvel. Não dá pra acompanhar suas oscilações. – Ler o misterioso cérebro de Luka Ivanovick era um desafio.

– Não era apaixonado por você quando te matei. – Ele falou a guisa de explicação. E isso, de fato, explicava muito mesmo. Ninguém matava algo que lhe fosse de valor. No entanto, se ele nem ao menos me conhecia, que tipo de perturbação mental faria alguém atirar uma desconhecida de um desfiladeiro? Mero prazer? Sério caso de psicose? Ou alguma motivação oculta?

– Percebe-se. – Murmurei.

Luka sorriu minimamente, apreciando meu sarcasmo.

– Não vai contar o por quê me matou, imagino.

– Não. Eu simplesmente... Não *posso*. – Ele respondeu. Suspirei, voltando a olhar para o vidro. Ele continuou. – Não é que eu não queira, Lara. É que eu literalmente não posso.

– E o que está te impedindo? Não existe nada mais crucial que isso para mim, porra.

Ele engoliu em seco, olhos fixos à frente.

– É complicado. Muito complicado. Mas posso responder algumas perguntas menos... Comprometedoras. Imagino que as tenha.

Fiquei estarecida.

– Isso é você querendo responder minhas perguntas? – nunca pensei que ele fosse abrir tamanha brecha em seu muro emocional.

– Quero saber tudo sobre você, Lara. E pretendo passar grandes quantidades de tempo ao seu lado. Portanto acho justo me esforçar para lhe dar algumas... Informações ao meu respeito. Não posso exigir tudo e dar nada. – Ele franziu as sobrancelhas, repensando e murmurando logo em seguida. – Embora eu queira.

– Tudo bem. Agora ajoelhou, tem que rezar.

Ele revirou os olhos.

– Sou um homem de palavra. Não aqueles garotinhos saltitantes com quem você convive.

Eu fiz uma careta.

– Santiago e Miguel não têm nada de “saltitantes.”

Luka fez um som de grunhido no fundo da garganta. Suas feições perfeitas se contraíram.

– Acho que é uma consequência de algo estranho que venho sentindo muito ultimamente. Como é que chamam isso...? *Ciúmes* – rosnou.

Fiquei um tempo saboreando aquela ideia, meu íntimo se deliciando em ser o objeto de afeto e possessividade do garoto. Depois, comecei com a pergunta mais fácil, de modo a não pressioná-lo tanto. Nunca se sabe até onde iria sua rara boa vontade.

– Diga-me, pelo menos, se suas motivações ao me matar foram pessoais. Eu estava no mundo dos vivos e você, no dos mortos. Nem ao menos nos conhecíamos.

Luka me olhou de soslaio. Aquele olhar negro, quente e potente sempre me tirava um pouco a linha de raciocínio. Algumas pessoas bem seletas têm esse dom. Atordoar, deslumbrar os outros. Não era só a beleza física. Era a presença de espírito – e o mistério que se escondia por trás desse mesmo espírito. De fato, o desconhecido me fascinava.

– Não tem nenhuma outra mais fácil?

– Não. – Mantive-me firme. – Você me deve isso.

O tom obscuro retornou a sua voz aveludada.

– Eu te assassinei para fazer um favor a alguém. Não sou nenhum assassino de aluguel. Simplesmente esse alguém precisava de você morta e eu tenho certos... Laços que me impediram de dizer “não.” Fiquei sem escolha. Nem lhe conhecia. Fiz o que tinha de fazer por esse alguém. Por isso, imagine meu choque ao lhe rever no mundo dos mortos. Simplesmente não era pra você estar ali. Quando lhe vi pela primeira vez, entrando naquele salão, fiquei estarrecido. Não era para você estar na Escola, uma vez que não foi morta pelo assassino oficial. Não acho que tenha sido confusão do Sr. Field. Obviamente ele está acostumado a encontrar corpos mortos pelo colégio de tempos em tempos, em salões subterrâneos, enterrados nos arredores ou jogados do desfiladeiro. Mas se você não devesse vir parar no mundo dos mortos, certamente A Morte iria dar um jeito de avisar ao Sr. Field. Ela não permite intrusos em seu castelinho de brinquedo. A primeira coisa que pensei foi que você deveria estar ali por algum motivo.

Ele continuou:

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

“Fiquei paranóico. Pensei que você tinha me descoberto e queria vingança. Mas o tempo passou e você não deu nenhum sinal de que me reconhecia. No entanto, lá estava a deixa para pensar em você – o tempo todo. Atento aos seus passos, tentando adivinhar seus pensamentos. Obviamente eu não demonstrava, mantinha-me distante, pois não queria chamar sua atenção para mim. Preservar meu segredo e a privacidade de minha família era crucial. E então, minha culpa emergiu e eu queria lhe recompensar de alguma forma. Ver você todos os dias era difícil demais para mim. Eu queria esquecer meu crime. Sei que jamais terá perdão, mas precisava encarar como um mal necessário. Um sacrifício que eu tive que fazer pelo bem da minha família. Matar você não foi nada pessoal. Mas te ver todos os dias no mesmo ambiente passou a ser uma tortura. Quanto mais eu observava de longe a sua vida, seu cotidiano, seus amigos, mais eu me culpava por ter roubado tudo de você. Passei a te enxergar como pessoa, e isso me angustiava, feria-me. Porque, apesar do que todos pensam e apesar das coisas que já fiz nessa vida, não sou uma pessoa má. Mas faço o que tenho que fazer para proteger minha família. No entanto, lá estava eu, pensando em você outra vez. De uma forma diferente. Mas sempre pensando em você. E aí, quando dei por mim, estava pensando em você *sempre*. ”

Eu o encarava, ainda que ele olhasse fixamente para a estrada escura à frente.

– Nunca imaginei... – murmurei.

Ele continuou, e seus olhos estavam longe dali, imerso nas memórias.

– Não quero que fique assustada com isso que estou sentindo por você, Lara. Muito embora eu só tenha revelado agora, foi algo gradual, crescente. Peguei-me, dia após dia, encontrando motivos para apreciar mais

você. Desde o começo você foi um quebra-cabeças para mim. Não sabia por que você tinha aparecido, não sabia que caminhos do destino levaram a nos encontrarmos novamente. Era a minha eterna tortura? Meu castigo merecido? Você foi a primeira pessoa que eu de fato temi. Primeiro, por medo de que prejudicasse a mim e à minha família. Nós não podíamos lidar com um escândalo, faz parte do acordo com a Morte manter a discrição. Depois, medo dessa culpa e angústia que eu sentia todas às vezes que te via nos corredores. Era uma tortura. Saber que era seu assassino e ficar calado. Depois, o medo foi tomando outras formas, formas curiosas e novas para mim. Você estava, curiosamente, roubando meus pensamentos. E então eu temi por mim. Apaixonar-me por alguém no mundo dos mortos era o pior erro que eu poderia cometer. Esse não é o meu mundo, estou vivo e em breve vou embora. Passei noites me torturando, pensando em como iria lidar com o fato de estar longe de você. Nós ainda nunca havíamos trocado uma palavra, e a possibilidade de nunca mais te ver, deixar-te sozinha e desprotegida aqui, nesse mundo, para sempre, matava-me de angústia.

Eu olhei para o colo, onde minhas mãos repousavam sobre o vestido branco. Os dedos entrelaçados, rijos e nervosos. Meus olhos arderam, embora eu suspeitasse que meu corpo não possuísse mais nenhuma lágrima preciosa. *Ele vai embora.*

Aquilo desceu rasgando partes desconhecidas do meu peito.

Alheio aos meus pensamentos, o garoto continuou, sua face distorcida por alguma emoção. Isso era raro e lindo. Por isso aproveitei para observar o frio Ivanovick perturbado por seus sentimentos.

– Então eu decidi acabar com aquela tortura. Primeira, enganando a mim mesmo, decidi falar com você e tornar-me seu... Amigo.

Nós dois fizemos uma careta diante daquela palavra. Ele prosseguiu.

“Ou qualquer coisa que me permitisse uma aproximação, para poder te conhecer melhor, te compensar de alguma forma. Também decidi te proteger em segredo. Eu estaria ali por você, mesmo que você não soubesse. Então proteger-te e pensar em você se tornou um hábito. Primeiro você captou minha atenção porque lhe temi, depois por culpa, depois... Bem. Depois passei a pensar em você o tempo todo simplesmente porque não podia evitar. E também não queria. Era loucura. Minha família sabe o quanto sou intenso e possessivo, não saio me apaixonando por qualquer uma. Aliás, essa sensação de *precisar* de alguém é completamente nova para mim. Alicia ficou com medo de que meu interesse repentino se tornasse uma obsessão, e que isso embaralharia minhas prioridades. De fato, ela tinha razão. Você agora é o topo das minhas prioridades. Acho que fiquei louco. Quero mandar tudo para o inferno e concentrar-me somente em você. Estou ansioso por saber detalhes da sua existência, até os mais insignificantes. Por algum motivo, eles têm uma proporção enorme para mim. Se eu fosse um bom homem, lhe recompensaria e iria embora. Mas eu não presto. Então, aqui estou eu, sendo egoísta e sequestrando você para lhe ter só para mim. Sem aqueles garotinhos da Escola lhe cercando como urubus.” Ele franziu a testa. “Alguns deles ainda não entenderam o recado: você está comigo.”

Eu, sempre tão articulada, perdi as palavras. No interior, tentava controlar as sensações tempestuosas, os milhares de furacões que assolaram meu peito ao mesmo tempo.

Luka esperou, mas eu não consegui responder. Estava imersa em mim mesma. Alívio: ele me queria. Medo: o que isso significava? Era possível ter algum tipo de *intimidade* com Luka Ivanovick?

– Amedrontei você? – ele perguntou depois de um tempo no silêncio

sepulcral.

– Um pouco. – Admiti.

– Peço perdão. Fui rápido demais.

Encarei-o chocada. Ele estava pedindo *perdão*? Luka deu de ombros.

– Sim, eu me desculpei. Aprendi uma quantidade considerável de lições nesses últimos tempos. Precisar de alguém te torna... Vulnerável – ele franziu a testa, pouco acostumado a admitir algo assim. – E a vulnerabilidade traz a humildade. É estranha essa sensação de não ter algo que eu realmente anseio. Faz-me querer lutar, tornar-me merecedor, uma pessoa... Melhor.

Aquilo foi como uma facada no meu peito. Que peça cruel o destino havia pregado em nós dois. Testando o arrogante Luka Ivanovick, empurrando-o do seu pedestal direto para os pés de uma garotinha qualquer. Será que ele seria capaz de se humilhar para conseguir o afeto de alguém? Admitir que precisava mais de alguém do que ele próprio? E a rancorosa Lara Valente, sempre competitiva, sempre querendo se vingar? Será que ela seria capaz de perdoar seu próprio assassino?

– Minha cabeça – gemi, os olhos apertados – há tanta confusão aqui... Não sei o que pensar.

– O destino foi cruel conosco, Lara. Deveríamos nos odiar, mas estamos aqui. Há muito rancor e mágoa entre nós, mas há algo mais... Algo mais urgente. Tenho sede de você. Eu te odeio, mas ao mesmo tempo, *preciso de você*. E também anseio imensamente pelo seu perdão. Sei que o que te fiz não tem desculpa, mas não posso seguir vivendo sem a sua absolvição. Meu espírito ficará perturbado para o resto da vida se você não conseguir me perdoar. E mesmo no mundo dos vivos eu jamais conseguirei

esquecer meu crime, e essa é uma culpa que eu me recuso a carregar, é um fardo grande demais. Eu não sei nem como você vai começar a fazer isso, mas eu peço... Eu lhe imploro... *Perdoe-me*. Pelo tudo o que lhe roubei. Por isso eu te trouxe aqui hoje, porque esse é o único lugar onde podemos nos livrar dessa maldição. Exatamente onde ela começou.

Totalmente absorta na conversa, eu não havia reparado onde estávamos. Ao nosso redor, um horizonte tomado por rochedos escarpados. Como havíamos feito um caminho diferente por estarmos de carro, eu não havia me dado conta do que era esse lugar.

Arfei. O pânico me afogou. *Não*. Estávamos outra vez onde tudo começou, a um passo do meu inferno particular. O penhasco onde eu morri.



Fiquei paralisada. Senti o pânico chegando.

– Não... *Não* – ofeguei. – Mas que porcaria, Luka. – Por que ele estava me fazendo passar por isso outra vez?

– Lara, fique calma – sussurrou cuidadoso. Não queria desencadear minha histeria.

Eu o encarei em pânico. Estava naquele maldito penhasco de novo – e com o meu assassino. Meu corpo se lembrava da dor, dos ossos quebrados, do pulmão perfurado – *vamos embora daqui!*, Meu cérebro berrava. Será que Luka queria sumir comigo? Arremessar-me daquele penhasco outra vez? Acabar com sua tortura? Quem iria me procurar ali,

afinal?

– Por que você fez isso comigo?! Por que me trouxe aqui? – minha voz estava cheia de histeria reprimida.

– Não tenha medo... – ele chegou perto.

– Saia de perto de mim! – ofeguei, tentando loucamente abrir a porta do carro. Estava trancada. – Abra essa porcaria.

– Não faz assim. Não diz que não quer ficar perto de mim. Eu não sei aceitar isso.

Eu me afastei bruscamente, tentando manter a maior distância entre nós.

– *Abra.* – Rosnei.

Luka me olhou com tristeza.

– Tudo bem. Não vou te forçar a nada, nunca foi minha intenção. Está livre para ir embora, se quiser – adicionou melancolicamente, a decepção em seu rosto perfeito.

Com um clique no painel, ele abriu a porta do carona e eu saí aos tropeços, desesperada por me afastar. Não conseguia me controlar – era meu instinto de sobrevivência falando mais alto. A presa, por natureza, fugia do seu predador.

Andei tropeçadamente pela relva, meus braços apertados ao meu redor, arfando. Respirei fundo para me livrar do medo, e o vento – estranhamente forte para o padrão do mundo dos mortos – chicoteava meu cabelo no rosto. Olhei para o precipício à frente, escuro, medonho. Lá embaixo, o inferno me esperava. Pedras pontiagudas, água gelada, ossos partidos. Medo, dor insuportável, consciência se esvaindo, uma espera tortuosa... Os piores

momentos da minha vida.

Caí de joelhos na relva, ressentida porque havia tanta dor aqui dentro de mim e nenhuma lágrima nesse estúpido corpo morto para chorar. Botar para fora, aliviar.

Senti a mão quente dele no meu ombro.

– Lara, eu vou te recompensar...

– Já mandei sair de perto de mim! – berrei, afastando com brutalidade seu contato. Meu grito ecoou pelo penhasco. Mil Laras devolveram minha angustia, batendo nas pedras e voltando. A dor me esfacelava. Minha mãe. Quem iria explicar para minha mãe que eu havia desaparecido? E minhas amigas? E Ana, minha pequena Ana? Como todas as pessoas da minha vida iriam aprender a viver sem mim?

Elas não sabiam lidar com a morte. E nem tiveram o direito de me enterrarem, velarem meu corpo, se despedirem... Eu me sentia usurpada. Meu corpo merecia uma despedida digna, algo que mostrasse que, para algumas pessoas, minha existência tinha feito a diferença.

Tentei me levantar, mas o vento estava forte demais e minhas pernas, fracas demais. Caí outra vez. Eu não reconhecia a mim mesma – nunca fui de cair de joelhos diante de nada. Mas ninguém é tão forte assim. Alguma hora, a gente leva uma bofetada da vida dura demais.

O homem que eu amo me matou. O homem que eu amo vai embora. Eu vou ficar sozinha pra sempre nesse mundo escuro. E eu nem pude me despedir da minha família.

Enquanto eu caía de joelhos, não alcancei o chão. O garoto me segurou por trás. Os braços fortes dele me sustentaram em um abraço quente, protetor.

– Saia de perto... – tentei resmungar. – Seu assassino.

– Não faz isso comigo. Não me peça o impossível. – Ele me encurralou em seu abraço de aço, o cheiro das misteriosas especiarias tirando minha sanidade. Luka enterrou seu rosto em minha clavícula, como se buscasse formas de estar o mais perto possível. Não parecia propenso a me soltar tão cedo. O rosto dele era quente contra minha pele, sua voz intensa, necessitada. – Preciso de você, não percebe? Entende isso, Lara, entende de uma vez por todas e acaba com a minha tortura. Entende que me mata ter que te arrancar dos meus braços e da minha vida. – De repente ele me agarrou pela cintura e me tirou do chão.

Arfei.

– O quê...?

Virou-me para ele. Jogou-me contra a lateral do seu carro, segurando minha cintura com força contra seu quadril. Suas feições perderam todo o controle, seus olhos pretos sem nenhum juízo. Ele era um homem possuído pela necessidade. Nunca o vi assim antes.

Luka apoiou os braços no carro, encurralando-me entre eles; ele fazia questão de encostar todo seu corpo musculoso no meu, muito menor. Não havia espaço para escapar – nem para respirar. Ele havia dominado tudo, invadido minha zona de conforto, exigindo cada pedaço que lhe cabia de mim.

– É assim que eu te quero sempre. Cada centímetro de você colada a mim. Porque qualquer distância está me deixando insano, já não posso suportar nem meio metro longe. – Ele segurou a raiz do meu cabelo, inclinando meu pescoço, roçando o nariz na minha clavícula, inalando profundamente. – Seu cheiro é de tantas formas fascinante para mim. – Depois, senti seus lábios contra meu pescoço, roçando; e, ligeiramente, sua

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

língua. Reprimi um ofego. – E seu gosto, tão tentador. – Ele segurou meu queixo, os olhos negros queimando sobre os meus. Sua voz estava rouca, urgente, vinda de um homem desesperado. Ninguém nunca poderia acreditar que aquele descontrole vinha dele, do sempre tão gelado Ivanovick. – É desse jeito que eu te quero, estou farto de não poder admitir. Quero pele. Mas também quero os seus... Sentimentos. Seja lá o que forem eles. – Eu estava cercada, não podia escapar. Ele era forte demais e me subjugava com facilidade; além disso, estava fora de controle. Seus olhos negros tornaram-se assustadoramente mais perigosos, e até seu cheiro, mais apimentado. A voz dele era de veludo, rouca, quase sem juízo. Puxou-me para mais perto pela cintura; exigente, mas sem machucar. – Isso que estou sentindo, quero que sinta também. *Preciso* saber que você sente também, Lara. *Preciso* saber se você também tem essa necessidade de estar assim, tão... *Perto*. *Preciso* saber se você também tem necessidade de mim. Sua resposta pode me machucar tanto, e isso está me assustando... Nunca antes algo me deixou assim, à beira do precipício de mim mesmo. Não sou o mesmo homem de antes.

– Não faz sentido – meus pulmões estavam comprimidos pelo tórax poderoso dele, então eu só pude balbuciar entrecortadamente – você me querer. Desde o começo... Nunca fez sentido. Então... Por quê?

Luka bufou, completamente frustrado. Parecia que eu não estava falando a mesma língua que ele. Uma mão voltou a se apoiar no carro, cercando-me; a outra, ele passou pelos fios negros, tirando-os do rosto, um gesto de frustração.

– De que importa os “por quês”? Não percebe que estou perdendo minha sanidade? Olha só o que você faz comigo. – Agora ele engrenhou os dedos na raiz do meu cabelo. Reclinou minha cabeça para trás, de modo que

pudesse olhar meu rosto. – Olha o que eu me tornei. De tanto querer você, não quero mais a mim. Só se você estiver no pacote.

– Não consigo entender... – alguém como ele querendo alguém como eu. Eu era boa – mas não a melhor. Eu não era Amy Turnage.

– Estou aqui por você, não percebe? Sempre vou estar aqui. Para te segurar, te salvar, ser o homem que você precisa. Sou o seu homem. E não vou deixar minha mulher se ferir, nem por ela mesma. – Ele afastou o cabelo do meu pescoço e enterrou o rosto lá. Parecia gostar de estar assim, vulnerável; quase como se pedindo carinho. Seus braços eram ansiosos ao meu redor, sua pele era quente e viva contra a minha, macilenta, morta. Ele beijou meu pescoço, longa, demoradamente. Era um homem vivo beijando um cadáver; e havia uma *doçura* naquele gesto que eu não entendia... – Entenda isso, por favor – suplicou. – Entende que eu não vou embora, que esse é o seu lugar. Aqui, segura em meus braços – ele sussurrou em meu ouvido, apertando-me com desespero.

– Não dá, Luka... – minha voz se distorcia em lágrimas, embora elas tivessem secado há tempos. – Você me *matou*. E eu não sei como começar a perdoar. Sou apenas humana. – Eu tinha meus muros emocionais, minhas falhas, meus ressentimentos. Meu âmagô tornou-se sombrio, de tanto pensar e desejar vingança do homem que me roubou tudo o que eu tinha. Eu queria vê-lo sofrer, mas, ao mesmo tempo, queria lhe cuidar, não deixar ninguém machucá-lo. – Não dá. Não para perdoar – repeti, balançando a cabeça, meio desesperada.

O rosto dele se contorceu de dor. Ele segurou a raiz dos próprios cabelos, um gesto de angústia intensa. De súbito, se colocou de joelhos. Um homem fora de si. Os olhos fechados em agonia.

– Eu te matei, e não tenho como mudar isso. Mas eu me *apaixonei* por

você, menininha... – e então ele olhou para mim. – Eu estou apaixonado por você. De um jeito louco e desesperado. Nunca experienciei nada assim. Eu me jogaria daquele penhasco só para ter a chance de ser o seu homem.

Cobri a boca com as mãos. Era inacreditável vê-lo ali, ajoelhado diante de mim. Desviei o rosto. O cérebro falando uma coisa. *Ele te assassinou.* O coração, gritando outra. *Mas você o ama. Perdoe-o, Lara. O amor vale mais.*

– Você me feriu... – minha voz era um fio bambo. – De tantas formas...

Luka se levantou e segurou meu rosto entre as mãos, a face perfeita distorcida em angústia. Estava sendo *cuidadoso*, sabia que perto dele eu era muito frágil. Estava óbvio que não queria me machucar.

– Eu não quero te ferir, meu amor. Eu quero proteger você. Porque se você se machucar, eu me firo junto. Doerá muito mais em mim.

Meu amor.

Eu era... O amor dele.

Minhas pernas bambearam – não conseguia me manter na porcaria do equilíbrio. Parecia que o mundo estava desabando sobre minhas costas, e eu não tinha mais estrutura emocional para suportá-lo.

Mas presa entre os braços de Luka, não caí no chão. Ele passou um braço sob minhas pernas, erguendo-me. Deu alguns passos avançando para a beira do penhasco, o que me apavorou por um segundo. Mas Luka não me arremessou dali como da última vez. *Não sou o mesmo homem de antes.*

O garoto me deixou perplexa quando depositou meu corpo com cuidado sobre a relva macia. Deitou-me ali e se debruçou ao meu lado, bem perto, um cotovelo apoiado no chão, os olhos de tigre fixos em mim,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

curiosos. Como o predador que parara para admirar mais de perto sua presa – e descobrira ali algo fascinante. Luka era sempre tão silencioso. Mas seus olhos tinham o dom peculiar de transbordar no silêncio, e, agora, de tão fascinados, eles pareciam citar mil frases de amor. Por *mim*.

Eu não conseguia acreditar no fato de ser o objeto de afeto do anjo negro, Ivanovick. Seu rosto não se encontrava no mundo real – tampouco em revistas de moda. Era um rosto misterioso, peculiar, mais do que apenas lindo. Havia algo de místico que emanava de todo ele. Como se o garoto tivesse vindo de outro mundo – nem dos vivos, nem dos mortos. O campo dos mistérios, terras longínquas da imaginação, que só visitávamos nas nossas mais ousadas fantasias. Luka Ivanovick era... *Inacreditável*.

A testa dele se franziu em curiosidade, enquanto ele me fitava quase obsessivamente. Era estranha a sensação de ter a atenção de Luka. Eu parecia ser a única criatura existente em todo um universo ao redor.

O garoto falava consigo mesmo.

– Não sucumba, coração, aos pés dessa menina... Não tem volta, coração...

Fiquei constrangida e desviei os olhos. Era fascinante ter suas íris sombrias sobre mim – era apavorante.

– O amor deveria ser fácil – murmurei. – Mas dói. E ninguém avisa o quanto.

– Dói, mas não sei se posso mais viver sem essa dor. É linda. E me fascinam as coisas complexas da vida. – Ele tocou minha bochecha gentilmente com seu polegar. Era tão quentinho... – Você me deslumbra, menininha. Dentre todas as distrações que existem no mundo, eu poderia passar mil anos só olhando para você.

Eu nunca tinha visto o garoto daquele jeito, tão amável, vulnerável. Eu precisava dizer a ele tudo o que havia trancafiado dentro de mim. Ele precisava saber o quanto era crucial na minha existência, quase como batidas de coração.

– Eu não posso mais esconder o que eu estou sentindo. Eu sou.... – hesitei. Fechei os olhos. Abri. *Coragem*. – Apaixonada por você.

Tão difícil abrir meu peito assim, mostrar minhas costelas, meu coração parado, meu interior mofado e cadavérico. Tão difícil destrancar-me, relevar o segredo tão íntimo que era o meu amor, a minha necessidade dele. Mas valeu a pena – pelo olhar emocionado de Luka, valeu à pena. Ele parecia... Aliviado.

– Eu amo você, menininha. De formas que não sei expressar em palavras.

E eu não entendia como Luka Ivanovick poderia estar inseguro sobre a aceitação de alguém – principalmente alguém como eu. Embora fosse lindo olhar para ele, era tão, tão triste... Olhar e pensar: *isso tudo não pode ser para mim*.

Mas se de todas as distrações do mundo, ele se dispunha a estar aqui, ao meu lado, então porque não ser egocêntrica e aceitar meu improvável presente? Não era meu. Mas eu podia... Roubar. Sim, eu poderia roubar o garoto de olhos negros para mim. Roubá-lo da família, da vida, das mulheres que nunca terão o privilégio de conhecê-lo... Ele se *deixava* roubar. *Tome, pegue, sou seu*.

No silêncio, Luka tracejava meu rosto com seus dedos longos, os olhos negros curiosos. Olhava-me como se eu fosse a coisa mais surpreendente que ele já houvesse segurado.

– Por que essa tristeza no rosto? – franziu o cenho, preocupado.

Demorei a responder, escolhendo as palavras. Angústia fazia meu coração ficar pequenininho, minúsculo, caber em um bolso.

– Porque não há teoria no universo que possa explicar o que os olhos de um homem como você enxergaram em mim. Por que o coração de um homem como você se afeioou a mim. Luka... É *muito*. Está sobrecarregando meus ombros. Não sei como ser o suficiente.

Ah, que saudade do meu ego inflado, cego, ignorante... Antes dele, nada poderia me atingir. Hoje, estou compactada, uma versão encolhida de mim. Isso era triste, mas Luka não tinha culpa de ser quem era. Eu lutava pela atenção dele não com uma quantidade específica de concorrentes. Era eu versus o resto do mundo. Todos o queriam.

– Não preciso de nenhuma teoria no universo que explique quem você é para mim. Agora, você é todo o meu universo.

Eu sorri com tristeza. Eu nunca fiz nada de tão bom na vida para merecer isso. Mil dedos apontavam para mim: *é você a criaturinha insignificante que o roubou?*

– Que pele é essa que me deixa assim? – a voz dele estava distante, perdido em pensamentos. Seus olhos, vidrados em mim. As sobrancelhas franzidas de curiosidade. Era como uma criança descobrindo algo novo. A ponta dos seus dedos tocou delicadamente meus lábios entreabertos. – E essa boca? É essa minha perdição? Meu presente? Ou maldição? – Seus olhos foram migrando para o meu corpo, e a respiração dele ficou mais intensa. – Se esse é o meu inferno, quero morrer bem aqui.

Franzi a testa. Aquilo tudo era tão irreal. Eu queria – mas não merecia.

– Não fale em morrer nem de brincadeira. Já basta a minha morte de tragédia. Não posso aguentar mais uma. – Uma muito, muito pior.

Luka penetrou aquelas íris cor de carvão no meu rosto. Sérias, vidradas.

– Estou aqui, não vou embora. Nenhum outro lugar no mundo existe para mim, a não ser onde você está. Esse é o meu lugar.

Fechei os olhos e enterrei meu rosto em sua clavícula, sentindo aquele cheiro sombrio, misterioso de especiarias. Um cheiro que não existia em nenhum outro lugar. Era só dele. Do meu Ivanovick.

Ele pousou a palma sob minha cabeça, como se quisesse me ter mais perto ainda.

– Por enquanto – sussurrei – você não vai embora por enquanto.

Ficar longe dele causava quase uma dor física. Era impensável. Ali, naquele abraço quente, era o meu lar, meu verdadeiro lugar. Qualquer outro local no mundo seria frio, desconhecido. Eu amo o Brasil, sempre vou amar – mas Luka era a minha terra natal.

– Não. Eu vou ficar com você.

Abri os olhos bruscamente.

– O quê?!

Ele pegou meu queixo, erguendo meu rosto. Seus olhos negros faiscavam no escuro, como os de um tigre – e eu os reconheci do fundo do meu âmago. Desde a primeira vez que os vi, naquele corredor escuro da Sotrom, eu soube que aqueles olhos me pertenciam. Eram meus.

– Vou ficar no mundo dos mortos com você, Lara. Renunciei meu direito à vida, já avisei a Morte e meus irmãos. Não vou embora de volta

com eles quando a hora chegar. Vou ficar. Aqui, com você, para sempre.

O ar escapou dos meus pulmões. Ou eu estava vivendo meu maior sonho, ou meu maior pesadelo.

Luka comigo – minha fantasia mais íntima e insana. Luka morto – dor. Intolerável. Ardia minha garganta. Isso *não*.

– Espera aí, mas... *Por quê?*

– Porque nenhum mundo onde você não exista me interessa. O que há no mundo dos vivos para mim se você não vai estar lá? Que vida eu vou levar com a sua ausência enlouquecendo minha cabeça dia após dia?

– Você ficou aqui por dez anos... – eu mal podia formular as palavras. Não estava acreditando naquilo. – Pagou seu preço e agora não quer a recompensa? Não quer a sua vida?

Ele suspirou, seu rosto de anjo estranhamente iluminado por uma luz fraca, meio dourada – mesmo no escuro do mundo dos mortos. Mas eu não tive tempo para prestar atenção nisso.

– Lara... Eu já encontrei a minha vida. Ela não voltou da forma que eu esperava, mas está aqui. Estou segurando minha vida nos braços. Tudo o que eu tenho de mais precioso, estou segurando agora.

Eu cobri a boca com a mão, tamanha minha descrença. Luka Ivanovick estava escolhendo a *mim*. De tudo o que havia no mundo dos vivos – futuro, família – ele optou por mim.

– Isso é loucura – ofeguei. – Alicia vai me odiar. Sua família inteira vai me odiar.

Eu vou me odiar. Quem quer ser a sentença de morte da pessoa que ama? Ele deu de ombros.

– Minha decisão está tomada. Alicia soube que isso era inevitável desde a primeira vez que eu a vi. Ela te odiou porque sabia que eu havia me apaixonado. E eu não sei outro tipo de paixão que não seja a entrega total. Estou te entregando tudo o que eu tenho, Lara, simplesmente porque eu não sei mais o que fazer comigo, a não ser tornar-me completamente seu, em todos os sentidos que conheço.

– Luka – eu o encarava atônita – pense na sua família, nos seus pais... Meu Deus! *Pense!* Não é uma decisão racional!

Ele queria mofar nesse mundo esquecido por centenas de anos? Só para ficar comigo?

– Não – ele sorriu o sorriso mais triste que eu já vi alguém dar; pegou minha mão e a pousou sobre seu peito. Sob minha palma, senti seu coração bater. – Foi uma decisão do coração.

Eu olhei para minha mão sob seu peito. Como podia um anjo negro, tão grande e inalcançável, abaixar-se a terra para deixar ser tocado por uma simples mortal? Inclinar-se humildemente do alto de sua grandeza para tocar o rosto de uma menina qualquer?

– O que você vê? – ele perguntou gentilmente.

– Seu coração. – Um coração que eu queria para mim; um coração que eu queria proteger.

– Não – ele corrigiu, os olhos negros penetrando os meus, lendo minha alma. – *Seu* coração. Há muito tempo, ele não é mais meu. Tudo que há aqui dentro de mim é seu. Eu tentei lutar, mas foi em vão. Tudo o que eu te roubei, você me roubou de volta. Eu roubei sua vida e, você, meu coração. Tento lhe dizer isso há tanto tempo... – ele balançou a cabeça, frustrado. – Já enfrentei tanta gente nessa vida e ninguém conseguiu me

derrotar. Você foi a única contra quem não pude lutar. Destruí minhas defesas, fiquei desarmado. Como pode alguém tão pequeninha ser tão perigosa? Não sou clichê, muito menos romântico. Mas olhe só para mim, estou aqui, querendo te dizer as palavras mais... *Doces*. Porque é tão cálido o que eu sinto agora. Quero cuidar de você, te proteger, te cobrir no frio, te beijar na testa, dormir com você... Quero isso tudo que eu nunca tive, e que nunca dei a ninguém. Porque só você merece isso de mim.

Enterrei meu rosto nas mãos, agora completamente desesperada.

– O que foi, pequena? Te magoei? – não podia ver seu rosto, mas havia imensa dor reprimida em sua voz.

– Não – murmurei. – É que eu acho que você enlouqueceu. Mas se está louco, quero que permaneça assim para sempre. E sou egoísta por querer isso... Mas é que eu quero *tanto*. – Se isso fosse um sonho, eu acordaria muito magoada. Luka Ivanovick não cuidava de ninguém. Ele matava, apavorava e machucava. Mas cuidar, proteger? E justo a mim?

– Estou louco, de fato. Fiquei assim desde a primeira vez que te vi. Não pense que vai se livrar de mim assim tão fácil; não agora que despertou meu amor. Não te quero só por uma noite. Quando disse que queria tudo de você, falei sério. Quero seu tempo, seu apreço, sua vida. Quero *ser* grande parte da sua vida.

– Mas aí é que está o erro, Luka! Não tenho uma vida! Estou morta! Olhe para mim, olhe para você! Não é possível que você queira terminar exatamente como eu, sem futuro, sem pulsação, sem nada.

– Sua morte não é nada para mim. Eu te buscaria até debaixo da terra. E pode desistir, caso esteja pensando em me convencer. Se não me quer, vou embora. Mas se me quiser... Ah, se me quiser tanto quanto eu te quero – ele fechou os olhos por um momento, abrindo-os de repente – aí ficarei.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não irei para nenhum mundo em que você não exista. Enquanto eu for um homem de livre-arbítrio, escolho você.

– Não posso deixar – minha voz era um fio deprimido.

Luka ergueu o maxilar musculoso.

– Não estou pedindo sua permissão, Lara. Não estou submisso a sua vontade. Mas estou, de fato, dependente dos seus... – ele franziu um canto dos lábios, quase rosnando – sentimentos. Diga-me se não me quiser, então irei embora. Mas se eu for correspondido, aí não há força nesse mundo ou no outro que me faça partir para qualquer lugar longe de você. – Ele suspirou. – Embora eu ache que não conseguirei partir nem se não for correspondido. A possibilidade de ficar distante de você me... Me *dói* – seu rosto se contorceu de sofrimento, e era uma coisa tão linda e tão trágica de se ver. – *Dói* fisicamente, rasga meu peito. Não conseguiria ir embora nem se você me repugnasse. – Ele negou com a cabeça, os olhos se perdendo no horizonte. – Não, nem mesmo assim. Estou obcecado demais. É magnetismo.

– Você tem muito a dar ao mundo, Luka. Os vivos precisam de você. Não posso te roubar assim.

– Já roubou. Fui sequestrado. Não aceito o resgate. Apaixonei-me pela criminosa e vou ficar bem aqui.

– Eu... – abri a boca de repente; o rosto dele, cheio de expectativa, estava... *Brilhando*. – Luka – arfei – você está brilhando.

Ele franziu a testa, embora segundos depois seu rosto faiscou de compreensão. Riu aquela gargalhada de veludo. Pegou meu queixo delicadamente.

– Pensei em lhe dar tantas coisas, comprar tudo para você. Mas esse

foi o melhor presente que eu pude oferecer. – Ele virou meu rosto para o lado, para o horizonte. – Uma última recompensa.

O ar escapou dos meus pulmões.

Meu Deus.

O sol.

Incandescente, se erguendo no céu com toda a sua majestade. A luz dourada, quase líquida do amanhecer, incendiava os rochedos escarpados, tornando-os menos assustadores, quase belos. A relva opaca sobre a qual nos sentávamos de repente se tornou dourada, e eu pude ver detalhes que antes, no escuro, não conseguia enxergar. Havia algumas flores espalhadas pelo chão – tímidas, porém corajosas. Olhando ao redor, a paisagem era imensa, um horizonte sem fim.

– Se eu não posso te levar de volta a vida, trouxe um pedacinho da vida para você. – Disse Luka.

Eu me levantei do seu colo, completamente estarrecida, sem conseguir formar nenhuma palavra. Aproximei-me da borda do penhasco. Apavorada, olhei para baixo, para as pedras onde eu havia morrido.

Não era mais o inferno.

Sob a luz do amanhecer, havia vegetação e até algumas flores. Um rio pequeno corria por entre as pedras, a água cristalina, convidativa. O sol tornava aquilo tudo dourado, e a paisagem dos meus piores pesadelos, de repente, tornou-se *linda*.

Eu observei o sol nascendo, a luz primeiramente iluminando meus tornozelos, depois subindo pelas pernas, pelos braços, e finalmente no rosto. O céu estava encontrava-se colorido em tons de vermelho e violeta; sol retomava o seu lugar em toda a sua glória. O sol que eu tanto amava.

Uma última vez.

Fechei os olhos, sentindo o calor sobre minha pele. O vento chicoteava meu rosto, eu me sentia estranhamente, gloriosamente *viva*. Os mortos não são dignos dessa luz, por isso vivemos trancafiados em um mundo escuro.

Mas o sol, tão íntimo de minha alma desde os primórdios de minha infância, resolveu me encontrar uma última vez. O sol da minha terra tropical, o espírito do meu Brasil. Incendiava o meu próprio espírito, e no sussurro do vento em meu ouvido, ele dizia sentir saudades.

Por que você sumiu, pequena Lara? Onde se escondeu de mim todo esse tempo?

O sol, que só conhecia a glória, não entendia que gente morta como eu morava em um mundo de breu. Eu não podia explicar a ele algo assim, tão triste. Por isso só sussurrei de volta:

– Senti sua falta...

Em resposta, ele aqueceu minhas células mortas, e eu olhava para minhas palmas com curiosidade. Estavam quentinhas, douradas sob a intensa luz. O sol, cuja toda vida no planeta girava ao redor, poderia aparecer para uma menininha cadáver como eu?

Só fechei as pálpebras outra vez para aproveitar a sensação. Meu corpo morto estava quente – era um milagre. Havia algo molhado em meu rosto. Coloquei a mão sobre uma bochecha e abri os olhos em choque. Sob a ponta do meu dedo, captei uma única lágrima.

Eu havia chorado minha preciosa e última lágrima. A lágrima guardada da Lara viva. A Lara que ficou no passado e deixou esse último presente para mim.

– Meu Deus... – murmurei.

Eu senti o cheiro misterioso de Luka por perto. Sabia que ele estava bem atrás de mim.

– Como pode alguém como você não acreditar em um mundo espiritual? – ele perguntou gentilmente. Era estranho ouvir a voz controladora de Luka Ivanovick amável.

– Não acredito – respondi automaticamente, como fizera em toda a minha vida.

Ele se colocou ao meu lado, olhando o horizonte contemplativo. Os penhascos ao longe, o rio brilhando lá em baixo, o céu violeta, a luz dourada por toda parte... Seu rosto perfeito brilhava com a cor do ouro, sob a luz do amanhecer, e agora eu entendia por que.

– Que coisa triste, Lara Valente. Olhe só para tudo isso. Bem aqui, eu sinto a presença do espírito de todo esse lugar.

Eu contemplei a paisagem. Meu inferno pessoal havia se tornado um dos lugares mais lindos que eu já vira na vida. Eu não podia imaginar que nas frias terras inglesas havia tanta beleza, e a natureza tão era gloriosa ao seu modo. Longe da neve invernal, esse lugar era quente e iluminado sob o sol do verão.

– Não acredito nessa história de paraíso... – tentei argumentar, mas olhando aquele sol majestoso, eu não tinha mais certeza do que falava.

– Por que não? Pois eu acho que esse lugar poderia ser o paraíso.

Era tudo tão incandescente e colorido que eu acreditei por um momento na existência de algo imaterial. Era uma beleza era espiritual demais, transcendental demais. Melhor visto com a alma do que com os olhos. Em tudo que brilhava sob a luz dourada, havia poesia.

Olhei para Luka ao meu lado.

– Luka... Estamos onde estou pensando?

– Sim. Um último dia no mundo dos vivos, uma última vez para você ver o sol. Foi tudo o que eu pude lhe dar.

Meu Deus. Eu estava no mundo dos vivos. As pessoas da Escola da Noite matariam por um único dia no meu lugar. *Como* Luka havia feito isso? Eu sabia que ele poderia vir ao mundo dos vivos esporadicamente, mas trazer alguém morto com ele? Loucura. Se a Morte descobrisse...

– Isso pode lhe causar problemas?

Ele olhou para frente, as íris sombrias.

– Me arruinar.

Eu lhe lancei um olhar de pura gratidão. Meu peito se inflou de respeito por ele. Não havia caminho para nós dois, a não ser o perdão. Eu perdoá-lo por ter me matado. Ele me perdoar por estar arruinando a vida dele.

– É só uma única vez, Lara. Queria poder lhe dar mais, mas é tudo o que eu posso oferecer. Se a Morte descobrir, pode descontar em meus irmãos. Estou quebrando uma parte crucial do nosso acordo, e caso ela se revolte, pode impedir minha família de voltar para casa. Eu irei ficar, então tanto faz. Mas não posso correr o risco de prejudicar meus irmãos, que anseiam sair do mundo dos mortos.

– Então vamos embora – sugeri, preocupada. Eu já havia tomado demais de Alicia e Nikolai. Não poderia prejudicá-los mais. – Você já fez demais por mim, vamos. – Estendi minha mão.

Luka olhou para minha palma com aquelas íris de tigre – sombrias,

porém suaves. Entrelaçou seus dedos quentes nos meus. Olhou para o sol, que agora já tomara conta do céu em todo o seu esplendor.

Aquele, literalmente, era o último dia da minha vida. E também da dele, uma vez que decidira morrer.

Nunca mais nós dois estaríamos sob a luz de uma manhã, nunca mais veríamos o sol nascer. Estávamos fadados a uma eternidade de escuro – porém juntos. E, para ele, por algum motivo extraordinário estar comigo também era o suficiente.

Sob a luz líquida da manhã, Luka era ainda mais lindo.

– Guarde na memória – ele murmurou, e com os olhos presos no horizonte, sabia que era exatamente isso o que ele estava fazendo. Olhei o céu vermelho e violeta, a luz e a poesia que havia no mundo dos vivos. Guardei tudo na memória e no coração, sabendo que eu me lembraria com clareza de tudo aquilo por anos a fio.

E de repente aquele momento era poesia, transbordando na alma, incendiando-me de dentro pra fora como um sol particular; eclodiu nas minhas entranhas, lá no âmago onde desconheço, expulsando com uma explosão de luz todos os meus medos. Medo de estar morta, medo da eternidade que estava por vir. Meu sol interior matou minhas mágoas mais profundas, deixando-me leve, saboreando o sabor do perdão.

O sol do meu Brasil não tinha ido embora – eu o guardei na minha alma. E ele veio junto comigo para essas terras invernais, acompanhou-me até a morte, porque era meu. Minha paz de espírito, meu pedacinho do paraíso.

Então eu me despedi do sol e da vida. Luka e eu viramos as costas e fomos embora – de mãos dadas. E seria sempre assim.

A morte nos esperava. Nós caminhamos de volta para ela, sem rancor algum.

Capítulo Quinze

Era uma sensação além da imaginação. Ter a mão dele ali, entrelaçada na minha, e não me sentir usurpando nada de ninguém. Luka estava ali porque queria, era meu porque *queria*. Mesmo sem explicação racional.

Um dia – em alguma dessas minhas memórias borradas da infância – minha avó, tão silenciosa em sua sabedoria, disse-me: *minha menina, cuidado. A vida tem livre-arbítrio, corre pelos caminhos que bem entender, sem precisar da sua permissão. Por isso não queira ser dona da sua vida. É mais sábio ser amiga dela.*

Infelizmente vovó Maria tinha morrido, mas deixou suas palavras para mim. Ela sabia que um dia eu iria precisar delas.

Luka me levava de volta para o mundo dos mortos, e sentada dentro do carro, de mãos dadas com o garoto, eu ia de olhos fechados, sentindo os raios de sol da manhã quentinhos sobre as pálpebras, uma despedida silenciosa.

Chegamos à Escola da Noite, e a maioria dos alunos já tinha ido dormir. O castelo estava silencioso, e Luka me levou pela mão até a ala de sua família. Ergui a sobrancelha.

– Tem algo que é seu lá dentro – ele explicou. Não vi Alicia nem Nikolai por ali, portanto fomos direto para o seu quarto.

– Sente-se – pediu ele com gentileza, sugerindo a cama. Era estranho ver essa nova doçura ferindo a arrogância tão arraigada em sua voz. Sentei-me enquanto ele agachava-se para pegar algo em um cofre trancado, escondido na parede atrás dos livros da estante. Desviei o rosto para não ver a senha. Ele deu um meio sorriso, revirando os olhos.

– Por favor, Lara. Agora não há nada que eu esconda de você.

Pegou lá de dentro uma caixinha de veludo negro. Quando se virou para mim, seus olhos, sempre tão profundos, agitavam-se como um mar de tormentas, a negritude lá dentro tempestuosa, como se milhares de sentimentos se colidissem dentro dele. Havia um respeito inflamado quando ele olhava para mim, como se eu fosse a única coisa digna dos seus olhos. E também uma insegurança que não combinava com sua arrogância, como se eu fosse a única que pudesse partir seu inatingível coração.

Luka foi caminhando para cama e, diante de mim, se colocou... Deus! Colocou-se *de joelhos*.

Fiquei paralisada de espanto. Luka Ivanovick estava de joelhos diante de mim. Ele abriu a caixinha de veludo. Duas alianças antigas e prateadas reluziam lá dentro.

– Essa aliança esperou anos por você – ele tirou a menor lá de dentro; olhava-me de baixo, estranhamente submisso, a voz humilde. – *Eu esperei anos por você.* – Pegou minha mão delicadamente, esperando minha aceitação. Eu, que sempre tinha algo a dizer, fiquei sem reação. – Lara... Minha Lara... A eternidade nos espera, séculos e milênios são nossos. Você gostaria de passar todo esse tempo ao meu lado, comprometida comigo, sendo só minha, enquanto durar o eterno?

Emocionada, sem ar, passei uma mão por seus cabelos negros. Tão lindo, tão meu. Agora eu entendia porque as pessoas se casavam, tinham filhos, escolhiam se comprometer para sempre com alguém. Não havia nada no mundo, nem dos mortos e nem dos vivos, que eu quisesse mais do que ele.

– A única coisa eterna na minha existência é você – declarei.

Luka fechou os olhos por um segundo e sorriu, aliviado. Colocou a aliança em meu dedo. Depois eu ficaria sabendo que aquilo passou de geração em geração em sua família, usada por grandiosas mulheres da família Ivanovick. Ele beijou a palma de minha mão, ainda de joelhos. Passou o rosto ali, fazendo carinho em si mesmo e fechando os olhos como se a sensação o consumisse de tal forma que não pudesse dar atenção a mais nada.

– Para sempre – sussurrou.

Depois, Luka tirou os sapatos e a camisa. Eu só fiquei parada, observando. Deitou-se no meio da enorme cama e deu tapinhas ao seu lado.

– Vem cá. Dorme comigo essa noite. – As íris deles estavam cheias de promessas escuras, tentadoras, apavorantes. Soltei o ar que estava prendendo. Deus. A visão daquele tórax musculoso era perturbadora demais. Não sabia *exatamente* o que ele queria de mim, por isso me acovardei diante da incerteza.

– Eu... Hã, dê-me um minuto. – Sem encará-lo, corri para o banheiro e me tranquei lá dentro. – Merda – ofeguei. Recostei-me nos azulejos e escorreguei para o chão. Massageei as pálpebras fechadas. Algum tempo se passou até que eu me acalmasse do súbito descontrole, tão atípico de mim.

Droga, Lara, não seja covarde. Não agora. Não é qualquer um te

esperando lá fora. É o Luka.

E isso era motivação suficiente. Levantei-me e saí do banheiro, meio apavorada, meio decidida. Ele se recostava na parede ao lado da porta, esperando... Tinha a camisa posta. Certamente havia pensado que eu havia desistido.

– Você está bem? – ele se recompôs, parecendo preocupado.

– Tô legal. – Dei de ombros.

– Quer que eu te leve até o seu quarto?

Abri a boca. Fechei. Pensei por um minuto, o medo lutando com a minha vontade. Por fim, ergui os olhos para ele, decidida. Eu não queria ser só o amor dele. Queria ser a *mulher* dele.

– Não saio daqui antes de você me dar o que eu quero. – Ergui uma sobrancelha.

A expressão dele se fechou. Seus olhos felinos reluziram escuros, sombrios, apimentados.

– Cuidado com o que pede. Dou-lhe a opção de não abrir as portas para mim. Mas se ousar abrir, eu invado. E não tem volta.

Em resposta, só me recostei na parede. Desabotoei os primeiros botões da roupa lentamente. Luka acompanhou o movimento com os olhos. Fixamente. A expressão se escureceu. Fixou o olhar na minha pele à mostra, parecendo perturbado.

– Lara... Você me conhece. Não pede o que você não aguenta.

– Não aguento? – passei a língua pelo lábio inferior. Ele acompanhou o movimento com os olhos, parecendo faminto. – Então é você que não me conhece.

Repentinamente, como um tigre agindo por instinto, ele capturou meus pulsos, pressionando-os contra a parede. Com a outra mão, levantou o vestido e apertou minha coxa, erguendo-a de modo que se enroscasse na sua cintura. Sua voz perdeu o fio do controle.

– Eu avisei, garotinha. – E então ele me imprensou contra a parede, seus músculos poderosos me trancafiando. Ele passou aquela língua molhada no meu lábio inferior, capturando-o com os dentes. Arfei. Ele não deixou que eu me movesse. – Já era. Agora você é minha. E eu quero desfrutar do que é meu.

E então ele perdeu a razão. Era um homem dominado.

Sua língua me invadiu, exigindo seu espaço. Minha mente ficou enevoada. Seu sabor era apimentado, exótico como tudo nele. Nunca havia sentido um gosto tão bom. Tudo nele era inebriante. O cheiro apimentado, a pele que fervia, o corpo poderoso, os olhos de mistério, a aura negra...

Seus lábios eram macios, porque simplesmente tudo nele era aveludado. E ao mesmo tempo duros – duros pela necessidade, urgência. Luka foi com toda a sua ânsia pelo meu corpo. Beijou minha boca com fervor, agonia, quase desespero para sentir todo sabor que podia. Depois, beijou, lambeu e mordeu meu pescoço... Segurava meu cabelo, de modo que eu não pudesse fugir até que ele se sentisse satisfeito.

– Luka... – balbuciei, sem ar.

– Shh, Lara. Preciso ficar saciado de você. – E então me ergueu do chão, fazendo com que minhas duas pernas se enroscassem na cintura dele. Andou até a cama e me jogou lá, trancafiando-me por cima.

Seu cheiro era de especiarias, quente, promíscuo, *fervente*.

Eu gemi quando ele passou a língua pelos meus lábios, sentindo o

gosto.

– Quero você – praticamente suplicou, ofegante. – Tem que ser por inteiro.

Eu abri os lábios, acenando um sim com a cabeça. Não havia alternativa para nós dois. Ou nos matávamos, ou nos amávamos. De verdade.

Depois da minha permissão, e ele se tornou um Luka totalmente diferente do homem suplicante de segundos atrás. Impôs-se, forte e imponente, erguendo minha cintura do colchão contra a dele. Sua mão segurou meu cabelo, ele ofegava. Mordeu meu lábio inferior. Seus lábios eram apimentados, sua língua me invadiu, exigindo o espaço que lhe era de direito, explorando cada centímetro... Ansiando descobrir o gosto... Sua mão desceu exigente pela minha coxa, fazendo-a enganchar-se ao seu corpo. Ele estava por todas as partes, o cheiro inebriante, o gosto de mistério, escuro, picante. Lembro-me dele tirando a camisa. Lembro-me de partes do meu vestido rasgadas.

Depois disso, eu me perdi. O que aconteceu ali foi só nosso, ninguém viu, ninguém soube.

E a noite seguiu, misteriosa e sombria, engolindo o mundo dos mortos... Noite, tão linda noite...



Lembro-me de fragmentos.

As mãos dele deslizando. Minhas curvas sensíveis. Os lençóis se

enroscando, pernas entrelaçadas, os braços dele sustentando minha coluna, seu corpo suado, seus murmúrios aveludados. Movimentos rítmicos. Ele tentava se controlar para não me machucar.

Mas Luka Ivanovick, meu Luka, era uma floresta em chamas. Seu incêndio, incontrollável. E eu lembro de me queimar.

E de suas mãos puxando meus cabelos, a expressão alucinada, lábios molhados.

– Você é minha? – ele ofegou, entre um movimento e outro, segurando meus cabelos, possessivo. Não consegui responder. Estava perdida em mim mesma, mergulhada em sensações.

– *Você é minha?* – ele exigiu saber.

– Sim – ofeguei.

Os beijos por todo o corpo. O cheiro de especiarias, o picante sabor. Seus olhos de mistérios, negros e sérios, com algo de dor. Ele beijava minhas coxas e subia, sempre me fitando com uma doçura sombria, uma estranha adoração.

– No mapa do seu corpo, eu jamais tomarei atalhos – sussurrou sua voz musical.

Meu cabelo espalhado em leque pela cama. Seus lábios quentes. Sua língua por todas as minhas partes secretas. Horas e horas, noite adentro, noite eterna.

Luka Ivanovick tinha palavra. Descobriu todas as partes de mim, sem jamais tomar atalhos. Sem me deixar fugir do seu corpo forte, poderoso, armadilha inescapável.

E eu morri mil vezes, só para nascer de novo em seus braços. Não

mais garota. Mulher.



No outro dia, acordei descabelada. Um braço de Luka na minha cintura, possessivo. Ele ainda dormia, os cabelos desalinhados caindo no rosto. Era a primeira vez que eu o via inconsciente, vulnerável...

Uma cena inebriante.

Saí de seu abraço tentando não acordá-lo. Inevitável. Luka despertou na hora com a minha ausência, sentando-se de repente, assustado. Olhou para os lados e só se tranquilizou quando me viu parada ali, do lado da cama, tentando me enfiar na sua camisa.

– Sonho ruim? – perguntei.

Ele passou uma mão pelos cabelos.

– Não foge assim de mim. Me dá agonia quando você se afasta sem que eu saiba.

Baixei os olhos, sorrindo timidamente. Eu não sabia ainda como lidar com toda aquela atenção dele.

– Vem cá, vem – estendeu os braços. Nenhum ser humano recusaria aquela oferta. Subi na cama e aconcheguei-me entre seus braços. Ele me balançou, ninando-me como uma criança. Talvez fosse assim mesmo que ele me enxergasse: apenas uma menininha.

Luka, de certa forma, me lembrava o Brasil. Dentro do seu abraço

era quentinho, seguro, familiar. Lar.

– Me dê um motivo para sair dessa cama – ele falou. Eu ri.

– Mayumi deve estar louca atrás de mim. – Não dormi no quarto, não apareci. A essa altura ela deve ter noticiado meu sequestro em toda a mídia dos mortos, com muitos gritos e choradeira.

Ele arregalou os olhos, lembrando-se de algo.

– Hoje é domingo?

– Acho que sim – franzi o cenho. Tinha perdido a noção do tempo.

– Merda! – ele se levantou, me carregando junto. – Temos compromisso.

– O quê? Vamos para onde? – eu estava descabelada e só tinha uma camisa amassada para vestir. Já tive momentos melhores. Luka sorriu malicioso.

– Conhecer oficialmente minha família.



Ele se vestiu e passamos no meu quarto, de modo que eu pudesse enfiar-me em uma camiseta branca e uns shorts *jeans*. Mayumi praticamente chorou quando entrei no quarto. Tinha olheiras sob os olhos azuis.

– Onde você se meteu, mulher?! Eu já estava organizando grupos de buscas para procurar o seu corpo! Mas que porcaria! Tinha sangue por todo lado, o espelho quebrado e...

Droga. Logan. Eu tinha me esquecido. Muita coisa aconteceu.

– Luka quebrou a cara do Logan O’Shea. Destruímos seu espelho, desculpe. Onde está o corpo?

– *Corpo?* – a japonesa se apavorou. – Ele apagou o cara?!

– Não sei... Espero que não – engoli em seco. Imagine o problema que isso daria para Luka. E embora eu não tivesse nenhum motivo para sentir pena de Logan, também não queria ele completamente morto.

Mayumi me encarou.

– Você não está falando sério. Isso é crime no mundo dos mortos.

Eu expliquei para Mayumi o motivo da confusão. Ela se sentou na cama, atônita. Depois de se recuperar do choque, considerou:

– Bom, se Logan de fato morreu, alguém buscou o corpo. Não tinha ninguém aqui quando eu cheguei. Só a bagunça, que por sinal eu já limpei. Não queria perguntas... Precisava perguntar primeiro a você o que tinha acontecido.

– Milhares de coisas aconteceram ontem à noite. Logan me seguiu até o quarto e... Bem. Luka chegou na hora.

– Deus... O cara deve estar destruído. – Mayumi sabia tanto quanto eu do que Luka era capaz.

– *Se* ele ainda estiver andando por aí, Mayumi...

– Lara, corpos inertes não saem andando por aí. Ou alguém invadiu nosso quarto e o arrastou para fora, ou ele saiu andando com as próprias pernas.

Devolvi seu olhar sombrio. Sinceramente, não sabia qual das duas opções era pior.

– Isso é um problema dos grandes – suspirei. – Mas penso nisso depois.

Tenho que me trocar.

– Opa, espera aí! Falando nisso, onde a senhorita passou a noite?

– Hã... Luka está me esperando lá fora – informei, culpada. Ela entendeu rapidamente. Abriu a boca em choque e depois gargalhou. Enfie-me em minha roupa e saí correndo do quarto antes que se deflagra-se a avalanche de perguntas.

– Detalhes, viu? Quero detalhes! – ela gritou enquanto eu fechava a porta.

Luka, recostado na parede do corredor, riu. Dei de ombros, a cara queimando. “Mulheres.”

No caminho, contei para ele sobre Logan. Luka só fitou à frente, as sobrancelhas franzidas, perdido em pensamentos. Ele sabia que aquela história ainda não havia acabado.

– Ou alguém sabe do nosso segredo, ou Logan está escondido por aí, esperando para se vingar – ele tinha expressão preocupada.

– Está com medo?

Luka me encarou como se eu houvesse acabado de falar alguma coisa muito bizarra.

– *Medo*? Há anos não tenho medo de mais nada nessa existência, Lara. Mas quem ousar machucar você, esse sim tem que ter medo de mim. – E passou um braço pelos meus ombros, puxando-me para mais perto. – Vamos esperar. Se ele ainda estiver por aí, vai me encontrar. Então nós acertaremos nossa conta.

Fomos até reentrâncias do castelo que eu não conhecia. A Escola da Noite era muito grande, e fora os ginásios e estádios, havia campos de

futebol afastados, quadras de tênis, piscinas... Tudo para o lazer dos alunos. Passamos por algumas pessoas que ainda se chocavam ao nos ver de mãos dadas. No entanto, não ficamos por lá. Adentramos em um jardim muito pouco habitado e chegamos a um enorme lago. Como nossa noite não tinha lua, a Escola providenciava postes de lâmpadas decorados num estilo bem tradicional, de modo que tudo ficava bem iluminado. Ao lado do lago, havia uma enorme campina. Um espaço infundável de grama baixa ladeado por árvores. Alicia e Nikolai corriam ali, rindo e se empurrando, uma bola de futebol nos pés. Eles estavam *brincando*.

Alicia brincando. Era mesmo o fim dos tempos.

– Tem espaço para mais dois aí? – Luka perguntou.

Nikolai abriu os braços quando nos viu, escancarando um sorriso.

– Irmão! Apareceu! E trouxe minha irmãzinha...

Alicia parou de correr, meio constrangida por ter sido flagrada se divertindo. Colocou uma mexa de cabelo atrás da orelha e me cumprimentou com a cabeça. Sorriu no canto dos lábios.

– E aí.

– E aí. – Devolvi com um aceno de mão, igualmente constrangida. Ainda era estranha essa cordialidade mútua.

Ela arregalou os olhos quando viu a aliança. Nikolai berrou naquela voz poderosa.

– Merda! Vocês *casaram*?

Luka jogou a cabeça para trás e gargalhou.

– Claro que não, cara. Que ideia. Tenho dezenove anos.

– Ah – ele respirou, aliviado. – Quer casar, case. Todo mundo pensa

em fazer besteira. Mas iríamos ter um problema se eu não fosse convidado.

– Eu sei. Casamentos sempre te emocionam.

– Fico emocionado com a comida grátis.

Riram.

– Então... Vocês estão oficialmente juntos? – Nikolai perguntou observando nossas mãos entrelaçadas.

– Sim. Vim até aqui apresentar a cunhada de vocês. – E me fez dar um passo para frente. Depois me rodou com um braço, em um passo de dança desajeitado. – E então, o que acham?

Nikolai coçou o queixo, analisando.

– Meio baixinha. Mas dá para o gasto.

Gargalhei.

– Estou melhor do que você, grandalhão.

Ele revirou os olhos.

– Admita. Você me quer.

– Ei! – Luka interveio. – Que isso, irmão. Ela já é comprometida.

– Lembre-se do que nossa mãe sempre falou. Irmãos têm que compartilhar tudo.

– Certo. Vou compartilhar uma fratura no seu queixo.

Nikolai gargalhou aquela sua risada estrondosa, ecoando pelas árvores.

– Não se impressione, Lara. Esse frangote aí não mata nem mosca.

Meu sorriso esmaeceu. Luka desviou o olhar. Alicia deu uma cotovela em Nikolai.

– Ai! Porcaria! Ele que faz a besteira e eu que levo? – Nikolai não parecia minimamente constrangido. Para ele, os fatos não eram complexos. Luka me matou. Eu o perdoei. Estamos juntos. Simples. Sem ressentimentos.

Alicia interveio. Era estranho tê-la como diplomata.

– Depois dessa overdose de amor fraterno, que tal pararmos com essa conversa furada e partir para o que interessa? – ela sorriu maliciosamente e ergueu a bola de futebol. – Irmão – piscou para Luka – você no meu time?

– Só se for agora – Luka puxou meu queixo e me deu um rápido beijo na boca. Depois foi para o lado de Alicia, que, embora tentasse evitar, olhou aquilo com estranheza. Nikolai parecia ter achado tudo muito natural, mas eu ainda me sentia um tanto... Aérea. Passei a língua pelos lábios e senti o gosto apimentado que ele deixou. Embora eu tenha passado a noite recebendo beijos como esse, ainda não havia me acostumado ao sabor, à textura, ao veludo dos lábios dele...

– É, parece que só me sobrou você – Nikolai me olhou desanimado. Arqueei a sobrancelha.

– Senta e aprende.

E então começamos um animado jogo de dois contra dois. Os gols foram improvisados, e Luka e Alicia nos deram muito trabalho. Mas eu gargalhava diante de suas caras de espanto com o meu talento.

“Brasileira”, dei de ombros. A paixão do meu país era o futebol, e disso eu entendia bem. Meus dribles os pegaram de surpresa, e embora eu não fosse páreo para Luka, dei-lhe bastante trabalho. Ele me pegava pela cintura, erguia-me e tirava a bola dos meus pés, roubando um beijo. “Peguei”, piscava enquanto eu o xingava. Não era justo.

Nikolai urrou de alegria quando fiz um gol, “Isso aí, mulher!” e me ergueu do chão. Alicia era páreo para os meus dribles, seus sentidos felinos a permitiam pressentir meus movimentos. Ela tomava a bola de mim com elegância – e se surpreendia quando eu tomava a bola dela, sorrindo de lado. A russa finalmente cedeu – não havia alternativas. Ela havia me aceitado na família.

Jogar contra Luka era muito diferente. Excitante, quase sensual. Ele me confundia com aqueles olhos apimentados – eu perdia a concentração e ele me tirava a bola. Mas sejamos justos comigo – quando ele se distraía, eu o roubava a bola. E ele me puxava, mordida e abraçava, rindo (mais feliz do que eu jamais vira). Era estranho vê-lo sem a austeridade cravada no rosto. Luka não parava de sorrir e não conseguia tirar as mãos de mim. Eu me inflava de emoção a cada vez que ele arranjava uma desculpa para me tocar.

Nunca fui a menina das bonecas. Não sou introspectiva, não me afundo em livros e nunca quis ou precisei de príncipe nenhum. No entanto, Luka, tão diferente e profundo, me escolheu.

Ver os Ivanovicks ali, gargalhando e brincando, mexeu com partes desconhecidas do meu coração.

Eles tinham um encanto e mistério natural, mas o meu deslumbramento não provinha da beleza e magnetismo deles. Eram lindos, é claro. Ágeis, espertos, cativantes. Mas eu me apaixonei pelas gargalhadas sinceras de Nikolai, os sorrisos tímidos de Alicia e o olhar profundo de Luka, como se eu fosse a coisa mais fascinante ali para se olhar. Deslumbrei-me por estar sendo aceita, acolhida, e um calor se espalhou pelo meu coração morto, como se ainda restasse a lembrança da vida nas minhas células.

Era um calor que talvez pudesse ser amor. Amor por Luka. Amor pela sua família – agora *minha* família. Sorri para mim mesma, pensando em

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quão absurda é essa vida. Tive que morrer para aprender a amar, aprender a ser humilde e aprender a perdoar.

Eu precisei morrer para encontrar meu lugar no mundo. E que me perdoem aqueles que estão vivos, mas aqui, nesse mundo dos mortos, eu conseguia encontrar vida em cada esquina. Isso a Morte não conseguiu nos roubar – éramos humanos. Carregávamos amor, ódio, sentimentos e laços em qualquer mundo.

Cansamos-nos e Luka me puxou para a grama, deitando-nos de costas. Alicia e Nikolai nos acompanharam, suados e arfando – eles estavam vivos, afinal.

O céu daqui não tinha estrelas, mas aquela noite com minha família era perfeita. Havia um novo ar no mundo dos mortos. Embora nossos corpos fossem silenciosos, eu sentia milhares de batidas, mais de mil corações batendo juntos dentro e fora do castelo.

Sr. Wood, tão sábio em sua humildade, tinha toda a razão. Havia vida aqui, nesse nosso mundo esquecido. Era morto, mas não era assombrado. Este era o meu novo lar, minha nova família, e curiosamente eu sentia a vida transbordando por entre as fendas desse universo paralelo, batendo à porta de nossos corações.

E por isso a morte nos queria – nós a fascinávamos. Ela nos matou, roubou, jogou de penhascos, esfaqueou e asfixiou. Mas agora eu entendia o prazer que ela tinha em nos jogar aqui, nesse castelo. Ela gostava – *precisava* – ver-nos renascendo. Fazendo novos amigos, sentindo, nos humanizando outra vez. Ela nos mantinha presos aqui por que era viciada em ver nossas histórias, nossas gargalhadas e lágrimas.

E eu não a julgo.

Seres humanos são, sim, fascinantes. Eu a perdoei por me matar – porque, afinal, ela trouxe o amor da minha vida. Sim: *vida*. Porque eu sentia as pulsações vitais em meu âmago. Na alma, onde faca nenhuma entra, onde não corre sangue, onde ninguém alcança para me roubar. Eu sentia a minha vida borbulhando nas entranhas, nos recantos escondidos do meu espírito, gritando: *Lara, Lara, ainda estou aqui*.

Então eu perdoei a Luka. Não importava as mágoas, as feridas que ele me causou. Eu o amava e isso era maior. E eu me perdoei também – livreime da culpa por abandonar minha família. Minha morte doeria nelas, mas elas tinham um mundo de possibilidades e uma vida inteira pela frente. Tocariam a vida sem mim, e, inevitavelmente, dentro de poucos anos eu não seria mais dor. Seria um triste e boa lembrança. Da filha que um dia Helena teve. Da amiga que um dia eu fui. Da irmã.

Eu me tornaria as fotos espalhadas pela casa. Seria túmulo coberto de flores. Seria um nome repetido toda noite em uma oração. E como uma árvore que gradualmente perde as folhas no outono, elas iriam me esquecendo. E eu não as culpo. Somos assim mesmo, volúveis, mutáveis. E essa é a nossa beleza.

Então eu te perdôo, morte. Não te culpo por cobiçar minha vida. É lindo mesmo poder viver. É lindo e eu vou me agarrar a isso da mesma forma em que me agarro à mão de Luka agora, estendida na grama.

Agora eu sabia que o mundo dos mortos não era assim, escuro como diziam. Aqui havia luz – e música, e amor, e vida. Nós éramos tudo isso. Nós éramos nossa própria luz.

Eu sorri fracamente, e Luka perguntou o motivo. Só dei de ombros.

Eu encontrei meu lar.

PARTE V

A CAÇADA

Capítulo 16

A existência na Escola dos Mortos virou de cabeça para baixo desde que Luka me assumiu como sua namorada publicamente. No começo, várias cabeças se viravam quando passávamos de mãos dadas no corredor. E quando Luka me beijava em público então – Deus do céu – algumas garotas pareciam prestes a ter um infarto no miocárdio. Isto é, se tivessem um coração batendo.

Muitas paixões secretas foram frustradas – as esperanças das garotas amassadas e jogadas no lixo. Eu podia entendê-las, e até sentir pena. Eu sabia o que era estar em seus lugares, observando o garoto de longe. Mas as que me fitavam com raiva, como uma rival que quisessem derrubar, por essas eu não me solidarizava.

Entretanto existiam as que me fitavam timidamente, profundamente, quase como se quisessem ler em minha alma o que Luka tinha enxergado ali... Bem, com essas eu concordava. *Também estou tentando descobrir.*

Não me leve a mal, não tenho baixa autoestima. Acontece que Luka era muita pressão, até para mim. Ficava difícil entender sua escolha. Dentre todas no mundo, de todas as belezas, etnias, talentos... Fui eu.

Ninguém estava acostumado a ver um Luka perambulando de mãos dadas pelo castelo, rindo sem a máscara fria de autocontrole, afagando meus cabelos distraidamente. Nem eu mesma estava acostumada. Mas eu fui me adaptando a ter a atenção dele sem surtar, e as pessoas que orbitavam ao nosso redor, embora muito chocadas, acabaram se acostumando também. Luka não estava nem aí, acostumou-se há anos aos olhares persistentes, como um ídolo que tenta viver normalmente ignorando a atenção obsessiva dos fãs.

Para mim, foi bem mais difícil – era como viver dentro de um Big Brother. Nosso relacionamento estava sendo acompanhado de perto por toda a Escola, e eu via as pessoas comentando ou olhando de soslaio enquanto eu me sentava à mesa com sua família nos horários de refeição, quando andávamos pelos gramados lá fora nos intervalos, quando Luka distraidamente segurava minha mão ou sussurrava alguma coisa no meu ouvido durante as aulas.

Nós desfrutávamos de todo tempo que tínhamos sozinhos, e eu dormia todas as noites em seu quarto. Ficar longe dele era uma dor quase física, e eu fui notando que ele também sentia aquela angústia. Já tive casos, rolos, paixõezinhas quaisquer. Mas eu nunca soube o que era estar verdadeiramente, gloriosamente e assombrosamente apaixonada. Ser intolerante a qualquer tipo de distância.

Embora eu estivesse mais vulnerável do que jamais estivera em toda a vida, eu não trocaria essa sensação por nenhuma segurança do mundo. Luka poderia destruir minha existência quando quisesse, indo embora ou deixando de me amar. No entanto, esse era um risco que eu precisava correr. O amor dele era o acontecimento mais grandioso da minha vida, e tudo que é grandioso causa medo.

Mas como diria um poeta da minha terra: *tão bom morrer de amor e continuar vivendo*.

Semanas se passaram enquanto todos se adaptavam à nova situação. Minha convivência com Alicia melhorou gradualmente – ela se mostrava mais calorosa e acessível. Finalmente percebera que eu era uma realidade. Luka já havia escolhido e não havia sentido em se ressentir. Acho que Alicia resolvera aproveitar para conviver com o irmão enquanto ainda podia – ela era esperta, sensível, profunda. Aliás, como todos aqueles curiosos Ivanovicks. Por isso, me incluía nos planos, nas conversas e, finalmente, na família. Não posso negar que aquilo me emocionava.

Nikolai não guardou nenhum ressentimento de mim. Aceitou-me e pronto. Sem dramatização.

Depois de um tempo, embora eu adorasse almoçar e jantar com os Ivanovicks, notei que sentia falta da convivência com meus amigos. Então, em um desses dias, avisei a Mayumi que iria jantar com eles naquela noite. O que ela não sabia era que Luka iria junto.

Foi uma cena, no mínimo, incomum. Cheguei ao lado da mesa deles de mãos dadas com Luka, e imediatamente um silêncio se abateu sobre o ambiente. Luka se mantinha inabalável e orgulhoso ao meu lado, e ninguém poderia o atingir.

– Hã, oi, gente. Podemos sentar com vocês? – tentei soar normal, ignorando o clima estranho. Santiago mediu Luka, e recebeu em troca o olhar sombrio, negro e apavorante do Ivanovick. As pessoas da mesa engoliram em seco. Demorou um pouco até que alguém se recuperasse para responder.

– Óbvio, Larinha – Laila sorriu. Embora ela claramente estivesse intimidada pela presença de Luka, sempre teve autocontrole e bondade, de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

modo que foi a primeira a tentar normalizar a situação. Fiquei emocionada. Ela me aceitava mesmo que agora eu fosse um pacote duplo.

– Senta aí, mulher – Aisha revirou os olhos, sorrindo para mim. Ela também sentia saudades.

A primeira a quem reparei na mesa foi Amy Turnage. Ela estava acabada. Ainda era linda – mas perdera o brilho usual. Apagou-se. Encontrava-se repleta de olheiras; o olhar vago, ferido, sombrio. Encarou a mim e a Luka duramente, como se o nosso amor a tivesse esbofeteado bem no meio da cara. Nós não devíamos nada a ela, mas seus olhos felinos ainda assim acusavam: *traição*. Luka ficou impassível, mas eu me senti incomodada.

Mayumi ficou perdida. Sua fidelidade se dividia. Não podia dizer: *claro, senta aí, vamos observar Amy se desfazendo lentamente bem na frente dos nossos olhos*. Por isso apenas se calou.

– Chega mais, Van Pelt – piscou Miguel, não percebendo ou fingindo não perceber o clima pesado. Ele era totalmente da paz. Quando nos sentamos, Luka falou “e aí”, e todo mundo prendeu o ar diante da voz poderosa dele.

– Oi – Catarina parecia prestes a dar pulinhos em sua cadeira. Era emocionante sentar na mesma mesa que ele; mesmo depois de todo esse tempo, até eu ainda me deslumbrava.

– E aí – Alison admirava Luka com os olhos, deslumbrada (bem como sua irmã).

Laila, Aisha e Mayumi sorriram para ele.

– E aí, cara – cumprimentou Miguel. – Então... Vocês estão juntos? Tipo, mesmo, *mesmo*?

– É... Pois é. – Minha voz tremeu. Quanta pressão.

– Absolutamente. – Luka respondeu com segurança. Os olhares dos meus amigos não o intimidavam.

– Legal – sorriu o português. – Já estava na hora. A situação estava ficando estranha.

– Fizemos apostas! – completou Catarina.

Luka sorriu no canto dos lábios. Amy se encolheu. Nunca o vira sorrindo, e devia ser tortuoso para ela saber que não, não era ela o motivo desses sorrisos.

– Sobre...? – ele perguntou, alheio ao sofrimento da garota.

Catarina praticamente se derreteu e escorregou líquida sobre a mesa.

– Quanto tempo demoraria para você devorá-la. Apostei um mês. Perdi – ela parecia decepcionada.

– Cala a boca, Catarina – disseram em coro.

Eu gargalhei. Luka parecia estar se divertindo.

– Ainda não vou devorá-la. Por enquanto. Eu e minha família pretendemos engordá-la antes. Muito magrela.

Eles riram. Santiago revirou os olhos. Luka me puxou mais para perto distraidamente. Amy não aguentou – levantou-se com um solavanco, atraindo todos os olhares da mesa. Olhava diretamente para Luka, deixando-me preocupada. Uma mulher tão linda quanto ela lançando-lhe aquele olhar suplicante, traído, desejoso no mais profundo do seu âmago ferido... Era perigoso.

Mas Luka não reagiu. Apenas devolveu-lhe um olhar indiferente, levemente penalizado.

Com a expressão retorcida de dor, Amy saiu da mesa, andando para fora do salão com o queixo erguido, na tentativa de manter sua dignidade. Mayumi se desculpou e foi atrás dela. Os olhos castanhos de Miguel se apagaram, e ele se manteve quieto e tristonho depois disso. Santiago também não parecia muito feliz, mas se manteve na mesa em consideração a mim.

Meus amigos tentavam aceitar a presença intimidadora de Luka. Amy não poderia conviver com aquilo e eu sabia, e o único que me preocupava além dela era Santiago. Mas o espanhol se manteve sentado – aquela era a mesa dele e Luka era um convidado. Como Santiago aceitou-o naquele primeiro momento, os outros meninos também ficaram por ali. Talvez porque, em seu íntimo, Santiago soubesse que não poderia competir com Luka na atenção das pessoas da mesa. Meu Ivanovick exercia um fascínio natural e uma atração inexplicável – para eles. Porque eu sabia o motivo do véu de deslumbramento e que o envolvia. Estava vivo. E meus amigos mortos não podiam resistir àquela aura viva ali, dentre eles. Magnética para corpos sem vida como os nossos.

À medida que o tempo passava, Luka inseria-se na nossa vida social. As pessoas ainda mantinham o respeito ao falar com ele, mas gradualmente perdiam o medo. Ele baixou sua carapaça de rigidez, e quando falava captava a atenção de todos. Cativante, um líder nato. Ele tinha voz e presença de espírito. Era impossível não ouvir nas raras ocasiões que falava.

Junto a mim, Luka foi frequentando nossas festinhas particulares. Jogos de cartas nos quartos, bebedeiras furtivas, escapadas à noite para os campos mais longínquos da propriedade do castelo, onde nos reuníamos em volta de fogueiras, nadávamos nos lagos e os casais sumiam entre as

árvores. Luka começou a conversar com seus companheiros de time, e tanto eles quanto as garotas orbitavam ao seu redor. Eu não ficava com ciúmes – afinal, Luka me incluía em tudo, seu braço sempre firme ao redor de minha cintura. Praticamente não fazíamos nada separados.

Em detrimento da nossa disparidade, Luka nunca me dava motivos para insegurança. Sua dedicação transformara-se em devoção, pegando-me de surpresa nos mais inesperados momentos. *Eu preciso de você* – ele sussurrava no meu ouvido no meio da aula. *Linda, linda, minha* – sussurrava no meio da noite, quando eu já estava quase dormindo em sua enorme cama.

A natureza do Ivanovick se mostrava obscura e dominadora, mas suas camadas foram se revelando aos poucos – até ele mudar. Em nenhum momento eu fiquei submissa a ele. Tratava-me de igual para igual, sempre levando em consideração minha opinião e fazendo questão dos meus conselhos – em questões das mais variadas. Desde onde aplicar o seu dinheiro até como resolver uma pequena discussão com Alicia.

Ele me dava espaço. Respeitava as minhas escolhas e livre arbítrio. O garoto mudou. Via-me como uma igual.

O bonito de Luka era que ele tinha uma alma sensível, odiava magoar os outros e sempre buscava palavras gentis para não ferir os sentimentos de quem amava. Tudo isso por baixo da carapaça fria e enigmática. Com quem amava, Luka era um homem amável e extremamente benevolente. Quanto mais eu o conhecia, mais me fascinava com as camadas e camadas de seu espírito grandioso, em todos os sentidos importantes. Ao contrário do seu exterior, no seu âmago Luka Ivanovick não era um homem arrogante.

Ele era somente uma pessoa profunda e enigmática demais para ser extrovertido. Seu espírito possuía mil faces ocultas.

Luka também era um ser humano maravilhoso. E isso ele não fazia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

questão de mostrar para ninguém – ninguém além de mim. Luka se esforçava para me mostrar seu lado bom, compreensivo e gentil. *Você acha que estou certo, Lara? Você acha que fui ríspido, Lara? Me ensine como te amar, e eu nunca mais vou te magoar assim...* Ouvi isso várias vezes, enquanto eu observava de perto o milagre acontecendo. Luka Ivanovick tornando-se mais amável, maleável, cuidadoso, só para não me ferir.

Enquanto isso, nossa existência no mundo dos mortos prosseguia em paz.

Eu tinha ótimos momentos de confraternização com a família Ivanovick. Jogávamos vídeo-game, futebol, cartas. Acampávamos, nadávamos no lago. Meus amigos aprenderam a conviver com Luka e seus irmãos. Exceto Amy – que simplesmente desapareceu.

Exceto isso, tudo estava indo muito bem. A existência na Escola tinha se tornado fluída e deliciosa, e eu vivia cercada por meus amigos e meu amor. Eram noites infindáveis e pacíficas.

Até que anunciaram o começo das Caçadas.

Os alunos mais antigos lembravam-se bem do que isso significava. A Morte dera início aos seus Jogos macabros. A Escola dos Mortos tornou-se escura e assustadora, pela primeira vez fazendo jus ao seu nome. Um terror silencioso se espalhou sobre os alunos, e eu finalmente me lembrei de onde estava.

Essa era a casa da Morte. E nós, seus brinquedos.

Capítulo 17

O castelo ficou superlotado com o início dos Jogos. A mídia internacional do mundo dos mortos acompanhava as Caçadas de perto – era uma espécie de Big Brother para eles. De todos os eventos que aconteciam na nossa famosa Escola, esse era o maior, mais sinistro e mais esperado.

Na primeira noite, a diretora Markova anunciou que os participantes deveriam colocar o nome em uma urna negra no meio do Grande Salão. Praticamente todos os novatos se inscreveram – e somente uma pequena parcela dos veteranos. Os que já tinham vivenciado os Jogos anteriores, só olhavam sombriamente para a urna, como se ela guardasse memórias e segredos que assombraram, por anos, suas noites de sono.

Eu e todos os meus amigos colocamos nossos nomes. Luka não estava nem um pouco satisfeito com a ideia, mas colocou o dele também. No entanto, a surpresa de verdade foi Alicia e Nikolai atravessarem o salão rápida e friamente em direção a urna, depositarem seus nomes lá e irem embora sem falar com ninguém. Reparei que Luka, Alicia e Nikolai tinham estado estranhos ultimamente. Frios, calados, pensativos. Alguma coisa estava acontecendo e eles não queriam me contar.

Não havia motivo para os irmãos Ivanovicks se inscreverem nesses arriscados Jogos. Em breve – eu lembrei com uma dor resignada – estariam indo embora. Meus irmãos, minha família... Mas as pessoas se vão e a vida já tinha me ensinado isso. Então eu iria distrair a minha própria dor cuidando da de Luka. Agora ele iria perder o que restara de sua família – definitivamente.

A diretora anunciou que os Jogos começariam na outra noite. Quem não quis participar, teve que se mudar para outras dependências do Castelo, há alguns quilômetros, ainda em Londres. Muitas pessoas naquela noite se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

despediram, levando suas malas e entrando nos sedãs pretos que vieram os buscar. Eles acompanhariam os Jogos pela TV, assim como todo o mundo dos mortos.

Lá fora, no grande gramado na frente do castelo, acontecia a festa de inauguração. Havia muita comida – não se tinha muito acesso a alimentos durante os Jogos. Um DJ famoso do mundo dos mortos fervia a pista de música eletrônica, e as câmeras captavam cada momento, já transmitindo ao vivo nossa despedida da “vida boa.” As Caçadas eram acompanhadas de perto por todo o nosso mundo, e meus amigos contaram que muitos deles viveram momentos de fama nas Caçadas anteriores. As pessoas te escolhiam e torciam para você. Faziam cartazes, fã clubes, votavam para te mandarem armas – puta merda, armas? –, comida, cordas, lanternas e outros suprimentos. Era um evento que movimentava muito dinheiro no mundo dos mortos, pois os ricos patrocinavam jogadores e vendiam produtos com nossos nomes.

Aisha, Laila, Mayumi, Luka e eu conversávamos em um grupinho fechado.

– Não é todo mundo que fica famoso nisso – Aisha explicava para mim, Laila e Mayumi, as novatas nos Jogos. – Tem muita gente da Escola participando, e se nem nós mesmos conhecemos todo mundo que estuda aqui, imagina o público. A mídia só mostra quem se destaca mais, e você só sabe se está fazendo um bom jogo à medida que vai recebendo prêmios dos seus patrocinadores. Quanto mais prêmios você recebe, mais querida você é lá fora. Nos últimos Jogos não cheguei muito longe, eu era apenas uma novata meio perdida. E ainda sim passei um bom tempo respondendo carta de fãs, mais pelo meu jeito, hã, educado do que pelo meu desempenho. Eles gostavam de ver o circo pegar fogo. – Ela deu de ombros diante de nossos

sorrisos. – E eu também.

Todos já usávamos nossos uniformes das Caçadas – macacões pretos e justos, com uma linha dourada nas extremidades e a o leão da Escola bordado na altura do peito. Eram aderentes, flexíveis e perfeitos para correr. Éramos uma massa negra e dourada cercada pela mídia.

– Não entendo porque já temos que usar esses uniformes. A Caçada nem começou ainda. – Comentei.

As meninas estavam decepcionadas por parecerem todas iguais.

– Na verdade, já começou sim – Luka apontou para um homem de terno berrante entrevistando Catarina e as gêmeas Stryder. Uma ria mais alto que a outra.

“A primeira coisa que eu vou fazer quando ganhar os Jogos é me bronzear! Passar a eternidade da cor do pecado”, Catarina piscou para o repórter, que se deliciava com as suas baboseiras. Luka continuou:

– A mídia já quer fazer nossa apresentação, mostrar-nos para o público enquanto ainda não estamos sujos e rasgados, há dias na floresta. Assim as pessoas já vão escolhendo com quem vão com a cara e enviando a verba para o patrocínio. Dinheiro entrando mais rápido. – Ele deu de ombros.

– Sujos e rasgados? – me concentrei nessa parte. Espera aí, meu contrato de morte dizia linda e jovem pela eternidade, tenha dó.

Aisha e Luka trocaram um olhar sombrio. Aisha comentou.

– Isso não é brincadeira, Lara. Toda essa festa é só fachada. Engordar os porcos antes do abate.

– Credo, mulher – arregalei os olhos, me encolhendo contra Luka.

– A Morte gosta desses joguinhos perturbadores – Luka parecia ressentido, os olhos negros voando ao redor, procurando os irmãos. – Já volto. Fique com suas amigas. – Ele soltou minha mão quando achou Nikolai e Alicia saindo do castelo.

Franzi a testa. Os Ivanovicks tinham estado muito estranhos ultimamente. Observei enquanto os três conversavam, Luka e Alicia discutindo baixa e rapidamente, Nikolai tentando apaziguar.

“Ah!”, uma repórter loura, com voz estridente e um terninho rosa choque berrou perto de nós, “aqueles três ali!”, apontou para os Ivanovicks. “Quem são eles? Não importa, grava! Sinto cheiro de vencedores.”

“Anda logo, Molly. Já tem gente de olho”, respondeu o homem que pareceu ser seu assistente, carregando uma câmera grande e pesada. As câmeras da mídia dos mortos eram especiais. Como nós não aparecíamos em fotos, elas tinham um elemento que conseguiam captar nossos corpos transcendentais.

“Imagine nosso crédito apresentando esses três primeiro ao público”, a tal da Molly seguia correndo como uma louca pela grama “sinto chover os patrocínios. Anda, inútil!”, berrava para seu fiel seguidor.

Contaram-me que a concorrência entre emissoras nas Caçadas transformava-se em uma guerra; cada emissora tentando promover seus jogadores e arrecadar mais dinheiro. É óbvio que só uma pequena parcela do dinheiro arrecadado pelo público se convertia em prêmios para nós. A maioria ficava na mão dos organizadores das Caçadas e das emissoras.

Nesse meio tempo, vieram nos entrevistar. O homem queria saber tudo sobre nós. Nome, idade, há quanto tempo estávamos mortas, o que faríamos se ganhássemos... Mas eu não conseguia prestar atenção, meus olhos fixos na discussão dos Ivanovicks. Molly-louca-por-patrocínios
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alcançara os Ivanovicks, e eu não fiquei surpresa quando Alicia e Nikolai a rechaçaram, encarando-a friamente enquanto ela desistia de fazer perguntas.

Mas aí Luka pareceu tomar uma decisão e... Puta merda. Tomou a frente da câmera e se pôs a falar.

Seu rosto sombrio se transformou. Misterioso, perfeito e cativante. Luka fez piadas, respondeu as perguntas e até... Sorriu. Molly-louca suspirou, seus hormônios femininos reagindo.

Para quem conhecia Luka intimamente, estava nítido que aquilo era uma encenação. Perfeita, como tudo o que ele fazia, mas ainda assim um teatro. Não tinha idéia do porque ele fazia questão de ser um queridinho do público, aquilo divergia totalmente do seu caráter introspectivo. O Luka que eu conhecia repugnava essa gente saltitante na frente de câmeras.

– Tá me sacaneando – Aisha comentou, boquiaberta.

– O que o Luka está fazendo? – Laila também não acreditava. Eram sorrisos demais, teatro demais.

– Jogando – Aisha respondeu, os olhos sombrios. Luka era um inimigo forte e ela já sabia disso. – Os espertos já começam agora.

Molly-louca se derretia diante do charme dele, e provavelmente toda a população do mundo dos Mortos também. É óbvio que sua entrevista, nesse exato momento, tomava conta de todos os canais. Afinal, não havia ninguém melhor para mostrar do que eles. Luka seria um imã de patrocínios. Deslumbrar corações alheios era o seu dom.

Mas a diferença é que ele não usava isso. Agora, usa.

Não sei explicar, mas no meu íntimo, encontrava-me decepcionada. Acostumara-me ao homem misterioso e calado que ele era; essa versão de Luka era... Falante demais. Risonha demais. Eu hein.

Nikolai observava aquela cena com uma peculiar melancolia nos olhos. Alicia só fitava Luka com raiva. Se eles sabiam o motivo de seu comportamento, não gostavam.

Quando Alicia olhou para mim, virei as palmas para ela, um gesto interrogativo. *Que tipo de erva colocaram no café dele?*

Alicia só balançou a cabeça negativamente, os olhos enraivecidos e tristes, e me deu as costas, entrando no castelo e rechaçando agressivamente qualquer repórter ansioso que ousasse abordar a bela e misteriosa morena.

Nikolai foi para o meu lado. Passou um braço forte por meus ombros.

– Por que essa cara de espanto?

– Luka enlouqueceu. – Eu o observava dar atenção a toda massa de repórteres que se aglomerou ao seu redor. Eles o enchiam de perguntas e se deliciavam com as decobertas. Vencedor de vários campeonatos, família russa rica e poderosa, talentoso, chocantemente lindo... Quem não ia querer um pedacinho de sua já predestinada fama?

Nikolai deu de ombros. Parecia... Triste. E isso era raro para ele.

– Não é loucura, querida. É amor.

Franzi a testa. Só me faltava essa. Drogaram a família inteira.

– Como assim?

Nikolai suspirou.

– Um dia você vai entender. Mas agora tenho que achar o furacão Alicia. Ele deve estar quebrando tudo em nossa ala, e seu alvo preferido é o meu videogame. Já cansei de comprar outros novos. Poxa, eu me apego.

Aisha riu.

– Entendo você. Eles viram da família.

Nikolai analisou-a, parecendo vê-la pela primeira vez. Os Ivanovicks estavam acostumados a ignorar os outros, e Nikolai nunca tinha passado muito tempo com meus amigos. Avaliou a beleza negra de Aisha de cima à baixo e sorriu maliciosamente, parecendo gostar do que viu.

– Uma pena não poder levar ninguém à minha ala. Se ele ainda não estiver aos pedaços, eu poderia te mostrar o quanto ele é... Viciante – ergueu uma sobrancelha. – Miss...?

– Simbovala – Aisha parecia nas nuvens, constrangida e deslumbrada.
– Aisha Simbovala.

Nikolai descarregou toda a potência de seus olhos negros sobre ela.

– Para mim, só Aisha?

A boca dela se escancarou. Estávamos todas olhando de um para outro. Laila de queixo caído, Mayumi de olhos arregalados e eu prestes a chocar um ovo. Momentos depois, Aisha se recuperou do choque e ergueu as sobrancelhas atrevidamente. Se havia alguém forte o suficiente nesse lugar para aguentar a pressão da atenção de um Ivanovick, era nossa Aisha.

– Veremos, Ivanovick.

Nikolai sorriu, derretendo o coração de todas.

– Veremos, Aisha. Que tal um dia você ir até a minha ala? Posso te mostrar meus... *Jogos*. São bem excitantes. – Ergueu uma sobrancelha. Aisha ficou perplexa. Abafei uma risada.

Ela clareou a garganta. “Eu adoraria. Quem sabe um dia.”

– Ótimo – Niko ainda tinha um sorriso malicioso. – Agora preciso ir. Tenho uma propriedade a preservar. Até outro dia. – E virou as costas,

desarrumando meu cabelo e indo embora.

– Puta. Merda. – Foi a única coisa que Aisha conseguiu falar. Os olhos verdes reluzindo.

Caí na risada. “Jogos, hein!”

– Ah, meu Deus – Laila gargalhou. – Outra de nós, não!

– Lara, você conhece ele. O que foi isso? – a sul-africana estava à beira de um colapso nervoso.

– E eu vou saber? – ergui as palmas. – Deve ter sido o seu charme.

Catarina chegou quicando, quase nos derrubando para alcançar Aisha.

– Impressão minha ou acabou de rolar um clima entre Nikolai muito gato Ivanovick e você?

Aisha só gemeu e saiu abrindo caminho.

– Aonde vai, mulher? – gritei.

– Estou em choque. Adeus. Vou beber.

– E o cara com quem ela estava? Da África do Sul também? – Laila perguntou, observando Aisha ir embora.

Todas bufamos.

– Esse aí perdeu. Não dá para concorrer com um Ivanovick – Catarina verbalizou o que todas estávamos pensando.

– Droga! Só eu não tenho um Ivanovick? – Mayumi fez uma expressão trágica e suspirou. – Quer saber? Só resta me embebedar. Adeus para quem fica sóbria. – E saiu do grupo, entrando no meio da pista de dança e desabafando com os repórteres que a abordavam. Torci para que ela não se lembrasse daquilo amanhã.

Olhei ao meu redor. Alicia e Nikolai tinham ido embora. Minhas amigas foram se embriagar. Os repórteres estavam me atacando depois que descobriram que eu era a namorada de Luka. E ele estava muito ocupado dando atenção às câmeras. Então eu suspirei e fui embora.

Só me restava dormir.



Eu já estava no meio do um sono pesado quando alguém me sacudiu forte.

– Acorda, vadia.

Abri os olhos em choque. Mas o quê...?

Uma figura de capa vermelha escura jogava meu cobertor no chão e ia acendendo a luz. Seu rosto estava escondido por uma máscara bizarra. As íris dos olhos completamente brancas, como se ele estivesse usando aquelas lentes vampíricas. Ou estivesse em transe, alucinado.

Sentei-me, a voz rouca. Quem esse louco pensava que era para invadir meu quarto?

– Quem é você, cara? Que porcaria está acontecendo aqui?

A figura sorriu de uma forma bestial. Aquilo gelou meus ossos e eu soube que não era brincadeira.

– A Morte me enviou para te mandar um recadinho. Seu inferno começou. Saia do castelo o mais rápido possível.

Eu bufei. O cara queria me tirar do meu quarto?

– Mas nem fud...

A figura me interrompeu, agarrando meu braço e me arremessando para fora da cama. Caí de quatro no chão, em choque demais com aquela violência para reagir imediatamente.

– Mandeí sair, vadia. – E ele me ergueu do chão pela gola do meu pijama, enforcando-me. Eu estava completamente chocada, os olhos arregalados. Era um assalto? Uma invasão? Estavam nos expulsando do castelo? Não via Mayumi em lugar nenhum – será que ela tinha sido pega?

Ele me arremessou para fora do quarto. Bati contra a parede do corredor e senti a dor em minhas costelas.

– Você tem cinco minutos para sair do castelo antes que ele seja completamente trancado. Depois disso, aqui dentro vai virar o inferno para quem ficar. Você não vai querer pagar para ver. Mas eu vou gostar se pagar – a figura sorriu outra vez, os olhos reluzindo de uma forma maníaca.

Ele jogou uma mochila negra para mim. Peguei-a antes que acertasse meu rosto.

– Corra, garotinha. Se ainda estiver aqui dentro em cinco minutos, eu vou te pegar. – E então a figura fechou a porta, trancando-se dentro do meu quarto. Ouvi o barulho das minhas gavetas sendo reviradas, meus pertences arremessados contra a parede.

Uma garota passou correndo por mim em pânico. Só então olhei ao redor e vi que outras meninas estavam sendo expulsas de seus quartos por figuras semelhantes, umas arremessadas contra o chão, outras saindo correndo aos berros. Tudo ao meu redor virou um caos. Procurei me controlar. Um chique agora não ajudaria. Olhei a mochila em minhas mãos. Abri o fecho e lá dentro encontrei um macacão, uma lanterna, alguns utensílios...

Arfei. As Caçadas tinham começado! Sem aviso prévio.

Um barulho mecânico me fez levantar o rosto para o teto. Lá em cima, uma câmera girava para me focalizar. Deus! Eu já estava sendo filmada! Provavelmente esse caos estava sendo transmitido ao vivo para todo o mundo dos mortos!

– Saia da frente! – uma garota passou me empurrando de seu caminho, olhando em pânico para o relógio de pulso.

Os cinco minutos! Coloquei-me a correr corredor a fora, não queria ficar para ver o que esse castelo se tornaria depois que fosse trancado. Desci as escadarias correndo, atropelando os outros alunos e sendo atropelada. Muitas pessoas também estavam de pijamas.

– Corram para o mais longe que puderem do castelo! – gritava uma figura encapuzada que guardava a porta. – Quem ficar por perto será pego! Eliminado das Caçadas e castigado!

Não reconheci ninguém, meus amigos haviam sumido. Corri para o mais longe possível do castelo, meus pés descalços sobre a grama úmida. Os portões foram abertos e os alunos sumiam floresta adentro. A floresta era escura e hostil, mas eu não vi opção a não ser me esconder lá dentro e me afastar o mais rápido possível do caos que tomava conta da Escola.

Corri, corri e corri, meus pés machucados sobre os gravetos pontiagudos. Pulava as raízes, deixando o som dos gritos para trás, meu cérebro competitivo já focalizado no jogo. *Corra, Lara. Você não será a primeira eliminada.* Quando minhas costelas começaram a doer, corri mais. Mais um pouco, mais longe. *Por Helena, por Ana, para ver outra vez o sol.*

Por fim, eu estava longe o suficiente na floresta sombria e úmida, sem ouvir mais nenhum som – a não ser o grasnar de alguns pássaros estranhos,

o movimento de alguns insetos, barulhos da floresta desconhecida. Eu não sentia frio, nem calor, mas a umidade nos meus pés estava incomodando. Parei.

Sentei-me em uma alta raiz de árvore, recostando-me em seu tronco e respirando fundo. Fechei os olhos, procurando raciocinar.

Meu grupo – tenho que encontrar meu grupo. Luka, *preciso* de Luka.

Pensar nele criou um nó em meu estômago, e eu percebi o quanto eu me sentia sozinha ali, no escuro completo. Precisava encontrá-lo – ele saberia o que fazer. Ele me protegeria da Morte e dos perigos dos seus Joguinhos sinistros. Procurando não entrar em pânico, obriguei-me a ver o que eu tinha.

Abri a mochila e tateei lá dentro. A primeira coisa que avistei foi uma espécie de bracelete cor de prata; curiosa, coloquei-o em meu pulso, fechando-o. Assim que ele se fechou, arfei de susto. O bracelete se trancou, fazendo um barulho estranho, como se não fosse sair do meu pulso tão cedo. De repente, ele se acendeu. Era uma pulseira digital; segundos depois ela bipou. Uma tela azul se acendeu nele e uma mensagem ficou passando, como um desses outdoors eletrônicos. Só que na versão reduzida.

BEM-VINDA AOS MEUS JOGOS, LARA VALENTE. VAMOS VER SE VOCÊ SABE BRINCAR.

Meu queixo caiu no chão. Durante a Caçada, a Morte se comunicaria conosco! Isso estava ficando cada vez mais bizarro.

Revirei a mochila. Ficar parada aqui não adiantaria em nada. Uma lanterna. *Ah*. Expirei em alívio – luz! A lanterna era potente, e consegui ver com clareza o que estava ao meu redor. Pinheiros altos, uma floresta sem fim, imersa na noite eterna, sem sinal de vida humana. Uma minúscula luz

vermelha em uma árvore próxima chamou minha atenção. Uma câmera.

Sorri ironicamente. Só me faltava essa. Perdida no meio do nada, apavorada e ferrada, com o mundo dos mortos inteiro me observando. Falei com a câmera.

– Valeu pela recepção calorosa, Jogos. Gostei muito de ser enxotada do meu quarto.

A câmera deu um *zoom* em mim. Os canais deviam estar oscilando entre os jogadores, tentando mostrar o máximo possível de nossas reações. Ergui uma sobrancelha.

– Ah, é? Então vocês querem audiência? – levantei-me da raiz, subitamente decidida. Se eu me mantivesse ativa, conseguiria audiência e seria mais conhecida. A fama me traria patrocínios. Patrocínios, mais recursos para ganhar. E se eu ia mofar nesse Mundo dos Mortos para sempre, veria a luz do sol pela última vez.

Revirei a mochila. Lá estava meu macacão, flexível e aderente. Protegeria-me de arranhões de galhos e da umidade incômoda. Tirei o pijama, ficando somente com a roupa íntima. A câmera girou loucamente, tentando captar. Não senti culpa, a essa altura vários canais me priorizavam. Cada um utilizava os recursos que tinha, não é? Era difícil concorrer com Santiago, Amy, Mayumi... E os Ivanovicks, então, impossível!

Os russos deviam estar tomando conta de todas as emissoras. Enquanto eu não estivesse com eles, tinha que fazer o que podia para manter a atenção em mim. Precisava que as pessoas, no mínimo, já soubessem meu nome.

Lara Valente, a garota que tirou a roupa no primeiro dia.

Minha mãe congratularia-me se soubesse. *Menina esperta.* Ana me

expulsaria de casa.

Enfie-me no macacão, calcei os tênis confortáveis que vinham na mochila, prendi meu cabelo em um alto rabo de cavalo, joguei a mochila nas costas e me pus a correr floresta adentro. Mas, antes, virei-me para a câmera. Imittei a expressão arrogante de Luka – aquela que sempre gerava comoção. Ódio ou admiração, sempre tomava a atenção para ele.

E era isso o que eu queria. Atenção.

Com os dois dedos, fiz uma breve continência de despedida para a câmera.

– Agora senta e aprende.



Corri mais para dentro da floresta. Muito tempo se passou até que eu encontrasse outro alguém. Os alunos deviam ter se espalhado. Fiquei preocupada – precisava encontrar meu grupo. Eu não tinha ideia do que era o “tesouro” que caçava e nem como começar a procurá-lo. A diretora Markova disse que iríamos reconhecê-lo quando o víssemos. Só a Morte sabia o que era.

Um barulho chamou minha atenção. Desliguei a lanterna – queria observar sem ser observada. Sempre escondida atrás dos troncos das árvores, me aproximei do barulho de algo sendo rasgado. No escuro da floresta, uma pessoa agachava-se de costas, realizando movimentos bruscos. Não vi o que tinha em mãos. Franzi a testa – *espera aí*. Eu reconhecia aqueles cachos castanhos, sem graça. A camisola que ela vestia... Branca, severa. Também reconheci. E aqueles braços magrelos,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

pálidos... Liguei a lanterna na cara dela.

Não. Não era possível que fosse...

– *Megan?!*

Como essa maluca veio parar no mundo dos mortos? Não era possível que ela estivesse morta também!

Megan se virou bruscamente para mim, os olhos completamente brancos, em transe, arregalados. Nas mãos, havia um animal silvestre, talvez um esquilo – completamente estraçalhado, sangue e tripas caindo para todos os lados. Megan sorriu um sorriso maníaco, alucinado – os dentes cheios de sangue.

Ela estava *comendo* o esquilo.

– Puta merda – arfei.

Megan se levantou com um salto meio animalesco, arremessando o esquilo longe. Analisou-me de cima a baixo, passando a língua ensanguentada pelos lábios.

– *Fome* – rosnou. Não era a sua voz normal. Quando ela começou a correr em minha direção, eu soube que estava em apuros.

Normalmente Megan não me alcançaria, mas o choque me estagnou no lugar. Quando eu finalmente me toquei que deveria correr, Megan já estava em cima de mim. Havia ficado estranhamente *forte*. O impacto do seu corpo me jogou no chão; prendeu meus pulsos contra a terra e deu uma dentada na minha clavícula. Berrei com a dor. Nunca imaginei que seria mordida por Megan Collins.

A sensação tortuosa dos seus dentes cravados em minha pele prosseguiu, até que uma paulada acertou bem na cabeça dela, arremessando

seu corpo para longe do meu. Megan caiu de costas na terra, desacordada. Olhei para cima e vi Mayumi parada ainda com os braços erguidos, uma espécie de machado nas mãos. Olhos arregalados, sem acreditar no que acabara de fazer.

– Mayumi! – gritei de alegria. Pulei em seu pescoço, enforcando-a em um abraço. – Graças a Deus! Já estava ficando desesperada! Precisava muito de você!

Quando me afastei, ela ainda tinha uma expressão aterrorizada.

– Lara, que espécie de aberração era aquela em cima de você? Essas pessoas estão por toda parte! Eu cheguei até aqui porque estava correndo de um cara alucinado até agora. Ele queria... Ele queria me comer! Mas era tão burro que ficou perdido no caminho. Consegui despistar. Aí chego aqui e você está sendo devorada! Mas que merda de jogos são esses?!

– Não sei, Mayumi. Mas está muito pior do que eu imaginava. Você já encontrou outro alguém?

– Não, você é a primeira. Precisamos encontrar nosso grupo e... Lara – ela arfou – você está sangrando!

Coloquei a mão sobre a clavícula, quase na altura do pescoço. Só agora me lembrei da dor – tinha sido mordida. Gotículas de sangue mancharam meus dedos – não era muito, mas o bastante para a câmera em um galho acima de nossas cabeças girar loucamente, tentando dar um *zoom*. Ela oscilava entre nossa conversa e o corpo de Megan no chão.

Mordida pela minha colega de quarto. Isso sim é bizarro. Mayumi observou o corpo de Megan no chão, horrorizada.

– Essa é a Megan Collins?! Mas ela não está...?

– Viva? Até onde eu sei, está. Não me pergunte o que ela está fazendo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aqui.

Mayumi ergueu as sobrancelhas de gueixa.

– Parece que os alunos da Sotrom estão sendo usados pela Morte como peças macabras do jogo.

No mesmo momento, Megan emituiu um gemido, os dedos fincando na terra. Segurei a mão de Mayumi, engolindo em seco.

– Corre! – e saímos correndo floresta à dentro, nos afastando o mais rápido possível da criatura bizarra que agora era Megan Collins.

Mayumi me contou que havia recebido aquele machado. Estava em uma sacola, dependurada em um galho, assim como sua pulseira digital anunciou que estaria. Parece que a bela japonesa já tinha conseguido fãs patrocinadores.

Legal. E para mim nem uma mexerica.

Enquanto andávamos, ela contava sobre sua fuga da Escola.

– Quando voltei da festa, um cara encapuzado não me deixou entrar no quarto, saí do castelo empurrada e sob ameaças... Ele falou cada atrocidade para mim, que eu poderia processá-lo por danos m... – e então minha amiga simplesmente desapareceu, engolida por um buraco abaixo de nossos pés.

– Porra! Mayumi! – gritei, olhando seu corpo estendido no chão, há alguns metros abaixo de mim.

– Ai. Ai, ai, ai. – Ela gemia, enroscada no fundo do buraco, antes muito bem disfarçado por folhas e galhos no chão.

Agachei-me na borda. Só me faltava essa. Armadilhas.

– Você está bem? Está machucada? – procurei não entrar em pânico. A mochila tinha amortecido a queda de sua cabeça, pelo menos. Ela se
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentou lentamente, gemendo todo o tempo.

– Acho que quebrei... – petrifiquei-me de horror. Se ela tivesse quebrado um osso... Mayumi olhou para as mãos, horrorizada. – A unha! *Não! Não. Não. Não.*

Encarei-a.

– Se você está querendo me matar de novo, está dando certo.

Ela se levantou lentamente, flexionando o corpo em busca de ferimentos.

– Algum machucado? – perguntei. No mundo dos mortos, isso era crucial.

– Fora essa tragédia? Tô legal. – A voz dela vinha de longe, lá de baixo. Só seus olhos azuis brilhavam no escuro do buraco. – Agora me tira daqui. Lugarzinho bizarro. Parece uma cova.

– Aguenta aí. – A intenção era abrir minha mochila e pegar a corda, mas estranhamente o fecho havia emperrado.

– Lara? Sério, sem querer te apressar. Mas estou começando a ficar preocupada de ter companhia aqui embaixo. Talvez a Samara Morgan.

– Essa porcaria está quebrada, não consigo abrir. Tente escalar as paredes. Tem raízes para se segurar?

Ela olhou ao redor, ergueu uma sobrancelha.

– Na verdade... Que estranho. As paredes aqui não são feitas de terra, são tijolos de pedras. Bem destruídos, mas tijolos. Isso não é uma simples cova, é uma... *Uou* – ela olhou para o chão e deu um pulo para trás. – Tem um buraco aqui. Dá para uma espécie de esgoto. Há grades. Deus. Sabe-se lá o que pode sair daqui. Pega essa corda logo!

Mas minha mochila simplesmente não abria. O material era muito forte para ser rasgado nas mãos, e eu não tinha nenhuma faca... Minha pulseira digital acendeu. A luz azul ofuscou meus olhos, até que uma mensagem começou a passar da esquerda para a direita. Instruções.

SEU MATERIAL ESTÁ TEMPORARIAMENTE INTERDITADO. O CAMINHO É SÓ PARA BAIXO, NUNCA PARA CIMA. SUA AMIGA JAMAIS PODERÁ SAIR DAÍ. ESCOLHA PARTIR SOZINHA OU FICAR COM ELA. SE PARTIR, ELA É ELIMINADA. SE FICAR, O DESTINO É INCERTO PARA AS DUAS. TENTE A SORTE, LARA VALENTE.

Fitei a floresta escura à frente. Minha única chance de vencer. Depois, olhei para baixo, para os olhos inocentes e cheios de expectativa de Mayumi. A Morte gostava de testar a força de nossos laços. Escondi o rosto nas mãos, apavorada. O que fazer?

– Lara?

Não respondi. Meu coração estava em conflito. Minha família ou ela. *Escolha.*

A pulseira se iluminou. A Morte mandou outro recado.

SE ELA NÃO PODE SUBIR, VOCÊ TERÁ QUE DESCER.

Lá de baixo, seus olhos de gueixa me encaravam. Olhos de esperança, tecidos de uma vida tão diferente da minha... De uma vida no Oriente, com outros valores. Mas no fundo, a mesma esperança. *Quero ser amada. Quero poder amar. Quero uma segunda chance de viver a minha vida no mundo real. Quero rever o sol, rever quem me criou, me amou e me tornou a pessoa que eu sou.* Família. Seu berço. Seu lar.

Meu cérebro dizia: vai, Lara. Vá embora. Correr é sua única chance de ganhar esse jogo. Meu coração sussurrava: fique, Lara. Você não pode tirar

a chance dela de lutar por isso.

Fechei os olhos e busquei, no mais profundo, o pouco que havia de bom em mim.

E pulei no buraco.

– Mas o que...? – Mayumi encarava totalmente estarecida minha forma encolhida no chão. – Lara Valente! Espero que você tenha um bom motivo para pular nesse buraco!

Levantei-me com a mão nas costas, tentando descobrir se tinha quebrado alguma costela. Apontei-lhe a pulseira.

– A Morte mandou um recadinho. Era isso ou nós duas seríamos eliminadas. – Menti. Não queria que ela achasse que me devia nada. Mayumi desceu escorregando pela parede, sentando-se no chão, desanimada.

– Pelo menos não tem como ficar pior. – Considerei.

Uma grade de ferro saiu da borda do buraco e nos trancou lá dentro. A outra, uma versão reduzida no fundo do buraco, se abriu sob nossos pés. Tivemos que pular para o lado. Uma escada de pedra suja e escura nos mostrava que o único caminho era para baixo.

Mayumi só me encarou.

– Por favor. Não fala mais nada.

Eu suspirei, tirando minha lanterna da mochila – que agora funcionava sem problemas. A lanterna mostrava um túnel de pedras gotejantes e sombrio.

– Certo, pior do que *isso* não fica.

Agarrada ao braço de Mayumi, descemos a escada. Engolimos em seco

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando a grade voltou a se fechar. Estávamos trancadas no túnel. Andamos por uns quinze minutos no escuro, Mayumi falando sobre o trauma que carregaria por toda a eternidade. Até que nos deparamos com uma bifurcação: dois corredores. Um para a esquerda, outro para a direita. Não chegamos a um consenso sobre qual seguir.

– Vou dar uma olhadinha nesse daqui da esquerda... – dei alguns passos até ele. – Ok, até agora nada de Samara Mor...

Uma grade de ferro desceu do teto, o barulho estrondoso contra o chão nos fazendo pular. A grade separava Mayumi de mim, ainda parada em seu lugar. Nossos olhos se arregalaram.

– Não! – ela se agarrou as grades, tentando passar por entre elas, mas nem seu esguio corpo japonês era fino o suficiente. – Tenta você – pediu apavorada.

Olhei para as grades e lhe mostrei minhas nádegas. Não eram exatamente esguias – herança genética do Brasil. Mayumi bufou, batendo a cabeça contra as grades. Nossas pulseiras apitaram no mesmo momento, a luz azul ofuscando nossos olhos.

COMEÇA AGORA A CAÇADA PELA CHAVE DE SAÍDA DESSE LABIRINTO. SÓ UMA PESSOA PODE SAIR. SURTIRO QUE COMECEM A CORRER.

– Sem chance de eu ir sem você! – Mayumi agarrou minhas mãos através das grades. Puxei-a para um abraço.

– Não temos saída.

Ela me abraçou mais forte.

– Não, Lara, somos um time. Sem você não dá – sua voz frágil se descompôs, chorando sem lágrimas.

No segundo seguinte, ouvimos um grunhido e um arrastar de pés. *Fome*, uma voz assexuada e cortante sussurrou, reverberando pelos corredores. Arregalamos os olhos – alguma daquelas criaturas se aproximava pelo corredor principal.

– Boa sorte! – apertei suas mãos delicadas.

Ela olhou para trás.

– Lara, não vou conseguir! Está muito escuro!

Fechei os olhos, a criatura se aproximando, a adrenalina correndo pelo meu sangue, a expressão apavorada da tão frágil Mayumi. *Droga*.

Joguei para ela minha lanterna. A japonesa agarrou-a no ar, surpreendida.

– Mas...

– Sem mais. Vai logo e corra o mais rápido que puder. – Para um de nós, o Jogo terminava aqui.

Mayumi não tinha lanterna. Perdera na perseguição anterior. Mas de sua mochila tirou o presente de um patrocinador. Seu machado. Jogou-o para mim através das grades.

– Você vai saber usar isso melhor que eu.

Um rosnado bizarro reverberou pelo túnel, agora bem perto.

– Vai! – gritei para ela. Mayumi sumiu em uma esquina, e eu me vi sozinha com uma criatura bizarra à espreita. Respirei fundo e me obriguei a correr. Dez, quinze, vinte minutos sem parar. Era um labirinto. Eu tinha que apoiar minhas mãos nas paredes, sem nada enxergar no completo breu. Comecei a me desesperar, pois quanto mais eu corria, mais perdida eu me encontrava. E, então... Vozes ao longe.

“Mas que inferno, pela trigésima vez, isso é o meu pé!”

“Como é que eu vou saber?”

“É uma coisa com dedos, você vai saber.”

“Ande atrás de mim, então, ora.”

“E deixar você guiar? Você vai nos levar diretamente para a boca daqueles comedores de carne.”

Alguém bufou.

“Que ideia idiota. Eu vou parar e pedir informação.”

“Ai, meu santo, de todas as pessoas com quem encontrar... Querido patrocinador faça a Catarina calar boca.”

Meu sorriso rasgou a cara – já sabia quem eram. Corri até onde elas estavam, gritando a plenos pulmões. “Catarina! Aisha!”

– Ei... Puta merda! Lara? Cadê você?!

– Aisha! Continue falando, vou seguir sua voz!

Demorei bastante para encontrá-las naquele labirinto, mas por fim dei um esbarrão em Aisha, e nós duas caímos de bunda no chão.

– Larinha! – Catarina se jogou em cima de mim. – Nunca fiquei tão feliz em te ver! Ela é um monstro.

Aisha se levantou, revirando os olhos.

– Antes um monstro do que a Barbie Califórnia. – Quando me viu, me tirou do chão com um abraço de urso. – Graças a Deus! Pensei que ia ficar sozinha com ela para sempre! Você está legal?

– Fora estarmos presas debaixo da terra com uma dezena de zumbis comedores de carne, estou legal – dei de ombros. – Precisamos encontrar

Mayumi.

– Precisamos é encontrar a chave desse lugar, isso sim. Parece um cenário de filme de terror.

“Está pesado?”, ouvimos uma voz inconfundível. *Ah, não.* Amy.

“Não, estou bem.”

“Ótimo, então carrega isso também.”

Segundos depois, a luz incandescente da lanterna de Miguel ofuscou nossos olhos. Ele carregava sua mochila e a de uma Amy muito aborrecida por ter dado de cara comigo. Já eu estava aborrecida pelo fato de que ela ficava deslumbrante naquele macacão colado.

– Irmão! – Catarina se jogou nos braços dele. – Ninguém te comeu!

Ele riu, afagando seus cabelos. O sempre amável Miguel.

– Ainda não, Cat. Não seria devorado e deixar você para trás.

– Já encontraram o grupo de vocês? – Amy perguntou para Aisha. De vez em quando seus olhos escorregavam para mim, venenosos.

– Não completamente. No meu grupo tenho Lara, Mayumi, Laila, Miguel e os Ivanovicks. – Eu e Amy paramos de respirar quando ela citou o último nome. Ambas tínhamos olhos desejosos. *Ivanovicks.* – Só faltam os russos e Mayumi, que se perdeu por aí.

Catarina foi para o lado de Amy.

– Pois é, amiga. Por enquanto somos só nós duas. Notícias do nosso grupo?

– Vi as gêmeas Stryder correndo para dentro da floresta, mas me perdi delas. Ainda não tenho notícias do McFearley. Santiago estava com Ian,

mas Santiago caiu em uma armadilha. Ficou dependurado de cabeça para baixo em uma árvore, xingando todos os tipos de nomes. Ian ficou com ele para tentar tirá-lo de lá. Eu corri sozinha, em busca de uma faca, algo qualquer afiado para cortar a corda que o mantinha suspenso...

– Sério? Que má sorte! Eu tenho uma faca. – Miguel tirou de dentro do seu macacão o presente de um patrocinador.

Amy deu de ombros.

– Tarde demais. Eu caí em um buraco e vi parar aqui. Encontrei Miguel. – Ela suspirou, cansada. Recostou-se à parede do labirinto e escorregou até o chão. Abriu um pacote de balas coloridas. Todos a invejaram.

– Ei! Onde conseguiu isso?! – Catarina se indignou.

– Um patrocinador – Amy deu de ombros, o ar superior. Bufeí. Todos me olharam. *Ops*. Tinha sido sem querer.

– Problemas, Lara Valente? – ela ergueu uma sobrancelha.

– Nenhum – devolvi no mesmo tom, recostando casualmente meu machado nos ombros.

– O que é isso? – ela arregalou os olhos.

– Patrocinadores – dei de ombros, sorrindo com ironia. Ela me lançou um olhar de desprezo, mas ficou calada. Era mentira, mas ninguém precisava saber. Eu ganho um machado, e ela uma pacotinho de balas. Enquanto Amy-nariz-empinado-Turnage pensasse isso, tudo estava bem. Ela não precisava saber que eu já estava começando a me desesperar com a falta de patrocinadores. Será que o público não gostava de mim?

Talvez o que eu tivesse feito na final do campeonato, renegando Luka

em rede mundial, houvesse me rendido uma má fama. O público do mundo dos mortos não esqueceria essa cena tão cedo.

– Ficarmos parados aqui não nos leva a lugar nenhum, minha gente. Levantem seus traseiros, vamos andar! – mandou Aisha.

Miguel tomava a frente com todos os seus músculos e Aisha seguia logo ao seu lado – porque simplesmente não conseguia ficar fora da ação. Catarina e Amy iam sendo escoltadas no meio, e eu seguia na retaguarda, os olhos atentos aos cantos escuros, o machado nas mãos. Depois de cerca de uma hora de caminhada por entre os corredores do labirinto, encontramos uma porta. Aisha olhou para Miguel.

– Entramos ou não? – a dúvida estava nos olhos de todos. Tudo nesse lugar era uma armadilha. Aisha olhou para mim.

– Melhor do que ficarmos parados aqui para sempre. – Dei de ombros. Miguel suspirou.

– *Ok*. Sigam-me. Em silêncio.

Entramos no cômodo da porta. Era nada mais que uma sala vazia, as paredes de pedra, o chão de terra. Tudo escuro. Atrás de nós, a porta se fechou com um baque. Catarina correu para verificar, e seu rosto se virou para nós, alarmado. Só confirmou o que todos sabíamos. Estávamos trancados.

– Porra! De novo?! – Aisha ergueu seus braços para cima, falando com ninguém. Sua pulseira brilhou. Ela ergueu as sobrancelhas ao ler em voz alta.

NOS MEUS JOGOS, NUNCA HÁ COMO VOLTAR. ESCOLHAM: IR EM FRENTE OU FICAR E PAGAR PARA VER.

Miguel suspirou.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

– Peguem suas lanternas. Vamos encontrar uma saída.

Enquanto eles se separavam e iam buscando nos cantos, eu fiquei parada em meu lugar, procurando com os olhos. Arfei.

Em um cantinho da sala, encolhida sem chamar a atenção de ninguém, havia uma menina, seus cabelos ruivos, sujos de terra e galhos, brilharam com um feixe da luz da lanterna de alguém.

– Pessoal! Olhem! – apontei. Todos correram para se aproximar.

Miguel tomou a frente. Ajoelhou-se diante da garota, seu rosto escondido entre os braços.

– Olá? – tocou-a gentilmente. – Você está bem? Também está perdida?

Mas a garota não se moveu. Parecia... Paralisada naquele lugar. Miguel se virou para nos olhar, as sobrancelhas vincadas. Todas deram de ombros, sem entender.

– Senhorita? – ele tentou outra vez.

– Ô, minha filha, acorda aí – interveio Aisha.

– Não acho que ela esteja dormindo. – A voz de Amy era sombria. – Para mim, ela está morta.

Minha testa se vincou. Aqueles cachos ruivos... Aquelas mãos pálidas, pegajosas...

– Ela não vai acordar – todos olharam para mim quando falei de repente. – Não assim, pelo menos. – Avancei e me agachei na frente da garota. – Miguel, sua faca?

O português hesitou, mas eu mantive minha mão erguida. Enfim, ele me entregou a adaga de prata.

– Cuidado aí. Não machuque a garota.

– Nunca foi minha intenção – e então espetei a ponta afiada contra meu próprio dedo. Todos gritaram. E então, a reação que eu queria. A garota levantou o rosto, despertada pelo cheiro de sangue.

Rebecca Brooke. A veterana que conspirara na Sotrom para me matar.

As meninas arfaram enquanto Becca se levantava lentamente, seu uniforme da Sotrom rasgado em farrapos, seus olhos completamente em branco, alucinados, os cantos dos lábios sujos de sangue seco – sabe-se lá de quem.

Ela sorriu para o meu dedo ensanguentado – e aquilo foi bizarro, pois seus dentes também continham sangue.

– A chave! – Catarina gritou, apontando para baixo. Rebecca estava sentada por cima dela.

– Vem cá, vem... – andei para trás, de modo a Becca me seguir. Seus passos vacilantes, quase como uma espécie de zumbi.

– *Fome* – ela grunhia, concentrada em meu dedo. Enquanto eu afastava sua figura bizarra, Aisha pegou a chave. Nossas pulseiras apitaram ao mesmo tempo. Olhei de relance a mensagem, sem querer perder o foco em Becca.

ASSIM COMO O INFERNO É ABAIXO, O CÉU É ACIMA.

– Acima...? – Amy perguntou.

– O teto! – gritou Aisha.

Miguel lançou a luz de sua lanterna para o teto, e lá avistamos um alçapão.

– Aisha! Suba nos meus ombros! – E assim a sul-africana fez,

erguendo-se para enfiar a única chave na fechadura enferrujada.

– Abriu! – ela gritou, extasiada. Empurrou o alçapão para cima e lá no alto vimos o topo das árvores da floresta. Miguel a empurrou para cima, e em seguida pegou Catarina nos ombros. Quando sua irmã já estava segura lá no alto, foi a vez do português erguer Amy. Catarina a puxou para cima.

Miguel esticou seus braços para mim:

– Vai. Dê-me a minha faca e eu lido com ela.

Becca se aproximava, os olhos alucinados. *Fome, fome*. Nessa hora, minha pulseira e a de Miguel apitaram. Com olhos desesperados, lemos a mesma mensagem.

MAS PARA TODOS ENTRAREM NO CÉU, UM DEVE FICAR NO INFERNO. ESCOLHAM.

– Eu fico – Miguel se pronunciou imediatamente.

– Não, Miguel. Eu tenho contas pessoais a acertar com essa aqui. – Joguei-lhe sua faca.

– Lara, não posso deixar...

– Vou ficar. Já decidi.

– Droga, Lara – ele suspirou – esqueci como você é teimosa. – Miguel olhou para cima. – Tenho um plano. Vou subir e seguro o alçapão. Vou te puxar para cima quando terminar com ela.

E então Miguel subiu, deixando-me sozinha no escuro com a garota que conspirara para o meu assassinato.

– Sabia que nos veríamos outra vez, vadia – e então peguei meu machado, virei à lâmina para o outro lado e acertei o cabo bem no meio do nariz dela com toda a força. Becca caiu para trás, desacordada.

– Uou! Espero que tenha doído – falou Miguel lá de cima. Olhei o corpo de Becca com asco.

– Não tanto quanto quebrar todos os ossos caindo de um penhasco. – Ergui uma sobrancelha. – Mas foi bom para ela aprender. Agora vamos dar o fora daqui.

Enquanto Miguel estendia sua mão, um grito de pavor surgiu lá de cima.

– Catarina! – ele gritou. – Amy, segura aqui!

Pelo rosnado que ouvi, deveria ser algum dos alunos-zumbis da Sotrom atacando Catarina. Miguel empunhou sua faca e correu para ajudá-la, enquanto Amy assumia sua posição na borda do alçapão. Assim que fitei os olhos dela, soube o que aconteceria.

Amy sorriu. Um sorriso de vingança, de ódio e ressentimento guardado há muito, muito tempo. Ela iria me tomar o que eu mais queria – assim como eu fiz com ela.

– Vê se gosta do próprio veneno, vadia. – E então Amy Turnage fechou o alçapão na minha cara, trancando-me no escuro.



Droga, Lara. Pense.

Eu tinha medo de muito pouca coisa na vida – mas uma delas era o escuro. Naquela sala apertada, o breu me dava claustrofobia. De repente, ouvi batidas na porta. Várias delas. Lentas e fortes.

“Fome, fome, fome...”, várias vozes grunhiam, entoando a canção

macabra. Não havia somente uma criatura querendo entrar – havia várias. E conseguiriam em breve. Estavam ficando impacientes, fazendo pressão sobre a porta. Eu podia ouvir a maçaneta girando loucamente, as dobradiças da porta rangendo, ficando frágeis com a pressão...

Era eu e o meu machado versus dezenas daquelas criaturas lutando no escuro. Eu estava sentindo o pânico chegando.

DESISTA AGORA, minha pulseira iluminou-se. Outro recadinho da Morte. Eu rosnei para ela.

– Vai ter que fazer melhor que isso.

E ela faria. Aparentemente a Morte tinha um problema pessoal comigo.

Nesse interscídio, Becca abriu os olhos. Eu podia vê-los porque brilhavam no escuro, brancos e grotescos. Levantou-se lentamente, fixada na carne macia do meu pescoço. Passou a língua pelos lábios, se aproximando.

– Merda. – Grunhi, levantando meu machado, preparando-me para ela. Os outros lá fora ainda socavam a porta. Becca se aproximava.

SUA ÚLTIMA CHANCE. VOCÊ NÃO QUER MORRER. DESISTA.

Ignorei a Morte. Esse *não* seria o meu fim.

– Já estou morta. Eu não quero é perder. – Flexionei os joelhos, preparei o machado. Dessa vez eu não iria acertar Becca com o cabo de madeira. Eu iria acertá-la com a lâmina. Chega de brincar.

Ela queria o meu sangue? Ótimo. Eu também queria o dela. Embora eu não soubesse em que tipo de pessoa isso me transformava. Meus dentes se arreganharam. “Vem”, sussurrei para ela.

Talvez naquele tipo de pessoa que lutava para sobreviver.

Nesse momento, Becca parou. Congelou-se no lugar, seus olhos fixos no nada, arregalados. Minha pulseira acendeu.

PARABÉNS, VOCÊ ACABA DE RECEBER UM PRESENTE DO PATROCINADOR CHARLIE HOWARD, LONDRES, INGLATERRA. PRIMEIRA INSTRUÇÃO: ENTREGUE SEU MACHADO.

Becca estendeu uma mão. Eu fiquei encarando a cena, chocada demais para ter qualquer reação. Meu patrocinador mandou um recado.

VOU TER QUE IMPLORAR? – CHARLIE

Bufei. Aqueles jogos estavam ficando cada vez mais estranhos. Bati uma continência com dois dedos para a pequena câmera no teto. Metade do mundo dos mortos me assistia agora.

– Seja lá quem você for, Charlie, estou te devendo para sempre. – Entreguei meu machado para Becca.

Só esperava que isso não fosse mais um truque da Morte.

E EU VOU COBRAR! APOSTEI MIL LIBRAS EM VOCÊ, GAROTA! TRATE DE GANHAR. PRECISO PAGAR MINHAS CONTAS.

– Vou tentar, Charlie. Vou tentar.

Para o meu horror, Becca ergueu o machado e... Cortou a palma de sua própria mão com a lâmina. Estendeu-a para mim, o corte pingando sangue.

PASSO DOIS: PROVE.

Mas o quê...?

– Ah, não, Charlie! Não mesmo!

Eu não era uma porcaria de vampiro!

SE VOCÊ NÃO GANHAR, PODE ME PAGAR DE OUTRAS FORMAS. P.S: VOCÊ É GOSTOSA.

Fiz uma careta. Becca ainda estendia sua mão para mim, ansiosa. Não tinha jeito. Passei um dedo sobre seu corte. *Nojento, nojento, nojento*. Era isso ou uma noite de amor com Charlie Howard. Pensei comigo: *o que Luka faria para vencer?*

Ele faria qualquer coisa.

– Desculpe te decepcionar, Charlie. Mas eu quero vencer. E... Eu tenho namorado.

Coloquei o dedo ensanguentado dentro da boca, provando o sangue de Becca. Tive ânsia de vômito, mas antes que eu pudesse botar tudo para fora, minha visão se nublou. Tudo começou a rodar. Pisquei freneticamente.

Estavam-me... Drogando?! O mundo dos mortos inclinou-se em seu eixo. A câmera lá em cima dava um zoom enquanto eu desmaiava.



Abri os olhos. Tudo se encontrava fora de foco.

Paredes de pedra. Um cubículo pequeno. Grades de prisão.

Uma cena absurda me cercava. As Caçadas tinham evoluído para outro nível – um nível claustrofóbico. Eu estava presa no que parecia uma cela medieval. Eram os calabouços do castelo.

O ambiente era circular, e ao meu redor havia várias outras celas iguais. Vários dos meus amigos estavam presos também. No centro da sala, havia uma tela de plasma quadrangular, de modo que todos os prisioneiros pudessem ter uma boa visão do que eu imaginei que seriam instruções por ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

meio de vídeo.

– Lara! – ouvi a voz *dele*. Meu coração se aqueceu. Todo o meu corpo reconheceu sua presença.

Luka encontrava-se na cela ao lado, as mãos segurando as grades, a expressão ansiosa e frustrada. Ele não podia ultrapassar. O Ivanovick estava um pouco sujo de terra. Cabelo desalinhado, algumas feridas, o macacão negro dos Jogos colando no corpo. Ainda estupidamente lindo.

Levantei-me de um salto do canto em que eu estava jogada, correndo para seus braços. As grades frias não me impediram de suspirar com aquele calor tão familiar. Luka me abraçou, segurando com força a raiz dos meus cabelos.

– Lara. Graças ao céus. Você está bem. Pensei que não iria acordar... Deus. – Ele me segurou mais forte, com desespero. – Não faça mais isso comigo. Nenhuma agonia que eu tenha vivido chegou perto dessa.

Eu me apegava a ele com igual desespero.

– Onde você estava?! Por que não me procurou? Precisei tanto de você!

– Eu te procurei por todo esse tempo, meu amor. Pedi aos meus patrocinadores para me enviarem você. Mas você não estava na floresta, não estava em lugar nenhum... Só pude deduzir que a Morte não queria que nos encontrássemos... Com você, eu jogaria muito melhor. Mas sem você, foi total agonia.

– Onde estamos? O que está acontecendo?

Ao meu redor, vários dos meus amigos permaneciam presos nas celas. Todos em dupla. Muitos gritaram meu nome quando viram que eu finalmente acordei. Mayumi divida a cela com Santiago, Laila com Ian, ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Miguel com Catarina, Aisha com... *Nikolai*?

Estavam conversando bem próximos, animadamente. Parece que a prisão não era tão terrível para todos.

Na cela ao lado, Alicia dividia o cubículo com Liam McFearley, o goleiro do time, cuja fama era de conquistador. Ele estava fazendo algum tipo de declaração de amor para ela, enquanto Alicia encarava-o horrorizada. “Pelo amor de Deus!”, ela tentava se afastar.

Eu queria muito tirar uma foto disso. Luka respondeu à minha pergunta:

– Estamos em outro nível dos Jogos. Muitos já foram eliminados. Eles dão notícias de tempos em tempos por aquela tela. Estamos num limbo, presos e esperando instruções. Muitos não aguentaram a pressão do confinamento e desistiram. Os que estão aqui são os que restaram.

“Só os que têm sangue de vencedores”, disse uma voz atrás de Luka.

Arfei. Amy Turnage apareceu na minha linha de visão. Um pouco suja e desalinhada, mas ainda assim maravilhosa.

Luka ergueu uma sobrancelha, desconfortável.

– Hã, é. Esqueci de te dizer. Alguns de nós temos... Companheiros de cela.

O quê?! Por que diabos a dele tinha que ser a mulher mais bonita dessa Escola?! Olhei para ele com desespero.

– E por que não nós dois? – seria o mais óbvio.

Luka deu de ombros, incomodado com a situação. Nada escapava à sua perspicácia. Principalmente o olhar possessivo de Amy.

– Foi a Morte quem escolheu os parceiros de cela. Parece que ela

quer... Polêmica. Ela se diverte mais e dá mais audiência. – Ele olhou para cima. Uma pequena câmera nos filmava.

Ótimo. Esse “momento carência” da minha vida sendo presenciado por todo o mundo dos Mortos.

Amy se pronunciou.

– Toda noite fica frio e não nos dão cobertores. Temos que nos aquecer com calor corporal. – Ela ergueu uma sobrancelha cínica para mim, um sorriso triunfante.

Vadia.

Apertei meus dentes. *Controle-se, Lara. O mundo está te vendo. Não vai ser legal se você mandar ela enfiar esse sorrisinho em outro lugar em rede internacional.*

– Há quantas noites eu estou desacordada?

Luka só me olhou com receio.

– Melhor não saber, amor. Você não precisa se estressar.

Um homem desse tamanho com medo da reação de uma garotinha minúscula como eu. Quase ri.

Quase.

– Várias. – Amy se vangloriou, deliciando-se com a situação.

Eu respirei fundo e a encarei. Nunca quis brigar com Amy, nem que ela sofresse. De certa forma, eu entendi e me compadeci com sua dor. Mas agora ela estava tocando a ferida – e eu não sou o tipo de mulher que dá a outra face.

Eu me vingo.

– Querida, dê graças a Deus que tem uma grade de ferro entre nós. Porque se você quiser manter todos os seus dentes quando eu sair daqui, é melhor tirar esse sorrisinho da cara.

– Fale o que quiser. Sou eu quem vai dormir com seu homem essa noite.

– Então aproveite. Porque sou eu quem irá dormir com ele todas as noites pelos próximos cem anos.

O sorrisinho dela morreu.

Luka me lançou um olhar de orgulho. Falou com ela, mas olhou para mim.

– Você me perguntou o que eu vi nela. Está aí. Foi isso.

Amy calou a boca pelo resto da noite.

Luka e eu ficamos sentados recostados na parede, meio abraçados – o máximo que a grade entre nós permitia. Fiquei tão distraída com a presença dele que ignorei as câmeras – que giravam loucamente tentando captar as conversas mais interessantes em cada cela.

Luka me contou que, durante o percurso na floresta, encontrou com seus irmãos. Já havia ganhado diversos presentes dos seus patrocinadores – arcos e flechas, machados, lanças, água e comida. Alicia e Nikolai não ficaram atrás. Eles tiveram que entrar nos túneis subterrâneos e ficaram presos em uma sala com gás entorpecente. Logo desmaiaram e seus corpos vieram parar aqui.

Perguntei se suas fãs o mandavam muitos recados através de sua pulseira digital. Ele ergueu uma sobrancelha – melhor eu não saber.

Luka me beijava, dizia que me amava; se agarrou a mim por horas a

fio, dizendo estar com saudade, dizendo que nunca viveu tamanho terror em me ter longe, sozinha e em perigo nesses jogos macabros. Prometendo que não iríamos nos separar mais.

No entanto, horas depois, as luzes se apagaram. Ofeguei de susto. Luka travou. Sua voz soou sombria.

– Hora de dormir.

Ele me explicou que, nessa hora, a temperatura caía abaixo de zero, tornando-se insuportável ficar nas celas sozinho. Os participantes usavam o calor corporal dos companheiros de cela para tentarem suportar a noite.

Só tínhamos um problema: a companheira de cela de Luka era *Amy*. Ela estava morta e não poderia morrer congelada. Luka estava vivo e precisava do calor *dela*. Pânico me assolou quando eu vi seu sorrisinho se estreitar no canto da boca, o olhar diabólico.

– Eu posso te aquecer através das grades! – não queria soar tão desesperada. Nem preciso dizer que foi em vão. Nesse momento, os buracos entre as grades foram preenchidos com um vidro automático, que descia do teto rapidamente. Tivemos que recolher nossos braços em um segundo para não serem decepados.

– Vai acabar logo – a voz de Luka era triste. Ele olhou para Amy, cheio de repulsa por sua expressão vingativa.

De repente, a temperatura caiu mil graus – ou pelo menos essa foi essa a sensação. “Merda”, encolhi-me. Era horrível – doía nos ossos – mas eu não morreria.

O corpo vivo de Luka reagiu de forma diferente. Ele fez uma careta de dor e trincou os dentes. Essa queda brusca poderia matá-lo.

Nas celas ao longe, Nikolai se abraçava a uma Aisha muito encantada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Alicia – com cara de horror – deixava-se envolver pelos braços ansiosos de seu parceiro de cela – que mesmo no frio ártico, estampava um sorriso de orelha a orelha.

Sozinha no meu cubículo, eu batia o queixo. Luka estava ficando azulado, suas veias aparecendo. Começava a ofegar de dor – e eu de desespero.

– Vai – deixei. Não sabia que uma palavra poderia doer tanto.

Luka, entretanto, sofria mais com a minha dor do que com a sua própria.

– Você sabe que se eu tivesse escolha...

– Eu sei. Vai. – Eu poderia lidar com qualquer coisa para o bem dele. Se fosse qualquer outra garota, não haveria todo esse drama. Mas Luka sabia do amor de Amy. Sabia as reações que ela me causava.

Meu coração se partiu ao meio enquanto ele se levantava e se aconchegava ao lado de Amy, que o abraçou com ansiedade. Faminta, animalesca. Seus olhos alucinados voavam de mim para ele. *Eu ganhei. Por uma noite, ele é meu.*

Meu orgulho me esmagava. Eu me sentia traída, desesperada e congelada. Meu queixo batia, meus ossos doíam – mas ainda poderia dar uma boa surra na Miss-perfeita-Turnage.

Eu podia ver a câmera dando um zoom na minha expressão. Imaginei os comentários do apresentador dos Jogos. “Olhem só para a expressão de Lara Valente. Imagine como deve ser viver uma situação dessas em rede internacional... Já Amy Turnage parece bem feliz! Temos um drama mexicano ao vivo, senhores telespectadores!”

Milhares de televisões pelo mundo dos mortos mostravam minha
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

humilhação pública, mas o ciúme era algo tão poderoso que tomava toda a minha atenção. Que vissem. Eu tinha algo mais importante para lidar.

A luz do telão situado no meio do calabouço oval acendeu, revelando uma figura mascarada e encapuzada. Sua voz era distorcida, gutural, modificada digitalmente para não ser reconhecida.

“Atenção, participantes. Se aqueçam como puderem e *se* puderem. E para a jogadora de inscrição número 322, uma visitinha especial enviada por um patrocinador de Amy Turnage.”

Luka segurou a respiração, olhos arregalados. Não entendi sua reação. Ele olhou para a pulseira em meu braço e eu acompanhei seu olhar. Lá estava marcado no material o número 322. Meu queixo caiu – nunca havia reparado nisso. Um patrocinador de Amy tinha mandado algo para *mim*?

Não deu tempo de pensar. De repente, a porta da minha cela se abriu. Para o meu choque, um Logan O’Shea completamente deformado entrou. Ele estava cheio de hematomas, e seu nariz ficara em um ângulo nada natural. Olhos arroxeados, cortes para todos os lados – e um olhar assassino, obcecado por vingança.

Ouvi uma espécie de rosnado. Luka havia se levantado.

Não tinha ideia de como ele veio parar aqui. No seu estado atual, a Escola o enviaria para a alguma clínica de recuperação, de modo que pudesse salvar o que restava dele. Mas não. A Morte não o deixou se recuperar – não enquanto ele não participasse dos seus planos.

– Deixa eu te aquecer, *Larinha* – a voz era puro veneno.

Mortos não morrem – mas deixam de existir. Eu não sabia se Logan resistiria ao frio que congelava minhas entranhas. Nesse estado, tudo

poderia acontecer. Era a primeira vez que eu via um aluno desse lugar parecer de fato morto. Logan não passava de um zumbi.

– Saia de perto – eu rosnei, me acuando em um canto. De propósito, a temperatura da minha cela baixou mais. Logan e eu gememos. Ele por um prazer macabro, e eu, de agonia. Eram como facas atravessando meu corpo. Eu não me mexia, não respirava, não pensava. Não dava para aguentar – não *dava*. Meu corpo implorou por alívio. Não morreria – mas seriam horas e horas de dor. O frio também queima.

Isso era tortura, ia além do que eu podia aguentar. Senti meus ossos ficando rígidos, e eu mal conseguia me mexer. Com um olhar de desculpas para Luka, abaixei a cabeça entre os braços e deixei que Logan se aproximasse.

– *Não!* – Luka gritou, correndo para nós. O vidro não deixava ele se aproximar.

– Que pele gostosa tem a sua mulher – Logan comentou para Luka enquanto me abraçava pegajosamente. Seu calor me aliviou instantaneamente, mas o nojo era quase pior do que o frio.

Amy gritava lá atrás, pedindo para que Luka voltasse. Ele a ignorava, os olhos negros fixos em nós. Nunca o vi tão fora de controle assim. Possessividade, ódio e desespero incendiavam suas íris. A pele dele estava ficando azul. Sua respiração estava ofegante. Suas veias saltavam do pescoço.

Nikolai e Alicia gritavam de suas celas para que Luka voltasse a se aquecer. Os dois sabiam o que ia acontecer. Um corpo vivo não resistiria àquele frio insano.

Logan passava as mãos pelo meu corpo, por baixo dos seios,

sussurrando coisas imorais. O frio me congelava, eu não me reconhecia. Fiquei sem reação.

Luka começou a gritar de verdade e socar o vidro. “Não! Tire as mãos da minha mulher, *não!*”

Uma gritaria se instalou. Meus amigos estavam revoltados. Eu sentia tanto frio e dor que não podia me mexer – eu iria me esfacelar. As câmeras estavam todas voltadas para nós. Luka chutou o vidro, nada aconteceu. Socou, berrou. Nada. Ao mesmo tempo, ele ia caindo, seu corpo sucumbindo ao frio e a morte iminente. Dava para ver que a temperatura na cela dele também havia caído mais, de modo a obrigá-lo a voltar ao seu lugar.

“A regra é clara, Sr. Ivanovick... Sr. Ivanovick, volte imediatamente para o seu lugar!”, berrava a voz do telão, parecendo chocada.

Ele não se importava. Nem parecia notar. Tinha as mãos espalmadas no vidro, o olhar negro chocado, perfurante – um homem que perdera o juízo. Ele morria sem perceber.

– Lara – sua voz estava fraca, suplicante. Foi para mim, foi íntimo. O mundo dos mortos inteiro ouviu, mas ninguém entendeu o que ele quis dizer. Só eu.

“É sua última chance de voltar ao seu lugar, Luka Ivanovick!”, o manipulador dos Jogos encontrava-se enfurecido.

E, então, Luka silenciou. Alguma coisa em seus olhos endureceu. Logan me bulinava. Eu não tinha lágrimas para chorar.

Mas Luka tinha.

Uma única lágrima de mágoa escorreu por seu rosto perfeito. Luka Ivanovick chorou para o mundo inteiro ver. E por causa de mim. Ouvi um
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ofego geral.

Os olhos negros dele foram se fechando, focados em mim. Ele estava sendo vencido pelo frio. Caiu no chão. Eu gritava de dor quando me desvencilhei de Logan – tanto pela temperatura – mil facas em minhas entranhas –, quanto pela cena da minha vida se indo com a dele. Minhas palmas batiam no vidro, meu rosto colado a ele. Eu gritava, implorava. Para Deus, para a Morte.

Não! Assim não. Ainda não!

Amy se jogou sobre ele para aquecê-lo, mas já parecia ser tarde. Alicia berrava, Nikolai sacudia as grades de ferro, tentando quebrá-las a força. Todo o calabouço explodia em revolta. A Morte não tinha piedade em seus Jogos, não iria poupar rebeldes.

Eu não gritava mais. A verdade do que aconteceria me inundou, afogou. Eu morri aos poucos naqueles segundos.

E, então, o milagre. Minha pulseira e a de Luka acenderam ao mesmo tempo. *Patrocinadores!*

Na minha, a mensagem: **SALVE SEU AMOR! A COMUNIDADE DOS MORTOS DO BRASIL ESTÁ COM VOCÊ! SUA FÃ, MARIA CLARA BARRETO.**

De rompante, a temperatura, tanto na minha cela, quanto na dele, voltou a ser normal. Temperatura ambiente, sem frio algum. O alívio foi imediato. Uma equipe médica explodiu pela porta principal do calabouço, colocando Luka em uma maca e correndo com ele para fora de lá. O garoto estava inconsciente, mas vivo. Seu patrocinador deve ter mandado a ajuda médica.

Ninguém entendia nada. Como ele poderia ter quase morrido por
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

causa do frio? Já não estava morto, como todos nós? Em suas respectivas celas, Alicia e Nikolai se jogaram no chão, as mãos enterradas no rosto de alívio. Eu caí de joelhos, vendo-o ir embora. Nunca vivi situação semelhante; fiquei surpresa pelo fato de que os meus cacos não estivessem espalhados pelo chão de pedra.

O homem encapuzado reapareceu no telão. Não parecia satisfeito.

“As regras foram mudadas devido a uma emergência. Mas não pensem que a Morte perdoará outro rebelde. Por essa noite, a temperatura ficará normal. Passaremos para uma nova fase da Caçada amanhã.”

E, então, escuro.

Minha pulseira se acendeu. Um recado pessoal da Morte.

PARECE QUE VOCÊS CONSEGUIRAM EMOCIONAR O PÚBLICO. MAS NÃO PENSE QUE EU DEIXAREI VOCÊ TER OUTRA REGALIA DESSAS NA MINHA CAÇADA, GAROTINHA. MEUS JOGOS, MINHAS REGRAS.

Logan não se aproximou de mim durante o resto da noite. Meu corpo exausto, já não chão, se enrolou e por ali mesmo ficou. Apaguei.

Capítulo 18

Acordei com o barulho das celas sendo evacuadas. Os homens encapuzados que nos retiravam não eram nada gentis. Pegaram-me pelo

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

braço e me levaram a outra cela. O lugar parecia um quarto – havia uma pequena cama, uma escrivaninha, uma tela plana e um banheiro. Mesmo assim, eu permanecia trancada.

Meus pensamentos estavam em Luka e na sua saúde, por isso tirei aquele macacão nojento e tomei um banho mecanicamente. No banheiro, pelo menos, não vi nenhuma câmera. O quarto tinha.

Estranhei a roupa que fora deixada para mim. Era uma blusa preta com a insígnia dourada da Escola, mais uma calça de lycra feita para corridas. Tênis e... *Luvras de luta?*

“Maravilha”, suspirei, jogando-me na cama. A câmera deu um zoom em mim. “Não tem nada para você aqui hoje”, falei para ela, virando para um canto. Eu estava de péssimo humor.

– *Que-ri-di-nha!* – de repente uma mulher explodiu pela porta, me fazendo pular de susto.

– Mas o quê...? Que isso, mulher.

Ah, não. Molly. A repórter loura tingida. Voz estridente. Terninho rosa choque. Me afastei um pouco – não queria que ela me contaminasse com todo aquele rosa. Juntamente à ela, estava seu fiel escudeiro, um cara meio gordo que carregava a câmera.

– Olá, mundo dos mortos! – Ela sorriu para a câmera, aos berros. Não sei o que ela via de tão feliz ali. – Estamos aqui nos aposentos de nossa querida Lara Valente! A brasileira que arrasou o coração do público ontem!

E, então, ela olhou para mim. Sorriso de expectativa. Fiquei apreensiva. Ela iria saltitar?

– Diga um oi para seus fãs, menininha *lin-da!*

Encarei-a com tédio. Fiz a voz mais mórbida possível.

– Oi.

Não sei por que, mas Molly explodiu em gargalhadas.

– Que menininha mais truculenta, pessoal. De todos que já entrevistamos, ela é a mais arisca. Mas dá para compreender, não é, meus telespectadores? Ela perdeu o namoradinho...

– *O quê?! – berrei. Senti o pânico nas bordas, pronto para me engolir. Molly achou aquilo o máximo.*

– Calma, queridinha, perdeu apenas por algumas horas. Já até o entrevistamos.

– Ele está bem? – quase pulei em seu pescoço.

– Reparem bem no uniforme dela, pessoal! Desenhado pelos melhores estilistas da Inglaterra! Mais tarde passaremos um especial sobre as roupas das participantes! – ela me ignorava até então. Depois, olhou para mim. – Você ficou uma graça nessa roupa. Você veste o quê? 38, 36...?

– Luka está bem? – perguntei de novo entredentes.

– Ah, que bonitinho. Amor adolescente...

Explodi. Peguei o colarinho do terno rosa dela. Avancei para cima, seu nariz colado ao meu. Meu olhar assassino.

– *Luka. Está. Bem?*

Molly arregalou os olhos.

– Sim, sim! – depois olhou para o câmera. – Você filmou isso? Repórter agredida, jogadora violenta, isso dá audiência!

Joguei-me em minha cama, aliviada. As mãos cobrindo o rosto.

Graças a Deus.

Depois disso, cooperei com Molly, que me fitava como se eu fosse um animal selvagem. Ela me perguntou sobre minha família, meu relacionamento com Luka, minhas aspirações caso eu ganhasse o prêmio, etc. No todo, não foi uma tortura tão grande assim, porque Molly me mostrou vídeos dos meus... Fãs.

Sim, eu tinha fãs. E aparentemente em todo o mundo dos mortos. Ser a mulher de Luka me transformou em uma heroína romântica. Todas as mulheres queriam me conhecer, saber o que é que eu tinha que fêz o tão idolatrado Ivanovick. Ele declarou que me amava em rede mundial – isso era *alguma coisa*.

Os vídeos, surpreendentemente, foram encantadores. Muitos empolgados, engraçados, até meio bizarros. Muitos fãs no mundo dos mortos do Brasil me mandaram beijos, abraços, dançinhas esquisitas, cartazes de apoio. Filmavam na praia do Rio (que parecia muito diferente na versão mundo dos mortos, escura e sombria); com pranchas em homenagem à minha fama de surfista. Pintavam as pontinhas dos cabelos de louro. Imitavam meu penteado.

Meninas do mundo inteiro usavam broches e camisetas escritos “Time da Lara”. Minha cara estava estampada em marcas de todo tipo de coisas por aí. Inglaterra, Américas, Ásia, Oceania, África... Em todo o mundo, fãs meus. Os caras colocavam pôsteres meus em seus quartos, as meninas imitavam minhas roupas, faziam cartas quilométricas e caricaturas minhas. No mundo inteiro, garotas mandavam vídeos dançando *funk* em minha homenagem. Uma garota japonesa tatuou nas costas “*Luka loves Lara*”. Muitas tatuaram o rosto de Luka no corpo, e até frases que ele disse para mim. Luka e eu viramos o casal do momento no mundo inteiro. As pessoas

encenavam coisas que nós falamos e eu nem lembrava. Viramos bonecos, pôsteres, marcas de perfume. Quanto mais o vídeo rolava, mais eu me chocava: eu tinha um verdadeiro fã clube pelo mundo. Estava me sentindo a própria Beyoncé!

Molly me contou que Aisha e Nikolai e Alicia e Liam também faziam muito sucesso como supostos casais. Mais ninguém causava tanto frenesi quanto Luka e eu. Muitos outros torciam também por Mayumi e Santiago, e Miguel se tornara um verdadeiro mártir, conquistando a simpatia do público – o que o rendera um fã clube feroz de defensores. Todos sabiam que ele amava Amy, mas Amy se tornara a vilã do meu romance. No entanto, a inglesa também tinha um extenso fã clube compadecido por seu amor impossível. Consequentemente, mais polêmica.

Deus do Céu. Minha vida virou novela.

Nossas vidas televisionadas fascinavam o público mais que a ficção, pois eles se identificavam conosco e com os nossos pequenos dramas, perdas e vitórias. Nossos casos de amor e desamor. Vingança e ressentimento. Intriga e amizade. Eles nos odiavam, nos amavam, torciam por nós e contra nós. Viramos ídolos da noite para o dia.

Quando a entrevista acabou, Molly apertou minhas bochechas com suas unhas postiças:

– Prepare-se, queridinha. Porque a próxima fase será... Bem... Tensa. Estamos torcendo por você. Dê um *tchauzinho* para câmera!

Eu acenei. Não custava nada, não é? As pessoas lá fora não tinham culpa de Molly Baker se vestir (e se comportar) como Baby, o Porquinho.

Quando a câmera foi desligada, ela perguntou se eu tinha certeza sobre não estapear-lhe na cara. Nós poderíamos encenar um ataque histérico

de saudade do meu amor e conseguir mais fama para mim. Ela saiu antes que eu pudesse lhe dar um tapa de verdade.

A pequena tela plana instalada no meu quarto acendeu pela primeira vez.

“Jogadores, está na hora da penúltima fase dos Jogos de Caça. As Caçadas têm como objetivo alcançar um tesouro, mas vocês só conseguirão chegar até ele através dos seus próprios tesouros pessoais. Escrevam nos papéis sobre as suas escrivaninhas o nome dos seus tesouros aqui, no mundo dos mortos. E então passem para a próxima fase.”

Fim do recado. Olhei para a gaveta da escrivaninha, antes trancada. Agora, aberta, peguei um bilhete dobrado. Nele, estava escrito em letras elegantes.

Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.

No final, encontrava-se um espaço para escrever o nome do meu “tesouro.” Aquela frase não me era estranha...

Pense Lara. Seu tesouro no mundo dos mortos. Ele está onde está seu coração.

Fácil. Escrevi o nome de Luka. Recoloquei na gaveta da escrivaninha e a tranquei. Minha pulseira apitou.

MUITO BEM. VOCÊ ESTÁ CLASSIFICADA PARA A PRÓXIMA FASE. QUANDO SUA VEZ CHEGAR, CHAMAREMOS-NA.

Depois disso, comecei a ouvir barulhos estranhos. No começo, ignorei, mas então os gritos foram ficando mais fortes. Parecia que, ao longe, estava acontecendo uma briga. Várias vezes. Socos. Gritos. Choros.

Deus, engoli em seco.

Após algumas horas, a porta do meu quarto se abriu e um homem encapuzado me escoltou por corredores subterrâneos do castelo até um grande salão, cujo chão era de terra batida, as paredes rachadas e iluminadas por tochas. No meio de tudo aquilo, um enorme ringue de luta, cercado por vários homens encapuzados.

Uma enorme tela mostrava a cobertura ao vivo das lutas. A mídia dos mortos estava transmitindo essa fase das Caçadas, e atrás de uma bancada brilhante, um apresentador de terno e gel no cabelo comentava com uma mulher elegante ao seu lado. “Pois é, Emma, essa é a fase em que nossos jogadores caçam a eles mesmos!”

“Vejam agora os melhores momentos! Pode rodar Robert!”

E, então, cenas chocantes. As irmãs Stryder lutando no ringue.

“Veja Claire Stryder finalizando a irmã com um chute no nariz! Espetacular!”

Arfei. Estavam nos obrigando a agredir nossos amigos, irmãos, namorados? O pior de tudo é que, pelo que eu via, pela vitória, muita gente estava fazendo exatamente isso.

Meu coração se quebrou com a cena de um Nikolai muito desolado – porém muito decidido – dando uma chave de braço em Aisha. Miguel de braços erguidos, se recusando a bater em Amy. No entanto, Amy não teve nenhum problema em apunhalar sua cabeça enquanto ele estava indefeso. Miguel não esperou por aquilo – ninguém esperou. Na tela, os olhos da inglesa eram decididos. Havia alguma coisa no mundo dos vivos que ela queria muito rever.

O programa mostrou a reação em diversas partes do mundo dos

mortos a esse desfecho. Os torcedores de um romance em potencial entre Nikolai e Aisha ficaram decepcionados. O fã clube de Miguel ficou revoltado, e Amy perdeu muitos seguidores fiéis.

Estalei a língua. Ela estava cavando sua própria cova.

Dentre outros momentos de outras lutas, o programa mostrou também um Ian Armstrong estancado no ringue, encarando Laila, sua adversária. Nenhum dos dois soube o que fazer. Ambos desistiram e foram eliminados.

Santiago também se recusou a bater em Mayumi. Ele deixou que ela vencesse. Santiago eliminado, Mayumi classificada.

Catarina me impressionou. Ela venceu a massa de músculos do seu namorado ruivo – mas saiu do ringue com a expressão de quem tinha perdido algo essencial. Esse jogo revelava as pessoas. Invadiam a intimidade de quem nós éramos de verdade, no âmago. E isso era o mais perigoso.

A vez de Alicia me fez rir. Sim, eu tinha um humor distorcido. Liam disse “Sinto muito, meu amor, você é linda, mas deixemos nosso romance para depois. Agora, fica paradinha que eu tornarei tudo isso mais fácil para você...”, e ele se aproximou na intenção de subordiná-la e vencer a luta.

Alicia sorriu. Ele foi se aproximando. O sorriso dela ia ficando cada vez mais macabro. Liam a deu um beijo na bochecha enquanto enrolava seus braços ao redor do pescoço da garota, na intenção de sufocá-la. Em um milésimo de segundo, Alicia reverteu as posições. De repente, ele estava caído de bruços no chão, os braços presos pelo agarre férreo dela, a bochecha contra a sola de suas botas negras.

“Sinto muito, *meu amor*, mas eu sou mulher demais para você”, ela sorriu maliciosamente, arrancando gargalhadas do seu imenso público. Os

apresentadores riam em suas cadeiras.

“Essa mulher é demais! Uma grande aposta para vencedora!”, o homem de terno brilhante parecia animadíssimo.

Ao seu lado, a âncora Emma discordou.

“Pode até ser, Thomas, mas Alicia Ivanovick tem um concorrente muito forte! Talvez o mais forte dessa edição das Caçadas!”, e então ela se virou para a câmera principal, um sorriso de expectativa. “E, agora, ao vivo com vocês, a luta de Luka Ivanovick! Nosso artilheiro preferido! E adivinhem só contra quem... Sugestões, Thomas?”

O homem fez um careta de tristeza. Não sabia se era genuína ou pura jogada de mídia. “Infelizmente, Emma, esses Jogos são um tanto cruéis. Cada um luta contra o seu “tesouro” pessoal, mas só ao entrarem no ringue eles saberão disso. Então, com vocês, ao vivo, a tão esperada luta entre os amantes desafortunados Luka Ivanovick e Lara Valente!”

– *Não* – arfei. Não, não, não. Isso era tudo o que eu pensava enquanto era empurrada para o ringue, e, do outro lado, Luka entrava no salão e congelava a me ver. Seu cérebro rapidamente captou tudo. Sua expressão mortificada ao entrar no ringue rapidamente mudou. Ele me encarava decidido.

Pela primeira vez, aqueles olhos negros me apavoraram *de verdade*. Os muros fortes que estruturavam nosso amor decaíram bem na minha frente, enquanto eu o observava se aproximar em posição de ataque. Lindo, felino, elegante. Impossível vencê-lo.

Naquela hora, eu soube que perdera a única oportunidade de rever minha família, meu sol, meu Brasil. E soube também que a coisa mais importante da minha existência – nosso amor – não era tão importante para

ele assim.

E isso me doeu muito mais.

As câmeras filmavam tudo. As pessoas ao redor do mundo quebravam seus corações junto comigo.

Não é possível que ele vá fazer isso...

Mas Luka fez. Aproximou-se e sussurrou no meu ouvido. “Confie em mim.” E, então, pressionou um nervo no meu pescoço. A dor foi aguda e rápida. Tudo ficou preto; eu desmaiei rapidamente. Fui jogada no abismo escuro outra vez. Abismo negro daqueles olhos.



Acordei no que me pareceu ser uma cela comunitária. Havia muitas vozes ao redor, e rapidamente reconheci as mais importantes. Laila e Santiago me levantaram, perguntando freneticamente se eu estava bem.

“Estou, estou”, insisti, mas eles não acreditaram.

– Você apagou por horas! Está sentindo dor, tontura, acha que vai desmaiar? – Laila quase quicava. Perdi a paciência.

– Estou péssima, acho que não vou resistir. Tragam álcool e alguma coisa afiada, rápido!

Eles se desesperaram e saíram correndo. Respirei aliviada.

Ao meu redor, uma cela enorme com paredes brancas e sofás. Havia

uma geladeira com água e outras coisas, bem como uma tela plana para acompanharmos o final das Caçadas. Era a cela dos eliminados.

Coloquei o rosto entre as mãos. Eu não sabia nem como começar a superar isso. Meu mundo virou de cabeça para baixo; perdi todas as minhas certezas.

“Oi, Larinha”, Aisha se aproximou. Tinha a expressão tão magoada quanto a minha.

– Eu sei – ela falou quando trocamos um olhar de entendimento. Aisha era a única que sentia na pele a minha dor. A vitória tinha mais valor para Luka do que eu. Que amor era esse?

Como Catarina, esses Jogos tinham me roubado algo essencial.

– Você pode me apunhalar na cabeça? – perguntei à Aisha. – A inconsciência me cairia melhor.

Não estava dando para lidar. Aisha segurou minha mão. Entrelacei meus dedos nos dela. Sua cabeça pendeu para trás, apoiando-se na parede atrás do sofá no qual estávamos sentadas.

– Eu te entendo. Essas Caçadas brincam com a gente. Manipulam nossos sentimentos. Revelam coisas que...

– Não deveriam ser ditas. – Completei.

Ela suspirou.

– É uma boa hora para encher a ca...

A lamúria de Aisha foi cortada por uma explosão. A porta da cela foi arrombada, e dois homens enormes entraram correndo na nossa direção. Aisha congelou. Eu soltei um palavrão. *Luka e Nikolai!*

Tudo aconteceu em poucos segundos. De repente, eu me vi nos ombros
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

de Lula. Nikolai jogou Aisha sobre os próprios ombros e ambos saíram correndo conosco. Mayumi apareceu logo atrás, também envolvida na invasão.

Um guarda entrou pela porta da sala e gritou.

– Ei! Isso é contra as regras!

Mas Mayumi interveio:

– Ah, cala essa boca – e com seu corpo esbelto, o empurrou para fora do nosso caminho. Muita gente na sala gritou em apoio.

– *Mas que diabos você está fazendo?! – eu berrava enquanto Luka corria pelos corredores subterrâneos do castelo. Mesmo comigo nos ombros, sua velocidade era inalcançável. O musculoso Nikolai também não ficava atrás. Ele tentava acalmar os protestos de Aisha.*

Meu coração explodia de alegria. Fora tudo planejado. Luka só me venceu no ringue porque sabia que teria condições de me recolocar nos Jogos depois. As câmeras no teto giravam loucamente para conseguir captar tudo.

– Te sequestrando dos Jogos. Eu disse para confiar em mim, nunca te deixaria para trás. Sei onde está o Tesouro. Nós vamos vencer!



Depois de sairmos do castelo – e os Ivanovicks baterem em alguns guardas – adentramos na floresta.

Uma coisa triste aconteceu: interceptaram Mayumi no meio do caminho. Como Luka e Nikolai estavam ocupados nos protegendo, os guardas acabaram por fisgar a japonesa. Os Ivanovicks correram, sem nada poder fazer. Sabiam que se nós parassem correríamos o risco de perder.

Fiquei emocionada com o fato de Mayumi se dispor a participar do plano para me salvar, arriscando sua própria classificação. Obviamente agora ela estaria eliminada.

No escuro, eu pude ver ao longe a luz de uma fogueira. Luka já tinha me colocado no chão, e corria de mãos dadas comigo.

Rapidamente chegamos ao local da fogueira. Amy e Catarina se sentavam ao redor dela. A portuguesa falava sem parar, mas Amy não parecia prestar atenção. De uns tempos para cá, Amy havia estado muito estranha. Sumia do nada, falava coisas que ninguém entendia.

Agora, pálida e silenciosa, seus olhos escurecidos encaravam a fogueira. Não parecia estar ali.

Do lado oposto da fogueira, sentava-se Alicia. À luz alaranjada, seus *piercings* reluziam, bem como seus olhos negros, ameaçadores. Era compreensível o fato de ninguém ter ousado puxar assunto com ela.

Todos tinham os cabelos bagunçados e os macacões meio rasgados.

– Aleluia! – saltou Catarina quando nos viu. – Vocês demoraram. O mau humor de Amy já estava de matar.

Fitei Amy. Ela só me lançou um olhar venenoso.

– Será que podemos ir? Não tem porque ficarmos parados aqui! Se só restou a gente, é desperdício de tempo não estar procurando o Tesouro – a portuguesa estava impaciente.

– Ainda não – a voz de Alicia me surpreendeu. Ela olhou estranhamente para os irmãos. Depois, segurou nas mãos a ampolheta. Ainda restava um tanto de areia para cair. – Deve ser no tempo certo. O contrato requer exatidão.

Um fato sobre assuntos dos quais estou por fora: não gosto deles.

– Tudo bem, alguém pode me inteirar sobre essa conversa estranha?

Luka suspirou. Só seus irmãos entendiam o motivo daquela espera.

– Ficaremos aqui por um tempo. Não perguntem. Nosso grupo, nossas regras.

Catarina se jogou sobre a raiz de uma árvore, visivelmente desanimada. Ela obedecia porque sabia que estar no grupo dos Ivanovicks era a única chance que tinha de chegar perto do prêmio.

– Estou cansada dessa Caçada. Estou acabada, com saudade do meu chuveiro quente e com o cabelo ressecado. Alguém pelo amor de Deus encontre esse Tesouro.

Alicia revirou os olhos.

– E alguém, pelo amor de Deus, me mate.

Enquanto Nikolai se aconchegava perto da fogueira para conversar com Aisha, Luka me puxou para um canto.

– Precisamos conversar.

E, pelo visto, era uma conversa particular, porque Luka quebrou a câmera mais próxima de nós. Arrancou-a da árvore e pisou nela sem dó. Aparentemente o resto do mundo dos mortos teria que lidar com a curiosidade.

Nós nos aconchegamos um tanto longe da fogueira, recostados no
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tronco de uma árvore. O chão de terra irregular não era um trono para o meu traseiro, mas encolhida dentro do abraço de Luka, pouco me importava o local.

– Preciso confessar – comentei – também tenho saudade do meu chuveiro quente. Por que estamos esperando o tempo daquela ampulheta esquisita?

Os olhos de Luka eram tristes.

– Lara... Alicia e Nikolai *precisam* ganhar os Jogos. Se quiserem sair daqui, tem que ganhar. Você sabe que a Morte é cheia de artimanhas. E ela usou mais uma conosco.

– Como assim?

– Exatamente hoje, completa-se dez anos que eu e Nikolai estamos no mundo dos Mortos, e um ano desde que Alicia chegou.

Fiquei tensa. Já sabia o que estava por vir.

– Você quer dizer...?

A expressão de Luka era tão dilacerada quanto a minha.

– Sim. Hoje meus irmãos irão embora. Para sempre. Se não forem hoje, não poderão ir nunca mais.

Massageei as pálpebras, tentando lidar com aquilo. Eu perderia minha família – outra vez. Luka continuou.

– A Morte, no entanto, se comunicou conosco. Marcou um lugar para o retorno deles ao Mundo dos Vivos. Esse lugar é o local onde está o Tesouro das Caçadas. O Tesouro, seja lá qual objeto for, é o portal pelo qual eles passarão.

– Mas que... Sacanagem! E se eles não encontrarem o local?!

– Esse é o perigo de se fazer contratos com a Morte. Ela sempre dá um jeito de tornar as coisas mais difíceis para nós, e interessantes para ela. No entanto, a Morte ainda não sabe que decidi ficar no mundo dos mortos. Por isso, devo chegar ao Tesouro com meus irmãos e explicar. Minha presença é fundamental, por isso tive que te ganhar na luta para ser classificado e continuar na disputa. Não quero causar problemas para eles. Contratos com a Morte são exatos, e ela não gosta de mudanças. Qualquer reação negativa que ela tenha à minha decisão, pode descontar em Nikolai e Alicia, e isso não posso permitir. Foi sacrifício demais para ser em vão. Além disso, meus pais esperam por eles.

– E por você – completei tristemente. Assim como eu estava roubando de Luka o mundo, eu roubava, do mundo, Luka.

– Sim. – Ele virou a face para outro lado, o pensamento distante nas lembranças de sua vida, de seu passado. – Mas aquele mundo não é mais o meu. Qualquer lugar em que você não exista não faz sentido para mim. Minha alma rejeita profundamente tudo o que não contém você.

Virei seu rosto para beijá-lo nos lábios. Macios, apimentados. Gosto de fantasia. Gosto de amor. Não era boa em palavras. Havia uma profundidade incompreensível em suas íris. E eu não sou boa em profundezas – me intimidam. O amor por Luka foi o mais intenso, denso, insano que eu já conheci.

Em uma de nossas conversas, ele pediu para que sua escolha – ficar comigo neste mundo – não me intimidasse. Ele me dava tudo e eu não podia devolver. Como não me intimidar?

Luka pensava que, por eu ser jovem, logo iria querer outras experiências, outras pessoas. Mas do mesmo modo que, naquele momento, outro mundo não o interessava que não o meu, outro mundo além dele

também não me interessava.

O momento foi interrompido por uma Alicia tensa.

– Está quase na hora. Precisamos ir, ou o tempo irá se esgotar. – Ela apontou para a pequena ampulheta que carregava no pescoço. A areia já estava quase no fim.

Levantamo-nos e nos aproximamos da fogueira. Não deu tempo de Luka comunicar aos outros que estávamos de partida – uma forma escura passou correndo à alguns metros de nós.

Arquejei.

– Vocês viram isso?!

– Não parece um animal – Alicia franziu a testa. – Alongado demais. É uma pessoa. – Olhou com urgência para os irmãos. – E está indo em direção ao local do tesouro!

Nikolai franziu a testa.

– Não é possível. Já eliminamos todos os concorrentes. Não há nenhum jogador restante, a não ser nosso grupo.

– Talvez vocês tenham esquecido alguém – opinou Catarina, e recebeu três olhares de tédio dos Ivanovicks. Eles? Falharem em alguma coisa? Impossível.

– Espera. Se vocês já sabiam onde está o tesouro todo esse tempo na floresta, por que ainda não o pegaram? – Aisha se levantou, indignada.

– Luka precisava resgatar a namoradinha – a voz de Amy surpreendeu. Gelada, cortante. Evitei seu olhar.

– Sem Lara eu não vou a lugar nenhum. – Luka anunciou simplesmente.

– E já que era para sequestrar mesmo... – Nikolai deu de ombros, olhando para Aisha. – Eu tirei sua chance de vencer. Achei que era justo devolvê-la. Além do mais, com você aqui as coisas ficariam mais divertidas.

– Ah... – Aisha ficou constrangida. – Obrigada.

– Lindo pessoal. Realmente – Alicia interveio. – Agora chega de conversa. Temos um último concorrente para eliminar. E ele está chegando primeiro do que nós ao prêmio.

– Vem, meu amor – Luka pegou minha mão e começou a correr. Todos vieram atrás de nós. Enquanto corríamos, eu podia ver as luzinhas vermelhas das câmeras filmando os momentos finais das Caçadas. Depois de corrermos por um bom tempo e adentrarmos nos lugares mais inóspitos da floresta, paramos no lugar mais esquisito de todos. Basicamente, não tinha nada. Era uma campina feia e escura, com um único poço de pedra no centro. O lugar parecia abandonado, ninguém vinha aqui.

Compreensível. O lugar era totalmente sombrio e esquecido.

Quando chegamos à borda do poço, Alicia passou os dedos pelo pó sobre a pedra e as teias de aranha que se formaram na passagem para o fosso. No entanto, as teias estavam penduradas, como se alguém já tivesse passado por ali antes.

– Teias de aranha? – olhou para os irmãos, sobrancelhas franzidas.

Eu demorei a entender seu raciocínio.

– O que tem de errado?

Luka me explicou.

– Bom, se o tesouro dos Jogos de Caça está aí dentro, alguém deveria

ter entrado para colocá-lo. Mas isso deve ter acontecido em questão de dias. Esse poço, no entanto, parece abandonado há anos.

– Acha que o tesouro não está aí?

– Impossível. Esse foi o local combinado. O que me preocupa é o fato de alguém ter chegado primeiro. Olhe como as teias estão.

De fato, as teias de aranha estavam penduradas, como se alguém já tivesse pulado no buraco e as deformado.

Nossas pulseiras acenderam ao mesmo tempo.

MUITO BEM, JOGADORES. VOCÊS CHEGARAM AO LOCAL DO TESOURO. NO ENTANTO, SÓ CINCO INTEGRANTES DO GRUPO DE VOCÊS PODEM ENTRAR. ESCOLHAM AQUELES QUE FICARÃO PARA TRÁS.

Quando todos acabaram de ler, o clima ficou hiper tenso. Éramos sete. Quem de nós ficaria para trás?

– Os Ivanovicks têm que ir. Por causa deles nós chegamos aqui. – Aisha opinou.

Mas para o nosso espanto, no segundo subsequente, Amy empurrou Alicia da frente e pulou no poço. Lá do fundo, ouvimos o seu grito ao chegar ao chão.

– Mas que vadia! – xingou Catarina, o queixo caído. Nem ela seria capaz de fazer isso. *Traição.*

– Mas o quê... – Aisha parou de falar. Foi a primeira a se recuperar do choque. Suspirou, parecendo tomar uma decisão. – Bem, eu vou ficar. Não tenho direito nenhum de entrar aí. Já fui eliminada dos jogos, não era nem para eu estar aqui. E, bem, Larinha... Você também. Afinal, Amy já entrou e só quatro de nós podem passar. Catarina venceu por mérito próprio. Acho

que é ela quem deve entrar com os Ivanovicks.

Luka se enrijeceu ao meu lado. Ele não parecia nem um pouco disposto a me deixar para trás. Todos olharam para Catarina. Ela olhou para o poço, olhou para nós. Suspirou.

– Não, pessoal. Eu não vou. Não mereço. Cheguei até aqui traindo a pessoa que eu amava. Sim, sim, estou apaixonada – ela se explicou diante de nossos olhares chocados. – Não queria vencê-lo no ringue, foi traição e me arrependo. Se o roubei a chance de viver outra vez, também não mereço essa chance. Lara, vá você.

Eu a encarei, atordoada. Não porque eu ganhara a chance de vencer – mas sim porque descobri que Catarina tinha... *Moral*. Talvez isso sempre estivesse dentro dela, talvez o amor a tenha mudado. Mas nossa portuguesa não era a pessoa frívola que eu pensava.

Ela deu um passo para trás, segurando a mão de Aisha.

– Vão logo. E que vença o melhor.

Luka me levantou do chão, a face tensa.

– Nikolai, vá primeiro e segure Alicia. Depois eu irei e segurarei Lara.

Nikolai pulou no poço sem hesitar. Sua voz poderosa ecoou lá de baixo.

– Podem vir! É profundo, mas tem um monte de feno aqui embaixo! Ninguém vai se ferir.

Alicia pulou sem hesitar. Logo depois, Luka. Eu fiquei olhando da borda, um pânico surgindo lá no fundo. Foi assim que eu morri: caindo em um lugar escuro.

– Lara, vem! – chamou Luka lá de baixo. Sua voz estava muito longe.

– Não dá – gemi.

Luka entendeu. Ele sabia que eu não era covarde.

– Meu amor... – ele suspirou. – É diferente dessa vez. Eu não vou te empurrar. Estou aqui para te segurar.

– O tempo está acabando! – Alicia gritou. Eu não tinha ideia do que ela estava falando, mas não iria atrapalhar os planos de minha família por um trauma qualquer. Eu tenho medo. Mas ele não me vence.

– *Droga* – fechei os olhos, pulei a borda e caí no vazio. – Ai! – os braços de Luka eram duros e musculosos. Eu não sabia se corpos mortos poderiam ficar com hematomas, ou sem sombra de dúvidas minhas costas ficariam marcadas. Cair no feno seria menos doloroso, mas Luka sabia que eu não conseguiria fazer isso sem ele. E meu Ivanovick não quebra promessas.

Nikolai carregava uma mochila, e lá de dentro tirou uma lanterna. Com a pouca luz, pude ver que estávamos em um corredor subterrâneo. Nada de água ou Samara Morgan – graças a Deus, senão eu estaria indo embora agora mesmo.

– Não temos tempo – Alicia gemia, observando sua ampulheta.

– Vamos correr! – Nikolai foi à frente.

As paredes eram de pedra úmida, mofada. O chão, de terra. O túnel era apertado, e o ar lá dentro, pesado, envelhecido. Segurei a respiração, uma vez que eu não precisava dela mesmo. O cheiro do lugar era insuportável.

Nikolai iluminou pegadas no chão, feitas pela poeira.

– Tem alguém aqui, e chegou antes de nós. São pegadas recentes.

– Amy? – perguntei. Naturalmente seria ela.

– Não – Alicia respondeu, seguida pelos irmãos. – Ela usava tênis. Essas pegadas são de botas de salto alto.

Era difícil conviver com pessoas muito mais espertas e perceptivas que você.

– Hum... E que tal o jogador que ficou para trás? – tentei outra vez. – Aquele que passou por nós na floresta?

– Foi o que imaginei – Luka me apoiou. – Mas não creio que se trate propriamente de um jogador... Nós não cometeríamos o erro de deixar alguém para trás. – Luka estava pensativo. – É outra pessoa. E se for quem eu estou pensando, seguiremos as pegadas. Ela vai nos levar até o local da passagem de vocês.

Perguntamos sua opinião, mas Luka mandou esperarmos para ver.

Depois de serpentearmos por vários corredores labirínticos, chegamos a uma porta dupla de madeira, destruída pelo abandono e pelo tempo.

No entanto, a cena diante dos meus olhos era bizarra por outro motivo. Luka tinha razão – as pegadas nos levaram até a pessoa. Ela nos esperava na frente da porta. Manto negro, mãos unidas, o capuz escondendo o rosto abaixado.

Aquele manto negro não me era estranho. Eu já o vira em meus pesadelos. Era o manto da... *Morte!*

– *O assassino!* – ofeguei. O que o verdadeiro assassino da Sotrom estava fazendo aqui?

Luka relaxou ao meu lado. Deu um passo para frente.

– Eu sabia que era você, Alexandra.

Alexandra?! A irmã de Luka era a assassina?!

– Como. É. Que. É?! – Nikolai praticamente gritou. E, então, a pessoa encapuzada ergueu a cabeça lentamente. Abaixou o capuz negro.

– Olá, irmãozinhos – Alexandra Ivanovick os cumprimentou. – Quanto tempo.

– *Você é a assassina?! – Nikolai se chocou. – Mas que merda é essa? Ninguém me conta nada por aqui? E como Luka sabia disso?*

– Esperem aí. Que diabos está acontecendo? – interferi. Alexandra, a mesma que me salvou nos corredores da Sotrom, era a tão temida assassina à serviço da Morte?

Luka olhou para mim a guisa de explicação.

– Fui escolhido para ser o assassino. No entanto, como me repugnava esse cargo, fiz um acordo com a Morte. Para me salvar desse destino e salvar os meus irmãos de morrer na Sotrom, concordei que Nikolai e eu passaríamos dez anos no mundo dos mortos. Mas quando chegou a vez de Alicia e Alexandra morrerem por um ano, como era o combinado, Alexandra foi convocada para ser a assassina. E aceitou o cargo para não morrer.

– E você sabia disso o tempo todo?! Minha irmã é uma assassina e ninguém me conta isso?! – Nikolai exasperou-se.

Alexandra suspirou, entediada.

– Por que você acha que eu não vim, irmãozinho? Achou que eu não era suficientemente boa para a Morte me querer em sua Escola?

Nikolai ainda tinha a expressão indignada, confusa.

– Lógico que eu pensei exatamente isso. Ninguém me contou nada sobre você ser a assassina! – e olhou para Luka acusadoramente.

– A Morte exigiu sigilo – ele explicou.

– Mas por que *você* sabia?

– Porque meses atrás Alexandra me pediu um favor. Contatou-me e contou a verdade.

Eu olhei para ver a reação de Alexandra. Ela tinha os lábios franzidos em desdém. Não gostava de estar devendo ao irmão. Ela explicou:

– A Morte me deixou encurralada. Ela queria uma pessoa em seu mundo, uma pessoa que não era permitida ao assassino matar. Uma pessoa protegida. Ela me mandou dar um jeito, tomar um caminho alternativo... Eu deveria matá-la sem tocar nela. Mas como? – Alexandra sorriu, orgulhosa de sua esperteza. – Chamei o meu irmãozinho, é claro. – E, então, ela olhou para mim. – Eu não tenho ideia do que você está fazendo aqui, mas você não é uma pessoa de muita sorte, Lara Valente. Eu sou uma assassina de muitos contatos.

Arregalei os olhos – as peças foram se encaixando. Olhei para Luka. Ele disse que havia me matado para fazer um favor para alguém. Essa pessoa que Alexandra estava falando era *eu*.

– Por quê? – olhei para Luka, exigindo uma explicação. Fazer um favorzinho à irmã não parecia motivo suficiente para matar alguém.

Luka estava tenso. Evitava meus olhos.

– Entenda... Alexandra é uma funcionária da Morte. Precisa realizar todos os seus caprichos. Ela não poderia te matar, pois há *algo* que te protege. A Morte não especificou para nenhum de nós o quê. Só sabíamos que, para o assassino oficial, você era intocável. A maldição do mundo dos mortos não poderia te atingir. Mas, quando a Morte te viu na Sotrom, te quis. E mandou Alexandra matar você sem te tocar. Se Alexandra não

cumprisse a ordem, o contrato seria rasgado e ela morreria. Então fez contato comigo, sabendo que, dentre nossos irmãos, eu seria o único capaz de fazer isso. Na época eu não te conhecia, você era uma anônima que estava colocando a faca sob o pescoço de alguém da minha família, mesmo sem saber. Família que eu sacrifiquei tudo para salvar. Eu precisava te eliminar para salvar Alexandra. Era você ou ela.

Era muito para assimilar. Virei as costas, as mãos cobrindo o rosto. Aí estava a resposta que eu tanto queria. Eu já tinha aceitado, mas, mesmo assim, meu coração inerte estava ferido. Eu era só humana, afinal.

Senti as mãos quentes dele sobre meus ombros. Hesitantes, sem saber se seriam aceitas.

– Entenda, Lara. Eu ainda não conhecia você, ainda não *amava* você. Se eu não fizesse aquilo por Alexandra, ninguém mais faria. Era um beco sem saída.

– Matar ou morrer, queridinha – Alexandra desdenhou. – Quando a Morte quer, ela consegue. E não entendo o porquê de todo esse drama. Afinal, você pareceu se dar muito bem neste mundo aqui. Pelo que estou percebendo, físgou meu irmão. E ele é o melhor dos partidos. As mulheres da Rússia que o digam. Ele deixou centenas de corações quebrados.

– Tudo bem, tudo bem. – Nikolai cortou o clima bruscamente. – Luka sabia da verdade porque você precisou dele. Mas e *você*, Alicia? Por que não está chocada?

Eu ainda tinha o rosto coberto, lutando com meus próprios fantasmas. Mas Alicia se mantinha em um silêncio sepulcral. Até agora, não manifestara nenhuma reação. Aquilo era estranho.

– Eu explico ou você explica? – Alexandra perguntou para a irmã

gêmea.

Descobri o rosto e me virei, de modo a ver a reação de Alicia. Ela somente perfurou a irmã com o olhar negro.

Alexandra ergueu uma sobrancelha.

– Você quem sabe, irmãzinha. Agora que o contrato acabou, tanto faz eles saberem ou não. Deixa que eu conto.

– Contar o quê?! – perguntou Nikolai, cada vez mais exasperado. Ele não gostava de ficar de fora dos segredinhos de família.

Luka, no entanto, olhava para mim, mais interessado em minha reação. Eu fechei os olhos, suspirei e conversei comigo mesma. *Já estou morta. Já superei isso. Já o soquei na cara. Agora, só me resta aceitar esse amor, com toda a carga que vier com ele.*

Perdoar Luka era o meu ato de sacrifício. Ele iria se suicidar por mim – *hoje*. Ambos nos sacrificamos. E nos encontramos nesse sacrifício. Assim, dívidas pagas. Nosso amor superava isso. Entrelacei minha mão na dele para mostrar que estava tudo bem; ele imediatamente relaxou. Alívio tomou conta de seu rosto perfeito.

Alheia ao nosso momento particular, Alexandra continuava se dirigindo à irmã.

– Todo mundo sabe que você sempre foi a mais fraca entre nós duas. A Morte escolheu errado. Ela deveria ter *me* escolhido como assassina, mas não. Escolheu você. Vá entender o porquê, não é?

– Como é que é? – foi a primeira vez que vi Luka perdido na história.
– Não. Eu vi o seu contrato com a Morte. Você foi a escolhida, Alexandra. Tenho certeza.

Alexandra sorriu macabramente.

– Mas quem disse que *eu* sou a Alexandra?

Meu queixo caiu. Os olhos de Nikolai e Luka voavam de uma para a outra.

– Eu não sou Alicia. – Aquela que eu sempre pensei ser Alicia abaixou a cabeça. – *Eu* sou Alexandra.

Silêncio perplexo. Luka a encarava estupefato – ele nunca pensou que poderia ser enganado por tanto tempo. Nikolai tinha os olhos arregalados, traídos. A irmã que ele sempre protegera mentiu para ele todo esse tempo.

E eu, bem, só me mantinha calada. Não era uma ideia inteligente se meter na briga de Ivanovicks.

A verdadeira Alexandra tentava se explicar.

– A morte tinha me escolhido como assassina, mas eu não tive coragem de aceitar o cargo. Eu preferia morrer a matar os outros. Mas Alicia...

– Eu não – a real Alicia ergueu o queixo com arrogância. – Eu não sou fraca, e jamais aceitaria morrer. Troquei de lugar com Alexandra, me fiz passar por ela durante todo esse tempo. Nós mudamos de aparência. Tirei meus *piercings*, ela os colocou. Trocamos de identidades, e ensinei minha irmãzinha a se portar como eu. E parece que você os enganou direitinho, não é? – piscou para irmã gêmea. – Não pensei que você aguentaria tanto tempo se passando por mim. Sempre foi tão boazinha... Como foi ter passe livre para ser alguém como eu? A louca do manicômio? – ela gargalhou. Achava graça naquilo tudo sozinha.

– Por que, Alicia? – Luka a perfurava com os olhos. Olhos traídos. – Por que não nos contou?

Alicia – a verdadeira – ergueu as mãos em defesa. Luka era uma das poucas pessoas que ela respeitava – ou temia.

– Porque a Morte não podia saber! Ela não reconsidera suas escolhas, você sabe bem. Ela só fez isso por você uma vez, e não tenho ideia do porquê.

– Oh, é mesmo? – uma voz emergiu do escuro. De um corredor paralelo, saiu Amy. As sobrancelhas erguidas, os olhos gelados, estranhos. Ela simplesmente não se parecia com ela mesma.

Na verdade, eu tinha até me esquecido dela, envolvida em todo esse drama familiar. A inglesa entrou primeiro no poço, e deve ter se perdido nos corredores labirínticos, procurando o prêmio sozinha. Afinal, somente uma pessoa – a primeira – que o encontrasse, poderia desfrutar dele. Um único e precioso dia de vida.

– Então você mentiu para mim esse tempo todo, garotinha? Ousou enganar a Morte? – as íris azuis de Amy se tornavam gradualmente brancas, o que lhe dava uma aparência ensandecida.

Alicia engoliu em seco. Luka entrou na minha frente na mesma hora. Nikolai protegeu a verdadeira Alexandra com seu corpo enorme.

E, então, Amy foi... *Descascando* sua própria pele. Aos poucos, puxava nacos de sua pele perfeita do rosto e pescoço, revelando por baixo uma pele envelhecida, morbidamente pálida. Seu corpo, escondido pelo macacão, tornou-se esquelético. Amy foi arrancando seus próprios cabelos, e os ralos fios que restaram se tornaram brancos, opacos, quebrados ao final do processo. Uma verdadeira metamorfose.

Como uma cobra que troca de pele, Amy Turnage se transformou na frente de nossos olhos. No lugar da linda mulher, havia uma velha

enrugada, pálida como giz, olhos esbranquiçados e malignos, ossos proeminentes, cabelos grisalhos, ralos. O rosto dela parecia ter saído de um filme de terror.

A pele e os cabelos de Amy estavam caídos no chão ao seu redor. Eu me agarrei a Luka para não desmaiar ali mesmo.

A figura macabra torceu o pescoço de um lado para o outro.

– Ah... – Sua voz era ofídica, envelhecida, venenosa. – Finalmente. Eu já estava farta desse corpo fraco. Dez anos...

A verdadeira Alicia, assassina, ficou de joelhos na hora, a cabeça baixa.

– Senhora de Todos os Mortos, me perdoe.

A mulher, a *coisa* grunhiu.

– Fique tranquila, criança. Você sabe que eu não faria mal a você, apesar da traição. Tem alguém de sua família que eu muito... *Estimo* – ela olhou para Luka. Seus olhos malignos tinham... *Fome*. A mesma necessidade enlouquecida que eu via nos olhos de Amy. Mas nunca foi Amy Turnage a cobiçar meu Ivanovick. Por dez anos, quem sempre o cobiçou foi essa *coisa* que roubou o corpo dela.

Amy Turnage havia sido perdida para sempre.

– Morte. Então nos vemos outra vez. – Luka cumprimentou-a com um aceno de cabeça. Todo o seu corpo estava tenso, preparado para me proteger. No entanto, apesar da rigidez, mantinha sua expressão controlada, educada.

A Morte se deliciou ao som musical da voz do garoto. Até fechou os olhos por um minuto.

– Meu querido.

A Alexandra real e Nikolai trocaram um olhar chocado. Alicia ergueu uma sobrancelha. Luka se retesou, intimamente apavorado.

A realidade me atingiu. A Morte estava *apaixonada* por Luka Ivanovick. Sempre esteve! Por isso ele foi a única pessoa que conseguiu fazer um acordo com a Morte.

– Por que só agora se revelou? – Luka perguntou com cuidado. Eu podia ver que seu cérebro esperto já estava tentando traçar um plano para se livrar da situação.

– Porque eu queria me aproximar de você. Eu peguei o corpo mais bonito, e mesmo assim você não me quis... – ela franziu a testa, magoada. – Não posso entender. Até hoje não posso. A menina era linda. A menina era *eu*. Mesmo assim, você escolheu *a ela* – a Morte me lançou um olhar venenoso. Puro ódio escorria em sua voz. – Eu nunca pensei que, ao escolhê-la para minha Escola, você se interessaria. Nunca entendi. – Ela me analisou de cima a baixo com desprezo. – Ainda não entendo.

Luka me colocou um pouco mais atrás de seu corpo. Eu podia senti-lo completamente tenso. Todos estavam em estado de alerta.

– Por que teve esse trabalho todo durante dez anos?

– Ora, eu não fiquei no corpo da menina por dez anos. Eu ia e voltava. Voltava quando tinha saudade de você... – seu rosto repugnante se tornou doce, carente. – O que era quase sempre. Mas eu também tinha meus assuntos para resolver.

Então eu conheci Amy Turnage. A verdadeira. Quando ela sumia ou ficava estranha, era a Morte utilizando seu corpo para conviver com Luka. E Amy acabou tomando para si resquícios dessa paixão mórbida. Ela não

deveria saber que era a Morte fazendo-a pensar que amava Luka.

– Ainda não entendo – Luka ia com calma. Sabia que tinha uma bomba relógio na sua frente. – Por que esse trabalho todo? Se me... – ele tentou conter a repulsa – *estima*, poderia ter me coagido a ficar com você.

Ou seja, obrigá-lo. Mas a Morte pareceu muito ofendida.

– Eu não queria só sua companhia! Eu queria o seu amor! Queria que você se apaixonasse por mim da mesma forma que eu me apaixonei por você, assim que você pisou na Sotrom, dez anos atrás. Mas esse corpo – ela olhou para si mesma – não te interessaria. Mas a menina Turnage, sim. Ela era a melhor da minha Escola. Você poderia amá-la. E eu estaria no corpo dela para aproveitar a sensação de ser a sua... Mulher.

Luka tentou conter a careta – careta de nojo que todos fizemos. A Morte tinha sexo – para o azar do Ivanovick, era feminino. No entanto, Luka se manteve inabalado. Respirou fundo e perguntou com uma calma fingida. Queria ganhar tempo. Enquanto a Morte se mantivesse falando, não poderia nos fazer mal.

– Mas por que se revelou agora? Eu não vou embora do mundo dos mortos com meus irmãos. Você poderia ter tentado por mais tempo.

E poupado à existência – triste existência – de Amy. Pobre Amy. A Morte rosnou em desprezo.

– Porque até eu tenho um prazo. Não posso pegar tudo o que eu quero. O corpo só me foi permitido por dez anos. Todo ser humano precisa descansar uma hora – ela não parecia muito feliz com aquela regra.

Aquilo tocou meu coração. Amy tinha direito a descansar seu corpo, sua alma. O que me fez acreditar em algo maior, algo poderoso e bom no Universo. Seja o que for.

Nós não estamos sós.

A voz da Morte era superficialmente doce. No fundo, eu ouvi o veneno.

– Infelizmente, Luka, não posso deixar que escolha. Terá que ir embora, meu amor. Ir embora comigo.

Pânico. Total e completo. Luka me apertou forte, eu me encolhi. *Não.*

– Não me olhe assim – ela pediu para Luka. – Não tem porque você ficar nesse mundo por causa dela. Venha para o mundo dos vivos comigo, eu vou te dar tudo o que quiser. Você será o dono de tudo que está sob meu poder. É só ficar comigo. Eu posso tomar qualquer corpo mais apazível para você. Só escolher.

O olhar de Luka endureceu. Negro, perigoso.

– Nunca. Lara é a única para mim.

Os olhos da Morte se estreitaram, seu rosto horrendo tomou ângulos bizarros de ódio.

– Ótimo. Veremos se vai gostar de ver sua Larinha preciosa morrendo na sua frente.

Luka se inclinou em posição de ataque, me protegendo com os braços. Alexandra – a verdadeira – e Nikolai, também se posicionaram na minha frente. Minha família não me deixaria morrer tão fácil.

Eu sabia que a Morte não me pegaria sem antes ter que passar por eles. E eu *sabia* que Luka morreria por mim. Morreria antes de me ver morrer. Essa certeza me destruiu – como o mundo poderia existir sem ele? – mas também me deu paz – ele me amava. E isso *bastava*.

No entanto, não soubemos o que viria depois, pois houve outra interrupção. O professor Wood, que desaparecera da Escola por meses,

surgiu de um dos corredores – e gritou algo para a Morte que eu jamais esqueceria.

– Não se atreva a chegar perto da minha filha!

Capítulo 19

“Igualzinha ao papai...”

Olhos castanhos, idênticos aos meus, pairavam acima de mim. A lembrança era de outra vida, de outra pessoa, tecida de névoa de sonhos. Coisas de criança. Anos enterrados.

“Tão pequeninha essa minha Larinha... Tão amada... Durma, pequenininha.” A voz dele.

Não sabia se era uma lembrança ou se eu havia inventado. Mas diante de Victor Wood e seus olhos castanhos, tão familiares, algo em mim despertou. Algo em mim se lembrou. Uma parte perdida de quem eu era.

Meus joelhos sucumbiram, mas não caí. Luka me segurou.

Victor Wood me encarava. Olhos doces, compreensivos – de quem já tinha visto muita coisa na vida, mas não havia endurecido com o tempo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Sua expressão estava dilacerada. Havia um tanto de timidez ali, também.

– Como você cresceu, minha filha.

Busquei a minha voz lá no fundo. Ela estava enterrada sob detritos de uma avalanche. Dezoito anos pesavam os meus ombros, não me deixavam respirar.

Victor Wood e seus olhos castanhos iguais aos meus. Seu rosto familiar. Seu copo de café caindo quando me viu entrar na sala, quando soube meu nome. Ele não era amigo do meu pai. Ele *era* o meu pai.

O meu subconsciente já havia entendido isso há muito tempo; nos lugares obscuros das minhas memórias, lá estava ele. Meu corpo sabia disso desde a primeira vez que o viu, só minha consciência que não – não até esse exato minuto.

– *Edward?* – não foi mais que um suspiro. Minha voz se perdeu. Tantas vezes eu disse esse nome sozinha, no escuro do meu quarto, quando ninguém podia ouvir minha fraqueza.

Sua cabeça pendeu para baixo.

– Já estava na hora de você saber.

– Ah, não, você outra vez – Morte o fitou com desdém. – Quem te deu permissão para sair da minha Escola, professor?

– Eu vim atrás de minha filha. Você não ousaria tocar nela comigo aqui, uma testemunha do nosso contrato. Eu sempre soube que você utilizava a menina Turnage, e nunca fez nada com Lara porque todo mundo estava vendo no castelo. Mas aqui, sem testemunhas, você não teria motivos para se reprimir. Você não respeita seus contratos, Morte.

Ela ergueu o queixo, o orgulho ferido.

– Eu não matei sua filhinha, Van Pelt.

– Mas mandou que matassem.

– E isso estava vedado no contrato? O mundo é dos espertos – ela sorriu com desdém. – Você deu sua vida em troca da vida de suas filhas. O contrato dizia claramente que as duas seriam intocáveis pela maldição quando você aceitasse o suicídio. Mas não foi meu assassino quem a matou. Então, sem crime, sem castigo.

Deu a sua vida em troca da vida de suas filhas.

– Por isso... Por isso você sumiu – eu tentei dizer. Meu coração morto se inflava. De arrependimento, de surpresa, de respeito. Sentia tudo ao mesmo tempo, sem saber atribuir nomes.

Edward me fitava com seus olhos tímidos, protetores.

– Quando eu soube que vocês teriam que ir para a Sotrom quando completassem a maioridade, viajei para Inglaterra para conversar com a diretora. Ela disse que não poderia me ajudar, mas minha família era do Ciclo e poderia fazer contato direto com a Morte. Então, ela me fez essa proposta. Uma vida pelas outras. Eu morri por você e sua irmã, que ainda estava na barriga de Helena. A Morte precisava de alguém da nossa família, mas eu não poderia criar vocês sabendo que teriam o futuro roubado. Eu queria que vocês tivessem uma vida completa, anos e anos pela frente. Não morrerem na adolescência.

– Intocável – Luka me olhou, a testa franzida enquanto ele concluía. – Por isso Alexandra não pôde te matar.

Mas eu estava focada em Edward. O Edward dos meus sonhos de criança, o Edward do meu coração ferido. O pai que eu não tive. O pai que me olhava com um amor inesperado. Ao contrário do que sempre pensei à

vida toda, eu fui amada. *Muito* amada.

A Morte revirou os olhos.

– Realmente tocante. Lembro-me bem de que o sigilo sobre sua identidade fazia parte do contrato, Edward. Não estou gostando dessa quebra das entrelinhas.

Meu pai a encarou com ironia.

– Você quer mesmo falar sobre quebra de contratos? Se eu contar ao Conselho que você mandou matar, mesmo que indiretamente, uma protegida da maldição, sabe o que vai acontecer? Será difícil controlar todo um mundo dos mortos revoltado, não acha? *Não era* para Lara estar aqui. E você sabe muito bem disso. Até você mesma precisa respeitar seus contratos.

Nessa hora, a nova Alexandra parou de respirar. Pegou sua ampulheta nas mãos. A areia findou.

– É a hora. Tem que ser *agora*, ou o portal se fechará.

– Faça as honras, Morte. Eu sei muito bem o que você mandou que fizessem nos últimos Jogos, há dez anos. – Edward acusou. – Tire essas crianças daí.

A Morte sorriu. Seu sorriso era mais um arreganhar de dentes animalesco, deplorável. Parecia orgulhosa de sua astúcia.

– Oh, sim. Aqueles cinco mereceram uma punição.

Luka arregalou os olhos. Nikolai arfou. Eu não sabia o que eles haviam entendido.

– Não é possível! – Nikolai se indignou com a Morte. – Não é possível que houve o que estou pensando.

– Não! Não posso crer... Foi isso o que aconteceu?! Eles estão presos aí *até hoje*?! – Luka se descontrolou.

A Morte ficou preocupada diante da reação de Luka. Apressou-se em se defender.

– Eles violaram minhas regras, os cinco utilizaram o prêmio, sabendo que somente um deveria ser o escolhido. Deram as mãos e entraram na passagem ao mesmo tempo. Aproveitaram o dia no mundo dos vivos, pisotearam minha generosidade. Eu não pude os castigar na hora. Mas pude castigar depois – ergueu uma sobrancelha branca.

Olhei para Luka – era a primeira vez que eu desviada os olhos do meu pai, tão encanta que estava.

– Como assim? O que está havendo?

A expressão de Luka era de completa repulsa. Encarava a Morte com nojo enquanto falava comigo.

– Niko, Talan, David, Valentina e Camille. Os cinco jogadores que ganharam as Caçadas dez anos atrás e que sumiram misteriosamente. Atrás dessa porta, tem uma sala na qual fica o Tesouro, que é o portal para o mundo dos vivos. Os cinco formavam um grupo e foram os ganhadores. Eles chegaram até aqui, mas aparentemente quebraram as regras da Morte. Todos usaram o prêmio, quando na verdade deveriam escolher somente um. No dia em que eles passaram para o mundo dos vivos, horas depois Nikolai e eu chegamos ao mundo dos mortos. Nesse dia, o único portal aberto era esse e nós tivemos que passar por ele, uma vez que o caixão do Senhor Field estava fechado. Só pode existir um portal entre os dois mundos aberto ao mesmo tempo. A instrução era passar pelo portal e trancar a sala onde o Tesouro ficava guardado, de modo a ninguém encontrar o portal outra vez. E Nikolai e eu...

– Trancamos – Nikolai completou, parecendo desolado. – Com a chave especial que a Morte dera a Luka. – Nikolai tirou a chave do bolso. Era de bronze, opaca e arcaica. – Guardei-a durante todo esse tempo, como era a instrução, pois sabíamos que só poderíamos voltar pelo mesmo portal que entramos. E hoje eu a trouxe, como estava no contrato.

Eu entendia aos poucos. Eles estavam falando dos cinco jogadores que desapareceram durante os Jogos, pelos quais cerimônias fúnebres eram realizadas.

– Então quando os cinco voltaram...?

– Encontraram a porta trancada – Luka me respondeu. – O que essa chave fecha, só essa chave abre. Nada poderia abrir essa porta além dela. Acontece que a chave estava conosco esse tempo todo. Quando eles voltaram ao mundo dos mortos, não puderam sair dessa sala, uma vez que a porta estaria trancada por dez anos. Também não puderam voltar ao mundo dos vivos, pois uma vez que o dia terminou, o portal se fechou.

Alexandra arfou, encarando a porta com horror.

– Então eles estão presos aí dentro *até hoje*? Por dez anos?!

Eu também encarei a porta, horrorizada. E depois a Morte, que mantinha a expressão fria.

– É muita crueldade, até para você – disse Edward. – Castigar essas crianças por tanto tempo. Presas aí, sem poder sair, sem poder morrer. Você sabia muito bem que elas só poderiam sair quando os Ivanovicks voltassem. Dez anos depois.

A Morte não se abalou.

– Com a Morte não se brinca, Van Pelt. Minha crueldade é só para os que merecem. E meu amor, também – ela olhou para Luka com olhos de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

fome.

Luka se aproximou mais de mim, como se, caso nos fundíssemos, ele pudesse fugir desse olhar dominador.

– Tem que ser agora – disse Alexandra outra vez. – O portal vai se fechar.

– Ah... Liberdade... – Sorriu Alicia. Ela também estaria se livrando do cargo de assassina.

– Faça as honras, Nikolai Ivanovick – disse a Morte.

E então Nikolai se adiantou para abrir a porta. A chave entrou na fechadura enferrujada, e a porta rangeu ao se abrir, decadente.

A Morte ergueu uma mão e as poucas lamparinas do lugar se acenderam sob seu comando. Lá dentro, no centro da pequena sala – que não passava de um buraco na terra – havia um espelho enorme e retangular, tão antigo quanto o castelo; as bordas enferrujadas antes eram lindas, decoradas com flores.

No entanto, hoje o tempo e a umidade desse lugar o desgastaram.

Nas paredes, várias mensagens escritas. Letras irregulares de quem havia escrito no escuro e no desespero, no vazio e na desesperança. Letras desenhadas na terra, cujo tempo praticamente apagou.

Frases desconexas, pela metade.

SOCORRO

SE HOUVER UM DEUS... POR PIEDADE

NÃO ME LEMBRO DA LUZ

QUEM ESTIVER LENDO ISSO

O ESCURO TOMA CONTA

O ESCURO É PARTE DE NÓS E DE MIM

NÃO SEI MAIS QUEM SOU

E então eu olhei para baixo. Ofeguei ao mesmo momento em que Alexandra. Era uma cena desoladora.

Lá estavam eles, cada um encolhido em um canto do chão. Alguns, com as cabeças baixas enterradas nos braços. Deitados com os olhos abertos, encarando o vazio, sem nada enxergar. Outros, recostados nas paredes de olhos fechados e mãos dadas, como quem aceita a morte. Essa prisão escura deve ter os enlouquecido aos poucos.

Todos estavam imundos, recobertos de poeira e teias de aranha. Ninguém se moveu, ninguém pareceu notar nossas presenças.

– Fim do castigo, crianças – disse a Morte.

Uma menina com o cabelo castanho desgrenhado levantou o rosto. Lenta, pesadamente – como se tivesse esquecido como se movimentar. Embora seu rosto estivesse imundo, tomando por teias de aranha e terra, seus grandes olhos da cor do mar do Caribe não deixaram dúvidas.

Camille Ávila. A irmã gêmea de Santiago.

Ela piscou devagar. Ainda nos encarava sem nada entender. Devia pensar que estava sonhando. Meu pai se abaixou e tocou seu ombro.

– Camille, querida? Você pode me ouvir? Sabe quem eu sou?

Mas Camille somente o fitava com a expressão vazia. Com a lentidão de quem ainda tinha dez anos no vazio pela frente, olhou para a mão de meu pai no seu ombro. Depois, para a luz de uma das lamparinas.

Aquilo a encantou. Sua boca se abriu e os ossos da mandíbula estalaram

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

com o movimento. Som nenhum saiu, mas de seus olhos verdes e vazios, nasceu um sentimento. *Felicidade*. Naquela pequena luzinha, Camille viu sua esperança.

Edward – eu ainda tinha dificuldades em parar de olhar para ele – deixou a menina viver seu momento particular, e tocou o ombro daquela que estava ao seu lado, de mãos dadas com Camille.

– Valentina?

A melhor amiga de Amy, a italiana Valentina di Pauli. Ela ergueu o pescoço rapidamente, o que fez seus ossos estalarem. Olhos negros, arregalados, assustados. Cabelos cacheados, negros, selvagens e imundos. Face coberta por poeira e terra. A antes bela Valentina, hoje estava irreconhecível. Um gemido errôneo escapou de sua garganta. Ela havia se esquecido de como falar.

Luka se adiantou para ajudar meu pai a despertar os outros. Talan, o indiano, estava deitado no chão, os olhos abertos encarando o nada. Luka o despertou lentamente. Ele levou um susto quando percebeu que não era um sonho. Gritou, se debateu. Teve um ataque de pânico quando viu a Morte.

Niko, o dinamarquês, chorou de felicidade. Ele ainda não podia falar – só gemidos irreconhecíveis.

Suas lágrimas escorriam pelas bochechas, limpando a sujeira do rosto.

Mas por mais que Luka sacudisse David, o australiano, este não acordou. Seus olhos azuis estavam opacos, nada viam. Seu corpo pendeu para um lado e caiu, e meu pai correu para segura-lo. O escuro e os anos o haviam vencido. Ele não despertaria nunca mais. De sua forma, ele havia morrido.

– Ora, ora. Que ironia – disse a Morte. – Justamente esse? Foi ele

quem deu a ideia de quebrar minhas regras. Deve ter sido consumido pelo arrependimento.

– Isso não importa mais – Luka a olhava com desprezo e tristeza. Aquela situação o comovia.

A voz do meu pai era arrasada.

– Precisamos de um enterro digno para ele.

Nessa hora, o espelho tomou uma luz fraca, azulada – reluzia por si próprio. Era algo fantasmagórico.

– O portal está se fechando – comunicou Alexandra.

– É a hora – confirmou Nikolai. E então me olhou com tristeza. Foi para minha direção a me abraçou com força, tirando-me do chão. A hora tinha chegado.

– Larinha... Irmãzinha. Foi um prazer te conhecer. Você nunca sairá do meu coração. Saiba que eu amo você de verdade, baixinha.

Eu o abracei de volta, com toda a força que tinha. Queria dizer “*Não, não o meu Nikolai, não o meu irmão. Não vá embora, não se vá de mim.*”

Mas eu só disse:

– Eu te amo. Vou sentir sua falta, grandão. Irmão.

Nikolai abraçou meu pai, dizendo que fora uma honra conhecê-lo, que ele aprendeu muito. “Um homem de valor. Eu admiro o senhor, Sr. Van Pelt. Por tudo o que me ensinou, por tudo o que o senhor é.”

Alexandra também se despediu dele, lhe dando um abraço caloroso. Nunca esperei isso dela. “Agradeço por tudo, Sr. Van Pelt. A existência do senhor me dá fé nos homens. O mundo dos mortos é mais vivo por te ter aqui.”

E então, ela veio me abraçar. A esbelta Alexandra se enrolou a mim com uma intensidade que eu jamais esperei.

– Não se esqueça: você *é minha irmã*. Cuide bem do meu irmão – sussurrou no meu ouvido.

– Sempre – eu respondi.

– Tudo bem, chega desse drama, pessoal. Eu estou indo! De volta a vida! – Alicia olhou para a Morte e bateu uma continência com dois dedos, o sorriso meio maníaco, fazendo jus ao ano que passou no manicômio. – Morte, não posso dizer que não foi um prazer – e então Alicia simplesmente correu em direção ao espelho azulado e o atravessou. Seu corpo se desmaterializou e ela sumiu lá dentro, como se nunca tivesse existido.

Meu queixo caiu no chão. Não sabia por que, depois de tudo o que vi, algo ainda me atordoava.

Alexandra e Nikolai se aproximaram de Luka. Os três se abraçaram ao mesmo tempo. Alexandra sumiu em meio aos músculos dos dois.

– Eu te amo, meu irmão – disse Nikolai.

– Te amaremos para sempre – sussurrou Alexandra.

Só ali eu senti de verdade o peso do que estava acontecendo. Luka iria morrer. Seus irmãos se despediam. Tudo isso porque ele se apaixonou por mim.

– Não se esqueçam de mim – pediu Luka, a voz embargada. – Falem de mim para mamãe. Para nosso pai. Digam que eu os amo. Amo todos vocês, para sempre. Em todos os meus dias, sempre pensarei em vocês.

Eu abaixei a cabeça, sem lágrimas para chorar. Eu roubei Luka de sua família. Roubei a família de Luka. Ele estava se condenando por mim.

Meu pai passou um braço sobre meus ombros enquanto eu chorava em silêncio, sem coragem para erguer a cabeça, tamanha a minha culpa. Eu estava destruindo o coração de seus irmãos, destruindo o coração de uma mãe e de um pai que esperaram por dez anos. E destruindo o coração de Luka.

Mesmo assim, ele me escolheu.

E, então, Alexandra e Nikolai atravessaram o espelho e sumiram para sempre.

– Você sabe que eu não posso deixar você ficar, meu querido – a Morte disse para ele. Essas palavras doces soavam absurdas em sua voz venenosa.
– Você sabe que *terá* que ir. O portal ainda espera mais uma pessoa. É a lei, é o contrato. Nada pode desfazê-lo, nem sua vontade.

Para o meu completo espanto, Luka respondeu.

– Eu sei.

Ele olhou para o meu pai com olhos negros, endurecidos. Destruídos por uma dor que eu não entendia. Mas havia decisão consolidada ali dentro.

Meu pai pareceu entender. Olhou para mim, triste, igualmente destruído. Balançou a cabeça uma vez em concordância. Eu não sabia o que eles estavam tramando.

E então Luka se aproximou do espelho. Meus olhos se arregalaram quando ele estendeu os braços para mim.

– Venha se despedir de mim, meu amor. No fim das contas, eu preciso ir. Você sabe que sim.

Ofeguei. Meu coração morto sofreu um ataque violento – tanto que poderia ter voltado a bater. Meu pai me segurou, pois meus joelhos

fraquejaram. Nada tinha o poder de me fazer perder o controle – só ele.

Luka iria embora.

– Vá se despedir, minha filha – meu pai me beijou ternamente na testa e me empurrou com suavidade até Luka. – É sua última chance.

– *Sua última chance* – Luka olhou para mim, querendo me dizer algo além daquelas palavras. Depois, olhou para o meu pai. Edward concordou outra vez com a cabeça, como se eles tivessem um acordo secreto.

Luka sustentou meu rosto com as duas mãos.

E então, eu vi pela última vez aqueles olhos negros, olhos de tigre. Olhos de mistério. *Meu Luka.*

– Olhe para mim e prometa que nunca vai se esquecer do que estou te dizendo. Essa é última prova do meu amor. Amor que você jamais irá entender. Isso é por você. Eu te amo, minha pequenina. Nunca se esqueça disso.

Ele me beijou suavemente nos lábios, deixando seu gosto apimentado. Abraçou-me com força e desespero, enterrando seu rosto em minha clavícula. Era uma despedida.

Eu gritava em silêncio. Como eu poderia pedir para que ele ficasse? Para que morresse por mim? *Eu não podia.*

Imperceptivelmente, Luka girou de modo a trocar nossas posições, me deixando de frente para o portal – e então simplesmente *me empurrou* para o espelho, arremessando-me lá dentro, sem me dar tempo de pensar.

Eu gritei aterrorizada, mas já tinha sido engolida pela frieza do vidro. Os dedos quentes dele foram à última coisa que eu senti, mas não consegui me agarrar. Caía em um vazio silencioso, a mesma sensação de cair de um

penhasco.

Ouvi a Morte gritando: “Não!”

Meu pai se despedindo: “Adeus, minha filha.”

E meu Luka e sua voz suave, eterna nos meus ouvidos. “Vai, meu amor. Vai viver.”

E então eu desapareci. Foi a mesma sensação de morrer. A luz era branca, incandescente. Era a vida voltando para o meu corpo. O pânico tomava conta de mim, enquanto eu me agarrava à morte de todas as maneiras que eu podia. Mas essa luta já estava perdida.

Logo fui engolida pela explosão de luz. Apaguei.

PARTE VI
O FIM PODE NÃO SER O FIM

Capítulo 20

Meus olhos se abriram lentamente. Gemi. Minha mente era uma completa confusão; não sabia onde eu estava. Havia dor, mas não era propriamente física. Doía algum lugar dentro de mim, embora eu ainda não soubesse por que.

O lugar era escuro e apertado, apenas uma luzinha vermelha reluzia sobre minha cabeça. Por causa dela, eu podia ver o acolchoado cor de sangue ao meu redor. Um espelho refletia o rosto de uma menina corada, viva – porém assustada. Olhos castanhos arregalados, perdidos.

Como eu não podia me mexer, tateei o lugar. Parecia uma caixa. Caixaão do Sr. Field. Mundo dos vivos. Eu tinha voltado!

– *Não!* – berrei com tanta força que o som poderia ter atravessado a terra sobre minha cabeça. – Não, não, não! – pânico jorrava pelas bordas. Eu não podia estar viva, não queria estar viva! A vida me separava *dele*.

Olhos negros. Luka. Eu *precisava* voltar para Luka. Eu não poderia existir em um mundo em que ele não existisse. Inconcebível.

Eu ofegava. O ar dentro do caixaão estava ficando rarefeito, e meus pulmões vivos já estavam reclamando. Peguei o telefone com as mãos trêmulas, teclando o botão “S.F.”

Logo um rabugento Senhor Field me atendeu.

– Mas quem diabos é uma hora dessas?

– Senhor Field! É Lara Valente! Estou viva outra vez e presa no seu caixaão! Venha me tirar daqui. *Rápido!*

– Santo Deus – ele vacilou. Nunca o vi perder as palavras. – Garota... Já vi de tudo nessa vida. Mas alguém voltar dos mortos... Essa é a primeira vez.



Cerca de vinte minutos depois, a tampa do caixão se abriu.

– Será que você poderia me explicar que tipo de bruxaria é essa? – Senhor Field perguntou, mas eu não o dei nenhuma confiança. Saltei do caixão e saí correndo.

– Ei, garota! Onde pensa que vai?! Não pode aparecer na Sotrom assim! *Menina!* Você vai matar todos do coração!

Coração. Meu coração pulsava com a corrida. O sangue corria nas veias. Eu me sentia maravilhosamente viva, quente, em constante mudança. Mas meu coração só pulsava por desespero. Toda essa vida me causava um horror intenso. Eu corria para sufocar o pânico.

Luka me cedeu o lugar dele no mundo dos vivos. Provavelmente já estava tudo combinado com meu pai. *Minha última prova de amor*, ele dissera. Não! Eu não queria essa vida! Não sem ele!

Mas eu não perco nada na vida sem antes lutar. E eu iria até o inferno para ter ele de volta. Saí do túnel e cheguei ao gramado da Sotrom. Já era noite, e todas as luzes estavam acesas. Provavelmente era hora do jantar. Invadi o castelo e dei um esbarrão em uma Lucy muito apavorada. Ela gritou de horror, pensando estar vendo uma alma penada. Subi a escadaria de mármore negro e a deixei sozinha com o seu pânico lá embaixo.

Corri para a sala da diretora, Sra. Prount. Os corredores da Sotrom – tão apagados e sem vida, tão diferente da Escola dos Mortos – estavam

vazios. Só pude deduzir que ela estava no Grande Salão, jantando com os outros.

Ao longe, eu ouvia a voz do Sr. Field.

– Garota! Não faça isso! Volte aqui!

– Fantasma! Aparição! – berrava Lucy. – Essa Escola é assombrada!

– Oh, cale a boca, mulher e me ajude a encontrar a garota.

Eu sabia que o que eu estava prestes a fazer iria meter muita gente em problemas. Mas o que me movia era a emoção, o pânico, a urgência – e não a racionalidade. Precisava encontrar Georgina Prount! E tinha que ser agora.

Cheguei à enorme porta do salão principal. Abria-a aos trancos e invadi o lugar correndo. Todos os alunos da Sotrom estavam lá.

Primeiro, um silêncio chocado se instalou. Depois, a diretora Prount se levantou de sua mesa. Vermelha, redonda e com olhos arregalados. Prestes a ter um infarto.

Eu não sabia o que falar para anunciar minha presença, então fui direto ao ponto.

– Miss Prount, preciso que você me faça morrer outra vez.

E, finalmente, a gritaria. Pânico geral. Alunos se levantando, derrubando cadeiras, desmaiando. Eu suspirei, esperando os ataques e os infartos. Parecia que era minha sina sempre causar reações exageradas ao entrar nesse salão.

Deixei que eles pensassem que eu era uma aparição. Afinal, não era todo dia que a gente voltava dos mortos.



Depois que o caos diminuiu e quem tinha que desmaiar, desmaiou, a diretora me puxou pelo braço – tão delicadamente quanto um rinoceronte – para fora do salão. Mandou que Lucy reinstalasse a ordem e mandasse todos de volta para os seus quartos. Depois ela inventaria uma explicação.

Sra. Prount me trancou em sua sala e passou por cima do seu asco e medo ao encarar meu corpo. Ela sabia que eu não era nenhum fantasma, mas pude ver que estava difícil, até para sua alma gelada, encarar minha presença na Sotrom. Mandou-me contar que diabos eu estava fazendo ali. Não era para eu estar *morta*? Todos acompanharam meu enterro, viram meu corpo no caixão.

Expliquei resumidamente minha história e comuniquei que eu precisava voltar. Além de Alicia, a assassina, Miss Prount era a única a ter um contato direto com a Morte.

– Tem que ter um jeito! – eu gritei depois que ela disse que não havia como eu voltar. A Sotrom estava temporariamente sem assassino. Mesmo assim, eu não poderia ser morta, uma vez que ainda estava protegida da maldição, devido ao sacrifício do meu pai.

Eu estava usando a vida de Luka, a vida que lhe era de direito. Se outra pessoa me matasse, eu não iria para o mundo dos mortos outra vez. Simplesmente morreria, como todos por aí. E então o sacrifício de meu pai e de Luka seria em vão.

Pela primeira vez, Georgina Prount disse algo que era digno de se ouvir.

– Se eu fosse você, Miss Valente, retornaria ao seu país e viveria uma vida longa e plena, longe de todo esse mundo assombrado. Esqueceria o mundo dos mortos e quem ficou nele. Só assim você será digna de todo o sacrifício que as pessoas que te amavam fizeram por você. Você tem uma dívida a ser paga com eles. E só pode pagá-la *vivendo*.

Nessa hora, eu sentei na cadeira da sala dela e chorei por horas e horas. Soluços inconsoláveis – era estranhíssimo ter lágrimas no corpo. Para o meu desespero, a mulher tinha razão. Não havia saída, nenhuma escapatória que me levasse até Luka.

Eu estava sozinha. Era eu e a minha vida real.

– Não sei como me recuperar. – Murmurei entre as lágrimas. Luka, meu pai, meus amigos, minha Escola... Como superar isso? Era a minha vida. Era parte de mim. – Não dá para esquecer.

Miss Prount não me acalentou – óbvio que não. Mas permaneceu todas aquelas horas na sala comigo, me ouvindo chorar.

– Isso é só um coração partido, menina. E corações partidos, mais hora, menos hora, se curam sozinhos. É só questão de tempo. E foi isso o que eles te deram, *tempo*. Você nunca poderá voltar ao mundo dos mortos, e o que ficou para trás, ficou para sempre. Então você tem uma obrigação moral de aproveitar esse tempo e tentar ser feliz.

Eu aceitei aquelas verdades, as cravei no meu coração. Sabia que ela tinha razão. Eu não sabia como recomeçar a viver, mas por eles, eu *tinha* que tentar.

Não lembro de quando parei de chorar e fui instalada em um quarto. Não sei como a diretora explicou para os alunos por que sua colega morta reapareceu no meio do salão. Também não sei como, no outro dia, John

Fitelberg me esperava na porta da Sotrom, pronto para me levar para casa.

Ele não tinha mínima ideia de que, nesse meio tempo, eu havia morrido. Para ele, eu só havia sido uma sortuda que não fora escolhida pelo assassino e cujo ano no contrato tinha acabado. Ele não entendia o motivo das minhas olheiras, da minha óbvia depressão, do meu sorriso roubado. Só me entregou um cheque contendo o imenso valor da fortuna que eu havia herdado de Edward.

Eu olhei para a quantia absurda, que de forma alguma preenchia o vazio no meu coração. E pensar que toda essa história começou por causa disso... Por causa desse dinheiro maldito.

– Ele é um grande homem, o meu pai. Um homem admirável...

John não entendeu o que eu disse. Só me olhou de soslaio, como se a estadia na Sotrom tivesse afetado a minha mente. Então ele me deu um desconto e me deixou falar sozinha.

Não vi a longa viagem no avião passar. Meu cérebro estava enevoadado. John teve que inventar desculpas ao telefone com Helena, dizendo sempre que eu estava dormindo. Eu não estava pronta para falar com minha mãe.

O Rio de Janeiro, como sempre, recebeu-me com o seu sol brilhante.

– Como se sente voltando para a casa? – John tentou puxar assunto. Não o respondi. Ele apenas suspirou. – Lara, Lara... Não sei o que você passou naquele lugar, mas se não der um sorriso ou me fizer passar vergonha dentro de dois minutos, vou ter que comunicar a sua mãe de que há algo muito errado com você. Você está precisando de um psicólogo, menina. Isso é caso de depressão.

Não ouvi. Só encarava a paisagem fora da janela. Aquele não parecia mais meu lar.

No táxi, indo para casa, os raios atingiam minha pele através da janela. Eu vi as ruas, as pessoas e o mar que eu tanto amava. Mas o sol também estava triste.

Este não é mais o seu lugar, ele dizia em segredo. E eu concordava. O sol, tão vivo em minha alma, era o único que me entendia. Meu lugar era no mundo dos mortos, minha vida era Luka Ivanovick.

Meu Brasil, tão vivo e tão lindo, parecia morto aos meus olhos.

Quando cheguei em casa, Helena saiu pulando, me abraçando e beijando. Ana correu para os meus braços. Foi difícil escapar do aperto daquelas duas, mas eram braços quentes que meu corpo reconhecia desde sempre. Eu tentei ficar feliz. Afinal, era isso o que eles queriam.

Entreguei o cheque para Helena e ela se jogou no sofá, xingando alguma coisa indeterminada. Chamou John para beber uma cerveja com ela. No início ele ficou tímido, mas depois ela o puxou para dentro e meu apartamento virou uma festa. Eu me sentei no sofá para observar de longe toda aquela euforia.

Eventualmente fui obrigada a me comunicar. Inventei mentiras sobre meu suposto ano na Sotrom para fazer Helena feliz. Balancei a cabeça enquanto falavam comigo, deixando que ligassem para minhas amigas para contar a novidade de que eu havia voltado. Eu via a felicidade acontecendo na frente dos meus olhos, só não conseguia vivê-la.

É só um coração partido.

Três semanas se passaram. Não lembro bem o que fiz naquele tempo. Não vi televisão, não toquei no meu computador. Participei como ouvinte das conversas de Helena e Ana, fazendo planos para o futuro. Estávamos ricas. Que faculdade eu iria querer fazer? Eu queria abrir um estúdio para

pintar e vender minhas obras? Eu queria viajar, queria me mudar?

Milhares de possibilidades – nenhuma enchia meus olhos.

Eu não queria nada, respondi para o espanto delas. Eu só queria ser deixada em paz, para que a vida passasse sem eu perceber. Para que a dor doesse sem eu perceber. Elas acabaram percebendo minha mudança. Era muito palpável. Eu perdera meu brilho natural. Alguma coisa em mim ainda estava morta.

– O que aconteceu? – Ana foi ao meu quarto naquela noite. Chegou perguntando sem nenhum rodeio. Esse era o jeito dela, afinal. Tão pequena e tão prática, não era todo mundo que tinha o privilégio de saber que ela tinha um enorme coração.

Considerarei contar toda a história, desabafar, chorar em seu ombro. Mas apenas suspirei. Certas coisas eram muito minhas.

– Só um fim que não findou.

– Hum... – ela pensou um pouco. – *Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.* Seja lá o que for, pode não ter durado para sempre. Mas ficará em seu coração. Então é seu. – Ela piscou e saiu do quarto, deixando-me outra vez com minha solidão.

Todo dia eu fazia questão de ir à praia; só no fim da tarde, quando já não tinha ninguém. Colocava meus pés na areia, sentindo o vai e vem das ondas do mar. O som do oceano era uma música sobre tudo o que doía aqui, dentro de mim. O sol se punha tristemente, perguntando-me onde é que eu estava que não ali, onde sempre morou meu coração.

A aliança que ele me dera permanecia firme em meu dedo, como um tesouro pessoal. Eu jamais iria tirar.

Naqueles momentos só meus, eu pensava em tudo o que havia deixado para trás. Como meus amigos ficariam agora? Será que estavam fadados a viver para sempre naquele mundo escuro?

E meu pai? Eu só teria aquele único momento com ele, em toda a minha vida?

Era uma grande injustiça que todos tivessem se sacrificado tanto por mim, e, ao invés de honrá-los e seguir a minha vida, eu me sentia profundamente *morta*. Morta por dentro, de um jeito que jamais me senti no mundo dos mortos.

E *ele*? O que Luka faria agora, completamente sozinho pela eternidade?

Trinquei os dentes, suportando o baque de dor. Aquele pensamento me fazia sangrar por dentro. Eu experimentava um luto nunca antes vivido.

Cheguei à entrada do meu prédio. Havia um caminhão de mudança – devia ser um novo vizinho. Não dei muita atenção a isso. Entrei no apartamento, limpei a areia dos pés automaticamente. Helena ficou chocada por não ter que gritar comigo para me lembrar disso.

– É. Parece que essa Escola te ensinou alguma coisa.

Eu a fitei. Sorri de lado. Não era um sorriso de felicidade – era mais de nostalgia, gratidão. Meu primeiro sorriso em longos dias.

– Você nem imagina o quanto – respondi.

De fato, a Escola da Noite tinha me mudado. Tornei-me mais profunda, menos vicária. Isso me trazia mais dor – no entanto, agora eu sabia que não passaria pela vida sem entendê-la. Eu saberia reconhecer todas as suas nuances mais profundas, assim como *ele* havia me ensinado.

Fui para o meu quarto e liguei o computador. Era a primeira vez que eu me dava ao trabalho desde que cheguei. Minhas redes sociais estavam super lotadas, meus amigos querendo saber quando poderiam me encontrar. Chequei o meu email.

Fora as propagandas, um único email me chamou a atenção. Não havia remetente, nem assunto.

Cliquei e o computador avisou que era vírus, pois não sabia de onde esse email estava chegando. De rompante, o computador apagou. A tela piscava, como se o email tivesse infectado o sistema.

Segundos se passaram até a tela se estabilizar. E, então, finalmente o email abriu.

Meu pulso disparou com o que li. Eu não pude acreditar. O email começava com duas simples palavras. Palavras que incendiaram meu coração.

Meu amor,



Eu ofegava, extasiada. Queria me jogar no chão e chorar, mas o barulho da campainha me impediu. Alguém estava batendo na porta. Eu *sabia* quem era.

Corri a tempo de ver Helena abrir a porta; ao ver nosso visitante, deixou o pote cheio de arroz que preparava para colocar na mesa do jantar cair de suas mãos. Ana se levantou do sofá, assustada com a reação de Helena. Deixou o livro que tinha nas mãos de lado e franziu a testa, sem reconhecer o homem.

Lágrimas de felicidade caíam do meu rosto enquanto eu o encarava. Ele piscou para mim e cumprimentou minha mãe.

– Olá, Helena. Sou o seu novo vizinho.

EPÍLOGO

CONTADO POR LUKA IVANOVICK

E lá estava eu, de volta ao meu inferno pessoal.

Solidão. O silêncio tinha voz – e gritava o tempo todo. Eu, que sempre lutei contra o mundo, hoje não tinha mais armas. Entreguei-me ao vazio. Que seja. Já não havia motivos para resistir.

O mundo dos mortos sempre me pareceu obscuro e vazio. Eu não entendia aquelas crianças eufóricas, aquelas competições sem sentido, as aulas que não preparavam para futuro nenhum. Eles não viam que estavam sendo manipulados? Utilizados? Eram meros brinquedos nos jogos da Morte.

Por dez anos, esse mundo me sufocou. Eu detestava aquelas pessoas. Detestava cada hora nesse mundo mentiroso. Até o momento em que *ela* chegou.

A garota.

Minhas mãos voavam pelo piano. A música que compus para ela era a único som que quebrava o silêncio do meu quarto. Eu não me lembrava mais da minha própria voz. Estava perdida em algum lugar.

Seu nome era Lara Valente. Soava perigoso e excitante em minha língua.

Para o seu nome, notas mais graves. Só a música poderia entender a complexidade de suas nuances.

Quando ela entrou pela primeira vez no Grande Salão, aquilo me apavorou. Ela havia descoberto que eu a tinha matado? Estava atrás de vingança? Isso renderia algum problema para mim e minha família?

Eu não poderia permitir. Tinha que observá-la de perto, descobrir suas reais intenções. Depois de anos, eu senti alguma coisa: medo. E o motivo era ela.

No entanto, ao contrário de todas as garotas desse lugar, Lara Valente parecia estar *se lixando* para mim. Esperei que ela me confrontasse, exigisse explicações... Mas não. A morte lhe caiu maravilhosamente bem. Neste mundo, ela brilhava; as pessoas giravam em torno dela, querendo ouvir o que ela tinha a dizer. Ela sorria muito, quase sempre. Falava coisas que ninguém entendia. Ao contrário de mim, tinha uma alma livre, leve, sem nenhuma tensão – e eu nunca entendi esse tipo de gente.

Minha mente barulhenta, escura e perturbada não podia compreender como aquela garota andava por aí sem trauma nenhum pesando a alma. Pelo amor de Deus, eu tinha acabado de *matá-la*. Mas Lara Valente fez da sua morte um grande evento. Não havia nada perturbando seus olhos – e aquilo perturbava *a mim*.

Como não? Eu a matei – e ela não estava nem aí para mim. No início, aquilo me intrigou. Depois, me incomodou. Por fim, me deixou obsessivo. Eu estava acostumado aos olhares femininos – olhares famintos. Eu só queria a minha solidão e o conforto que vinha dela; mas quanto menos eu queria, mais atenção eu ganhava. Só eu sabia o que passava para manter todas aquelas garotinhas longe.

Eu ia embora em breve e não tinha nada a oferecê-las. Minha genética não era culpa minha. Não poder passar despercebido quando queria era só
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

um fardo que eu tinha que carregar. Queriam incessantemente me descobrir, me invadir, me escravizar. Mas eu não deixava. Tranquei-me. Enquanto as pessoas barulhentas dessa Escola não pudessem me alcançar, ainda era eu – ainda era meu.

Eu não queria me misturar com eles e ser roubado. Deslumbrados com essa vida de mentira, eles viviam dias todos iguais e não percebiam. Não cresciam e não evoluíam. Nada aprendiam sobre a vida, em nada se transformavam. Uma vida eterna e idêntica, estagnada em um tempo-espaço místico, assombrado, irreal.

No entanto, no começo foi difícil os manter longe – eles queriam se aproximar de qualquer forma. Eu não era um príncipe encantado, e o abismo dentro de mim me lembrava disso todos os dias. Eu fiz acordos com a Morte. Eu matei. Mal sabiam eles quem eu era.

Então eu tive que ser rude, ignorante e recluso, para mostrar que essa Escola não me engoliria e provar à Morte que ela não me teria em seu rebanho.

Os dez anos estavam chegando ao fim – mas pela primeira vez, tal perspectiva não me era um alívio. Se eu fosse embora agora, como desvendaria o enigma da garota? Eu precisava saber por que, dentre todas, ela era a única que não me incomodava com sua atenção.

Senti-me perplexo comigo mesmo ao perceber: eu *queria* sua atenção. *Onde eu estava com a cabeça?* Instantaneamente, encontrei-me em uma posição completamente nova. Por questão de honra ou teimosia, tracei planos para conquistar sua atenção – mas eu não era bom em ser sutil. Entrei no time de futebol – assim ela seria obrigada a olhar para mim. Comecei a frequentar as mesmas aulas que a dela. Eu não podia me aproximar, portanto eram formas alternativas de dizer a ela: *olá, garota*

peculiar. Estou aqui. Só você ainda não viu.

Alicia – ou melhor, *Alexandra* – ficou indignada – o que diabos eu estava fazendo?! Nikolai reprovava minha estranha atitude, mas no fundo eu sabia que ele gostava das coisas agitadas. No mínimo, meu comportamento absurdo era uma mudança em nossa monótona rotina.

Quando eu percebi que a situação estava ficando séria, afastei-me. Fiquei longos períodos longe da Escola e da garota, de modo a tentar não pensar em seus olhos curiosos, de modo a tentar esquecer as sensações originárias deles... Viajei por todo o mundo dos mortos. Acampeei nos arredores do mundo dos vivos na medida em que me era permitido – nada deu certo. No fim das contas, eu sempre voltava – não para a Escola, mas para *ela*. Lara Valente.

Por fim, percebi que não havia mais escapatória. Ou eu a inseria em minha vida, ou enlouquecia aos poucos. Mas havia um problema: ela iria *querer* estar em minha vida? Iria querer ser algo para mim? Ser o quê? Namorada? Impossível. Eu iria embora em questão de meses – nada tinha oferecer.

Mas eu nunca havia lidado com isso – a dúvida da aceitação de uma mulher. Era a primeira vez que fazia questão da atenção de uma. Não obstante, Lara Valente nada demonstrava, e isso me deixava louco.

Ela aproveitava o fato de estar morta. Fez festas, montou um time de líderes de torcida, flertou com os garotos que a cercavam. Eu não era ninguém em sua existência – e esse fato só me fez *querer ser*. Eu estava correndo um sério perigo de me apaixonar.

Mas a minha inexperiência, o medo da rejeição, o ressentimento que eu tinha por ela não ser igual às outras e orbitar em torno de mim, somado ao desespero da ideia de onde essa obsessão por ela iria me levar, fizeram-
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

me tomar atitudes drásticas, nada sutis. Eu não estava sabendo lidar com aquilo, e isso assustou a garota. Assustou minha família – e assustou a mim.

Eu ficava descontrolado quando ela tinha um contato mais íntimo com qualquer homem – Santiago Ávila, o estúpido jogador finlandês e o repulsivo O'Shea. Esse último teve o desprazer de ganhar uma conversinha particular comigo.

Comecei a segui-la por toda a Escola. Eu não sabia como me aproximar, mas queria que ela soubesse que *eu estava ali*. Minha presença afastava os outros homens – sorri de leve, satisfeito com a lembrança – e a mantinha segura – de uma forma bem irônica. Sendo protegida por seu assassino.

Mas eu preferia morrer a machucá-la novamente. Comigo por perto, nenhum mal se aproximaria da garota – eu devia isso a ela. Pelo menos foi essa a justificativa que eu dei a mim mesmo para estar agindo como um obsessivo perseguidor. Nessa etapa, Alexandra já estava ficando louca comigo, mas eu já mandara tudo para o inferno. Nada mais me importava.

Minhas prioridades, da noite para o dia, haviam caído por terra, destruídas sobre os pés da garota. Eu não podia dormir, comer, ou pensar em qualquer outra coisa que não fossem estratégias para conquistá-la.

E, então, tudo aconteceu. Lara Valente não correu de mim – ela ficou. Ela me aceitou – as poucos, mas aceitou. Parecia ter um pouco de medo, mas eu admirei a coragem com que ela me enfrentou diversas vezes, jamais se subordinando.

Ela me deu pequenos momentos extraordinários – que acabaram se tornando as melhores lembranças da minha vida. Fechei os olhos, as mãos voando pelo piano enquanto me lembrava. A melodia dela escorria dos meus dedos. Ah, o amor, não fazia o menor sentido. Mas minha vida nunca fez tanto sentido quanto eu comecei a amar a menininha.

Lara na minha cama. Tão tímida, linda e vulnerável. Meu coração gelado não pôde lidar com isso. Derreteu-se, aqueceu-se – e se rendeu.

Lara com minha família. Sua esperteza, sua generosidade, seus olhos de sonhos, seu sorriso constante. Lara e a saudade que ela deixou; o vazio que ficou; a eternidade de solidão que eu tinha pela frente. Não me arrependi de ter dado minha vida a ela. *Eu* a tomei – eu teria que devolver.

Quando Edward Van Pelt descobriu que eu havia matado sua filha, veio até mim e contou toda a verdade. Ele não podia contar a Lara que era o seu pai devido ao contrato com a Morte, por isso também fiquei de mãos atadas e tive que esconder esse fato. Era um pai enfurecido e destroçado, que veio cobrar de mim o mais óbvio: eu tinha obrigação de recompensar Lara. E de recompensar a ele também.

Durante todos os meses subsequentes, aquela ideia me torturou. Eu já sabia que não iria embora, o mundo dos vivos não tinha nada a me oferecer. Minha vida existia onde a garota existia. Mas será que eu seria capaz disso? Edward foi capaz de se sacrificar por ela – mas e eu? Teria a coragem de enfrentar uma eternidade de solidão no mundo dos mortos sem ela?

A mera perspectiva me torturava todos os dias, roubava minha sanidade. Eu lutava para me manter são e sólido ao seu lado enquanto ela falava sobre nosso futuro juntos, mas condená-la a um futuro comigo era restringir todas as suas opções na vida – vida que ela ainda nem tinha vivido. Lara só conheceria a mim, enquanto existia um mundo lá fora imenso e cheio de possibilidades?

Mas no momento final, eu soube que era capaz de dar a minha vida por ela. A última chance da garota estava em minhas mãos, e na hora da decisão eu simplesmente não pude roubá-la outra vez. Era o certo, o justo, o que meu amor me mandava fazer – embora aquilo me destruísse.

Todo o mal que você faz na vida, volta para você. E lá estava a morte me confrontando de novo, desafiando-me a ser o homem honrado que eu sempre lutei para ser. Era hora de provar o meu amor.

Então eu a joguei no espelho em meu lugar, porque, no fim das contas, a vida e a felicidade dela tinham mais valor para mim.

E a música continuava. Tocar era tudo o que me restava para fazer e para amar. Uma música sobre amores que não foram. Minha tragédia pessoal.

Três batidas na porta do meu quarto me sobressaltaram. Minha família tinha ido embora, Miss Madeleine não ousaria entrar em minha ala. Quem diabos ousava me privar de minha solidão?

Como só encarei a porta, sem sequer considerar me mover, a pessoa acabou entrando assim mesmo.

Sobressaltei-me quando vi Edward Van Pelt parado na minha porta, olheiras sob os olhos. Desviei o rosto sentindo uma pontada de dor no peito. Aqueles olhos castanhos eram idênticos demais aos *dela*. Ao mesmo tempo em que eu queria beber deles, não tinha forças para essas lembranças. Nunca senti agonia semelhante.

– Bem... Você está péssimo – ele disse.

Sorri com ironia.

– Você também não parece muito melhor.

Edward suspirou, recostando-se no batente da porta.

– Tem sido difícil sem ela. Eu já havia me acostumado...

– Pare – praticamente implorei, incomodado de que o homem estivesse aqui, presenciando minha face distorcida de agonia. – Não fale dela. Eu não

aguento ouvir. – A mera menção ao seu nome em voz alta teria o poder para desfazer-me em pedaços. Ou o que restou de mim.

Faltava ar nesse lugar. Era irônico o fato de eu ainda estar respirando – a Morte ainda não marcara a data de minha “passagem.” Obviamente, eu teria que morrer para permanecer no mundo dos mortos. Não sabia como a Morte planejava me matar, nem me importava. Eu já fora além da dor e não me assustava esse limite. Eu já havia perdido tudo o que importava mesmo.

– Você sumiu por semanas – tive a impressão de que Edward tentava manter uma conversa. Encarei-o. Minha face devia refletir a dele. Abatido, com olheiras, expressão sem vida.

Ele suspirou.

– Tudo bem, Ivanovick, chega de conversa mole. Também não consigo fingir que está tudo normal. Só vim te dar um recado: a Morte está na sala da diretora e o Conselho está reunido. Parece que a Escola está movendo um processo contra ela devido à quebra de contrato. Nossa presença está sendo solicitada. Você parece mais morto que eu, por isso fique apresentável, e rápido.

Segui Edward pelos corredores. Os alunos me encaravam espantados –
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

eu sumi por quase duas semanas, bem como *ela* e minha família.

Depois dos Jogos, eles deviam estar se perguntando em que cova havíamos nos escondido. Ouvi os familiares cochichos me seguindo.

“Ele ganhou as Caçadas, mas a final não foi televisionada... Ninguém sabe o que aconteceu, só que a namorada e a família dele sumiram... Devem ter feito alguma coisa ilícita!”

“Devem ter sido expulsos da Escola...”

“O Ivanovick fora da cova! Finalmente!”

“Mas que cara de... Morto.”

Eu encarava o chão, mas de repente fui interceptado. Uma mão delicada pousou sobre meu braço, obrigando-me a parar. Mayumi Keiko.

– Luka! Finalmente! Você sumiu... Tem notícias da Lara?! Estamos preocupados.

De mãos dadas com ela, Santiago Ávila esperava minha resposta. Parece que eles tinham finalmente se entendido – Lara iria gostar de saber disso.

Em um grupo atrás dela, todos atentos a minha resposta, estavam Catarina e o namorado, Laila de mãos dadas com Ian, e Miguel conversando de forma íntima com Valentina, a garota resgatada do castigo da Morte. Valentina parecia tão morta quanto eu, mas o português aparentava ser paciente e amável com a garota, que seguia claramente se readaptando a vida.

Ou, pelo menos, o que eles chamavam de vida nesse mundo.

– Lara... – engoli em seco quando falei o nome dela, mil facas atravessando meus órgãos vitais. Respirei fundo e comecei de novo. – Lara

fez uma viagem com meus irmãos. Não sei quando voltam.

Mayumi franziu a testa, sem engolir minha mentira. No entanto, eu tinha habilidade em enganar os outros. Um talento bem útil às vezes.

– Mas ela está bem?

Atrás da japonesa, seus amigos se aproximaram para ouvir, todos preocupados. Lara deixara rastros de amor para trás. Suspirei. Não havia motivos para quebrar mais corações além do meu. Menti e deixei que eles a esquecessem com o tempo; ela seria uma linda lembrança.

– Ela está bem e está muito feliz. Ela está vivendo, Mayumi.

– Mas ela vai voltar? – a garota estava aflita. Senti pena. Mayumi Keiko perdera duas melhores amigas de uma vez só. Eu sabia que o funeral de Amy Turnage tinha sido há alguns dias. No entanto, o espanhol, firme ao seu lado, parecia a estar sustentando emocionalmente.

– Um dia, quem sabe – menti para nós dois e me coloquei a andar, deixando seus amigos para trás.

Já na sala da diretora, deparei-me com uma situação totalmente fora do comum. O Conselho, formado por dezenas de homens e mulheres elegantes, encurralavam a Morte em um círculo no meio da sala.

– Sr. Ivanovick – um senhor altivo do Conselho me abordou assim que entrei na sala lotada. – Precisamos do seu testemunho. É verdade que a mando da Morte o senhor matou uma menina protegida da maldição, por meio de um sacrifício legítimo?

Eu encarei a horrível figura da Morte, acuada no meio da sala. Pela primeira vez, vi medo em seus olhos.

– Sim, é verdade – ergui uma sobrancelha para ela, pura satisfação na

minha voz. Vingança.

– E é verdade também que essa mesma garota, Lara van Pelt Valente residiu nessa Escola por quase um ano, quebrando o contrato que claramente a situava como intocável pela maldição, de forma cristalina e expressa?

– Exato.

O homem se voltou para a Morte.

– A senhora violou nossa lei mais suprema, o respeito a todos os contratos. O mundo dos mortos não pode aceitar isso, pois coloca em perigo a imutabilidade dos nossos próprios contratos, e a estrutura que sustenta nosso mundo. A senhora mostrou que não é confiável, permitindo que um pai se sacrificasse em vão e um homem que tinha direito a vida, o Sr. Ivanovick, morresse no lugar de outrem. Ambas são faltas gravíssimas de quebras de contratos que regem e dão segurança ao nosso mundo. Sinto informar que, por ordem do Conselho, a senhora terá que ressarcir os danos causados a esses homens, bem como será movido um processo contra a senhora pelo dano irreversível a existência de Miss Turnage. Fica declarado aqui, então, a exigência do Conselho da revogação dos seus atos de má fé para com esses homens, sob pena de que todo o mundo dos mortos se volte contra senhora.

– Mas o quê...? – A Morte ergueu o queixo ossudo, seu manto preto ondulando. – Mas que ousadia! Eu não volto atrás em minhas decisões.

– E a senhora irá querer uma rebelião generalizada? – disse Edward.

– Que poderia se transformar facilmente em uma revolução. Quando o mundo dos mortos souber que você, Morte, anda quebrando contratos, que são as leis supremas desse mundo, haverá uma insurreição contra você.

Imagine um rebanho totalmente descontrolado, exigindo sua deposição... – eu ergui uma sobrancelha, vitorioso. – Todos sabemos que você não governa esse mundo de forma absoluta, que também está sujeita às regras.

Uma centelha de esperança queimava meu peito. Será possível...?

– Não há mais motivos para Luka Ivanovick e eu estarmos aqui – arrematou Edward. – A senhora matou minha filha e quebrou o contrato que tinha comigo. Luka deveria estar vivo, mas eu estou ciente de que a senhora iria o matar daqui há alguns dias para mantê-lo no mundo dos mortos, quebrando outro contrato. Onde isso irá parar? A senhora não pode passar por cima de leis que estão acima de si mesma. E imagine quando a população souber que anda tomando corpos por aí, como o da menina Turnage...

A Morte franziu os lábios pálidos como giz. Sabia que eu tinha razão. Era enormemente satisfatório vê-la ali, acuada, sem saída.

– Está bem. Devolverei a porcaria da vida desses dois, e esse assunto morre nesta sala.

Meu coração, inerte há tantos dias, vibrou em meu peito. A esperança me fez trocar um olhar com Edward, que a essa altura estava emocionado.

Iríamos voltar à vida.

Seus olhos castanhos e molhados de lágrimas me lembravam dos olhos dela. Olhos que, em breve, eu veria novamente.



Minha primeira ação foi ligar meu computador – há anos sem uso – e mandar um email a Lara. Não sabia se chegaria ao mundo dos vivos – se chegasse, demoraria dias. Mas Nikolai, um gênio do computador, havia me ensinado que, com um complexo processo, dados de computador poderiam ser enviados entre os mundos.

Muito, *muito* raramente. Mas eu tentei a sorte.

Contei a ela sobre seus amigos e os novos casais que haviam se formado, sobre o funeral de Amy Turnage, sobre a reinserção dos alunos da tragédia da última Caçada na Escola e, finalmente, sobre a decisão da Morte.

Se Lara estivesse sofrendo, como eu estava, ela precisava de um alívio. *Meu amor, estou voltando*, escrevi. Contei a ela que seu pai e eu estávamos indo juntos para o Rio de Janeiro o mais breve possível, como planejei com Edward alguns minutos atrás.

No entanto, enquanto ele providenciaria nossa mudança, primeiro eu deveria fazer algo crucial: visitar minha família. Eu tinha um pai, uma mãe e uma irmã que eu não via há dez anos. Portanto, a Rússia seria minha primeira parada; depois, o Rio de Janeiro.

No dia seguinte, Edward e eu atravessamos o caixão do Sr. Field e fomos embora do mundo dos mortos. Depois de minha morte, minha família foi embora da Inglaterra e voltou para nossa terra natal. Portanto, pegamos um avião para a Rússia e ele conheceu todos os Ivanovicks que deixei para trás. A visita foi rápida – eu só precisava saber se meus irmãos estavam felizes e reencontrar os meus pais. Eu devia isso a eles.

No aeroporto lotado de Moscou, ao longe, eu vi as figuras que inundaram de emoção meu coração. Lá estava ela, minha mãe, dez anos mais velha e mais bela do que nunca. Com a expressão aflita, agarrava-se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

ao meu pai. Os olhos dos dois voavam sobre as cabeças da multidão, vasculhando desesperados. *Volte para nós, filho.*

Ao lado de meus pais, minha outra irmã Anikka torcia os dedos de nervosismo. *Volte, Luka. Papai e mamãe precisam de você. Dez anos é tempo demais.*

Atrás deles, tranquilos e felizes, Alicia, Alexandra e Nikolai. Todos de mãos dadas.

E então minha mãe me viu. Arquejou e saiu correndo em minha direção. Eu corri de encontro à eles, deixando a mala para trás. De repente, me vi envolvido pelos braços fortes de Yuri e os os trêmulos de Mikaela.

– Meu filho. – Minha mãe caiu de joelhos. Nikolai correu para segurá-la.

– Você voltou para nós – os olhos negros do meu pai encontravam-se molhados por lágrimas, fitando-me emocionado. Foi a primeira vez que vi Yuri chorar.

E ele chorou. Por horas e horas infundáveis.

Expliquei a eles a situação – eu estava me mudando para o Rio de Janeiro com Edward em questão de dias e por tempo indeterminado. Em breve, traria Lara aqui para conhecê-los. E eles também prometeram me visitar na semana seguinte. Passar uma temporada no Rio com toda a família Ivanovick.

Eles conheceriam Lara. E eu conheceria a família de Lara: Ana e Helena.

Depois de voltar para minha casa, conversar com meus pais e Anikka, saber o que eu tinha perdido nesses dez anos, resolvi minha situação. Dias depois, lá estava eu, embarcando em um avião para o Brasil.

Edward decidiu não ligar. Lara levaria um choque emocional ao ouvir a voz do pai e namorado mortos ao telefone – isso deveria ser explicado pessoalmente.

Foi uma viagem longa e silenciosa no avião. Edward estava nervoso com a perspectiva de rever a esposa e a filha mais nova que não conheceu. Ele bebia água toda hora.

– Pelo amor de Deus, homem, não me deixe mais nervoso – perdi a paciência em determinado momento. Meu coração acelerado não estava sabendo lidar com isso.

Edward já havia providenciado nossa mudança para o apartamento vizinho ao de Lara. Ele pesquisou e descobriu que elas moravam no mesmo lugar que ele as havia deixado. Com um bom suborno, o vizinho nos vendeu o imóvel sem nenhuma burocracia.

A intenção de Edward era morar na mesma casa que Helena e retomar seu casamento, mas não sabia que tipo de situação iria encontrar quando chegássemos. Mas eu o garanti que, segundo Lara, Helena nunca se casara novamente e até hoje criava as filhas sozinha.

– Tudo bem, não fale mais nisso ou terei um infarto – Edward suava ao meu lado na poltrona do avião, na primeira classe. Ele já havia ensaiado mil vezes como contar para Helena o porquê tinha sumido. Ele não tinha permissão para contar sobre o mundo dos mortos, por isso eu o deixei sozinho com seu ataque de pânico, enquanto ele tentava inventar algo muito, *muito* plausível.

Não pude ajudar – só pude rir. A felicidade inundava meu coração. Eu estava em completo estado de êxtase.

Quando chegamos ao estupendo e ensolarado Rio, eu imediatamente

me senti em casa. O sol me recebia de braços abertos, convidando-me a viver uma nova vida ali, no paraíso que era o lar de minha Lara. O amor da minha vida.

Nós seríamos felizes ali, e faríamos daquela terra nosso lar. Ali, construiríamos nossa casa, nosso futuro casamento e filhos.

Quando chegamos à porta o edifício em que elas moravam, peguei-me tendo palpitações. Mal podia me conter para vê-la outra vez.

Quando os homens da firma encarregados de nossa mudança terminaram de colocar os móveis modernos que Edward havia comprado para a nossa casa, eu o perguntei:

– Pronto para se apresentar as nossas vizinhas?

Edward me encarava com tensão, parado no meio da sala, sem saber o que fazer.

– Será... – ele perdeu as palavras por um minuto, os olhos perdidos. – Será que elas ainda poderão me amar?

Mais de dez anos se passaram, afinal. Mas Edward, em sua sabedoria, já deveria saber a resposta.

– Edward, o amor não morre. Não é efêmero, como nós, seres humanos, e essa é a sua beleza. Sua família está pronta para voltar a te amar. A questão é: você está?

O pai de Lara me fitou com gratidão.

– Nunca estive tão pronto na vida.

E, então, lá fomos nós. Ele foi à frente. Tocou a campainha.

Uma estratégia havia sido planejada, e junto a Edward, eu montaria todo um teatro, sabendo que logo Lara entenderia. Eu fingiria ser o afilhado de
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Edward e Lara fingiria que não me conhecia. Assim seria melhor para Helena e Ana digerirem a história.

Um minuto depois, uma mulher de meia idade, ainda bela e com expressões muito familiares, atendeu a porta. Arregalou os olhos quando viu Edward, deixando uma tigela cair no chão e se quebrar em vários pedaços.

Helena.

– Olá, Helena, sou o seu novo vizinho – disse Edward. Isto é, quando ele conseguiu recuperar a voz.

Logo em seguida, uma menina pequena, óculos e nariz arrebitado se levantou do sofá para ver o que estava acontecendo. Encarou Edward sem reconhecê-lo, mas seu pai ofegou e sorriu. Era a primeira vez que via sua outra filha, Ana.

E, então, senti a presença que eu tanto ansiava. Eu ainda não tinha aparecido na porta, deixando Edward viver o seu momento. Mas eu já não podia mais esperar. Coloquei-me na linha de visão, atrás de Edward.

– Esse é o meu afilhado, Luka, que veio da Rússia para fazer intercâmbio e morar aqui comigo – Edward explicou, mas eu já não ouvia.

Meu peito se inflou, reconhecendo no mais íntimo de minha alma aquela imagem que eu tanto ansiei, que eu tanto sonhei.

Lá estava ela, minha Lara. Parada no meio da sala, totalmente incrédula. Seus olhos se arregalaram quando me viu. Logo depois ela abriu um enorme sorriso, lágrimas escorrendo dos olhos – olhos focados em mim, prendendo-me, reivindicando-me como seu.

E eu me prendi àqueles olhos, pois era a minha casa, o meu lar. Neles, eu vi o meu futuro, eu vi todo o sentido. Por causa deles, eu soube que
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estava vivo.

Sorri para a minha menina.

– Meu nome é Luka Ivanovick. Muito prazer.

**DESCUBRA COMO LUKA IVANOVICK SE APAIXONOU PELA
LARA, ATRAVÉS DOS OLHOS DELE. ADQUIRA JÁ O CONTO DE
LUKA IVANOVICK NO SITE DA AMAZON.BR.**